Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras
1317502067

VERDADEIRO METODO DE ESTUDAR,

PARA

Ser util á Republica, e á Igreja:

PROPORCIONADO

Ao eſtilo, e neceſsidade de Portugal

EXPOSTO

Em varias Cartas, eſcritas polo R. P. *** *Barbadinho da Congregaſam de Italia ao* R. P. *** *Doutor na Univerſidade de Coimbra.*

TOMO SEGUNDO

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Nº 15.955
Sala CF
Est. C
Tab. 4
N.º 27
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
591
Escola Normal Superior

VALENSA

NA OFICINA DE ANTONIO BALLE.

ANO MDCCXLVII.

COM TODAS AS LICENSAS NECESARIAS, &c.

N.
Arm
Est
Mun

METODO

INDEX.

Do que Contem as cartas do ſegundo Tomo.

CARTA IX.

MOſtra-ſe o mao metodo, de tratar a Metafizica neſte Reino: e danos que daqui rezultam. Explica-ſe, que coiza é Metafizica: e ſe-moſtra, que é inſeparavel da Logica, e Fizica: e que ſuperfluamente querem chamar-lhe, ciencia ſeparada. Que nam á tal Metafizica, como eles imaginam. Dá-ſe juizo, das obras do P. Feijoo. Pagina. 1.

CARTA X.

MOſtra-ſe, que coiza é Fizica. Que em Portugal nam intendem o que é, nem ſabem tratar a Fizica. Prejuizos dos Peripateticos, e danos que rezultam, da Fizica da Eſcola. Exceſo da Filozofia Moderna, e principalmente da Fizica, ſobre a antiga. Diverſidade entre os meſmos Modernos: e qual ſiſtema ſe-deve preferir. Neceſidade da Geometria, e Aritmetica, para intender a Fizica: a qual ſe-deve eſtudar, nas obras das Academias Reais &c. Prejuizos dos Portuguezes, de nam quererem enſinar muitas coizas, em Vulgar. Dá-ſe o modo, de ordenar um curſo de Fizica. Dá-ſe uma ideia de eſtudar com metodo, e brevidade, toda a Fizica. pag. 20.

CARTA XI.

MOſtra-ſe, que a Etica pertence legitimamente ao Filozofo: que é neceſaria ao Juriſta, e Teologo Moral: que é util, para todos os empregos da vida: que é neceſaria, aos que ám-de ocupar, alguns empregos. Apontam-ſe os defeitos, que ſe-acham nos Juriſtas, e Teologos, por-falta da Etica. Particular neceſidade que tem dela os Nobres, para poderem formar conceito do Vicio, e Virtude, fazerem as ſuas obrigaſoens. Prejuizos de muitos Nobres, neſta materia: e modo de os-emendar. Dá-ſe verdadeira ideia, do que é Etica, e ſuas partes. Aponta-ſe um modo breve de a-eſtudar, com facilidade, e utilidade. pag. 51.

CARTA XII.

TRata-ſe da Medicina, que é uma conſequencia da Fizica. Nam é impropria aos Religiozos. Requezitos da-Medicina. Que o Medico, alem de Fizico, deve ſer um grande Anatomico. Ignorancia da-Anatomia em Portugal, e principalmente na Univerſidade. Prejuizos que os Portuguezes tem, neſta materia: por cuja cauza nam podem ſaber Medicina. Odio que os Galenicos tem, aos Anatomicos: e porque razam Abuzo dos-remedios, por-falta de boa Fizica, e Mecanica. Que os remedios, pola maior parte, ſam impoſturas: principalmente os ſegredos mais louvados. Que o Galenico, nam pode ter boa pratica. Que a Cirurgia em Portugal, é totalmente ignorada. Aponta-ſe o metodo de eſtudar, a verdadeira Medicina, e Cirurgia. Aponta-ſe os melhores autores, em Anatomia, Chimica, Medicina, Cirurgia. pag. 71.

CARTA XIII.

ORigem da Juriſprudencia Romana. Mao metodo de tratála em Portugal; e peſimas conſequencias que dali rezultam. Deſmedida prezunſam que os Portuguezes tem de Juriſtas, e deſprezos das-outras Naſoens, ſem fundamento. Nam baſta o corpo do Direito, ao Juriſconſulto: requer-ſe Politica, e muitas outras coizas, para ſatisfazer aos empregos. Moſtra-ſe com razam, e exemplos, que eſtes eſtudos ſam compativeis, com as Leis. Dá-ſe uma ideia do Direito Civil, até os tempos prezentes. Neceſidade da Iſtoria, para o Direito. Tocam-ſe os defeitos intrinſeos, e extrinſecos da Juriſprudencia. Aponta-ſe o melhor modo, de ter uma pratica util, tanto para o Advogado, como para o Juiz. pag. 114.

CARTA XIV.

TRata-ſe da Teologia. *Metodo de a-tratar em Portugal, e danos que nacem dele. Frivolas razoens com que os Portuguezes querem defender, o ſeu metodo. Dá-ſe uma ideia, do que é a verdadeira Teologia: como naceo, e ſe-continuou. Aponta-ſe a origem da Eſcolaſtica, e ſua duraſam: e conceito que formáram dela, os doutores deſe tempo. A Teologia Poritiva, que renaceo com o Concilio de Trento, é ignota em Portugal. Moſtra-ſe a inſuſiſtencia das razoens em que ſe-fundam, para a-nam-admetirem. Aponta-ſe o modo com que a-tratam, os Teologos modernos. Neceſidade da Iſtoria, e das Linguas, para ſaber fundamentalmente Teologia. Aponta-ſe o metodo, que deve obſervar o eſtudante, que quer ſaber boa Teologia.* pag. 159.

CARTA XV.

TRata-ſe *do Direito Canonico. Mao metodo de o-eſtudar neſte Reino, e danos que dele rezultam. Dá-ſe uma ideia do Direito Canonico, e da ſua iſtoria. Neceſidade da Iſtoria Eclezíaſtica, para intender os Canones. Que deqni deve comeſar o eſtudo do Canoniſta, unido com a Civil, e Geografia Sagrada. Aponta-ſe o metodo, de eſtudar Canones. Neceſidade das Inſtituiſoens Canonicas, antes que ſe-eſtudem, materias particulares. Apontam-ſe algumas melhores. Aponta-ſe, o que ſe-deve eſtudar deſpois. Tocam-ſe os defeitos do Direito Canonico intrinſecos e extrinſecos. Como ſe-devem regular na pratica, os que eſtudam Canones.* pag. 186.

CARTA XVI.

APonta-ſe *o metodo de regular os eſtudos, em todas as eſcolas; comeſando da Gramatica, até à Teologia. Fazem-ſe algumas reflexoens particulares, ſobre o modo de exercitar utilmente os rapazes, na Gramatica: em que ſe-reprovam alguns eſtilos, introduzidos em Portugal. Modo util de exercitar os Medicos, e Cirurgioens. O meſmo ſobre as Leis, Canones, Teologia: onde ſe-aponta, como ſe-podem exercitar, os Confeſores. Dá-ſe uma ideia, do modo de inſtruir as Molheres, e nam só nos eſtudos, mas na economia, com utilidade da Republica.* pag. 205

CAR-

CARTA NONA.

SUMARIO.

Mostra-se o mao metodo, de tratar a Metafizica neste Reino: e danos que daqui rezultam. Explica-se, que coiza é Metafizica: e se-mostra, que é inseparavel da-Logica, e Fizica: e que superfluamente querem chamar-lhe, ciencia separada. Que nam á tal Metafizica, como eles imaginam. Dá-se juizo, das-obras do Padre Feijoo.

MEU amigo e senhor, Quando recebi a ultima de V. P. em data de 15. de Fevereiro, tinha ja comesado outra, para lhe-mandar, e era, sobre a Fizica. Esta sua carta me-obriga, a deixar uma, e meter em meio outra, para satisfazer a sua curiozidade, e responder tambem a um argumento, que me-forma. Mas primeiro devo agradecer-lhe, os comprimentos que me-faz, e elogios com que me-orna. Louva V. P. muito, a idea que lhe-dei de Logica: e se-persuade, que quem nam segue aquela estrada, aindaque fale muito de Logica, nam saberá, que coiza é Logica. Vistoque a Logica comua, serve alguma coiza, para arengar nas escolas: mas fóra dali, para nada serve. Desorteque se só os que tem estudado esta Logica, discorrem bem, fica quazi todo o genero umano condenado, a dizer parvoices: vistoque a milezima parte dele, nam entra nas escolas.

Eu recebo o comprimento que me-faz: e nam por-motivo de vaidade, mas porque conheso, que asim é: e vivo perSuadido, que nam dise senam a verdade: nem direi mais a V. P. coiza, que seja contra o que intendo. Alem diso sei, que o que afirmei a V. P. ja agradou a omens doutos, nam só deste Reino, mas de outras Nasoens, com quem conferi sobre esta materia, o que me-confirma de novo, que nam é dezacerto. Mas, falando com V. P. com a nosa solita confiansa, nam sei, se achará muitos da sua opiniam. Omens conheso eu, aos quais se V. P. diser, que a forma Silogistica, nam é a coiza mais necesaria no-mundo; se-escandalizarám mais, doque se ouvisem alguma erezia. Estes, que beberam o silogismo em idade tenra, nam querem ouvir falar de outra coi-

za : uns, por-malicia, porque nam ſabem falar em outra materia : outros, por ignorancia, porque nunca examináram a queſtam, e eſtes ſam os mais. Diſe com galantaria um ingenho Eſpanhol, que metade do-mundo, vive da-opiniam da-outra metade : e eu cuido, que ſe-pode proſeguir adiante, e dizer, que de dez mil omens, 9999. vivem da-opiniam do-decimomil. Ouvirá V. P. louvar um omem, por-muito douto, em uma Cidade, e talvez um Reino inteiro. Quantos acha V. P. que ſejam capazes, de votar na materia? e ainda deſtes, quantos acha, que tenham examinado, a doutrina do-outro? talvez nam achará 4. e contudo todos os mais nam ceſam de aclamar aquele omem, por-um grande doutor, ſomente polo ouvirem dizer. Admirava-ſe comigo certo Religiozo de vida contemplativa, ſobre a quantidade de omens, que nam ſeguem a religiam Catoli.a : e tudo era exclamar, como era poſivel, que a maior parte do-mundo, nam conheceſe os erros que abraſam ! Compadeci-me da-bondade do-dito Religiozo, e lhe-adverti, que a razam era, porque nam examinávam fundamentalmente as razoens, porque a-abraſavam : mas, cheios de prejuizos, ſeguiam o que lhe-enſináram. Quantos pois, lhe-dizia eu, acha V. P. entre os meſmos Catolicos, que ſaibam os verdadeiros motivos, porque abraſam a ſua religiam ? Nam digo eu entre os Catolicos, mas entre os meſmos Eclezíaſticos, e Profeſores, quantos ſam, os que ſabem com fundamento, por-que razam, ſomente a noſa religiam, ſe-deve ſeguir? E ſe tantos ſeguem a boa religiam, e que ſe-funda em razoens tam claras, e fortes, ſem a-examinarem, mas porque aſim foram criados ; que maravilha, que os que nunca ouviram outra coiza, ſigam o que lhe-enſinaram? As meſmas demonſtraſoens matemáticas, que ſam tam claras, ſe nam ſe-examinam, nam ſe-intendem. com maior razam das-otras coizas, que nam ſam evidentes. Eſta é a forſa da-preocupaſam. ela faz obrar os Omens, com a meſma forſa, que faria a razam. Onde nam é maravilha, que os omens, criados com o ſilogiſmo, deſde a ſua primeira idade, com tanta forſa o-defendam. neceſariamente deve ſer aſim. O que porem devemos fazer é, tomar as coizas como merecem. E aſim reconhecendo nos, que eſtes nam examinaram a materia ; nam fazer cazo da-ſua autoridade, em coiza alguma. Onde aquele, *Dizem-no todos*, nam deve fazer forſa a ninguem, para ſeguir, o que eles dizem. E' neceſſario primeiro ver, quem eles ſam : e ſe examináram o que dizem, ſem afeto às partes.

Iſto digo a V. P. paraque nam creia facilmente, que todos ám-de ſeguir a ſua opiniam : e paraque, perſuadido diſto, a-nam-promulgue, ſem algumas cautelas. Quando V. P. quizer ler ao P. ** algumas das-minhas cartas, ſerá neceſario primeiro, preparalo com ſeis ſangrias, e uma boa purga : e, ſe iſo nam baſtar, para o-livrar do-ſeu mao umor, com um vomitorio. O P. colegial *** concedo, que ſeja mais capaz, de receber doutrinas : mas é neceſario, ſuminiſtrar-lhas com advertencia. Em uma palavra, V. P. nam leia as minhas cartas, ſenam a quem as-intenda : porque perderá o tempo, e apaciencia, e talvez a fama. As coizas é neceſario ilas comunicando, pouco a pouco : principalmente

palmente a eſtas cabeſas duras, juizos de pedra e cal, que nam tera percesám, e às vezes nem menos uzo da razam. Tenho reſpondido, à primeira parte da-carta. paſo à ſegunda.

Nela me-diz V. P. que o P.** me-pede com inſtancia, que una a Metafizica Intencional com a Logica: e dela lhe-diga o meu parecer, antes da-Fizica. Ja vejo, que por-aqui andou, algum livrinho deſtes meios modernos, ou Toſca, ou Purcocio, ou coiza ſemelhante, que fazem eſta divizam. O que mais me-admira é, que me-péſa iſto, deſpois de ter ouvido, que coiza é Logica. de que bem claro ſe-moſtra, que cazo ſe-deve fazer, deſta Metafizica Intencional. Contudo para ſatisfazer o empenho deſe bom Religiozo, e, mais que tudo, o preceito de V. P. direi o que baſta, para intender melhor o que diſe, e para ſe-intender, que coiza é eſta Metafizica.

Os Filozofos Peripateticos nam fazem eſta divizam na Metafizica. Sam os Cartezianos, e Gazendiſtas, que, tendo obſervado, que nos-ultimos ſinco capitulos do-duodecimo livro da-Metafizica de Ariſtoteles, ſe-fala na ſuſtancia Eſpiritual, e nos-outros primeiros livros, ſe-fala de outras razoens; introduziram eſta divizam na Metafizica. Chamam Metafizica Intencional, às divizoens do-Ente, das-Cauzas, dos-Predicamentos &c. que o intendimento conſidera, como coizas ſeparadas da-Materia. Chamam Metafizica Real, àquelas coizas, que na realidade ſam ſeparadas da-Materia no Corpo, como Deus, Anjos, Alma &c. Eſtes ſegundos procedem mais metodicos, que os primeiros: mas dos primeiros é que tomáram, as ideas de Metafizica. Mas é certo, que uns e outros aplicam a eſte nome, ideias, que lhe-nam-convem. Eſte nome, *Metafizica*, é de nova invenſam: e nam da-mam de Ariſtoteles. Tiranio Gramatico, e Andronico, que foram os que em Roma no-tempo de Julio Cezar, puzeram em melhor forma, os livros de Ariſtoteles, que Silla Ditador tinha trazido de Atenas, como em outra carta diſemos; ou o meſmo Apellico Ateniez, como outros querem; tendo diſpoſto em varias claſes, as obras dele; uniram todos os mais livros, que julgáram, nam pertencer para a Logica, ou Fizica, ou outra faculdade; e lhe-deram eſte titulo: *Metafizica*. que vale o meſmo que, *livros poſtos depois da-Fizica*. Os que ſe-ſeguiram deſpois diſto, adotáram eſte nome, no-meſmo ſentido. Mas os Dialeticos deſde o ſeculo XI. com cega veneraſam da-Antiguidade, fizeram eſcrupulo, de mudar, ou examinar as coizas. De-ſorteque tomando eſte nome, como ſe foſe proprio; o-aplicáram a umas certas coizas ou eſpeculaſoens, que eles inventáram à ſua eleiſam: como abaixo direi. E daqui é que naceo, que, ſem examinarem, nem intenderem a razam, chamáram Metafizica, às ſuas particulares ideias.

Sendo pois que nós oje, nam temos neceſidade, de ſeguir a ordem de Tyranio, e Andronico; tambem nam temos neceſidade, de tratar ſeparadamente, eſta Metafizica Intencional, debaixo de um titulo particular, e com todo o aparato da-Metafizica das-eſcolas. Unicamente devemos examinar, ſe o que ſe trata com eſte nome, pertence a alguma ciencia particular, ou nam.

Isto suposto, devendo dizer o meu parecer a V. P. repito mui claramente que é loucura, separar estas metafizicas, das-outras partes da-Filozofia. Metafizica Intencional, é pura Logica: Metafizica Real, é pura Fizica: e tudo o mais sam puerilidades. Isto é tam claro, que até eses modernos, que partem em duas a Metafizica, poem a Intencional despois da-Logica: e a Real despois da-Fizica. Deviam porem, tirar-lhe o titulo de Metafizica, e unila com a Logica, e Fizica. Fizica é a cienia, que trata da-natureza das-coizas: cuja pertende alcansar, por-meio das suas propriedades. E como seja certo, que polas propriedades alcansam os Filozofos, tanto a ideia que tem, da-natureza do-Espirito, como do Corpo; nam fica lugar de duvidar, que o conhecimento dos Espiritos, seja verdadeira Fizica. Mas esta parte da-Fizica, que trata dos-Espiritos, a que chamam *Pneumatologia*, deve ser tratada, despois da-Fizica comua: visto que da noticia dos-Corpos, suas propriedades, e leis do-movimento &c. se-tiram belisimas provas, para mostrar a diversidade, entre o Corpo, e Espirito. e assim na Fizica falarei nela.

Quanto a Metafizica Intencional, persuade a mesma razam, que, se nela se-acha alguma coiza boa, deve ser tratada, junto com a Logica. Mas, para dezenganar melhor ese Padre, a quem fizeram grande forsa, os titulos de Metafizica, quo leo separados; farei alguma reflexam, sobre iso a que chamam Metafizica.

Os Metafizicos, que procedem com mais metodo, comesam a sua Metafizica, polos Universais: porque como ela trate do-Ente em comum, e outras razoens Genericas, explicam primeiro, que coiza é Universal, e como se-faz. Mas destes universais, cuido tenho dito o que basta, para saber o que valem. Toda a arenga eterna das-*Precizoens*, para nada mais serve, que para intender, que o intendimento tem faculdade, para considerar muitas ideias como se fosem uma, separando as particulares diferensas dos objetos, e onsiderando em que coiza convem v.g. Todos os omens discorrem, e sentem. Onde, em virtude desta semelhansa, o noso intendimento, que tem uma admiravel facilidade, para considerar o objeto em cem diferentes maneiras; forma a ideia de uma coiza, que sente, e discorre: e a isto chama, *natureza umana*.

Isto basta que se-intenda uma vez, observando a fecundidade que a alma tem em formar ideias: comparar umas com outras: e desta comparasam, tirar cem mil diferentes ideias compostas. Mas nam o-intendem assim os Peripateticos. antes tomando o dito tratado, como fim das-suas especulasoens, levantam mil questoens escuzadas, e perdem anos inteiros, com estas arengas; que sam reprovadas polos omens mais doutos, entre os mesmos Peripateticos, como em outra carta adverti. Eles fazem mil exames, sobre o objeto daquele ato. uns dizem, que a separasam, se-faz no-objeto: outros, que a separasam, consiste em diversos atos. Isto provem, de que nam se-explicam bem: pois na realidade, todos dizem a mesma coiza: e convem no-que bastava, para nam perderem o seu tempo. Concordam, que o meu conhecimento, nam divide real-

realmente, o *animal* do-*racional*. se pois o-nam-divide realmente, fica claro, que qualquer outra separasam, á-de ser feita, polo ato do-intendimento. Toda a bulha consiste, na explicasam desta palavra, *objeto*. Uns dizem, que o intendimento poem o *animal racional*, *no-estado intencional*; e que alî divide os graos como lhe-parece: e a isto chamam, *precizam objetiva*. Outros enfadam-se terrivelmente para mostrar, que o intendimento conhece *a parte rei*, ambos os graos; porque as especies que vem do-objeto, reprezentam igualmente ambos.

Parece-me, que, sem grande trabalho, se-conhece, que ambos sazem questam de nome: e que, para a-defenderem, se-servem de termos que nam significam nada. Aquilo, de pór o objeto no-estado intencional, se acazo nam quer dizer, que o intendimento, pode fazer uma ideia, que nam exprima, as diferensas dos-objetos; certamente sam vozes sem significado. Os outros, cuido que ainda discorrem pior, quando dizem, que as especies do-objeto, reprezentam o animal, e racional: e manifestamente se-fundam todos, em um falso suposto. No-Omem, o *animal* e *racional*, é a mesma coiza: e nada mais é, que a nosa alma. porque o corpo nem discorre, nem sente: mas é a alma, que, segundo os movimentos do-corpo, sente. Mostra-se isso claramente, no-omem que tem os nervos atados, ou uma perna violentisima comprimida, ou inferma; o qual nada sente, aindaque lha-ofendam: porque está impedida a comunicasam com o cerebro; aonde, quando a impresam chega, é que a alma sente. Isto é claro: e nenhum omem de juizo, duvida destas experiencias. Mas aindaque admitamos, que o corpo sente, sempre é certo, que o corpo nam intende, mas sómente a alma: a qual nam manda especies aos olhos. E aqui temos já, que toda aquela questam se-funda, sobre uma manifestisima falsidade: e que estes pobres omens, estam disputando, de *lana caprina*. Se examinarmos todas as outras, achará V. P. que se-fundam neste suposto, ou em outro semelhante. E aqui temos, que toda aquela palhada, se-reduz a nada: e basta saber, o que asima disemos.

Quanto aos Universais *in specie*, fundam-se tambem, em outros supostos ou falsos, ou duvidozos. Nós vemos, que os brutos conhecem, e fazem operasoens, que nam se-podem explicar, sem algum genero de discurso. no-que convem, alem de muitos SS. PP. Theologos, e Filozofos de grande nome: e oje é coiza recebida, entre os melhores modernos. Onde o asinar o *racional*, por-diferensa do-Omem, se nam é manifestamente falso, ao menos, é muito duvidozo. Da-outra parte: nam sabemos, se os Anjos sentem. porque se as nosas almas separadas, sentem as penas; porque nam direi, que os Anjos (ponho de parte a bemaventuransa) podem sentir? Ao menos sei, que a minha alma, que é espirito, ainda estando no-corpo sente: onde nam acho diversa razam, para os Anjos. Onde nem menos sabemos, se o *animal*, como eles o-intendem, é Genero. Deixo outras mil observasoens que mostram, quanto podemos duvidar, sobre aquelas materias. Ora é certo, que a divizam em 5 especies

pecies, funda-se sobre estes principios: e consequentemente nam merece, que se-lhe-de tanto tempo, e cuidado; por-serem coizas totalmente falsas, ou desnecesarias. Digo pois que de Universais, basta notar, o que dise na Logica: aonde, em lugar destas, se-podem fazer outras reflexoens utilisimas.

Quanto às divizoens do Ente, e Sustancia &c, basta olhar, para uma arvore filozofica v.g. a de Purcocio, ou outra mais ampla e explicada, como vi algumas: e ali observar, como dividem o Ente: que nomes lhe-dam &c. E isto, mais por-nam parecer novisо, na Teologia Escolastica, ou livros dos-Peripateticos; doque por-ser necesario, tudo o mais deve-se totalmente fugir. E ainda na dita arvore ja emendada, nam á pouco que duvidar: porque nela nam achamos colocado o *Vacuo*: que é um ente mui real, e nada dependente da-imaginasam. Mas, deixando isо, para o noso cazo, é o que basta: e tudo o mais é superfluo. Se V. P. aperta com proguntas eses, que tratam muito diso, achará qve limpamente lhe-confesam, que para nada servem. Mas, semque eles odigam, mui bem se-conhece, e assim nam se-deve fazer cazo, do-que o-nam-merece. Deste principio fica claro, que conceito se-deve fazer, de tudo o que se-diz, do-Ente em comum. Aquele *conceito formal do-Ente*, que tanto dá que intender a muita gente; sam puros Universais, e ja ficam criticados asima. Onde mui superfluamente quebram a sua cabesa com ele, os que já na Logica tem escrito, 20 cadernos de Universais.

Pasemos às divizoens do-Ente, e primeiro à divizam, em Real, e da-Razam. O que dizem das-trez propriedades, *Unitas*, *Veritas*, *Bonitas*, é tal, que me-envergonho repetilo. Explicam a *Unidade*, com estas palavras: *Id quod est indivisum in se, & divisum a quolibet alio ultima divisione*: Mas apostarei eu, que quem ouve esta explicasam, intende menos o que é *ser um*, doque se lho-nam-disesem. Qualquer pesoa ainda rustica sabe, que *o ser um*, *é nam ser dois*: porque esta ideia desi é clarisima. Pois isto mesmo é o que dizem os Logicos, por-palavras mais oscuras. Esprimida toda aquela definisam, nam diz mais que isto. sendo certo, que o estar unido a outro, com o qual fasa um todo, é nam estar dividido dele, e é, nam ser dois. E eisaqui que a dita definisam, nam nos ensina mais, que o que sabe, um Galego de mezes. e toda a disputa da-individuasam, vai polos ares; porque o que tem de bom, o-sabemos sem isо. Mas o-pior é, que eses mesmos, que querem profundar o pensamento, despois de dizerem muito, nam nos-chegam a explicar distintamente, por-qual razam, Eu nam sou Pedro. Eu, e Pedro temos as mesmas propriedades, e faculdades. tomára pois que estes, que quebram a sua cabesa, com as disputas da-individuasam, e se-persuadem, que chegáram ao ultimo conhecimento das-coizas; tomára, digo, me-explicasem, por-qual razam Paulo, nam é Pedro. Dirám, que é coiza evidente, que Eu nam sou Pedro. concedo: mas se isо é tam claro, que todos o-conhecem, paraque é necesario persuadilo? Alem diso, porque quebram a sua cabesa, com a disputa do-Individuo: a qual nam só nam dá noticia alguma nova, mas nem menos nos-explica a razam, diso mesmo que ja sabemos?

O que

O que dizem da-*Verdade*, é ainda mais bonito. Conſiſte a Verdade, ſegundo eles dizem, em que eu tenha, todos os predicados que devo ter. Nam ſei, ſe ſe-pode ler iſto ſem rizo. porque, a falar a verdade, ter eu menos predicados fizicos, doque devo ter, é uma coiza bem dificultoza de ſe-intender. Se Pedro nam tiveſe, todos os predicados que deve ter, nam ſeria Pedro. o meſmo digo das-outras criaturas. O que ſupoſto, toda a doutrina que tiramos da-Verdade, e ſuas conſequencias, é eſta: Saber, que Pedro é Pedro: Cavalo é Cavalo: e Pedro nam é Cavalo. Cuido porem, que, ſem grande doutrina, intendem iſto todos: onde as diſputas que ſobre iſto ſe-formam, de nada ſervem neſte mundo.

A *Bondade*, é quazi o meſmo que a Verdade. Dividem-na, em bondade de perfeiſam *eſencial*, *integral*, e *acidental*: que vale o meſmo que dizer, que uma coiza, tenha todos os predicados que lhe-competem, em cadaum daqueles generos: e nada tenha de ſuperfluo. Poem mais outra bondade, a que chamam de *amabilidade*: e conſiſte, em que cada ente poſa terminar, um ato de amor. Daqui paſam a determinar, qual daquelas bondades, é propria do-Ente. e tratam iſto com toda a extenſam, que pede uma materia de conſideraſam. Entra tambem alguma coiza da-*Malicia* do-Ente: e com iſto ſe-entretem. Ora eu cuido, que iſto é tam manifeſtamente ridiculo, que perdera o meu tempo, em moſtralo. E cuido tambem, que ſe o ſeu P.** refletir niſto, eſcuzará de me-pedir, que lhe-dè a explicaſam: e conhecerá, com quanta razam deixo de falar, em ſemelhantes puerilidades.

Ao Ente Real, ſegue-ſe o *da-Razam*: ſobre que neſtes paîzes, coſtumam eſcrever, infinitos cadernos. e Peripatetico (1) ſei eu, que, avendo de comeſar o tratado do-Ente da-razam, ſe-dá os parabens aſimeſmo, com eſtas palavras: *Nullibi tenuius filum net mens humana, nuſquam ſubtilius ſpeculatur, quam dum hoc ens fabricat----Cum ergo nullius in toto curſu philoſophico maior vel fama ſit, vel exſpectatio; ſuis illud hic coloribus adumbrabimus: ortum ejus, cauſas, lineamenta, indolem deſcribemus.* e continua o tratado, com toda a aplicaſam, que promete no-prologo. Creio, que para compreender bem, a neceſidade da-materia, baſta que eu lhe-ponha diante dos-olhos, o que contem. e, por-nam-ſair do-tal autor;

Deſpois de longos prenotandos, progunta: Se ſe-dá Ente da-razam. Moſtra, que ſe-dam objetos impoſiveis, diſtintos realmente de todos os poſiveis: cuja rezoluſam dece, da-preocupaſam em que eſtá, que os poſiveis tem um ſer, diſtinto da-omnipotencia de Deus. Paſa aos particulares entes: progunta, Se a denominaſam extrinſeca é ente da-razam. ſe a chimera é negaſam. ſe a cabeſa de Eleſante, corpo de Leam, pés de Cavalo unidos, ſejam ente da-razam. ſe a uniam de identidade entre Cavalo e Leam, o-ſeja. ſe as relaſoens, negaſoens, privaſoens, imaginadas onde nam devem eſtar; ou o corpo imaginado eſpirito, o-ſeja. Paſa à produſam, e examina: Se o ente da-razam ſeja um todo,

(1) *Comptonus in Philoſophiâ.*

do, compoſto de conhecimento, e objeto fingido; ou ſomente o objeto. ſe o intendimento é cauza do-ente da-razam. ſe é cauza, eficiente verdadeira, ou metaforica: e reſponde a uma enfiada de argumentos. Para abreviar-mos, progunta, Se o ſentido, ſe o apetite, ſe a vontade, a imaginativa, ſe a apreenſam, ou juizo, ſe nenhum ato verdadeiro ſe todo o ato falſo, ſe Deus, ſe os Anjos, poſa cada um deſtes, fazer ente da-razam. Examina tambem, onde eſteja o ente da-razam: ſe ſe-poſa mover: ſe é branco, ou negro: ſe ſam ſemelhantes uns a outros: ſe ſe-divida bem, em negaſam, privaſam, e relaſam: ſe as ſegundas intenſoens ſejam entes da-razam: e outras coizas deſtas.

Parece-me que o amigo ** ouvindo ſomente eſta ladainha, ſe-envergonhará, de me-ter falado, em ſemelhante materia. Um meſtre que ſe-canſa, em diſputar tudo aquilo, e o-inculca, como coiza utiliſima, merece eſtar fechado em uma caza, retirado da-ſociedade umana, e fazendo toda a ſua vida, entes da-razam. Nam me-parece, que ſeja neceſario perſuadir, que tudo aquilo, é uma ridicularia. um omem dezapaixonado, que ouve ſomente propor as queſtoens, conhece mui bem, quantos prejuizos tem na cabeſa, quem as defende. Quantas coizas falſas ſupoem, que nam ſam aſim! Quantas ſe-chamam com diverſos nomes, que ſam a meſma coiza! Nam tenho tempo, para impugnar eſtas ridicularias: nem tambem é neceſario. Baſtarmeá proguntar ao ſeu ** ſe julga, que tudo aquilo, ou alguma daquelas coizas, é util, para regular o intendimento: ou ſe é conducente, para intender alguma parte das-ciencias? Se nam é louco, reſponderá, que para nada ſerve. E, quando nam ouveſe outra razam, eſta só baſtava, para deſterrar eſtas arengas, nam só da-Metafizica, mas do-mundo.

A outra celebre divizam do-Ente, é em Pozitivo, e Negativo. Aqui ſe-examina miudamente, o ente Negativo, e Privativo, que é primoirmam com o da-razam. Proguntam, ſe a negaſam ſeja uma entidade, que tenha por-objeto, deſviar a forma: e outras coizas ſemelhantes. Perdèra o tempo, e a paciencia, ſe falaſe em mais coizas deſtas. e aſim digo brevemente, que tudo aquilo é indigno, de um omem de juizo: e que nam ſei que conciencia tem, os que obrigam os dicipulos, a eſtudar iſto. Toda a noticia util, que ſe-tira dali, ſe-reduz, a intender trez nomes. *Ente da razam*, é tudo o que exiſte no-intendimento: e no-noſo cazo, é um impoſivel conhecido. *Negaſam*, é quando uma coiza, nam exiſte no-mundo. *Privaſam*, é quando a tal coiza, falta em um ſugeito, que a-pode ter. v.g. a falta de viſta em um omem. Iſto baſta que o meſtre vocalmente o-explique, aos dicipulos: o mais é ſuperfluo.

Segue-ſe a celebre divizam do-Ente, em Divino, e Criado. O examinar, ſe a razam de Ente é univoca, para Deus, e Criaturas: ſe tranſcende as diferenſas: é coiza na verdade indigna, de omens que comem pam. Se o que proguntam é, Se tanto Deus, como as Criaturas, exiſtam: cuido que a iſto pode reſponder qualquer crianſa, que ſaiba falar, e intenda os termos: e no-meſmo tempo vale o meſmo que proguntar, ſe o que exiſte, exiſte. Se pois querem compa-

comparar a exiſtencia de Deus, com a das Criaturas, ſam loucos. Se dizem mais alguma coiza, nada nos-emporta, nem ſerve para as Ciencias em coiza alguma. A outra queſtam, *Se o Ente tranſcende as diferenſas*, tambem me-parece Tartara. Confeſo a V.P. que quanto mais a-leio, menos a-intendo. e quando ouſo dizer, que *Ens tranſcendit differentias*; ouſo certas palavras, a que nam deſcubro ſignificado: nem atequi ouve quem mas-explicaſe, em modo que o-intendeſe-mos.

Mas conſidere V. P. comigo, o que dizem da-*poſibilidade*, e *atualidade*. Proguntam, ſe a poſibilidade ſe-diſtingue atualmente da-Omnipotencia divina: e ſe eſta coiza que ſe-diſtingue, é pozitiva, ou negativa, ou potencial. No-primeiro, afirmam: e no-ſegundo, negam. e daqui ſaiem varias outras queſtoens v.g. Se os poſiveis dependem atualmente de Deus: ſe ſam mais neceſarios que a Omnipotencia &c. Eſprema V. P. toda aquela diſputa, e verá, que ſe-reduz, a um circulo viciozo, ou a nada: e que é diſcorrer de uma coiza, que nam ſabemos, nem nos-emporta ſaber. Primeiro, explicam a *poſibilidade*, por-uma nam repugnancia dos extremos. Proguntados eles, que coiza é nam repugnancia, dizem, Que ſe acazo ſe-puzeſem *a parte rei*, nam ſe-dariam contraditorios. Se reproguntamos, porque nam ſe-dariam contraditorios: que ám-de dizer? ſenam, porque Deus os pode produzir? Mas eles nam ſe-acomodam com iſto, e dizem: Que em tanto Deus os pode produzir, em quanto nam tem repugnancia alguma. Mas ſe tornamos a proguntar, porque nam tem repugnancia? ou ám-de recorrer, a um circulo viciozo; ou dizer, que é, porque Deus os-pode produzir. Aſimque toda a doutrina que dali ſe-tira, é eſta: Que aquela coiza é poſivel, que Deus pode produzir. coiza que percebem, os que ſabem, o puro ſignificado das-palavras. Tambem é coiza galante, o que dizem, *do-ſer potencial*, que tem os poſiveis. Proguntados eles, que coiza ſeja eſte ſer potencial; reſpondem, Conſiſtir em que pondo-ſe *a parte rei*, nam rezulte implicancia alguma: e tornamos a caîr, na primeira queſtam. Fazem aqui outra nova embrulhada com dizerem, que as Eſencias ſam *ab æterno*: ſam ingeneraveis, e incorrutiveis. Iſto eſpremido à-mam, nam quer dizer mais doque, que nam podemos intender, que um Ente ſeja o que é, e juntamente ſeja outro Ente. Onde ſe Deus *ab æterno* tiveſe, as ideas dos-Entes, que agora exiſtem; neceſariamente ſeriam as meſmas que agora ſam. pois de outra ſorte, nam ſeriam ideias dos-meſmos Entes, ſe pudeſem mudar-ſe, ſem que ſe-mudaſem as eſpecies dos-Entes. E iſto aſim explicado, é coiza que intendem muî bem todos.

Proguntam tambem, *Per quid res tranſeat formaliter ab ſtatu poſibilitatis, ad ſtatum actualis exiſtentiæ.* Mas ſe eles confeſam, que nam á tal res *quæ tranſeat*: viſtoque antes de ſe-produzir, nam tinha ſer, e ſomente era verdade dizer, que a tal entidade, que agora ſe-produz, era poſivel: fic a claro, que nam á tranzito algum, mais que no-modo de ſe-explicar. Daqui ſegue-ſe, que tudo o que eles dizem, da-Eſencia, e Exiſtencia poſivel, e atual; ſam palavras ſem

 ſigni-

ſignificado. Nace todo eſte defeito, deque os tais chamados Filozofos, ſervem-ſe de palavras em um ſentido metaforico, no-qual ſe-podem receber: e deſpois, tomando-as em ſentido proprio, deduzem delas queſtoens contrarias, às que tinham eſtabelecido: como nos-exemplos apontados ſe-conhece. E aſim com eſtes exemplos nada mais concluem, que oſcurecer aquilo, que deſi era claro: e perder niſto o tempo. Neſta materia baſta ſaber, que aquilo é poſivel, que Deus pode produzir. Daqui paradiante, tudo o que ſe-afirma, ſam parvoices: porque nem ſabemos, nem temos ideia alguma do-*Poſivel*. Poderemos arengar muito, e dizer mil metafizicas: mas nam diremos coiza alguma boa. e tudo o que eles dizem, ſe-reduz, a ſeparar a ideia de Exiſtencia, da-ideia de Eſencia: e conſiderar cada objeto delas, como ſe-foſem coizas ſeparadas.

A quarta divizam do-Ente, é em Eſpitito, e Corpo. Aqui, deſpois da-coſtumada queſtam, de ſer univoca &c. (coizas eſcuzadas: pois com a ſimplez noticia da-arvore, como diſe, aprende-ſe mais, que com todas aquelas explicaſoens.) entram a examinar, qual é a natureza do-Corpo. e qual a do-Eſpirito. Creio nam me-negará V. P. que iſto é mera Fizica: e que ambas ſe-tratam, quando ſe-examina, que coiza é *corpo*, e *eſpirito*. Mas o que acho mais galante, é o modo com que a-tratam. Do-Corpo, dizem aqui alguma coiza: e mais para baixo dizem o reſtante, no-Predicamento da-Quantidade. Do-Eſpirito porem, comumente nam explicam o que devem: porque nam achará V. *P*. que próvem, que á um Ente totalmente diferente do-Corpo, a que chamamos *Eſpirito*. porem ſupoem iſo meſmo, que devem provar: e todo o tempo paſam em proguntar: Se pode aver ſuſtancia eſpiritual que intenda, mas nam poſa querer: Suſtancia que poſa querer, e nam poſa intender. as quais rezolvem *affirmative*, alem de outras muitas queſtoens curiozas.

Certamente acho muita graſa, neſte modo de diſputar: e perſuado-me, que quando V. P. o-conſiderar, nam poderá menos, que rir-ſe. Sendo a queſtam do-Eſpirito tam controverſa, entre as melhores penas da-republica Literaria; e ſendo um dos-principais fundamentos, para provar a exiſtencia de Deus: é coiza digna de admiraſam, que eſtes tais Metafizicos a-ſuponham certa; e vam ſutilizando ſobre coizas, que nam nos-importam! Que diria um deſtes a Tito Lucrecio Caro, que pertende, qua a Materia é a que intende; ou a qualquer outro Epicureo? que diria a Eſpinoza, que pertende, que a *inteligencia*, e *extenſam*, ſam modificaſoens da-Materia? Nam ignora V. P. que dano tem feito, os principios deſtes dois omens no-mundo: e que trabalho é neceſario, para reduzir os ſeus ſequazes, e confutalos. Mas iſto nam intendem os Metafizicos Peripateticos: antes, ſupondo o que devem provar, brevemente dizem, qual é a natureza do-Eſpirito. Porem eu ainda acho mais graſa, nas Poſibilidades. Nós neſte mundo nam ſabemos, que coiza, é Eſpirito: e eles ja determinam *pro tribunali*, quantas ſortes á de Eſpirito! Ja achei um deſtes que provava, que ſe-podia dar, *ſpiritus volens*, & *non intelligens*, com certas palavras de S. Franciſco de Sales, e dois ou trez outros miſti-

cos

cos: os quais falavam em tam diferente ſentido, como o dia da noite: ou, aindaque falaſem neſte ſentido, nam eram provas baſtantes, para eſte paradoxo. Verdadeiramente nam ſei, ſe os que afirmam a poſibilidade deſta ſuſtancia, intendem bem o que dizem. eu ſuponho que nam. polo menos eu nam os-intendo: e acho muitos de-minha opiniam. Mas, concluindo ao noſo cazo, digo, que as poſibilidades, devem-ſe ſeparar: e as outras coizas, devem-ſe tratar nos-ſeus proprios lugares na Fizica.

A ultima divizam, é em Suſtaneia, e Acidente: a qual ſerve de degrao, para tratar dos-Predicamentos. Mas, como nos-Predicamentos, tratam diſuzamente da-Suſtancia; aqui tratam dos-arredores. E aſim divertem-ſe em diſputar, Se a *perfeidade* atual, é da-eſencia da-Suſtancia. ſe o Acidente tenha duas *inaleidades*. ſe pode o Acidente produzir a ſua *inerencia* diſtinta. ſe pode eſtar como a Suſtancia; e ſe aſim eſtará violento. ſe a asám criativa do-Acidente ſeja ſobrenatural: e mil coizas deſtas, que nam tenho paciencia para repetir. Quando eu diga a V. P. que todas eſtas queſtoens, ſe-fundam no-prejuizo, de que os Acidentes ſam aquelas coizas, que eles imaginam; tenho reſpondido o que baſta para moſtrar, que é loucura, quebrar a cabeſa com iſto, antes de examinar, ſe verdadeiramente os Acidentes ſam, como eles os-pintam. Eſte exame nam ſe-pode fazer, ſenam quando na Fizica ſe-examina miudamente, que coiza é iſto, a que ſe-chama Acidente. Onde polo menos é certo, que aqui, nam ſe-deve diſputar tal coiza: porque ſe-funda em imaginaſoens, que dezapareſem, quando ſe-examinam a luz da-boa Fizica.

Mas ſe neſte meio tempo, queremos examinar de paſagem, que coiza é Acidente; veremos, que as tais queſtoens, com muita razam ſe-devem deſterrar. ponho exemplo. Acor de uma pedra ruſtica, é um Acidente: ſobre o qual o Peripatetico faz mil queſtoens fantaſticas. Mas diga ele quanto quizer, dos-Acidentes, e das-aſoens Criativas, e Edutivas; é certo que nunca advinhára, que aquela cor ſe-muda, ſem nova produſam, ſomente com alizar a pedra; ſe eu nam lho-moſtraſe, com a experiencia. Ora é certo, que eſta experiencia conſtante, deita abaixo, tudo quanto ele diz do-Acidente. porque eſta unica experiencia moſtra, que o acidente da-*Cor*, conſiſte na diverſa diſpoziſam, da-ſuperficie de um corpo, que reflete a luz: que é o meſmo que dizer, que nam é uma entidade diſtinta da-Suſtancia. E daqui tambem ſe-ſegue, que, ſe pudeſemos fazer, que a luz refletiſe para os meus olhos, da meſma ſorte a que atualmente reflete da-pedra; darſeia cor *in actu ſecundo*, (perdoe-me eſta palavra) aindaque nam ouveſe pedra. porque os meus olhos, receberiam, a meſma impreſam; e, por-conſequencia, a alma formaria a ideia clariſima do-meſmo objeto: no-que conſiſte a vizam. Outro exemplo ſeja a *Diafaneidade*. V. P. ve um vidro claro e diafano. Se ouvimos os Peripateticos, achará, que batizam a tal diafaneidade ou tranſparencia, por uma entidade, diſtinta da-Suſtancia: e cuidam, que aſim é. Mas eu com outra experiencia deſtruo tudo. Roſe V. P. com um pouco de eſmeril, ou areia mui fina, uma das-ſuper-

ficies do-tal vidro; e achará, que ſe-acabou a tranſparencia: pois, quando muito, ſomente dá tranzito à luz. Proſiga paradiante, e una dez ou doze deſtes vidros, ou lentes groſas; e achará, que ficam tam opacos como uma pedra. O meſmo digo da-ponta de Boi, que reduzida em laminas ſutis, é alguma coiza tranſparenre, e dá lugar à luz. o meſmo do-Pinho, do-Papel &c. do meſmo oiro, e prata reduzidos a folhas delgadiſimas, e obſervados com o microſcopio. De que fica claro, que ſe a tranſparencia ſe-muda, ſem nova produſam, e ſe-pode aquiſtar outra vez, com alizar o vidro &c. nam é aquele acidente, que eles imaginam: mas uma reta diſpoziſam de partes, que dam paſagem à luz. De tudo iſto ſe-ſegue, que eſtas queſtoens, fundam-ſe em prejuizos mui ridiculos: e afim de nenhum modo, nem aqui, nem lá ſe-devem admitir.

Vamos aos Predicamentos. Antes deles, fazem os Peripateticos uma grande bulha, ſobre os *Univocos*, *Analogos*, e *Equivocos*. Queſtoens desneceſarias: pois a ſimplez explicaſam deſtes nomes baſta: e eſta, deve-ſe procurar na Logica. O meſmo digo dos-Poſtpredicamentos: que tudo ſam caram. bolas.

Dos-Predicamentos é neceſario advertir, que muitos Peripateticos, na Logica, explicam eſta divizam: para darem uma ideia do-modo, com que os entes que á no-mundo, podem ſer Univerſais, e Particulares; para ſervirem de predicados, e ſugeitos nas propoziſoens. e aqui tratam da-natureza, de cada uma da-quelas eſpecies de Entes. Mas o que ſe-explica na Logica, nam dá doutrina alguma util, ou neceſaria: como entam diſemos. o que ſe-explica na Metafizica, é ainda pior. Se eles diſpuzeſem as ideias gerais do-Ente em boa ordem, reduzindo a cada claſe, os que lhe pertencem, para evitar a confuzam no-intender o Ente; e explicaſem os nomes gerais, que ſe-podem atribuir, a todas as naturezas comuas; poderſeiam ſofrer. mas iſo é o que eles nam fazem. Eles pecam por-dois principios: 1. porque explicam a natureza fizica dos-Entes; devendo ſomente tratar das-ideias univerſais. 2. porque neſas meſmas ideias gerais, que confundem com as fizicas, tratam coizas indignas. v.g. longas diſputas ſobre a definiſam do-Predicamento: ou ſe Chriſto, chamado por-algum deſtes nomes, *Jezus*, *Manoel*, *Chriſto*, pode entrar em Predicamento. Finalmente diſputam eternamente, ſobre as regras predicamentais, que ſam menos inteligiveis, que a Eternidade. O melhor do-cazo eſtá, em que avendo Peripateticos mais advertidos, que chegáram a conhecer eſta inutilidade; e que reconhecem, que os Predicamentos podem-ſe diſpor, de outra melhor maneira; contudo, os colegas nam faſam cazo diſo; e proſigam com as ſuas eſcaramuſas. Sendo pois, que os meſmos Peripateticos lhe-chamam inutîs, nam tenho neceſidade de o-provar.

Segue-ſe o primeiro Predicamento, que é a Suſtancia: ſobre que ja diſemos alguma coiza. Aquî proguntam coizas indignas de ſe repitirem: e todas fundadas no-prejuizo, que a Suſtancia ſeja, o que eles imaginam. Mas como

clara-

claramente ſe-moſtra, que a dita imaginaſam nam tem fundamento; fica tambem claro, que a dita diſputa vai polos ares. Rirá V. P. ſe eu lhe-diſer, que eſtes, que falam tanto da-Suſtancia, o menos que ſabem é, que coiza ſeja Suſtancia: e contudo, nam á coiza mais verdadeira que eſta. Os Omens nada ſabem da-Suſtancia, como ja em outra diſe. Vendo que os acidentes, ſe-alteram no-meſmo ſugeito; e nam podendo intender, que coizas tam mudaveis, nam aſentem ſobre algum fundamento; imaginam uma certa baze dos-Acidentes, a que dam o nome de Suſtancia. Tudo o mais, que diſerem paradiante, ſam mentiras: porque, examinados eles bem, nam tem outra razam que dar. Quanto às ideias, que nós temos das-Suſtancias particulares, ſam compoſtas das-ideias dos-Acidentes de cada uma: paradiante, tudo é oſcuro. De que ſeſeguem duas coizas: a 1. que loucamente ſe-perde o tempo, em diſputar uma coiza, que nam ſabemos o que é. 2. que, devendo-ſe diſputar, deve fazer-ſe na Fizica: deſpois de examinar eſtes Acidentes, polos quais nós diſtínguimos as Suſtancias.

A eſte tratado unem o da-Suſiſtencia: que é muito mais oſcuro. Iſto impropriamente ſe-introduz na Filozofia: porque, como logo ſe-entra na *revelaſam*, o ſeu proprio lugar é, no-tratado de *Incarnatione*, ou *Trinitate*. Mas, por-nam deixar eſcrupulo ao noſo P. ſobre iſto, digo-lhe, que eſta diſputa em uma e outra parte, ſe-reduz a poucas palavras. O que nós ſabemos da-Suſiſtencia é, que nos-revelou Deus, que a natureza umana de Criſto unida à peſoa do verbo nam he peſſoa umana, mas Divina: e que as aſoens ſe-atribuem ao Verbo. Alem diſo revelou-nos, que cadauma das-peſoas Divinas nam era parte, nem acidente de-outra: aindaque todas tiveſem a meſma natureza, mas que as aſoens de cadauma, ſe-atribuiam ſomente a ela. Iſto é, o que nós cremos, e o que ſabemos. mas como iſto ſe-faſa, totalmente o-ignoramos, e é miſterio. O que daqui inferimos é, que quando a natureza criada, ſe-une a uma Peſoa divina, perde o alto dominio, que tinha nas ſuas aſoens, que ſe-ficam atribuindo à divina. Daqui paradiante, nam ſabemos nada: e tudo o que diſerem, os que falam tanto da-Suſiſtencia, ſam loucuras. Onde nem menos ſabemos, ſe uma natureza criada completa, únida a outra criada completa mais perfeita, perca a propria ſuſiſtencia. O que ſabemos é, que um todo unido a outro todo, ſem perder a ſuſiſtencia. v.g. Uma gota de agua ſeparada da-outra, é um *ſupoſto*: unida a outra, perde a propria ſuſiſtencia, e rezulta um *ſupoſto* só. A alma, e corpo ſe parados, ſam dois ſupoſtos: unidos, perdem as ſuſiſtencias particulares, ſem perderem a propria natureza, e rezulta um terceiro ſupoſto. podem porem aquiſtar a propria ſuſiſtencia, ſeparando um do-outro. De que ſe-colhe, que eſta Suſiſtencia, é uma denominaſam externa, que ſignifica aquele particular reſpeito, ou relaſam, com que conſideramos o Ente: mas nam ſignifica alguma coiza, que ſe-ſepare, ou una ao Ente. Iſto porem dizia-ſe em duas palavras: baſtando advertir, que todas as naturezas completas, ſuſiſtem e tem *jus* nas ſuas aſoens.

Al-

Alguns Peripateticos com efeito aſentam niſto. e a opiniam mais recebida reconhece, que ſuſiſtir, é nam eſtar unido, a outro ſupoſto mais nobre, que me-uzurpe as minhas aſoens. Outros porem, fundados nos-prejuizos das-formas Peripateticas, defendem, que a Suſiſtencia, é uma forma Peripatetica diſtinta: ſobre iſto fazem cemmil queſtoens eternas. Onde é muito de admirar, que dois omens doutos, como fozam Suares, e Valenſa, cenſurem muito a opiniam contraria: quando eles nam dam mais fundamentos, que os prejuizos das-formas Eſcolaſticas; com outras iguais coizas, violentiſimamente arraſtadas. tanto é certo, que a preocupasam cega o juizo! Sendo pois eſta diſputa inutil, e nam ſendo aqui o ſeu lugar; deve-ſe deſterrar.

Sobre os outros Predicamentos, á menos que dizer no cazo prezente: e claramenta ſe-conhece, que ſam pura Fizica. Na *Quantidade*, examinam, ſe o corpo ſe-compoem de partes indiviziveis: o que nam ſe-pode examinar, ſenam na Fizica. Ainda aquela queſtam peripaterica, Se a Quantidade ſe-diſtingue da-Suſtancia; nam ſe-pode intender bem, ſem primeiro ter viſto na Fizica, que coiza é Corpo &c. A *Relaſam*, é bem claro, que pertence à Logica: e tudo o que dela ſe-diz, ſe-deve reduzir, a mui poucas palavras. Sabemos, que no-mundo á *Relaſoens*, quero dizer, *uns certos reſpeitos de uma coiza para outra*. Perdoe-me V. P. a explicaſam, porque nam acho em Portugal, palavra propria para explicar, o que intendem os Filozoſos, por-eſta palavra, *Relaſam*. Mas, o certo é, que temos fundamento, para comparar algumas coizas com outras, poſtas eſtas, ou aquelas condiſoens. v.g. Pedro, cazando-ſe dá-nos fundamento, para o-comparar-mos com a molher, e dar-lhe eſte nome, *Marido*. Onde relaſam em ſi meſma nada mais é, que uma condiſam, para comparar uma coiza com outra. Mas iſto, pode-ſe dizer na Logica, em poucas palavras: e para lá é que pertence, quando ſe-trata dos-nomes relativos. tudo o mais, que aqui acrecentam os Peripateticos, funda-ſe no-perjuizo, das-Formas diſtintas: e nam merece, que ſe-lhe-reſponda.

O meſmo digo dos-ultimos ſeis Predicamentos, que os Metafizicos tratam, mui de paſagem. A doutrina que dali ſe-tira, é tam ſomente intender, o ſignificado dos-nomes: o que ſe-pode tambem fazer, com o uzo. As outras queſtoens que ſe-formam, ſam todas ridiculas, e fundadas no-ſupoſto, das-Formas diſtintas. Ao menos nam me-pode negar V. P. que nam ſe-poderá intender, ſemque primeiro ſaibamos, ſe á tais Formas. o que nam é Metafizica. mas Fizica.

Paſo com os tais Metafizicos modernos, á outra parte da-ſua Metafizica, que ſam as Cauzas do-Ente, e ſuas divizoens. Os Peripateticos enchem a ſua Fizica, com eſta diſputa: e nada mais fazem, que tratar de cauzas, com toda a extenſam. Alguns modernos rezervam-nas para eſte lugar: e primeiro, tratam das-Cauzas em comum: deſpois, das-particulares divizoens de Cauzas. Seja como for, ſobre as Cauzas em comum, dizem-ſe coizas indiguas de ſe-ouvirem. Fazem infinitas queſtoens, ſobre os conſtitutivos de Cauza *in actu*

primo

primo proximo, *remoto*, *remotiſſimo*. demoram-ſe muito com as condiſoens pozitivas: em que entra aquela nunca aſás aborrecida arenga, das-*prioridades reais*, e *da razam*. e aqui ajuntam, uma longa enfiada de *poſibilidades*, para ſaber, ſe uma coiza ſe-pode produzir a ſi, ou a outra. Para moſtrar a V. P. o merecimento deſtas queſtoens, baſta pedir-lhe queira refletir, e examinar, que utilidade delas ſe-tira, para ſer bom Fizico. Cuido, que ſem muito trabalho ſe-conhece, que um omem, que ſoubeſe infinitas daquelas arengas, e nada mais ſoubeſe; ſeria um verdadeiro ignorante de Fizica. Polo contrario para ſaber, ſe as condiſoens conſtituem a Cauza, no-*ato primeiro proximo*: a ſimplez explicaſam dos-termos, poupava eſtas diſputas: pois é certo, que *cauſa in actu proximo*, e cauza *preparada com todas as condiſoens*, vale o meſmo. De que concluo, que a explicaſam dos-termos baſtava. e acrecento, que ſeria melhor, nem menos explicalos: porque *atos primeiros proximos*, *e remotos*: *condiſoens pozitivas*, *e negativas*: *primeiro ſer*, *e ſegundo ſer*: ſam arengas que confundem o juizo, e para coiza nenhuma ſervem.

Mas de paſagem nam deixarei de tocar a V. P. aquela celebre queſtam: Se a exiſtencia, é neceſaria para produzir. Peripateticos á, que ſeguem a negativa, e defendem, que uma coiza, que nam exiſte, pode produzir algum efeito. E que conceito forma V. P. de Filozofos, que ſe divertem com iſto? Tanto vale proguntar, ſe uma cauza, para produzir, requer exiſtencia, como ſe um omem, para eſtar em caza, requer caza. Eſta queſtam parece-me, que ſe-intende melhor, quando nam ſe-explica. Se diſeſem a um omem, o mais ignorante do-mundo, *que Adam atualmente falava*: que reſponderia? ou riria, ou diria, que era impoſivel, que um morto faláſe. e, ſe o-obrigaſem a dar a razam; neceſariamente diria, que, eſtando o corpo desfeito em terra, nam avia boca para falar. Eſtamos no-cazo. Os Omens intendem melhor certas coizas, quando nam lhas-explicam: e talvez os ruſticos tem melhor juizo, que os Filozofos.

O meſmo digo das-divizoens das-Cauzas: cuja arenga inteiramente ſe-devia deſterrar, das-eſcolas. O que dizem da-Cauza *Material*, e *Formal*, é fundado em uma imaginaſam: pois nam á tais cauzas no mundo. *Cauza* ſignifica, o que produz alguma coiza: e neſte ſentido o-recebem, até os meſmos idiotas. a *Materia*, e *Forma* nada produzem. Funda-ſe toda eſta diſputa em ſonharem, que a Materia e Forma produzem por-uma *asàm edutiva*. Querendo explicar, o que é eſta *asàm edutiva*, nam ſabem, o que dizem. falam muito, e nam concluem nada. Com eſta ſorte de Filozofos, nam devemos perder tempo: é precizo obrigalos, a que provem primeiro, o ſupoſto. Se os-aperta deſta maneira, achará, que ficam calados: pois *àsàm edutiva*, ſam duas palavras ſem ſignificado, e a que nam conreſponde objeto algum. Confeſo-lhe ingenuamente, que obrigando alguns deſtes Metafizicos, a que me-provaſem, que avia tais *aſoens edutivas*, ſem outra violencia ficáram mudos.

O meſmo julgo da-cauza *Final*, e *Exemplar*. Os Peripateticos proguntam

mil

mil coizas galantes, ſobre uma e outra. e tudo ſe-funda, emque á no-mundo uma tal asám, cuja natureza é, ſer dependencia do-Fim, e do-Exemplar. Negue-lhe V. P. eſta baze, e caio toda a machina. O certo é, que eles nam provam, iſo meſmo que ſupoem: mas eſta ſupoziſam, nace de outra ſupoziſam. Toda a utilidade, que dali ſe-tira, ſe reduz a iſto: Que o agente racional, que obra alguma coiza, tem ſeu *fim*, polo qual a-faz: e muitas vezes o-faz, para imitar alguma coiza, a que chamam *Exemplar*. E iſto intende-ſe facilmente ſem explicaſoens: mas de nenhum modo conduz, para intender o que é Fizica.

Aquella cauza, que produz alguma coiza, que elles chamam *Eficiente*, eſa é a verdadeira cauza: e dela ſe-deve tomar algum conhecimento. mas nam neſte lugar; pois V. P. nam ignora, que é verdadeira Fizica. Deve porem abreviar-ſe eſte tratado: e ſeparar dele, aquelas inutis queſtoens, que nele introduziram os Metafizicos vulgares. Todas reconhecem, o meſmo principio, que aſima diſemos, vem a ſer, que exiſtam as tais aſoens *edutivas*, e *criativas*: das quaes nacem eſtas celebradiſimas queſtoens. Falando da-Fizica direi, o que ſe-deve tratar: porque aqui cauzará embaraſo. Alguns outros termos, que na Metafizica ſe-diſputam, como do-*Perfeito*, e *Imperfeito*: do-*Neceſario e contingente* &c.: nam tem dificuldade alguma, que mereſa atenſam: baſta explicar os termos, que logo ſe-intendem. Mas iſto podè-ſe fazer na Logica, quando ſe-explica, o ſignificado dos-termos; ou no-decurſo da-Filozofia.

Em uma palavra, toda a Metafizica util ſe-reduz, a definir com clareza alguns nomes, de que ſe-ſervem os Filozofos: e a intender, e perceber bem alguns axiomas, ou propoziſoens claras, que pertencem aos ditos. E iſto, em qualquer parte que ſe-faſa, deve-ſe compendiar muito, e explicalo em poucas palavras, ſe querem, que ſeja util: apontando o que é certo, e o que é duvidozo entre os Filozofos.

Perſuado-me, que tenho moſtrado a V. P. quam pouco fundamento tem, eſte, comum prejuizo, de querérem fazer deſta chamada Metafizica, uma ciencia ſeparada. pois é bem claro, que os que aſim falam, nam intendem, o que dizem: nem tomáram, o trabalho de examinar, ſe verdadeiramente o tal tratado merece eſte nome: ou ſe o que ſe-eſcreve, debaixo do-dito titulo, é util, ou nam. Se o ſeu P. Colegial *** nam foſe tam pertinaz defenſor, dos-antigos prejuizos, que bebeo da eſcola; e quizeſe por-um pouco deſpirſe deles, e examinar, ſe eſtas Metafizicas vulgares valem alguma coiza; pouparmeia todo eſte diſcurſo: viſto nam aver coiza mais clara, que o que digo. Mas eſte é o pecado original do-Peripateticos, que nada examinam com fundamento: porem de um nome que recebem, formam uma queſtam: e, com cega veneraſam, e eſcrupuloza reverencia, vam uns detraz dos-outros: e até parece que tem medo, que os-alumeiem ſobre eſtas materias. Acháram eſte nome *Metafizica*, nos-antigos manuſcritos; e ſem mais averiguaſam aſentáram, que devia ſer ciencia ſeparada. Se os que lhe-chamáram Metafizica, lhe tiveſem poſto o ti-

o titulo, *Caldeira, e Tizoira*; veria V. P., que os finceros Peripateticos aceitavam o dito nome. e teriamos oje uma *caldeira*, *ou tizoira filozofica*, como ciencia feparada, fobre o qual nome fe-diriam mil coizas bonitas. Nas eſcolas da-antigua Filozofia, quero dizer da-Peripatetica, o intendimento eſtá, como diſe um belo ingenho, a razam de juro: porque ninguem ſe-ſerve dele livremente: mas cobram aquilo, que os meſtres lhe-querem permitir. Nenhum examina as coizas, com o proprio juizo. E daqui nacem todas as arengas, com que ſe-perde inutilmente aquele tempo, que ſe-devia empregar em outras coizas. O pior é, que alguns meios deſtes modernos, digo os Cartezianos, e Gazendiſtas, aindaque intendam o contrario, como ja achei alguns, ſam obrigados a fazer, a meſma ſeparaſam, por-nam eſcandalizar os velhos. veja V. P. quam grandes raizes tem lanſado a dita opiniam! Pertence agora a V. P. explicar iſto muito bem ao ſeu amigo, e ſe nam ficar ſatisfeito, diga-lhe, que me-proponha por-carta as ſuas dificuldades, que eu lhe reſponderei.

Mas antes de acabar eſta carta, reſponderei a um periodo, que vejo no-ultimo paragrafo da-ſua, ſobre o P. Feijoo. Nam reſpondo para V. P., que, ja ſabe a reſpoſta, que devo dar: reſpondo para eſe ſeu amigo, que propoem a duvida, e moſtra, ſer pouco informado do que deve. Digo pois brevemente, que eu nam condeno, quem le o Feijoo: antes, ſe é peſoa ignorante, ou dos-que nam tem ſeguido os eſtudos, lhe-aconſelho, que o-leia; pois achará ali muita coiza boa, que certamente nam achará, em livros Portuguezes. Digo porem, que para um bom Filozofo, ou omem, que á-de ſeguir a boa Filozofia, pode ſer prejudicial: mas polo menos é ſuperfluo o dito livro: e nam pode dele tirar coiza boa. Quem tem uma boa Logica na cabeſa, e alguma eruditam; riſe dos-que admiram o Feijoo; e publicam (como o ſeu P. Colegial), que ninguem pode ſer douto, ſem ter lido o Feijoo. Examine V. P. todas as materias do-Feijoo, á luz de huma boa Logica, e verá, que qualquer omem de juizo dirá o meſmo, ſem ter mais lido o Feijoo. Eu nam tenho o Feijoo diante dos-olhos, porque averá mais de doze anos, que o-li; mas do-que tenho na memoria intendo, que poſo formar eſte juizo. pouho um exemplo. Diz o Feijoo, no-primeiro tomo, ſe me-nam-engano, que aquele proverbio: *Vox Populi, vox Dei*, é falſo: e moſtra iſto com alguns exemplos. Qualquer bom Filozofo, e que tenha um juizo claro, reconhece, que nam á conexam nenhuma, entre a voz do-Povo, e a voz de Deus. muito mais ſe quer olhar, para o que ſucede no-mundo. pois em qualquer paiz do-mundo ſe-vem mil impoſtores, que enganáram por-muito tempo os Povos. Aqui meſmo em Lisboa, tenho viſto varias vezes muitas beatas, cononizadas polo Povo, ſerem ao deſpois caſtigadas publicamente polo S. Oficio. Com eſtes exemplos pode qualquer omem, poupar o diſcurſo do-Feijoo. O Filozofo porem dá um paſo adiante, reconhecendo, que nam á coiza que mais arraſte o Povo, que a preocupaſam, em que cadaum eſtá, da-ſua religiam; e que a maior parte dos-omens, que commmente penſa mal, nam diſtingue o branco

do-negro : infere claramente, que, ſe um impoſtor afetar uma exterioridade religioziſima, neceſariamente á-de ſer tido por-um ſanto. e eſte juizo nunca erra. Eſte é o cazo dos-Farizeos, que afetavam uma exterioridade ſacroſanta. Moſtrava a experiencia, que eram uns ladroens, os quais faziam que a aparencia de virtude, ſerviſe à ſua utilidade, vinganſa, e outros vicios, que a Eſcritura lhe-atribue. Nam poſo perſuadir-me, que entre os Judeos, nam ouveſem omens de perſpicacia, que os-conheceſem, e deſcobriſem: ao menos o exemplo d'El-Rei Alexandre Janneo (morrendo, diſe a ſua molher Alexandra, que, ſe queria conſervar o Reino, fizeſe tudo o que quizeſem os Farizeos; os quais perſuadiam ao Povo tudo o que queriam, juſto, ou injuſto como na verdade ſucedeo.) moſtra, que entre os Judeos, nam faltava quem os-conhecia bem. mas como os ignorantes eram os mais, os Farizeos triunfavam. Deſorteque o Filozofo, conhece fundamentalmente, que a voz do-Povo raſiſimas vezes é voz de Deus: e o iguorante, tem mil exemplos diante dos-olhos, que provam o meſmo.

Diz mais o Feijoo, que eſtes eſpiritos foletos, ſam arengas, que a idade dos-omens, nam tem padecido coiza alguma: &c. Tudo iſto perſuade a boa razam, e a experiencia: pois é certo, que a quem é medrozo, gatos parecem eſpiritos: e quem olha para os velhos da-noſa era, e os-compára com os que floreciam, no-tempo de Auguſto, e no-tempo de David, á quazi trez mil anos; ve em ambos os tempos, omens da-meſma idade. Um dos-noſſos Italianos, chamado *Lancelotto*, compós, muitos anos antes do-Feijoo, um livro, que intitula *l'Oggiddi*: em que moſtra, que o mundo em diverſas materias, é o meſmo que primeiro: e nos-vicios, que nos-parece terem chegado ao ſeu auge, moſtra, digo, que os paſados, eram muito mais viciozos, que os modernos. Nam trago mais exemplos, pois com eſtes à viſta, reconhecerá V.P. que é verdade o que digo, que uma boa Logica, aplicada a qualquer materia, poupa todos aqueles diſcurſos.

Quanto a alguma erudiſam que dá, ſobre as guerras Filozoficas, e modos de argumentar &c. nada diſo ſerve para diſcorrer bem. Quem tem na cabeſa boa Logica, nam neceſita de ler aquilo: antes embrulhará o juizo, ſe oler; porque nam enſina bem. Sobre alguma coiza que diz de Fizica, nos-Paradoxos, e outras partes; é neceſario eſtar muito acautelado, porque diz alguns erros grandes. O Feijoo nam é Filozofo, nem nunca o-foi. Confeſa ele, que é Peripatetico, e que ſe-acha muito bem, com as formas Ariſtotelicas. Iſto baſta para o canonizar, e ſaber, que nem na Logica, nem na Fizica pode diſcorrer bem. Iſto ſe-confirma novamente, pois faz paradoxos de coizas, que ſabem os rapazes, no-primeiro mez da-eſcola: e em muitos dos-Paradoxos engana-ſe, e diz erros. Alem diſo, de Matematica nada ſabe, como ſe-vé dos-paradoxos que propoem. Seguindo a ſua opiniam, podia unir, trezentos mil paradoxos: e eſcrever toda a Fizica, e Matematica por-paradoxo. Nam ſabendo pois Matematica, como é poſivel, que diſcorra bem na Fizica? Eſte paradoxo

doxo nam só é menos verosimel, mas e totalmente ininteligivel, como direi tratando da-Fizica. Alguma coiza que diz menos má é, o que leo nas Colesoens das-Academias Regias, buscando materias para o seu Teatro. mas isto ou é mui pouco; ou o-explica mal; ou, aindaque o-explicase bem, quem le Filozofia, escuza o dito Feijoo. Com efeito o Feijoo só agrada aos ignorantes: os omens verdadeiramente doutos, ou ao menos de juizo claro, deixam a sua lisam aos idiotas, mas nam se-servem de tal livro. nem eu o-aconselho, pornam embrulhar as ideias da-mente, e originar confuzoens. Nem cuide V. P. que digo isto, polo ter lido no-seu Antagonista Mañer: nam senhor: mas polo que me-lembra do-dito autor, e a razam me-persuade, ser asim. Tambem do-Antagonista formo, o mesmo conceito. repreendeo algumas coizas bem: mas tambem, porque nam intendia as materias, dise muita parvoice. Isto é o que me-ocorre dizer por-agora: com mais vagar explicarei o restante. Deus güarde &c.

CARTA DECIMA.

SUMARIO.

MOstra-se que coiza è Fizica. Que em Portugal nam intendem o que è, nem sabem tratar a Fizica. Perjuizos dos-Peripateticos, e danos que rezultam da-Fizica da-Escola. Excesso da-Filozofia moderna, e principalmente da-Fizica, sobre a antiga. Diversidade entre os mesmos Modernos: e qual sistema se-deve preferir. Necesidade do-Geometria, e Aritmetica, para intender a Fizica: a qual se-deve estudar, nas obras das-Academias. Prejuizo dos-Portuguezes, de nam quererem ensinar muitas coizas em Vulgar. Dá-se o modo, de ordenar um Curso de Fizica. Da-se uma ideia, de estudar com metodo, e brevidade toda a Fizica.

MEU amigo, e senhor, Despois de algum tempo de descanso, é justo que continue o exercicio ja comesado, e dezempenhe a minha palavra. Direi pois a V. P. alguma coiza, da-principal parte da-Filozofia, que é a Fizica: vistoque a Logica, parece ser somente, uma dispozisam do-intendimento, para conhecer as coizas como sam. Já dise a V. P. em outra carta, que Fizica, era o conhecimento da-natureza de todas as coizas: o que se-alcansa, por-meio das suas propriedades, e da-redusam aos proprios principios. E daqui cuido podia poupar o trabalho de lhe-dizer, o conceito que deve formar, da-Fizica deste Reino. Mas como V. P. quer que lhe-diga distintamente, o que intendo; e esta carta é consagrada a iso; faloei brevemente. O que supposto digo, que neste Reino nam se-sabe, que coiza é Fizica: ainda aqueles que falam muito nela. Querendo V. P. lansar os olhos sobre aquilo, a que aqui chamam Fizica, intenderá melhor o que lhe-digo. Toda esta Fizica se-reduz, a tratar da-*Materia*, *Forma*, e *Privasam in abstracto*: dos-apetites da-Materia: das-divizoens das-Negasoens: e outras destas coizas em comum. Despois diso, das-Cauzas tambem em comum, porque aindaque prometam, tratar delas em particular, nada menos fazem; que iso que prometem: e todo o tempo se-pasa em disputar, palavras gerais. Com isto se-ocupa a Fizica dos-

dos-Peripateticos. Ora é bem claro, que tudo iſto ſam arengas que nada ſignificam: e é diſputar de nomes. ſendo certo, que eles nam provam que á tal Materia, ou Forma, ou Privaſam como eles imaginam. E quanto aos nomes, todos os-admitem: a dificuldade eſtá em determinar, o que ſignificam os tais nomes. Um Atomiſta, tambem ſe-ſerve da-palavra Materia, Forma, e Privaſam. um Epicurco, um Pitagorico &c. um artifice que faz uma eſtatua, tambem ſe-pode explicar polos meſmos termos. Niſto convimos todos. Onde ſe o Peripatetico nam quer mais, que iſto, nam á mais verdade, que o que ele diz. Mas eles nam querem só iſo: querem que exiſtam umas tais coizas, como eles imaginam. e diſo é, que nós quizeramos as provas. as quais ainda até aqui nam tem aparecido.

Conſiſte a ſua grande prova, emque as formas peripateticas, ſam admitidas por-Ariſtoteles. Creia V. P. que quem diz iſto, nunca leo Ariſtoteles, ou polo menos nam o-intendeo. Vindo-me uma vez a curiozidade, de ler o texto Grego de Ariſtoteles, nam achei tal coiza. conſultei os que fizeram a parafraze, e vi, que, quando alcansáram bem a mente do-Filozofo, nam dizem palavra, de que ſe-poſa inferir, que as *formas* ſejam entes diſtintos da-Materia: antes tudo o contrario. O modo com que S. Tomaz de Aquino o explica (1), moſtra bem, que com a palavra *Forma*, nam quiz introduzir uma nova ſuſtancia, ou natureza diſtinta da-Materia: mas uma diverſa afesám, ou modificaſam da-Materia. Ele diz expreſamente, que Ariſtoteles nunca diſe, que a Forma ou ſuſtancial ou acidental tenha ſer proprio, e ſe-produza: mas que o Compoſto é que ſe-produz, e a eſta produſam do-Compoſto, que explica pola materia modificada, chama, produſam acidental da-Forma. Alem diſo, compára frequentemente os compoſtos naturais, como os artificiais: nos-quais nam ſe-dá, produſam alguma de natureza: aindaque ſe-de, uma nova modificaſam da-Materia. E iſto, intendido ſem paixam, quer dizer, que nam á tal *forma*, que ſeja coiza realmente diſtinta.

Mas eu quero admitir de graſa, que S. Tomaz o-intendeſe como eles dizem: digo, que o-nam-intendeo bem: e que peſimamente o-intendem todos, os que ſeguem eſtas pizadas. Tenho para iſto uma prova tal, que nam tem reſpoſta. Eſta é tirada de Cicero, o qual intendia Ariſtoteles muito melhor, que S. Tomaz. Cicero falava o Grego, como o ſeu Latim, tinha eſtudado na Grecia, tinha ouvido muito tempo os dicipulos de Ariſtoteles, erdeiros da-ſua doutrina, digo, os Peripateticos: com os eſcritos dos-quais podia ſuprir as faltas que ſe-achaſem, nos-Livros do-Filozofo. Alem diſo tinha os tais manuſcritos mais ſinceros, doque nós oje nam temos. era perfeitamente inſtruido nos-dogmas da-Academia Velha, e Nova: quero dizer, da-eſcola de Platam, e ſeus ſucceſores: cujo Platam ele ſempre lia, e a cada paſo louva. poſuia perfeitamente a iſtoria dos-dogmas dos-antigos Filozofos: deſorteque os ſeus livros ſam

(1) *L. 7. Metaph. lect. 1. & lect. part. quæſt. 65. art. 4. in Corp. 1. 2. 7. & lect. 8. l. 12. Metaph. lect. 1. 1. quæſt. 110. art. 2. ad 3.*

ſam o melhor, e mais antigo monumento, que neſte genero nos-deixou a Antiguidade. circunſtancias todas que nam ſe-acham em S. Tomaz. Contudo iſo Cicero nos-ſeus livros filozoficos repete a cada paſo (1), que Platonicos, e Ariſtotelicos, só diferiam nas palavras, mas concordavam na ſuſtancia: e iſto dilo com tal confianſa; que nada mais. E' certo porem, que Platam nam admitio tal Materia, Forma, e Uniam, como os meſmos Peripateticos modernos confeſam. De que eu tiro por-conſequencia, que nem menos Ariſtoteles: e que teve muita razam S. Tomaz, em dizer o contrario. Acrecento a iſto, que o meſmo Cicero no primeiro livro das-Queſtoens Academias, explicando a divizam da-Filozofia dos-Ariſtotelicos, e Platonicos, de tal ſorte expoem, o que era a ſua Fizica, que nam deixa que duvidar na materia. Diz expreſamente, que eles nam conſideravam ſenam, cauza Eficiente, e Materia. a qual materia quando era formada polo eficiente, ſe-fazia qualidade, iſto é, compoſto determinado. a dita formaſam era uniam, e mudanſa de partes da-materia. Alem diſo nam diſtingue a *materia*, do-*corpo*: porque diz, que eſta ſe-compoem de partes diviziveis *in infinitum*; nam avendo coiza neſte mundo, que nam ſe-poſa dividir. Iſto, e muito mais, diz Cicero. E iſto é em carne o ſiſtema de Democrito: e é totalmente contrario, ao que os Peripateticos modernos afirmam, ter dito Ariſtoteles.

O meſmo Ariſtoteles, que com a ſua confuzam, talvez afetada, deu principio a eſte modo de falar, no-decurſo das-ſuas obras moſtra bem, o que ele intendia por-eſtas palavras. Em dois livros ſomente falou ele da-Materia, e Forma: e nos-mais livros de *Phyſico auditu* tratou largamente do-Movimento, e propriedades do-Ente movel ſenſivel. Razam por-que os doutos ſuſpeitam, que nos-ditos dois livros ſomente quizera Ariſtoteles explicar, o que intendia por-*Materia*, e *Forma*: mas nunca lhe-paſára pola imaginaſam afirmar, o que dizem os Peripateticos. Alem diſo, eſcrevendo ele varios livros, de *Cælo*, *Generatione*, *Meteoris*, *Hiſtoria*, *& Partibus animalium*, *Anima*, *Parvis Naturalibus &c.* nam explica fenomeno algum, com palavras gerais: e comumente nam ſe-afaſta, da-opiniam de Democrito, que paſava polo melhor Fizico

(1) *Platonis autem auctoritate, qui varius, & multiplex, & copioſus fuit, una, & conſentiens duobus vocabulis, Philoſophiæ forma inſtituta eſt, Academicorum, & Peripateticorum: qui rebus congruentes, nominibus differebant. Cicero Academic. Quæſt. l. 1. n. 4.* Et haud paulo poſt. *Ita facta eſt diſſerendi ars quædam Philoſophiæ, & rerum ordo, & deſcriptio diſciplinæ, quæ quidem erat primo duobus, uti dixi, nominibus una: nihil enim inter Peripateticos, & illam veterem Academiam differebat. Abundantia quadam ingenii præſtabat, ut mihi videtur quidem, Ariſtoteles: ſed idem fons erat utriſque, & eadem rerum expetendarum, fugiendarumque partitio.* Et iterum *l. 4. n. 5. Quorum enumero tollendus eſt Plato, & Socrates: alter, quia reliquit perfectiſſimam diſciplinam, Peripateticos, & Academicos, nominibus differentes, re congruentes.* Et ſæpe alibi.

zico da-Antiguidade : funda-ſe nas obſervaçoens ſobre as partes, que compoem os animais, para poder diſcorrer deles. Sei que é confuzo, e que tem outros defeitos : mas iſo provem primeiro, de querer impugnar os outros Filozofos : da-corruſam dos-livros : e tambem da-falta de metodo: o qual metodo era incognito aos Antigos : e tambem pode provir, de ſe-acharem entre os ſeus livros muitos, que ele nam eſcreveo. Mas baſta olhar para os que ſam ſem controverſia ſeus, dos-quais os melhores ſam os 9. de *Hiſtoria animalium* : os 4. de *Partibus animalium* : e os 5. *de Generatione animalium* : para intender, o que digo. Neſtes livros nam ſe-ſerve de Materia, Forma, e Privaſam ; mas obſerva miudamente as operaſoens, as partes, o modo de gerar, a diverſidade dos-ſexos, a virtude do-ſemen, e as diverſas eſpecies de oviparos, e viviparos. No-que moſtra o uzo, que ſe-deve fazer da-experiencia, e o modo, com que ſe-deve tratar a-Fizica. Mas iſto que fez Ariſtoteles, nam fazem, os que ſe-chamam Ariſtotelicos. antes mui pertinazes nos-ſeus coſtumes, tendo-ſelhe metido em cabeſa, que Ariſtoteles diſe, o que eles ſupoem ; o que colhem de algumas palavras oſcuras ; arraſtam violentamente as outras palavras ; para o meſmo ſentido que querem : e nam fazem cazo da-prova clariſima que ſe-tira, das-ſuas meſmas obras.

A outra celebre prova dos-Peripateticos conſiſte, em ſe-cobrirem com a capa da-religiam : pertendendo introduzir as *fórmas acidentais peripateticas* porque aſim o-definio a Igreja no-Concilio Conſtancienſe, contra Wickleff. Quem ouve eſta objeſam de repente, e nam é informado do-negocio, intende, que é zelo : mas examinando bem o cazo, acha-ſe ſer pertinacia, e inveja, nacida de uma grandiſima ignorancia. A iſto tem-ſe ja reſpondido com larguiſimas reſpoſtas, e Livros inteiros : deſorte que só os ignorantes, e bem ignorantes tem duvida neſta materia. Primeiramente, ainda ate agora nam definio a Igreja, que ouveſem Acidentes na Eucariſtia. iſo vemos nós todos : e nam coſtuma a Igreja definir, o que ſe-ve. Nem Wickleff negou nunca, que ouveſem Acidentes. o que diſe foi, que com eles eſtava o pam : e a Igreja definio, que nam eſtava o pam com eles. As primeiras duas propoziſoens de Wickleff ; como lemos no-Concilio Conſtancienſe (1), ſam eſtas : I. *Subſtantia panis materialis, & ſimiliter ſubſtantia vini materialis remanent in Sacramento altaris.* II. *Accidentia panis non manet ſine ſubjecto, in eodem Sacramento.* Um Peripatetico fará aqui uma bulha eterna : mas o certo é, que o ereje em ambas quiz dizer o meſmo : e uma é explicaſam da-outra. Porque, o que quiz dizer é, que nam ſe-deſtruia o pam : nem em ſeu lugar entrava Criſto realmente, mas só em figura. o que explica na III. *Chriſtus non eſt in eodem Sacramento identice, & realiter in propria præſentia corporalis.* Aſſim o-intendem todos, os que tratáram da-dita erezia, e a-condenáram. Eſpecialmente um Sinodo convocado por-Tomaz Arundellio Arcebiſpo de Cantuaria grande antagoniſta de Wickleff, poucos anos deſpois da-ſua morte, digo, no ano 1396. condenando 18. arti-

(1) *Seſſ. VIII.*

artigos do-tal ereje, tirados do-seu *Trialogo*; das-ditas duas propozisoens faz uma só (1) I. *Manet panis substantia post ejus consecrationem in altari, & non desinit esse panis.* e logo imediatamente expoem a terceira do-Concilio Constanciense, que é esta: II. *Sicut Joannes fuit figurative Elias, & non personaliter sic panis est figurative Corpus Christi &c.* e a III. deste Sinodo é esta: *In capite, EGO BERENGARIUS, Curia Romana determinavit, quod Sacramentum Eucharistiæ est naturaliter verus panis: loquendo conformiter, ut prius, de pane materiali albo, & rotundo* (2) Da qual propozisam claramente se-conhece, que o intento de Wickleff nunca foi outro mais, que negar, que na Eucaristia, em lugar da-sustancia de pam, estivese o corpo de Cristo. Quando um Filozofo admite esta declarasam, satisfaz a tudo quanto pede dele a Igreja. Se pois os Acidentes sejam Aristotelicos, ou nam, ainda até aqui nam se-moveo esa controversia na Igreja. Nem cuido se-moverá: porque iso nam pertence a fé, com que nos-devemos salvar: nem à jurisdisam, que Deus deo à Igreja: a qual somente se-dirige àquele ponto, e nam à Filozofia. e nunca a Igreja costumou definir questoens de Filozofia, que nam tocam com o Dogma.

Sendo pois isto tam claro, com razam dizia a V. P. que ou a grande ignorancia faz nacer estas duvidas, ou a inveja, e obstinaçam cega os olhos para nam conhecer, que isto nam merece, o nome de duvida. Muito mais despois que omens doutissimos, como o P. Maignan, Saguens, e Malebranche mostráram, nam só o que se-devia intender; mas tambem prováram, que todo o sistema da-Grasa (que é a outra parte da-objesam) podia-se explicar maravilhozamente, sem recurso às fórmas Peripateticas. da-mesma sorte, que por doze seculos o-explicáram os maiores Doutores da-Igreja; que sabiam mais, e eram mais zelantes pola sua gloria, doque nam sam estes modernos argumentadores. Antes confeso a V. P. que lendo, o que nesta materia escreveo o P. Genario Dominicano, só entam fiquei bem persuadido, da-razam que tinha o Saguens, e outros que o seguiam: nam obstante que eu nam siga nem Maignan, nem Saguens no-modo de filozofar. E para prova do-que asima digo, observei uma coiza, que é mui digna de notar; vem a ser, que avendo tantos Filozofos, e Teologos seculares, que podiam impugnar, este novo metodo de filozofar; os Religiozos foram, os que fizeram maior bulha, porque tinham jurado aquelas doutrinas; e fose como fose, aviam defender aquilo mesmo, que tinham abrasado. E isto justamente é o que eu muitas vezes lamentei com V. P. que o jurar determinada doutrina, é o primeiro impedimento, para toda a sorte de estudos.

Destes dois principios, ignorancia, e preocupasam, nacéram aquelas infinitas arengas, a que se-chama Filozofia neste paiz. Embebidos daqueles principios, nam se-querem abaixar às experiencias a companhadas do-raciocinio. Todo o ponto está em fazerem disputas, sobre as formas Cadavericas, e a ordem

(1) *Vide Guillelmum Windefordusium in tractatu contra Wickleff errores.*

(2) *Vide Natalem Alexandrum ad Seculum XIV.*

dem Tranſcendental entre Deus, e as Criaturas: com outras ſemelhantes, ridicularias, que decem daquele primeiro, e errado principio: e com muito trabalho ficam ignorantes de Fizica. Tantos anos de diſputar, tantas ſutilezas, nam deitam uma oitava de verdadeiro eſpirito filozofico: quero, dizer de um juizo prudente, e critico, capaz de fazer obſervaſoens utis, e diſcorrer com fundamento ſobre as cauzas, de qualquer efeito natural. A trez ou quatro palavras ſe-reduz, toda a ſua Filozofia natural. Paſma um omem, de ver a facilidade com que explicam, qualquer fenomeno que ſe-oferece. Fala V. P. do-Raio, e reſpondem-lhe, que ſe-compoem de *materia*, *forma*, *e privaſam*. a materia ſam os vapores igneos, nos-quais ſe-introduzio a fórma de fogo, que o-fez romper para a terra. Iſto é quanto pode dizer, ſegundo os ſeus principios, um Peripatetico. Diz a verdade: mas nam chega a explicar, que coiza é Raio. nem nos-faz a merce de dizer, por-que razam a fórma de fogo, que em todos os individuos é a meſma; na *chama* ſuba para ſima, e no-*raio* caia para baixo. E que ſe-chamem Filozofos eſtes tais! e que condenem, os que obſervam miudamente a natureza! Se a Fizica é, o conhecimento da-natur z, quem mais obſervou a natureza, com diſcurſos aereos? Tanto ſabe um puro Peripatetico, dos efeitos naturais, quanto ſabe um cego, de cores: ambos falam do-que nam viram: um porque nam tem olhos, e outro porque os-nam-quer ter.

Dirmeám, que tambem os Peripateticos obſervam, a natureza das-coizas. que nas Univerſidades, emprega-ſe o quarto ano, em eſtudar a Fizica particular. que tambem diſputam dos-Ceos, Méteoros, Parvos Naturais, Geraſam dos-viventes, e outros deſtes efeitos naturais. Mas iſo, P. muito Reverendo, nam me-faz mudar de opiniam: antes me-confirma no-propozito. Eſes tratados, ſam diſputas de nomes, aplicadas aos Ceos, Meteoros, Geraſam &c. Eſtas materias eſtudam eles, polo *Suares Luzitano*, ou polo *Comptono*, ou *Rhodes*, ou coiza que o-valha: a Geraſam e Corruſam, por-uma poſtila impreſa, do-*P. Franciſco Ribeiro*: os outros, por-outros ſemelhantes manuſcritos. e como eſtes livros, ſam publicos, neles pode V. P. informar-ſe, da-verdade do-que digo. Eſtes bons Religiozos paſáram a ſua vida no-ſeu cubiculo, eſcrevendo. ſerviram-ſe do-que acháram eſcrito. e aſim nam podiam compor obras melhores, daquelas por-que ſe-guiáram. Diga-me V. P. quem enſinou Filozofia natural ao *Suares*, ou *Comptono*, ou *Arriaga* &c. ou aos outros, que os-ſeguiram? onde fizeram as experiencias? que autores citam? Alguma coiza que dizem menos má e, o que tiráram, do-P. Scheiner, Kirker, e algum outro. mas como eſtes, aindaque trouxeſem algumas obſervaſoens boas, e experiencias conſtantes, eram ipoteticos na-explicaſam das-cauzas; que é o meſmo que dizer, eram maos Filozoſos; enganáram-ſe igualmente que eles. Para diſcorrer bem ſobre a natureza, é neceſario ter juizo claro, com todos os requizitos, para obſervar bem: obſervar muito, e bem; ou ſaber-ſe ſervir, dos que o-fizeram: e fundar os ſeus raciocinios, em principios evidentes, quais

ſam os matematicos. E quantos acha V. P., qne tenham eſtes poſtulados? Se V. P. ouviſe um omem, que, ſem ter ido à India, ou ter lido muito, e converſado muito com os que la foram, e examináram o cazo bem; diſeſe, mil coizas da-India; e iſto com tal confianſa, que, ſendo contrariado conſtantemente polos que la foram, e conſideráram bem aquela Peninſula; ainda aſim perziſtia na ſua opiniam; cuido, que nam deixaria de ſe-rir. Pois tambem eu me-rio muito dos-que, ſem irem ao paiz da Fizica, falam, e decidem ſobre as ſuas partes: e faſo tanto cazo deles, como V. P. faria daquele Iſtorico. E como vejo, que todos os Peripateticos ſeguem, aquela eſtrada; pois, ſe bem admitem alguma experiencia velha, explicam-na de-maneira tal, que perde toda a ſua forſa; por-iſo intendo, que toda a ſua Fizica, ſe-deve deſprezar: e o-meſmo julgam comigo, todos os omens doutos.

Nem vale o dizerem, que alguns mais modernos, recebem as experiencias. iſto ſam arengas: porque neſte particular, nam á meio. Quem recebe as experiencias, e, em virtude delas, quer diſcorrer; deve renunciar o Peripato: quem abraſa o Peripato, deve renunciar as experiencias. ſam coizas totalmente opoſtas; que uma deſtrue a outra. Todos vem ſubir a agua na ſiringa. contudo o Peripatetico, chama-lhe, medo do Vacuo: o Moderno, pezo do-Ar. O que lhe-chama, medo do-Vacuo, diz umas palavras, que nada ſignificam: porque ſe V. P. o-aperta, e lhe-moſtra, que aquele medo céſa, em uma determinada altura (v.g. 32. pés de agua: e 28. polegadas de azouge, que vem a pezar quazi o meſmo: porque uma polegada de azougue eſtá em equilibrio com quatorze quazi de agua) pois dalî para ſima, aindaque ſe-retire o embolo, nam ſobe o liquido: moſtra-lhe evidentemente, que nam ſabe o que diz. Deſta experiencia, ſeguem-ſe duas coizas. 1. que a natureza tem medo, de pouco vacuo, mas nam do-muito. 2. que o Univerſo receia, as arranhaduras, mas nam as feridas grandes. o que dezfaz totalmente, o que ele dizia. O meſmo ſe-pode obſervar, correndo por-todas as experiencias: as quais, quando ſe-profundam, ſam contrarias às explicaſoens, que eles dam. Certo Jeſuita, de muito bom nome na ſua Religiam, contando-me em certa ocaziam, que tinha viſto um omem de forſa, introduzir violentamente uma ſiringa da agua, em uma bola de bronze, ja cheia de agua; me-diſe, que, avendo de reſponder a eſta experiencia, nam ſabia achar reſpoſta, ſenam dizendo um deſpropozito: e era, que obronze ſe-tinha dilatado: ou parte da-agua, ſaido polo bronze. Reſpondi-lhe eu; que nam era tam grande deſpropozito, que nam foſe apadrinhado, por-experiencias conſtantes. e referi-lhe algumas: entre elas, a da-Academia del Cimento, em que uma bola de oiro cheia de agua, e oprimida violentamente com uma machina, comeſou a ſuar agua em ſutiliſimas gotas. Contei-lhe mais, que a agua, e todos os fluidos eſtavam cheios de ar: o qual podia ter-ſe comprimido, ou ſaido polo ingreſo da-ſiringa, ou outra parte; dando lugar à nova agua. Finalmente provei-lhe com experiencias conſtantes, que obronze, digo, o cobre, de que ele falava, podia ter cedido em alguma parte;

te ; principalmente ſe era ſoldado &c., e dilatar-ſe a ſoldadura. Quando eu aqui chegava, reſpondeo-me o Religiozo : Amigo, ſe iſo é verdade, vai polos ares, toda a minha Filozofia : pois com ela, nam ſaberia o que devia reſponder. E cuido que tinha razam. pois ſe a experiencia é bem conſtante, poderá às vezes ſer dificultoza, na Filozofia moderna : mas neſta, que ſe-chama Peripatetica, certo nam tem reſpoſta. Sendo pois que uma experiencia conſtante, prefere a todas as ſutilezas da-Eſcola ; fica claro, que nam ſe-deve fazer cazo deſtas Filozofias, aindaque ſe-queiram cobrir, com alguma experiencia.

Que coiza mais certa, e mais bem moſtrada, que a circulaſam do-ſangue ? contudo ſe V. P. obſerva, como a-prova o *P. Ribeiro* (1), confirmará o que lhe digo. Em vez de recorrer, às demonſtraſoens de Harveo, que entram polos olhos, e ſe-confirmam com a boa razam ; funda-ſe niſto : Que admitida a circulaſam, intende-ſe melhor, como o ſangue leva o calor, e eſpiritos, a todas as partes do-corpo : paraque elas poſam fazer, as ſuas funſoens. 2. Que aſim como no-Univerſo, gira o Sol por-tudo, para aquentar ; aſim no-corpo, deve girar o ſangue, paraque comunique o calor, e eſpiritos animais, a todas as partes do-corpo. 3. Que a natureza, fórma todo o feto junto, em modo de circulo ; paraque nam diſputem as partes, a primazia : e paraque todas as partes, levem o calor &c., e alimento : e nada mais diz. E que lhe-parecem eſtas razoens ? acha V. P., que um Filozofo, que nam tiveſe outras provas, devia admitir, a circulaſam do-ſangue ? Eſte bom Religiozo deixou a melhor razam, só por-ſeguir, as ſuas metafizicas, que ſe-eſtribam, em mil ſuppoſtos falſos. A prova da-circulaſam do-ſangue é, que vemos inchar a arteria, da-parte do-coraſam, e a veia, da-parte contraria : digo, quando ſe atam, ou apertam. Alem diſo, vendo-ſe com o microſcopio, que toda a noſa carne, é um compoſto de ſutiliſimas fibras, que ſe compoem, de vazos miudiſimos : e vendo tambem, que os vazos ſanguiferos, nam ſam os menores, mas os da-limfa, que nacem daqueles : ſegue-ſe, que a limfa ſe-deve diſtribuir, por-todas as partes do-corpo, para as-alimentar. muito mais, porque a tranſpiraſam prova bem, que a limfa chega, a todas as extremidades dos-vazos. Sendo pois que nam tranſpira toda, e nam pára alî ; é claro, que deve tornar o ſangue, para as partes interiores, para alimentar umas partes, e depozitar a limfa, que alimenta outras : e deſta ſorte continuar o ſeu giro. Prova-ſe novamente, com o movimento do-coraſam, que por-forſa á-de empurrar o ſangue pola arteria. prova-ſe, da-elaſticidade dela, e nam da-veia &c., e com algumas mais razoens, que, quem é pratico da-Matematica, intende logo. Mas o P. Ribeiro recorre ſomente, à comunicaſam do-calor às partes remotas : a qual, quando foſe neceſaria (que ſe-duvida) podia muito bem na ſua ſentença comunicar-ſe, ſemque o ſangue gira-ſe : viſtoque, ſe-comunica por-produſam, e nam por-moto local. Recorre, aos eſpiritos vitais : que é uma coiza, que ninguem até aqui provou : polo menos, é muito duvidoza : avendo muitos bons Filozofos,

(1) *De Gener. & Corr. Diſp.* 1. *Sect.* 3. *fol.* 50.

zofos, que dizem o contrario. Recorre, ao giro do-Sol. Porem ou Sol gire, ou nam, na ipoteze de Copernico, nada tem iſto que fazer, com o giro do-ſangue. Recorre, a que a natureza fórma, todas as partes do-feto juntas, o que negam os bons Filozofos: moſtrando, com razoens evidentes, que o feto eſtá formado, deſde a primeira criaſam do-Omem. Recorre a iſto: *quod natura format partes, per modum circuli, ne de primatu certent.* que ſam palavras, a que nam conreſponde ideia alguma certa; nem ſe-podem intender. Finalmente a tudo iſto ou falſo, ou duvidozo recorre, para provar uma coiza certiſima. Eſte é o modo, com que os Peripateticos ſe-ſervem das-experiencias. quando polo contrario deviam buſcar ſomente a experiencia, e o que nela é certo: pondo de parte, toda a eſpeculaſam impertinente, e mal fundada.

Quem nam ſegue eſta eſtrada, perde o ſeu tempo. Nós nam temos conhecimento imediato das-naturezas: unicamente temos dois meios, para o-conſeguir, obſervar as propriedades: e ver ſe, mediante alguma rezoluſam, podemos chegar a conheſer os principios, de que ſe-compoem eſta ou aquela entidade fizica. Eſte deve ſer o primeiro emprego do-Fizico, obſervar, e diſcorrer. Nam devemos querer, que a natureza ſe-componha, ſegundo as noſas ideias: mas devemos acomodar as noſas ideias aos feitos, que obſervamos na-natureza. Eſte é o grande defeito do-Peripato. preocupados com a ſua Materia, Fórma, e Privaſam, julgam, que ſam capazes de diſputarem, em toda a materia. crem poder explicar tudo, com aquelas expreſoens; e tudo embruſham com elas. Se eu diſeſe a um omem, ainda de muito boa preceſam, que um relogio era compoſto, de Materia, Fórma, e Privaſam: a materia, era um ente indiferente para todas as formas: a fórma, outro ente incompleto, que contraie a materia, para uma determinada eſpecie: a privaſam, a falta da-antiga fórma, que ſe-partio, quando ſe-introduzio eſta prezente: que intenderia eſte ouvinte com toda eſta explicaſam? Deſpois de eu ter arengado um dia inteiro, acharſeia como no-principio, e juſtamente me-pediria lhe-explicáſe, que coiza era relogio. Suponha V. P., que nam eſtamos longe deſta ſupoziſam. Cada compoſto natural, tem mais artificio, que um dos-noſos relogios, que tocam menuetes. Dos-viventes, é tam manifeſto, que ſerá ſuperfluo provalo. das-pedras, deve-ſe formar o meſmo conceito, principalmente deſpois que o doutiſimo Boile moſtrou, que a eſtrutura das-pedras preciozas, é compoſta de folhas ſutiliſimas, de figura geometrica. Onde quem nam conſidera os compoſtos naturais, como artificios de Deus, ou zomba, ou é cego: e quem, reconhecendo iſto, ainda aſim diz, que o artificio ſe-explica, com materia, fórma, e privaſam; é totalmente louco.

Se os omens quizeſem depor os prejuizos, e ſervir-ſe dos-ſeus olhos, reconheceriam a verdade, do-que aqui aponto. mas a preocupaſam nos-Peripateticos é tal, que nam lhe-deixa abrir os olhos, para ver o que devem. Que importa que Ariſtoteles, ou todos os Filozofos da-Grecia diſeſem, que o Ar era leve; ſe eſtou vendo experiencias, que provam, que é pezado? Que im-

porta

porta que digam, que a Luz é uma qualidade, diſtinta de todo o corpo; ſe me-moſtram efeitos, que me-obrigam a dizer, que é um corpo? Que importa que os Eſcolaſticos afirmem, que a organizaſam de um vivente, ſam acidentes, que rezultam da-fórma ſuſtancial; ſe eu vejo, que é um perfeito artifício, que nam tem nada que fazer, com a fórma, poisque exiſte partida a dita? ſe eu vejo, que a circulaſam do-ſangue, e outros umores, moſtra diſtintamente, que o corpo do-animal, é uma machina *idraulica* maravilhoza: a qual pode viver muito bem, ſem alma inteligente: e cuja vida em nada depende, do-conhecimento? Certamente que de nam conſiderar aſim o corpo, nacem todos os inganos: e deſpois que, poſtas de partes as preocupaſoens, comeſaram a conſiderar o corpo umano, como é em ſi, e examinalo mediante as leis do-movimento; tem-ſe deſcuberto coizas, que ſe-ignorávam.

Quero ainda ſupor, que eſes Filozofos, foſem os maiores omens do-mundo: nada diſo baſta, paraque eu nam ceda à evidencia, e deſpreze a ſua autoridade. Mas que ſouberam eſes Filozofos, em comparaſam do-que nós oje ſabemos? Os Socrates, Diogenes, Soloens &c. os Eſtoicos, e muitos outros, aplicáram-ſe ao Moral. mas que moral é o ſeu, para ſe-comparar com o noſo? Qualquer pobre molher Catolica, é infinitamente mais alumiada, doque nam era Platam: e ſabe mais verdades importantes, doque ele nam ſabia metafizicas. O ſaber entam, que a alma do-Omem era um puro eſpirito: que nós obrava-mos, por-um fim ſobrenatural: que o conhecimento deſte só podia ſer, a noſa maior felicidade: era conhecimento, que eſtava rezervado para um grande Filozofo; e ainda deſtes, rariſimo o-intendia, como devia ſer. mas iſto oje, ſabe qualquer menino. Nam falo do-modo de o-dizer: pois é certo, que aprendemos mais, em uma pagina dos-noſos livros bem eſcritos, doque em livros inteiros de Platam. Mas aindaque ſe-pudeſe comparar com o noſo Moral, nada diſto ajuda para a Fizica.

A Dialetica dos-Antigos, era muito diferente da-noſa. Os que melhor diſcorreram, como Socrates, nam ſe-afaſtáram muito, da-ſimplicidade do-noſo dizer. os que quizeram ſutilizar muito, como os Eſtoicos, e alguns Peripateticos, deram n'outro extremo, que era, a confuzam. Que ſemelhanſa tem a Logica de Ariſtoteles, com algumas modernas, que eu vejo? tanta como o dia, com a noite. O menos mao, que eu acho nos-Antigos, é o metodo. ſendo que falta a quazi todos. o pior, ſam as regras, que pola maior parte ſam inutiliſimas. Mas ainda o metodo é tal, que quem quizer, nam ſaber Logica, baſta que leia, polos livros dos-Antigos. Abra V. P. Ariſtoteles: e fico ſeguro, que deſpois de ler um dia inteiro, nam colherá coiza alguma boa. Eſtou certo porem, que, ſe ler alguma Logica moderna bem feita, intenderá o que diz, e poderá tirar ditames, nam só para a Filozofia, mas para toda a materia: e mui principalmente para formar, verdadeiro conceito da-Fizica.

Neſta pois, que adiantamento fizeram os Antigos? Diſputavám ſobre os-primeiros principios gerais. um dizia, que de agua: outro, que de terra: e outro,

outro, que de fogo ſe-compunham todas as coizas: e niſto paravam. Democrito paſava entre eles, polo primeiro Fizico. Deſpois dele, Ariſtoteles: que nos-tratados particulares, nam ſe-afaſta das-ſuas opiniões: e Epicuro, que o-ſeguio em tudo. Mas que ſabiam eſtes omens? Ariſtoteles aplicou-ſe às obſervaſoens. conheceo, que era neceſario, intender as leis do-movimento, para poder conhecer a natureza: e melhor o-deo a intender, tratando nos-livros *de Phyſico auditu*, do-movimento, e ſuas eſpecies. Mas alcanſou por-ventura as leis do-movimento, para explicar os efeitos particulares? nada menos, porque tal nam conſta dos-ſeus eſcritos. Epicuro tambem diſe, que tudo ſe-compunha de atomos, que ſe-moviam aſim, ou aſim. diſe muita coiza boa, para aquele tempo; mas quando quiz entrar, nas coizas miudas, nam explicou efeito algum natural, dando a verdadeira razam dele.

Todos eſtes omens merecem louvor, por-aquilo que nos-deixáram eſcrito: e porque chegáram a conhecer alguma coiza, que nós oje temos demonſtrada: e talvez nos-indicáram a eſtrada em outra &c. Eu acho nos-antigos Filozofos, eſpalhados alguns penſamentos, que nós oje recebemos como certos: mas ſem metodo, ſem razam, ſem demonſtraſam; e, pola maior parte, por-via de conjetura. Contudo iſo nam ſe-devem comparar, e muito menos preferir, aos noſos Filozofos modernos. Eles nam tinham os Teleſcopios, para obſervar os aſtros: os Engiſcopios, para os inviziveis: e os mais inſtrumentos ſem numero, de que o metodo moderno enriqueceo a Fizica. Todas eſtas machinas ou ſe-inventáram no-ſeculo paſado, ou neſte prezente: e todos os dias ſe-vam inventando. E que utilidade nam rezultou, deſtas experiencias? que dezenganos nam temos alcanſado, mediante eſtas obſervaſoens? As leis do-movimento, que, ſegundo Ariſtoteles, ſam achave para penetrar os-ſegredos da-natureza; oje eſtam demonſtradas: e mediante as ditas, explicam-ſe muitos efeitos, deque ſe-ignorava a cauza. Antigamente os Filozofos nam viam nos-animais ſenam aquilo, que podem obſervar os carniceiros: nas arvores, aquilo que ſabem os carpinteiros: nam tinham mais conhecimento das-plantas, doque pode ter um jardineiro: nem dos-metais ſabiam outra coiza, ſenam o que ſabe um fundidor. Mas oje os Filozofos, ſazem anatomia em todas eſtas coizas: e explica-ſe a diſpoziſam organica, de muitas deſtas partes, como ſe-explica, a diſpoziſam de um relogio. Eſte modo de examinar a natureza, tem aberto os olhos aos Filozofos: e tem-lhe moſtrado, que da-diſpoziſam machinal de varias partes, dependem alguns movimentos, que ſe-atribuîam a cauzas ocultas. Oje conhecemos mui bem, a fabrica do-coraſam, e, mediante eſte conhecimento, podemos explicar, todos os ſeus movimentos: o que ignoravam os Antigos: aindaque confuzamente ſoubeſem, que avia um principio de movimento. Finalmente, eſtam oje cheios de noticias utis: quando até aqui, só tinham conceitos impertinentes, e expreſoens mui confuzas, de que nam ſe tirava doutrina alguma. Nam quero com iſto dizer, que os que obſervam a natureza, tenham clara ideia, das-eſencias das-coizas: eſtou mui longe diſo. Conheſo,

que

que muitas coizas, ſe-tem deſcuberto: mas que muitas mais, ficam por-deſcobrir, rezervadas para os noſos vindoiros. O que digo é, que eſte mejo é o unico, para deſcobrir a verdade: com eſta circunſtancia de mais, que ou nos-deſcobre a verdade; ou nam nos-lizongeia, com uma ciencia mentiroza: pois nele claramente ſe-diſtingue, o que é verdadeiro, daquilo que é veroſimel, e que é falſo.

E, na verdade, nunca pude ſofrer eſtes, que ſe-ſervem de palavras pouco uzuais, e inteligiveis: nem diſtinguem o verdadeiro do-falſo; o claro do-duvidozo: mas recolhem-ſe ao ſagrado de certas palavras, como os Ebreos a ſua Cabala, e os Egicios às ſuas Cronicas: e até parece, que tem medo de ſe-explicar. Eſte é o comum vicio dos-Ariſtotelicos. toda a ſua Fizica é miſterio. ſam altiſimas contemplaſoens, cubertas com o veo, de palavras pouco comuas, e fóra do-ſignificado uzual. Se V. P. traduz em bom Portuguez, uma opiniam Peripatetica, perde amétade da-ſua forſa: ſe a-chega a explicar, e lhe-pede a razam de cada parte, perde-a todo. Que ſorte de Filozofia é eſta, que nam ſe-pode explicar! Quando eu nam tiveſe outra razam mais, que ver quanto é neceſário, para intender os livros Peripateticos; iſto baſtava, e ſobrava, para deſprezar tal metodo, e tal doutrina. A Fizica nada mais é, que as conſequencias, que tira a razam, dos-efeitos naturais. e eſtas, devem-ſe explicar deſorte, que, os que tem juizo as-intendam. Eu logo ſuſpeito mal de um omem quando vejo, que buſca rodeio de palavras, para me-perſuadir alguma coiza. Se a razam é boa, nam neceſita adornos: ſe o-nam-é, nam ſe-deve uzar na Fizica, nem em nenhuma ciencia. Se eu falo a um omem, em *materia*, *fórma*, *e privaſam*; *atos primeiros*, *e ſegundos*; *aſoens edutivas &c.* iſto é uma ſelada tal, que eſtou certo, nam intenderá palavra. Polo contrario, ſe lhe-aponto, ou moſtro as experiencias, que ſe-fizeram neſta, ou naquella materia, e lhe-explico as conſequencias, que daqui ſe-tiram; cuido, que me-á-de intender: e, ſe for omem, que ſe-aplica, facilmente ſe-capacitará, do-que lhe-digo. Por-eſte principio, digo da-Fizica, o que ja diſe a V. P. da-Logica, que Fizica, que nam ſe-intende, deve-ſe deſprezar: e coizas, que nam ſe-provam, nam ſe-devem admitir. O Fizico deve falar claro: propor as ſuas razoens, em qualquer lingua, deſorteque todos o-intendam: e ſobre tudo, deve eſtar tam advertido, nas provas que recebe, que ſejam como a moeda corrente, que corre em todo o paiz.

Mas ainda neſte particular, devo advertir a V. P. que á grande diverſidade, entre uns, e outros Modernos. Os primeiros que ſacudîram o jugo de Ariſtoteles, como Cartezio, e Gazendo, aindaque foſem Anti-Ariſtotelicos nos-fundamentos, muito ſe-inclinavam ao Peripato, no-metodo. Viam-ſe obrigados, a dar razam de tudo; porque os Peripateticos, com quem brigavam, os-obrigavam a iſo. e como nós nam tenhamos, tal conhecimento das-coizas naturais, que poſamos dar razam de tudo; por-iſo, para fazer o ſeu ſiſtema veroſimel, ſe-valeram do-metodo ariſtotelico, que, pola maior parte,

funda-

funda-ſe em ſupoziſoens, e nam em provas. Por-iſo os Cartezianos, e Gazendiſtas, aindaque ſe-chamem modernos, porque ſe-fundam nas experiencias; contudo ſam Filozofos ipoteticos; que é o meſmo que dizer, maos Filozofos: porque ſupoem muitas coizas, que nam provam. Deſpois, rafinando os omens, os ſeus penſamentos, e achando, que nam ſe-deve admitir nada ſem prova; deſprezáram todas as ipotezes, e uniram-ſe à experiencia, e ao que dela ſe-tira: Antes quizeram confeſar, que ignoravam muitas coizas, que dar razoens, que nada valeſem. Foi grande protetor deſte metodo, o famozo Newton nos-fins do-ſeculo paſado. Deſpois diſo, admitio-ſe nas Academias de Londres, Pariz, Leopoldina, de Berlino, de Bolonha, de S. Petroburgo &c. deſorte que eſte é o metodo, que oje corre entre os doutos. Nam ſe-admitem ja ipotezes: nam ſe-faz cazo, do-que nam ſe-prova concludentemente: poem-ſe os olhos na experiencia; e procura-ſe dar razam provavel, daquilo que ſe-ve. Os que nam ſe-tem internado, neſta ſorte de eſtudos, e nam tem lido o que devem, julgam os modernos todos, pola meſma medida: uma vez que falem em Cartezio, ou Gazendo, a todos chamam modernos: como mil vezes obſervei neſte Reino. Até aqui os Religiozos, que ſeguiam a *moderna*, quazi todos eram Gazendiſtas, e muitos Cartezianos. Oje o metodo de Cartezio, quazi nam tem ſequazes: o de Gazendo, ainda exiſte em parte. mas muitiſimos Regulares ſeguem a eſtrada modernisima: cujo numero cada vez ſe-aumenta mais. Os Seculares que intendem, comumente ſam Newtonianos.

Eſte é o ſiſtema moderno, nam ter ſiſtema: e só aſim é que ſe-tem deſcuberto alguma verdade. Livre de paixam, cada Filozofo propoem as ſuas razoens, ſobre as coizas que obſerva. as que ſam claras e certas, abraſam-ſe: as duvidozas, ou ſe-rejeitam, ou ſe recebem no-grao de conjeturas, em quanto nam aparecem outras melhores: aſim é, que ſe-forma o corpo da-doutrina. Eſtes Peripateticos quando ouvem dizer, que um omem nam tem ſiſtema, nem autor determinado, a quem ſiga; fazem grande galhofa. Mas niſo meſmo moſtram, nam ſaberem que coiza é Fizica: porque ſe o-ſoubeſem, deveriam eſtimar, quem ſe-vale do-ſeu juizo, e nam quem o-cativa. O fim do-Fizico é, deſcobrir a verdadeira cauza, dos-efeitos naturais. e para conſeguir eſte fim, nam deve fazer cazo, do-que dizem os outros: ſim, do-que moſtra a experiencia. E como nas obras das-Academias publicas, e dos-ſeus membros, ſe-expoem ſimplezmente, o que ſe-tem obſervado; e, quando muito, ajuntam-ſe algumas conjeturas as mais veroſimeis; deſtes livros deve ſervir-ſe o Fizico, que nam tem comodidade, para fazer as experiencias. V. P. nam ignora, que para fazer aquelas experiencias, requer-ſe muito dinheiro, muito juizo, muito tempo, muita paciencia, e muita gente. Ali ſe-acham obſervaſoens, feitas em diferentes materias, e diferentes partes do-mundo, e com deſpezas increiveis: de que nam é capaz um só omem. Alem diſo, ali nam á perigo, que aleguem uma coiza falſa, por-verdadeira: porque, primeiro que ſe-publiquem, ſam viſtas e reviſtas, e aprovadas, polo corpo da-Academia. coitadinhos deles, ſe alega-

ſem

sem falîo: fairiam logo mil criticas,que os-dezazariam. E asim me-perſuado, que as ditas obras, devem-ſe conſiderar, como o melhor tezoiro da-Fizica. No-que virá V. P. a reconhecer, que grande ſervisso fazem ao publico os Principes, que fundam, dotam, e protegem ſemelhantes Academias; e remunera os que ſe-aſinalam neſtes eſtudos! fazem tam grande utilidade ao publico, que nam á louvor, nem agradecimento que os-iguale. Mas, tornando ao meu argumento, digo, que a Fizica ſe-deve procurar, nos-livros deſtes inſignes omens, que com tanto cuidado, inveſtigáram a natureza. Mas aqui advirto logo, que ſeria ſuperfluo, empregar-ſe neſte eſtudo, ſem ter primeiro, os requizitos neceſarios: quero dizer, ſem ter primeiro eſtudado, Geometria, e Aritmetica. Para perſuadir a V. P. eſta propoziſam, baſtará trazer-lhe à memoria, que coiza é Fizica.

A Fizica, é a ciencia que examina, a natureza do-Corpo, e Eſpirito, mediante os efeitos que conhecemos. Do-Eſpirito nam é agora queſtam, ſim do-Corpo. Os corpos tem propriedades gerais, e particulares: e eſta dependem daquelas. Deſorte que para conhecer bem, os fenomenos corporeos, e ſuas cauzas, é neceſario primeiro ſaber, que coizas ſam comuas a todos os corpos, para as-ſeparar, das-que ſam particulares de diferentes corpos. Para iſto é neceſario, formar verdadeira ideia do-Corpo: e, pondo de parte todos os prejuizos, examinar, qual é a natureza daquilo, a que todos conſtantemente chamam, *Corpo*. Certo é que nós nam conhecemos claramente nos-corpos, ſenam extenſam, impenetrabilidade, figura, e mobilidade. Eles podem ſer outra coiza muito diferente, e ſeria temeridade negalo, ſe uma autoridade infalivel o-afirmaſe. mas devendo-ſe iſto determinar com a luz da-razam, nam podemos com verdade afirmar, que conheſamos outra coiza mais, que a dita. Onde para julgarmos, que conheſemos alguma coiza bem, é neceſario, que a-poſamos explicar, ſegundo as coizas, que claramente intendemos: como fazemos a um relogio, que ſe-abre; e no-qual ſe-ve o movimento, e figura de cada parte. A ideia de corpo aſim formada, nos-conduz a examinar diferentes coizas, que ſam neceſarias, para bem intender, o que é corpo. Porque da-*Extenſam*, paſamos à *Divizibilidade*. da-*Impenetrabilidade*, paſamos à *Dureza*, *Denſidade abſoluta*, *Porozidade*, *Raridade*, e diverſidade de corpos, nacida da-meſma, ou diverſa figura das-particulas.

Das-outras particulas da-ideia de corpo, *Figura*, e *Movimento*, nace outro exame principal, que ſe-deve fazer, ſobre o corpo. Todo o corpo é limitado, que é o meſmo que dizer, é *figurado*: reprezentando aredor diverſas ſuperficies; as quais,como comprendem todo o corpo,conſideram-ſe como limites dele: que é o meſmo que dizer, que conſtituem a medida, de toda a maſa, ou mole do-corpo. Ora é certo, que da-dita grandeza da maſa; depende e ſe alcanſa, a quantidade das-forſas dos-corpos. De que fica claro, que, para conhecer as forſas corporeas, é neceſario o conhecimento das-ſuperficies; que é o meſmo que dizer, é neceſaria a Geometria. Quem pois quer indagar,

as forsas dos-corpos, deve conhecer, a velocidade do-movimento do-corpo movel, e a sua grandeza. E como a grandeza do-corpo, dependa da-sua superficie; daqui vem, que quem quer saber, as forsas dos-corpos, deve medir as superficies, e a velocidade do seu movimento. Ora é certo, que o Fizico deve conhecer, as forsas dos-corpos: das-quais rezultam todos os efeitos, que se observam na natureza, como mostrarei: e como as tais forsas, se-deduzam da figura, e movimento; deve o Filozofo saber conhecer uma, e outra: saber as suas propriedades, mostralas &c. o que requer totalmente a Geometria. Desta é inseparavel a Aritmetica: em que, na era prezente, necesariamente se-compreende a Algebra: que é uma Aritmetica literal, mediante a qual se-facilitam as demonstrasoens, e se-descobrem muitas coizas que antigamente se-ignoravam; e algumas nam se-sabiam provar. Com estas preparasoens, é que o Fizico poderá mostrar, as leis, e propriedades do-movimento: sem o conhecimento das-quais, nam se-pode dar um paso na Fizica.

Com que a Geometria, e o Calculo; é achave mestra de toda a Fizica, e Matematica. Com elas mostra o Fizico, as leis do-movimento dos-corpos: a asam mutua dos corpos duros, e elasticos: e compreende tambem o movimento de gravidade tanto absoluta, como equilibrada, a que chamamos *Mecanica*, ou *Statica* &c. Com elas explica as leis dos-corpos fluidos, a que se-chama *Idrostatica*, *Idraulica*: segundo as coizas que considera: como tambem a concorrencia dos-solidos com os fluidos: Noticia indispensavelmente necesaria, para intender o movimento dos-fluidos nos-tubos, e tambem nos-vazos do-corpo umano: o que tudo se compreende, debaixo desta palavra, *Mecanica*. Creio, que V. P. nam me-negará, que o conhecimento destes fenomenos, seja proprio do-Fizico, por-ser coiza bem manifesta. o que admetido uma vez, deve conceder, que, sem a Geometria, e Aritmetica, a que chamamos, Matemati-Simplez, nam se-podem conseguir. Alem diso, V. P. nam ignora, que aquilo a que chamam, *Matematicas Mixtas*, como a Mecanica, Statica, Idrostatica &c. Astronomia, Optica, Perspetiva, Geografia, Gnomonica &c. sem a Matematica Simplez, nam se-podem intender: motivo por-que comumente sam tratadas, polos Matematicos. Mas por-pouco que V. P. refleta sobre iso, achará, que nada mais sam, que conhecimentos fizicos, examinados com os principios da-Metamatica Simplez; e que devem pertencer à Fizica. A coiza é tam evidente, que os mesmos Peripateticos, em parte a-confesam: vistoque eles tambem tratam, dos-sistemas dos-Ceos, das-orbitas dos-Planetas &c. Outros, dam alguma ideia da-Geografia: e estes meios modernos, tambem tratam dos-fluidos solidos &c. E nam se-podendo isto saber, nem separar, em modo algum, da-Geometria, &c. fica claro, que a Fizica requere absolutamente, a Matematica.

A prova melhor disto é, abrir os livros, nos-quais se-reconhece a verdade. v.g. Intendem os Peripateticos, que a Astronomia, é verdadeira Matematica. A Astronomia porem, nada mais faz, que explicar os fenomenos dos-Ceos,

que

que nós vemos digo, os movimentos dos Planetas, e como nam pode explicar iſto, ſem ſaber as propriedades dos-triangulos, e linhas curvas; porque eſtes é que enſinam, a nam errar nos-raciocinios; daqui vem, que lhe-chamam Matematica. Mas eſta meſma razam milita, na Fizica. Explique-me V. P. a aceleraſam do-movimento de um grave, que caie perpendicularmente, ou por-um plano inclinado: ou que penetra um fluido: ou qualquer outro fenomeno natural: nam poderá dar perfeita razam diſto, ſem os principios da-Matematica. motivo tambem porque digo, que a Fizica diſcurſiva, é Matematica Mixta. Nela a experiencia, reputa-ſe por-*Dato*: e o raciocinio, é deduzido da-Matematica, que enſina a nam errar nos-diſcurſos. Onde, quem ſepára uma coiza da-outra, contrarcia a boa razam, e tambem os antigos Filozofos: entre os quais Matematico, e Fizico, ſignificava o meſmo; como V. P. pode obſervar, na iſtoria da-antiga Filozofia. Eſta ſeparaſam de Fizico, e Matematico, entrou nas eſcolas ſomente, nos-ſeculos da-ignorancia; e eſpecialmente deſpoisque os Peripateticos reduzirem a Fizica, a uma mera eſpeculaſam impertinente: na qual certamente nam tem lugar a Matematica. Porem os antigos Filozofos, eram igualmente Matematicos. Chamam-ſe uns Filozofos, outros Matematicos, olhando para as coizas que eſcrevèram: porque alguns eſpecialmente eſcrevèram, ſobre a Geometria, Seſoens Conicas &c. e daqui naceo o ſimplez titulo de Matematico. Mas, tornando ao cazo.

Quando a Matematica, nam foſe totalmente neceſaria, para a Fizica; ſeria neceſaria, na prezente providencia: pois, ſem ela, nam é poſivel, intender os livros, dos-melhores Filoſos modernos, e os ſeus raciocinios, que ſe-fundam na Geometria: mediante a qual, provam o que propoem; ou mediante a Algebra, que é um metodo ainda mais curto. Onde; como eſtas duas ciencias ſam as que deram, e vam dando, luz à Filozofia, ſem elas, é ſuperfluo entrar na Fizica. Tem alem diſto a Geometria a propriedade de acoſtumar o intendimento, a nam admitir ſenam aquilo, que é evidente: e em certo modo, ſerve de nova Logica, para a Fizica. Em muitas Univerſidades, coſtuma-ſe explicar Geometria, e Aritmetica, antes da-Fizica, pola meſma razam. O certo é, que ninguem contraſta eſta perrogativa, a eſtas duas ciencias. Nelas diſcorre-ſe com tanta evidencia, que fica o intendimento plenamente ſatisfeito: e enche-ſe a memoria de verdades evidentes, que ninguem pode negar: com as quais ſe-exercita a diſcorrer bem, em todas as materias. Platam intendeo muito bem eſta verdade, quando pregou na porta da-Academia, eſte edito: *Nullus Geometriæ expers intrato.* Os Pitagoricos, de quem Platam o-aprendeo, praticavam o meſmo: e muitos outros tanto da séta Jonica, como Italica. O meſmo Ariſtoteles declarou, nam ſer apto para a Filozofia, quem nam ſabia Matematica. Mas, ſem buſcar exemplos remotos.

A Fizica nam recebeo augmento ſenam, deſpoisque a-comeſáram a tratar os Matematicos. Galilei, Cartezio, Gazendo, Hobbes, os dois Paſcoais, o P. Merſeno, Borelli, Torricelli, e outros grandes Filozofos, que nos-prin-

cipios do-feculo paſado, reſtablecèram a Fizica; foram os maiores Matematicos do-ſeu tempo: e a alguns deles devemos, o aumento da-Geometria, e Algebra. Deſpois, Huygens, Montmort, e outros que promovèram conſideravelmente a Fizica; foram tambem os que moſtráram, como ſe-pode aplicar a Algebra, a queſtoens provaveis. Deſpois, Newton, os dois Bernoulli, Cheyne, o Marquez do-Oſpital, e outros famozos omens, que, nos-fins do-ſeculo paſado, introduziram, o verdadeiro metodo de filozofar, foram tambem os que levantáram a Matematica, àquele degrao de perfeiſam, em que oje ſe-acha: inventando, ou iluſtrando o calculo *integral*, e *diferencial*, com o qual excedemos muito aos Antigos inventores da-Matematica, na facilidade, e nos-deſcobrimentos. Alem diſto, os que fundáram as Academias Experimentais, eram famoziſimos Matematicos: e os que as-cultivam, ſam o meſmo. Deſorteque, entre os omens doutos, querer ſer Fizico, ſem Matematica, é erezia.

Moſtra tambem a experiencia, quanta utilidade ſe-recebe dela: porque os rapazes, que tem alguma tintura deſtas doutrinas, fazem mui diferente progreſo na Fizica, que todos os outros. o que é tam manifeſto, que quem oje quizeſe duvidar diſto, reputarſeîa louco. Nam digo, que deva ſaber eſtas coizas, como Newton, ou Leibnitz, ou Bernoulli &c. o eſtudante que quer ſomente, intender os livros, e nam quer, deſcobrir novos problemas &c. nam neceſita tanto. Baſta ſaber bem Geometria: o que pode fazer polo P. Tacquet, com as notas de Whiſton: quando nam intendeſe o Francez, e Italiano: porque neſte cazo, acharia algumas breves, e bonitas, vulgares. Deve alem diſo ver, os Teoremas de Archimedes: e o tratado das-Seſoens Conicas do-P. Grandi, com as notas de Caneti, que ſam claras: aindaque as do-P. Orlandi, parece-me que ſam mais claras, e facis. Para a Aritmetica, baſta o meſmo Tacquet, no-tratado que fez dela, em que dá as demonſtraſoens; com o ſuplemento de Nicolao de Martino, que é a melhor ediſam. Antes ſerá neceſario, que o eſtudante ao principio deixe, muitas coizas menos neceſarias, que ſe-acham nele; e ſaiba ſomente as principais. Em falta deſta, o P. Paolino de S. Joze, compoz uma Latina, breve, e clara: e o meſmo compoz uns elementos Latinos de Algebra, bons para principiantes, porque ſam claros. A Algebra, nam é tam dificultoza, como muitos imaginam; principalmente a quem ſomente quer, intender os autores: mas é ſumamente neceſaria: porque todos ſe-ſervem oje dela, para provar com brevidade, e facilidade: e ainda na Geometria demoſtram com Algebra. E ſerá ſuperfluo, procurar bons livros, quem nam tem eſtes principios: porque para eſte omem, cada regra ſerá um enigma. Onde perſuado-me, que quem o-nam-tem feito antes da-Logica, deve-o fazer imediatamente antes da-Fizica, ou junto. Quem pois, tiveſe ja alguma ideia da-Matematica, ou tiveſe algum meſtre, que lha-explicaſe; podia ſervir-ſe dos-5 tomos de Matematica do-Wolfio; que faz um curſo inteiro, e é o melhor, e mais moderno. Eſte autor porem nam é para todos: porque diz muito em poucas palavras; e requer voz viva do-meſtre: por iſo o advirto.

Para

Para as Seſoens Conicas, é mais claro, aindaque mais difuzo, o Marquez do-Oſpital: mas eſcreve em Francez.

Creio, que quando V. P. aqui chegar, terá alguma dificuldade, neſta minha propoziſam: talvez porque nam eſtá acoſtumado, a ouvir eſte novo metodo: mas tenha por-certo, que nam á mais verdade que iſto. Àbra os livros dos-melhores Filozofos modernos, de Huygens, Newton, com os comentarios de Jacquier, e le Sueur, de' Sgraveſande, Muſſchenbrock, Manfredi, &c. e outros ſemelhantes a eſtes, que ſam eſtimados de todo o mundo ciente; ou alguma das-Coleſoens das-Academias; e achará, que, para ſe-dar razam certa das-coizas, recorrem logo à Matematica. O meſmo Purcocio, que é Carteziano de pés, e cabeſa, eſtava tam perſuadido diſto, que la poz na ſua Fizica, uma ideia da-Geometria: aindaque ſeja coiza ridicula. Mas nam receio, que V. P. tenha dificuldade em ſe-capacitar: de quem duvido muito é, do-P. * * ou algum deſtes Catoens Peripateticos, que tem quazi por-biaſfemia dizer-ſe, que a Matematica, é neceſaria para a Filozofia. O pior é, que alguns omens doutos em outras materias, caíram neſta ſimplicidade. Certamente o P. Belleli, que foi Geral dos-Agoſtinianos, omem mui douto na Teologia, como conſta dos-ſeus livros; tinha eſta erezia na cabeſa. Falando com ele algumas vezes, nunca lhe pude perſuadir eſta verdade. Fora Peripatetico nas eſcolas, e deſorte bebèra a tal doutrina, que eſtava impoſibilitado, para intender o cazo. Mas cá em Portugal, em que eſtes conhecimentos ſam raros, achará V. P. muitos Bellelis. Contudo iſo eu creio, que nam tem razam: porque do-que alguns praticam, podiam outros tomar regra. Os doutos Jezuitas obrigam os ſeus Filozofos, a irem trez dias na ſomana ouvir, alguma explicaſam de Euclides. E aindaque deſpois, nam faſam uzo dele, porque o ſeu metodo de filozofar, nam o-permite; contudo, moſtram a boa intenſam, e podiam ter ſequazes.

Sei, que a maior parte dos-Profeſores deſte Reino, conſideram a Matematica, como alheia da-Fizica: e quando ouvem falar em Matematico, logo lhe-proguntam, ſe-áde chover, ou fazer bom tempo: confundindo loucamente, as conjeturas de alguns maos Fizicos, e piores Aſtrologos, com a verdadeira Matematica. E ja aſiſti a umas concluzoens de Matematica, em que, vendo-ſe o defendente obrigado, a moſtrar o que dizia, com uma figura; gritou o arguente: *Que bixaroco é eſe? tire para la iſo.* O auditorio aplaudio muito eſte dito: mas eu tive compaixam de uns, e outros. tal é a ignorancia deſtes paizes! Os meſmo Jezuitas, que conhecem a ignorancia deſte Reino, quando fazem concluſoens de Matematica, ſempre lhe-introduzem, queſtoens de *Materia prima*, e outras da-ſua Fizica: porque, ſem iſto, nam tem arguenteś. E finalmente, nunca vi concluzoens de Matematica, em que nam ouveſem rizadas. deſorteque vam às ditas concluzoens, como quem vai à comedia: porque intendem, que ſam ridicularias, que só ſervem para divertir.

Naverdade nam ſei, ſe á coiza mais vergonhoza, doque um omem, que

ſobe

ſobe à cadeira, e tem nome de Meſtre em Artes, nam ſaber, que cóiza é um Angulo, ou Retangulo: nem poder explicar dificuldade alguma, que da-Matematica ſe-tire. Muito diferentemente o-intendia um douto Jezuita, que era o P. * * Eſte omem me-diſe algumas vezes, que, tendo tomado alguma ideia da-Geometria na mocidade, em todos os ſeus eſtudos reconhecèra, a neceſidade que tinha dela: e que ſempre chorava o tempo, que nam empregára nela. Acrecentava, que, ſe dependeſe dele, daria outro metodo às eſcolas: e faria ſem duvida, que a-eſtudaſem antes da-Fizica.

Tendo pois o eſtudante viſto a Geometria, e Aritmetica, tenho que fazer outra advertencia. antes que entre na Fizica. Digo pois, que devemos diſtingnir, duas ſortes de eſtudantes. Se ele nam eſtudou Filozofia alguma, em tal cazo devem-lhe dar, uns Elementos de Fizica, de que neſte ſeculo acham-ſe alguns Latinos bons. Se o eſtudante foi primeiro Peripatetico, neſte cazo, o primeiro paſo deve ſer, mandar-lhe ler algumas iſtorias, das-melhores experiencias, que ſe-tem feito em toda a Fizica; ſegundo a ordem das-materias. Sei, que as melhores ſam em vulgar: mas muito ſe-pode tirar, dos-livros Latinos (*). Eſta leitura é o melhor conſelho que ſe-pode dar, a um Peripatetico:

(*) *Neſte particular ſó temos dos-Antigos Ariſtoteles, e Plinio: os quais, aindaque bons para os ſeus tempos, nada valem no-noſo, e eſtam cheios de infinitas fabulas.*

Dos-modernos, as melhores obras de obſervaſoens, ſam as ſeguintes. Memorias da Academia das-Ciencias de Pariz. *deſde o ano* 1666, *em que ſe eſtableceo, até* 1739. *publicou tomos* 54. *em* 8. *em lingua Franceza. Tem alem diſo a* Iſtoria da-dita Academia, *eſcrita por-Du-Hamel em Latim, e começa no-ano* 1665. *até o ano* 1698. *em* 4. = Tranzaſoens Filozoficas de-Regia Sociedade de Londres. *confirmada em* 1662. *a qual deſde o ano* 1665. *até* 1732. *publicou* 34. *volumes em* 4. *em Inglez.* Lowthorp *compendiou toda a obra, em* 3. *tomos Inglezes. Os primeiros trez tomos deſta obra, ja ſe-acham em Latim: e ultimamente em Napoles começáram a tradúzir eſta obra em Italiano. começa em* 1720. *até* 1730. = Experiencias da-Academia del Cimento em Florenſa. *ſam Italianas. fol.* 1667. = Academia de Petersbourg. *que começou em* 1725. *até* 1744. *tem publicado* 13. *tomos em* 4. *ſam Latinos.* = Miſcelanea Curioſa Medico-phyſica Curioſorum Naturæ. *Começou em* 1670. *que a-confirmou Leopoldo, até* 1742. *tem* 32. *volumes em* 4. = Acta Eruditorum Lipſiæ. *começáram em* 1682. *e ſempre ſe-continuam, dando todos os anos um tomo em* 4. *Aqui ſe-acham, entre outras coizas, algumas de Fizica boas. Tem-ſe feito o compendio deſta obra, recolhendo ſomente, o que pertence à Fizica; e tirando tudo o que era ſuſpeito na Fè. eſta coleſam faz-ſe em Veneza. Acham-ſe mais outras Academias, mas de menor conſideraſam.*

Alem diſo nos-Diarios, que ſe-tem publicado, e publicam, encontram-ſe frequentemente beliſimas coizas, pertencentes à Fizica: folhas volantes, diſertaſoens a vulſas de infinito

tetico : dizengana muito : perſuade muito : e impede muitas repetiſoens. Nem pode dezagradar uma iſtoria deſtas , na qual nam á paixam , ou intereſe , o que ſucede nas outras , encobre muitas coizas , e altéra outras. naquelas achani-ſe muitas falſidades : neſtas ſomente verdades obſervadas , e a provadas por-todos. A meſma diverſidade das-materias agrada : e experimenta-ſe um particular goſto , em reconhecer a origem de muitas coizas , que todos os dias eſtamos obſervando ; e que talvez nam advertimos ; ou , ſe advertimos ignoramos. Tem mais

to preſo. Apontarei alguns : outros acham-ſe facilmente.

Diario dos-Sabios. *comeſa em* 1665. *até* 1743. *tomos* 131. *em* 12. *Francez.* Diario dos-Eruditos de Italia. *comeſa em* 1710. *até* 1740. *tomos* 44. *em Italiano.* = Bayle, Republica das-Letras. *em* 1684. *até* 1709. *tomos* 46. = Iſtoria Critica da Republica das Letras. *Uterch* 1712. *ambos Francezes.* = Memorias de Trevoux. *em* 1701. *até* 1744. *tomos* 132. *Franc.* = Memorias Literarias da-GranBretanha 1714. *até* 1744. *tomos* 40. = Jurnal Literario. *na Haja , Francez.* 1713. *ate* 1732. *tom.* 19. *em* 12. = Biblioteca Germanica : *ou , Iſtoria literaria de Alemanha &c.* 1720. *até* 1740. *tomos* 50. = Biblioteca Univerſal, e Iſtorica. 1686. *até* 1692. *tom.* 22. Joam le Clerc = Biblioteca Selecta. 1703. *até* 1713. *ſam tom.* 26. *eſta é o ſuplemento da-antecedente : ambas Francezas.* = Biblioteca Antiga , e Moderna *do-meſmo* Clerc , *para o ano* 1714. = Biblioteca volante. 1697. *tom.* 5. *em* 8. = Racolta , ou Coleſam de Opuſculos Cientificos , e Filologicos. *Veneza* 1728. *ate* 1744. *tomos* 36. *em* 12. *Italiano.* = Diario dos-Eruditos Ultramontanos: *traduzido do-Francez.* 1722. *até* 1744. *tomos* 260. = Reflexoens ſobre as Obras de Literatura. *em* 1738. *até* 1740. *tom.* 12. *Franc.* Biblioteca Italica , ou Iſtoria Literaria de Italia. 1728. *até* 1733. *tom.* 18. *Franc.* = Biblioteca Diſcurſiva das Obras dos-Doutos de Europa. 1728. *até* 1743. *tomos* 31.

Alem deſtes, acham-ſe outros Diarios , que agora nam me-ocorrem : e outros que todos os dias ſe-publicam novamente , em varias partes de Italia , e Franſa. e Olanda &c. : que é bom ſabelos , e buſcalos , para nas ocazioens ter promtas aquelas diſertaſoens , que neles ſe-acham. A verdade porem é que eſtes , que temos apontado , ſam os melhores , e mais buſcados. mas todos os dias podem aparecer coizas novas : e é bom , ter noticia delas.

Dos-autores particulares no-ſeculo paſado , acham-ſe trez omens grandes , antes da-abertura das-Academias. O primeiro foi , Bacon de Verulamio : *deſpois o* P. Merſeno : *o terceiro* , Roberto Boyle : *que eſcreveram bem , e em Latim. Tambem no-fim do-dito ſeculo , eſcreveo bem* Leeuwenhoek : *que publicou as ſuas obſervaſoens em* 4. *volumes de* 4. *Latinas : alem de alguns outros. Neſte prezente ſeculo decimooitavo , è que tem aparecido , iſtorias de obſervaſoens Fizicas maravilhozas : mas quazi tudo em linguas vulgares. Deſorte que poſo dizer , que das Latinas , acham-ſe algumas , que tem boas obſervaſoens : mas nam temos ainda em Latim , um corpo inteiro , digno de ſe-ler.*

mais outra circunstancia, que nam pede estudo cansado: porque nam sendo especulasoens, facilmente entram, e se-conservam; nem é necesario decora-las, pois basta telas lido, e sabelas procurar na ocaziam propria.

Ora um tal estudo, persuade muito, nam com orasoens estudadas, mas com a evidencia: e dezengana muito. Porque vendo eu, que a agua na siringa, sobe polo pezo do-*Ar*: vendo, que o *Ar* tem uma forsa elastica prodigioza, e consequentemente, peza mui bem; quando ouso dizer ao Peripatetico, que o *Ar* é sumamente leve: que a *Agua* sobe por-medo do-vacuo: nam tenho necesidade de lhe-responder, mas com uma rizada, lhe-dezato o argumento. Da-mesma sorte, mostrándo-me, que a cor da-tintura do-*Chá*, da-*Ourina* &c. provèm das-particulas que nadam no-fluido; separadas as quais, o fluido fica transparente como primeiro; fico dezenganado, que, quando o Peripatetico me-diz, a sua costumada arenga das-qualidades, diz uma puerilidade. Alem diso, mostrando-me a experiencia, que muitas doenças provèm, de uma quantidade de bichos insensiveis &c. v. g. a *farna* &c. quando me-falam em qualidades ocultas, devo rir-me: pois conheso muito bem, que só me-curará aquele remedio, que matar os ditos animais. E isto, intendido uma vez, impede cem mil repetisoens, que seriam necesarias, no-metodo contrario. Esta, como digo, é uma leitura necesaria ao Filozofo, que foi Peripatetico; para o-dezenganar, e poupar todos os momentos uma bulha, que se-devia originar, sobre cada fenomeno natural. Os que porem nam sam prejudicados nesta materia, utilmente a-podem, e devem ler, junto com a Fizica. porque como nos-Compendios de Fizica, em que se-discorre; as esperiencias supoem-se, ou só brevemente se-apontam; esta noticia nam dá, quanta erudiam é necesaria. E asim pode o Fizico, nas oras menos ocupadas, ler aquelas experiencias, que correspondem à materia, que atualmente estuda. digo, o que nam foi Peripatetico: porque o que o-foi, deve primeiro lela. Com este conselho, curei algumas pesoas, daquela geral doensa que padecem os Peripateticos, de contradizerem tudo, e quererem raciocinar onde nam devem; e persuadi-lhe, (o que eles nunca puderam intender) que nem tudo se-pode saber na Fizica. E quanto a mim, seguro a V. P., que este metodo, me-utilizou muito. Aquelas noticias excitáram-me a curiozidade, de fazer algumas experiencias, ou para me-dezinganar, ou para me-satisfazer: e confeso ingenuamente, que semelhante estudo abrio-me os olhos, melhor que os longos raciocinios. De ler o que os outros fizeram, quiz eu tambem experimentar: e descobri algumas coizas, que certamente nam tinha lido. de sorte que pasando no-campo, ou em algum jardim, e ainda dentro da-Cidade, fiz algumas observasoens, que nam foram infrutuozas, e deram-me maravilhozos ditames. Desta sorte (diz um omem douto, que tambem falava por-experiencia) quando um Fizico observa a natureza, acha-se Filozofo por-divertimento.

E aqui, ocorre-me advertir outra coiza a V. P. que o omem, que em Portugal quer saber Filozofia bem, estava para dizer, que o-nam-pode fazer, sem

sem intender Francez, ou Italiano: porque neſtas duas linguas ou ſe-compoz, o que á melhor, ou nelas ſe-acha traduzido, o que outras Naſoens compuzeram. Poucos omens eſcrevem oje em Latim: porque os Modernos, perſuadîram ao mundo uma coiza, que os Peripaticos nunca intendêram; vem aſer, que, para ſer bom Filozoſo, nam é neceſario ſaber Latim. Cuido, que ja em outra carta adverti a V. P. ſer eſte o defeito comum deſte Reino. todos afetam explicar-ſe em Latim: e com tanto falar Latim, é coiza digna de admiraſam, que tam poucos ſaibam Latim. Eu ſou um dos-mais apaixonados, por-eſta lingua: e intendo, que um omem verdadeiramente douto, deve ſabela com perfeiſam, para ler os belos modelos da-Antiguidade, na lingua original. Muito mais, porque nam á coiza mais bela, que ſaber falar e eſcrever bem Latim: nam só para eſcrever cartas; mas para orar em publico entre os doutos, e intender os autores, que tratáram varias faculdades. Mas no-meſmo tempo conheſo, que para ſer douto, nam é precizamente neceſaria. Tudo o melhor da-antiguidade, ſe-acha oje traduzido em Francez, Italiano, e alguma outra lingua. Os meſmos poemas Epicos de Virgilio, e Omero; como os de Lucrecio, Oracio, Terencio &c. tudo iſto eſtá oje traduzido em verſo Italiano elegantiſimo, e alguns em Francez &c. As Oraſoens e obras Retoricas de Cicero, de Plinio &c. e as ſuas epiſtolas tambem eſtam traduzidas. Os Iſtoricos Latinos, e Gregos. Deſorteque, poſo ſer bom Poeta, Iſtorico, Retorico, Orador, ſem ſer Latino. O meſmo digo da-Logica, Geometria, Algebra &c. tudo iſto temos em Vulgar. Na Fizica, tem praticado o meſmo: quazi todos oje compoem em Vulgar. A Teologia Dogmatica, acha-ſe em Vulgar: porque a Eſcolaſtica traduzida, perde a ſua forſa. Os prolegomenos, e aparatos Biblicos, os comentarios da-Eſcritura, tambem os-temos em Vulgar: como V. P. pode ver no-P. Calmet, que é o melhor comentador literal, que até aqui tem aparecido. As Leis temos oje em Francez, ou Italiano. A meſma pratica delas, acha-ſe em Italiano, como V. P. pode ver, no-*Doutor Vulgar* do-Cardial de Luca. Deſorteque na prezente era, podemos ſaber muito, ſem ſaber Latim.

Sei, que em Portugal pratica-ſe o contrario, com tanto empenho, que quem defendeſe umas concluzoens de Filozofia em Portuguez, perderia o conceito. Quando nam ouvem *ergo*, e *atqui*, com todos os termos Arabios, nam ficam conſolados. Chega iſto a tal extremo, que quem eſtuda polo *Larraga*, ou *Felix Poteſtas* em Portuguez, perde o conceito na opiniam de alguns Moraliſtas. E diſe-me peſoa de autoridade, que certo autor compuzera um deſtes livros, com eſte titulo: *Cazos de moral em Portuguez, para os Clerigos basbaques deſte Arcebiſpado*: e que ſe o S. Oficio, nam lhe-riſcava o epiteto, *basbaque*; ſe-imprimia aſim. Reconheſo, que aos Clerigos é precizo, ſaber Latim: mas nam lhe-chamaria basbaques, ſe nam o-ſabendo, ſoubeſem outras coizas. Condeno ſim, a leitura do-Larraga, e outros tais Moraliſtas: nam por-ſerem em Portuguez, mas por-ſerem maos livros, e perigozos. O certo é, que os Filozofos Gregos, nam eſcrevêram em Arabio, nem em Caldeo, mas em Gre-

go: o meſmo fizeram os Romanos: o meſmo os Arabios. Onde, digam o que quizerem os Portuguezes, é ſem duvida, que ſpodemos ſer omens mui doutos, ſem ſaber Latim.

Mas, tornando à Fizica, todas as Naſoens cultas tem-na eſcrito, na ſua lingua. Olandezes, Tudeſcos, Inglezes todos eſcrevem em Vulgar. Mas quazi tudo iſto, acha-ſe oje traduzido em Francez: e, ſe ajuntamos as muitas obras Francezas, que neſta materia aparecem todos os dias; vem daqui, que a lingua Franceza ſeja oje neceſaria, e quazi vulgar das-Ciencias: deſorteque quem a-nam-fala, polo menos intende-a. Os noſos Italianos, que até aqui aprendiam o Francez, para lerem as tais obras; picados diſto, comesáram tambem a eſcrever em Vulgar, paraque os Francezes aprendeſem a noſa lingua: como proteſta o Valiſnieri nas ſuas obras. Alem diſo, traduzîram em Italiano, tudo, ou quazi tudo o que ſaie em Francez, para utilidade de-Italia: como tambem muitas coizas Inglezas. E como nam me-conſta, que os Francezes &c. traduzam na ſua lingua, os noſos livros; por-eſte principio me-perſuado, que a noſa lingua, é oje a mais rica deſtes monumentos; porque tem os ſeus, e os alheios. Sei, que algumas coizas ſe-tem traduzido em Latim, mas pouco. onde quem oje quer ver, o que ſe-tem compoſto, é neceſario que intenda, ſalguma daquelas linguas. O eſtudo, como ja diſe, nam é tam dificultozo, e é de ſuma utilidade. Mas quando nam ouvése outro remedio, podia-ſe procurar algum livro Latino, que ſupriſe a iſto. Verei; ſe me-lembro de algum melhor, e o apontarei, querendo V. P. mas, para lhe-dizer o que intendo, nam ſam dos-que mais me-ſatisfazem.

Tendo feito eſtas preparaſoens, deve o eſtudante paſar para a Fizica: buſcando nam autorès difuzos, mas breves, e que exponham com boa ordem, os elementos da-Fizica. Para falar niſto como devo, ſeria neceſario, fazer um Curſo de Fizica: e aſim, apontarei ſomente a ordem: o mais, deve-ſe procurar, nos-autores que a-tratam. Se V. P. tiveſe o Curſo de Fizica, daquele * * * em que ja lhe-falei, eſcuzava eſtas explicaſoens: porque ali, acha-ſe diſpoſto tudo, como deve ſer. Mas, como nam tem noticia deſte manuſcrito, direi o que me-ocorre, aindaque vareie alguma coiza do-metodo da-dita Fizica. Parece-me, que é mui natural o ſeguinte.

Deve o eſtudante comeſar, polos principios univerſais. E primeiro, examinar a natureza da-Materia: nam ſegundo as ideas metafizicas: mas ſegundo as ideias que temos daquilo, a que todos chamam, *Materias* ou *Corpo*. Deſpois, explica-ſe o que ſe-intende por-*Fórma*. poſto o que, devem-ſe explicar, as propriedades da-Materia, eſpecialmente a divizibilidade. Tem logo lugar examinar, quais eram os principios dos-outros Filozofos, como Democrito, Epicuro &c, onde ſe-examina tambem o Vacuo, Materia ſutil &c.

Paſe daqui a examinar as coizas, que convem a todos os corpos, a que chamam propriedades. Primeiro, a natureza do-movimento local, ſuas *propriedades* &c. movimentos compoſtos, e curvas qûe nacem deles. movimento de

gravi-

gravidade : onde ſe-examinam os principios de Monſieur *Newton*, de Monſieur de *Mairan*, e os principios da-*Statica*, os diverſos movimentos dos-graves que caiem : a comunicaſam do-movimento, e os principios da-*Dinamica*. Segue-ſe examinar, os movimentos dos-fluidos, e deſcobrir, os principios da-*Idroſtatica*. conſiderar bem, os movimentos dos-fluidos, tanto nos-tubos, como fóra : ſua reziſtencia : e os fenomenos que dependem, da-gravidade do-Ar.

Deſpois diſto, examinam-ſe, as diferentes conſtituiſoens dos-corpos, das quais nacem aquelas coizas, que nós chamamos *ſenſaſoens*, a ſaber, corpos Calidos, Frios, Duros, Elaſticos, Fluidos, Moles &c. Sabores, Cheiros, Sons, e ſuas eſpecies, com as conſonancias muzicais &c. Particularmente ſe-deve conſiderar a Luz, e ſuas propriedades : ſua refraſam nos-vidros : reflexam nos eſpelhos : vizam directa, reflexa, refracta : e a natureza das-Cores : em que á muito que dizer.

Iſto poſto, antes de examinar as coizas em particular, examinará o Mundo geralmente. Primeiro a Eſfera : deſpois os Tempos : logo os diferentes ſiſtemas, de *Tolomeo*, de *Copernico*, as órbitas dos-Planetas, e o de *Tico Brahe*. Viſtos eles todos, deve determinar, qual deles ſe-deve abraſar : examinando fundamentalmente, as razoens de *Newton*, de *Cartezio*, de *Leibnitz*. Deſpois trata-ſe das-eſtrelas Fixas, das-Errantes, e dos-Cometas.

Segue-ſe o globo terreſte. E primeiro, os Meteoros umidos, ſpirantes, igneos, emfaticos. Deſpois o fluxo e refluxo do-mar, ſegundo as opinioens de *Galilei*, *Walis*, *Cartezio*, e *Newton* : determinando, qual parece mais provavel.

Deſpois diſo, examinam-ſe as trez eſpecies de corpos, que á na terra. primeiro, os Minerais : deſpois, os Vegetais : e em terceiro lugar, os Animais brutos. Deſpois o Omem : conſiderado primeiro, ſegundo os orgaons, e machina do-corpo, que é a Anatomia : deſpois, ſegundo a origem das-paixoens, e forſa da-imaginaſam. Mas neſtas duas partes de Vegetais, e Animais, é neceſario, ter grande advertencia, de ſe-conformar em tudo e por-tudo, com as experiencias modernas : porque os Antigos, ignoravam algumas deſtas coizas.

Parece-me, que eſta ordem de compreender a Fizica, é natural. Nam condenarei porem, quem a-nam-ſeguir em tudo : mas quizer ſeguir, a ordem do-Toſca, ou do-Purcocio &c. com tantoque nam lhe-ſiga as opinioens : pois, como diſe, aqueles livros, e outros ſemelhantes ſam, os que nam devem eſtudar os rapazes : pois tem mil ſupoziſoens falſas, e enſinam muito mao goſto de Filozofia.

Tendo examinado a natureza dos-Corpos, deve examinar, a dos-Eſpiritos. Deve pois o eſtudante, ſeguindo o meſmo metodo, provar a exiſtencia, e eſpiritualidade da-noſa alma. tendo advertencia de fugir, quanto pode, as ſupoziſoens : porque é uma materia mui melindroza, na qual ; quem nam admite provas ſem replica, perde o ſeu tempo. A razam diſto é, porque avendo

tantos omens que negam, a eſpiritualidade da-alma, é neceſario eſtar muito advertido nas provas: porque, ſem iſo, nam ſe-podem convencer. antes pode ſervir de impedimento, para provar a exiſtencia de Deus. Iſto para os Peripateticos, é pior que lingua da-China. Comumente recebem eſte ponto, e nam o-provam: pois todas as ſuas provas ſe-reduzem, a ſupoziſoens, e metafizicas pouco ſofriveis, que ſe-desfazem com grande facilidade: como V. P. pode obſervar, nos-livros deſtes vulgares Peripateticos. Onde deſtes, ninguem ſe-deve ſervir. Nem menos dos-Cartezianos, ou Ganzediſtas em tudo: porque tambem ſupoem muito. O verdadeiro metodo, é o ſeguinte.

Provar, que á uma coiza em nós, que conhece, e quer: e que eſta nam é corpo. A primeira parte, é evidente: a ſegunda prova-ſe, comparando as propriedades do-corpo, com as do-intendimento: e deſcobrindo a diverſidade em ambas. Eſte argumento, ſe o-ſabem dilatar bem, é de tal evidencia, que perſuade. Feito iſto, nam ſe-deve demorar com examinar, ſe os intendimentos todos ſam da-meſma eſpecie: iſto é advinhaſam. Nem menos deve diſputar, ſe as potencias ſe-diſtingam da-alma: ſe á *verbum mentis*, eſpecies inteligiveis, e outras deſtas arengas. Iſto é uma rapaziada, originada polos prejuizos dos-Peripateticos; que nam tem lugar, quando os omens argumentam com razoens: pois fóra da-opiniam Peripatetica, é evidente, que nam ſe-pode fazer tal progunta. Unicamente tem lugar, expor o modo, com que a alma conhece, e paſa de um conhecimenro para outro ſemelhante: a que chamamos *diſcurſo*. Mas tudo iſto por-conjeturas, viſtoque neſte particular nada temos de certo. E aqui tem lugar, outras duas queſtoens: examinar, ſe o que dizem os Peripateticos, dos-conhecimentos diſtintos do-intendimento, ou dos-abitos diſtintos, a que chamam, *naturezas mere facilitantes*; ſeja verdade. Nam, porque iſto em ſi tenha dificuldade, ou utilidade alguma; mas paraque, examinando bem os argumentos dos-Peripateticos, fique novamente perſuadido, que, a quem nam admite os ſeus prejuizos, nam fazem forſa ſemelhantes fundamentos. Quanto aos abitos de Fé, e Eſperanſa, e Caridade, Graſa Santificante, Lume da-Gloria, e outras virtudes eſpirituais; pertence à Teologia moſtrar, que ſe-explicam maravilhozamente, e mais conforme aos SS. PP. ſem tais fórmas diſtintas: como em outra parte inſinuei.

Deſpois, deve provar o outro ponto eſencial, que vem aſer, que eſte principio inteligente, que em nós experimentamos, é de tal natureza, que pode querer, uma coiza, ou a ſua contraria: ao que chamamos *liberdade*, no-ſentido comum. Eſte ponto é mais facil de provar, doque a eſpiritualidade: mas nam tam facil, que nam tenha contra si, alguns Filozofos modernos, de muito bom nome. E aqui, tendo intendido, que coiza é *voluntario*, e *livre*; nam deve em modo algum demorar-ſe com exeminar, ſe a liberdade, é intrinſeca ao ato, com outras ridicularias deſtas; que ſam palavras ſem ſignificado: nem menos deve proguntar, por-que ſe-determina a vontade: porque iſto intende-ſe melhor, quando ſe-nam-explica. Eſtes ſam os dois pontos principais neſta materia, Eſpiritualidade, e Liberdade.

Alem

Alem diſto, pode-ſe conſiderar a alma, no-eſtado de uniam com o corpo. E como ſuponho, que o eſtudante terá examinado, no principio da-Fizica, em que conſiſte a uniam da-alma eſpiritual, com o corpo; nam tenho que lhe-repetir. Tambem nam ſe-deve canſar em examinar, ſe a alma é fórma do-corpo: e ſe em cada omem, ſe-acha uma só alma. Porque alem de que iſto, eſtá defenido pola Igreja; é evidente, que o que nos-faz ſer omens, e diſtinguir dos-que nam ſam omens, é eſte principio inteligente: no-qual ſentido ſe-deve chamar, forma do-Omem. E como nam á razam alguma para dizer, que no-Omem aja duas almas; tambem iſto, ſem falar nas provas, reputa-ſe, por-principio evidente. Tambem é ridiculo examinar, ſe a alma eſtá em todo o corpo, ou só na cabeſa: nam avendo certeza alguma neſte particular. Se niſto tem lugar as conjeturas, deve dizer-ſe, que eſtá ſomente na cabeſa: aſimcomo nam á duvida alguma, que ſomente na cabeſa intende. Se a alma ſeparada eſtá violenta: ſe fala: ſe ſe-move: ſam queſtoens que diſputam os Peripateticos com grande calor: mas ſam coizas, que totalmente nam ſe-devem diſputar: pois ou ſam mui claras; ou tam oſcuras, e inutis, que perdemos o noſo tempo falando nelas. O que ſupoſto, ſomente ſe-deve examinar, ou explicar com alguma probabilidade, que a alma ſe-chama fórma do-corpo, porque o-governa, e dirige, e ele lhe-obedece, quando ela manda. polo contrario o corpo, chama-ſe *comparte* da-alma, porque a alma nam recebe os primeiros conhecimentos, ſenam dependente do-corpo: e ſente, e conhece tudo, o que o corpo lhe-prezenta. O fato é certo: e baſta pouca reflexam, ſobre as noſas operaſoens, para o-conhecer e intender. Porem como iſto ſe-faſa, e ſuceda, iſo é o que nós nam ſabemos explicar, ſenam por-conjetura: e nenhuma parece mais veroſimel, que aquela que o-explica, mediante a lei eſtabelecida entre o corpo, e alma.

Iſto é, quanto pode ſaber um Filozofo, dos-Eſpiritos criados. Quanto ao tratado dos-Anjos, nam pertence ao Filozofo: ſendo certo, que nenhuma razam natural, quanto mais demonſtraſam, perſuade, que ajam Anjos. Aſim que ſomente, por-meio da-revelaſam, ſabemos, que os-á: e ſomente por-ela podemos ſaber, o que lhe-compete. Tudo o mais que podemos conjeturar é, que ſe entre o omem, e o mais eſtupido animal v.g. a oſtra; á tanta diverſidade de vivantes, uns dos-quais conhecem mais, doque outros; entre o meſmo omem e Deus, é veroſimel, que ajam outros entes, mais perfeitos *in infinitum* &c. Mas iſto nam tem mais forſa, que de conjetura. Onde nam ceſo de admirar-me, que muitos, debaixo do-eſpeciozo nome de Filozofos modernos, introduzam na ſua Metafizica Real, uma longa diſputa ſobre os Anjos; fundada em textos da-Eſcritura, e razoens de conveniencia, e veroſimilidade: que tem tanto que fazer, com a Filozofia, como o Gran-Turco, com o Papa. O certo é, que eſtes omens prevertem, a ordem das-coizas: nam ſendo proprio da-Fizica, ſe nam o que ſe-alcanſa, com a luz da-razam. Mas de paſagem direi a V. P. que o dito tratado dos-Anjos, eſtá cheio de infinitas ridicularias:

e na-

e nada mais é, que uma advinhaſam, indigna de omens prudentes. Quando provaſem, que á Anjos: que tem diverſas gerarchias: que tem aparecido aos omens: que Deus ſe-ſervio deles, para muitas coizas: e permetio, que fizeſem outras: é tudo o que, com verdade, podemos ſaber dos-Anjos. Examinar como falam: como ſe-movem: e outras coizas deſtas, é puerilidade: e queret falar em uma coiza, de que nam ſabemos nada. Mas na Teologia reconhecerá V. P., a nenhuma utilidade do-dito tratado.

Finalmente deve o Filozofo examinar, a exiſtencia do-eſpirito incriado, cauza e principio de todas as coizas. Eſte deve ſer, o principal empenho do-Filozofo, pois eſte é o fundamento, de toda a Filozofia, e religiam: e tudo ſe examina, com a luz da-boa razam. Nenhum dos-Peripateticos prova eſte ponto; mas ſupoem-no: viſtoque as provas que dam ſam tais, que moſtram ſupolo, e nam provalo. Eſte ponto, como V. P. ſabe, ſoi ſempre, ainda por-noſos pecados é, debatido entre alguns Filozofos: pois em todos os ſeculos, ſe-acháram omens, que procuráram eſcurecer eſta verdade: e ainda no-paſado, ouveram alguns ingenhos ſublimes, que eſcrevèram largamente, contra eſta materia: e arraſtáram muitos, para a ſua parte. Eſtas diſputas foram cauza que viſemos, que o modo, com que até aqui nas eſcolas ſe-provava, a exiſtencia da-Divindade, nam era o verdadeiro: e era expoſto, a mil reſpoſtas, pois era fundado, em mil ſupoziſoens. Devo dizer a V. P. que aindaque eſta verdade, ſeja tam clara, contudo ainda até aqui, nam ſe-acháram provas, que a-puzeſem longe de toda a objeſam, e tapaſem a boca aos Ateiſtas. Mais facil é moſtrar; que os argumentos deles nada valem; doque perſuadir-lhe, que os noſos ſe-devem admetir. Mas, para abreviar, digo, que o metodo que me-parece mais proprio, e eficaz, é eſte. Provar primeiro, que eſte Mundo foi criado *in tempore*: pois ſe o-admitimos eterno, perde-ſe a melhor razam para provar, que á um Deus. Deſpois, moſtrar que eſte tal Mundo, nam foi feito cazualmente; mas com ſuma advertencia, e por-alguma cauza inteligente. Em terceiro lugar, que eſta cauza inteligente, nam pode ſer materia, mas é algum ente ſeparado da-materia. Em quarto lugar, que nam só o Mundo foi feito *in tempore*, por-uma cauza inteligente, que nam é materia; mas que foi feito de uma materia temporal, nam eterna: quero dizer, de uma materia criada com o meſmo mundo. Eſta ſerie de propoziſoens, vi em uma obra bem moderna: e achei, que era neceſaria: porque alguns concedem umas, e negam outras razoens. Mas deſta ſorte, ſam todos obrigados a reconhecer, que exiſte uma cauza inteligente, que nam é materia; a qual produzio nam só o Mundo, mas a meſma Materia. Provado iſto, fica claro, que á Deos: porque iſto queremos ſignificar, por-eſta palavra, *Deus*.

Deſpois, tem lugar provar, que eſta tal cauza nam só criou, mas ainda oje governa o Mundo: ao que chamamos, ter providencia do-Mundo: Alem diſo, que nam ſam duas, mas uma só. Eſtes dois pontos, provam-ſe com os meſmos fundamentos: e ambos, em quanto pertencem ao Teologo, ſeguem-

ſe

se da-existencia de Deus: principalmente provada, do-modo que apontamos. Onde, deve o estudante procurar, alguma outra prova, mais como confirmasam das-ditas, que como provas novas.

Posto isto, pode mostrar brevemente, que aquela tal cauza, deve ter muitas propriedades singulares: deve ser livre, omniciente, omnipotente &c. o que tudo se-infere, de ser a primeira cauza, e nam ser feita por alguma outra. Isto, basta ao Filozofo: o restante, estudará na Teologia.

Tenho exposto em breve a V. P. o que é Fizica, e o modo com que se-deve estudar, e ordenar um curso de Fizica. Digo porem agora, antes que pase adiante, que este estudo, que parece cansado, pode-se fazer com muita facilidade, avendo metodo. Ponho por-maxima fundamental, que em dois anos pode o estudante, ver toda a Filozofia, do-modo que digo. No-primeiro ano, pode o estudante, aindaque seja perguisozo, estudar Geometria, Aritmetica, e ter alguma ideia de Algebra. Nam cuide V. P. que peso muito: conheso rapazes, que em dois mezes estudáram os Elementos de Euclides: e intendo, que em quatro mezes pode sabelos muito bem, quem nam fizer outra coiza. A Aritmetica é mais facil, que a Geometria: em um mez, se-pode saber perfeitamente: posto o que, facilmente se-intende a Algebra: porque, alem de ser uma Aritmetica literal, do-que tem de particular, pode-se dar bastante ideia em um, ou dois mezes, para poder intender os livros: porque para sabela perfeitamente, quer-se muito mais tempo.

Mas, para naru amofinar os rapazes, com a especulasam seca da-Matematica; parece-me mais proprio, unir os estudos, como fazem em infinitas partes da-Europa, e principalmente em Italia: e a experiencia mostra, que produz mui bom efeito. No-primeiro ano, que ensinam Logica, todas as menhans explicam uma ora, Matematica. Em um mez, se-acaba a Aritmetica, e nam só as regras principais, mas tambem as particulares: mas nam podendo ser em um mez, seja em dois. Acabada a Aritmetica, entra-se com a Algebra, uma ora cada menhan: a qual, nam se-podendo acabar nese ano, continua-se no-seguinte da-Fizica. E de tarde, nese primeiro ano de Logica, a primeira ora é de Geometria.

No-segundo ano, que é de Fizica, pratica-se o mesmo. Pola menhan a primeira ora, Algebra: de tarde a primeira ora, Sesoens Conicas, Problemas de Archimedes &c. No-restante do-tempo, digo, da-lisam, explicam a Fizica. Onde, em dois anos, acabam o curso de Filozofia. Mas, quando nam sepudese, nos-Estudos Publicos, acahar nestes dois anos, podiam prolongala até a metade do-terceiros ano: e na ultima metade outra meteria.

Nem paresa maravilha, dizer eu a V. P. que, estudando pola menhan Aritmetica, ou Algebra, e de tarde Geometria; com tudo iso posa acabarse a Logica nese ano. porque como a verdadeira Logica nam embarasa os rapazes, com disputas de coizas claras; mas simplezmente as-propoem, e explica bem; daqui vem, que se-percebe melhor com a conversasam de omens doutos,

tos que com o eſtudo. E ſe o meſtre ſabe expor os documentos com clareza, e veſtilos de algum exemplo ſenſivel; pode enſinar mais Logica, em uma converſaſam, doque outros nam fazem, em um ano. Em certa parte de Italia, me-pedio uma peſoa grande, que deſe alguns documentos de Logica a um ſeu filho: e lhe-enſináſe, de que livros ſe-podia ſervir. Na primeira converſaſam, que eu tive com o dito filho, adverti logo, que tinha frequentado um eſtudo publico, em que certos Religiozos tinham-lhe enchido a cabeſa, de mil eſpeculaſoens e prejuizos. Neſte cazo, para livrar o rapaz de prejuizos, e moſtrar ao pai, que dezejava, e ſabia ſervilo; ſem me-obrigar ao nome de meſtre, ſegui uma eſtrada de enſinar Logica, que a V. P. parecerá nova, mas para ele foi muito util. O metodo foi eſte. Aconſelhei ao pai, que fechaſe todos os livros, e manuſcritos, que o rapaz tinha: e nam lhe-deixaſe, uma só folha de papel eſcrito. Comecei pois a converſar com o rapaz, e em cada converſaſam fui-lhe dando liſoens, tanto mais eficazes, quanto eram ſenſiveis: pois nas meſmas converſaſoens que tinhamos, e reſpoſtas que ele dava, lhe-moſtrava eu evidentemente, o artificio da-verdadeira Logica. Com eſta circunſtancia de mais, que aprendia no-meſmo tempo, a formar juizo critico; em toda a materia: pois eu nam deixava paſar propoziſam, ainda das-ſuas meſmas, ſemque lhe-progunta-ſe o motivo, e chegaſe com ele a deſcobrir, a verdadeira origem do-raciocinio. Converſava-mos duas, e trez tardes na ſemana, ſegundo ſe-oferecia. Tive eu cuidado, de comeſar por-divizoens gerais, e facis de ſe-intenderem: deſpois, paſei às mais particulares. E ordenava deſorte as minhas converſaſoens, que a ſeguinte entroncá-ſe com a antecedente: e com eſta ocaziam pedia-lhe conta, do-que lhe-tinha explicado antes. A converſaſam nam era ſempre em caza, mas muitas vezes paſiando polo campo. Deſta ſorte paſados trez mezes, ſabia o rapaz mais Logica, doque o meſtre que primeiro lha-enſinára. No-fim dos-trez mezes aconſelhei, que compraſe uma Logica moderna bem feita: e a-leſe ſegundo as reflexoens que tinhamos feito: e notáse as particularidades, que eu nam pudera dizer na converſaſam. Deſte modo ſaio bom Logico, em breve tempo. Ele me-confeſou ingenuamente, que ao principio, formára mao conceito do-meu metodo: mas com andar do-tempo, ele meſmo ſe-maravilhou, do-progreſo que tinha feito. Eſquecia-me dizer, que quando eu o-deixava, eſcrevia a liſam que eu lhe-dava: o que lhe-aconſelhei, cazo mais que nam tiveſe memoria.

Com ſemelhante metodo, enſinei a uma Senhora Logica: e a-introduzi na Fizica. e, o que mais é, enſinei-lhe Latim, por-um metodo totalmente novo, que talvez algum dia explicarei a V. P. Agora digo ſomente, que nam eſtudou por-Gramatica alguma: pois ſomente tinha as liſoens, que eu lhe-ditava, e ela eſcrevia. Deſorteque com a pena na mam, ſoube nam só Gramatica, mas boa Latinidade: e oje nas Belas letras, e Filozofia pode-ſe ouvir. V. P. perdoe a digreſam, que foi neceſaria para moſtrar, que eu nam pedia coizas que excedeſem, as forſas de um rapaz: principalmente quando tem cuidado,

do, de o-inſtruir com metodo. Onde torno a repetir, que quem nam tem eſtudado Aritmetica, deve eſtudala no-primeiro ano, e Algebra: e de tarde, Geometria, e Seſoens Conicas: poſta a qual coiza, a metade do-dito ano, baſta para a Logica. Muito mais, porque os preceitos dela, executam-ſe na Fizica, nas converſaſoens particulares, e em todos os diſcurſos: e aſim tem o eſtudante ocaziam, de os-trazer à memoria mil vezes. E iſo meſmo, é eſtudar Logica.

Segue-ſe a Fizica: a qual, a quem tem eſtudado o que digo, é faciliſima, e nam cuſta trabalho. Porque quando entra na Fizica, com o eſtudo do-Calculo, e Geometria, intende mais Fizica em um dia, doque outros em um mez. e vendo a aplicaſam da-Matematica Simplez aos fenomenos da-Fizica; intende a Matematica ſem trabalho, porque ve o fim paraque ſerve; e a Fizica com goſto, porque chega a reconhecer, as verdadeiras cauzas das-coizas naturais. Alem diſo, nas ferias deſe meio tempo, pode ler alguma iſtoria, das-obſervaſoens exatas que ſe-tem feito na Fizica; ou a iſtoria da-Filozofia Natural, que vale o meſmo. Seria muito util, que o eſtudante, aſimcomo vai lendo as materias, ſoſe tambem lendo as experiencias; conſagrando cada dia, uma ora a eſta leitura, ſeguindo a ordem das-meſmas materias. Nam é crivel, quanto eſte metodo facilite a precèſam da-Fizica: porque, ſabendo o que na verdade paſa na-natureza, as conſequencias que dali ſe-tiram, e o modo de as-explicar, mediante os principios da-Matematica, (em que conſiſte a Fizica) naturalmente ſe-oferecem, e entram no-juizo. Alem diſo, eſte eſtudo é a primeira parte da-Fizica: e aſim pareceme, que nam ſe-deve ſeparar dela. Contudo, nam condenarei, quem, eſtudando por-um bom curſo de Filozofia experimental, nam ler logo a iſtoria das-experiencias; mas quizer rezervala para as ferias, ou coiza ſemelhante.

Iſto é, o que ſe-me-oferece dizer por-carta. Reconheſo, que ſeria neceſario, apontar muitas rezoluſoens particulares, em materia de Fizica; para dezenganar o eſtudante, que nem tudo o que paſa, com o nome de Filozofia moderna, ſe-deve admetir. Mas iſo, ſeria fazer um tratado; e nam dar uma idea, como V. P. pedia. Creio porem, que tenho dito o que baſta, para um omem ſe-regular. Quem aſenta, em nam admetir ipotezes, mas ſomente o que ſe-prova claramente: e foge de toda a ſorte de livros de Peripateticos: e le as experiencias ſem paixam: e ſabe conſultar as obras das-Academias, e ſeus membros, em que as coizas ſe-expoem bem: Alem diſo, quem le por-Newton, Muſſchenbroek, S. Gravelande, De Martino, Keill, e outros Filozofos ſemelhantes; eſte omem, aindaque ſe-encontre com um Fabri, ou Toſca, ou Saguens ou Cordemoi, ou Regis &c. e outros modernos ipoteticos; ſaberá neles deixar o que deve: eſcolher o melhor: emendar algumas coizas: e finalmente, ſeparar o branco do-negro. Mas a melhor, e mais importante advertencia é eſta: que o verda-

deiro Filozofo deve perſuadir-ſe, que nós neſte mundo, ſabemos pouquiſimas coizas com certeza: e das-cauzas dos-efeitos naturais, ſabemos ainda menos: e que é melhor: ſaber pouco com certeza, que acumular conjeturas, e nam concluir nada. Proguntarmeá V. P. para que deixo a ſegunda parte do-terceiro ano vazia? eu o-direi em outra carta: que agora nam tenho tempo. Guarde Deus a V: P. &c.

CARTA

CARTA UNDECIMA.

SUMARIO.

MOſtra-ſe, que a Etica pertence legitimamente ao Filozofo. que è neceſaria, ao Juriſconſulto, e Teologo Moral. que è util, para todos os empregos da-vida. que è neceſaria, aos que ám-de ocupar alguns empregos. Apontam-ſe os defeitos que ſe-acham nos-Juriſtas, e Teologos, por-falta da-Etica. Particular neceſidade que tem dela os Nobres, para formarem conceito do-Vicio, e Virtude, e fazerem as ſuas obrigaſoens. Prejuizos de muitos Nobres, neſta materia: e modo de os-emendar. Dá-ſe verdadeira ideia, do-que é Etica, e ſuas partes. Aponta-ſe um modo breve de a eſtudar, com facilidade, e utilidade.

PROMETI a V.P. no-correio paſado apontar, em que ſe-devia empregar, a ſegunda parte do-ultimo ano de Filozofia: e a iſo ſatisfaſo agora. Digo pois, que ſe-deve empregar, na Etica: a qual, ſendo diſpoſta como deve ſer, pode-ſe eſtudar ſofrivelmente, nos-ditos ſeis mezes. Mas, para evitar confuzoens, explicarei primeiro o que digo. Nam intendo por-*Etica*, aquela infinita eſpeculaſam, que nam eſtablece maxima alguma util, para a vida civil, ou religiam; mas que paſa o ſeu tempo, em diſputar mil queſtoens curiozas, e ſuperficialmente toca as neceſarias: e, em lugar de moſtrar ao Omem as ſuas obrigaſoens, é cauza de perder tempo, com coizas ridiculas, e metafizicas ſumamente desneceſarias. O que intendo por-Etica è, aquela parte da-Filozofia, que moſtra aos Omens, a verdadeira felicidade: e regùla as aſoens, para a-conſeguir. Cicero (1) dá a Socrates o louvor, de ſer o primeiro que reduziſe as maximas do-direito natural, a corpo de doutrina. Seu dicipulo Platam, e Ariſtoteles, eſcrevèram neſta materia bem, em quanto à ſuſtancia. Cicero tambem o-fez famozamente, nos-livros *de Officiis* &c. e mais alguns. Os que a eſtes ſe-ſeguîram, tratáram pouco da-Etica: menos alguns Juriſconſultos inſignes da-Antiguidade, que muito bem ſe-ſervîram dela. Os mais modernos, cuidáram pouco niſo. Somente no-fim do-Seculo XVI. é que comesáram a reconhecer a neceſidade dela, para regular o juizo do-Omem, e facilitar a precèſam de muitas ciencias. No-ſeculo paſado, comesáram alguns, a eſcrever bem neſta materia. Contudo, muitos tratáram-na com tal eſpeculaſam, que com razam ſe-pode dizer, que é mais Logica, que Etica: defeito que condenam muito, os omens de melhor doutrina. Somente no-prezente ſeculo, é que ſe-comeſou a diſcorrer bem niſto.

(1) *A Socrate omnis, quæ eſt de vita & moribus, Philoſophia manavit.* *Cicer. Tuſcul. Quæſt. l. 3. n. 8.*

É certamente (como adverte bem o doutiſimo Muratori) os que tratam a Etica, com tanta eſpeculaſam, naõ intendem que coiza é Etica, nem paraque ſerve. A Etica, rigorozamente falando, deve ſervir de inſtruſam aos omens, em duas coizas principalmente. Primeiro, deve enſinar, em que conſiſte a ſuprema felicidade do-Omem. deſpois, explicar as virtudes, e o modo de as-conſeguir. E iſto, nam ſe-faz com eſpeculaſoens; e ſutilezas: mas com boas doutrinas, e ſolidas, expoſtas com clareza e facilidade. Sem duvida é coiza vergonhoza, que o Filozofo conheſa, como deve regular o juizo, para diſcorrer bem; ſaiba como pode alcanſar o conhecimento da-natureza; e ſomente ignore o fim, paraque foi criado, e qual é aquela felicidade, que ele procura, e à que todos aſpiram. Eſte omem nam pode fazer coiza alguma boa. Quem nam ſabe, para onde vai, nem que eſtrada ſeguir; forſozamente cairá, em infinitos precipicios. Polo contrario, quem ſabe o fim para onde deve ir, naturalmente deſcobre a eſtrada, que o-conduza para o dito fim: e reconhece as obrigaſoens, de quem quer encaminhar-ſe para ele.

Perſuadem-ſe muitos, que a Etica ſomente pertence aos Teologos, a que chamam Moraliſtas, ou Cazuiſtas: e com eſta opiniam, ſeparam-na da-Filozofia. Acháram, que S. Tomaz na ſegunda parte da-ſua Suma, trata da-Etica; e, ſem mais exame, intendêram, que ſe-devia tratar bem no-meio da-Teologia. Achei muitos deſta opiniam em Portugal, ainda dos-que ſe-chamavam meſtres. Mas ſemelhantes omens, julgam muito mal neſta materia, aſimcomo em muitas outras: e o menos mao que tem é, naim intenderem o que dizem. Conſiſtindo a Etica na coleſam de preceitos, que a luz de uma boa razam moſtra, ſerem neceſarios ao Omem, para fazer aſoens oneſtas, e tambem utis à ſociedade civil; pertence legitimamente ao Filozoſo. Alem diſo, os antigos Filozofos, que nos-deram os primeiros principios deſta ciencia, nam eram Teologos, nem Criſtaons, mas Etnicos. Aqueſtam do-Sumo bem, foi ſempre diſputada, polas melhores penas da-Antiguidade. Baſta ler, os livros *de Finibus bonorum, & malorum, de Marco Cicero*; para ver com que empenho era tratada polos Antigos. Academicos, Eſtoicos, Peripateticos, Epicureos todos trabalháram ſobre eſte ponto. A queſtam dos-diverſos *Oficios* ou obrigaſoens do-Omem, tambem ſe-diſputou mui bem. Panecio Grego, e Cicero Latino eſcreveram mui bem ſobre ela. Os Eſtoicos, tirando algumas ſutilezas de Logica, quazi nada mais faziam, que empregar-ſe na Etica, e por-ela regular as ſuas aſoens: cuja ſeta foi famoza na Antiguidade, pola inteireza da-ſua vida. Pois aindaque erraſem no-eſtablecer, qual foſe o Sumo bem; contudo, as aſoens externas da-vida, regulavam-nas com tal inteireza, como ſe o-tiveſem acertado. De que nos-ſuminiſtram bons exemplos, os dois Catoens, Seneca Filozofo, Epicteto, Marco Aurelio Antonio, e outros. Deſorteque ſendo a vida dos-mais ilultres Filozofos da-Antiguidade, um perpetuo exercicio de Filozofia; e ſendo as ſuas eſcolas, aquelas em que ſe-davam, beliſimos preceitos para a vida; loucamente ſepáram eſtes Peripateticos a Etica, da-Filozofia: e pouco con-

conformemente aos ſeus principios, pois o ſeu Ariſtoteles eſcreveo muito diſto.

Mas a principal razam, porque aconſelho ao principiante, eſtudar a Etica é, porque como vejo, que a maior parte deſtes moſos, paſam da-Filozofia, a eſtudar Juriſprudencia, ou Moral; em todos eſtes cazos acho, que é ſumamente neceſaria ao eſtudante, para formar verdadeira ideia dos-eſtudos: porque ela é a Logica da-Teologia Moral, e Juriſprudencia. Iſto nam intendem muitos, dos-que eſtudam uma e outra deſtas faculdades: mas eſta é a verdade. Sendo a Etica deduzida da-boa razam, excita nos-Omens, os principios do-direito natural: dosquais ſe-tiram as decizoens, dos-cazos particulares. A falta deſta erudiſam é cauza, que tanta gente erre neſta materia: porque poem infinita diſtancia, entre cada-uma deſtas leis. Mas a verdade é, que a Lei Divina, a Natural, a das-Gentes, ſam a meſma lei: toda a diverſidade eſtá, no-modo da-publicaſam. A Divina, foi publicada pola boca de Deus: a Natural, é a meſma lei Divina propoſta aos Omens, pola faculdade que a alma tem, de conhecer o bem: a das-Gentes, é a meſma lei Natural, poſta em execuſam por-Povos inteiros. Alem diſto, a lei Civil, e Ecleziaſtica, polo que reſpeita a oneſtidade das-aſoens umanas, é em tudo conforme à boa razam. Eſte é o motivo, porque Povos tam diferentes, de lingua, de paiz, de coſtumes, abraſáram o Direito Romano: por-ſer uma Filozofia Moral, reconhecida juſta, pola maior parte dos-Omens. Onde, diſe com razam Cicero (1), que eſtimava mais as leis das-XII. Taboas, que todas as bibliotecas dos-Filozofos. O certo é, que elas foram, e ſam eſtimadas, nam por-outro principio, ſenam por-ſerem racionaveis. e lei, que nam é deduzida da-boa razam, nam merece o nome de lei. A lei Ecleziaſtica. ja ſeſabe, que ſe-conforma em parte, com a Eſcritura, e Tradiſam, e em parte, com a Civil: onde fica ſuperfluo provar, que é racionavel.

Eſta é a conformidade das-leis entre ſi: a qual moſtra bem, a dependencia que tem da-Etica. Mas, falando eſpecialmente da-Etica a reſpeito da-Teologia Moral; é certo, que convem ambas em algumas coizas: porem diferem em outras. A Etica, e a Moral, tratam ambas do-Sumo bem, e das-infermidades do-animo: Diferem porem, porque a Teologia, tira as ſuas concluzoens das-verdades reveladas: a Etica da-razam. A Filozofia, moſtra a verdadeira felicidade, mas nam fugére meios baſtantes, para a-conſeguir: porque ſomente conſidera o Omem, com as forſas da-natureza corruta: nem chega a conhecer, a verdadeira origem das-infermidades do-animo: nem enſina outra coiza mais, doque conformar-ſe com a lei Natural. A Teologia porem, reconhece a verdadeira origem da-natureza corruta: aponta os meios ſobrenaturais, quero dizer, tirados da-revelaſam, para emendar as infermidades do-animo: e nam só enſina, conformar-ſe com a lei Natural, mas tambem com a Pozi-

(1) *Fremant omnes licet, dicam quod ſentio. Bibliothecas mehercule omnium Philoſophorum, unus mihi videtur XII. Tabularum libellus, ſi quis legum fontes, & capita viderit; & auctoritatis pondere, & utilitatis uberitate ſuperare.* Cicer. *de Orat. lib.* 1. *n.* 44.

Poxitiva Univerſal: deſorteque enſina alguns *Oficios*, que o Filozofo ignora. Deſta ſorte ſerve muito a Etica ao Teologo: porque lhe-prepara a eſtrada: confirma as ſuas concluzoens, com a autoridade dos-Filozofos: e diſpoem o Omem, para receber a religiam.

Aſentando niſto, fica bem claro, quam util, e quam neceſario é, o eſtudo da-Etica, para os que ám-de exercitar certas faculdades. Um omem, que tem na cabeſa, os principios da-*Juriſprudencia Univerſal*, a que chamam, *Direito Natural*; e tambem ſe-pode chamar, Direito das-Gentes; nam só intende as coizas bem, mas julga diferentemente que outros, que nas ocazioens vam conſultar os livros. Obſervei muitas vezes, que os ignorantes da-Juriſprudencia, julgáram de repente alguns cazos muito melhor, doque eſtes chamados Juriſconſultos, que praticavam grande aparato de leis, para os-decedir. Nam que as leis nam decidam bem o ponto: mas porque muitas vezes, nam ſendo cazo uzual, a regra do-direito Natural, aprezenta-ſe mais depreſa ao juizo, doque a lei que faz ao cazo. Com eſta reflexam, aconſelhei a alguns amigos, que nam tinham noticia deſtas coizas, que, para ſuprir em certo modo eſta falta, procuraſem ter na memoria, as regras do-Direito: porque ſendo extraidas do-corpo do-Direito todo, nos-cazos repentinos, quem as-poſue, e intende bem, julga melhor qualquer cazo, doque os que afetam exquizita erudiſam. E eſta razam abraſa igualmente a Lei, que a Teologia. Mas eſpecialmente a Etica ſerve ao Teologo, porque lhe-prepara a eſtrada: confirmando as ſuas conclu zoens, com a autoridade dos-Filozofos, e com os principios da-boa razam.

Da-falta deſte principio nace, aquele embaraſo, que V. P. verá muitas vezes, em Teologos, e Juriſtas. Quando propoem um cazo, a algum deſtes, ſe o-nam-tem lido, nam ſabem dizer duas palavras. Sendo que nam examinam, os principios da-lei, nam ſe-podem ſervir, do-proprio raciocinio, e criterio: e só ſe-ſervem da-memoria: a qual, nam ſendo ſempre fiel, ou talvez nam tendo o omem ouvido a tal eſpecie; fica mudo, ou diz um deſpropozito. Eſte defeito acha-ſe em ambos: mas principalmente nos-Moraliſtas. Eſtes, comumente nam dam razam do-que dizem: mas apontam ſomente, os autores Cazuiſtas de onde o-recebèram: os quais nem menos aſinam razam, mas fundam-ſe em outros antecedentes. E aſim, copiando-ſe uns a outros, multiplicam-ſe os livros ſem neceſidade, nem utilidade. Poſo ſegurar a V. *P.* que lendo Plutarco nos-ſeus livros de Moral, Cicero nos-de *Officiis*, Seneca, e outros, obſervei varias vezes, que eſcreviam melhor, que os Teologos de profiſam. naqueles verá V. P. principios de uma boa razam: neſtes nem ſombra. Ora ſendo o Teologo, e Juriſta, juizes de profiſam, cuido que ſam obrigados a conhecer, quais ſam as fontes, de-que a Lei tira as decizoens, dos-cazos particulares.

Alem diſo, eſta noticia é neceſaria, a qualquer omem particular, ainda que nam aja de ſeguir, alguma daquelas profiſoens. Mandam-ſe os moſos às eſcolas, para eſtudarem Filozofia. Se proguntais aos pais o motivo, dizem

que

que é, para civilizarem o juizo, e afoens, e faberem falar, e poderem fer utis á fociedade umana. Ora eu intendo, que, para conſeguirem eſte fim, nam só devem eſtudar Logica, e Fizica, mas, muito principalmente, a Etica: a qual é util, em todos os empregos da-vida. Um omem nam só uza da-Etica com os outros; mas com a ſua familia, e conſigo meſmo. Os dez Mandamentos, que enſinam os principios de toda a Etica, nem ſe-podem intender bem, ſem eſta explicaſam. Deque concluo, que em todas as afoens é neceſario, aquele conhecimento.

Ainda para o trato civil, é mui util, e neceſario. Todos os omens goſtam de julgar, das-afoens dos-outros, ou ſejam ſuditos, ou Soberanos. nam á conconverſaſam em que nam entre, um bocado deſte negocio. Mas as tais cenſuras comumente ſam erradas, porque quem as-faz, nam tem o fundamento neceſario. Nam á coiza mais ridicula que ver, nam digo eu alfaiates, e ſapateiros &c. mas Clerigos, Frades, omens de letras, de nacimento, de empregos, eſtarem falando tardes inteiras, em coizas pertencentes ao direito Natural, ou das-Gentes, ou Politica; ſem ſaberem, os primeiros elementos deſtas coizas. Dizem mil parvoices: publicam leis mui deſtemperadas: condenam umas ſem motivo: louvam outras por-ignorancia: finalmente dizem coizas indignas de omens, que veſtem camiza lavada. O pior é, que ſam pertinazes nas ſuas teimas: e, quando decidem a materia, nam admitem apelaſam, nem agravo: como varias vezes obſervei, com ſuma confuzam minha. Cuido, que o remedio diſto é, beber em tenra idade, a doutrina neceſaria: porque ſe nam fizer, que vomitem ſentenſas, ao menos impedirá, que digam deſpropozitos. Onde, a conſideralo bem, a Etica em toda a ſua extenſam, é emprego de todas as profiſoens, e de toda a gente civil.

Alem diſo, a Etica é neceſaria, para formar verdadeiro conceito das-coizas, e ſaber dar-lhe aquela eſtimaſaõ, que cada uma merece. ſaber diſtinguir a Virtude, do-Vicio; reprovando eſte, e eſtimando aquela. Ninguem pode duvidar, que omem, que nam ſabe diſtinguir eſtas coizas, nam é omem: muito menos, é omem civil: e tambem ninguem pode duvidar, que, ſem Etica, nam ſe-conhece iſto. Deſta falta rezulta um grande dano, em todas as republicas: porque nam ſabendo os omens, qual é a Virtude, para a-ſeguirem, e eſtimarem; nem promovem eſtas com o exemplo, nem reprimem os vicios. Daqui tambem nace, que ſe-eſtimam coizas, de que nam ſe-deve fazer cazo: e nam ſe-dá á Virtude, o preſo que ſe-deve: ou ſe-chama Virtude, àquilo que o-nam-é. defeito mui comum das-peſoas nobres, e grandes. Eſtes Senhores, preocupados com a ſua nobreza, chamam a eſta, virtude: e, por-legitima conſequencia, tiram, que tudo o mais é viciozo, e deſprezivel. Em todos os ſeculos do-mundo acham-ſe eſtes prejuizos: mas nos-ſeculos da-ignorancia, quero dizer, deſpoisque os Barbaros deſtruîram o Imperio Romano: ou, para falar com mais precizam, deſde o ſeculo X. até os tempos do-Concilio de Trento; teve mais vigor eſta preocupaſam. Neſtes dois ultimos ſeculos, alguma

coiza

coiza tem o mundo aberto os olhos : porque finalmente omens mui doutos eſcrevèram , e faláram muito ſobre iſto. Mas eſtes ſermoens ſam como os das-Miſoens : em que os viloens choram , gritam muito , esbofeteiam-ſe , em quanto ouvem o Pregador : deſpois , continuam como de antes.

Nace eſte prejuizo , como digo a V. P. , deque o Grande ignora , que a origem de toda a nobreza , é a Virtude (1). Eſta nobreza , aindaque adventicia , podeſe-lhe chamar *natural* : os empregos , ſam a nobreza *civil* : os filhos deſtes , tem nobreza *ereditaria* , que é o infimo grao da-nobreza. Os Omens nacèram todos livres , e todos ſam igualmente nobres. O direito das-Gentes introduzio , com as divizoens , as Republicas , e Monarchias : moſtrando a experiencia , que , nam ſe-obedecendo a alguem , confundia-ſe toda a ſociedade umana : e moſtrando tambem a boa razam , que , no eſtado em que a natureza umana ſe-acha , nam ſe-pode conſervar , ſem obedecer a alguem. O emprego foi cauza , que ſe-eſtimaſem aqueles primeiros reinantes , porque dependiam todos deles. Com o tempo , paſou com titulo de eranſa , o que tinha ſido eleiſam : Mas muitas Republicas , e talvez as mais famozas , conſerváram o governo eletivo. Eſtes Principes buſcáram entre os cidadoens , os melhores , e mais virtuozos omens , paraque lhe-aſiſtiſem , e de quem ſe-ſerviſem na guerra , e na paz. Eſtes foram mais conſiderados , que os outros cidadoens : e eſte é o principio de toda a nobreza. Os filhos erdavam dos-pais as virtudes , e , conſeguintemente , a eſtimaſam : porque , na verdade , os pais tinham cuidado , de os-inſtruir como deviam. Eſte coſtume conſiderou-ſe por-obrigaſam. e com o tempo foi o meſmo , conſideralos filhos de nobres , que julgalos erdeiros , das ſuas virtudes , e eſtimalos por-eſte motivo (2). Talvez entrou aqui , a condecendencia de alguns Principes , que , nam podendo premiar os pais , premiáram os filhos : para animar os outros , a ſeguir a Virtude , vendo que a decendencia , era remunerada. Abuzáram os Nobres deſta benignidade : e pertendèram , que foſe divida do-nacimento , o que só era premio da-virtude. Pertendèram ,

(1) ---- *Quis generoſum dixerit hunc , qui*
Indignus genere , & præclaro nomine tantum
Inſignis ? Juvenalis Satyra VIII.

Et ibidem :

Tota licet veteres exornent undique cera
Atria , nobilitas ſola eſt atque unica virtus.

Non facit nobilem , Atrium plenum fumoſis imaginibus. Nemo in noſtram gloriam vixit : nec quod ante nos fuit , noſtrum eſt. Animus facit nobilem : cui ex quacumque conditione , ſupra conditionem licet aſſurgere. Seneca &c.

(2) *Fortes creantur fortibus , & bonis*
Eſt in juvencis , eſt in equis patrum
Virtus &c. Horatius.

dèram, que a onra ou eſtimaſam foſe tributo. Sem advertirem, que ſendo a eſtimaſam, e onra, uma asám exterior, com que eu exprimo o conceito que tenho, da-excelencia, ou virtude de outro; nam poſo fazelo a um, que nam tem excelencia ſobre os outros; ou de quem nam ſe-deve formar eſte conceito.

Mas, por-pouco que reflетiſem ſobre iſto, conheceriam eſtes Senhores, que manifeſtamente ſe-inganavam. O ſer filho de um omem iluſtre, nam he o meſmo que ſer iluſtre. Poderá o abuzo introduzir, que tenha entre o Povo, a meſma eſtimaſam do-pai: mas aſim como eſte coſtume nam faz, que ele tenha em ſi meſmo, excelentes virtudes; aſim tambem nam faz, que ſeja verdadeiramente nobre. Conſiſte pois toda a nobreza deſte omem, em ſe-dizer, que é filho de um omem nobre, e que ſe-trata com mais fauſto, que os outros. averá outros que tenham tanto, e mais dinheiro: mas porque nam eſtam naquela opiniam, nam ſam nobres. O que, examinado bem, quer dizer, que a dita nobreza, é uma pura opiniam do-Povo. Diſpa V.P. dos ſeus veſtidos eſte Grande: ſepare as carruagens e criados: e nam poderá diſtinguilo, do-omem mais ordinario do-Povo. Onde, ſem fauſto, tem perdido toda a nobreza. E ſe neſte eſtado, o-transfere a outro paîz diſtante, nam só nam é nobre, mas é pozitivamente vil. Mas nam o-intendem aſim muitos Grandes: pois eſtam tam perſuadidos, que a excelencia, é propriedade da-ſua natureza; que, com eſta opiniam, colocam-ſe na primeira eſfera dos-nobres: na ſegunda, poem os que tem cargos: na terceira, os que ſam inſignes pola virtude. Mas tudo é polo contrario. Os omens inſignes, é que ſam os verdadeiros nobres. eſta nobreza é natural: de que ninguem os-pode deſpojar. Reſpondeo com galantaria uma peſoa a outro, que lhe proguntava, como diſtinguiria um nobre, de quem o-nam-era; deſte modo: *Diſpilos ambos nús, e ouvilos falar.* dando a intender, que os acidentes do-veſtido, e tratamento inganam muito, e impedem formar, verdadeiro conceito da-Virtude. Em ſegundo lugar entram, os que tem cargos na Republica. Aos magiſtrados, e ſemelhantes, que ſe-dam, ou devem dar, a omens capazes, é devido todo o reſpeito. Na ultima, e infima claſe, ficam aqueles, que nem pola virtude, nem polo emprego merecem eſtimaſam: mas só a-tem pola acendencia.

Temos outra caſta de Nobres, ainda mais prezumidos, que nem menos admitem, duas ſegundas claſes de nobreza. tudo o que nam ſam eles, deſprezam. só para eles valem os titulos. Quando vem ſubir algum omem na Republica, a cargos grandes, logo vam buſcar, o ſeu nacimento umilde: e, nam podendo negar-lhe a eſtimaſam polo emprego, cuidam muito em desluſtralo, nas converſaſoens particulares. Eſtes, ou ſam mais ignorantes, ou mais maliciozos. Deviam eſtes advertir, que os titulos ſam a coiza mais acidental, que á no-mundo. porque no-eſtado em que eſtam muitos Reinos, e Republicas da-Europa, melhor direi, de todo o mundo polido, ſomente os cargos, e o dinheiro, é que ſe-reputa nobreza: pois com o dinheiro ou ſe-conſegue a eſtimaſam, ou o cargo. Alem diſo os titulos nem em todas as partes correm, polo

meſmo preſo : pois um titulo de Portugal, tranſplantando em Franſa, ou Italia &c. vale pouco, ſe ele nam tem, com que lhe-de preſo. Nam aſim os cargos, e o dinheiro : que ſempre conſeguem a meſma eſtimaſam. Um Inviado, ou Embaixador &c. ſeja quemquer que ſor, ſempre conſegue eſtimaſam, em toda a parte : e um omem rico. Mas nam ſucede aſim com outros Senhores. e eu vi alguns, de antiquiſimas familias, que, achando-ſe em paizes diſtantes, faziam bem mizeravel, e vergonhoza figura. ** Alem diſo, ſe a nobreza de um titular ou fidalgo nace, da-vontade do-Principe, que quer, que aquele omem ſeja onrado, iſto é, ſeja fidalgo; o meſmo Principe, que dá o titulo, ou nobreza a um, pode dala a cemmil: e conſequentemente todos ficam igualmente nobres. Nam aſim a nobreza, que conſiſte na virtude: pois nem o Principe ma-pode dar, nem tirar. A meſma lei confirma iſto : pois degrada os omens da-nobreza, em certos caſos (1): de que as iſtorias nos-dam mil exemplos. O que moſtra evidentemente, que eſta chamada nobreza ereditaria, ou jus à eſtimaſam dos-omens, é coiza que ſe-pode dar, e tirar : E conſequentemente, ninguem ſe-deve deſvanecer, porque a-tem : nem deſprezar outro, porque a-conſeguio mais tarde.

E na verdade ſeria coiza digna de rizo, ſe nós oje deſpreza-ſemos, tantos Imperadores, tantos Reis, Generais &c. tantos Pontifices, Cardiais, &c. porque tiveram nacimento umilde : ſendo certo, que neles on as virtudes, que os levantáram àqueles cargos, ou os meſmos cargos, lhe-conciliáram a eſtimaſam. Veſpaziano nam era nobre : nem Tito, ou Domiciano, ou Pertinaz, ou Macrino, ou Maſimino, ou Felipe, e outros ſemelhantes : antes muitos deſtes eram filhos, de pais umildes. Mas todos eram Cezares, e Senhores do-mundo : e muitos deles, como os dois primeiros, e o quarto, eram nobres polas ſuas virtudes. O meſmo poſo dizer, de muitas peſoas grandes do-mundo. Onde quem nam reconhece iſto, ou é muito ignorante, ou louco.

Certamente ſe eu examino as antigas Republicas, acho-as niſto, muito mais advertidas, que as noſas. Em todos os Reinos do-mundo civil, acho ſingularmente eſtimada a virtude, ou nobreza natural: mas quanto à nobreza civil, vejo no-Oriente que conſiſtio ſempre, ou no-dinheiro, ou na vontade do-Principe, que fez nobre, quem lhe-pareceo, ſem olhar para acendencia, ou coiza ſemelhante. Afirios, Perſianos, Egicios praticáram ſempre o meſmo. *Joſé* era um pobre omem, e eſcravo : mas *Rameſſes Miamum*, ou o Faraó daquele tempo, nam reparou niſo, para o-levantar ao lugar de Vice-Rei do-Egito: olhou ſomente para a ſua capacidade, e utilidade que podia rezultar ao Reino. Ainda deſpois de ver, a umildade da-ſua familia, e a profiſam, a que os Egicios tinham aborrecimento; nam lhe-rebaixou nada, da-eſtimaſam que tinha. E o que mais é de admirar, que ſucedeſe iſto no-Egito: aonde, pola maior parte, os empregos ou grandes, ou pequenos, eram ereditarios nas familias, e nam paſavam de umas para outras diferentes. Iſto chama-ſe conhecer

(1) *Veja-ſe a Ordenaſam de Portugal. no l. 5. tit. 92.*

cer verdadeiramente, o merecimento dos-omens. *Aman* era Amalecita de vil nacimento: mas nada diso baſtou, para nam fazer a ſegunda figura, no-Reino. *Mardocheo* polo contrario, era um omem de ordinario emprego, na familia de *Aſuero*: mas nem menos iſo impedio, que o dito Rei o-onráse tam diſtintamente, com aquele celebre pregam, (que devia abrir os olhos aos Grandes, e perſuadir-lhe, que a ſua nobreza nada mais é, que a vontade do-Principe) = *Aſim ſe-deve onrar, quem El-Rei quizer onrar* =. Nam aponto exemplos da-iſtoria Profana, porque ſam menos notos.

Na Grecia, é coiza bem nota, que os cargos quazi ſempre ſe-conferiam a omens, por-si iluſtres; e que só eſtes foram reputados nobres. Ariſtides, Temiſtocles, Pericles, Traſibulo, Epaminondas, Eumenes, e muitos outros grandes omens, que ocupáram os primeiros empregos; só foram eſtimados polas ſuas virtudes. Mas ſobre tudo a iſtoria Romana ſuminiſtra eſtes exemplos. Nunca floreceo mais eſta famoza Republica, ſenam deſpoisque ſe-abrio a porta para o conſulado, e outros cargos, nam só a toda a Cidáde, mas tambem a todo o imperio Romano. Concorrèram de todas as partes omens grandes, com a mira de ſubirem, às primeiras dignidades do-Imperio. o merecimento ſervio-lhe de eſcada, para as-conſeguirem. Acham-ſe mais Generais famozos, Conſules, Oradores entre as familias plebeias, que entre as patricias. a virtude e merecimento ſervia-lhe de nobreza. E aindaque os patricios muitas vezes julgaſem diferentemente; o Povo, e os omens grandes, ſentenciáram comumente, polo merecimento. E é muito de notar, que ainda quando a plebe, eſporiada polas ſediciozas arengas dos-ſeus Tribunos, obteve com tanto furor do-Senado, poder tirar de entre os Plebeos, os Tribunos Militares; que eram os unicos, que governavam a Republica naquele tempo: quando chegou a eleiſam, cedeo das-ſuas pertenſoens, em obzequio do-merecimento. Os Patricios, para conſeguirem o ſeu fim, introduzìram entre os Candidatos, alguns Patricios de notorio merecimento: e aplebe, venerando neles a virtude, cedeo dos-ſeus empenhos, só para eleger os Patricios. E nam obſtante as muitas repreenſoens dos-meſmos magiſtrados plebeos; continuou muito tempo, em eleger Patricios, quando lhe-propuzeram omens de merecimento. Aſim ſe-eſtimava naquele tempo a Virtude! Ainda a meſma diſpoziſam da-Republica no-eſtimar os nobres, me-agrada muito. Avia Cenſores, cujo emprego era, examinar as aſoens, e rendas dos-nobres, e plebeos. Um Senador, ou Cavaleiro que o-deſmerecia, por-algum titulo; era degradado do-ſeu poſto, e nobreza. Muitas vezes a pobreza, quando nam era acompanhada da-virtude, ſervia de motivo. nam aſim a ſolida virtude, aindaque ſem renda: eſta ſempre conſeguia o premio e arenda: e muitas vezes do-erario publico dotáram as familias, de omens iluſtres pobres. Deſta ſorte entre aqueles graves Senadores, nem o cargo, ſem proporcionada renda, conſeguia eſtimaſam; nem ambos, ſem a virtude, ſe-podiam reputar nobreza.

Mas como muitos nam intendem iſto, por-iſo vemos tantos nobres cheios

de prejuizos, como aſima dizia, ſobre a ſua nobreza: que nos-querem inculcar, por-uma coiza diferente da-opiniam do-Povo: querendo batizar a virtude, como apendiz da-natureza. De que vem, que V. P. terá muitas vezes ouvido dizer, que o *Sangue puxa*: *que cadaum procede como quem é*: *que um filho de tal pai*, *nam podia obrar de outra ſorte*. palavras que ou ſe-devem tomar em diferente ſentido, ou nam ſignificam coiza alguma: e que eles teſtemunhas proguntados, nam ſabem explicar. Pois ſe acazo nam querem dizer, que é propriedade do-Nobre, fazer boas asoens; nam ſei que poſam ſignificar. Que pois nam ſeja propriedade, parece-me que ſe-ſegue claramente do-que aſima diſemos: e ficaria ainda mais claro, ſe quizeſem fazer a experiencia, em um filho de um Grande, que acaba de nacer. Se conduzirem eſta crianſa a um paîz incognito, e for criada por-viloens; á-de ſer vilam, e nam principe: e em tudo ſe-parecerá com quem a-criou: de que ja ſe-tem feito varias experiencias no-mundo. Eſta opiniam nace nos-omens da-ignorancia. Se o Nobre ſoubeſe, que coiza é Virtude, e como ſe-adquire; conheceria, que o nacimento nam tem, influxo algum nela. Se um moſo nam tem talento para intender bem, docilidade para receber os documentos, e boa educaſam; ſeja quemquer que for, rariſima vez obrará bem: viſtoque ainda muitos que a-tiveram, obráram muito mal, porque neles a malicia desfazia, quanto produzia a educaſam. Caio Caligola Imperador era de uma caza iluſtriſima: tinha ſido bem educado: dera na mocidade indicios de boa indole: contudo, ſaîo um tirano. Nero era de outra familia iluſtre, e por-adosám da-meſma familia. Quem teve melhor educaſam-que ele? Um Filozofo tam grande como Seneca, inſtruio-o deſde rapaz: um Politico tam grande como Afranio Burro, dirigio-o nos-primeiros anos. Deu ao principio moſtras de virtudes: e nam ouve coiza mais bela, que o primeiro quinquenio do-ſeu governo: mas pouco deſpois foi Nero. Que Imperador Romano ouve, que tiveſe as virtudes, e doutrina de Marco Aurelio? quem inſtruio melhor ſeu filho Comodo? e que filho ſaio mais deſemelhante ao pai? Nam cito mais exemplos: ſendo que para os ignorantes, ou baſtam eſtes, ou ſam ſuperfluos: os inteligentes ſabem mui bem, que o ſangue do-pai poderá comunicar ao filho, alguma infermidade ereditaria, como Gota, Eſcorbuto, Galico, Epilepſia &c. mas de nenhum modo lhe-comunica nem vicios, nem virtudes. Eſtes omens confundem as coizas, e os termos. Quando ſe-diz, *Que um omem procede como quem é* &c. quer dizer, que conhecendo, que é filho ou decendente de um omem iluſtre, polas ſuas aſoens e virtudes; tem obrigaſam, de imitar os ſeus antepaſados, e exceder os inferiores tanto nas-aſoens, quanto os-excede no-tratamento. Onde, neſte ſentido, procede como quem é, porque tem obrigaſam, de proceder aſim. procede como filho de tal pai, porque ſe-ſupoem, que um pai virtuozo, educa bem os ſeus filhos, e lhe-inſpira aqueles documentos eroicos, que ſam neceſarios para a vida. Eſte conhecimento é, que deu ocaziam àqueles proverbios: dos-quais pôrem abuzáram os omens, intendendo outra coiza diferente.

Ora

Ora é certo que, ſe conſideraſem bem eſtes Senhores, todas eſtas coiz as: ſe reconheceſem que o Nobre, (falo ſempre da-nobreza ereditaria) em nada ſe-diſtingue do-Plebeo mais, que no-tratamento: ſe advertiſem que eſte titulo, o qual ſupoem a virtude, traz conſigo a obrigaſam de a-poſuir, e exceder os plebeos nas virtudes: Sem duvida, que formariam mui diferente conceito do-mundo: e ou procurariam a virtude com empenho; ou nam deſprezariam os que a-poſuem; e muitos ſe-envergonhariam de ſi meſmos. Nam veria-mos aquelas ridiculas afetaſoens, que fazem nauzea aos omens que tem viſto mundo; e em que muitos colocam toda a ſua nobreza: digo, nam tratar, nam converſar com toda a gente, nam frequentar os doutos, nam ter conreſpondencias literarias &c. Muitos para fingirem uma nobreza mui elevada, até ſam deſcortezes. nam comprimentam quem os-ſauda: nam reſpondem aquem lhe-eſcreve: ou ſe o-fazem, é de uma maneira mais injurioza, que civil. Em uma palavra, ſam como os Farizeos, que até tinham medo, de tocar com o veſtido um Judeo, que nam foſe da meſma feita, perſuadindo-ſe, que ficavam impuros. Eſtes defeitos achei em varias partes da-Europa, mais ou menos: mas principalmente *** e ſobre tudo em Portugal. O que atribuî, a que eſtes Senhores Portuguezes tem menos pratica, das-Naſoens do-mundo, que os Eſtrangeiros: dificultozamente ſaiem do-ſeu Reino, e ſua caza: e aſim, ignoram como ſe-vive, nas outras partes do-mundo civil. o que ja adverti a V. P. em alguma das-noſas converſaſoens. Verdade é, que algum Senhor achei neſte Reino, diferente dos-outros: mas eu falo do-comum, que ſe-regula polas opinioens que apontei: as quais como digo, nacem da-ignorancia da-Iſtoria, e do-trato do-mundo.

Eſtas duas coizas ſam, as que emendam eſtes defeitos. Nam quero buſcar exemplos na Grecia: pois é certo, que nam ouve regiam, em que ſe-fizeſe mais eſtimaſam da-Virtude, ſem excetuar as cortes dos-Principes, e Monarcas. Todos ſabem, que eſtimaſam tiveram, na corte de um Rei tam rico como Creſo, os famozos Filozofos da-Grecia. que cazo, e uzo fazia aquele grande general, e politico Pericles, das-liſoens de Anaxagoras. com quanta diligencia concorriam os nobres de Atenas, a caza do-Filozofo Socrates. com quanto reſpeito recebeo Dion a peſoa de Platam, em uma corte tam depravada como a de Dionizio. que bom goſto de literatura inſpirou Ariſtoteles, em ſeu dicipulo Alexandre Magno: e como o-eſtimou ſeu pai Felipe, e com que atenſam lhe-eſcreveo. Finalmente é noto que Pitagoras, e ſeus dicipulos foram muito eſtimados, polos Principes daquela parte de Italia, a que chamáram Magna Grecia. Nomiar a Grecia é o meſmo, que nomiar o exemplar de toda a virtude, e bem goſto em artes, e ciencias. Nam quero ſair da-Republica Romana, que conheceo mais tarde, todas eſtas virtudes.

Nam á duvida, que qualquer Senador Romano, ou peſoa conſular, tinha outro tratamento e eſtimaſam, tam diferente dos-Grandes deſta era, como o dia da-noite. O luxo e magnificencia da-maior parte daqueles Senhores era tam

grande,

grande, que igualava o de muitos Reis. Contudo a Iſtoria nos-ſuminiſtra mil exemplos, da-afabilidade, e doſura daqueles grandes omens, e eſtimaſam que faziam da-Virtude. Luculo aquele inſigne Filozofo, grande general, e riquiſſimo Romano, ſeguindo o exemplo de Cipiam, o ſegundo Africano, (eſte nas ſuas expediſoens militares, ſempre fora acompanhado por-dois omens doutos, Polibio, e Panecio) teve ſempre no-ſeu campo, o Filozofo Antioco: e diz a iſtoria, que dezejou, e procurou com todo o empenho, a amizade do-Filozofo. Que carater amavel de um tam grande omem! Gneo Pompeo, aquele grande omem, que arruinou imperios imenſos: que era omnipotente na Republica: tornando a Roma vencedor de tantas gentes, depropozito entrou na Ilha de Rodes, só para ver o Filozofo Poſidonio. e chegando à porta, ordenou ao litor, que era uma das-guardas conſulares, que nam batèſe com o baſtam, ſegundo o coſtume. Onde, exclama Plinio (1), aquele Pompeo, a quem o Oriente, e Ocidente abaixou a cabeſa, ele meſmo reſpeita e ſe-abaixa, à caza de um Filozoſo, só para o-ouvir! Caio Cezar, a quele Ditador, que dominava tantos Reis; nam só eſtimava os omens doutos, mas nunca deixou de conreſponder-ſe com eles, e com os amigos; ou reſponder a quem lhe-eſcrevia, ainda peſoas ordinariiſimas.

Tambem Otaviano Auguſto, entre os cuidados de todo o imperio Romano, tinha oras de deſcanſo, em que ſe-empregava na converſaſam dos-literatos daquele tempo: e nam só converſava com eles, mas os-amava, e eſtimava. é noto que falo de Virgilio, e de Oracio: aos quais tratou nam só como letrados, mas como amigos. Auguſto tornando do-Oriente, quiz reſtaurar-ſe do-grande trabalho das-ſuas jornadas, ouvindo a leitura, das-Georgicas de Virgilio. O Poeta lia cada dia um livro: e diz a iſtoria, que Auguſto, quando lhe-parecia que eſtava canſado, ordenava a Mecenas que o-ſocorreſe, lendo por-ele. Que bondade de Principe! Um omem ſenhor do-mundo uzar tanta familiaridade com um Poeta, que eſtima a ſua ſaude, como a coiza mais precioza! O meſmo Auguſto, ocupado na guerra contra os Biſcainhos, ſabendo que o ſeu amigo, compunha a Eneide, eſcreveo-lhe repetidas cartas; pedindo-lhe, que lha-manda-se para a-ler. Virgilio deſculpou-ſe ſempre, com a imperfeiſam da-obra: dizendo-lhe, que ainda nam eſtava completa, para lha-moſtrar (2). Auguſto nam ſe-ofendeo deſta reſpoſta: e contentou-ſe de a-ouvir ler, quando chegou a Roma, em companhia de ſua irman Otavia. Com Oracio teve o meſmo Auguſto igual amizade. Mecenas, aquele grande omem, que só ſe-aproveitava da-amizade de Auguſto, para utilidade dos-omens doutos, introduzio-o na Corte: eſtimou tanto o Poeta, que no-ſeu teſtamento o-recomendou a Auguſto, como aſimeſmo. Auguſto, em obzequio deſta recomendaſam, ſelo ſeu

(1) *Pompeius confecto Mitridatico bello, intraturus Poſſidonii, ſapientia profeſſione clari, domum, fores percuti de more a lictore vetuit: & faſces littorios janua ſubmiſit is, cui ſe Oriens Occidenſque ſubmiſerat.* Plin. *l.* 7. *c.*30.

(2) Macrob. *l.* 1. *c. ult.*

ſeu ſecretario : e aſim o-eſcreveo a Mecenas : prometendo-lhe, que paſaria daſua meza, para a meza imperial (1). Oracio regeitou eſta onra, e deſculpouſe com as ſuas moleſtias : do-que nam ſe-ofendeo Auguſto. Antes pouco deſpois lhe-eſcreveo, dizendo-lhe, que bem o-dezejava na ſua meza, ſe as ſuas infermidades lho-permetiſem (2). Quem poder ler iſto, ſem ficar vivamente penetrado da-bondade, e afabilidade de um tal Principe, que entre as adulaſoens da-purpura, ſabe tomar o goſto à amizade, como faria um particular? Quem nam admira, na liberdade com que Oracio reſponde, a lhaneza daquele comercio, e a diferenſa daqueles coſtumes aos moderños? Um ſecretario de gabinete, à meza de um Principe! um Poeta, que recuza eſta onra! um Principe ſenhor do-mundo, que nam recebe iſto por-injuria! que lhe-conſerva o meſmo amor : que o-comprimenta por-cartas : que nam ceſa de explicar-lhe o dezejo que tem, da-ſua companhia!

A meſma liberdade das-cartas me-recreia. O tratamento ſempre é o meſmo: o titulo do-emprego é que diſtingue a peſoa, com quem ſe-fala. Eles eſcreviam aſim : *Oracio a Auguſto Imperador. Auguſto Imperador a Virgilio, ou Mecenas, ou Oracio &c. Marco Cicero Proconſul ſauda Apio Pulchro Imperador. Cezar Imperador, a Cicero Imperador.* ou com confianſa, *Cicero a Peto, Cicero a Atico, Cicero a Tiro.* Que nobre ſimplicidade é eſta! quanto mais eſtimavel é eſte modo de eſcrever, doque aquela ridicula a fetaſam, que as ſecretarias modernas tem introduzido, de falar por terceiras peſoas : ou com mil expreſoens que nada ſignificam: e para conſeguir as quais, tanta gente perde a paciencia, e o juizo. Chega iſto a tal extremo, que, ainda eſcrevendo em Latim, ſe-eſcandalizam alguns; ſe os-nam-racham com *Excelencias, e Senhorias*: ou ſe quem eſcreve ſe-poem em primeiro lugar : ao que chamam injuria. Sem advertirem, que aſim ſe-deve eſcrever na dita lingua : como admiravelmente nota o douto Luiz Vives, repreendendo eſtes reparadores. Pois ſendo certo que a primeira coiza, que ocorre a quem le a carta, é a peſoa que a-eſcreve; e comumente a primeira coiza que ſe-le, é o nome de quem a-eſcreve, para ſaber quem é : que dezatenſam ou impropriedade é, que quem a-eſcreve ſe-nomeie (o que fizeram muitos doutos nos-dois ſeculos paſados, eſcrevendo a grandes Principes) em primeiro lugar? Verdadeiramente eſtes que reparam niſto, e cifram toda a ſua nobreza, neſtes tratamentos; ſam almas pequenas, e vis, que ſe-enchem com poucas coizas : as almas iluſtres e grandes, nam reparam neſtas ridicularias. Quam diferentemente os Antigos, ainda eſcrevendo a Reis,

e

(1) *Veniet igitur ab iſta paraſitica menſa, ad hanc regiam.*

(2) *Sume tibi aliquid juris apud me, tanquam ſi convictor mihi fueris. Recte enim, & non temere feceris; quoniam id uſus mihi tecum eſe volui, ſi per valitudinem tuam fieri poſſet.* Suet. in vita Virg.

e Imperadores! (1) *Platam a Dinizio. Aristoteles a El-Rei Alexandre. C. Plinio Secundo sauda o seu Tito Vespaziano. C. Plinio Cecilio sauda Trajano Imperador.* E é muito de notar, que ainda no-V. seculo Auzonio, pondo o nome de Paolino antes do-seu, deseulpa-se com o verso (2). E se Marcial em alguma parte, fez o contrario a Domiciano, ninguem duvida, que a maior parte, ou quazi todas as inscrisoens, nam sam suas. Nam falo no-Imperador Marco Aurelio: o qual nam se-envergonhava de ir às escolas publicas, ouvir as lisoens de um celebre Filozofo. Deixo por-brevidade mil outros exemplos. E, concluindo ao noso cazo, que proporsam, progunto, acha V. P. entre os Grandes da-nosa era, e os exemplos que aponto? eu certamente nenhuma. sam formigas à vista de montes. Contudo iso vemos, que aqueles faziam, o que estes desprezam fazer. De que eu concluo, que aqueles intendiam as coizas como deve ser, e estes nam.

Perdoará V. P. esta digresam que fiz, sobre os costumes dos-nosos antepasados, ou dos-abitantes daquela parte da Europa, em que eu nacî: porque falando da-Republica Romana, nam poso menos que ficar penetrado, dos-belos exemplos de virtude, que nela encontro. a admirasam me-transporta, e conduz fóra de mim: como creio que fasa a todo o omem, que sabe pezar as coizas. Tudo era grande entre os Romanos. As mesmas reliquias das-suas fabricas, a que eu chamo cinzas da-antiga Roma, mostram, o bom gosto, e a grandeza daqueles Senhores. Eles nacèram para dar leis ao mundo: e ainda oje as-dam em toda a materia: mas sobre tudo na Jurisprudencia Natural, e Civil: a qual só se-a-prende bem, observando aqueles antigos exemplares, que foram a admirasam de todo o mundo. Por-iso naqueles paizes estrangeiros, em que se-lem muito os livros da-Antiguidade, acham-se algumas virtudes civis, que sam ignoradas em Portugal. Devemos porem fazer justisa, a muitos Principes modernos, que sabem estimar a virtude, e uzar grande cortezia e afabilidade, ainda tratando com os subditos. E, para nam sair dos-Estrangeiros em que falo, podia citar a V. P. mil exemplos, que nam tem resposta. Os Francezes excedem muito nisto. E eu li a belisima resposta que deo o Duque de Orleans Regente do-Reino, à Universidade de Pariz, que lhe-fazia um comprimento; que seguro nam ter visto, coiza mais cortez. A mesma Rainha Izabel de Inglaterra, a que alguns chamam imperioza, e politica, deu mostras de infinita afabilidade. Quando o Baudio Profesor de umanidades, lhe-fez um comprimento Latino, por-parte dos-seus companheiros; ela lhe-deo uma resposta Latina, que nam

(1) *C. Plinius Secundus T. Vespasiano suo Sal.*
C. Plinius Cecilius Traiano Imperatori.

(2) *Paulino Ausonius. metrum sic suasit, ut esses.*
Tu prior: & nomen praegrederere meum. Epist. 20.

nam ſe-pode conceber nem mais cortez, nem juntamente mais grandiza (1). Eſtes exemplos, e outros que encontra, quem paſeia polo mundo, perſuadem muito aos ſenhores Grandes. Onde é o motivo porque dizia a V. P. que o ſair fóra do-Reino, ſeria coiza mui util, para aquiſtar eſtas virtudes. Em falta diſto, nam acho melhor meio que a Etica, ornada de exemplos civis tirados da-Iſtoria. Um moſo educado deſta ſorte, principalmente por-um omem, que ſaiba propor-lhe, e dilatar-lhe os exemplos; nam pode menos que fazer, um grande progreſo em toda a materia, a que deſpois diſo ſe-aplicar. Como intende as coizas polos ſeus principios julga diferentemente as ditas: e aſim ſerá util em todos os ſeus empregos. Torno a repetir, que na Etica ſe-devem inſtruir os rapazes. porque ou dela paſem á Teologia, ou às Leis, em ambas as partes é neceſariiſima: ou ſigam a milicia, ou ſiqnem governando a caza, em todos eſtes empregos é util, e neceſaria a Etica.

Quero porem repetir neſte particular uma advertencia, que cuido fiz ja no-principio da-noſa conreſpondencia; vem aſer, que eu falo com V. P. como ſe faláse com um principiante. O eſtilo didatico permete-me eſtes deſcuidos: e a minha repetida proteſta deve deſculpalos; no-animo de V. P. o que ſeja dito uma vez, para ſempre. Conheſo que V. P. concorda comigo neſte ponto: mas tambem prezumo, que, tendo tido apaciencia de me-ouvir até aqui, querá tambem ouvir, qual é o melhor metodo de aprender iſto com facilidade. o que eu farei brevemente.

Digo pois, que a Etica em toda a ſua extenſam, ou a Filozofia Moral naturalmente ſe-divide, em duas partes principais. uma, trata do-ſumo bem, e é modo de o-conſeguir; e a eſta comunmente chamam Etica: outra, expoem as diverſas obrigaſoens do-Omem, a que os Eſtoicos chamavam *Oficios*, que é o meſmo que dizer, indica o que deve fazer o Omem, que ſe-quer regular pola boa razam. Eſtas aſoens ou ſam oneſtas, iſto é, conformes á lei da-razam: ou ſam utis ſomente: de que nace outra nova divizam, deſta ſegunda parte. A Filozofia que conſidera, as aſoens oneſtas, chama-ſe *Juriſprudencia Natural, ou Univerſal*: que é aquela que aponta, as obrigaſoens do-Omem com Deus, conſigo, e com os outros. v. g. de um Pai com um Filho: Marido com a Molher: Amo com Criados: Rei com Subditos: e Naſam com outra Naſam. Em cadanma deſtas coizas aponta a *Juriſprudencia Natural*, que coiza deve fazer, ou nam fazer, o Omem, para ſe-conformar com a reta razam: e promover a ſua

 feli-

(1) *Ego bene animadverto, ex tua perdocta oratione, quod veſtra dominatio me non ſatis novit. alioqui non attribuiſſet mihi tam immodicas laudes; quibus me potius oneraſti, quam honoraſti. Equidem eas in me non agnoſco: ſed accipio a te amanter, tanquam ab homine amico, & benevolo. Amor tibi dictavit, tam bona verba. ubi autem amor dominatur, ibi judicium non poteſt eſſe rectum. Interim gratias tibi habeo, quam poſſum maximas, propter tuum talem erga me affectum. & obnixe te rogatum cupio, ut velis in ea voluntate conſtanter perſeverare.* Vide Orationes Baudii.

felicidade, e de todos os outros omens. A parte da-Filozofia Moral que conſidera, as aſoens utis, chama-ſe *Prudencia Civil, ou Politica*. Eſta trata das-aſoens utis a Cidade, e Reinos: no-que ſe-compreende, dirigir as aſoens utis a uma familia, a que chamamos *Economia*. Eſta é a divizam.

Porem para formar um omem verdadeira ideia da-Etica, deve primeiro formar conceito diſto, a que chamamos, *Omem*, em quanto aos coſtumes. Deve pois trazer à memoria, que o Omem, compoſto do corpo, e alma, é uma criatura infeliz; ſugeita a mil mizerias, e infermidades do-corpo, e do-animo. Porque os conhecimentos do-Omem ſam muito limitados, e expoſtos a mil erros; de que a experiencia nos-dá mil exemplos; que pode confirmar com o que leo na Logica, e Fizica: e porque as propenſoens do-animo, a que chamam afetos da-vontade, padecem os meſmos inconvenientes, e nam abraſam o que podem, e devem: o que cada omem pode provar, com o que experimenta em ſi. Conſidere tambem, que os coſtumes do-Omem, ou aquela propenſam que nos-move a obrar mais deſta, que daquela ſorte, depende em muito, do-temperamento do-corpo; e as vezes de algumas coizas exterioresſao Omem, como ſam as onras &c. o que a experiencia nos-confirma, com mil exemplos. Conſidere alemdiſo brevemente, que de todas eſtas infermidades tanto do-corpo, como do-animo, é cauza, a vontade do-meſmo Omem. Deque ſe-conclue, que deve o Omem, em quanto pode, procurar o remedio, a todas eſas infermidades. cujo remedio deve ſer, a *ſuma felicidade*, ou poſe de um *ſumo bem*, ſe eſte é poſivel: o que por-agora nam provo, mas ſuponho.

Tendo eſtes prolegomenos, deve o eſtudante, para poder examinar ſe oá, e qual é eſte ultimo fim e ſumo bem, deve, digo, ver brevemente, quais foram as opinioens dos-antigos Filozofos, ſobre eſte ultimo fim: ou para conhecer os erros de todas elas: ou para eſcolher entre elas, a mais veroſimel, refutando as outras todas. Eſtablecido iſto, ſegue-ſe examinar, ſe ſe-pode conſeguir neſta vida, uma tal bemaventuranſa natural. Deſpois notar brevemente, (porque pertence à Teologia) qual é a bemaventurania ſobrenatural do-Omem, e os ſeus dotes.

Daqui paſará a examinar, porque meios ſe-alcanſa eſe fim. E como os meios ſam ſomente, os atos umanos, deve ſaber, que coiza é ato umano, e ſuas variedades: deſpois, qual ſeja a liberdade dos-atos umanos. E aqui tem lugar, ſervir-ſe das-verdades da-Eſcritura, e algumas expreſoens de PP. que nos-enſinam como devemos falar: viſto eſtudar Filozofia Criſtan, nam Etnica. Nam deve porem neſta materia embaraſar-ſe o eſtudante, com as diſputas da-Eſcola, ſobre o modo com que a ciencia divina, e tambem o auxilio divino, nam impede a noſa liberdade. Neſte lugar baſta abraſar, a opiniam maſs provavel; rezervando para a Teologia, a diſputa. Onde baſta ſaber, o que a Igreja difinio neſta materia, contra Pelagio de uma parte; e contra Lutero, Calvino, e Janſenio da-outra. Deſpois, tendo intendido que coiza é, ignorancia, medo, concupiſcencia; trez coizas que ſe-opoem à liberdade dos-atos; deve-

ſe

ſe examinar, que coiza ſeja bondade, e malicia dos-atos umanos, e como ſe-diſtinguem.

E ſendo que a bondade, ou malicia deles depende da-Lei, deve intender, que coiza é Lei, e qual é a origem dela. Advertirá pois, que todas as leis tem, o meſmo principio. v. g. Lei Natural, é a meſma Divina: com a diverſidade, que áquela conhece-ſe pola luz da-razam: eſta foi publicada, e eſcrita por-Deus: a lei das-Gentes, é a meſma Natural, em quanto olha para as aſoens externas. A razam diſto, é manifeſta: porque a meſma Juriſprudencia natural que enſina, a conformar as aſoens com a lei Natural, tem dois fins: o primeiro, ſubordinado à Etica, paraque os omens que amam a Deus; tenham regra certa de regular as aſoens. o outro fim, a que chamam ſegundo, é, promover a externa felicidade de todos os omens: para o que baſta a asám externa: nam obſtanteque para ſe-obrar bem, deva unir-ſe uma com a outra. Onde, ſe olhamos para cada omem só, o fim da-lei Natural conſiſte, na asám interna, e externa. ſe olhamos para a meſma, como aplicavel a todas as Gentes, a que chamamos *Jus Gentium*; só ſe-olha; para a asám externa, que é o fim imediato que Deus teve, quando criou a natureza umana. O que moſtra, que lei Natural, e das-Gentes, é a meſma lei: a primeira, aplicada a cada omem: a ſegunda, a todos. O que é neceſario intender bem, para ſe-livrar de alguns prejuizos, e mal fundadas opinioens, que ſe-acham neſta materia.

Segue-ſe ſaber, qual ſeja a lei divina pozitiva Univerſal, e Particular: qual a umana tanto Civil, como Canonica: iſto iſtoricamente. Finalmente deve advertir, quais ſam as propriedades da-Lei, *publicaſam*, *interpretaſam*, *revogaſam* &c. o que é muito neceſario, para os ditames civis. E aqui entra por-coroa ſaber, qual é aquela particular prudencia co-intendimento, que nos-enſina, a conformar as aſoens com a Lei, a que chamam *Conciencia*: e ſuas divizoens: e como ſe-deve regular o-Omem, por-ela. Compreende iſto, a longa diſputa das-probabilidades, que certamente nam é propria deſte lugar. Onde parece-me, que baſtará ao eſtudante ſaber, o que neſte particular é condemnado, e o que é tolerado: intendendo a razam natural diſo, que comumente ſe-enſina: que ſe-reduz a iſto. Que ninguem deve obrar, contra a conciencia verdadeira, ou ſeja certa, ou provavel. Que a opiniam mais provavel ſe-deve preferir, à menos provavel. Que a mais ſegura deve preferir-ſe, à provavel, ſe eſta tem mais fracos fundamentos. Que contra a conciencia duvidoza, nam ſe-deve obrar coiza alguma. Que de dois males morais, nenhum ſe-deve eleger. Que os eſcrupulos ſem fundamento, ſe-devem deſprezar. Que quando o Omem tem conciencia erronea invencivelmente, deve obrar conforme ela. Como tambem ſe é vencivel, em materia indiferente. Sendo porem materia proibida, ou mandada, nam pode obrar, ſem primeiro examinar, a conciencia. Iſto, é o que baſta ſaber por-agora: o mais, rezerva-ſe para outro tempo.

Da conformidade das-aſoens com a Lei, nace no-Omem aquilo, aque chamam *Virtude*: como tambem dos-muitos pecados ſe-gera o coſtume, a que chamamos *Vicio*. Deve pois aqui intender, qual é a ideia de Virtude. Que eſta ſe-divide em quatro eſpecies, a que chamam *Cardiais*, ou *Fundamentais*; porque delas nacem todas as outras. E deve ſaber, como obram as Virtudes. Eſta doutrina, tendo recebido os principios da-Fizica que ſugerimos, facilmente ſe-percebe: e bem ſe-compreendé, que nam á mais que uma virtude, que é a *Prudencia*: a qual, ſegundo diverſas aplicaſoens, tem diverſos nomes. Onde deve formar, verdadeiro conceito das-coizas, ſem fazer cazo, do-que dizem muitas Eticas neſte particular. E daqui, por-contraria razam, conhecerá, que coiza é Vicio.

A ſegunda parte da-Etica divide-ſe, comò diſemos, em duas partes. A primeira, é a que trata, dos-varios oficios ou obrigaſoens do-Omem: da-qual agora diſcorreremos. Deve pois o eſtudante ſaber, quais ſam as obrigaſoens, que a lei Natural moſtra, devo uzar com Deus, e comigo em quanto ao corpo. Deſpois, os oficios que um omem tem, com outro omem, ou uma Naſam com outra: tanto os *abſolutos*, como lhe-chamam os Juriſtas, e de que nace perfeita obrigaſam; como os *ipoteticos* &c. Seguem-ſe as obrigaſoens dos Cazados: dos-Pais, e Filhos: Amos, e Criados: Principes, e Suditos. Finalmente, para compreender tudo bem, deve ſaber os meios, por-que os Omens ſe-movem a obſervar as leis: a ſaber a Pena divina, e umana: a Guerra, com as ſuas antecedencias, e conſequencias: Patos de guerra, e de paz &c. Eſta materia nam é tam difuza, como muitos crem: pois pode-ſe compendiar muito bem; e com facilidade ſe-pode tomar ideia, de todas eſtas obrigaſoens: porque o que agora ſe-procura, nam é uma longa iſtoria; mas a razam primaria, de todas eſtas obrigaſoens.

Parece-me, que niſto ſe-compreende, o que baſta ao eſtudante. A outra parte da-Etica, aque chamam *Juriſprudencia Civil*, ou *Politica*; e que enſina o modo, de regular as aſoens dos-omens particulares, em quanto ſam membros da-ſociedade civil; nam julgo ſer tam neceſaria, ao eſtudante de Filozofia; que nam quer ſer, miniſtro de-Eſtado, nem ter empregos publicos. Onde por-agora ſomente explicaria, a primeira parte da-Etica, e a Juriſprudencia Natural, que é neceſaria a todo o omem. Porem quando o eſtudante quizeſe, ſeguir a Lei, &c. neſte cazo obrigaloia, a que a-eſtudáse, e completáse o eſtudo da-Etica, antes de entrar na Lei. A razam diſto é, porque a Juriſprudencia Civil, tam neceſaria a todos os que tem empregos publicos, nam ſe-pode ſeparar da-Etica, ſem cair em infinitos erros: porque omem, que nam deſpe primeiro, por-meio da-Etica, os vicios do-animo; todas as aſoens deſte omem, nam ſam oficios, mas vicios e maldades. A Politica ſem Etica, é arte de enganar: pois ſó é bom cidadam, o que é omem bom. Onde quem quer ſeguir aqueles empregos, deve unir a prudencia, com os principios da-Etica. Mas diſto falarei a ſeu tempo: que neſte lugar nam é neceſario.

Sci

Sei que alguns, que abraſam uma divizam nam deſemelhante da-que inſinûo, executam-na muito mal: pois enchem a Etica de diſputas, ſutilezas, divizoens impertinentes, com o pretexto de ſeguir em tudo Ariſtoteles. &c. Outros, introduzem longuiſimas diſputas, mais proprias de Teologos, e Juriſtas, doque de Filozofos. Mas no-noſo cazo deve-ſe fugir um, e outro extremo. As coizas que ſam incontroverſias, ou claras, devem-ſe expor brevemente: e naquelas que ſam diſputadas, pode-ſe dar a razam clara do-que ſe-diz; e talvez reſponder aos argumentos contrarios, ſem declinar para o-ſofiſma. Eſte é o motivo, porque a Etica dezagrada a muitos: porque devendo tratar-ſe iſtoricamente, viſtoque a maior parte aſim ſe-deve expor; eles enchem-na de tais arengas, que nem menos um omem feito os-pode intender. Dificultozamente ſe-acha uma Etica, feita polo modo que digo. Os que eſcrevèram bem neſta materia. ſam Grocio (1), e o Baram de Puffendorf (2): Porque aindaque antes de Grocio, o famozo Bacon de Verulamio deſe os principios, e enſináse a eſtrada neſta materia; nam deu porem um ſiſtema inteiro, com bom metodo, como o Grocio: e melhor que eſte, Puffendorf. Mas eſtes ſam autores difuzos, e ſomente proprios para os meſtres, e ambos erejes; aindaque comumente osleiam todos. O Muratori eſcreveo uma Etica em Italiano: mas tambem é difuzo, e em varias partes nam agrada a muitos, pois declina muito para ſermam. Alguns Alemaens v.g. Heinecio, Vitriario &c. tem eſcrito bem neſta materia, principalmente neſtes ultimos tempos: mas nem a todos agradam. Certo amigo noſo o *** tem compoſto uma, que me-parece proporcionada ao intento. a qual ſeria util que ſe-impremiſe: e é Latina. No-emtanto, pode-ſe ler Puffendorf: e quem nam tiver outra, pode ler o compendio de Purcocio: aindaque na minha eſtimaſam, e tambem de omens doutos, nam valha nada, porque diſputa muito. Se o meſtre viſe, que o eſtudante nam podia acabála toda, baſtaria que lhe-explicá-ſe as principais partes: e lhe-encarregáſe. que antes que ſe-aplicáſe a outro eſtudo, a-leſe e conſideráſe bem. Poriſo digo, que para eſtes principios, deve-ſe buſcar nam livro grande, mas compendio, e claro: e em Portugal, onde ainda nam ſe-introduzio eſte eſtillo, é neceſario uma Etica particular: e nam ſervem todos os livros, que em outras partes agradam.

Mas tambem devo advertir a V. P. que neſte particular tanto cuidado ſedeve ter, em buſcar uma Etica boa, como em fugir, de todas as que ſam más: achando-ſe muitas nocivas, e outras impias, ou pouco menos. Na claſe dasnocivas, ponho a Etica do-Conde Tezauro: pois por-querer ſeguir muito Ariſtoteles, fez uma obra deſcarnada, cheia de muitas divizoens, e poucas doutrinas boas: o que quero ſe-intenda tambem, de outras ſemelhantes a eſta. Entre as impias, a primeiras é a de Machiavelo: porque nam dizendo ele ſenam aquilo, que ſe-pratica todos os dias nas cortes, e outras partes; facilmente inſpi-

(1) *De Jure Belli & Pacis. 4. volum. 2.*
(2) *De Officio Hominis & Civis. 16. = de Jure Naturæ & Gentium 16.*

inſpira o veneno dos-ſeus principios, apadrinhado polo uzo comum. Ponho em ſegundo lugar, a de Spinoza Olandez, que é impia por-outro princípio. tira a liberdade ao Omem: e confunde o Omem com Deus: e tudo iſto debaixo de beliſimas expreſoens, que podem enganar qualquer. Ponho em 3. lugar Tomaz Hobbes Inglez. Eſte omem foi um grande Filozofo, e Geometra: e tambem em materia de *prudencia Civil* eſcreveo mui bem, nos-ſeus trez livros intitulados: *Elementa Philoſophica de Cive*, aonde trata do-direito Natural, e das Gentes. mas entre eles introduzio mil ipotezes falſas, e temerarias, e é um verdadeiro Epicureo, Locke outro Inglez famozo, tratou tambem do-direito Natural &c. com a ſua coſtumada penetraſam, e profundidade: mas á muita gente a quem nam agrada por-certas razoens: polo menos, nam fez um corpo inteiro de doutrina. Cuido, que polos meſmos principios, nam agrada o Barbeirac. O certo é, que eſtes autores tem muita coiza boa, e tambem muita ma. onde nam ſervem, ſenam para omens feitos, e bem fundados nos-principios da-religiam Catolica: que os-podem ler ſem perigo, e deles tirar o que é util. Digo iſto a V. P. porque como creio nam terá toda a noticia, deſtes livros eſtrangeiros, nam ſuceda enganar-ſe; aconſelhando a algum dos-ſeus amigos, ou dicipulos, a leitura deſtes, e ſemelhantes autores; que frequentemente ſe acham citados com grande louvor, por-alguns, que nam explicam, nem diſtinguem iſto bem.

Tenho dito a V. P. o que me-ocorre, ſobre o modo de completar o eſtudo filozofico. A alguns dezagradará eſte metodo, porque nam coſtumam aprovar, ſenam o que eles praticáram; ſem examinarem, ſe foi bem, ou mal feito. Com eſtes nam diſputo: nem para eſtes eſcrevo. Eſcrevo ſim para V. P.: que ſei nam me-condenará, ſem primeiro ouvir, e examinar, as minhas-razoens. Mas nem menos amo tanto a minha opiniam, que me perſuada, que nam ſe-pode diſpor tudo, de outra maneira: bem que a minha ſe-conforme, com a de muitos omens doutos. Antes ſou tam docil niſto, que pode admetir, diverſidade de pareceres, que eu meſmo confeſo, que ſe o eſtudante quizer empregar todo o ano terceiro, com a Fizica; nam o-condenarei: contantoque, antes de eſtudar alguma das-profiſoens apontadas, eſtude a Etica, que ſam os primeiros elementos. Porem devendo dizer a V. P. o meu parecer, diſe como ſe-podia ordenar, um curſo de Filozofia completo, é util nam só para regular o juizo, mas tambem as aſoens da-vida: coiza que ou o omem fique em caza, ou ſiga alguma faculdade, ſempre é neceſaria. Alem diſo, dei a ideia, de ſeguir um curſo muito mais util, no-meſmo, e ainda menor tempo, doque comumente empregam em coizas deſneceſarias. Se pois falamos das-Univerſidades, em que ſe-determinam 4. anos para a Filozofia, com muita mais facilidade, ſe-pode fazer eſte eſtudo no 4. ano. Ainda que eu intendo, que neſas meſmas Univerſidades baſtavam os trez anos: e nos-eſtudos particulares podía encurtar-ſe o tempo. E quándo ſe-executáse eſte metodo como digo; facilmente ſe-conheceria, quam diferente utilidade ſe-tirava da-Filozofia, doque até aqui ſe-tem tirado. Deus guarde a V. P. muitos anos &c.

CARTA

CARTA DUODECIMA.

SUMARIO.

TRata-se da-Medicina, que é uma conſequencia da-Fizica. Nam é impropria aos Religiozos. Requizitos da-Medicina. Que o Medico, alem de Fizico, deve ſer um grande Anatomico. Ignorancia da-Anatomia em Portugal, e principalmente na Univerſidade. Prejuizos que os Portuguezes tem neſta materia: por cuja razam, nam podem ſaber Medicina. Odio que os Galenicos tem aos Anatomicos, e por-que razam. Abuzo dos-remedios por-falta de boa Fiziça, e Mecanica. Que os remedios, pola maior parte ſam impoſturas: principalmente os ſegredos mais louvados. Que o Galenico, nam pode ter boa pratica. Que a Cirurgia em Portugal, é totalmente ignorada. Aponta-ſe o metodo de eſtudar, a verdadeira Medicina, e Cirurgia. Apontam-ſe os melhores autores em Anatomia, Chimica, Medicina, Cirurgia.

MEU amigo e ſenhor, Recebi com grande goſto a carta de V. P. de 13. de Julho, em que me-dá noticia da ſua ſaude, e dos-ſeus trabalhos literarios felizmente concluidos. Tenho particular conſolaſam dos-ſeus luſtres, e aumentos: e dezejára com todo o goſto, poder concorrer para eles. Mas ſe nam tenho eſa fortuna, terei ao menos a ſatisfaſam de lhe-obedecer, em coizas do-ſeu agrado, e empenho; como farei agora neſta carta. Devo porem advertir a V. P. que eu nam ſigo o metodo, que me-inſinúa neſta ſua carta: porque altéra ſumamente a ordem, que eu tinha eſtabelecido. Paſar logo da-Filozofia à Teologia, aindaque poſa ſer util aos Religiozos, é, alterar a ordem dos-tratados, e confundir as ideias aos principiantes. A materia que propuz a V. P. nas minhas duas ultimas, conduz-me a falar em duas faculdades, que ſam conſequencias das-ditas. Falo da-Medicina, e Juriſprudencia: porque aquela, é uma continuaſam da-Fizica, e eſta, da-Etica: com as quais tem mais proximo parenteſco, que com a Teologia. Onde, ſeguindo o plano ideiado, falarei neſta carta, ſobre a Medicina: na ſeguinte, ſobre as leis Civis: vencidas as quais dificuldades, obedecerei a V. P. no-que me-ordena. E eſpero, que, ouvindo as razoens que me-movêram, me-deſculpe, nam ſeguir o fio que me-inſinúa, ſó por-ſeguir outro mais natural.

Aſim que a Medicina, é o argumento da-prezente carta. E aqui me-parece ouvir ja, um confuzo ſuſurro dos-leitores, e deſtes Socrates Portuguezes, que ſe-eſcandalizam, que um omem de profiſam regular, e de um inſtituto tam apertado como o meu, queira entrar em ſeara alheia, e diſcorrer em uma materia tam diſtante, ſegundo eles dizem, do-meu inſtituto. Tambem niſto, ſeja dito aqui entre nós, reconheſo a infinita ignorância deſtes pai-

zes.

zes. Primeiramente, ſe a Filozofia nam é impropria aos Religiozos, nem menos o-deve ſer a Medicina: da-qual mais de trez partes, ſam pura Filozofia. Alem diſo, nam acho algum canone de Concilio, que proiba aos Religiozos, dizer o ſeu parecer ſobre a Medicina, ou Cirurgia. Polo contrario acho, que por-muitos ſeculos os Clerigos Seculares e Regulares, foram os unicos Medicos deſe tempo, e os que ſe-aplicáram à Fizica, e Medicina. No-XI. e XII. ſeculo da-Igreja, nam avia coiza mais frequente, que eſta. Obicio Religiozo de S. Vitor, era Medico de Luiz VI. Rei de Franſa: Fulberto Biſpo de Chartres, Pedro Lombardo chamado o Meſtre das ſentenſas, Rigordo Monge de S. Dionizió, deixando agora outros muitos, eram Medicos. Finalmente iſto era tam vulgar, que o Conclio Lateranenſe congregado por-Inocencio III. no-ano 1139. conſidera como um abuzo envelhecido nos-Monges, e Conegos Regulares, exercitarem a profiſam de Medicos, e Advogados, para conſeguirem riquezas. Nam condena o uzo, mas o abuzo: viſtoque deſpois deſe Concilio quazi trezentos anos, os Clerigos exercitáram a Medicina: aindaque nam a Cirurgia. O que baſtava, para convencer eſtes criticos, que fogem de ouvir as repreenſoens, com o pretexto de nam ſerem feitas, por-omens da-ſua profiſam. Mas eſta nam é a queſtam. o ponto eſtá ſe o que cenſura, faz iſo com razoens boas, ou mas. O que ſupoſto, ſem fazer cazo doque dizem eſtes Senhores, darei a V. P. as minhas razoens. Se eſes a quem as-propuzer, ſouberem intendèlas, e confutálas, terei particular conſolaſam: quando nam, nam devem olhar para quem o-diz, ſenam para o que diz. Aindaque ſem vaidade alguma podia dizer a V. P. que talvez tenha eu eſtudado mais Medicina, e aſiſtido a mais anatomias, e converſado mais dias, com os que eram inſignes neſtas materias; doque muitos, que as-profeſam neſte Reino. Mas, deixando de parte tudo iſto, digo da-Medicina, o que ja diſe da-Fizica, que neſte Reino, nam ſe-ſabe de que cor é: e que neſa Univerſidade, ſabe-ſe ainda menos. viſtoque na Corte, à forſa de converſar com alguns eſtrangeiros, tem algumas peſoas aquiſtado, noticias menos más: que certamente nam ſe-acham nas provincias. Cuido, que provarei a V. P. com facilidade eſte ponto, ſe lhe-trouxer à memoria, o que é a verdadeira Medicina, e o que ja lhe-diſe, da-Filozofia deſte Reino.

A Medicina é a Ciencia, *que enſina a conſervar, e recuperar a vida perfeita, e ſaude do-corpo umano.* Eſta diſiniſam nam tem controverſias, porque é clara, e abraſada geralmente. Daqui fica claro, que coiza deve ſaber o Medico: porque examiñada eſta diſiniſam, e cadauma das-ſuas partes, conhece-ſe até onde ſe-deve eſtender, o conhecimento da-Medicina. Deve pois o Medico ſaber 1. que coiza é corpo. 2. que coiza é corpo umano. 3. que coiza é vida do-corpo umano inteira e perfeita, 4. que coiza é vida imperfeita, e ofendida. 5. que coiza é ſaude perfeita. 6. que coiza é ſaude ofendida. 7. que coiza até aqui tem deſcuberto o ingenho umano, para conſervar, e recuperar a ſaude. Eſtes conhecimentos pode ter qualquer Filozofo, ſem ſer Medico.

O

O 8. e particular do-Medico é, saber aplicar esta medicina, em certo tempo, e certo modo, e certeza dóze &c.

Cadauma destas partes divide-se em outras, que abrasam legitimamente tudo, o que é necesario a um bom Medico. O primeiro conhecimento, que é saber, que coiza é Corpo, traz consigo o conhecimento, de quasi toda a Fizica. Porque somente se-sabe que coiza é corpo, quando, postos de parte todos os prejuizos, se-forma verdadeira ideia do-corpo, examinando qual é a natureza daquilo, que todos constantemente asentam, que é *corpo*: despois as propriedades, e todos os acidentes que lhe-competem. Em uma palavra: lembre-se V. P. do-que lhe-dise na Fizica, que era necesario ao omem, que queria saber que coiza é corpo; e asente que tudo iso, é necesario ao Medico. Onde deve saber a Geometria, e Calculo: porque sem ese conhecimento, nunca chegará a conhecer, que coiza é corpo, e quais sam as forsas dos-corpos duros, e elasticos: como tambem dos-fluidos, e mutua concorrencia deles.

Esta noticia, é indispensavelmente necesaria, a quem quer conhecer, que coiza é corpo: e especialmente necesaria, a quem do-movimento dos-corpos deve deduzir os fenomenos, que sucedem no-corpo umano, tanto entre os solidos, como nos-fluidos que correm por-eles: o que compreende, a maior parte da-Fizica. E nem só iso, mas, rigorozamente falando, nem menos pode o Medico pasar-se de examinar, os fenomenos que rezultam, das-diversas unioens de partes insensiveis de corpos, a que chamam principios de sensasoens: como sam as *cores*, *calor*, *frio* &c. e todo o sistema dos-Ceos, com as suas consequencias. Das-quais duas coizas, juntas com o que disemos, se-compoem iso a que chamamos, Fizica completa. A razam disto é, porque se nam seacostuma, a discorrer bem nestas materias; e em-todas elas nam faz um sistema fundado nas experiencias, como *datos*; e regulado polos principios da-Matematica, que nam deixa errar nos-raciocinios que dela se-deduzem; todos os momentos achará dificuldades insuperaveis. Tambem se nam souber, o sistema das-Cores; nam intenderá bem, que coiza é vizam: de que sirvem os orgaons: como se-podem curar as infermidades dos-olhos: nem poderá de repente julgar, se esta ou aquela coiza é nociva à vista &c. Tambem o sistema Planetario bem intendido, (intendo por-isto, nam só o diferente sitio dos-Astros no-Universo, mas a constituisam fizica deles) pode livrar o Medico, de mil terrores panicos: v. g. nam querer sangrar em Lua nova, e outras ridicularias destas. Finalmente, pode esta erudisam dar ao Medico, mil noticias utis sobre o Ar, e mui necesarias para alcansar a cauza, de muitas infermidades. De que venho a concluir, que nam só o que convem ao corpo geralmente, mas uma inteira noticia da-verdadeira Fizica, é sumamente necesaria ao Medico: e que daqui é, que deve comesar, o estudo da-Medicina. E tendo dito a V. P. isto, fica superfluo repetir-lhe particularmente os motivos, porque ao Medico é necesario, saber Geometria, e Aritmetica, e as outras partes da-Fizica. Tudo isto explico com uma palavra, dizendo, que o Medico deve ser,

um perfeito Fizico: iſto é, deve ſaber que coiza é corpo, e todas as ſuas propriedades: ſaber bem a iſtoria dos-fenomenos naturais, e mediante o que ſabe com certeza dos-corpos, iſto é, mediante a noticia da-Matematica ſimplez, deve deſcobrir as cauzas, dos-particulares fenomenos que obſerva. Iſto claramente ſe-colhe, da-definiſam da-Medicina, e concedem-no ſem repugnancia, os meſmos Peripateticos.

Deſte primeiro principio fica claro, que conceito ſe-deve formar, da-Medicina deſte Reino. Porque ſendo todos eſtes Medicos Peripateticos, que vale o meſmo que dizer, ignorando a Filozofia, e eſpecialmente a Fizica; é certo, que nam podem ſaber, coiza alguma da-Medicina. Aindaque eſtes Medicos leſem, algum dos-livros de Ariſtoteles das-coizas naturais, como da-Geraſam e natureza dos-animais; Meteoros &c. em que ſe-acham baſtantes obſervaſoens boas; nam podiam diſcorrer melhor. E' certo, que o Medico que eſtudou aquilo, a que nas eſcolas ſe-chama, *Fizica de Ariſtoteles*, que conſiſte, em palavras gerais; tudo explicará ſegundo o dito ſiſtema: ſervindo-ſe de trez vozes, *materia*, *fórma*, e *uniam*: de 4. *elementos*, *qualidades* &c. com as quais certamente nam ſe-intende, o que diſe Ariſtoteles nos ditos livros: nem ſe-pode tirar documento algum util, para a Fizica. Mas o pior é, quem nem menos iſo lem. e apoſtarei eu, que nam acha V. P. um só, que ſaiba, que matérias tratou Ariſtoteles. O que digo por-experiencia: pois nem menos até aqui achei leitor algum de Filozofia neſtes paizes, que me-reſponde-ſe coerentemente, a eſta progunta.

O Medico, paſa para a Medicina, com a noticia que tem na Fizica. e como ja em outra carta moſtrei a V. P. que os que ſeguem o Peripato, nam podem ſaber Fizica; fica claro, que coiza pode ſaber o Medico, que nam eſtudou, as coizas neceſarias para a Fizica: que ignora, que coiza é corpo: e que nem menos ſabe, que eſta noticia nam ſe-pode ter, ſem um perfeito conhecimento da-Matematica ſimplez. Nem cuide V. P. que engrandeſo muito a minha propoziſam: eu o-deixo à ſua experiencia, e fico certo, que ſe diſer a algum Medico, que a Medicina nam ſe-pode ſaber, ſem eſtas Ciencias; á-de ouvir grandiſimas rizadas. o que certamente provèm, de nam ſaber, que coiza é Fizica. Na verdade intender, que podem ſaber que coiza é corpo, ſem conſiderar o corpo, polo modo que apontamos, é loucura. E' nem menos Ariſtoteles apadrinhára tal opinia •: pois conhecia ele muito bem, que ſem o movimento; e ſuas propriedades, ignora-ſe que coiza ſeja a natureza corporea: e o-deu mui bem a intender com o exemplo, viſtoque eſtudou a Matematica: nem podia ſer de outro modo, tendo eſtudado na eſcola de Platam.

O ſegundo requizito conſiſte em ſaber, que coiza é corpo umano. E eſte é o principal emprego do-Medico: viſtoque neſte é, que ſe-deve impregar, a ſua ciencia. Onde nam baſta ſaber, que coiza é corpo, e o que compete em geral ao corpo: mas particularmente deve ſaber, o que é corpo umano. Da-meſma ſorte que o relojoeiro, nam baſta que ſaiba, que coiza é metal, mas

é

é neceſario ſaber, de que partes ſe-compoem o tal relojo, e que figura, e uzo tem. Sem eſte conhecimento, poderá falar muito; mas nam ſaberá, que coiza é relojo: que lhe-falta: e como ſe-conſerta. O noſo corpo é uma machina idraulica, muito mais perfeita, que um relojo: pois nele vemos os vazos, e fluidos, que correm por-eles; e os oſos, que ſuſtentam toda machina. Baſta ver o coraſam, e as arterias, e veias que nácem dele (as arterias produzem novos ramos laterais, para diſtribuirem o ſangue por-todo o corpo: o qual recebe-ſe nas veias, que o-reſtituem ao coraſam) e alguns outros vazos, para fazer as ſeparaſoens; para ſe-capacitar bem, do-que dizemos. Quem nam tem eſte conhecimento da-Anatomia, e os que dele ſe-ſeguem, nam é capaz de ſaber Medicina. Diſcorra quanto quizer o Galenico, ſobre as quatro qualidades; ſe nam chegáſe a conhecer, a circulaſam do-ſangue, ignoraria o que ſam muitas infermidades, e como ſe-curam. Quem nam conhece, a machina dos vazos, nam pode ſaber, por-que razam a ſangria na veia, pode ſer util às vezes; e na arteria comumente é prejudicial: mas pode aver ocazioens, em que ſeja neceſaria na arteria: Nem menos poderá ſaber, como ſe-curará a arteria picada com a lanceta, e outras coizas ſemelhantes. Concedem os meſmos Galenicos, que deſpoisque Harveo deſcobrio, a circulaſam do-ſangue, a Medicina tem-ſe adiantado e aumentado muito. Mas ſe quizeſem conſiderar melhor a materia, achariam, que ſe nam ſe-continuar, o eſtudo da-Mecanica do-corpo, ſeguindo o meſmo metodo de Harveo; nam ſe-poderám ſaber, as cauzas de outras infermidades. Finalmente, niſto convem todos, os que tem juizo.

Mas eſte conhecimento Anatomico, é o que nam ſe-acha neſte Reino, e muito menos neſa Univerſidade: onde de Anatomia, nam ſabem ſenam o nome. Eſtes Portuguezes vivem perſuadidos, que profeſor Anatomico, rariſimas vezes é bom Pratico. e com eſta ideia lem só alguns termos, para uzarem deles nas-conſultas; (que é o meſmo que dizer, para inganarem o mundo, dando a intender, que ſabem Anatomia) e tudo o mais, dizem que pertence, ao Cirurgiam pratico. Na Univerſidade, aindaque aja uma cadeira de Anatomia, nam tem exercicio: pois só duas vezes no-ano fazem a tal Anatomia, em um carneiro, cujas partes ſe-moſtram na eſcola. Nam ſei ſe V. P. poderá ler iſto ſem rizo: eu certamente eſtou-me rindo, quando o-eſcreveo. Querer ſaber a anatomia do-omem, pola do-carneiro, é uma ideia nova. Pois aindaque as anatomias dos-animais ájudem, para formar conceito, de algumas pártes do-omem; contudo, primeiro ſe-devem examinar mui bem no-cadaver do-omem: e ainda deſpois de obſervar nos-animais, é neceſario tornar a confirmar, a meſma noticia no-omem, para ver ſe concorda. Obſerve V. P. a *vulva*, oú *madre*, como aqui lhe-chamam, de uma cadela, de uma corſa, de uma coelha, e achará, que nam só ſam diferentes entre ſi, mas diferentes do-utero da-molher. Alem diſo, o que eles moſtram no-carneiro, ſam as partes maiores: nam ſam eſtas, as que dam ideia da-Anatomia. Quanto ao perſuadir-ſe, que os Anatomicos ſam maos Praticos, eſta ideia é já mui velha nos

Galenicos, porque nem ſabem Anatomia, nem Medicina: e aſim dizem mal, daquilo que nam intendem. E' coiza digna de rizo, que a um omem que cura o corpo umano, aja de ſer prejudicial, conhecer que coiza é eſe corpo umano. E é coiza digna de compaixam, que a omens que eſtudam Medicina, ſaia da boca ſemelhante erezia! Por-pouco que eſtes omens conſideraſem a materia, conheceriam, que ſaber o uzo das-partes do-corpo umano, é indiſpenſavelmente neceſario na Medicina: coiza que o ſeu Galeno conheceo, pois eſcreveo um tratado deſta materia, e chamou à Anatomia, *Oculus dexter Medicina*. Ora é certo, que, ſem perfeito conhecimento das-partes, nam poſo ſaber o uzo delas: e conſeguintemente, da-Anatomia depende tudo.

Alem diſo, ſe a pratica conſiſte, em conhecer a cauza particular, deſta determinada infermidade, e podèla curar; que impedimento ſeja para iſto, ſaber Anatomia, eu nam alcanſo. Formará melhor conceito, da-cauza de uma infermidade, quem nam ſabe onde ela ſe-forma, doque quem o-ſabe? intenderá melhor a cauza, de qualquer dor do-corpo, quem nunca vio um corpo aberto, doque quem é pratico das-entranhas? Que omem de juizo ſe-perſuadirá deſta propoziſam? Como é poſivel, que poſa um omem, emendar algum vicio dos-olhos, ſe nam conhece a eſtrutura deles? Como á-de julgar; que coiza é uma aneuriſma na Aorta, na Celiaca, nas arterſas Iliacas &c. ſe ignora a ſituaſam, e eſtrutura deſas partes? Porque modo chegará a conhecer, ſe em alguma parte ſe-acha algum cirro; ſe a molher tem algum defeito organico nas partes da-geraſam, v.g. a boca do-utero torta, ou coiza ſemelhante; como advertio bem o doutiſimo *Valiſnieri*; ſem ter um perfeitiſimo conhecimento, da-Anatomia deſas partes? Certo é, que ſem eſte conhecimento, poderá aplicar mil remedios: mas todos inutilmente. Mas eſta é antiga cantilena dos-Arabes Galenicos: querem curar as coizas, com diſcurſos aereos: E como a ſua Fizica aprende-ſe ſomente nos-ſeus livros, mas nam na natureza; aſim tambem a ſua Medicina, intendem ſe-deve eſtudar no-Gabinete, e nam no-Oſpital, ou teatro Anatomico. Dizem mal dos-Anatomicos, porque eſtes, conſiderando o corpo como uma machina, como na verdade é, conhecem, que muitas infermidades ſe-podem curar, ſem tantos remedios. Os Galenicos polo contrario, fundam-ſe em receitas grandes, e curam às apalpadelas. Eſte é o principio, de odio tam intranhavel.

Deſte principio ſe-colhe, que devem ignorar o 3. e 4. requizito, da-Medicina. Aindaque ſeja preocupado o Galenico, cuido que nam poderá negar, que o ſaber que coiza ſeja, vida inteira, e perfeita do-corpo umano, e vida mutilada e imperfeita; é indiſpenſavelmente neceſario ao omem, cuja ocupaſam conſiſte, em fazer que deſa vida imperfeita, ſe-reſtitua o doente para uma perfeita vida e ſaude. Tomára pois que me-diſeſe eſte tal Galenico, como ſe-pode ſaber, como vive o Omem, ſem ſaber diſtintamente, de que partes ſe-compoem? O ſaber como vive, conſiſte no-ſaber, o uzo das-partes: e o ſaber eſte uzo, ſem ſaber quais ſam as partes, é um paradoxo bem galante.

O

O meſmo digo do 5. e 6. requizito, que ſam conſequencias deſtes doís. A ſaude perfeita conſiſte principalmente, no-devido uzo das-partes neceſarias à vida: a imperfeita polo contrario: e tudo iſto ſe-funda em ſaber, quais ſam as partes, e o ſeu uzo. Deixo agora o 7. e 8. requizito: porque deles falarei em ſeu lugar. O que diſemos dos-ſeis apontados moſtra bem, que, ſem um perfeito conhecimento da-Anatomia, nam ſe-podem ſaber as cauzas, de muitas infermidades: ſem conhecer as quais, nam é poſivel dar-lhe remedio, ou dezenganar um doente, que o-nam-tem, e poupar-lhe eſa deſpeza. Acham-ſe infermidades extraordinarias, cuja cauza só ſe-deſcobre, quando ſe-abre o cadaver. Li em Boerhaave a iſtoria de uma doenſa ſingular, que dois Medicos tam grandes, como ele, e Albini, nam puderam conhecer, pola ſua ſingularidade. Aberto o corpo, achou-ſe que era, uma rotura no-*eſophago* perto do-ventriculo, pola qual ſaiam todos os liquidos que bebía o doente, e entravam na concavidade do-peito; produzindo orriveis fenomenos, e martirios no-pobre doente. Acham-ſe mil relaſoens de ſemelhantes infermidades, cujas cauzas só ſe-deſcobrîram, com a Anatomia. E que faria um Galenico em tal cazo? aplicaria mil remedios; empobreceria, e conſumiria o doente.

Baſta ler o famozo tratado do-*Boneli*, intitulado *Sepulcretum Anatomicum*, ſem falar agora em outros, para intender, que ſem a anatomia dos-cadaveres nam podiamos deſcobrir a cauza, de infinitas infermidades: ſem conhecer as quais cauzas, nam ſe-podem curar. Que Medico, ou Cirurgiam dará promto remedio, à inſoportavel dor do-Panaricio interno malino, que improvizamente aſalta, cauzando às vezes dezeſperadas dores, convulſoens, dilirios, febre, gangrena, e a morte; e tudo iſto ſem ver-mos ao principio, aparente tumor no-dedo, nem outro final: ſe acazo nam for perfeitamente informado, da-eſtrutura do-dedo: que tem o ſeu tendine cheio de vazos, nos-quais pode formar-ſe uma obſtruſam ou inflamaſam: Aqual certamente nam ſaberá remediar promtamente, quem nam conhece bem, que partes á no-dedo. As obſervaſoens Anatomicas do-diligentiſimo *Santorini*, confirmam o prezente aſumto: alem de infinitas obſervaſoens, de famozos Anatomicos, e Medicos. No-tempo de Galeno nam faltava quem julgáſe, que nas arterias nam ouvèſe ſangue: e nem menos na *aorta*: porque, ſegundo diz *Cornelio Celſo*, intendiam, fundados na opiniam de Eraſiſtrato, que a inflamaſam ſe-originàse, quando o ſangue entrava nas arterias: que eles cuidavam eſtarem vazias: e dos-quais galantemente zomba Galeno. Mas oje, deſcuberta a circulaſam do-ſangue, manifeſta a Anatomia, que continuamente corre polas arterias o ſangue: e que obſtruindo-ſe as extremidades deſas arterias na-parte eſtreita, nace a inflamaſam. Mas eu proſigo, e progunto, quem enſina a ſangrar copiozamente na Apoplexia procedida da-Pletora, ſenam o-ter conhecido, por-meio da-Anatomia, as extravazoſoens ſucedidas no-cerebro, por-cauza da-muita copia de umores? E tornando outra vez ao meſmo *Boerhaave*, nam deixarei de fazer memoria, de outro cazo que lhe-ſucedeo, em que a Anatomia, e o bom ra-

cio-

ciocinio, livrou um omem da-morte. O cazo é eſte. A certo cavalheiro ſucedeo uma forte convulſam, na queixada inferior, cauzada de grave contraſam do-muſculo crotofite: e tam violenta, que nam podia comer, nem abrir a boca de modo algum. Nam deixáram os Medicos de lhe-fazer tudo, o que enſinára uma longa experiencia, com medo, que nam morrèſe de fome: e até procuráram abrir-lhe com forſa a boca: mas ſem fruto. Chamado *Boerhaave*, e informado do-cazo, diſcorreo aſim: Os muſculos tem a ſua asám de contrair-ſe, por-cauza do-influxo do-ſangue, que conduzem as arterias, e do-ſuco nerveo, que conduzem os nervos. onde deminuindo-ſe a copia de um deſtes, deminue-ſe a asám dos-nervos. Iſto poſto, ordenou a artereotomía na fonte: e no-meſmo inſtante abrio o doente a boca. Progunto: intende V. P. que eſta deduſam pode fazer-ſe, ſem noticia da-Anatomia, e grande noticia da-Mecanica? certamente quem nam tiveſe eſtes fundamentos, aindaque tiveſe mil anos de pratica, nam concluiria, nem tiraria documento algum util. Finalmente, digo tudo em uma palavra. Quem diz, que a Anatomia é prejudicial ao Medico, nam ſabe a antiga obrigaſam do-Medico, de ſer bom Cirurgiam, e, por-neceſaria conſequencia, otimo Anatomico: paraque do-conhecimento das-doenſas externas, paſe a conhecer as internas, como nos-enſina *Boerhaave*, e *Ipocrates*. E ainda aqui me-fica outra circunſtancia, e vem aſer: que até para a Republica, é neceſaria a Anatomia. Pois proguntado um Medico, ou Cirurgiam polo Magiſtrado, que declarem, ſe uma fer da é mortal, iſto é, ſe ſe-acha ofendida uma das-partes, neceſarias à vida: como pode formar reto juizo, ſe ele nam ſabe, por-meio da-Anatomia, quais ſam eſas partes? Finalmente iſto é tam claro, que só os cegos ou loucos o-nam-intenderám. E de paſagem note V. P. que os Portuguezes ſem o-querer, o-confeſam: porque eles elegem um Medico, para Cirurgiammór do-Reino. uma de duas, ou iſto é uma aparencia de comedia, e tanto vale nomiar aquele, como um ſapateiro: ou o Medico deve tambem ſer Cirurgiam; que é o meſmo, que Anatomico.

Mas, dirá V. P. com toda eſa Anatomia os omens morrem, e muitas doenſas nam ſecuram. Concedo: E o meſmo, ou pior ſucederia, ſe os omens foſem compoſtos de canais de bronze: e talvez neſe cazo morreriam mais de preſa. que agora: como vemos nos relojos, que certamente duram menos, que os omens. Nunca me-paſou pola imaginaſam, querer que os Medicos, tiveſem a virtude de fazer milagres, ou de emendar os defeitos da-natureza, corrupta polo pecado. Sempre ouveram, e averám doenſas incuraveis. Se muitos morrem, por-neceſidade da-natureza; é certo que muitiſimos ſaram, com o beneficio da-Medicina. O que digo é, que conhecendo a infermidade, ou aplicará o remedio que tem, ou dezinganará o doente. Se os que eſtudam muito nos-corpos mortos, as cauzas das-infermidades, ſabem ainda muito pouco; conſidere V. P. o que ſaberá, quem nada eſtuda, e nunca vio corpo aberto?

Nam eu poſo intender, a incoerencia deſtes ſeus Medicos Portuguezes,

em

em materia da Anatomia. Se ela é ſuperflua, e prejudicial à Medicina, nam deviam nem menos conſentir cadeira na Univerſidade; nem permetir, que ſe-moſtraſem as partes nas aulas. Se é util, deve-ſe enſinar bem: e nam baſta moſtrar as partes principais: mas as miudas, e miudiſimas. Todos ſabemos, que os carneiros tem boſes, figado, baſo, coraſam, bexiga, tripas, miolos. &c. para moſtrar iſto, nam é neceſario abrir os corpos. Se niſto á utilidade, é neceſario conhecer, a conſtituiſam intrinſeca dos-vazos, para formar conceito dos-fenomenos, que ſucedem neles. o que certamente nam ſe-ve na ſuperficie, mas com um exame canſado, e repetido. Ainda nam achei Medico Portuguez, que formáſe verdadeira ideia, de como circula o ſangue nos-vazos, e de que nace o movimento do-coraſam. Polo contrario achei muitos, que nem menos ſabiam, onde eſtavam as veias. Em certa caza me-achava um dia, em que um Medico famozo receitava ſanguixugas, no-orificio do-*podex*, para aliviar certas dores de cabeſa. Proguntei-lhe a razam da-receita: e ele com voz magiſtral reſpondeo, que era clara: Viſtoque da-cabeſa até a dita parte, vinham duas veias direitas, polo qual via ſe-deſcarregava. Confeſo, que nam podia conter o rizo: mas a prudencia, e atenſam que devia à dita caza mo-ſufocou. ſaî porem bem capacitado, de quanto valia o dito doutor em Anatomia: e quanto bem intendia, aquilo meſmo que receitava.

Se V. P. me-progunta, d'onde provèm o odio, que os Galenicos tem à Anatomia: cuido que nam me-canſarei muito, em lho-provar. Provèm dos-principios que bebèram, na Filozofia Peripatetica. Eſta Filozofia nam fórma ideia das-coizas, ſobre as meſmas coizas: quero dizer, nam fórma ideia da-natureza, ſobre a meſma natureza: mas das-ideias que tem formado, pola leitura dos-ſeus autores, é que finge a natureza. Aſentam, que a natureza é aquilo, que lèram nos-ſeus livros; e ao deſpois reduzem tudo, o que obſerváram na natureza; aos principios que tem bebido. Nenhum Peripatetico toma o trabalho de examinar, que coiza é aquilo, a que todos chamam *corpo*: quais as ſuas propriedades. nam Senhor. Lem no-ſeu livro, que *corpo* é a *quantidade*: e que eſta ſe-diſtingue da-*materia*: e daqui ſaiem dizendo, que a *materia* nam é corpo, mas corporea: que a luz nam é corpo, mas corporea: e outras coizas ſemelhantes: As quais quando V.P. aperta que lhas-próvem, nam acham que reſponder: quando lhe-moſtra experiencias, que nam ſe-podem explicar naquela ſenteníá, ficam mudos.

Deſta meſma ſorte diſcorrem ſobre o corpo umano. Dos-principios que tem bebido, ſaiem as qualidades do-corpo; ſaie a fórma cadaverica; e outras ridicularias deſtas. Se o Peripatetico tomáſe o trabalho de conſultar eſe corpo, e ver, que ſe-intende muito bem, o movimento do-ſangue polos vazos, (eſte é o que tem em pé eſta machina, a que chamamos, *corpo umano*) ſem recorrer a qualidades ocultas &c. conheceria, que as *qualidades*, e as *fórmas cadavericas*, ſam palavras ſem ſignificado. Tornemos ao exemplo de um relojo que parou, porque ſe-entortou um dente de uma roda, ou ſe-rompeo a cadeia.

Tam-

Tambem eu póso dizer, que entrou a fórma cadaverica no-dito relojo, porque lhe-faltou a ultima diſpoziſam, para a fórma de relojo, que produzia o movimento. Mas dizendo iſto, moſtro nunca ter viſto relojo: e qualquer relojoeiro me-dirá, que ſou louco: que nam á tais fórmas, que ſejam vida do-relojo; ou por cuja falta ele pare: mas que tudo conſiſte, no-ſimplez artificio: o qual nam ſe-pode mover, ſe alguma roda ſe-deſmancha, ou ſe-embaraſa. O meſmo digo do-corpo umano. Se os omens nunca tiveſem viſto, a eſtrutura interna do-corpo umano; eu lhe-perdoára, que conjeturaſem: mas ſe nós eſtamos vendo manifeſtiſimamente, que é um relojo, que recebe a vida da-circulaſam do-ſangue; ſeremos loucos ſe comeſar-mos a falar, em fórmas, ou qualidades; coizas de que nam temos ideia, nem prova alguma. Baſta olhar para a fabrica dos-boſes, para intender iſto. Nós ſem ar nam podemos viver, nam por-outra cauza, ſenam porque eſte ajuda, a circulaſam do-ſangue: o que ſe-moſtra, com as experiencias feitas, na machina de Boile: ou nas experiencias que ſe-fazem, em animais abertos vivos. Do-que claramente ſe-colhe, que um determinado movimento, tem em pé eſta machina: para conhecer a qual, é neceſario conhecer, o principio deſte movimento. Certamente que o movimento dos-liquidos polo corpo, ſem olhar para as qualidades, é o que ſuſtenta eſta machina. Onde, eſte conhecimento é neceſario ao Medico: o qual cura muitas infermidades, ſomente com fazer, que ſe-movam os umores adelgaſados, ſolidar os leves &c. e iſto ſem recorrer, *a peleijas de ſais*, *chamas de enxofre*, *qualidades ocultas do mercurio*: que ſam vozes, de que uzam muito os Chimicos, e que comumente nada ſignificam. Prova muito bem Boerhaave com varios exemplos, que, eſtando inteiro o ſolido, e liquido do-corpo vivente, e ſomente ceſando o movimento, ceſa a vida: tornando, reſucita. Ve-ſe iſto claramente, em um omem que deſmaia: no-qual pára o movimento, que faz circular os umores. baſta mover os nervos, deſorteque a materia movente do-coraſam ſe-mova; e no-meſmo tempo reſucita o omem: ſem tantos fermentos, e efervecencias &c. Como ſe-vio naquele omem, que, tendo-ſe eſvaido em ſangue; ſomente com beber um caldo de vitela, que lhe-ſaia puro polas roturas das-veias; ſe-conſortou, e viveo. As Aves, Inſectos &c. interiſados com o frio, quando recebem algum moderado calor, reſucitam. E alem diſo um animal morto, porque ſe-deſtruîra o *Torace*, aplicando-lhe um fole à *laringe*, e aſoprando-lhe os boſes, reſucitou.

Se advertiſe mui bem iſto o Peripatetico, reconheceria quantas falſidades afirma, quando diz, que a alma rocional é aquela, que faz comque viva o corpo: que eſtá unida ao corpo por-uma uniam corporea &c. Nada tem que fazer a alma eſpiritual, com a vida fizica do-corpo: ſendo certo, que a alma nam pode fazer coiza, que nam conheſa: e a alma ignora, o que ſucede dentro do-ſeu corpo. Deus infundio a alma no-corpo, para o-governar, e ſervir-ſe dele como inſtrumento, para algumas coizas. mas quanto á vida fizica, é certo que a alma ignora, o que ſucede nele. Iſto baſtava, para dezenganar os Peripateti-

cos,

cos, e moſtrar-lhe, que eſta tal vida nam depende da-alma: e conſequentemente que outra coiza, é aque o-tem em pé. Se acazo, conſervando-ſe a machina inteira, Deus ſeparáſe a alma do-corpo; é ſem duvida, que eſte corpo viviria, e ſe-conſervaria, como atualmente ſe-move. O que ſe-colhe manifeſtamente, do-que ſucede ainda neſta uniam: pois, ou a alma eſteja eſperta, ou impedida com o ſono; as funſoens do-corpo fazem-ſe dameſma ſorte, ſenique a alma conheſa nada diſto: e muitos andam dormindo &c. Onde concluo, que ſe o Peripatetico, quizeſe fazer reflexam niſto, ſe-dezenganaria, que o corpo deveſe conſiderar, como uma machina: e que nam devemos miſturar a alma, com as funſoens do-corpo. Deſta ſorte intenderia melhor, que coiza era corpo: e diria coizas, que todos intendeſem, e tiveſem aparencia de verdade, e pudeſem ſervir à Medicina, e Anatomia. Mas falando em *qualidades*, *diſpoziſoens*, e outras coizas deſtas, contrareia a propria viſta: embrulha tudo: e nam pode ſervir em modo algum, para a Medicina: a qual nam deve curar um corpo imaginario: mas deve curar eſte corpo que nós temos, polos ſinais que obſerva nele. E eſte é o motivo, porque V. P. ve aqui, tanta ignorancia neſte particular.

Deſtes meſmos principios nacem muitos danos: nos-quais todos tem influxo, a Filozofia Peripatetica. pois nam só obriga deſprezar a Anatomia, com a qual ſomente ſe-pode formar, verdadeiro conceito do-corpo umano, mas impoſibilita um omem para buſcar autores, que o-dezenganem. Examine V. P. o metodo que ſegue um eſtudante, que entra neſa Univerſidade para eſtudar Medicina; veja que autores eſtuda; e ficará bem perſuadido, que nam é poſivel, que eſte omem ſaiba nunca Medicina. Todos eſtes Medicos ſam Galenicos: e todos fundam o ſeu ſiſtema, na Filozofia Peripatetica: e todos ſe enganam dameſma ſorte, que ſe-enganou Galeno: o qual, aindaque intendèſe bem Ipocrates, e às vezes obſerváse bem; quando porem quiz dar razam da-experiencia, ſempre recorreo à ipoteze, e explicou-ſe mal. Galeno era Ariſtotelico, e com a capa de interpretar Ipocrates, introduzia as ſuas opinioens por-uma arte nova: e as-atribuîa algumas vezes, a Ipocrates, quando naverdade eram ou ſuas, ou Ariſtotelicas. Ainda deſpois que reſucitou na Europa, a Medicina Ipocratica, o que ſucedeo no-ſeculo 16., em que os Medicos reconhecèram a neceſidade da-experiencia para a Medicina; acham-ſe muitos, que obſerváram bem, e diſcorèram muito mal. Tam certo é, que o mao principio de Fizica deſtrue tudo, o que ſe-aprende, aindaque ſeja bom! Tem a'em diſto outro perigo: porque quem eſtá preccupado por-alguma opiniam, nam obſerva mais, que o que lhe-tem conta: e tudo regûla polas ideias que tem: deſorteque nam eſcreve a iſtoria ſincera, do-que naverdade foi o ferromeno. E afim, pouco ſervem as ſuas relaſoens a um omem, que só buſca dezenganos. Onde tem mais exame digo a V. P. que tudo o que ſe-chama Medicina, deſde o ſeculo de Auguſto, até o fim do-ſeculo decimoſexto, ſe-deve deſprezar. Para nam parecer encarecida a minha propoziſam, lance V. P. os olhos, para o

que era a Medicina neſe tempo; e para as mudanſas que teve, até o ſeculo paſado.

Os primeiros omens foram os primeiros Medicos de ſi, e dos-outros: pois é crivel, que aſim que ouveram infermidades, procuráram livrar-ſe delas. Coſtumavam os que ſaravam, eſcrever os remedios, com que o-tinham conſeguido: cujas receitas ſe-depozitavam nos-templos. No-Egito, e Babilonia (1) expunham-ſe os doentes nas praſas publicas, paraque os que paſavam, os-aconſelhaſem, cazo mais que tiveſem padecido os meſmos males: e todas eſtas noticias ſe-conſervavam. Mas, a falar verdade, eſta ſorte de Medicos eram puros mezinheiros, e toda a ſua Medicina era *Empirica*, ou experiencia. Digam o que quizerem os que, fundados em Omero, pertendem moſtrar, que no-tempo do-ſitio de Troja avia alguns Medicos famozos, o certo é, que nam ſabemos nada deſe tempo: e ſomente uns 450. anos antes de Chriſto, é que a Medicina comeſou a tratar-ſe, com algum ſiſtema. Eſtes primeiros Medicos nada mais eram, que os Filozofos deſe tempo. *Pitagoras* era Medico (2) *Empedocles*, *Democrito*, e alguns outros tambem o-foram. Eſtes omens, como tinham profunda noticia da-Fizica, facilmente deſcobriram as cauzas, de algumas infermidades, e as-curáram. Mas *Ipocrates*, que floreceo 400. anos antes de Chriſto, foi o que deo metodo, à Medicina daqueles tempos. Nacido na Ilha de Coó, em que era adorado Eſculapio Deus da-Medicina, pode informar-ſe das-receitas, que, ſegundo o antigo coſtume, ſe-guardavam naquele templo. E como era bom Matematico, e Fizico, ſoube obſervar bem, e verificar eſas meſmas experiencias: deſorteque foi o primeiro que nos-deo, um corpo de Medicina. O que digo principalmente, dos-Aforiſmos; que, nam obſtante alguns erros que tem, ſempre os-confirmou a experiencia. Os que ſeguîram *Ipocrates*, e os conſelhos que ele dava, a ſeu filho, fizeram algum adiantamento, na Medicina: como *Areteo* de Capadocia, e *Corneli o Celſo* Romano, dos-quais exiſtem as obras; e algum outro. Mas pouco deſpois degenerou. No-ſeculo de Auguſto, acha-ſe um certo *Aſclepiades*, de Bitinia, que parece ſer o primeiro, que reduzio a Medicina, a pouca ciencia, e muitas palavras. Deſviou-ſe totalmente das regras de *Ipocrates*, e fez um metodo novo, que agradou muito aos ſeguintes. Dos-Romanos rariſimo ſe-aplicou à Medicina. No-ſegundo ſeculo de Criſto floreceo *Galeno*, de Pergamo. Eſte omem, que tinha grande merecimento peſoal; e que obſervava com atenſam; e que curava muitas infermidades bem; e que, alem da-Filozofia, tinha eſtudado Matematica; ſegundo o eſtilo dos-melhores Medicos daquele tempo: foi porem a cauza principal, de degenerar a Medicina, como ja diſe. Comentou *Ipocrates* bem, em quanto a alcanſar o ſentido: mas em quanto às explicaſoens, muito mal. Quiz dar razam de tudo: e como a ſua Filozofia era Peripatetica, que, aindaque naquele tempo era menos má, doque no-prezente, contudo incli-

(1) Herodot. *l.* 1. *c.* 197. Strabo *l.* 3. *p.* 155. & *l.* 16. *p.* 746.
(2) Cornelius Celſus, *in Præfat.*

inclinava infinitamente para a eſpeculaſam ; daqui veio , que tropeſou nas ipotezes : e , explicando as coizas por-eſte metodo , fez mui mao ſerviſo à Medicina. Deſpois diſo , ſe tiramos um ou dois , que florecèram ate o 4. ou 5. ſeculo, os quais , aindaque Galenicos , nam diferam mal em algumas coizas ; tudo o mais que ſe-ſegue *incluſive* até o ſeculo 16. é ignorancia. As inundaſoens dos-Barbaros , impediram os progreſos das-Ciencias : e os que entre eles ſe-quizeram aplicar a elas , arruinaram-nas ainda mais. Falo dos-Maometanos : os quais deſde os principios do-ſeculo IX. , tendo traduzido as obras dos-Gregos em Arabio , e deſprezando tudo o mais , só ſe-agradáram de *Ariſtoteles* , e *Galeno* : mediante os quais , e ſegundo os ſeus principios , é que abrasáram *Ipocrates*. Toda a ſua Filozofia era Peripatetica : a qual comentáram deſorte , que dali naceo eſta nova ciencia. E como por-ela ſe-regulavam os diſcurſos de Medicina , fica claro , que coiza podiam adiantar nela.

Foram os Arabes aqueles , que nos-comunicáram as ditas duas ciencias : pois no-tempo em que no-Ocidente tudo era ignorancia , os Arabes na Azia , Africa , e Eſpanha floreciam na Medicina , Chimica , Geometria , Aritmetica , Aſtronomia. E nunca eſtudáram mais , doque no-tempo emque no-Ocidente , era maior a ignorancia , por-cauza das-muitas guerras dos-Normandos &c. o que ſucedeo no-ſeculo X. e XI. Como nam ſe-canſavam , com os livros Fizicos de *Ariſtoteles* , mas ſomente eſtudavam , os oito do *Phyſico auditu* , que tem parenteſco com a ſua Metafizica , e Logica ; bem ſe-ve , que coiza podia ſer a ſua Fizica. Acrecento a iſto , que nam cultiváram a Anatomia : a qual , aindaque muito imperfeita entre os Gregos , contudo era conhecida , e eſtimada entre eles. Comque faltando-lhe a Anatomia , e na Fizica diſcorrendo com palavras gerais ; na Medicina nam podiam diſcorrer melhor. Com efeito eſta era a ſua Medicina. Fundava-ſe toda em diſcurſos ſobre as quatro *qualidades* , ſobre alguns antigos remedios , ſem mais exame : e aprendiam a ſua Medicina , nam obſervando no-campo , ou nos-oſpitais , mas diſcorrendo , e ſutilizando no-gabinete. Eſte era o eſtado da-Medicina entre os Arabes : a qual juntamente com a Filozofia de *Ariſtoteles* , nos-comunicáram no-XII. ſeculo. E como todos os Medicos , que ſe-ſeguîram deſpois , diſcorreſem , com pouca diferenſa , fundados nos-meſmos principios ; devemos fazer deles o meſmo cazo , que dos-Arabes.

Ainda deſpois que os noſos reconhecèram , a neceſidade da-Anatomia , e ſe-aplicáram a ela com fervor ; o que ſucedeo no-meio do-ſeculo XVI. continuáram os Medicos , a diſcorrer muito mal. Nem podia ſer de outra ſorte : continuando de ſervir-ſe da-Filozofia Peripatetica : a qual impede fazer as-experiencias , e eſas que ſe-acham , as-explica muito mal. Ouve ainda outra razam , e foi , que neſe tempo apareceo *Paracelſo* , e os ſeus ſequazes , como *Helmont* , que reſucitáram a Chimica : e querendo fugir de *Galeno* , e dos-*Arabes* , de quem diziam muito mal , deram em outro extremo pior , que foi , querer curar tudo com a Chimica : reduzindo tudo a algnns *ſais* , *enxofres* ,

 terras

*terra*s &c. que fam palavras, ou explicaçoens sem significado. Agradou esta Medicina a muitos: outros continuáram com a Galenica. o que durou até os principios do-seculo XVII. em que *Harveo* abrio os olhos aos Medicos, com a circulasam do-sangue, que mostrou no-ano 1628. Onde, desde o seculo de Augusto, ou, a fazèlo mais barato, desde *Galeno* até *Harveo*, nam se-deve fazer cazo, de escola alguma de Medicina. Despois de *Harveo*, nam se-abrîram os olhos ao mundo de repente. Ouveram naverdade nese tempo alguns omens, que escrèveram muito bem, e reformáram o estudo da-Filozofia, e consequentemente da-Medicina. mas V. P. nam ignora, que nese tempo aparecèram os Cartezianos, e Gazendistas, que duráram até o fim dese seculo: os quais com as suas ipotezes fizeram muito mal à Fizica, e Medicina: supondo coizas, que nam avia. Ainda os que nam eram Cartezianos, mas somente seguiam a Medicina Mecanica, fundando-se na Matematica; como *Borelli*, *Bellini*, *Bernoulli*, *Keill* &c. aindaque fosem tam praticos da-Matematica, e mostrasem o modo, de racionar sem engano; contudo algumas vezes se-enganam, porque supoem coizas, que nam estam provadas. Finalmente, somente despois que se-abrîram as Academias Regias, que foi despois do-ano 60. do-seculo pasado, é que a Medicina comesou a melhorar em tudo, porque tambem a Fizica o-comesou: da-qual depende em tudo, e por-tudo. *Newton*, que entam floreceo, deo-lhe a ultima mam: e pouco a pouco até o fim dese seculo, se-foi introduzindo, e no-prezente, se-pratica com aplauzo. De que concluo, que até *Harveo*, nam devemos fazer cazo destes Galenicos: tirando algumas obervasoens, que fizeram alguns dos-ultimos, menos prejudicados. Despois de *Harveo*, até o tempo das-Academias, é necesario proceder com cautela: escolher o que dizem com verdade, e separálo das-supozisoens: e nam admetir nada, que nam seja admetido por-todos, e provado evidentemente. Verdade é, que em muitas partes v. g. nas Espanhas continuáram nese tempo, ainda no prezente, os autores Galenicos: e em outras partes ainda se-acham Cartezianos, e Gazendistas. Mas deses nam falamos: porem somente do-metodo que se-descobrio para adiantar, e emendar a Filozofia, e Medicina.

Sendo pois este o sistema deste Reino, em que todos sam Galenicos; bastava isto para provar, que aqui nam se-sabe Medicina: vistoque nam á outra escola neste Reino mais, que a desa Universidade: na qual cegamente se-segue, o antigo metodo. Onde, aindaque nela florecesem, os mais agudos ingenhos &c. nam era posivel, que com tais livros, se-produzise coiza boa. Muito mais porque sei, que ainda iso que ensinam, é segundo o costume das-outras faculdades, sem metodo, nem ordem alguma: sendo necesario ler muito, para vir a saber muito pouco. senam veja:

O primeiro ano de Medicina, costuma pola maior parte ser o quarto de Filozofia: no-qual fazem Concluzoens, e Licenciado. E como ja falei a V. P. nesta materia, na-carta de-Filozofia; é superfluo repetir-lhe, que coiza sejam as Filozofias naturais daquele ano: as quais sam todas talhadas, pola medida Peripa-

ripatetica. Nos-seguintes, obrigam a estudar, temperamentos, umores, espiritos, partes, faculdades &c. despois, cauzas das-doensas, febres, pulsos, crizes: em algumas das-quais materias fazem no-3. e 4. ano as duas Tentativas. Despois disto, de *locis affectis*, *de victus ratione*, *sanguinis emissione*, *purgatione* &c. em que faz 3. ato no-quinto ano. No-6. ano, *de methodo*, & *recto praesidiorum usu*: em que faz quarto, e ultimo ato, e vai algumas vezes à Pratica. E com isto lhe-dam licensa, para curar. Mas somente nisto que aponto, vejo claramente a confuzam, e pouca ordem do-tal metodo. Confundem a teoria, com a pratica: e a especulasam, com a anatomia, e uzo das partes: e fazem uma selada de materias, sem ordem, nem metodo. Nam apontam aos rapazes, que estudem por-algumas Instituisoens Medicas, que os-dirijam: mas obrigam-nos apasar de uma materia, para outra, talvez bem distante. De que nace, que nam é posivel, formar conceito da-Medicina, quem estuda por-este estilo. Acrecento a isto, que se-servem de *Vila Corta*, *Heredia*, *Bravo*, e outros tais Galenicos, que sam capazes de fazerem perder, nam digo só a paciencia, mas o juizo, e embrulharem a mesma Logica Natural, quanto mais a Fizica, com os maos principios que ensinam.

E daqui nace, aquele mao metodo de curar, que V. P. ve praticar todos os dias: no-qual nam se-aplicam os remedios, porque se-tem formado conceito deles, e da-infermidade; mas porque asim se pratica, e asim o-fizeram os mestres, que os-ensináram. Sei, que merecem desculpa, porque nam estudáram oura coiza: mas o que nam poso sofrer é, que nam cedam à evidencia, quando outras pesoas lhe-mostram a razam. Este é o motivo porque ja dise a V. P. que *Galenico*, *e Mezinheiro* eram sinonimos no-meu vocabulario. O Galenico nam pode formar, verdadeiro conceito da-infermidade: porque nam tem os principios necesarios, para iso. e aindaque fale trez oras na infermidade, tudo o que se-tira dali é, que aplica aquele remedio, porque o-vio aplicar em outras ocazioens, ou asim o-leo. E isto que diferensa tem, de um mezinheiro? Aindaque um destes Medicos tenha grande pratica, nam mudarei de conceito: mas direi, que tem muitos anos de erro: E em tal cazo, devo fiar-me menos do-Medico velho, que do-novo: porque este, poderá mudar de opiniam: mas aquele está radicado no-engano. A pratica nam ensina os principios, mas ensina o que sucede nas infermidades. Onde se o Medico observáse miudamente, e sem alguma preocupasam, os fenomenos das-doensas, como fez *Sydenham*; e fose mui acautelado no-dar remedios; em tal cazo quero admetir-lhe, que a sua pratica fose mais util: Mas se o Medico Galenico, nunca se-afasta do-seu sistema, que é rachar os doentes com remedios; ou tenha um, ou quarenta anos de Medicina, tudo á-de ser o mesmo.

Ri muito quando li no-*Curvo*, que em 58 anos de Medico, sempre o olio de nabos v. g. fizera o seu efeito em certas berbulhas &c. Tomára primeiro que me-provése, que o efeito provinha, de ser olio de nabos, e nam mero olio. Que com outros olios que se-aplicáram, nunca sucedèra o efeito; e com

nabos sempre. Se ele me-provâse isto; entam veria o que avía respondér: em quanto mo-nam prova, devo dizer, que todos os 58 anos de pratica, nam concluem nada. E, sem sair do-mesmo *Curvo*, que era um omem acreditado entre os seus nacionais; abra V. P. qualquer dos-seus livros, veja a razam que dá das-cauzas das-doensas; e ficará bem capacitado, do-que lhe-digo, que tudo isto se-reduz, a mezinhas puras, sem sombra de Filozofia. A cada paso este omem inculca os seus remedios, fundado talvez em uma, ou duas experiencias. Estranho modo de provar! quem revelou ao *Curvo*, que aquela melhora procedeo daquele remedio? quem o certificou, que com outro remedio mais facil, uma simplez bebida de agua quente, ou de olio de amendoas doces; ou talvez deixando a natureza a simesma, nam sucederia o mesmo efeito, e mais depresa? O que confirma melhor a falta de Filozofia, sam as reflexoens, que às vezes faz o *Curvo*. Falando na sua Atalaia da-Vida dos-Feridos, aconselha, que onde eles se-acham, nam entrem molheres formozas: porque as feridas se-asanham. Se disèse, que nam entrasem molheres, porque o alito, ou effluvio da-molher, era perniciozo; aindaque dizia uma falsidade, mostrava discorrer menos mal: mas excluindo-as somente por-formozas, é nam intender a materia. Se acrecentáse, que a molher formoza podia excitar pensamentos sensuais, e estes alterar a armonia dos-umores, e nacer daqui algum prejuizo; pase: mas que sem estas circunstancias, a molher formoza produza tam maos efeitos, nam se-pode ler sem rizo. A feia, e formoza só se-distinguem, em ter a boca maior, ou menor: o nariz direito, ou torto: os olhos negros, ou desmaiados: a cor branca, ou negra &c. e estas diferentes modificasoens da-Materia, nam sam capazes de produzirem, tantos estragos. Alem diso, eu sei por-experiencia, que isto é falso. Achei-me em um exercito, em que molheres mui formozas assistiam a seus maridos, e amantes; e tambem em cazas particulares o mesmo; e nunca vi estes prejuizos: nem queixar-se ninguem de tal coiza. E proguntando, despois de o-ler, a um bom Cirurgiam, se isto era verdade; respondeo-me com uma grande rizada. E eisaqui tem V. P. o que sam os remedios, e a Filozofia. Galenica que os-aplica.

Esta reflexam conduz-me naturalmente, a falar no-7. requizito, que deve ter o Medico: que é saber, que coiza até aqui se-tem descoberto mais segura, para conservar, ou recuperar a saude do-corpo umano. Esta materia é de toda a consideraçam, principalmente em Portugal; em que o abuzo dos-remedios tem chegado a termos, que nam se-pode suportar. Este abuzo provèm principalmente, daquele primeiro principio que apontamos, que é, o exercicio da-Filozofia Peripatetica, e Medicina Galenica: porque é consequencia necesaria desta Filozofia. Um Medico que asenta consigo, que um corpo umano se-compoem de quatro qualidades: da-diversa combinaçam das-quais, rezulta a doensa, ou saude; este tal omem por-forsa á-de cuidar, em buscar remedios ou frios, ou quentes, para curar a qualidade morboza, que ele intende existe no-doente. Se um nam produz o efeito, aplica outro: aproveita-se de tudo

do o que ouvio dizer, que é bom para deiterrar a dita qualidade: e desta sorte com longas receitas cansa a paciencia, e a bolsa dos-doentes; e muitas vezes encurta-lhe a saude. Polo contrario, o omem que considera o corpo umano, como uma machina: e que reconhece, que a infermidade pode suceder no-solido, e no-fluido: e que por-meio da-Anatomia chega a compreender, em que parte esta a doensa: este omem fórma muito diferente conceito da-cura; e procede mui diferentemente nas receitas. Se a infermidade está no-solido, v. g. uma rotura de vazos maiores; sabe ele muito bem, que aqui nam valem emplastos, nem remedios: e que só a-curará, se puder unir aquela parte; como sucede nos-que sam quebrados, ou aquem se-furou uma arteria &c. Se a doensa consiste no-fluido, conjetura e examina, que efeito pode este fluido fazer no-solido, para poder buscar o remedio, proporcionado a nam destruir a machina. Ora para aplicar este remedio, nam basta o que dizem quatro livros: mas é necesaria a constante experiencia, da-bondade do-remedio: sem a qual, louca, e temerariamente aplica o dito remedio. E como os remedios desta qualidade, sejam pouquisimos; daqui vem, que com grande parsimonia os-deve aplicar. Ponho exemplo.

Sucede um irritamento nos-intestinos, a que chamamos *colica*. Formo eu conceito que procede, da-crispatura das-fibras. Neste cazo devo julgar, que só me-fará bem aquele remedio, que me-relaxar as fibras. E como a experiencia ensina, que todo o oliozo é relaxante; pois o olio produz este efeito, em qualquer coiro que se-ensopa nele; tiro por-consequencia, que devo tomar olio pola boca, v. g. de amendoas doces, ou de semente de melam, que é mais agradavel: e ajudas de aguas quentes com azeite, deitando-lhe alguma materia emoliente, como *malva* &c. Este juizo é fundado, na mecanica do-corpo. Mas abra V. P. um livro de um Galenico, v. g. do-*Curvo*, achará mil remedios diferentes, que tem tanto que fazer, com o juizo que se-deve formar da-colica, como o dia com a noite. E que se-chama a isto, senam mezinhas? Note porem de caminho, que a maior parte daqueles remedios consiste em tais, e tais coizas fritas em olio; e untar a barriga, ou tomar ajudas do-dito olo, e agua. Mas se a virtude está na semente, ou erva, que necesidade tem de olio, ou agua? Eu vejo que a *quinaquina* produz o mesmo efeito, ou eu a-coma; ou beba, ou engula em pirolas: o mesmo digo do-*maná*, e outros remedios. pregunto agora, porque nam sucederá o mesmo efeito na colica? Mas é clara a razam. O azeite é o que faz o feito, e nam os outros ingredientes. Porem como o Galenico nam fórma, verdadeiro conceito da-infermidade, e do-lugar em que está, mas vai sempre com a ideia das-qualidades claras, e ocultas; nam tem dificuldade de aplicar tudo, saia o que sair. O certo é, que para relaxar, e abrandar um coiro, aindaque lhe-apliquem cem mil coizas, se nam lhe-deitam olio, nada sucede. O mesmo digo dos-nosos intestinos, que sam compostos de fibras carneas, e nerveas: e dev-em-se abrandar da mesma sorte.

Em certa parte da Italia conheci um omem, de quem formára bom conceito,

ceito, por-um ato publico que lhe-vira fazer: e principalmente porque diziam, que estudára em uma famoza Universidade. Sucedeo, que este omem me-veio buscar um dia, e pedir-me, que lhe-dese introdusam com um Principe meu amigo, que era paralitico, para o-curar da paralizia: de cuja cura nam queria outra remuneraçam, que concluir-lhe uma pertensam que tinha. Admirado eu da-propozisam do-negocio, pedi-lhe me-explicáse, em que fundava a sua promeça: pois, sem bons fundamentos, nam queria falar em tal materia, paraque nam me-desem uma rizada. Ele entam, revestindo-se de certa severidade magistral, me-dise, que tinha o segredo, de fazer o oiro fluido: com o qual curaria sem duvida, a dita lezam. Confeso, que, ouvindo tal resposta, intendi que o omem zombava, ou era louco: onde para certificar-me, e juntamente divertir-me. lhe-dise: Que ele me-propunha dois cazos, igualmente admiraveis: e que eu, em obzequio da-sua palavra, admetia o-primeiro: mas que me-ficava nova dificuldade, e era saber, como o oiro fluido curáse todas as infermidades, sendo procedidas de cauzas tam diferentes. Aqui o dito Chimico me-respondeo, que se-admirava, que eu nam intendése a razam. Que todos os corpos eram composstos, das-primeiras quatro qualidades, as quais eram filhas da-Materia: Que as doensas consistiam, na confuzam delas: onde sendo o oiro o fermento desas qualidades; devia reduzilas ao seu estado natural, e sarava o doente. Sam palavras formais dele. Balhei as trepecinhas interiormente, quando ouvi o omem: e para prolongar o divertimento, lhe-dise: Tenho intendido a razam dos-fluidos: quizera agora que V. M. me-explicáse, esta lezam do-solido na paralezia, como se-cura. Ao que ele satizfez limpamente, com o mesmo metodo: dizendo-me, que a mesma materia primeira do-oiro, endireitava os nervos. Mas tem V. M. proguntei eu, feito ja experiencia, em algum paralitico? Diz, sim senhor: certo cozinheiro do-convento N. tinha um braso tolhido: dei-lhe o remedio em agua quente: suou muito, e movco o braso. Finalmente, para-abreviar a istoria, digo a V. P. que eu tive um bom rato de divertimento com o omem: fazendo-lhe mil proguntas, e ouvindo galantisimas resposstas: atéque o-despedí com caixas destemperadas, e nunca mais me-falou. Este cazo mostra, o que pode a preocupasam, em materia de remedios. Ponho de parte a sua Filozofia, que era galante: direi somente, que ele achára alguu omem, que tinha alguma constipasam no-braso; a qual batizou por-paralizia: deu-lhe agua quente: suou: e ficou livre. E o Chimico atribuio o milagre, a alguma agua que lhe-deram, ou ensináram a fazer, com o nome de agua diuro. Eisaqui tem V. P. o que sam, estes bons efeitos dos-remedios.

Quando nam ouvèse outra prova da-falsidade dos-remedios, que comumente se-aplicam, que considerálos em simesmos; seria facil conhecer, que tudo sam impostúras. Deve-se v. g. curar uma colica: e o Medico receita-lhe esterco de rato bebido, ou a cotovia com a sua pena, queimada em vazo de barro, e pulverizada. Acha V. P. coiza mais ridicula que esta? Considere, quantas sustancias diferentes, entram nos-pozes de cotovia queimada, penas, osos,

oſos, entranhas, carne, ſangue, eſterco &c. tomára que me-diſeſe o Medico, a qual deſtas ſe-deve atribuir a melhora. Se a pena negra, é boa; porque nam á-de ſer a pena só? o meſmo digo de qualquer das-outras partes. Fez porventura o Medico a experiencia, de queimar cada coiza ſeparada, e aplicála? fez a experiencia, de queimar duas ou trez juntas? fez mil outras diferentes combinaſoens? pois tudo iſto era neceſario, para poder dizer, que ſe-devia queimar toda. Eſte meſmo conceito ſe-deve formar, quando em outras infermidades receitam, olio de caens fritos, e mexerofodas ſemelhantes. Tantas ſuſtancias diferentes, nam é poſivel, que tenham o meſmo efeito. Veja V. P. tambem quando eles dizem, que em certas doenſas, é bom o eſterco de pavam: com a diferenſa porem; que o eſterco de pavam macho, para o omem: o de pavam femia, para a molher. Nam á eſquipaſam mais ridicula que eſta. Deixo mil remedios ainda mais extraordinarios. v.g. que os fumos dos-dentes da caveira, ſam bons para os omens, que eſtam ligados, para os atos matrimoniais. Se o-eſtar ligado, é efeito do-Demonio, como eles ſupoem; que tem que fazer a caveira, com o Demonio? ſe é efeito natural, que mais tem o oſo do-dente, que o do-cranio, ou do-braſo? nam é tudo do-meſmo omem, e da-meſma eſpecie? Dirá V. P. que contra a experiencia conſtante nam á argumento. concedo: mas iſo é o que eu quizera me-provaſem, que avia uma experiencia conſtante: e iſo é que eu nego. Tenho viſto fazer todos eſes remedios, ſem efeito: ou, para melhor dizer, nam vi ainda algum que os-fizeſe, e lhe-ſucedeſe bem. Polo contrario os remedios conſtantes, ſempre produzem o ſeu efeito, nam quando lhe-poem impedimento: ſe nam em todos; ao menos na maior parte deles. Ainda nam vi quem tomáse banhos, e nam traſpiráſe mais. Talvez os remedios nam produzem os ſeus efeitos, porque lhos-aplicam mal, e fóra de propozito, e tempo: o que é diferente neſtes que digo. Onda concluo, que de ſemelhantes remedios, nam ſe-deve fazer cazo.

A iluzam tem muita parte neſtas ſonhadas melhoras, quando as-aja. A razam é, porque muitos imaginam, que eſtam doentes: e perſuadindo-ſe, que os tais remedios os-ám-de curar; acham-ſe livres, nam da-infermidade, mas da-imaginaſam. Outros aplicam os ditos remedios, no-tempo das crizes: e atribuem à eficacia do-remedio, o que só é efeito da-natureza. onde dizia bem aquele grande Medico: *Maledicta vetula, quæ venit in die critico.* Conheci um Cavalheiro Florentino, a quem ſucedeo um cazo ſemelhante. Entrou em caza de um amigo, que gritava com dores de almorreimas: e a quem os Medicos determinavam fazer, uma cura violenta. O Florentino pedio ao amigo, que lhe-deixáse ver a parte. e obſervando, que eſtavam ſumamente inchadas; aconſelhou-lhe, que mandáſe buſcar um nabo, e feito em polme, o-aplicá-se. Feito iſto cesáram as dores: e no-dia ſeguinte dezincháram: e pouco a pouco melhorou. Proguntando ao Florentino a razam, diſe-me, que ele nunca ouvira dizer, que o nabo tiveſe tal virtude: mas que ſabendo, que avia trez dias eſtavam inchadas: e conjeturando, que as fibras ſumamente eſtendidas, ou

aviam romper-ſe ; ou a materia ſe-avia determinar , para alguma outra parte ; o que mais facilmente ſucederia , aplicando-lhe coiza fria , e umida , que corroboràſe a fibra : lhe-ocorrèra , ſervir-ſe dos-nabos : e ſucedèra bem. A verdade porem é , que o padecente ficou perſuadido , que nabos eram famozos , para a ſua queixa. Se naquela ora lhe-aplicava um chichelo velho , ou um prato roto , ſucederia o meſmo : porque a natureza fazia a crize : e teria-mos chichelos , ou cacos como unico remedio para as almorreimas. Deſta ſorte reſuscitam muitos remedios : e os Medicos os-apadrinham , como ſe o-foſem.

Acha-ſe alem diſo outra razam extrinſeca ; para moſtrar , a pouca virtude deſes remedios. Se V. P. abre um livro de remedios , a que chamam Framacopea , achará remedios . para toda a ſorte de infermidades : e nam só um para cada eſpecie : mas cada infermidade particular tem duzias de remedios : e tam diferentes uns dos-outros ; que fica um omem paſmado , vendo aplicálos todos , ao meſmo achaque. Qualquer omem de mediocre juizo é capaz de conhecer , que ſendo a infermidade uma só , e os remedios tam diferentes , nam é poſivel , que produzam o meſmo efeito todos. ponho de parte a infermidade do-ſolido , e falo ſomente na do-fluido. Quem pode perſuadir-ſe , que a meſma infermidade do-ſangue poſa curar-ſe , com cem pozes diferentes ? Quem tem alguma pratica de Chimica reconhece , que cada liquido , tem o ſeu coagulo &c. e que nem todos ſervem para tudo. O que ſupoſto , querendo eu refreiar uma febre ardente , ſerei louco ſe lhe-aplicar outra coiza mais , que os *nitrados* , e outras coizas que ſejam aptas , para aquietar o fervor do-ſangue. Iſto enſina a experiencia , e perſuade a boa Filozofia. Nam o-intendem aſim os Galenicos , que tem duzias de remedios para tudo. E quando a boa razam os-nam-deſmentiſe , que moſtra , que tudo aquilo ſam mentiras , nacidas dos-prejuizos que bebèram na-Filozofia ; a meſma experiencia os-deſmentiria : ſendo certo , que de todos aqueles remedios , apenas ſe-acha um , que conſole alguma coiza o doente. O pior é , que preocupados com as ideias do-que lèram , em outros livros , matam os doentes com ſede : ſem advertirem , que para curar certas fermentaſoens , e febres ; o unico remedio é , amendoadas , e coizas frias.

Os outros mezinheiros , que ſam menos toleraveis , ſam os *ſegrediſtas* , ou inventores de ſegredos. Eu nam diſtingo eſta gente dos-Charlatanos (que ſam certos mezinheiros , que ſe-encontram frequentemente em Italia , e Franſa ; os quais nas praſas publicas publicam com muitas palavras , a virtude dos-ſeus ſegredos : e vendem-nos com boa reputaſam , aos plebeos , e ignorantes.) Eſtes Medicos Portuguezes , que ſam inventores de ſegredos , prometem com toda a ſeguranſa , perfeita melhora : a qual pola maior parte nam ſucede. Mas eu quero ſupor , que ſuceda : proguntaria ao tal Medico , quem lhe-diſe , que ſe-deve a melhora ao ſeu ſegredo? Eſtes ſegredos conſiſtem pola maior parte, em doze , ou quinze ingredientes diferentiſimos. E aqui eſtá a minha dificuldade , como ja apontei : pois para dizer , que tudo aquilo é neceſario , é precizo primeiro , ter provado cadaum ſeparadamente : deſpois dois : deſpois trez : e fazer

zer infinitas combinaſoens das-ditas eſpecies. O que certamente nenhum deſtes faz: mas cazualmente amontoáram aqueles remedios: entre os quais alguma vez ſe-acha algum, que é proprio, e produz a ſua virtude: e a ignorancia do-Medico atribue-o a todos, e chama ſegredo, ao que é ſimplez, e bem uzual.

Se o Galenico ſoubèſe, quanto é neceſſario, para publicar uma coiza, por-conſtante e ſegura, ficaria paſmado da-ſua leveza, em publicar ſegredos. Eſtes omens fazem as experiencias dos-remedios, como as da-Fizica: e ſendo que na Fizica, de uma falivel experiencia tiram, um documento conſtante; aſim tambem na Medicina. E' porem coiza bem notoria; que os remedios conſtantemente recebidos entre todos, ſam os mais ſimplezes, e naturais. O *fogo*, a *agua*, o *azeite*, ou qualquer eſpecie de oliozos; a *quina*, a *ipecaquana*, o *azougue*, os *amargozos*, os *purgantes*, o *opio*, e outros bem poucos, que geralmente ſam recebidos; ſam remedios ſimpliciſimos: contudo o efeito, pola maior parte, é ſeguro: quando ſeja a verdadeira infermidade. O que como nam advertem muitos Medicos ignorantes, nam vem o bom efeito deſtes remedios. Ignoramos, como muitos deſtes remedios obrem: de outros provavelmente, ou claramente ſe-conhece, poſto o conhecimento que temos, da-machina do-corpo. Comque, ſe os ſenhores inventores de ſegredos advertiſem iſto; reconheceriam, quam ridicula coiza é, querer recorrer as mexerofadas de tantos ingredientes, ſem ſaber, o que cadaum vale por-ſi. Donde vimos a concluir, que de Medicos ſegrediſtas, deve fugir todo o omem, como de coiza ſuſpeitoza.

Argumentará V. P. com a *Teriaga*, que produz mui bons efeitos. Mas a iſto reſpondo, que da-Teriaga digo o meſmo: e os Filozoſos, que penſam bem, rim-ſe deſte tal antidoto: tendo para ſi, que aquele pouco que obra, provem ſomente de dois, ou trez ingredientes: v. g. *opio* &c. Nem eu jamais pude intender, como poſa ſer a Teriaga, antidoto univerſal, obrando os venenos por-tam diferentes maneiras. Acham-ſe venenos, que tem a ſua aſám ſomente no-ſolido: outros, só no-fluido: outros, em ambos: como moſtra *Boerhaave*, *de Veribus Medicatorum*, e o doutiſimo *Mead*, no-ſeu tratado *de Venenis*. O que ſupoſto, quem poderá perſuadir-ſe, que a meſma Teriaga á-de ſervir, para curar o ſolido, e o fluido? E daqui tiro outro argumento, e vem a ſer: que ſe o veneno é ſimplez, e obra um efeito maravilhozo; porque razam o antidoto á-de ſer compoſto, de mil ingredientes? O meſmo digo, da-maior parte deſtes remedios Orientais: pedra *Bezoar*, pedra *Cordial*, pedra de *Porco Eſpinho*, *Aljofares*, e outras arengas deſtas, que cuſtam muito dinheiro, e só ſervem de ſuiar a agua, em que ſe-deſfazem. Os Medicos advertidos tem reprovados oje iſto, como azilo de impoſturas. Os abſorbentes da-India eſtimadiſimos, ſam oje eſcuzados; achando-ſe entre nós muitos abſorbentes ſeletos. Tanto fazem os *olhos de caranguejos*, como a terra *boloza de Nocera*, em Italia, e outros bolos, que ſe-acham em varias partes. O que poſto, é ſuperfluo; gaſtar tanto dinheiro naquelas coizas: as quais parece que

tem mais virtude, porque vem de longe. Outros Medicos atribuem às raſpas de *Cornu Cervi*, virtude diaforetica: porem bebidas em agua quente: a qual agua tem por-ſi ſó, a virtude diaforetica: e o *Cornu Cervi*, como dizem os Medicos doutos, aindaque ſe-coma um barril inteiro, nam provoca o ſuór. A razam ultima de tudo iſto, é a que diſemos, nam conſiderar a machina do-corpo, como é em ſi: como tambem as cauzas das-infermidades tanto internas, como externas: e as ſeis coizas ditas nam naturais, *cibus*, *potus*, *vigilia*, *ſomnus*, *aer &c.* Certo é, que as infermidades deſta machina, ſam muito diferentes doque ſe-cuida: de que ſe-ſegue, que ſe-devem curar por-um modo, tambem muito diferente doque ſupoem, os que admitem as qualidades, e outras arengas deſtas.

Finalmente nam ſe-pode fazer maior ſerviſo à Republica, que dezenganar os Medicos, que a maior parte dos-remedios, ſam impoſturas. Poucos ſam os bons: pouquiſimos os certos: e eſes pola maior parte bem uzuais, e todos ſimplezes: tirando alguns chimicos, que eu tambem ponho, na claſe dos-ſimplezes. Mas iſto nam tem feito os Galenicos: nem é poſivel que o-faſam, ſeguindo o ſeu metodo. Porem iſto tem feito alguns modernos: que, examinando bem as forſas dos-medicamentos, rezolvèram, quais ſe-deviam preferir: e ainda eſes com muita cautela; viſtoque nem de todos é provada a virtude. Achei graſa ao famozo Medico Cocchi de Florenſa, que ainda vive. Eſte grande omem, tendo uma grave doenſa, e ſupondo que cairîa na mam, de algum Medico ignorante, que o-matáſe com remedios; fez o ſeu teſtamento, no-qual inſtituia erdeira ſua molher. Mas no-cazo, que ela conſentiſe, que lhe-aplicaſem os ſinapiſmos, ou cauſticos, ſubſtituia outro erdeiro. Tam perſuadido eſtava, que eſte remedio, mui uzual, mas pouco conſiderado por-alguns, é acauza de muitas mortes.

Eſta noticia entronca naturalmente com o 8. requizito da-Medicina, que ao principio diſemos: que conſiſte, em ſaber aplicar eſa Medicina, em certo tempo, certo modo, e certa dóze. Ja V. P. ſabe, que para ſe-fazer iſto, requer-ſe diſtinta noticia da-Praxe Medica, que compreende os requizitos, que aſima diſemos. E' pois a Praxe Medica a que enſina, a conhecer no-infermo, por-ſinais particulares, as particulares doenſas: e enſina a curar as ditas doenſas, com os ſeus particulares remedios. Compreende duas partes: a Cirurgia, que cura as doenſas externas, ou que ſe-podem tocar: e a Medicina, que cura as internas. deſta falaremos primeiro. Bem claro é, que importa muito acertar, com os ſinais das-infermidades, para nam matar o doente: e tambem é claro, que a felicidade deſte deſcobrimento, depende dos-principios, que eſtableceo na Fizica. Cada doenſa tem ſeus particulares ſinais, que a-diſtinguem das-outras. Mas; aindaque eu diſtinga perfeitamente, uma doenſa da-outra; ſe nam formo conceito juſto, do-que é a dita doenſa; nam poſo acertar com a cura, ſenam por-acazo. Porem eu digo mais, e vem a ſer, que ſe acazo nam tenho bons principios, nam conhecerei facilmente a doenſa, e facilmente

a-con-

a-confundirei com outra: como e facil moſtrar. Vemos, que muitos dos-Antigos, conhecèram bem as infermidades, e eſcrevèram bem ſobre a Semiotica; mas nam acertáram nas curas, porque ignorávam as cauzas, atribuindo-as aos ſeus prejuizos. Por-eſte principio devo dizer a V. P., que o metodo de curar em Portugal, á-de ſer mao, porque a ſua Filozofia e peſima. E como do-que diſe ſobre a Farmacia, bem ſe-moſtra, que eſte metodo é unicamente Galenico; é ſuperfluo, acrecentar mais neſta materia.

Nem vale, ler por-bons livros, que enſinem o modo, de conhecer bem as infermidades, e curálas. nada diſto aproveita: e a razam é clara. Porque os autores que eſcrevèram, em Medicina moderna, fundam as ſuas razoens, no-conhecimento da-machina do-corpo, e leis da-Mecanica, e na conſtante experiencia. E quem nam tem eſtes fundamentos, primeiramente nam os-intende: deſpois, aindaque os-intenda, nam os-pode ſeguir: porque como tem principios totalmente diverſos, que enſinam um metodo diferente de curar; ou ſe-á-de rezolver, a deixar o ſeu metodo, ou os ditos livros. E por-eſta razam digo a V. P. que quem oje quizer mandar um Medico Portuguez, a Londres, Leiden, Amſterdam, Haia, Paris &c. para aprender Medicina, deve perſuadir-ſe, que o-manda aprender, nam Medicina, mas Filozofia: e que por-forſa ſe-á-de eſquecer, do-que tem eſtudado, para aprender Medicina. A boa Medicina, ou a moderna Medicina, é unicamente uma moderna Filozofia mais circunſtánciada. Os Filozofos modernos paſam brevemente por-algumas coizas, que os Medicos eſtudam com eſcrupulo, e diligencia infinita, por-ſer aquele o ſeu ultimo emprego. E daqui ſe-fórma um metodo de curar, totalmente diferente. Onde ou Medico á-de renunciar os principios, da-Filozofia Galènica; ou deixar de eſtudar, a boa Medicina. Que á-de dizer um Medico Portuguez em uma Univerſidade, em que só ſe-fala, em Filozofias modernas, que todas ſam fundadas na Matematica? Eſte omem ficará paſmado: e tudo o que ouvir, lhe-parecerá enigma! O menos ſerá, nam intender o que lhe-dizem: o que porem ſucederá, ſe quizer ralhar, ſerá ouvir rizadas, e que todos fujam dele. De que ſaie por-boa conſequencia, que um deſtes Medicos velhos, que cre muito na Galenica, nam é capaz de ſe-aproveitar, dos-bons livros; ſe acazo nam tem uma alma iluſtre, que, conhecendo os ſeus erros, queira deixálos, e eſtudar coizas melhores: o que já neſta vida vi ſuceder, a algum Portuguez; mas nam a Medico. Fóra deſte cazo, só aprenderá bem Medicina um rapaz, que nam eſteja preocupado, com outras doutrinas: e que nam tenha que batalhar com os prejuizos, para receber bem os ditames certos. Pudera provar iſto com mil exemplos, ſe o-permetira a brevidade de uma carta, ou nam falára com V. P., que conhece mui bem, de quais eu podia valerme. Quem intende o que eu aponto, compreen-de mui bem, que nam pode ter boa praxe, quem tem maos principios de Medicina. Onde o Medico que for capaz, de fazer de ſua cabeſa alguma coiza boa; deve na Medicina Pratica, ſomente admetir por-certos aqueles remedios, que obſerva, (deſpidos todos

os

os prejuizos) ſerem conſtantemente utis, e bons: ou com a ſua propria pratica, ou na leitura dos-livros, dos-mais famozos modernos. No-que ainda deve proceder, com muita cautela.

Paſemos à outra parte da Medicina Pratica, que é a Cirurgia: da-qual nam ſou eu o que digo a V. P., que ſe-ignora em Portugal; ſam os meſmos Portuguezes, e alguns Cirurgioens, que confeſam ſerem pouco praticos dela. Eles fundam-ſe neſte principio: que os Eſtrangeiros tem mais pratica, das-operaſoens de maons, e mais ligeireza. E com efeito nos-cazos graves, v.g. para cortar perna, ou coiza ſemelhanre; ſempre ſe-chama algum eſtrangeiro, porque os Portuguezes nam ſe-arriſcam. Cuidam os Portuguezes, que a boa Cirurgia conſiſte, na maior ligeireza das-operaſoens: e nam paſam para diante. mas niſto manifeſtamente ſe-enganam, e moſtram nam intender, que coiza é Medicina. Com efeito os Cirurgioens Portuguezes, quazi todos ſam meros ſangradores. Sabem dar alguns pontos: e os que ſabem mais, e ſam poſos de ciencia, murmuram alguma coiza, ſobre os quatro elementos, ou qualidades ocultas. Porem a verdade é, que a Cirurgia pede outros fundamentos, que eles nam intendem. Primeiramente, o bom Cirurgiam deve ſer, bom Fizico: e iſto pola meſma razam, que ja diſemos do-Medico. Porque compreendendo a ſua juriſdiſam, todas as infermidades externas; as quais podem provir de muitas, e diferentes cauzas; ſe ele nam ſabe raciocinar ſobre elas, fará muito deſpropozito, e errará as curas. Nos-primeiros tempos da-Medicina, em que ela nam eſtava tam maltratada, como ao deſpois ſucedeo; quero dizer no-tempo de Ipocrates &c. Medico, Cirurgiam, Boticario era a meſma peſoa: e por-muito tempo a Medicina, nam ſe-ſeparou da-Cirurgia: o meſmo Ipocrates era Medico, e Cirurgiam, e muitos outros. Com o tempo, querendo os Medicos abraſar muitos doentes, e nam ſe-querendo aplicar à pratica, ſeparáram as profiſoens. Mas a verdade é que todos os Medicos devem ao menos ſaber, a teorica da-Cirurgia, para enſinarem o Cirurgiam, em cazo de erro: e todos os Cirurgioens, ſe nam devem ſer prefeitos Medicos, devem ao menos, ter alguns requizitos: boa Filozofia, Anatomia, uzo das-partes, e perfeitas Inſtituiſoens Cirurgicas. Porque finalmente o Cirurgiam é um Medico Operativo: cujas operaſoens nam pode fazer, ſem conhecer o *como*. E niſto meſmo quero dizer, que o Cirurgiam deve ſer, um perfeito Anatomico, e conhecer todas as partes, ainda minimas, do-noſo corpo: no-que convem Cirurgiam, e Medico. O que porem o Cirurgiam tem de particular é, que nam só deve conhecèlas, mas deve ſaber moſtrálas, uzando dos-inſtrumentos proprios, com grande experiencia, e deſtreza. Niſto é que conſiſte, a felicidade do-Cirurgiam. pois é certo, que um Cirurgiam douto, e deſtro, prezerva um omem da-morte, e impede que padeſa tanto. Porque em uma operaſam diſ[illegible]toza, pode prezervar um omem da-morte, com a ſua ligeireza: v. g. quando tira a pedra da-bexiga; ou coze a rotura interna; ou ata uma arteria em uma aneuriſma &c.: e tambem quando algumas vezes cor-

corta pernas, ou braſo &c. Neſte cazo, fazer a operaſam em mais, ou menos minutos, pode dar a morte; ou avida: e nenhum a-poderá fazer com ligereza, ſem eſtudo bem fundado da-Anatomia. Nem é coiza extraordinaria dizer eu, que os Medicos antigamente eram Cirurgioens: achando-ſe, deſde qne ſe-reſtablecceo a Anatomia, Medicos inſignes, que foram perfeitiſimos Anatomicos. O que ainda neſte ſeculo ſucede: avendo muitos Medicos famozos, que goſtam de abrir os cadaveres. Deſte numero foram os dois inſignes Filozofos, e Medicos, *Boernaave*, e *Albini*, e ſeu dicipulo *Van-Swieten*; e alguns outros que conheci. O certo é, que nas melhores partes da-Europa, um bom Cirurgiam ſempre é Filozofo: e muitas vezes é Medico.

A ſimplez conſideraſam deſte ponto perſuade, que a Fizica experimental, e racional, é tam neceſaria ao Cirurgiam, quanto é neceſaria àquele, que deve ſaber o uzo, das-partes do-corpo umano, nam ſómente externas, mas ainda internas. O Cirurgiam deve ſaber, a conexam, o ſitio, e uzo das-partes internas. ſam infinitos os exemplos que o-perſuadem. Como poderá ſaber, ſe ſe-deve abrir um tumor, ou nam; ſe nam ſabe, ſe no-dito tumor ſe-acham vazos ſanguiferos, ou nam? Como diſtinguirá em uma ferida, ſe-ofendêram os vazos arteriozos, ou venozos maiores, ou menores: como conhecerá ſe-ferîram o duto toracico, ſe nam ſabe, qual é a ſua ſituaſam; e que ſerve, para conduzir o chilo ao ſangue; e que, ferido ele, ofende-ſe uma parte, mui neceſaria para avida? Suponhamos, que deram uma cutilada na coſta da-mam: ſe o Medico ou Cirurgiam conhecer, com a Anatomia, que ali á tendines dos-muſculos, que ſervem para eſtender os dedos, poderá ordenar ao ferido, que levante os dedos: e ſe nam puder levantar o indice; concluirá, que cortáram o tendine, formado de muitos tendines do-muſculo indicador, e do-extenſor comum. Porem ſe puder endireitar os dedos. pode aſegurar, que as extremidades dos-muſculos cortados poderàm unir-ſe: e que a cura ſerá dificultoza, mas ſairá perfeita. Se pois ſucede, que nam poſa movèlos, ſeguramente pode proferir, que, ſarada a ferida, ficará aleijado o ferido, e nam ſerá poſivel com arte alguma, recuperar o uzo dos-dedos. Eſtas noticias ſam neceſarias para a cura, e utis à Republica: Mas ſem ſaber a ſituaſam, e uzo das-partes, como ſe-podem ſaber, e pronoſticar? Deve alem diſo o Cirurgiam, ſaber conhecer a impreſam, e forſa que temo ar, nas feridas, e chagas: os temperamentos dos-doentes: os afetos do-animo &c. porque ſem iſto nam é poſivel, regular-ſe bem na cura. *Pareo* queixava-ſe, que com o rumor de cada deſcarga de artilharia, ſe-renovavam as hemoragias, principalmente naqueles que eſtavam feridos na cabeſa: pola qual razam, aumentavam-ſe os ſimtomas, e a muitos ſe-acelerava a morte. Certamente nam conhecèra iſto *Pareo*, ſe nam ſoubèſe perfeitamente, quais eram as coizas que chamam, *nam naturais*. Acham-ſe omens, que tem o ſiſtema nervozo, tam facilmente irritavel, que pola minima cauza padecem eſpaſmos, convulſoens, e ſemelhantes males. Outros quando vem ſangrar, ou coiza ſemelhante, em que ſe-veja ſangue,

tem um verdadeiro deſmaio, ou ſincope. Se em omens de tal tempra, tendo alguma ferida de nada, ſucederem ſintomas graviſimos, um Cirurgiam ignorante atribuirá o dano, á ferida: mas o douto conhecerá, que provèm da-qualidade do-temperamento.

O conhecer os efeitos de um mal preventivo, em um doente, ou ferido, nam é proprio ſenam de um Cirurgiam, de bom raciocinio, e bom Fizico. Todos ſabem que a Lue Venerea, e Eſcorbuto roem de tal ſorte, a duriſima ſuſtancia dos-oſos, que apodrecendo-ſe, com o minimo toque ſe-quebram. Suponha V. P. que alguem deu levemente na caveira, digo, no cranio de um deſtes, e o-quebrou, e morreo: Um ignorante, atribuirá falſamente a morte, á pancada: um douto, nam. Quantos e quantos nam morrem por-ignorancia dos-Cirurgioens, que ignoram a Fizica, e nem menos tem um bocado de bom raciocinio! Certo Cirurgiam ignorante, cozeo uma ferida a um ſoldado, debaixo da-teta direita. no-ſeguinte dia chamáram *Parzo*, o qual achou o omem com grande febre, dificultoza reſpiraſam, palavras interrutas, e com todos os ſintomas de morte. Abrio promtamente a ferida, e voltando o ferido com a cabeſa para baixo, fechada a boca, e nariz, tirou fóra da-concavidade do peito, oito onſas de ſangue ja fedorento. Lavou delicadamente a concavidade do-peito: tiroulhe outro ſangue congelado: e ſarou repentinamente o doente. Deſtes exemplos; podia eu citar infinitos. Muitas vezes por-ignorancia de alguns Cirurgioens, que aplicáram às partes tendinozas, e membranozas cauſticos terriveis, nacèram males orrendos. O Arſenico aplicado por-ignorancia, a algumas féridas, cauzou grandes dores, febres, vigilias, anſias, deſmaios, e perigo de morte. Tudo iſto por-falta de Fizica, e bom raciocinio. E còmo muitos intendem, que nam ſam obrigados a iſo, os Cirurgioens: por-iſo ſucede tanto inconveniente, na Republica.

Mas deſta faculdade á grande falta em Portugal: onde intendem, que para ſer Cirurgiam, baſta ſaber talhar a veia. E ainda niſto á baſtante ignorancia: porque os-enſinam a ſangrar omens vivos, ſem lhe-moſtrar primeiro a diſpoziſam das-veias nos-cadaveres. De que vem, eſtes aprendizes a leijam baſtantes doentes, ou lhe-fazem padecer dores incriveis. E obſervei uma coiza mui galante, quando lhe-falam em Anatomia, reſpondem com uma rizada. Proguntei á alguns barbeiros, que tinham carta de Sangradores, e Cirurgiam, ſe tinham frequentado a Anatomia: reſpondèram-me, que alguma vez tinham ido ver um cadaver, para ſatisfazer ao eſtilo: e contudo iſo eram Licenciados. Iſto digo na Corte, aonde no-oſpital Real, á um Anatomico eſtrangeiro. Mas ſe ſaimos fóra dela, acharemos, que nenhum Cirurgiam vio cadaver aberto: o que ſei com toda a certeza. E chamam-ſe eſtes, Cirurgioens! e á quem ſe-meta, nas ſuas maons!

Eu ja lhe-perdoára, que nam foſem Filozofos, e nam ſoubeſem curar por-principios: o que nam poſo ſofrer é, que nam ſaibam nada da-Anatomia, ſendo eſta aparte mais neceſaria em um omem, que á-de fazer operaſoens de

maons.

maos. De que vem, que a quem ſucede uma deſgraſa, e os-chama; ſe nam é coiza de pouco cuidado, ou á-de chamar um eſtrangeiro, ou á-de morrer. E o que acho mais galante é, que ſeparam da-Cirurgia, as ſuas dependencias; como ſe-foſem faculdades diverſas, e contrarias. v. g. Deslocou-ſe um oſo do-pé, ou do-braſo: nam á Cirurgiam, que ſaiba curar iſto. é neceſario recorrer a um omem, a quem, com um vocabulo novo, chamam *Algebriſta*. o qual é um tremendiſimo ignorante, que com tanto voltar a parte, ſe nam tem facilidade de a-conſertar logo, aleija o doente. Conheci uma Senhora, a quem um Clerigo deslocou duas coſtelas, querendo conſertar-lhe uma: e ſecou toda a ſua vida, com uma deformidade nàs coſtas. Nem pode ſuceder de outra ſorte: porque ſe o Cirurgiam nam ſabe Anatomia, como á-de ſabèla o outro, que cura às apalpadelas? Certamente ſem ver diſtintamente os oſos, no-ſeu eſtado natural, e conſiderar a ſua figura, e o modo com que ſe-encaixam uns nos-outros: como tambem ſem conhecer, de quantos modos ſe-podem deslocar, e que coiza ſe relaxa, ou rompe, quando ſe-deslocam; nam é poſivel, conhecer eſta infermidade: e ſem eſte conhecimento, nem menos é poſivel, curála. Mas pior é, quando ſe-ſervem de algum omem do-campo, de quem dizem, que tem virtude de curar. Eſtes ſam os mais perigozos. é melhor dar outra queda, que meter-ſe na mam de um deſtes. Emfim parece-me que neſte Reino, neceſita-ſe mais de Cirurgia, que dameſma Medicina; nam obſtante ſer eſta tam má, como ſe-ve.

Tendo apontado brevemente a V. P. os defeitos da-Medicina deſte Reino; ſegue-ſe ſugerir-lhe o metodo, com que ſe-pode eſtudar Medicina, que ſeja proveitoza: que é o ponto que V. P. me-encomenda, em todas as faculdades deque me-fala. o que farei brevemente. Digo, que o Medico deve eſtudar primeiro, boa Filozofia: e ſe tem eſtudado alguma má, eſquecer-ſe dela, para eſtudar outra melhor. o que pode fazer com brevidade, ſegundo apontei em outra carta. Pode-ſe fazer iſto, em dois anos e meio muito bem, ſem falar na Etica: ou ainda em menos, ſegundo a capacidade do-eſtudante.

Entrando na Medicina, para poder formar conceito dela, deve primeiro ſaber, a iſtoria da-Medicina: como comeſou, e ſe-aumentou, e deſcaio, e ſe-reſtaurou, e proſegue atualmente. E ſendo que a Medicina deſtruio-ſe, e ſe-alterou com mil coizas falſas; para evitar iſto, é neceſario intender, que a Medicina nada mais é, que a *arte de evitar a dor, fraqueza, e morte: ou de conſervar a ſaude prezente, e recuperar a perdida.* Iſto conſegue-ſe com duas coizas 1. com a exata obſervaſam, de tudo o que ſucede, no-omem ſam, doente, e morto. 2. com o exame daquelas coizas, que nam deſcobrem os ſentidos, mas alcanſam-ſe com o diſcurſo: comparando umas com outras, para ſaber o que é comum, e particular a algumas. Intendendo iſto, e lembrando-ſe do-que é corpo, e alma: deve aſentar o eſtudante, que o exame, principalmente ſendo demaziado, de todos os principios Metafizicos, e Fizicos inſenſiveis do-corpo umano, nam é neceſario ao Medico: e aſim da-Fizica baſta

ſaber a Chimica, Meçania, Iſtoria Natural: como ja apontei em outra parte. Tendo eſtudado iſto, deve no-primeiro ano examinar, que coiza é eſte particular corpo, ou compoſto, em que á-de ocupar, todo o ſeu cuidado. Onde

No-primeiro ano de Medicina, deve o eſtudante aprender bem a Anatomia: porque aindaque tenha tido, alguma noticia dela como Fizico, eſta nam baſta a um Medico: mas quer-ſe maior e mais particular eſtudo, do-corpo umano. Divide-ſe a Anatomia em duas partes: uma trata dos-*ſolidos*, outra dos-*fluidos*. Sobre os ſolidos, deve o omem formar conceito, de que-partes ſam compoſtos os oſos, e canais: da-ſutileza das-fibras, e vazos do-noſo corpo: que ſam impercetiveis com o microſcopio. Iſto requer pouco eſtudo. Eſta conſideraſam dos-ſolidos naturalmente ſe-divide, em 4.partes. A 1. trata dos-*Oſos*. Aqui deve conhecer, nam ſó a figura deles, que conſiſte na deſiniſam da ſuperficie; mas tambem a eſtrutura, que conſiſte na figura por-todas as partes, ou compoziſam. Primeiro, eſtuda-ſe alguma coiza diſto, nos-livros: deſpois, na-propria oſadura do-cadaver: na qual mais facilmente ſe-ve, a diſpoziſam dos-oſos: tendo ſempre à viſta autores, que expliquem iſto. A 2. trata dos-*Muſculos*. Onde deve conſiderar, a diſcripſam dos-muſculos, e de que ſe-compoem: notando que coiza é carne, tendines ou nervos, que unem os muſculos com os oſos: e examinando como ſe-unem com as partes, e qual ſeja o ſeu uzo. Iſto primeiro veja-ſe nos-livros, e figuras; deſpois no-cadaver: pois nam é poſivel, que as eſtampas exprimam tudo. A 3. parte é o conhecimento das-*Entranhas*. Compoem-ſe elas de vazos, nos-qnais ſe-mudam os umores, em nutrimento do-corpo: no-que ſe-diſtinguem dos muſculos: que aindaque tenham vazos, nam ſervem para converter o nutrimento. Deſta eſpecie ſam o Coraſam, Cerebro, Boſe &c. Deſpois deve eſtudar, a deſcriſam das-*Glandulas*. A 4. trata dos-*Vazos* ſeparadamente: em que ſe-progunta, onde náſam: onde eſtejam: como penetrem polas outras partes. E neſte numero podem entrar os *nervos*, que tambem ſam vazos. Tudo iſto primeiro ſe-deve ler, por um autor, que tenha figuras grandes: deſpois, velo no-cadaver: obſervando tudo bem, para fazer memoria local.

Do-eſtudo fundado da-Anatomia, deve paſar no-ſegundo ano, a ler algumas Inſtituiſoens Medicas; que exponham em breve, e diligentemente, todas as partes da-Medicina. A primeira parte das-Inſtituiſoens, expoem o uzo das-partes do corpo umano. A Anatomia moſtra ſomente as partes: mas nam baſta iſto ao Medico: é neceſario ſaber miudamente, o uzo deſas partes, para conhecer, em que coiza ſervem à vida, e ſe pode eſta conſervar-ſe, ou recuperar-ſe ſem elas. Eſtes conhecimentos ſeguem-ſe naturalmente, e neceſariamente uns dos-outros. v.g. Para conhecer o uzo das-partes, é neceſario ter noticia da-Matemetica, da-Fizica, e alguma coiza de Chimica: que é uma particular parte da-Fizica. Eſtes ſam os principios. A iſto ſe-ſegue o conhecimento da-Anatomia: que expoem a materia, em que ſe-am-de exercitar, eſes principios. Poſto iſto ſegue-ſe examinar, o uzo das-partes. pois ſabendo o

que

que é comum, a todos os corpos; e tendo ideia da-machina umana; é facil deſcobrir o uzo das-partes, de que ſe-compoem. Eſte é um dos-pontos fundamentais da-Medicina: e quem nam aſenta neſtes principios, erra. O que ſucede nam só a todos, os que nam eſtudáram eſtas ciencias; mas ainda aos meſmos que as-eſtudáram, quando algumas vezes quizeram afaſtar-ſe deles. Ja diſe a V. P. que Borelli, Bellini, Bernoulli, Keill, e outros inſignes Matematicos, e Medicos do-ſeculo paſado, que ajudáram conſideravelmente eſtas ciencias, quando diſcorrem fundados nos-principios ditos, ninguem fala melhor: mas quando ſe-afaſtam do-ſeu ſiſtema, e querem tomar como *datos*, certas coizas, que nam ſam demonſtradas; v.g. que no-ſangue ſe-acha *terra*, *ſais*, &c. erram: e o meſmo lhe-ſucede, quando querem dar razam de tudo. Onde quem nam toma por *dato* aquilo, que é evidentemente demonſtrado por-todos, erra na explicaſam do-uzo das-partes. E neſte particular nam valem nada os medicos todos, (ſem excetuar Ipocrates, nem Galeno, nem a eſcola Grega, ou Arabia) que eſcrevèram antes do-ano 1628: no-qual Harveo moſtrou ao mundo erudito, a circulaſam do-ſangue. Antes de Harveo era Senetro, como diz um grande omem, um famozo teoretico. mas quando quer dar razam do-uzo das-partes, diz muita parvoice: porque ignorava a circulaſam do-ſangue, com a noticia da-qual é que viemos a conhecer, o verdadeiro uzo de-muitas. Nos-tempos de Harveo, e ainda deſpois, acham-ſe mil coizas, prejudiciais á boa Medicina: porque os Chimicos, que entam aparecèram, quizeram dar razam de tudo, por-meio das-ſuas fermentaſoens, e efervecencias dos-fluidos. No-que ſupunham, o que deviam provar: pois nunca prováram, que avia tais efervecencias. Outros quizeram com a pura Anatomia, dar razam de tudo: o que nem menos pode ſer. Eſtes pola maior parte ſam Cartezios: os quais, eſquecidos da-Matematica, que moſtram eſtimar, tambem ſupoem, o que nam provam. Aſimque neſta materia deve o eſtudante, ter muita advertencia, de nam abraſar na Fizica, ſe nam aquilo, que a experiencia conſtante moſtra, ſer aſim: e nos-raciocinios abraſar ſomente, o que ſe-funda em principios, de que ninguem pode duvidar. Sam poucos os autores, que em tudo e por-tudo figam, eſta moderaſam: mas acham-ſe alguns mais modernos, que procedem com eſta regra; como abaixo apontaremos.

Neſta parte explica-ſe, como o Omem come. Trata-ſe da-ſaliva, asám do-ventre, inteſtinos, chilo, limfa, ſeparaſam do-eſcremento: como obra o meſenterio no-chilo: dutos chiliferos: fabrica das-arterias, e veias: circulaſam do-ſangue: coraſam, e ſuas aſoens: boſes, e forſa das-arterias nos-boſes: natureza do-ſangue, partes, e ſeus fenomenos: modo como as arterias entram no-cerebro, e cerebelo: fabrica das-glandulas, e ſeus uzos: asám do-baſo, omento, figado, rins, bexiga: asám dos muſculos, e da-cutis: ſuor, tranſpiraſam, nutrimento, e deminuiſam dos-ſentidos internos, e externos: vigilia, ſono, voz, &c. ſemente, menſtruos, e parto.

A outra parte das-Inſtituiſoens, é a *Patologia*. Eſta trata geralmente, do-conhecimento das-doenſas, ſuas diferenſas, cauzas, e efeitos. Conhecidas as aſoens, que obram no-corpo umano os liquidos, dentro dos-vazos, a que chamam *funſoens* deve-ſe advertir, que ou ſam *vitais*, ſem as quais nam ſe-pode viver: ou *naturais*, que ſuminiſtram ao intendimento, e à vontade objetos, v. g. os ſentidos &c. Conhecido iſto, conhece-ſe em que conſiſte a vida: e ſem que coizas poſa durar: como tambem em que conſiſte a ſaude, que é a faculdade de executar perfeitamente, todas as ſuas aſoens. De que ſe-conclue, que o eſtado do-corpo, que impede executar alguma asim, chama-ſe *morbo* ou *doenſa* as quais ſam tantas, como as aſoens. Deſtas é que trata a Patologia. Eſte conhecimento ſegue naturalmente a Fiſiologia, ou uzo das-partes. pois é certo, que quem conhece bem, o uzo das-partes, facilmente reconhece os impedimentos, que rezultam neſas partes e com grande probabilidade, pode deſcobrir as cauzas.

A 3. parte das-Inſtituiſoens é a *Semeiotica*. Aindaque as doenſas ſejam oſcuras, como ſempre vem acompanhadas de alguns ſinais; por-eſtes pode vir no-conhecimento delas. Aſimque a *Patologia* enſina a conhecer, polos ſinais paſados, prezentes, e futuros; os ſinais proprios da-ſaude, ou infermidade atual. a que chamam *Diagnoſe*: ou futura, a que chamam *Prognoſe*. Eſta é principal parte da-Medicina, e a mais dificultoza. Nela os antigos eſcrevèram melhor, que em outra alguma: aindaque muitos ignoraſem, as cauzas das-infermidades. pois é certo, que eu poſo ſaber os ſinais todos, de alguma particular doenſa v. g. da-*pleuritide*, ſem ſaber, que coiza ſeja eſa doenſa, nem como ſe-cure. Mas como eles nam conheciam, qual era a machina do-noſo corpo, e a circulaſam do-ſangue; nam podiam deſcobrir, as verdadeiras cauzas de muitas infermidades. O pior é, que ainda deſpois de Harveo, ſe-tratou iſto muito mal, pola razam que dá Bocrhaave: pois os Chimicos, que entam florecèram, deſprezáram os ſinais: e todo o ſeu ponto eſtava, em querer curar. Os Cartezianos, e Gazendiſtas só cuidáram, em fazer ſupoziſoens, e inventar ſiſtemas. E aſim só no-fim do-ſeculo paſado, e principios deſte, é que comeſou a reſucitar eſte eſtilo, das-obſervaſoens dos ſinais, para fazer os pronoſticos acertadamente. E com efeito a iſto é que o Medico Pratico, ſe-deve aplicar mais. Mas com eſta advertencia, que deve ſervir-ſe dos-Antigos, para as duas partes da-*Semeiotica*, que ſam *Diagnoſe*, e *Prognoſe*: em que alguns deles eſcrevèram bem: porem para dar razam das-infermidades, e metodo de as-curar, ſervir-ſe dos-Modernos.

A 4. parte da Medicina, é a *Hugieine*, ou *Dietetica*: que explica a arte, de conſervar a ſaude prezente, e prevenir as doenſas, que o temperamento pode produzir: e diſpora vida, para durar muitos anos. Ela expoem o uzo das-coizas, com que ſe-pode conſervar: o que ſe-pode conſeguir, com poucos preceitos. Onde baſta obſervar, o que pode ſer proprio ao temperamento, e à idade: variar as ocupaſoens: fugir de toda a ſorte de ſegredos,

que

que inculcam muitos Medicos: a abſtinencia de comer, é as vezes grande remedio. Alguns antigos eſcreveram bem, neſta materia: mas os modernos excedem-nos muito.

A 5. parte, é a *Terapeutica*. Eſta enſina a conhecer nos-doentes, que doenſa tem: e em virtude deſtes preceitos ſaber, que remedios ſe-requerem, para a cura, e como ſe-aplicam: a que os Medicos chamam, deſcobrir os *indicantes*, *indicaſam*, e *os remedios*, ou inſtrumentos da-Medicina. Compreende duas partes. 1. explica como ſe-conhecem eſtas tres coizas; moſtrando, quais ſam os inſtrumentos da-Medicina. 2. expoem o metodo de curar: que conſiſte, em propor regras, polo indicio das-quais pode o Medico conhecer, os indicantes, contraindicantes, repugnantes &c. Uma deſtas partes ſegue-ſe da-outra, pois conhecendo o Medico, a vida do-doente, ſuas cauzas, natureza, ſequelas, e graos: e obſervande a doenſa prezente, cauzas, indole, ſequelas, ſintomas: conhece facilmente, que coiza deve fazer, para conſervar a vida prezente, reſtaurar a debilitada, e remover o embaraſo como tambem que inſtrumentos deve aplicar: de que modo em que tempo e com que ordem o-deve fazer. Niſto ſe-compreendem as Inſtituiſoens, que dirigem todo o eſtudo da-Medicina. Eſtas deve eſtudar o principiante no-2. ano, para formar ideia, de toda a Medicina em breve: e com eſta noticia pode, polo tempo adiante, examinar e dilatar as ſuas partes, e formar verdadeiro conceito, de cadauma delas. Mas aqui devo advertir, que quem tem bons principios de Filozofia, e ſe-ſerve de Inſtituiſoens Medicas claras, pode, em menos de um ano, compreender maravilhozamente iſto.

Deſpois das-Inſtituiſoens, ſegue-ſe a Praxe Medica: que é uma aplicaſam de todas as partes das-Inſtituiſoens, ao doente. Nas inſtituiſoens, damſe regras gerais: a Praxe, enſina as particulares. Conſiſte pois a Praxe 1. Em conhecer no-infermo por-ſinais particulariſimos, as particulares doenſas: o que ſupoem o conhecimento da-vida; e ſaude do-omem, quero dizer a *Fiſiologia*, que enſina o uzo das-partes. 2. Curar cadauma das-doenſas, com os ſeus particulares remedios, e com um particular metodo, proprio de cadauma. Iſto ſupoem, que deve conhecer: a virtude dos-medicamentos, e a Cirurgia. Alem diſo, o aplicar o dito remedio, pertence a um omem, que ſaiba conhecer, o efeito futuro: onde, requer a doutrina dos-ſinais, e dometodo de curar. Ponho exemplo no-deſmaio. O Medico nam conſidera, o que é deſmaio em geral, porque ja o-ſupoem ſabido. Eſte pode proceder de medo, de falta de forſas, de algum cheiro agudo &c. mas no-cazo particular, diverſamente ſe-cura, cadaum deſtes deſmaios. E por-iſo devo conhecer, a cauza ſingular de cada infermidade, para lhe-ſaber aplicar um ſingular, e propriiſimo remedio. Reduzem-ſe os remedios, a trez claſes. 1. operaſoens de mam 2. ſuſtento do-infermo 3. outros remedios exteriores &c. Onde toda a Medicina Pratica ſe-reduz, à *Cirurgia*, que é a que cura, com as

opera-

operasoens de mam·. à *Dietetica*, a que comumente chamam *Dieta*·. e à *Farmaceutica*, que trata dos-outros remedios. Mas destas trez partes se-compoem duas profisoens, de Medicina Pratica. Uma, é a Medicina Cirurgica, que ensina a conhecer, e curar doensas, que se-podem tocar com a mam mediata, ou imediatamente. v. g. cortar um tumor·. consertar un oso dobraso, costela &c. Outra parte, é a que ensina a curar, todas as doensas internas, que encerra a *Dietica*, *e Farmaceuta*·. aindaque destas se-sirva às vezes o Cirugriam. A esta chama-se simplezmente *Medicina*·. em alguns Reinos, *Medicina Fizica*, para a-distinguir, da-*Medicina Operativa*. E nisto novamente conhecerá V. P. aindaque estas duas profisoens, estejam oje separadas; ambas supoem os mesmos fundamentos. Onde deve o Cirurgiam, saber algumas coizas, que sabe o Médico: sem as quais, nam é posivel conhecer as cauzas, de muitas infermidades: que, aindaque externas, tem muitas vezes internas cauzas. Sem conhecer, nam as-pode curar bem: e por-consequencia, este deve ser todo o seu emprego. Mas, deixando agora o Cirurgiam, torno ao Medico.

Digo pois, que no-3. ano deve estudar a *Praxe Medica*, com todo o cuidado: indo no-mesmo tempo aos Ospitais, reconhecer a verdade, dos-ditames que lé. Com esta ocaziam, pode tambem observar, algumas partes da-Anatomia miudamente·. sendo certo, que duas coizas nunca deve deixar o Medico. 1. a Anatomia, em todas as ocaziocns, que ouver disesám de cadaver, e comodidade para isso. 2. a observasam dos-sinais no-doente, para poder acertar, nos-seus prónosticos. Se um Medico vivèse cem anos, sempre teria necesidade disto principalmente do-ultimo: e asim algum dia na semana é necesario, que vá ver estas coizas, ainda despois de estar adiantado na Medicina. O metodo de o-fazer é este. Nam deve correr por-muitos doentes: mas escolher cinco ou seis·. e nestes observar miudamente, todos os sinais, e istoria da-infermidade·. e escrevèla, sendo necesario. Asim o-fizeram, e fazem omens mui grandes·. de que lhe-rezultou, grande utilidade. Com este metodo, pode em trez anos, compreender toda a Medicina. o 4. ano fica para os atos publicos·. e despois, dois ou trez anos para exercitar a pratica. Apostarei, que se-fizerem esta experiencia, reconhecerám, quam diferente utilidade se-tira. Toda aquela machina de anos, que comumente se-empregam na Medicina, mete medo, e nam serve para nada; porque falta o metodo. Aqueles atos que eles fazem, tem belos e pompozos nomes; mas nam aproveitam nada. Com um exame particular, no-fim de cada ano, e trez atos publicos, no-quarto, se-concluia tudo melhor·, e com menos trabalho. Vamos ao Cirurgiam.

O que devo dizer do-Cirurgiam, se-reduz a poucas palavras·. porque manifestamente se-colhe, do-que asima digo. Deve o Cirurgiam saber Latim, e sofrivelmente Filozofia, antes de intrar no-Ospital. Despois a Anatomia, e uzo das-partes deve ocupar, todo o seu cuidado. Despois, deve estudar as

Insti-

Inſtituiſoens de Cirurgia: mas principalmente deve aplicar-ſe, à Praxe deſa Cirurgia: cortar pernas, abrir cadaveres, trapanar o cerebro, tirar a pedra da-bexiga, cozer uma arteria &c. e outras operaſoens igualmente dificultozas, que utis ao genero umano. Se aſiſtir cinco ou ſeis anos, em um Oſpital, pode fazer iſto maravilhozamente; como vi muitas vezes. Quem nam ſegue eſta eſtrada, e um mero ſangrador: e nem menos é capaz, que lhe-entreguem à lanceta, ſem medo.

Tenho dito a V. P. o meu parecer, ſobre o metodo de regular o eſtudo da-Medicina, e Cirurgia: para poder, com menos tempo, chegar ao fim, de ſaber alguma coiza util. Mas nenhum deſtes documentos aproveitará, ſe o eſtudante nam ſouber, que livros deve eſtudar: porque aindaque um omem tenha, boa vontade de eſtudar; ſe nam tem mais que livros maos, nam pode ſaber nada bem. Conheſo, que um omem que eſtudou Filozofia, polo modo que ja apontei, ſaberà abraſar ſomente, as coizas que ſam certas, e rejeitar as duvidozas. Mas alem deque iſo pede infinito trabalho, e dicernimento, o qúe nam coſtuma ter um principiante; acha-ſe outra forte razam, e viem a ſer; que a maior parte deſtes livros uzuais, eſtam cheios de ſabulas, e potezes ridiculas, que quazi me-atrevo dizer, que neles nam á que eſcolher. Eſta conſideraſam me-obriga, em uma materia tam emportante, em que corre riſco nam menos que a noſa vida; apontar alguns dos-melhores autores, para eſte eſtudo. Daqui rezultarám duas utilidades: 1. terá V. P. noticia dos-melhores, quando os-quizer conſultar: o que nam é pequena ventagem, para um Filozofo; ſaber onde pode achar noticias certas, das-partes da-Fizica. 2. pode fazer um grande ſerviſo, aos ſeus amigos Medicos; ſe lhe-comunicar eſtas noticias: pois nam só lhe-enſinará, o que eles ignoram; mas, pouparlheá muito dinheiro, que podiam, e devem empregar, em livros de nenhuma utilidade: quando com muito menos, podem conſeguir o fim, que devem.

Sei muito bem, que neſte particular, acham-ſe infinitos prejuizos em Portugal: e omens conheſo eu, prezados de doutos, que ſe-rim dos-que tem noticia, dos-livros bons, chamando-lhe, Ciencia de livreiro: mas deſtes tenho compaixam, porque nam intendem o que dizem. Aindaque um omem nam tiveſe aberto os livros, mas ſomente ſoubèſe os autores, que tratam bem as materias; era eſta noticia util, para ſi, e para os amigos: e nam deviam zombar dela eſtes, que nem menos eſa ciencia tem. Muito menos devem rir-ſe, dos-que tem eſta ciencia, e tambem a noticia das-materias. Eſtes amigos nam ſabem, que uma parte de qualquer ciencia, é a iſtoria dos-celebres eſcritores dela. Quem jamais condenou S. Jeronimo, Focio, Belarmino, Owdin, Cave, Warthon, Dupin, e outros muitos, porque eſcrevèram a iſtoria, dos-eſcritores Ecleziaſticos? Quem condenou os outros, porque eſcrevèram a Iſtoria, dos-outros eſcritores, ou o Index dos-autores polas materias? Todos reconhecem, que nam á coiza mais util, que eſta.

E ſe iſto é louvavel, nos eſcritores mortos, porque á-de ſer condenavel, nos vivos? Alem diſo, que utilidade nam rezulta a um omem, de ſaber, quais ſam os melhores autores? tem promta a materia, para o que quer: e poupa muito dinheiro; pois com poucos livros, pode ter uma grande biblioteca. Nam tenho falado com omem douto, que nam eſtimáſe muito eſta noticia. E eu confeſo, ter empregado niſto, baſtante tempo: e todos os dias experimento, a utilidade. Onde, ſem fazer cazo deſtes cenſores, apontarei os autores neceſários: parte dos-quais eu li: outros achei citados por-autores grandes: e de todos me-enformei, com Medicos de grande ſupoziſam.

Sobre a Fizica ja diſe a V. P. em outra carta, o que avia que dizer. A Fizica experimental acha-ſe ſomente, nas obras das-Academias, que ſe-abriram nos-fins do-ſeculo paſado &c. e nos-Diarios Francezes, e Italiânos, que entam comesáram: e tambem nos-Diarios Inglezes, e Olandezes &c. Neſtes ſe-acham muitas diſertaſoens volantes, que os coletores uniram, e tratam materias importantiſimas. Antes das-Academias Regias, só acho trez autores, que ſepoſam ler com utilidade: *Bacon de Verulamio*, o P. *Merſeno*, e *Roberto Boile*, o qual ultimo é coetaneo, da-de Londres.

Os autores que no-ſeculo paſado (antes tudo é ignorancia), eſcreveſem a Fizica Racional ſem ipotezes, mas deduzida de boas experiencias, tambem nam ſam muitos. Antes de *Newton* acham-ſe rariſimos: e nem em tudo ſam iguais, pois devem-ſe reformar, em certas coizas. Os melhores ſam *Galilei*, *Torricelli*, *Caſtelli*, *Borelli*: aindaque eſte tropece baſtantemente na Chimica, e eſpeculaſam: *Bellini*, e *Huygens* o qual ultimo no-fim da-vida, renunciou o Cartezianiſmo, que ſeguîra. *Mariotte* nas ſuas *Experiencias Fizicas*: *Perrault*, *Amontons*, *de la Hire*. Mas ſobre tudo *Iſaac Newton*, que abrio melhor os olhos ao mundo, com todos os que o-ſeguîram, alguns dos-quais com outros mais acham-ſe, nas Coleſoens das-Academias. Eſta ſorte de autores ſervem, para examinar fundamentalmente as materias, nas ocazioens neceſarias. Verdadeiramente nam ſam para todos: e os rapazes, como ja avizei, devem primeiro eſtudar, por-um mais moderno Newtoniano, que trate toda a Fizica: v. g. o *Martino*: e a ſeu tempo conſultar os autores, no-que tratam,

CHIMICA.

Paſando à Chimica, que é parte da-Filozofia experimental, mui neceſaria ao Fizico, para ſaber as naturezas ſingulares dos-corpos; as quais conhecem-ſe, mediante aquelas ſeparaſoens: e é tambem neceſaria ao Medico, que deve ſaber fazer algumas experiencias, e excitar alguns movimentos &c. eſta, como digo, tratáram alguns omens grandes ſeparadamente. Quem nam á-de paſar a vida nela, baſta eſtudar por-algumas Inſtituiſoens. Os que melhor eſcrevèram Inſtituiſoens, ſam os ſeguintes. Monſieur. *l' Emery*: ſam melhores as ultimas ediſoens, principalmente deſte ſeculo. *Corrado Barkauſen*, 4. *Leiden* 1717. *Monſieur le Fevre* 12. 2. *v.* mas ſobretudo *Hoffman* 4. e *Boerhaave* 8.

Alem

Alem deſtes Inſtitucionarios, que emmam as operaſoens, inſtrumentos, objetos da-Chimica: é neceſario ao Chimico ſaber, quais ſam os que, ſeguindo eſte metodo, experimentáram bem: e, por-eſte meio, deram novas luzes à Mediçina. Foram niſto inſignes, *Boile*, *Kunchel*, *Nehemias Grevv*: e outros que ſe-acham, nas Coleſoens das-Academias, como ſam *Homberg*, *Geofroi*, *Vieuſſens* &c.

Acham-ſe Chimicos, que tratáram mui bem, da-Farmacia Medica, enſinando o modo de conhecer, e preparar os *Simplezes* &c. Para as *Plantas*, que podem ſervir, ſam bons *Boile*, *Grevv*, *Dedu*: que ſe-acham em um tominho em 12. impreſo em *Leiden* 1691. *Michelli* em um volume in fol. *Dodart*, *Bignon*, *Geofroi*: as obras dos-quais ſe-acham nas-Academias &c. Para tirar das-Plantas os remedios, ſam inſignes *Angelo Saia* = Chimica 4. e *Schrodero*, Farmacia 8. *Quertetano* é paſavel, em 4. mas tudo iſto traz *Boerhaave* bem, na ſua Chimica.

MATERIA MEDICA.

A Materia Medica, ou o que ſe-acha no-mundo, util para curar, que pola maior parte ſam ſimplezes; tratáram muitos autores: mas poucos bem. Para os principiantes aponto dois. *Marcgravius* = *Materia medica contracta* 4. *Schroderus*, na ſua Farmacia. Em falta deſtes, pode-ſe ler *Samuel Daale*: e em qualquer deles ſe-achará, o que é neceſario, e com boa ordem. Os que quizerem noticias extenſas, podem lelas no-*Fallopio*: ſam trez tomos fol: ou no-*Dioſcorides*, da-ediſam de *Bauhino*. Eſtes compreendem tudo: e eſpecialmente o ultimo moſtra, a diferenſa que ſe-acha, entre os remedios antigos, e modernos.

Nam é neceſario ao Medico, ſer conſumado *Botanico*: pois com tanto que conheſa as ervas, que ſervem para a Medicina; as quais ſe-reduzem a pequeno numero, pode curar bem, ſem ſe-embrulhar com a noticia, de todas as outras ervas. Mas quando quizeſe, profundar eſta noticia, ou para ſi, ou para enſinar aos outros; deve ſervir-ſe, das-Inſtituiſoens de Monſieur *Tournefort*, que enſina o melhor metodo, de as-conhecer. Para diſtinguir as antigas, das-modernas, ſam otimos *Fabio Colona* em 2. volumes in 4. e *Joam Bauhino* 3. v. fol. do-qual ultimo copiáram os ſeguintes. Para as virtudes *Dodoneo*, fol. mas das-ultimas ediſoens, com eſcolios. *Moriſon*, 2. v. fol. e *Joam Raio*: os quais aindaque acrecentaſem algumas coizas ſuas, contudo, a ſuſtancia dela tiráram-na de *Bauhino*, como advertio entre outros *Boerhaave*.

ANATOMIA.

Paſemos à Anatomia, na qual achará V. P. mil autores: mas a maior parte com defeitos. Os modernos devem-ſe preferir, aos antigos, porque tem mais experiencias, e viram mais: mas nem por-iſo os antigos, deſmerecem em tudo. Acham-ſe autores, que excedèram em alguma parte da-Anatomia: outros, que eſcrevèram ſomente de uma parte, e bem. E' neceſario ter noti-

sia de todos estes, para as ocazioens. Esta é a ordem que seguirei: no-fim apontarei, os que compreendem tudo.

Dos-*Ossos* e sua gerasam, escreveo melhor que ninguem *Jozè du Verney*. Mas as suas obras publicáram outros, ou dicipulos, ou sequazes. um foi Mousieur *Clerc* = *Cirurgie Complete*: 8. Par. 1706. mas nam tem siguras: outro é *Palsyn*, na sua *Osteologia*. Tambem escreveo muito bem *Derelincourt* = *Conceptus de Conceptu Humano* 12. 1685. e *Clopton Havers* = *Osteologia* 8. 1691. Estes todos sam modernissimos. Dos-velhos, sam insignes dois: *Vesalio* = *Anatomia*: porem deve ser da-edisam de *Boerhaave* em *Leiden* 1725. na qual achamse emendados alguns erros, e tem excelentes siguras: outro é *Joam Riolano Anatomia* fol. nam traz siguras, mas copiou tudo o bom, que se-acha nos-antecedentes.

A segunda parte da-Anatomia trata dos-*Musculos*. A istoria dos-musculos, tratou *Cowperus* in 8. mas é Inglez: e *Ridleus* = *Anatomia do-Cerebro* 8. A uniam dos-musculos com os olos, mediante aquelas partes, a que chamam *tendines*, e sam quazi semelhantes aos nervos; descrevem alguns Anatomicos. Para as siguras, é insigne *Vesalio*: para a descrisam deles, *Fallopio* é inimitavel: mas deve ser da-edisam de *Wechelio*, *em Francfort* 1600: as outras tem varios erros: e este emenda o *Vesalio*, em varias coizas. *Riolanus*, o silho, é bom para os diferentes nomes. é um livro in fol. 1650. Pariz. Mas para os-diferenciar bem, ninguem melhor que *Monsieur Clerc*, que nisto excede a todos os outros. Para o uzo dos-musculos, é famozo *Gabriel Cowperus*, na sua *Myologia Reformata*: *Lowerus* = *de Cordis Musculis*: e tambem salam mui bem nisto, *Vesalio*, *Fallopio*, *Riolano*, *le Clerc*: e o mesmo *Borelli*, no-seu livro, de *Motu Animalium*, pode dar alguma luz sobre os musculos: porque seservio das-noticias, dos-melhores Anatomicos viventes. Para saber descobrir por-si mesmo no-cadaver, os musculos, e mestrar todas as suas partes; dam boas regras *Cowperus*, e *Lyserus*. Mas ninguem melhor, que *Vesalio*, expoem as siguras dos-musculos, e o-modo de os-descobrir. tambem as Tabulas do-*Spigelio* sam boas.

A terceira parte da-Anatomia sam as *Entranhas*: materia vastissima. Brevemente apontarei os melhores, sobre as entranhas principais. Do-*corasam*, tratou bem *Lowero*, e *Ruyschio*. mas melhor que nenhum, *Vieussens*, in 4. Do-*cerebro* tratou *Willis*, cujo livro é famozo polas siguras: as melhores ediscens sam *Londres* 1664. e 1670. e *Vieussens* da-edisam in fol. é ainda melhor para as siguras. *Ridlei* 8. 1695. é bom, e tambem *Malpighi*. Dos-*bofes*, *Julio Casserio*, mas da-edisam de *Padova* in fol: e *Malpighi*, nas suas Epistolas postumas. Do-*ventriculo*, *e inteslinos*, *Conradus Peyerus*, no-tratado *de Glandulis*, e no-tratado *de Ruminantibus*. *Aquapendente* escreveo bem sobre o mesmo, fol. Do-*baso*, o melhor é *Derelincourt* 8. tambem *Velthuysen*, e *Malpighi*. Do-*pancreas*, *Brunerus*, *Peyerus*, e melhor de todos, *Warthon*. Do-*mesenterio*, *Warthon*, *Aquapendente*. Do-*sigado*, escreveo bem *Glissonio* 8. despois, *Malpighi*, e *Ruyschio*. Dos-

rins,

fins, *Euſtachio*, *Bellini*, *Malpighi*. Dos-*vazos deſtinados à geraſam no-omen*, dois Anatomicos eſcrevéram inſignemente: *Leal Lealis*, e *Graaf*: deſpois deſtes, *Morgagni*, e *Ruyſchio*. Dos-*vazos deſtinados à geraſam nas femias*, o melhor é, *Derelincourt*: deſpois, *Graaf*, *Svvamerdam*, *Vieuſſens*, *Malpighi*. Das-*glandulas*, o que trata melhor é, *Warthon*, e tambem *Malpighi*, e *Nuckio*.

A quarta parte da-Anatomia trata dos-*Vazos*. As *arterias* ninguem as-pinta melhor, que *Veſalio. l.* 3. *p.* 485. e *Covvpero. tab.* 3. *Appendic. Bidleiana*: tambem Ruyſchio explica bem algumas coizas. Das-*ultimas arterias* trata bem *Bellini*, na epiſtola *ad Pitcarnium*. Para moſtrar as diferentes ramificaſoens das-*veias*, ninguem melhor que *Veſalio*, no-dito livro 3. p. 450. 505. Das-*valvulas* nas veias, trata *Aquapendente*. Para conheeer o *fim das-veias*, *e arterias*, haſta recorrer ao diligentiſimo *Leeuvvenboek*, no-ſeu 3. tomo, *Secreta Naturæ Ope Microſcopiorum Detecta*. Muitos deſtes autores ſam eſtimaveis, porque acháram o modo, de introduzir a cera nas veias, e arterias, em modo que ſejam viziveis; e nam só os troncos, mas os ramos apareſam. Sobre os *vazos da-limfa*, o melhor de todos, e que compreende tudo o que diſeram outros, é *Heemſterhuys*, *Meſſis Aurea Anatomica* 4. A eſte ſe-podem ajuntar dois inſignes, *Olaus Rutbeckius* 2. *t.* 4. *contra Bartholinum*, e *Joanes Jacobus Pauli*: tambem o *Gliſſonius*, e *Bartholinus* 8. nam eſcrevèram mal.

Alem dos-que eſcrevèram ſobre as ditas 4. partes da-Anatomia, ſeparadamente; acham-ſe alguns, que tratáram bem, de alguma determinada parte do-corpo. v. g. *De oculo*, eſcreveo bem *Ruyſchius*, *in Obſervationibus*: tambem *Honius*, e *Nuckius*. *De aure*, os dois melhores ſam, *Bartolomeu Euſtachio*, e *Jozè du Verney*. *De lingua*, *Malpighi*, e *Bellini* &c.

Tenho apontado a V. P. os melhores em cada parte: agora direi os melhores em tudo. nam, que eſcreveſem tudo bem; mas que entre os que eſcrevèram tudo, e fizeram curſo, ſam os melhores. Um deles é *Veſalio*: que eſcreveo no-meio do-ſeculo 16. tinha ſeus erros: mas eſtes emendáram *Boerhaave*, e *Albini*: e a ediſam que nos-deram eſtes dois Medicos, em 1725. é famoza: nela ſe-emenda o texto, e ſe-acham famoziſimas figuras. Alem deſte; temos dois bons autores ſem figuras. um é *Joam Riolano* fol. Par. 1650. outro, *Realdo Columbo* fol. e tambem ſe-fez outra ediſam em 8. Dos-que publicáram as figuras ſem o texto, só dois ſam eſtimados polos inteligentes. um é *Euſtachio*, com as notas de Monſenhor *Lanciſi*: outro é o *Albini*, *Tabulæ Anatomicæ* folha grande. Mas como qualquer deſtas taboas, nam tem ſuficientes explicaſoens; quem as-quizer intender, deve recorrer, ao curſo Anatomico de M. *Winslou*, em Francez, ou Italiano, 4. volumes em 16. O *Ruyſchio* no-*Theſaurus Anatomicus* 4. v. 4. é bom para buſcar nele, algumas coizas particulares. o meſmo digo do-*Morgagni*, *Adverſaria Anatomica*. Dos-Compendios, os melhores ſam *Heiſtero* 8. *Bacchetoni* 4. e ſobre tudo, *Winslou*: eſte acha-ſe em Francez, ou Italiano: os outros dois em Latim.

INSTITUISOENS.

Daqui pasando aos que escrevèram, cada parte das-Instituisoens Medicas, apontarei em breve os melhores, segundo a mesma ordem que apontei, nas ditas instituisoens. Poucos escrevèram do-uzo, das partes do-corpo umano, que nam pecasem contra a Anatomia, ou Mecanica, ou Fizica: contudo os melhores, e dos-quais, tirando algum erro, se-pode tirar muito, sam estes. *Borellus*, *de Motu Animalium*. *Bernoulli*, *de Motu Musculorum*. *Bellini*, *de Urinis*, *Pulsibus*. *Emissione sanguinis*. 4. 1684. *& in Epistola de Motu Respirationis* año 1670. *& de Motu Cordis* &c. *Pitcarnius*, *Dissertationes Medicæ* 4. 1701. *Keill*: mas este pede muita Matematica, para se-pode intender. Os que sam menos ipoteticos sam os seguintes: *Matthæus Georgius*, *Elementa Scientiæ Naturalis*. Lucæ. 4. 1707. *Della Ragione Vera, e Temerità nella Medicina*. Genova 8. 1709. = *Phlebotomia* 4. *Genevæ* 1697. *Ascanius Maria Bazzekallibe*, *Novum Systema de Tumoribus*. *Perrault*, *Essais de Physique* 4. 1721. Este omem é insigne Filozofo: e o mesmo digo do-*Lamy*, *Dissertations Anatomiques* 1685. Tambem escreveo bem *Guilelmus Kook*, *de Secretione animalium* 12. 1674. Os que escrevèram melhor dos-*Sentidos* sam estes. De *visu*, *Nevvton*. De *aure*, *Nevvton*, *Lamy*, *Perrault*, *Verney*, *Valsalva*. De *gustu*, *Fracassatus*, *Malpighi*, *Bellini*. De *olfatu*, *le Clerc*, *in Osteologia*: *Scheinederus*, *de Catharris*. De *tactu*, *Malpighius*. Os que tratáram bem do-uzo das-partes da-geracam, *Derelincouro*, *Conceptus de Conceptu*. 12. *Leal Lealis*, *de Seminis ortu*: *Cuvvperus*, *Ruyschius*, *Leeuvvenoekius*, *Aquapendente*, *Malpighius*, *Harveius*.

PATOLOGIA.

Nesta materia da-*Patologia*, deve-se fazer muito cazo, da-escola Ipocratica. O primeiro é *Ipocrates*. despois *Cornelio Celso*, e *Galeno*. Dos-modernos antes de *Harveo*, algùns escrevèram bem dos-sinais das-doensas: mas quando querem dar razam delas, erram, porque sam ipoteticos: o que tambem sucedeo a *Galeno* &c. Entre estes os melhores sam *Joam Bernelio*. fol. 1697. e o douto *Senerto*, que escreveo 6. volumes in fol. 1667. o qual só basta para dar noticia, de tudo o que nesta materia escrèveram, os antigos Gregos, Romanos, Barbaros. Quanto aos que se-seguem despois de *Harveo*, pouco servem; porque pola maior parte sam ipoteticos.

SEMEIOTICA.

Nesta parte da-Medicina, é insigne Ipocrates, em todas as suas obras. O melhor Comentador dele é *Ludovicus Duretus in Coacas Hipocratis* fol. 1658. Este reduz todas as coizas de Ipocrates, a seus lugares determinados. *Galeno* nam é mao, mas tem seus defeitos. *Celio Aureliano* para a *Diagnosi*, e *Prognosi*, é muito bom. Mas tudo o melhor que diseram *Ipocrates*, *Galeno*, e os *Arabes*, expoem *Prosper Albinus*, de *Præsagienda vita & morte Ægrotorum*. 4. 1710. Para saber o verdadeiro modo de raciocinar na Medicina, veja-se *Bellini*, de *Pulsibus*.

UGI-

UGIEINE.

Esta parte da-Medicina ensina o modo, de conservar a saude prezente. Neste particular os melhores sam, *Melchior Sebisius*, *de Alimentorum Facultate* 8. 1651. e melhor que este, *Santorius*, *de Medicina Statica*: e tambem *Verulamius*, *de Prolunganda vita*. Tudo o que os Antigos souberam, e fizeram nesta materia, traz *Mercurialis*, *de Arte Gymnastica Veterum* 4. 1577.

TERAPEUTICA.

Para os instrumenros da-Medicina, que é o mesmo que dizer, remedios, veja-se *Fallopio*, e *Samuel Daal*, *Pharmacologia*, *Londres* 8. mas melhor que todos *Marcgravius*, *de Materia Medica Contracta*. Para o metodo de curar, os que escrevèram antes da-circulasam do-sangue, nada valem. Despois dela, acham-se tres autores, que sam bons: *Bernaldus Luvalve*, *Disquisitio Terapeutica Generalis* 12. Amst. 1657. *Fridericus le Boe Sylvius*, *Methodus Medendi*: as outras obras deste autor nada valem. *Waeus*, *Methodus Medendi* 12. 1619. Nisto se-compreende, o que á de melhor nas Instituisoens.

PRATICA.

Para a praxe Medica, ou conhecer nos-infermos, os singulares males, e despois curálos, acham-se muitos autores; mas poucos deles bons. falo primeiro dos-Medicos, despois dos-Cirurgioens. Dividem-se comumente os autores Medicos, em trez classes: uns sam *Sistematicos*, que fazem corpo de doutrina, outros *Tratadistas*, que fizeram tratados sobre estas materias. os 3. *Observadores*, que escrevem observasoens ou suas, ou alheias. Dos-sistematicos, o melhor é *Ipocrates*, nos-seus *Aforismos*. De todos os seus comentadores modernos o melhor, é *Hollerio*, e *Francisco Valesio*. Estes dois omens tiveram a felicidade de o-comentarem sem recorrer à ipotezes. *Areteo* de Capadocia deu melhor ordem, aos tratados de *Ipocrates*; e o-comentou muito bem: era na verdade um omem doutisimo. *Aetio Amideno* compendiou *Ipocrates*, e *Galeno*. Estes acham-se oje traduzidos em Latim. *Cornelio Celso* Romano tambem compendiou *Areteo*, e *Ipocrates*: e é muito necesario, para intender este ultimo. Mas tudo o que dise de bom a escola Grega, acha-se em *Oribasio*. Tirando estes, tudo o mais Latino, Grego, e Barbaro, para nada presta, porque tudo é Galenico. Somente no-seculo 16. *Capivacci* é menos mao; porque se-contenta, de apontar as coizas, sem querer filozofar. No-seculo 16. resucitou a Medicina Ipocratica em Fransa: e alguns Francezes comentáram bem Ipocrates, como ja dise. *Hollerio* fez a sua Pratica in 4. que nam é má. Alguns modernos escrevèram da-Medicina dos-Egicios, Indios, Chinezes: e corrèram aquelas regioens, para as-examinarem. Estes podem servir muito, para mostrar, como se curou muita gente, sem se-valer das-nosas ipotezes.

Os melhores Tratadistas antigos sam, *Ipocrates*, *Areteo*, *Galeno*, e *Celio Aureliano*, que compendiou todos os *Gregos*, e *Latinos*, e nos-sinais é otimo. Dos-modernos, o *Ballonio* escreveo bem, de *Morbis Virginum & Mulierum Epidemicis*. 4. v. 4. tambem *Ludovicus Mercatus*, *de Morbis Virginum*.

Mori-

Morisæus, *de Morbis Gravidar. Parturient. Puerperar.* todos eſtes ſam otimos. *Morton*, *Harris*, *Liſterus*, ſam trez Inglezes modernos famoziſimos: achamſe juntos em um tomo in 4. *Sydenham*, *de Febribus* é otimo, e fideliſimo nas obſervaſoens: nas materias que eſcreve, ele só baſta. Da *Tizica*, eſcreve bem *Chriſtophorus Benet* Londinenſis 8. 1654. *De Morbis Catharroſis*, *Scheinederus*. *Bellini*, *de Morbis Capitis*, *Pectoris*, *Febribus* é famozo: mas pola maior parte nam dá remedios, aponta ſomente os ſinais. *Da Lue Venerea* eſcrevèram muitos: mas poucos bem. os melhores ſam eſtes: *Aloyſius Luiſinus* fol. 2. t. 1566. compreende tudo o que diſeram outros, antes dele. Porem os melhores e mais eſtimados ſam, M. *Didier*, e M. *Aſtruch.* 2. tom. 4. que eſgotam a materia.

Obſervadores, que eſcrevem a iſtoria das-obſervaſoens, á tantos, que ſe-podem aquentar fornos. Mas de todos eſtes devemos fazer pouco cazo: porque pola maior parte eſcrevem a iſtoria da-doenſa, para concluirem, que ſe-deve a melhora, ao ſeu remedio. O que nada ſerve aos outros: ſabendo nós neſte particular, quantas mentiras ſe-dizem. Aſimque só devemos fazer cazo de autores, que refiram fielmente, toda a iſtoria da-doenſa, e como acabou; ou lhe-deſem remedios, ou nam: e deſtes, como dizia, ſam poucos os que ſejam ſofriveis. Os melhores neſta materia ſam *Carolus Piſo*, *de Morbis a Colluvie Seroſa Oriundis.* 8. vel 4. eſcreveo antes de *Harveo*: mas eſcreve bem, e contrareia os Galenicos. *Theophilus Bonetus*, *Sepulcretum Anatomicum.* fol. 3. t. 1700. Eſte omem compreende tudo o que ſe-obſervára, nos-cadaveres abertos, e é famozo. *Nicolaus Peklinus*, *Obſervationes Medicæ Anatomicæ* 4. *Tulpio*, *Obſervationes* 8. Alguns acrecentam a eſtes, *Petrus Foreſtus*, *Joannes Schenkius*, *Felix Platerus*: mas o certo é, que tem baſtantes coizas más: porem o primeiro pode paſar, porque dá noticia do-que diſeram Gregos, Romanos, Arabes, ſobre os tais males. Pode-ſe a juntar a *Academia Leopoldina*, ou do-Imperador Leopoldo: e o *Zodiaco-Medico-Gallus* de *Nicolao de Blegni*, em que ſe-dá noticia, de muitas obſervaſoens: mas neſtes á bom, e mao. Intendido iſto, deve-ſe fugir, de todos os outros obſervadores: pois, como adverte bem *Sydenham*, perderemos o tempo, e embrulharemos o juizo.

DIETA.

Da-Dieta entre os antigos eſcreveo bem *Ipocrates*, nos-ſeus tratados *de Vitu*: que comentou famozamente *Pedro Gerardet* em 8. *Galeno* tambem eſcreveo ſobre eſta materia: e eſta é a ſua melhor obra. Alem deſtes, *Arnoldus de Villa Nova* é famozo.

CIRURGIA.

Paſaremos daqui para a Cirurgia, na qual tambem á *Siſtematicos*, e *Tratadiſtas*. Dos-Siſtematicos, devem-ſe preferir os que eſcreveram o que viram, deſpois de muito exercicio, aos que copiáram dos-outros. Dos-antigos os melhores, ſam, *Ipocrates* na 6. ſeſam das-ſuas obras, da-ediſam de *Phoeſio*. Devemos ajuntar-lhe *Galeno*, nos-Comentarios da-Medicina Ipocratica. Mas

mais

mais claro que nenhum deſtes, é *Cornelio Celſo*: que tem beliſimas reflexoens, principalmente no-tratado *de Calculo*, e *de Fiſtula lacrymáli*. Niſto acaba, o melhor da-Antiguidade: daî para baixo tudo, é ignorancia. Dos-modernos o *Fallopio*, e *Joam Andre da-Cruz*. Eſtes ſam bons: mas melhores ainda ſam, *Aquapendente*, e *Marco Aurelio Severino*, que compoz de *Trimembri Chirurgia* 4. 1653. e de *Chirurgia Efficacia*. fol. deſtes dois tratados diz um grande Medico, que ſam neceſarios, nam só ao Cirurgiam, mas ao Medico Pratico. O terceiro é *Vidus Vidius*, de *Chirurg*. fol. eſte só compreende tudo, o que tem os outros. pode-ſe ajuntar *Hornius*, *Siſtema Chirurgicum* 4. 1708.

Tratados particulares eſcrevèram alguns mui bem. *Jacob Berengario Carpo*, *de Fractura Cranii*. *Aurelio Severino*, *de Abſceſſuum natura*. 4. *Fabricius Hildanus* eſcreveo *de Gangrena*, & *Sphacelo*; *de Combuſtione per ignem* &c. *de Meliceria* &c. *Dos-Tumores*, eſcreveo beliſimamente *Schelbamer*, *Onchologia Parva*. *Dos-Olhos*, eſcreveo bem M. *Maitre Jean* Pariz 1707. *Do-Ouvido*, M. du *Verney*. Das-infermidades *dos-Oſos*, M. *Petit*. Cada autor deſtes no-ſeu genero é inſigne: mas eſcrevem em Francez. onde quem os-nam-intende, é neceſario que ſe-firva, de outros Latinos apontados.

Quanto aos obſervadores em Cirurgia, parece que nam ſam de tanta neceſidade: mas ſe algum os quizer ler, deve ſaber, que os dois melhores ſam: *Ruyſchio*, *Obſervaſoens Anatomicas* 4. e *Hildano* ja citado. os outros valem pouco.

Acham-ſe tambem Cirurgioens, que eſcrevèram do-modo, de fazer as operaſoens: e eſtes ſam mui neceſarios ao Cirurgiam, que quer fazer a ſua obrigaſam. Com razam ſe-diſe, que o *Palfyn* é um dos-melhores, pois compreende o metodo de excelentes omens. 8. 2. v. mas eſcreve em Olandez, aindaque ja oje ſe-acha em Francez. Igual a eſte é M. *Dinis*, *Operations de Cirurgie*. 8. 1716. tambem Francez. Em falta deſte, *Cornelius Van Solingen*, *Operationes Chirurgicæ* 1714. e *Antonius Nuckius de eodem*. Para tirar a pedra da-bexiga, é inſigne M. *Tollet* Parienſe: enſina um novo metodo de a-tirar.

Tenho expoſto a V. P. os maiores omens neſtas faculdades. ainda me-ficam alguns autores que ſam bons, e outros que nam ſam maos: e pode ſer que cada dia vam faindo, outros melhores, de que eu nam tenho noticia, nem as peſoas com quem falei, neſta materia. Mas a verdade é, que eu nam eſcrevo iſtoria completa: porem aponto o metodo: e tenho liberdade de ſervir-me, dos-que parecerem melhores. Devo porem advertir, que advertidamente deixei muitos autores, ainda dos-que parecem bons: e nada fiz, ſem motivo particular. Quanto aos Compiladores, ſuperfluamente repeteria todos, tendo apontado as fontes, onde tem bebido. Deixei porem alguns na ſerie que aponto, paraque o eſtudante, que nam poder alcanſar um que aponto, poſa procurar outro igualmente bom. Aponto muitos modernos de ediſoens pequenas, que cuſtam pouco. Onde a noticia ſervirá, para grandes, e pequenos. Quem tiver juizo, pode, com poucos livros, ter grandes tezoiros: que iſto é o que

co-

comumente nam se-intende nestes paizes. Quem tiver mais dinheiro, pode comprar uma boa porsam, que seja mui util, e decoroza, como as Academias &c.

Mas para dizer a V. P. sinceramente o meu parecer, no-estado prezente, e para abreviar a estrada, somente aconselharia ao estudante, comprar ao principio dois livros, *Boerhaave*, e *Hoffman*, ambos modernos. O *Boerhaave* escreve as *Instituisoens Medicas* em um tomo em 8. ou 4. os quais comentou seu dicipulo Haler, em 4. tomos até agora: mas nam explica senam a Fisiologia. Espera-se que complete a explicasam da-Fisiologia, e outro tomo, que explique as outras quatro partes, sem comento algum do-*Haler*, mas somente com as explicasoens postumas, de *Boerhaave*. Imprimîram-se em Amsterdam, Leiden, Torino: e neste ultimo lugar tem tambem o texto. Para a pratica escreveo um tratado, *de Cognoscendis, & Curandis morbis*, que vale um mundo inteiro. Mas como é escrito aforisticamente, outro seu dicipulo publicou, as explicasoens do-*Boerhaave*, e as-ampliou; que é *Van-Swieten*: sam 3. tomos em 4. ja sairam dois, cuido que em Leiden &c. e se reimprime em Napoles. Alem disto, fez um pequeno tratado, *de Viribus Medicamentorum*, em que aponta, o que á mais provavel, na Farmacia. Compoz tambem, as *Instituisoens Chimicas*. Desorteque ele só basta, para o que apontamos. Tambem compoz um livro de Botanica intitulado, *Orto Botanico Leidense*. Escreveo belisimas *Consultas Medicas*; das-quais apareceo ja um tomo, e espera-se outro. Fez alem diso varios tratadinhos, mas famozos, *de Morbo Gallico*, e *de Materia Medica*: que sam otimos. O Metodo de estudar a Medicina, nam é obra sua, mas dos-dicipulos, que nele publicáram as noticias, que lhe-dera seu mestre. Intendia bem a lingua Grega, e Latina: sabia bem Matematica: era um perfeito Anatomico: por-cuja razam escreve com acerto, em todas as coizas. Tenho-me servido mui bem deste autor: e devo em agradecimento, fazer-lhe esta justisa. O seu metodo está oje geralmente recebido; porque é um Medico perfeito, e nada ipotetico. *Hoffman* tambem é um grande autor, e tem quazi todos os requizitos, de-outro. Tambem compoz as *Instituisoens Medicas*, e um Curso inteiro de Medicina, em que segue as opinioens mais fundadas: aindaque em muitas partes, incline bastantemente, para à ipoteze. Sam trez tomos in fol. de Germania: e a de Veneza em 7. ou 8. Estes autores devem-se estudar bem, principalmente o *Boerhaave*: e só asim se-pode aprender Medicina. Mas advirto logo, que sem ter estudado, a Filozofia que digo, nam se-intendem. Para a Anatomia ao principio, bastará o *Heistero*, ou o *Kulmo*, que tem taboas sofriveis. Em falta destes o *Bacchetoni* em 4. Despois, é necesario comprar o *Vessalio*, de *Boerhaave*. Todos estes sam Latinos.

Qnanto à Cirurgia, despois de ter estudado a Anatomia, deve procurar umas boas *Instituisoens*, das-que apontei mais modernas. v. g. *Heistero* in 4. 2. tom. Com o tempo é necesario comprar, um Curso difuzo; e saber quais sam os outros, para os-consultar. Especialmente deve procurar, a colesam que agora

agora se-faz em Pariz, de tudo o que á melhor, na Cirurgia: que será obra perfeita. Os mestres sam os que necesitam, de mais livros. Deve tambem comprar, um dos-que ensinam, a fazer as operasoens, para se-aproveitar dos-tais ditames: aindaque a vista nestes particulares ensina mais, que a lisam.

Esquecia-me dizer, que o estudante deve ter, alguma noticia da-*Botanica*, nam só polos livros, mas ter algum Catedratico, que lha-ensine: sendo certo que neste particular vale mais, meia ora de vista, que dez de ditames. Mas disto falarei em outra ocaziam, quando me-ocorrer falar dos Catedraticos. Conclúo pedindo-lhe perdam, desta longa matraca: mas a materia nam se-podia tratar, em menos: e V. P. obrigando-me a dizer tudo o que intendo, ja deve estar preparado, para estas longuisimas cartas. Deus guarde V. P. &c.

CARTA DECIMA TERCEIRA.

SUMARIO.

ORigem da-Juriſprudencia Romana. Mao metodo de tratála em Portugal, e peſimas conſequencias, que dali rezultam. Deſmedida prezunſam que os Portuguezes tem, de Juriſtas; e deſprezo das-outras Naſoens, ſem fundamento. Nam baſta o corpo do Direito, ao Juriſconſulto: requer-ſe Politica, e muitas outras coizas, para ſatisfazer aos empregos. Moſtra-ſe com razam, e exemplos, que eſtes eſtudos ſam compativeis, com as Leis. Dà-ſe uma ideia do-Direito Civil, até os prezentes tempos. Neceſidade da-Iſtoria, para o Direito: metodo de a-eſtudar. Metodo de eſtudar o Direito. Tocam-ſe os defeitos intrinſecos, e extrinſecos da-Juriſprudencia. Aponta-ſe o melhor modo, de ter uma pratica util, tanto para o Advogado, como para o Juiz.

TEm V. P. muita razam, de ſe-queixar de mim; porque verdadeiramente eu padeci, algum deſcuido: mas terá menos quando ſouber, que eu tambem tive razoens, para o-nam-fazer. Nam é preguiſa, tudo o que o-pareceo. onde ao menos deve rebaixar-me, metade da-culpa, e da-pena. Eu porem eſtimo tanto eſta ſua queixa, como quem conhece nela, que nace de um verdadeiro amor, e particulár eſtimaſam que faz, da-minha pouca literatura: a qual ſeria ainda muito menor, ſe nam achá-se um omem como V. P. para a-reſucitar, e exercitar. Eſe pouco que eu ſei, V. P. o-conhece, e intende: mas o ſeu amor, e a ſua eloquencia o engrandece deſorte, que nas ſuas cartas, ou me-nam-conheſo, ou me-conſidero maior, doque nam intendia. Mas ſe a minha vaidade, por-quanto grande poſa ſer, nam chega a conceber, tam grande ideia de mim; o conceito que tenho da-ſua grande capacidade, me-obriga a crer, que nam ſou tam pouco, como julgava. Onde fico obrigado a V. P. por-dois diſtintos principios: um, porque me enſina o que ſou, e o que poſo: outro, porque mo-expoem com tam particular afeto, que, ainda quando ſe-enganáſe de todo, me-obrigára eternamente.

Neſtas duas ultimas cartas repete V. P. que lhe-agradára muito, a deduſam natural, com que da-Filozofia tirei, eſtas duas faculdades, que muitos intendem tam ſeparadas: e me-diz, que com goſto eſpera ler, o que eu intendo, da-Juriſprudencia. Onde para ſatisfazer o dezejo de V. P. e a minha promeſa, farei algumas reflexoens ſobre a Lei, e modo de a-eſtudar. Mas certamente ſe nam eſcrevèſe a V. P. que me-tem prometido; nam divulgar as minhas cartas, ou ao menos, ſupremir-lhe o meu nome; nam me-rezolvè-

zolvèra a fazèlo. Que ſerîa de mim, ſe eles ſeus Coimbrenſes ouviſem dizer, que um Religiozo Capuchinho, punha a boca nas Leis? que alaridos! que rizadas! que divertimentos! parece-me que os-eſtou ouvindo. A Univerſidade de Coimbra, dar leis em Leis? a uma Academia tam celebre, *Qua non in toto clarior orbe micat*, vir dar os dias ſantos? uma Academia na qual, ſe faltaſem no-mundo os Digeſtos &c. ſe-achariam na cabeſa de qualquer famulo: e em que ſe-pode enſinar aos Romanos, a compor Bulas, Breves, e Reſcritos: finalmente em que as meſmas paredes produzem textos, com mais fecundidade, e brevidade, que a era? Verdadeiramente eſte Padre endoideceo, e nam merece atenſam. Iſto, e muito pior, diriam eles. Mas eu, meu P. do-coraſam, aſim como nam tenho medo, me-digam iſo, porque confio no-ſeu ſegredo: devo declarar a V. P. com toda a ſinceridade, que nem menos o-temeria, ſe mo-diſeſem na-cara: porque quando dei as coſtas ao ſeculo, logo aſentei em duas coizas: uma, nam fazer cazo, dos-rumores do-mundo: outra, ſofrer com paciencia, as fraquezas do-noſo proximo. Cadaum diga o que quizer: eu devo dizer a V. P. o que intendo.

A Juriſprudencia, como ja diſe na minha ultima carta, é uma conſequencia da-Filozofia. Compreende a Filozofia duas partes: uma, que regûla o juizo, para conhecer as coizas bem; e eſpecialmente para conhecer, o que é a natureza corporea, e eſpiritual; a que chamam Logica, e Fizica: outra, que nam só regûla o juizo, e vontade, mas as aſoens da-vida, para conſeguirmos a felicidade neſte mundo; a que chamam Etica. Eſta ou conſidera, como diſe, o ſumo bem, e modo de o-conſeguir: e eſta é a rigoroza *Etica*: ou expoem os diverſos oficios, e obrigaſoens do-Omem, que deve fazer, para ſe-conformar com a reta razam, a que chamam *Juriſprudencia Natural, ou Univerſal.* ou conſidera as aſoens dos-omens, em quanto ſam utis à comunidade Civil, a que chamam *Politica.* Todas eſtas leis reconhecem, como ja diſemos, a meſma origem: porque lei Narural, lei Divina, lei das Gentes ſam a meſma lei, com diverſos reſpeitos. Da-Juriſprudencia Natural, nacèram todas as leis civis, e principalmente as leis Romanas, da que nós oje uzamos. De que fica claro, que quem nam ſabe os principios, da-Juriſprudencia Natural, nam pode intender bem a Romana, que é a meſma Lei Civil. Eſte é aquele ponto mui dificultozo, que nam intendem os que eſtudam, neſa Univerſidade, e nem menos os que enſinam: porque ſe o-intendeſem, deveriam regular diferentemente os eſtudos. Em parte eſtá V. P. onde pode com a viſta confirmar, quanto lhe-digo.

Emprega um eſtudante um ano na Logica, que conſiſte em Univerſais, e Sinais. Se eſtuda em Lisboa em algum convento, coſtumam alem diſo explicar-lhe, uma pouca de forma ſilogiſtica, mui má fazenda. Faz o ſeu exame niſto: Se a Logica tem por-objeto os conhecimentos, ou as coizas de que trata: Se á criatura indeputavel: Se o ſilogiſmo em *Cameſtres* ſe-pode reduzir, para *Celarent*: e Se os trez modos *Febas*, *Hedas*, & *Hecas*, podem dar de

ſr, alguma coiza boa. Com iſto vai para a Univerſidade, e lhe-dam as inſtituiſoens de Juſtiniano: que ele eſtuda polo *Manzio*, outro ſemelhante. Acabado eſte primeiro ano de *inſtituta*, como eles lhe-chamam, no-qual talvez nam acabou de paſar, o primeiro livro; dam-lhe uma ou duas poſtilas dasgavadinhas, ſobre algum tratado particular de Leis: e nelas ſe-empregam, até fazerem concluzoens, em uma materia: o que ſucede no-quinto ano: ſe acazo nam teve, algum ano de Teologia &c. No-ſeguinte, faz o ſeu Bacharel, com um ponto que lhe-ſaio por-ſorte: cuja liſam o Bacharel nem faz, nem intende: mas um Doutor a-faz, e explica mui bem: e até lhe-aponta os argumentos, que lhe-devem por. Segue-ſe o ato. no-qual ſe o eſtudante é conſiado, e repetio bem de memoria a liſam; ou reſponda, ou nam aos argnimentos, ſaie aprovado, e com boas informaſoens: e, ſe o prezidente tem empenho, é infalivel o bom ſuceſo. Faz Licenciado no-ſeguinte ano; que é outro ato ſemelhante, metade em Portuguez: e tomando o grao, fica capaz de ſeguir a Curia, ou Univerſidade. Acompanhemos eſte omem, nos-ſeus progreſos. Se fica na Univerſidade, e quer fazer atos grandes, como apontei, só entam comeſa a eſtudar, alguma coiza: ou, para melhor dizer, só eſtuda deſpois que é Doutor, e quer opor-ſe às Cadeiras. Nam digo que eſtuda com metodo: mas mete na cabeſa muito texto, e ſuas reſpoſtas &c. que é o que lhe-baſta. Mas, deixando eſte na Univerſidade, e ſeguindo as paſadas do-outro, que ſegue o Foro: vem para a ſua terra, ſem outra alguma noticia, e comeſa a advogar. Outros, provando por-ceremonia, dois anos de pratica, vam ler no-Paſo: cujo ato conſiſte, em uma liſam de ponto, com ſeus argumentos. Do-qual ato ainda nam ouvi, que ninguem ſaiſe reprovado; polo menos em mil eſtudantes, nam ſe-reprova um só: nam obſtanteque eu conhesèſe muitos, que tinham pouco talento para o-fazerem: porque é um ato por-ceremonia. E temos o omem, Opozitor aos Lugares, Juiz, Corregedor &c. Eſte é o metodo deſte Reino: conſiderando o qual, conhecerá bem V. P. que nam é metodo proprio, de enſinar Leis.

Primeiramente aquele ano de Logica, que lhe-levam em conta, tem tanto que fazer com a Lei, como o Alcoram, com o Evangelho. Que utilidade ſe-tira de Univerſais, e Sinais, parã a Lei: ou ainda daquela tal fórma Silogiſtica, de que ſaiem enlabuzados eſtes rapazes? eu nam vejo alguma. O modo com que os-enſinam nas eſcolas, é a melhor ideia que ſe-tem inventado, para nam ſaber formar, um ſilogiſmo perfeito. Mas indaque o eſtudante ſoubèſe perfeitamente, todas as arengas da-Filozofia Peripatetica; defendo eu conſtantemente, que para nada lhe-ſervem, na-Lei. O Juriſta tem pouca neceſidade de ſilogiſmos: o de que tem neceſidade é, de um juizo claro, acoſtumado a formar verdadeira ideia das-coizas, e diſcorrer ſem ingano. O que certamente nam enſina, a fórma Silogiſtica: mas muito menos o-enſinam, os Univerſais, e Sinais, com que ſe-ocupa, o primeiro ano de Logica. Alem diſo eſta tal Logica, é pozitivamente prejudicial, aos Juriſtas: porque acoſtuman-

tumando ela o intendimento, a mil futilezas metafizicas, ſem fundamento algum; obriga o Logico, que ſe-guia por-ela, a fazer o meſmo na-Lei. De que rezulta, como muitas vezes vi, que eſtes chamados Filozofos, ſam os piores Juriſconſultos do-mundo: nam permetindo a Lei, ſemelhante modo de diſcorrer: nem tendo lugar nela, o *formaliter*, *materialiter*, *eſſentialiter*, *in priori & poſteriori ſigno*, e outras curiozidades deſtas, de que eſtá cheia, a Logica das-eſcolas. Deſorteque quem ſabe iſto bem, dificultozamente pode ſaber bem Lei: e aſim ſerîa melhor, nam ter perdido aquele ano, com a Logica.

Paſemos às Inſtituiſoens: cujo metodo infinitamente me-dezagrada. E coiza digna de rizo, que reduzindo Juſtiniano o corpo do-Direito, a poucas palavras, nas ſuas Inſtituiſoens; paraque os eſtudantes pudeſem formar em breve, a ideia de todo o Direito; a qual com o tempo foſem ampliando: queiram os meſtres, que os eſtudantes comèſem polo *Manzio*, *Oinotom*, *Vinoi*, e outros autores diſuziſimos: os quais nam dizem palavra, que nam confirmem com dez textos: e com tanta erudiſam, confundem o juizo, e impedem a percesám. De que nace, que os eſtudantes tanto intendem as Inſtituiſoens, como a lingua da-China: e paſam aquele primeiro ano, lendo muito, e intendendo pouco: e comumente nam acabam, o primeiro livro. Daqui paſam a eſtudar uma poſtila, de algum tratado particular. Mas diga-me V. P. como á-de intender bem, uma poſtila *de Dote*, *de Subſtitutionibus*, *de Jure accreſcendi*, &c. um que nam ſabe, que parenteſco ela tem, com o Direito, ou porque ſe-trata, no-corpo dele? Iſto é o meſmo que um alfaiate, o qual, em lugar de enſinar, a talhar um veſtido, ſomente ſe-ocupáſe, em cortar mangas. Quem ſabe ſomente quatro poſtilas, aindaque as-tenha prezentes na memoria, eu o-nam diſtingo de um papagaio, que repete aquilo, que ouvio muitas vezes. Iſto nam é ſer Juriſta, nem para la vai. As Concluzoens, o Bacharel, a Formatura, nam ſam coizas, que poſam dar melhor conceito, de um omem: Porque as Concluzoens, fazem-ſe em uma materia, que eſtudou em cinco anos: as outras duas coizas, ſam efeitos da-felicidade de memoria. Creio que nam direi uma parvoice, ſe eſtender eſte meſmo juizo, até às concluzoens Magnas, e exame Privado. Onde venho a concluir, que um omem, que aſim emprega o ſeu tempo, por-forſa nam á-de ſaber Direito, aindaque nam ſe-doutóre, ſenam deſpois de 9. anos completos.

Deſte principio nace, que encontrará V. P. muitos omens, que comumente ſam tidos, por-grandes Juriſconſultos; os quais, tirados do-puro texto, que tem eſtudado, ſam tam rudes, que parecem chegados novamente do-Paraguai, ou Cabo de boa Eſperanſa. Falando em certa ocaziam, com um deſtes de grande fama, e guiado deſta comua preocupaſam, intrei em uma materia erudita, propria daquela faculdade: em que cazualmente ſe-falou, no Imperador Alexandre Severo, e ſuas aſoens, e proteſam que concedeo, aos Juriſconſultos &c. E fiquei mui paſmado, quando vi, que o omem nam me-

inten-

intendia: e ainda me-admirei mais, quando me-diſe, que, ocupado com as ſuas Leis, nam tivera tempo de ſe-aplicar, à Iſtoria. Cuido, que ſe V. P. fizer algumas vezes eſta experiencia, achará muitos deſte parecer. Nam é poſivel, que iſto ſuceda a um omem, que tenha eſtudado com metodo: porque eſte omem naturalmente ve, a conexam que tem a ſua materia, com outras de que de pende. Quando V. P. ouvir dizer a um Juriſta, que nam ſabe a iſtoria Civil, principalmente a Romana; e a um Teologo, que ignora a iſtoria da-Igreja: ſem mais outro exame aſente, que nem Leis, nem Teologia ſabe: porque a Iſtoria é uma parte principal, deſtas duas faculdades: ſem a qual nam é poſivel, que um omem as-intenda.

Mas deixemos por-agora o Juriſconſulto Catedratico, e paſemos ao Forenſe, ou Advogado, ou Juiz. Intende V. P., que os ſete, ou oito anos, que paſou na Univerſidade, lhe-ſervem alguma coiza, para os empregos ditos? eu quanto a mim, digo que nam: e fundo-me na experiencia que tenho, deſte Reino. Primeiramente eu ſuponho, que o eſtudante de que falo, aſiſtio ſempre na Univerſidade, e ſe-aplicou às Leis: que ſe ouver de falar, dos-que fazem matriculas, ou dos-que na Univerſidade nam eſtudam, que ſam os mais; entam recebe nova forſa, o meu argumento. Conheci infinitos moſos matriculas, que paſáram todo o ſeu tempo em Lisboa, ſem abrirem livro: e quando lhe-chegou o tempo, fizeram os ſeus atos com luſtre: tiveram mui boas informaſoens na Univerſidade: e oje ſe-acham em lugares grandes, com muito boa aceitaſam: e dezempenham as ſuas obrigaſoens tam bem, como os outros. Muitos deſtes ſam oje Advogados de muito bom nome, ſem terem eſtudado Leis, nem quazi mais aberto livro: o que ſei da-ſua propria boca. Daqui faſo argumento. para os outros, que la eſtudam: porque ſe eſtes empregos ſe-executam bem, ſem aquele eſtudo; com razam digo eu, que aquele eſtudo, no-eſtado em que as coizas oje eſtam, de nada lhe-ſerve.

Proguntará V. P. como é poſivel, que faſam bem as ſuas obrigaſoens, omens que nam eſtudáram? Mas eu reſpondo, que V. P. deve admetir o fato, como verdadeiro; perſuadindo-ſe, que eu nam ſou capaz, de afirmar, uma falſidade; porque ſe nam nomeio as peſoas, por-devidos reſpeitos; conheſo porem tantos deſtes, que podia encher boa meia folha de papel: teſtemunhas nam mortas, mas todas vivas. Nem é dificultozo neſa Cidade, reconhecer a verdade do-que lhe-digo: tendo V. P. aî, tantos amigos. O que ſupoſto, intendo que ſomente me-progunta, qual é a razam deſte fenomeno: a qual porem facilmente ſe-alcanſa. Eſtes moſos tinham bom talento: e a experiencia e uzo dos-negocios, os-poz em eſtado, de arrezoarem. Petiſoens, e outras coizas deſtas, ſabe fazer quem quer: e niſto ſe-ocupa, uma boa parte da-avocacia deſte Reino. Mais da-metade das-demandas, ſe-decidem com as razoens *de facto*, ſem entrar no-*Direito*: e eſtas qualquer omem de juizo, que tenha alguma experiencia, é capaz de as-buſcar, e dilatar. Quando é neceſario intrar, em algum ponto de direito. para iſo ſervem os Conſulentes,

ou

ou o Cardial Toſco, ou o Index das-Decizoens de Rota, junto com o Corpo delas &c., de que ſe-copeia fielmente a razam; e muitas vezes as razoens da-parte contraria, dam luz para reſponder, e buſcar muitas coizas. Verdade é, que às vezes os arrezoados, ſam com o Deus ſabe: mas ſe uma vez erram, outra acertam: e à cuſta dos-clientes, vam aprendendo eles. Eu conheci um Alemtejenſe, que, ſem ter lido mais que a Ordenaſam, tendo algumas demandas em Lisboa, ele era o que arrezoava: e ſomente tinha um Advogado, que ſhe-afinava. E com efeito eſcrevia e dizia tambem, como naõ fariam muitos letrados moſos. Acham-ſe Eſcrivaens velhos, que podem enſinar os Juizes de Fóra, a ſentenciar. E com efeito muitos Juizes, ſe-ſervem dos-ſeus conſelhos: e os que o-nam-fazem, erram muito: porque neſtes particulares, a pratica ſerve de lei.

Eſtes fatos ſam certos, e notorios. e achará V. P. mil Advogados, que nunca eſtudáram Leis: e nam ſabem de memoria, uma só lei celebre. O que ſupoſto, cuido que ſem trabalho ſe-percebe, que o que ele foi buſcar à Univerſidade, foi o grao de Bacharel; deſpois de perder ſete, ou oito anos nas jornadas. Verdade é, que eſtes tais quando devem eſcrever, em um ponto de Direito, acham-ſe em calſas pardas: e aqui é ela: As palavras falſam: os textos nam apareeem: as razoens nam ſe-encontram. Contudo iſo, nam á algum deſtes, que ou bem, ou mal; ou por-ſi, ou por-paracleto, nam faſa os ſeus arrezoados: e, ſendo Juiz, nam á algum, que nam eſcreva a ſua ſentenſa, ou *tenſam*, como eles lhe-chamam; aindaque nam ſaiba Latim: pois para iſto é que ſerve, o Dicionario do-Bluteau; no-qual buſcando-ſe as palavras uma por-uma, ſe-acha ſuficiente materia, para compor a ſentenſa.

Iſto fora nada: o pior ſam as conſequencias. Eu nunca condeno um omem, por-ſaber pouco, ſe ele conhece, eſe pouco que ſabe: antes tenho dele ſuma compaixam: e ſe o-poſo ajudar, o-faſo ſempre. O que nam poſo ſofrer é, que os que ſabem pouco, tenham grande prezunſam: e eſte juſtamente é o carater, deſtes Juriſconſultos. V. P. virá quando obſervar, a magiſtralidade com que ſe-prepáram, para reſponder a qualquer coiza, que ſe-lhe propoem: e o deſprezo com que ouvem, qualquer reſpoſta, ou objeſam dos-outros, que nam ſam dameſma profiſam. Eſte eſtilo é tam particular deſtes Senhores, que eu diſtingo logo um Advogado, ou Juiz, entre mil omens de capa e volta, ſomente pola ſua vizeira. Intendem eſtes Senhores, que o publicar leis, eſtá na-eſfera da-ſua juriſdiſam: e aſim em qualquer materia que falam. perſuadem-ſe, que as ſuas palavras devem ſer recebidas, com a meſma veneraſam, que ſam os reſcritos do-Principe. Se V. P. lhe-fala em Filozofia, ou Teologia; ouvilos-á meter a ſua colherada, com tanto dezembaraſo, como ſe a-tiveſem eſtudado. Se ſucede falar-lhe em Leis, acham-ſe entam no-ſeu elemento: e reſpondem dameſma ſorte, que ſe tiveſem o Digeſto no-corpo: e tiveſem por-muitos anos examinado, os principios das-Leis. Se ouvem

vem

vem falar em guerra, em paz, em comercio; finalmente em qualque materia, a nada ſe-poupam, e em tudo reſpondem polo meſmo eſtilo. Mas onde eles ſe-podem ouvir com mais goſto, e quando ſe-fala, em materia de eſtudos. Se ouvem dizer, que fóra de Portugal ſe-eſtudam Leis, com melhor metodo; e ſe-ſabem com mais fundamento e facilidade ſam toirinhos, e ſaltam por-El-Rei de Franſa. Reſpondem, que la nam ſabem nada diſo. que de todas as Naſoens da-Europa, ſomente Portugal ſabe o Direito. que os Eſtrangeiros arengam, mas nam ſabem com fundamento nada. que la fazem os Doutoramentos, com dois pontos ſomente. que ſam Doutores de *tibi quoque*. finalmente nam ſe-acha injuria, que eles nam vomitem, contra os pobres Eſtrangeiros. Tenho-me achado em converſaſoens, onde ſe-falou em muito diſto: que é precizamente o que eu digo, ſer inſofrivel.

Eſtes nacionais de V. P. julgam da-capacidade dos-Eſtrangeiros, pola figura de quatro marinheiros, que vem paſiar em Lisboa. Quem poderá perſuadir a um deſtes, que aquele meſmo Inglez, e Olandez de calſam brcado, que ele ve no-Remolares, é de um Reino, onde ſe-ſabem Umanidades, Filozofia, Matematica, Leis, e todas as ciencias umanas, e divinas melhor, que em nenhuma parte? Eſta propoziſam é mais dificultoza para alguns, do que a quadratura do-circulo: e contudoiſo nam á mais verdade que iſto: e as Naſoens cultas reconhecem aquelas duas, como prodigios neſtas materias. Se eſtes Juriſconſultos foſem menos preocupados, dos-meſmos autores podiam infirir, que naquelas Naſoens á omens doutiſimos. *Manzio* nam era Portuguez: *Miſingerio*, e *Oinotom* eram Alemaens: *Vinio*, e *Perezio* eram Olandezes: e deſtas Naſoens ſam os outros famozos autores, porque comumente ſe-eſtuda. Mas eſta reflexam é para os doutos: e eu falo com eſtes meros praticos. Que coiza mais digna de rizo, que eſtes omens criticar, as naſoens Eſtrangeiras! Eles nunca ſaîtam de Portugal, nem ſabem o que por-la vai: o pior é, que nem menos ſabem iſo, que ſe-eſtuda na Univerſidade: porque, como V. P. pode obſervar, eſtes que falam tanto, ſam os que nam ſabem mais, que a pratica da-Lei: ſem ſaberem de que cor ela é. Quanto aos Doutoramentos, que cara tem para criticarem os dos-Eſtrangeiros, eſtes Bachareis de Portugal! Se V. P. obſervar, como aî ſe-formam os Bachareis, ficará bem perſuadido, que injuſtamente murmuram dos-Eſtrangeiros. A maior parte dos-Bachareis, nam ſabem mais textos, que os que eſtudáram, para a liſam de ponto. E alguns conheſo eu; que nas ferias trouxeram para a ſua terra, uma ou duas liſoens de ponto, para as-eſtudarem com vagar: e tiveram a felicidade, de lhe-ſair a meſma, no-ſeguinte ano. Porque nam ſei, ſe as coizas ſe-podem diſpor em modo, que ſaia a dita liſam de ponto premeditada. iſto nam é cazo metafizico, mas coiza bem uzual; ver que ſaiem as que ſe-eſperavam. Onde nam poſo asás maravilhar-me, que os que vem iſto todos os dias, murmurem das-naſoens Eſtrangeiras.

Sei muito bem, que em muitas partes fóra de Portugal, ſe-facilitam

os Doutoramentos, tanto no-preço, como nos-atos: mas tambem obſerve, que neſas partes nam ſe-faz cazo de um omem, por-ſer doutor, mas por-ſer douto: e o grao ſomente é um teſtemunho, de ter completo o ano; e aſim o-intendem todos. O grao ſupoem doutrina: e quem a-nam-tem, ou ſe-doutore em Coimbra, ou Roma, ou no-Japam, ſempre ficará ignorante. Conheci omens doutiſimos, que nunca ſe-agraduáram: e vejo muitos graduados, que era juſto que o-nam foſem. Onde ſendo iſto tam publico, acho ſer grande loucura eſtimar, ou deſprezar um omem, por-ſer doutor neſta, ou naquela parte. Mas o pior é, que ainda neſas partes de grande rigor, vemos todos dias monſtruozidades. Conheci neſte Reino, muitos doutores em Teologia, Leis, e Canones, que ſabiam mui pouco, iſo que profeſavam. pode V. P. fazer a experiencia em uma eſpecie, examinando alguns Meſtres em Artes, que ai ſe-dotóram, os quais nam ſabem, que coiza é Filozofia &c. E ſe iſto ſucede aqui todos os dias, nam acha V. P., que merecem rizadas, os que fazem beiſo, aos eſtudos eſtrangeiros?

Mas neſte particular, nam ſam menos trabalhozos os Catedraticos, que os Forenſes. * * * falam com baſtante deſprezo, de tudo o que é de fóra de Portugal. Progunte-lhe V. P. porque autores eſtudam, nam só entre os Expozitores, mas entre os Tratadiſtas; e verá, que, menos algumas poſtilas, quazi todos ſam eſtrangeiros. Reſpondem a iſto, que as imprenſas la ſam mais baratas, que em Portugal: motivo porque cá nam ſe-imprime. aſim me-reſpondeo ja algum. Mas eſta nam é a queſtam: a queſtam é, ſe os Eſtrangeiros ſabem, ou nam ſabem. Eu digo, que ſabem Leis melhor, que em Portugal: e o-provo com os ſeus livros: argumento, que nam tem reſpoſta. Nem é reſpoſta congruente dizer, Nós podemos fazer, e fariamos neſte ou naquele cazo. Iſto podem reſponder tambem os Cafres da-Africa, e os ſalvages da-Canadá: pois ſe la ſe-introduziſem Univerſidades, tambem eles fariam maravilhas. Alem diſo eu nam acho aqui, manuſcritos completos; nem obras perfeitas neſte genero. as imprèſas ſam poucas, e agradam a poucos. E ſe as-ouveſe, cuido ſe imprimiriam: pois nam leio a Gazeta, que nam veja uma quantidade de livros imprèſos, de nenhuma conſideraſam; nam obſtante toda a careſtia da-impreſam. Onde parece-me, que eſta vangloria, nam aſenta ſobre bons fundamentos. Polo contrario poſo moſtrar a V. P. entre os Eſtrangeiros, muitas obras mediocres; mas muitas ſeletiſimas: ou falemos dos-Repetentes, ou Tratadiſtas, ou Conſulentes. E, ſem ſair da-minha Italia, (onde primeiro que em outra parte, renaceo o Direito Romano no-XII. ſeculo: e aonde polo eſpacio de alguns ſeculos foram aprender os mais da-Europa) poſo apontar a V. P. duzias, e duzias de autores inſignes na Cadeira, e no-Foro: de alguns dos-quais vejo, que ſe-ſervem mui bem, eſtes Senhores Portuguezes, nam obſtante que murmurem tanto dos-Eſtrangeiros.

Mas nam é pequena prova, de quanto alguns ſe-enganam neſta materia, o teſtemunho de alguns Portuguezes mais advertidos, que ſaîem de

Portugal. Eſtes, quando ſe-açham em um paiz eſtrangeiro, parece-lhe eſtar; em um mundo novo: e, ſe acazo tem juizo, nam deixam de mudar de opiniam. D. Luiz da Cunha, que paſou por-eſtes lugares com louvor, e deſpois de longos miniſterios, ſe-acha oje Embaixador, em Franſa; diſe a um amigo meu, que quando ſaîra de Portugal, e ouvîra falar outra gente; o maior trabalho que tivera, fora, procurar eſquecer-ſe de tudo, o que tinha aprendido em Portugal; para poder intender as coizas bem, e falar com propozito. Eſta é uma teſtemunha, que vale por-muitas. Nam diferentemente eſcreveo o Conde de Tarouca, Embaixador deſta Coroa ao Imperio, a outro meu amigo, que ſe-achava em Roma, e me-leo a dita carta: e acrecentava varias coizas, que eu oculto, por-juſtos motivos. Nam quero citar mais teſtemunhas, de que ainda cá me-ficam muitas: porque eſtes dois que nomeio, provam quanto eu queria: ſendo certo, que Portugal tem tido poucos omens, como qualquer deſtes dois, que ſam inſignes no-ſeu genero. Eſta ſorte de omens, nam tropeſa certamente nos-defeitos de muitos, que eu conheſo: e julga retamente. Nam aſim eſtes Juriſconſultos, que todos os dias vemos: os quais perſuadidos do-ſeu proprio merecimento, nam só nam podem aprovar, coiza nenhuma eſtrangeira; mas em toda a materia falam com magiſtralidade; e eſas quatro leis que ſabem, as-metem em toda a parte, ou por-forſa, ou por vontade.

Eſte é o defeito geral, dos-que ſabem pouco: que em toda a ocaziam fazem pompa, da-ſua erudiſam. Nam converſará V. P. com um Opozitor, que nam ouſa cem texto de Leis: dameſma ſorte que muitos dos-que eſtudam as belas letras, racham a paciencia dos-ouvintes, com verſos e palavras Latinas; ou a gente os-intenda, ou nam. Onde dizia com galantaria um amigo meu, que nam achára Juriſconſulto, cuja converſaſam foſe toleravel. Na verdade eſte é um grande defeito, nam só no-Juriſconſulto, mas em qualquer outra peſoa; nam proporcionar a converſaſam, à peſoa com quem fala: e nace de ter pouco juizo. Um omem que verdadeiramente é douto, e tem penſamento proporcionados; nam deve moſtrar exceſo, ſobre as peſoas com quem fala. Primeiramente é ridiculatia, e afetaſam Portugueza, introduzir textos Latinos, quando nam ſam neceſarios. Aiuda quando a converſaſam é erudita, ſe acazo nam ſe-faz, expreſa materia dos-ditos textos, é puerilidade, e afetaſam dizèlos em Latim: porque deve-ſe intender, que uma coiza é eſcola, e outra converſaſam. Mas onde ſe-conhece totalmente a ignorancia, e ridicularia é, quando ſe-fala com gente, que nam é da-profiſam, introduzir ſemelhantes modos de falar. Iſto é um inſulto, que ſe-faz aos ouvintes; e é lanſar-lhe em roſto, a ſua ignorancia. Por-grande exceſo, que um omem tenha, ou de doutrina, ou de nacimento; quando ſe-acha com peſoas ſimplezes, nam deve moſtrálo, mas ocultálo, por-nam confundir as peſoas, com quem converſa. E' prova evidentemente de uma alma iluſtre, e de um grande talento, acomodar-ſe às peſoas com quem trata, conſervando uma media-

nia,

nia, que nam decline para os extremos; ou seja conversando, ou escrevendo, basta poder conseguir o triumfo, nam é necesario mostrálo. Porem isto é o que poucos intendem, e pouquisimos fazem: pois tendo um real e meio de ciencia, metem-na polos olhos, com incrivel furia. Mas, tornando ao noso Jurisconsulto.

A razam principal porque estes omens, nos-quebram a cabesa, com as suas leis é, porque se-persuadem, que nela se-acha tudo. onde tendo o texto de memoria, intendem que tem a chave mestra, de todas as dificuldades, aindo em materias de Leis. Com esta preocupasam prezumem serem aptos, para todos os empregos: e os-aceitam, e buscam: e os-executam como Deus sabe. Mas nisto mizeravelmente se-inganam, e fazem grande prejuizo, à Republica. Porque sendo costume, que das-Universidades se-tirem, os que ám-de administrar o Economico, e Politico do-Reino: e sucedendo alguma vez, que estes sejam mandados às Cortes estrangeiras, por-Inviados &c. para negocios de grande consideransam; nam tendo os requizitos necesarios, nam podem fazer bem a sua obrigasam; e muitas vezes podem fazer danos. Facil é observar o motivo, e fazer a experiencia. Se V.P. fala a um destes, no-direito da-Guerra, responderá, que nos-titulos do-Digesto, *de Captivis*, *& Postliminio*, *reversis*, *& redempt. ab hostibus*, *de Re Militari*, *de Castrensi peculio*, *de Veteranis*, *de Testamento militis* &c. ou nos-do-Codigo, *Qui militare possunt vel non*, *Negotiatores ne militent*, *de Re militari*, *de Castrensi peculio militum*, *& praefecti annonæ*, *de Erogatione militaris annonæ* &c. se-acha tudo o que é necesario, para decedir o ponto. Se lhe-fala em Contratos entre gentes, livres achará, que vai logo ao Codigo, e Digesto, buscar os titulos, *de Pactis*, *Transactionibus*, *Verborum obligationibus*, *de Duobus reis* &c. Se lhe-fala no-Jus dos-Legados, ou publicos ministros, vem logo o titulo *de Legationibus*. Finalmente fale-lhe no-poder de publicar leis, criar ministros, pór tributos &c. e para isto tem rezervados os titulos, *de Legibus*, *Senatusconsultis*, *Constitution.*, *Princip. Poenis*, *Publicanis* &c. O Canonista poderá acrecentar algum texto das-Decretais, ou citar algum autor Moralista &c. mas persuadem-se comumente, que os titulos que alegamos, e outros semelhantes sam os lugares comuns, ou Topicos, de que se-tiram todas as decizoens, para os cazos posiveis. E fundados nisto, nam tem dificuldade de rezolverem, toda a controversia, sobre o direito da-Paz, e da-Guerra, dos-Patos, e tudo o mais que pode suceder, entre Nasoens, e Nasoens. Mas por-pouco que se-considere a materia, se-achara, que estes documentos nam sam bons, para rezolver tudo. Suponhamos que nace uma controversia, entre uma nasám Europeia, com os Turcos, ou Chinas, ou Malabares, sobre a violasam da-paz, ou coiza semelhante: julga V.P. que ám-de ter autoridade entre eles, as Pandetas de Justiniano, ou as Decretais, ou Moralistas? tanta como se aqueles nos-alegasem, com o Alcoram: os outros com Confucio, ou outro semelhante doutor dos seus. Nestes cazos ou se-trate com Aziaticos, ou Europeos qualquer outra gente racio-

 navel,

navel, é neceſario ter promtas, nam as leis Romanas, mas as das-Gentes, ou do-direito Natural, abraſado por-todos, os que uzam da-razam: para poder moſtrar, a juſtiſa da-noſa cauza, e injuſtiſa da-ſua. Eſtas ſam as verdadeiras fontes da-juſtiſa, de que ſe-tiram as ſoluſoens, dos-tais cazos: e de que ſe-devem tirar, nam só naqueles, mas ainda nos-que ſucedem, entre Naſoens cultas.

E certamente que á-de fazer um puro Juriſconſulto, em uma materia politica, ſe ele nam tem eſtudado, os principios dela? Que á-de dizer em um tribunal da-Fazenda, ou do-Ultramar, ſe ele nam intende, a economia do-Reino, e das-Conquiſtas: iguora as forſas, ou intereſes do-ſeu Principe, em ambas as partes? Como á-de um Miniſtro tratar bem um negocio, em uma corte eſtrangeira, premeditar um projeto avantajozo, eſtipular um contrato util: ou como á-de um ſecretario Regio, que pola maior parte coſtumam ſer Juriſconſultos; aconſelhar o ſeu Embaxaidor, ſobre eſtas materias; ſe nem um, nem outro intendem, os intereſes dos-Principes da-Europa, nem tem eſtudado, uma ſilaba de Politica? Finalmente um Secretario de Eſtado, um das-Merces &c. que coiza boa pode fazer, ſe nam tem, alem da-noticia do-direito Natural, e das-Gentes; uma perfeita inteligencia da-Politica? Certamente eſte tal omem nam é apto, para eſtes empregos: e tambem é certo, que iſto nam ſe-aprende, nos-livros das-leis Romanas. Nam poſo deixar de trazer à memoria, o cazo que ſucedeo ao Filozofo Socrates, com Glauco Ateniez (1). Era eſte um moſo nobre de Atenas, a quem, ſem ter completos vinte anos, ſe-meteo em cabeſa, aſpirar aos primeiros cargos da-Republica: e de tal ſorte falava niſto, que nenhuma peſoa da-ſua familia, o-podia aturar. Tomou Socrates o empenho, de curálo deſta frenezia: e deipois de lhe-louvar a ideia, e a gloria que podia adquirir; lhe-proguntou, qual ſeria o primeiro ſerviſo, que avia fazer ao Eſtado. E reſpondendo ele, Que, aumentar-lhe as rendas: bem, diſe Socrates, ſem duvida ſaberás, em que conſiſtem as rendas do-Eſtado: paraque no-cazo, que falte uma porſam, ſaibas ſuprir com outra parte. Reſpondeo Glauco, que nam tinha cuidado niſo. Dizei-me ao menos, continuou Socrates, quais ſam os gaſtos, que faz a noſa Republica; paraque poſais conhecer, como deveis deminuir, os que ſam ſuperfluos; viſto ſer eſte um ponto principal, de quem governa. Nem menos teve reſpoſta, ſobre iſto. De que concluio Socrates, que ſe Glauco adminiſtráſe a Republica, nunca ela poderia enriquecer-ſe. Mas adverti, replicou Glauco, que pode enriquecer-ſe a Republica, deſtruindo os ſeus inimigos. Aqui lhe-repetio Socrates, que era neceſario ſaber, quais ſam as forſas proprias, e as dos-inimigos por-mar, e por-terra; para poder perſuadir, ou deſperſuadir a guerra: ou ſuprir, em cazo de uma deſgraſa. E confeſando Glauco, que nem menos iſto ſabia, Socrates entam evidentemente o-convenceo, da-ſua loucura; viſtoque nam tinha os principios neceſarios, para o tal emprego. Se eſte dia-

(1) *Veja-ſe Xenof. Memor. l. 3. p. m. 772.*

dialogo, meu amigo e ſenhor, pudeſe praticar-ſe com algumas peſoas, que oje tem uma boa mam traveſa de prezuniam; ſeguro-lhe, que muita gente ficaria dezenganada, da-ſua pouca capacidade, para os cargos que ocupa.

Conheſo, que as leis Civis nam ſam inutis, para certos cazos: mas tambem conheſo, que nam baſtam: e que ſem outros ſocorros, tanto emporta telas, como nam telas. Um ſimplez Catedratico pode, em cazo de neceſidade, paſar ſem a noticia da-lei Publica e da Politica: nam aſim um Miniſtro. E como dos-Catredaticos, vejamos formar de repente, muitos Miniſtros; intendo, que todos tem neceſidade, deſtas noticias: e que as-devem beber, em tempo proprio, para lhe-ſervirem para tudo: viſtoque o Juiz de Fóra, o Corregedor, o Provedor &c. todos tem neceſidade deſtas noticias, nos-ditos empregos, e nos-que com o tempo podem ter. Muito principalmente a-tem um Dezembargador, que á-de julgar de fazendas &c. porque dependendo as decizoens; das-qualidades dos-fatos, ſe ele ignora eſtas coizas, nam é poſivel, que julgue bem a materia. Onde tem neceſidade, nam só de conhecer bem o eſtado do-ſeu Reino, e a regra com que é governado, ao que eu chamo lei Publica; mas tambem o eſtado dos-ſeus vizinhos, e dos-Principes, com quem o ſeu Monarca tem, ou pode ter algum intereſe. Alem diſo, deve tambem ſaber, como ſe-governam os outros Reinos: quais ſam as coizas recebidas entre todos: quais as particulares: qual a melhor fórma degoverno: quais as melhores leis: quais os melhores meios de conſervar a paz, e uniam entre os omens: e outras coizas ſemelhantes, nas quais conſiſte aquela particular ciencia, a que chamam *Politica*. A qual nam conſiſte na mera iſtoria, como a lei Publica, mas alem da-iſtoria, pede grande talento, e um juizo elevado, e ſolido. Eſta erudiſam é indiſpenſavelmente neceſaria, ao Miniſtro: eſta é: a que nam enſinam, as leis de Juſtiniano. de que ſaie por-legitima conſequencia, que iſto é, o que ſe-ignora neſte Reino.

Alguns achei ja, que intendiam, que a Politica ſe-aprende em quatro dias, ſem grande eſtudo: porque na opiniam deſtes, lendo um tratado de Ariſtoteles, ou Platam, fica um omem conſumado Politico. Mas iſto, é um ingano manifeſto. Os antigos, que eſcrevèram ſobre eſtas materias, podem dar algumas luzes, para a Politica; mas nam baſtam: é neceſario unir os Antigos com os Modernos, e de todos tirar, o que é neceſario. Primeiramente é neceſario, um eſtudo fundado da-Iſtoria antiga, e moderna: deſpois, um eſtudo particular, dos-intereſes dos-Principes: em terceiro lugar, um grande eſtudo da-verdadeira Politica. E tudo iſto certamente nam ſe-acha, em Ariſtoteles, ou Platam; nam obſtanteque eſtes eſcreveſem bem, do-direito Natural &c. Sam bons os exemplos antigos: mas devemos procurar os modernos, que ſe-acomodam aos noſos coſtumes. Quem quizeſe oje formar uma Republica, ſegundo o rigor da-antiga Sparta, ou ainda ſegundo a diſpoziſam, da-Romana republica; emprenderia uma ideia impoſivel. Os noſos coſtumes ſam tam diferentes dos-antigos, que nam é poſivel, que poſamos aquietarnos, com

o rigor de uma daquelas Republicas, e com a liberdade de outra. e contudo ninguem duvida, que uma, e outra, foram com grande juizo reguladas. A meſma lei Romana, que oje eſtá geralmente recebida, na maior parte da-Europa, e paizes da-ſua dependencia; acomodou-ſe aos noſos coſtumes. Em Franſa, Alemanha, Eſpanha, Portugal, á leis municipais, que prevalecem ſobre a Romana. Porque quando deſpois do-ſeculo XII. eſta ſaio de-Italia, e introu neſtes Reinos; eſtavam tam radicados certos coſtumes, que nam foi poſivel, deitálos fora: onde ſomente foi recebida a lei comua, em falta da-municipal. Na meſma Italia, e na meſma Roma, onde procuram conformar-ſe quanto podem, com as leis de Juſtiniano; á eſtatutos particulares, em grandiſimo numero. E o que mais é de admirar, nam á comunidade Civil, no-eſtado Ecleziaſtico, que nam tenha os ſeus eſtatutos particulares. E ſe iſto procede na Lei, que ſempre ſe-prezume deduzida, da-boa razam; que ſará na Politica, que ſe-conforma aos coſtumes das-gentes, em que á tanta diverſidade? Onde é manifeſto ingano intender, que iſto ſe-pode aprender, polos Antigos. Devemos ler os Modernos: as diverſas maneiras de governo, que tem avido no-dito Reino: o motivo deſtas variaſoens: cuja noticia entronca com a iſtoria, de todos os outros Reinos.

Mas devemos tambem eſtar muito advertidos, de nam abraſar, com os olhos fechados, tudo o que dizem alguns modernos, em materia de Politica, e o que praticam outros: como ja adverti a V. P. em outra carta, falando-lhe da-Etica. Acham-ſe modernos que obſervam, uma Politica impia: aqual nam tem mais fim, que engrandecer o Eſtado, ſem fazer cazo da-religiam, nem do-direito Natural. Deſte genero é Nicolao Machiavelo, Tomaz Hobbes, e alguns outros: e deſte carater ſam tambem outros, que o-praticam todos os dias, ſem o-advertirem, com eſcandalo dos-omens bons, e prejuizo dos-Povos. Eſtes ſam os que poem toda a ſua induſtria, em aumentar a potencia dos Principes, por-qualquer modo que ſeja: deixando para os particulares, a juſtiſa, a fidelidade, a umanidade. Eſtes os que só procuram artificios, com que ſe-arruinem os vizinhos, reſucitando entre eles antigas paixoens, e novos motivos de diſcordia. Eſtes ſam os que enganam os ſuditos do-ſeu Principe, procurando perſuadir aos Povos, que o Reino é mais poderozo, doque nam é: que nam fazem cazo da-ſantidade dos-juramentos; que quebram quando lhe-aparece, a minima ocaziam de ventagem: e fazem outras coizas ſemelhantes, de que muitos, que querem moſtrar, ſerem grandes Politicos, tem a cabeſa cheia. Eſta Politica é falſa, e deve-ſe deſprezar; para procurar uma Politica verdadeira, fundada em boas maximas. E por-tal motivo creio, que deve o omem, que ſe á-de aplicar a eſte eſtudo, fazer primeiro fundamento na Etica, no-direito Natural, e das-Gentes: do-qual é que á-de deduzir as maximas, para a ſua Politica: pois ſem iſto, ſerá um enganador publico: mas nam ſerá nem * * * nem miniſtro. Se todo o omem tem neceſidade da-Etica, muito mais a-tem o Miniſtro: porque deve praticar materias, que ſem a Etica ſam falſas, e perigozas.

Iſto

Iſto é ſem duvida: e só o-pode negar, o que nam conhece as coizas: moſtrando a experiencia, que o meſmo *Cujacio* era ignorantiſimo, dos-negocios de Franſa: e por-nam ter eſtudado iſto, nam era bom para o Foro. Mas progunto agora: Quantos Juriſconſultos acha V. P. que, antes de intrarem nos-empregos, tenham feito eſtas preparaſoens; e ſe-inſtruiſem de tudo, o que é neceſario para eles? eu duvido, que ſe-ache um só. Mas paſo adiante, e nam teria dificuldade de apoſtar, que ſerá rariſimo, o que chegue a conhecer, que eſtas coizas ſam neceſarias, ao Juriſconſulto forenſe. Em certo modo eu os-deſculpo, como ja diſe; porque é coiza, em que nunca ouviram, falar: e porque neſa Univerſidade, nam à Cadeira de Iſtoria, de Politica, e coizas ſemelhantes, que ſe-acham em outros Reinos: e que ſam neceſarias, para eſtes eſtudos eruditos: e tudo ſe-reduz ao puro texto, e algumas poſtilas: Mas o que nam poſo ſofrer, é a prezunſam: e quanto eſtam ſatisfeitos de si meſmos, aqueles que nem menos ſabem, que coiza é neceſaria, para ſer bom Juriſconſulto. Se V. P. falar a um deſtes Senhores, em varias materias, ouvirá coizas beliſimas: mas ſe acazo lhe-proguntar miudamente, tudo o que é neceſario, para a dita profiſam; ſegundo o eſtilo do-dialogo de Socrates com Glauco; temo muito, que o dito Juriſconſulto, fique mui caladinho, e confuzo da-ſua ignorancia. Contudo iſo, nam achará V. P. algum deſtes, que nam intenda, eſtá bem colocado, no-emprego que ocupa: e que nam eſteja promto para receber, qualquer que lhe-poſam dar, aindaque ſeja, em coizas de eruditam. O Povo engana-ſe com eles, e eles enganam-ſe contigo. Quando um omem ſaie, de uma cadeira da-Univerſidade, cuidam todos, que é um anjo produzido na-terra. Ouvem dizer, que é douto em uma materia, e perſuadem-ſe, que o-é igualmente, em todas: e eles, que nam lhe-tem conta dezenganálo, aceitam limpamente, tudo quanto ſe-lhe-oferece. Tenho viſto muitos ſimplezes Juriſtas, aceitarem o lugar de Academico, para eſcreverem a Iſtoria. nunca vi nenhum que o-regeitáse, com o pretexto, de nam a-ter eſtudado. De que nace iſto, ſenam de que intende, que é capaz de tudo? O meſmo digo, de alguns deſtes Teologos: que, ſem nunca terem aberto livro de Iſtoria, tomam a incumbencia, de eſcrever uma, e às vezes bem embrulhada. Sei muito bem, que o Juriſta, e Teologo, ſe tem eſtudado o que devem, ſam proprios para eſcreverem a Iſtoria: o que digo é, que o Juriſta que eſtuda, polo eſtilo de Portugal; e o Teologo que nam tem lido mais, que Teologias Eſpeculativas, e Morais; ſam totalmente incapazes, dos-ditos empregos. A iſtoria, nam ſe-aprende em quarto dias. Para ſe-divertir um omem, baſta ler um livro de Iſtoria; para a-ſaber, é neceſario eſtudar muita coiza, que ſam os prolegomenos dela, e tela eſtudado muitos anos. Mas para eſcrever a Iſtoria, é neceſario nam só ſabèla, mas de ſorte entregar-ſe a ela, que nam ſe-faſa outra coiza. O que ſupoſto, como poſa ſer que omens, que tem mil ocupaſoens, poſam em algumas ferias, ou dias interrompidos, eſtudar os primeiros principios, e ſatisfazer bem aos ſeus empregos; é um problema,

que-

que eu nam intendo. O que porem daqui se-segue, V. P. o-intende, sem que eu lho-explique * * *.

O maior favor que fazem estes, que engrandecem tanto, o estudo da Lei; é reconhecer, que as coizas que apontamos, podem ser utis: mas acrecentam logo, que sam incompativeis com a Lei: nam sendo posivel, que um omem se-aplique com fruto, a tam diferentes coizas: porque somente a Lei pode, ocupar um omem, no-curso de uma vida dilatada. Estes amigos sempre tem promtas razoens, para desculparem a sua ignorancia. Achei algum, que se-escandalizou, de lhe-emendarem alguns solecismos, e barbarismos, que cometèra em um parecer Latino: e afirmou mui seriamente, que o reparar nisso, era puerilidade: porque um omem douto nam devia olhar, para tais coizas, que sam só proprias de rapazes. Mas quem se-poderá persuadir, de semelhantes razoens? Confeso ingenuamente a V. P. que quando outo falar asim, omens que professam letras, envergonho-me de os-ouvir. Quem chega a reconhecer, a utilidade daqueles estudos, para intender a Lei, e nam confesa a necesidade; ou é teimozo, ou louco. Porque se eu conheso, que é util, devo conhecer, que a inteligencia da-Lei se-funda, naqueles tais conhecimentos: de que saie por-legitima consequencia, a necesidade. Nem é posivel que eu conhesa, que coiza é Lei, sem conhecer, que se-intende e explica, com a Istoria: que se-funda, na razam natural: e coizas semelhantes. De que se-conclue, a necesidade. O que supposto, torno a dizer, que os que asim respondem, nam sabem que coiza é Lei. Alem disso persuadir-se, que a Lei nam é compativel, com aqueles estudos; é outra frenezia semelhante. Confeso, que o-nam-seja a estes, que seguem o metodo que apontei, e pasam de um tratado para outro, sem advertencia, nem conexam: que cuidam somente, em encher a cabesa de textos: e que lem por-si, e refletem polo juizo dos-outros. Mas quem estuda com metodo, e le primeiro o que deve ler, e saber; e reconhece que coiza é Lei, e como se-deve estudar; em trez ou quatro anos pode saber mais Leis, doque muitos que pasáram a sua vida nelas. Nam consiste este estudo, em meter muitas leis na cabesa; como ignorantemente fazem muitos, que procuram nam dizer palavra, que nam seja fundada em alguma lei: esta é uma afetasam ridicula, e que só se encontra em peioas, de pouco juizo. Se a coiza é clara, nam è necesario lei, para que a-intendamos. Ninguem julgou nunca, que um omem que injustamente mata outro, é digno de morte, porque o-dise Justiniano: mas porque asim o-mostra a boa razam. o ponto todo está em averiguar, se neste ou naquele cazo, justamente o-acometeo. Onde querer provar aquela maior, com muitas leis, é ter pouco juizo. Cicero naquele seu famozo arrezoado, em que defendeo Tito Anio Milo, nam se-cansou em provar, aquela maior: *vim vi repellere licet.* mas supola

nota a todos: nam polas leis Civis, mas polas Naturais (1): e pasou a provar o que devia, que Clodio injustamente acometèra, a Milo. O mesmo digo em muitas outras coizas, em que todos os dias, ouvimos repetir leis superfluamente. Menos memoria, e mais juizo se-requer, tanto no-Patrono, como no-Juiz. Se o-consideramos bem, somente por-esta cauza o estudo da-Lei parece insoportavel, porque se-estudam mil ridiculárias, que nam se-devem estudar: e nam se-reduz a Lei, aos primeiros principios.

Alem diso, se nós consideramos, quanto tempo neste Reino se-perde, nestes estudos; fica bem claro, que todos os oito anos de Leis, se-reduzem a um, ou dois: e pode ser, que ainda a menos. E asim fica bastante tempo, para poder estudar, o que é necesario. muito mais porque lansando bons fundamentos ao principio, tudo o mais é facil. Toda a razam desta dificuldade que se-acha, se-reduz ao metodo. Quem perde seis e sete anos, estudando a Gramatica comua, para intender um bocado de muito mao Latim: quem perde trez ou quatro anos, com a Filozofia Peripatetica, que nada serve para a Lei: e despois diso perde outros oito anos, com o estudo das-Leis, segundo o estilo dito: este omem tem razam de se-queixar, do-que nós lhe-propomos: e com razam prezumirá, que, para estudar o que apontamos, se-requer a vida de um omem: e que nunca chegará o cazo de poder satisfazer as obrigasoens, dos-empregos que ocupa. Mas nam é deste omem, de quem nós falamos. Porque se-ele soubèse, que a Gramatica, e Latim, se-podem saber em dois anos; e a Retorica; no-terceiro: que um simplez ano de Logica, se for boa, e bem explicada, lhe-pode dar grande luz, para intender a Lei: que lendo bem uma Etica, antes de intrar na Lei, e intendendo bem a Istoria, tem feito a metade do-caminho. &c. Entam compreenderia, que lhe-aconselhamos, nam coizas impositveis, mas mui facis: e que, seguindo a Lei polo metodo que dizemos, nam empregaria tanto tempo, e sairia com mais utilidade. E, tendo bebido estes principios, ficava apto para no-discurso da-vida, e dos-estudos, adiantar-se incrivelmente. Onde a razam intrinseca persuade, que ó Jurista pode, e deve saber, outras muitas coizas.

Temos alem diso a razam extrinseca, que é o exemplo das-outras Nasoens: nas quais os Jurisconsultos, tem produzido obras maravilhozas, nam só em Leis, mas em Filologia, e Letras Umanas, e linguas Orientais. E atrevo-me a dizer, que os Juriscontultos tem escrito melhor, nestas duas ultimas materias, doque muitos, que fazem profisam delas. O estudo das-leis antigas conduz um omem insensivelmente a examinar, os antigos monumen-

(1) *Est igitur hæc, Judices, non scripta, sed nata lex: quam non didicimus, accepimus, legimus: verum ex natura ipsa arripuimus, hausimus, expressimus: ad quam non docti, sed facti; non instituti, sed imbuti sumus. ut si vita nostra in aliquas insidias, si in vim, si in tela aut latronum, aut inimicorum incidisset; omnis honesta ratio esset expediendæ salutis.* Cicero Orat. pro Milone *num.* 4.

tos da-Latinidade: e a ser um grande Latino. As Leis nam se-podem saber, sem intender o Grego; vistoque muitas constituisoens Imperiais, foram escritas em Grego: postos os quais principios, abre-se a porta, a toda a outra sorte de estudos. Alem de que oje, é costume moderno, que os Jurisconsultos intendam bem, estas duas linguas; e escrevam a Latina perfeitamente; contudo ainda nos-seculos menos polidos, que foram o 16. &c. se-executou isto muito bem. Podia citar a V. P. duzias de Jurisconsultos, que nam só escrevèram bem Latim, e Grego; mas que nas linguas Orientais, foram insignes: muitos que escrevèram sobre a Latinidade, como ninguem: que foram grandes Istoricos, Poetas &c. Quem soube melhor Grego, e Latim no-16. seculo, que *Budeo*, *Alciato*, *Duareno*, *Latinio*, *Leunclavio*, *Pancirollo*, *Jeronimo Wolfio* &c.? Quem chegou à pureza da-Latinidade, de *Mureto*, *Giphanio*, *Antonio Agostinho*, *Pitheo*, *Hotomano* &c. muitos dos-quais tambem escrevèram, sobre a lingua Latina? Aonde se-acha um poeta Latino, semelhante a *Buchanam*, e *Baudio*? Alem disso, se V. P. examina a erudisam de muitos deles, achará, que nam paráram aqui, mas pasáram muito adiante: e que foram, alem de grandes Istoricos, grandes Criticos, isto é, omens de juizo exato, na noticia dos-autores, e antiguidades. *Brodeo* sabia Grego, Ebraico, Caldaico, e Latim, na ultima perfeisam, e era um critico excelente. *Mercier*, foi famozo no-Grego, Ebreo, Caldeo, Latim, e comentou otimamente a Escritura. *Masio*, alem de ser Filozofo, soube bem Grego, Latim, Ebreo, Caldeo, Siriaco. Acham-se no-mesmo tempo muitos, que foram juntamente bons Teologos: deste numero é, *Mercier*, *Balduino*, *Jacob Bilio*, que alem de Teologo, foi tambem Matematico, Poeta, douto em Grego, e Latim. *Martin del Rio*, que soube o mesmo &c. poso acrecentar o mesmo *Cujacio*, que, alem de saber bem Grego, e Latim, soube perfeitamente a Istoria da-Igreja. E por-nam deixar de nomiar um Portuguez, apontarei tambem o exemplo, de *Antonio de Goveia* Bejense: o qual indo menino para Fransa, onde estudou, e ensinou; nam só foi um dos-mais doutos Jurisconsultos do-seu seculo; mas famozisimo Filozofo Peripatetico; em cuja materia escreveo, contra *Pedro Ramo*: foi insigne Poeta, e Retorico: eruditisimo em Latim, e Grego: venerado em tudo do-mesmo *Cujacio*. Veja V. P. o que pode fazer um Portuguez, se tem quem o-ensine bem. Se pasamos ao seculo 17. vemos que se-aumenta o numero, dos-doutos Jurisconsultos. *Morneo du Plessis* nam só era um doutisimo Teologo, mas Filologo insigne: sabia Grego, Latim, Ebraico, como a sua propria lingua. *Grutero*, tambem era um Filologo, e Critico erudito: bom Grego, e Latino. *Cuneo* é um daqueles omens, que tem poucos semelhantes: a sua Latinidade parece do-seculo de Augusto: era alem disso Poeta Grego, e Latino excelente: era bom Orador: sabia bem as linguas Orientais, Ebreia, Caldeia, Siriaca. *Salmasio*, e *Gronovio* o velho, nam só eram bons Criticos, e escrevèram bem Grego, e Latim, mas eram Polihistores, e maiores que todo o louvor. *Joam Selden*

Selden, era um perfeito Iſtorico, Cronologo, Filologo, e Critico: poſſuia perfeitamente Grego, Ebreo, Siriaco, Caldeo. *Rigaltio*, alem de ſer muito erudito em Grego, e Latim, comentou e fez notas, a infinitos autores Eclezialticos, e Profanos. Finalmente quem pode nomiar ſem admiraſam, *Ugo Grocio*, aquele milagre de Olanda! Nam ſe-acha no-ſeu tempo, pocta Latino igual, em todo o genero de metro. Era Orador conſumado, Iſtoriador, Critico, Politico, Filologo. Na Latinidade é puriſimo: no-Grego, Ebreo, Caldeo, Siriaco eruditiſimo. Mas iſto é nada: foi um dos-maiores Teologos do-ſeu ſeculo, e um dos-mais doutos Interpretes, da-Eſcritura.

Fico aqui: por-nam fazer livro inteiro. o que ſucederia, ſe quizeſe nomiar todos, os que me-ocorrem. Dos-que tenho apontado, ſe-conclue muito bem, quam grande foſe, a eruditam deſtes omens. Eles eram todos Juriſconſultos de profiſam: muitos deles, catedraticos: e alguns eram miniſtros de Principes, e Republicas. Contudo a maior parte deles, nam só compoz, nas materias que aponto, mas fizeram alguns tratados particulares, e eruditiſimos de Direito: o que facilmente conhecerá, quem revolver as ſuas obras, que ſam notas, a todo o mundo Literario. Eſtes exemplos provam bem, o que pode fazer, ũm Juriſconſulto aplicado. Nam cito exemplos da-India, ou Japam: os que aponto ſam daquelas Naſoens, que eſtam vizinhas: pola maior parte ſam Francezes, Inglezes, Olandezes, Alemaens. Em uma palavra, ſam dasmeſmas Naſoens, que os Juriſconſultos Portuguezes deſprezam: e a quem chamam ignorantes. E ſe eſta eruditam tam particular, ſe-acha entre omens, que ſe-reputam rudes; porque nam ſe-á-de achar entre eſtes, que ſe-prezam de ſutileza? Acrecento a iſto, que ainda em um ſeculo tam ignorante como foi o XIV. conhecèram alguns Juriſconſultos, que mui bem ſe-podiam aplicar, a outras coizas. *Bartolo de Saxoferrato*, que paſou toda a ſua vida enſinando, e eſcrevendo; contudo eſtudou Matematica, e Lingua Ebraica: como nos-enſina o Genebrardo, na ſua Cronologia, e o Voſſio na Filologia; pornam trazer outros exemplos. Com que verá V. P. que eſtes que aſim reſpondem, nam tem deſculpa, na ſua ignorancia. Sam teimozos, e obſtinados, em nam admetir a razam: e ſam inconſtantes, nas ſuas meſmas razoens. Quando lhe-tem conta, os Eſtrangeiros nada ſabem, e só eles ſabem: quando lhe-argumentam, com o exemplos os-Eſtrangeiros; reſpondem, que a Lei deve ocupar, toda a vida de um omem: no-que vem a confeſar-ſe inferiores, aos Eſtrangeiros: os quais certamente ſe-ocupam, e ſabem muitas mais coizas diferentes. Sede la cura com tais freguezes! O que ſe-colhe daquí é, que injuſtamente ſe-condenam, as Naſoens eſtrangeiras: e que com grande razam ſe-deve condenar, o eſtilo de Portugal.

Mas ja me-parece que V. P. enfaſtiado de um tam comprido diſcurſo, para perſuadir uma coiza, que é bem manifeſta; me-pede, que aponte brevemente, o ſiſtema de eſtudar a Lei, ſegundo as reflexoens propoſtas. E ainda que do-que diſe, ſe-podia intender muito bem; contudo, para facilitar a

intelfgencia, aos que nam fe-querem cansar, o-farei brevemente; fazendo primeiro, algumas reflexoens.

A lei comua é uma colefam das-leis Romanas, que parte nos-tempos da-Republica, parte no-dos-Imperadores fe-fizeram, em-diverfos cazos, e circunftancias. Em todos os tempos, e todas as Nafoens cultas, achamos Legisladores. Moizes é o mais antigo de todos: cujas leis enfinou Deus, e ele efcreveo. Mercurio Trifmegifto o-foi dos-Egicios. Minos dos-Candios. Pitagoras dos-Povos da-Magna Grecia: como tambem Carondas, e Zeleuco. Licurgo de Sparta. Dracon, e Solon de Atenas. A eftes feguiram-fe os Romanos. As primeiras leis deles, foram propoftas polo Senado, que na fundafam de Roma criára Romúlo, e confirmadas polo Povo. Papirio, que vivia no-tempo de Tarquinio Prifco, foi o primeiro que compoz, a Colefam das-leis Regias. Defterrados os Reis, o Povo anulou as fuas leis, em certas coizas: e Roma em parte, viveo com um Direito incerto: atéque obrigado o Senado, polos Tribunos do-Povo, mandou omens à Grecia, bufcar as melhores leis, daquelas Republicas: de que fe-compuzeram, as leis das-doze Taboas: que foram todo o fundamento, da-lei Romana. A brevidade, e feveridade deftas leis deu lugar, à interpretafam dos-Prudentes, e ao Edito dos-Pretor: os primeiros, explicáram o intento da-lei: os fegundos, mitigáram o rigor, e fuprfiram as faltas. E como os Patricios invejavam aos Plebeos, terem uzurpado alguns magiftrados, que antes nam tinham; para fe-diftinguirem deftes, e ferem neceffarios na Republica, inventáram mil formulas novas de Direito, e as-ocultaram com todo o cuidado. Aumentando-fe fenfivelmente tudo ifto, comefou o eftudo da-Lei, a fer dificultozo. E aqui comefam a aparecer os Jurifconfultos, os quais fe-aplicavam a ele, para fubir aos primeiros cargos da-Republica: de que largamente fala Cicero, nos-feus tratados Retoricos.

Eftes Jurifconfultos eram meros Confiftentes: mas Augufto, que queria inclinar fuavemente, as leis da Republica, para a Monarchia; elegeo alguns dos-feus amigos, e clientes, paraque só eles refpondefem *de jure*; e deu forfa de lei, às fuas refpoftas. O mefmo fizeram, outros Imperadores feguintes até Juftiniano: o qual das-ditas obras, e outras colefoens de leis de alguns anteceffores, fez a colefam de Leis, que oje temos. Primeiro publicou o Codigo, no-ano 529. defpois as Inftituifoens, no-ano 533. e no-feguinte ano as Pandetas, as quais ja eftavam acabadas, antes das-Inftituifoens: e nefe mefmo ano 534. reformou o Codigo. Feito ifto, mandon executálas em Italia, que pouco defpois aquiftou, deitando fóra os Godos: dos-quais feu Rei Alarico, tambem tinha publicado, um Codigo de leis; que, aindaque pafe com o nome de Teodoziano, é diferente, do-de Teodozio. Mas poucos anos defpois da-fua morte, e no-tempo de feu fucefor Juftino, intráram os Longobardos em Italia, no-ano 568. Deforteque, tirando o Exarcado de Ravena, o Ducado Romano, as Ilhas de Veneza, o Ducado de Napoles, e algumas Cidades maritimas; que continuáram na obediencia, dos-Imperadores Gregos,

gos, e com as leis Romanas; (e ainda netas partes, só tinha alguma eſtimaſam, o Codigo, e as Novelas de Juſtiniano) toda a Italia ficou ſugeita, aos-Longobardos: os quais, deſprezando as leis Romanas, compuzeram as Longobardicas: a que ao deſpois acrecentáram outras, os Francezes que domináram em Italia. E iſto durou, até o fim do-ſeculo XI. Neſa era, que compreende Longobardos, Francezes, e Tudeſcos, nam era alguem obrigado, a ſeguir as leis Romanas: mas nem menos era proibido: e podiam os Romanos, que ſe-achavam naquelas partes, e outros por-coſtume antigo, ſervir-ſe das leis Romanas: oque principalmente faziam, os Eclezialicos. Alem dos-Juizes Longobardos, aviam outros Romanos; quero dizer, que julgavam ſegundo as leis Romanas: aindaque conjeturam os omens doùtos, que ſomente ſe-ferviam, de algum compendio do-Codigo, ou, quando muito, das-Inſtituiſoens. E avendo tantos Romanos em Franſa, e Eſpanha, no-dito tempo; por-eſta razam a lei Romana, ja introduzida neles, nam ſe-extinguio totalmente, nos-ditos paizes: aindaque a noticia era pouca, porque a copia de tam groſos volumes, cuſtava muito, e raramente ſe-obtinha: e os Imperadores Francezes, tinham permetido aos Romanos, ſervir-ſe de uma de trez, ou da-Lei Longobarda, ou Romana, ou Franceza.

No-principio do-ſeculo XII. apareceo o Digeſto em Bolonha: e Irnerio profeſor publico de letras umanas, na eſcola da-dita Cidade, (eſte tinha eſtudado leis, em Conſtantinopoli) namorando-ſe do-dito livro, publicamente o explicou. De cuja eſcola ſaîram alguns, que foram explicar leis em outras partes, nam só de Italia, mas da-Europa, v. g. em Franſa, Inglaterra &c. Deſpois, polos anos 1137. aparecèram em Piza os ditos Digeſtos, a que chamam Florentinos. Mas nem o Imperador Lotario II. anulou no-ano 1136. as leis Longobardicas, como muitos intendem; nem Imperador algum daqueles tempos, expreſamente confirmou; a lei Romana, ou obrigou os Povos de-Italia, a ſeguila. Mas inſenſivelmente de umas eſcolas, paſou para outras: e, quando eſtava bem introduzida, das-eſcolas pouco a pouco, para os-tribunais. Com a introduſam do-direito Romano, que ſem duvida é mais racionavel, pouco a pouco ſe-foram eſquecendo, as leis Longobardicas. E eſte eſtilo de Italia, eſpalhou-ſe por-outros paizes. Neſte tempo as Cidades livres de Italia, foram fazendo os ſeus eſtatutos, conformes aos ſeus coſtumes, e por-conſequencia, menos conformes, à lei de Juſtiniano. Eſtes ſe-aperfeiſoâram no-ſeculo XV. e XVI. e entam tiveram forſa maior, que a Lei de Juſtiuiano. Deſte modo as leis Romanas, só tem forſa nos-tribunais, ou porque é coſtume, nas coizas que nam ſe-acham nos-eſtatutos, ſervir-ſe da-lei comua; ou porque aſim o-manda, o eſtatuto. Por-eſte meſmo eſtilo, ſe-introduzio ela tambem, nas mais partes da-Europa. Nas quais vio-ſe obrigada, ceder o primeiro lugar, aos coſtumes, e outras leis municipais, dos-ditos Reinos.

Eſtas leis, que pareciam oſcuras, comeſáram na Italia a explicar, alguns Juriſconſultos, fazendo ou Sumas, ou Glozas. Deſte numero foram, *Irnerio*,

Ro-

Rogerio, *Bulgaro*, *Placentino*, *Bassano*, *Azone*, e alguns outros: mas sobre todos, nos-principios no-seculo XIII. *Acursio* &c. Tendo assim começado as explicasoens, aumentáram-se sensivelmente, no-seguinte seculo XIV. noqual apareceo, uma turba imensa de Jurisconsultos, *Bartolo*, *Baldo*, *Tratagna*, *Saliceti*, *Paulo de Castro*, *Jasone* &c. Estes omens naquele tempo eram venerados: mas, para dizer a verdade, eram aindaque doutos, ignorantes das antiguidades: desorteque abriram a porta, a mil sutilezas: o que deu materia, de engrossar tanto os volumes legais, que oje nam se-podem suportar. No-seculo XVI. aparecèram omens, que, servindo-se da-noticia da-Antiguidade, interpretáram melhor as leis. Deste numero soram, *Cujacio*, *Mureto*, *Hotomano*, *Gotofredo*, *Antonio Fabro* &c. os quais com a sua profunda erudisam, mostráram os erros dos-antecedentes, no-explicar o Codigo, e Digestos: e nos-deram mais acertadas interpretasoens. E entam é que parece, que se-espalhou este estudo, polas mais partes da-Europa. Contudoisso, de entam para ca, quero dizer, nestes ultimos dois seculos, é que aparecèram tantos Tratadistas, e Consulentes de Direito, que todo o trabalho de muitos doutos interpretes, das-leis Romanas, que entam aparecèram, pouco ou nada aproveitou, à Republica civil. Esta é a serie do-direito Civil: na qual manifestamente se-conhece, a necesidade que tem o Jurisconsulto, do-estudo da-Istoria: visto ser ela a que mostra, por-que fim, e em que circunstancias, e tempo, foram feitas as ditas leis: muitas das quais parecem contrarias, às outras. Comque, daqui é que deve o estudante, começar o estudo da-Lei.

Suponho pois, que o dito moso tem estudado, trez anos de Filozosia, como apontei, nas minhas antecedentes cartas: quero dizer, que tem estudado aquela Logica, que ensina a julgar bem, em toda a materia: e aquela Fizica, que ensina a formar verdadeiro conceito, do-que é natureza criada, e incriada. Se este moso tem lido no-terceiro ano, a Etica, pode pasar adiante: se a-nam-tem lido, é necesario, que primeiro a-estude. E nam deve estudar somente aquela Etica, que trata do-sumo bem, e direito Natural; mas tambem a que trata, do-direito das-Gentes: em breve sim, mas deve intendè-la bem. Tendo visto quais sam as fontes, do-Direito todo, deve pasar a estudar, a istoria Romana. E como esta nam se-posa intender bem, sem intender ao menos, a istoria Universal; por-isso deve estudála: E no-mesmo tempo tomar alguma ideia, da-Cronologia, e seus principios: e juntamente procurar na carta Geografica, os lugares, e provincias, de que se-faz mensam: pois desta sorte, nam só intenderá melhor a Istoria; mas conservará perpetuamente, a memoria dela. Sem Cronologia, e Geografia, é superfluo ler a Istoria, porque nam se-intende. Nam me-cansarei agora, em apontar autores: basta dizer, que isto se-pode estudar polo *Valemont*, que está traduzido em Portuguez. A noticia que ele dá, é a que basta, a um principiante: pois com o tempo, pode-se dilatar a tal noticia, e estudar perfeitamente a Istoria. Se o estudante tiver alguma noticia disto, basta que paie logo, à istoria Romana;

a qual é nnceſario intender perfeitamente: pois quem a-ſabe bem, tem o comentario perpetuo, da-Lei. Dameſma ſorte que quem ſabe a iſtoria dos-Judeos, ſeus coſtumes, e uzos &c. percebe facilmente, toda a Eſcritura. Onde é neceſario ſaber, a iſtoria da-Republica Romana, deſde o ſeu principio, até o tempo de Auguſto: a qual só ſe-intende, ſabendo primeiro os uzos, e coſtumes deles. Para iſto pode ſervir o Cantelio, *Reſpublica Romana* 12. da-ediſam de Utrech 1696., que é a mais correta: ou alguma das-de Veneza, feita por-eſta. Neſte livro ſe-explicam ſuficientemente, as antiguidades Romanas. Pode-ſe ajuntar a eſte, o Nieuport = *Ritum qui olim apud Romanos obtinuerunt, ſuccinta explicatio.* 8. Iſto baſta para um principiante: viſtoque um omem que quizeſe, internar-ſe neſta iſtoria, deveria ler o Roſsino = *Antiquitates Romanæ cum Thomæ Demſpteri Paralipomenis* 4. o Lazio = *de Romana Republica.* ou tambem a *Noticia Imperii Romani, cum coment. Pancirolli.* fol. E quem quizer ſaber melhor iſto, deve ler o Sigonio, = *de Jure Civium Romanorum* &c. *de Antiquo Romanarum Provinciarum jure* &c. o Bullengero, *de Romano Imperatore*: e tambem = *de Romano Impèrio, & Magiſtratibus* &c. o Manucio = *de Romano Senatu*: = *de Romanis legibus* &c. Mas para o principiante, baſta o que digo: o omem adiantado, pode ſervir-ſe dos-que aponto. Deſpois diſto, deve ler em compendio, a iſtoria Romana. O *Nieuport* eſcreveo uma Latina boa, e nam diſuſa em 4. Nam aponto outros, que ſe-acham em varias linguas, porque nam fazem ao cazo. Entre os Francezes, nam é mao o *Dupleix* fol. 2. O *Catrou*, e *Rouillé* eſcrevèram a iſtoria da-Republica mui bem: mas ſam 18. volumes in 4. Francezes, ou Italianos: e nam ſam para rapazes.

Segue-ſe a iſtoria dos-Imperadores, até à deſtruiſam do-Imperio Romano, no-Ocidente: e deſpois, ler a Iſtoria Romana no-Oriente, até o tempo de Juſtiniano, e ſeus ſucefores. Quem deixáse eſta iſtoria, no-fim do-ſexto ſeculo da-Igreja, eu o-nam-condenaria: aindaque ſerìa muito melhor, que continuáse a do-Oriente, até a deſtruiſam do-dito Imperio, no-meio do ſeculo XV. e a do-Ocidente, que a-continuáse, até o tempo prezente. Ao menos, que ſoubèſe a iſtoria dos-Imperadores: e as revoluſoens que teve eſte Imperio Romano: e o modo com que acabou em Alemanha: onde oje exiſte ſomente o nome: e a razam por-que ſe-conſervou, eſte nome. A falar verdade é loucura perſuadir-ſe, como muitos fazem, que o Imperio Romano exiſta oje, em Alemanha. Conſerva-ſe o nome, por-fins politicos: mas o que poſue o Imperador em Alemanha, é nada, em comparaſam do-Imperio Romano: e ainda unindo a iſto, todos os eſtados que poſue, a caza de Auſtria; nam é mais que uma pequena provincia, do-antigo Imperio Romano. Mas o ſaber eſta iſtoria é mui util, para intender as leis mais modernas, os uzos dos-Feudos &c. A iſtoria dos-Imperadores Romanos até Honorio, eſcreveo maravilhozamente M. de *Tillemont*, em Francez. Tambem o *Coeffeteau* eſcreveo em Francez, a iſtoria dos-Imperadores, até Conſtantino Maguo. fol. é mais breve

que

que o *Tillemont*, e ambos sam famozos. Um só autor tratou esta istoria, desde o principio da-Republica, até o ano 1500. despois de Cristo, melhor que ninguem. este é M. *Echard*. Mas escreve em Inglez: aindaque ja oje o-temos traduzido em Francez, até Constantino Magno, trezentos anos despois de Cristo. Quem nam tiver outro, pode ler o *Egnatius*, que escreve em Latim, a istoria dos-Imperadores, desde Julio Cezar, até Maximiliano I. em 8. ou o *Cuspiniano*, que escreve até o mesmo tempo, fol. ou o *Estrada*, que continua a dita istoria desde o principio, até Matias I. fol. Estes sam Latinos.

Tendo o estudante lido bem, a istoria Romana, a qual dá luz para intender, as leis Romanas; deve, antes de fazer outro paso, ler a istoria do-direito Civil, principalmente do-Romano. Conheço, que a istoria Romana bem intendida, supre esta noticia: mas como nam é facil, que um estudante principiante, colha por-si mesmo da-dita istoria, o que deve; por-iso me-parece mui necesario, que busque algum autor, que lha-ponha em breve. *Valentim Forsteri* escreveo no-principio do-seculo pasado, esta istoria: a qual se-impremio, um ano despois da-sua morte em 1609. Nos-fins do-dito seculo compoz a mesma em 12. o *Doujat*, e é mais estimado, que o outro. *Claudio Jozè de Ferrieres*, escreveo a mesma istoria em Francez: mas é moderno, e bom. Em falta deles, pode servir o *Paulo Manucio*, *Antonio Agostinho*, *Hotomano*: mas melhor que todos, *Paulo Merula*: que escrevèram *de Historia legum Romanarum*, & *Senatusconsultorum*: ou *Pancirolli*, e tambem o *Gravina*, que escreveo no-prezente seculo = *de Origine & progressu Juris* 4. aindaque é um pouco oscuro, e difuzo. Julga-se porem que melhor que todos, escreveo nesta materia, *Guilhermo Grocio*. Deve aqui o estudante, intender miudisimamente, toda a sorte de Magistrados, e Leis: e a istoria dos-Jurisconsultos, e suas setas. Com estas noticias pode pasar logo, às Instituisoens de Justiniano, que intenderá facilisimamente: advertindo porem, de fugir de toda a sorte de comentarios. Eu nam permetiria, que o estudante lese, senam polo *Perezio*, ou ainda melhor, polo *Heinecio*: que escrevem uma breve parafraze, das-Instituisoens: e o *Heinecio* escreve a istoria das-Antiguidades, seguindo a ordem dos-titulos das-Instituisoens: e tambem uma breve istoria, do-Direito Romano-Germanico. Todos os mais comentadores sam impertinentes, e confuzos: e pouco proprios, para principiantes. Dos-quais digo, o que ja dise um omem douto, dos-comentos do-*Cardial Caietano* sobre S. Tomaz, que despoisque os comentadores, explicáram S. Tomaz, ninguem o-intendeo. Da mesma sorte eu digo de Justiniano, que despoisque os interpretes o-explicáram bem, reduzîram-no a estado, de nam se-poder intender. E a razam disto é, porque querem descobrir nas suas palavras, tanta justisa, e tais misterios, que lhe-atribuem muita coiza, que ele nam quiz dizer.

Estes tais idolatras de Justiniano supoem, que o seu legislador teve, revelasoens divinas: e com esta ideia, nam se-rezolvem a dizer, que dise mal em muitas coizas, e se-contradise em outras: mas tudo querem justificar. Porem

tem niſto inganam-ſe manifeſtamente. Juſtiniano era um Principe imprudente, inconſtante, e pouco proprio para legislador. Era tam inclinado a deccdir tudo ou bem, ou mal, que tambem quiz fazer leis, em materia de religiam. Publicou muitas leis más, e mudou muitas imprudentemente. Os que compuzeram a coleſam do-Direito, tambem ſabiam pouco o ſeu oficio: e nam puderam evitar muitos erros, e inganos: eſpecialmente Triboniano era imprudente, e pouco veridico. Os Imperadores do-Oriente, conhecèram mui bem, eſtes defeitos em Juſtiniauo. O Imperador Bazilio Macedonico, como diz Cedreno nos-ſeus Anais, condenava a grande extenſam de Juſtiniano, e falta de clareza, e de ordem: e com efeito para uzo seu, publicou um compendio, do-Codigo de Juſtiniano. Seu filho Leam publicou, outro compendio das-Pandetas: e outros Imperadores Gregos, conhecendo a inſuficiencia daquela obra, fizeram tambem epitomes do-Direito. Os meſmos Viſigotos, preferiam o Codigo de Teodozio, ao de Juſtiniano. Onde, quem nam conhece iſto, nam é bom para comentador. Por-eſte motivo é neceſaria a iſtoria, para vermos, como ſe-devem intender, e tomar as coizas: e por-eſte meſmo principio, nam devemos fazer cazo, do-que dizem muitos interpretes.

Confeſo a V. P. que tendo viſto, muitos comentadores das-Inſtituiſoens, e alguns bem pouco conhecidos, neſte Reino; nam vi algum, que ſe-pudeſe tolerar, e que nam diſèſe coizas indignas. Ou dizem coizas mal fundadas, ou ſe-metem a explicar coizas, que ſe-intendem melhor, quando ſe-nam-explicam: e perſuado-me, que nenhum omem de juizo, que examinar ſem paixam os ditos livros, dirá, que ſe-podem ler com paciencia. Mas, ſem ſair dos comuns, cuidava eu uma vez, que o *Vinio*, que moſtrou bom juizo em muitas coizas, o-tinha tambem neſta: mas examinando melhor o dito livro achei que era o meſmo, que os outros: e talvez pior um pouco; porque afeta muita ſutileza, e filozofia Peripatetica. Cada palavra um comento. As notas ſam ainda piores, que o comentario. Ri muito, quando achei no-primeiro titulo, explicada a palavra *Generaliter*, deſta ſorte: *curſim*, *obiter*, *ſummatim*. E eu ſeguro a V. P. que ſe-intende melhor, ouvindo dizer a Juſtiniano: *His igitur generaliter cognitis* &c. doque lendo a dita interpretaſam. Cada difiniſam das-Inſtituiſoens, deve ſer feita por-genero, e diferenſa, e com todas as ſolenidades, dos-Peripateticos. Nam quero ſair da-mais celebre, que é a da-Juriſprudencia, a qual deu *Ulpiano* (1), e repete Juſtiniano nas Inſtituiſoens *Juriſprudentia eſt divinarum, atque humanarum rerum notitia, juſti, & injuſti ſcientia* =. Eſta difiniſam tem quebrado a cabeſa, aos Juriſconſultos, que por-bem, e por-mal querem, que ſeja boa. Se *Ulpiano* páraſe em dizer, que era ciencia do-juſto; e injuſto, podia-ſe perdoar: mas dizer, que compreende as coizas divinas, e umanas; é querer, que lhe-chamem os Enciclopedia: ou, para o-dizer mais claro, é querer, que demos uma rizada. Contudo iſo, os Juriſtas nam ſam deſa opiniam: e defendem mui ſeriamente, que diſe bem.

(1) *L. Juſtitia eſt conſtans. ff. de Juſtitia, & Jure.*

Acurſio proguntа, ſe ſerá neceſario, que o Legiſta eſtude Teologia: e reſponde que nam: *Nam omnia in corpore Juris invenuntur.* Famozo livro deve ſer eſte das-Leis! Mas aindaque ele compreendèſe, o direito Canonico; é certo, que nele nam ſe-acha a Teologia, Filozofia, Matematica, &c. onde vem ſempre a dizer uma falſidade. *Gotofredo* explica aſim: = *Quia conjuncta fuit olim Juris divini, & humani ſcientia.* Se diſeſe, *Juris divini, & humani notitia*, poderſeìa perdoar a *Ulpiano*: mas nam ſe-pode perdoar o dizer, *Divinarum, & humanarum rerum.* O bom *Vinio*, parecendo-lhe a explicaſam de *Gotofredo*, mui popular, dá uma, a que ele chama futil; mas que é pior que a popular. *Nempe hactenus res divinas, & humanas eſſe objectum hujus ſcientia, quatenus ea, cum de jure harum rerum quaritur, quid juſtum, aut injuſtum, ſit doceat.* Mas que coiza ve V. P. neſta explicaſam, que nam ſeja pior, que as antecedentes? E' melhor dizer, que Juſtiniano quiz falar, do-Direito de entam, doque querer defender, que a Juriſprudencia, ſerve para tudo. Gritarám logo os Teologos, que nam ſerve para eles, pois tem leis mais certas: gritarám os meſmos Pragmaticos legais, e diram, que ſe tudo ſe-acháſe, no-corpo das-Leis, ſeriam ſuperfluos tantos doutores, que acrecentáram limitaſoens. &c.

Niſto verá V. P. que tais ſam, as limitaſoens deſtes interpretes; e, ſe quizer abrir o dito livro, e examinálo em muitos e muitos lugares, achará o meſmo. Deſorteque um omem que ſaiba, que coiza é metodo, e intenda bem Latim; nam pode menos que rir-ſe, deſtes comentarios todos. Pois que, dirmeám, nam devemos comentar as Inſtituiſoens? e eu reſpondo, que para rapazes, nam. Somente permetiria fazer algumas breves notas, em dois cazos: um, quando ſoſe lugar oſcuro, e neceſitáſe de iſtoria; apontar brevemente a dita eruditam: porque iſto baſta ao rapaz, que tem lido a Iſtoria, e ritos Romanos. O outro cazo era, quando ſe-tratáſe de alguma lei velha, que ja nam eſtá em uzo, ou que ſe-acha revogada, por-outra Civil, ou Canonica; advertilo brevemente, em uma nota. Iſto baſtava: e deſta ſorte ſe-intenderiam bem as coizas, e em menos tempo. Onde concluo, que o principiante deve fugir, de todos os comentarios: e ler a primeira vez, as Inſtituiſoens: na ſegunda, notar no-ſeu caderno, em que tenha diſpoſtos os titulos delas, as coizas que apontamos: proguntando ao meſtre, quais ſam as leis revogadas &c. E quando nam tiveſe ocaziam, de lho-proguntar; só em tal cazo, e com algumas cautelas lhe-permetiria, ler o mais curto expozitor: e ſomente no-dito ponto. Nos-ſeguintes anos, quando ja o eſtudante é adiantado; entam pode ler um expozitor, que, alem do-dito, rezolva algumas queſtoens, que naceem do-texto: e proponha todas as limitaſoens &c. porque um omem adiantado, quando abre um livro, ſabe o que deve buſcar, e deixar: mas um rapaz confunde-ſe, com aquela machina de coizas. Digo porem, que ſeria mui neceſario, que algum omem douto, regulando-ſe polo *Heinecio*, deſpojáſe o *Vinio*, de todas as futilezas, e ſuperfluidades que tem: deixando-lhe uni-

unicamente, as notas dos-lugares oscuros: e apontando, como digo, algumas queſtoens utis para o foro. Deviam porem advertir aos rapazes, que as ſimplezes *notas*, ſam para eles: e que as *queſtoens*, ſam para os adiantados: porque as coizas claras, nam tem neceſidade de explicaſam: e as que ſam neceſarias para o foro, baſta que ſe-apontem, em breve. Pois é certo, que nenhum Advogado ſe-contenta, com a noticia que dam as Inſtituiſoens, ſem ir ver os outros interpretes do-Direito, ou Tratadiſtas, ou Conſulentes.

Eſte é o defeito principal que eu acho, em todos os Juriſconſultos, falta de metodo. Nenhum facilita a inteligencia, das-coizas que trata: nenhum ſe-contenta de dizer pouco, contantoque diga bem: todo o ponto eſtá, em acarretar erudiſam, e amontoar textos; ſem pés nem cabeſa. Como ſe para um omem ſer bom Juriſta, tiveſe neceſidade, de ſaber quantos textos ſe-acham, no-direito Civil, ſobre a meſma materia! Iſto é o que ſe-tem procurado emendar, no-ſeculo prezente: diſpondo as coizas de maneira, que ſirvam a todos. E iſto é aquilo meſmo que, em quanto nam aparece um bom livro, deve enſinar aos dicipulos, um meſtre douto, e que verdadeiramente ame, o bem do-Publico. Seria muito melhor, que nas eſcolas, quando explica as Inſtituiſoens, trouxèſe o leitor de caza um caderno, com as notas neceſarias, e que o-ditáſe aos principiantes: e eſtes, eſcrevendo as ditas notas, evitariam o trabalho, de abrir livros que nam intendem, e fariam grande adiantamento. Neſte particular, nam poſo deixar de louvar, o *Heinecio*. Eſte Juriſconſulto compoz uma breve parafraze, de todas as Inſtituiſoens, com algumas notas breviſimas, e beliſimas. compoz alem diſto, as antiguidades Romanas, neceſarias para intender as Inſtituiſoens, ſeguindo a meſma ordem dos titulos: ſam 2. tominhos em 12. compoz a iſtoria do-Direito, e alguns opuſculos beliſimos. E qnem nam tiveſe lido a iſtoria Romana, ou do-Direito; podia em cazo de neceſidade, aproveitar-ſe deſtes livros; que ſam famozos, para as dificuldades.

Tendo pois o eſtudante intendido, que as Inſtituiſoens ſam um compendio, do-que ſe-contem nas Pandetas, e Codigo; que é o meſmo que dizer, de quazi todo o corpo do-Direito: deve notar juntamente, quais ſam os titulos do-Direito, que ja nam eſtam em uzo, para os-deixar: porque é tempo perdido, eſtudar coizas, que nam ám-de ſervir. E deve juntamente notar, quais ſam os mais famozos, de que dependem, ou para os quais ſe-reduzem, os outros. Para fazer iſto é neceſario, que abra os Digeſtos, e Codigo, e leia brevemente, os titulos das-Leis: nam só para conhecer, quais deve eſtudar; mas tambem para ſaber, em que livros ſe-acham, para podèlos buſcar, nas ocazioens. Nam digo, que leia tudo: mas que buſque um autor, que brevemente exponha tudo iſto, ſegundo a ordem dos-Di, eſtos &c. e neſte compendio, obſerve o que digo, e ſe-enfarinhe no-metodo, e ordem das-Leis: o que ſervirá de Prolegomeno para eſtudar, os tratados particulares. Eſta noticia pode-ſe alcanſar, em dois mezes: e para iſto pode ſervir, o *Sebaſtiam Brant*,

Brunt, que é um livro em 12. impreso em Veneza em 1584. e despois, em outras partes: em que traz o rezumo dos-titulos, de ambos os Direitos: ou algum semelhante. Pode tambem servir muito, o *Daniel Venatorio*, que faz a Analize Metodica, do-Codigo, e Pandetas. Quem intendèse o Francez, podia servir-se de M. *Domad*, que poz todas as leis, na sua ordem natural e metodica: sam 2. v. folio. Ele faz reflexoens tam judiciozas, e acomodadas ao cazo, que nam me-lembro de as-ter lido, em nenhuma outra parte. Seria mui util, que o estudante compuzese por-si mesmo, hum rezumo dos-ditos titulos: reduzindo a uma pagina; a suma de cadaum deles: pois desta sorte imprimem-se na memoria, sem grande trabalho. Porque ja dise a V. P. e nunca me-cansarei de o-repetir, que ler sem a-pena na mam, e sem fazer rezumos, do-que le; é o mesmo que nam querer, saber coiza alguma. Estes mestres, que compuzeram estes livros, por-que nós oje lemos, confesam sinceramente, que os-compuzeram, para seu uzo: mas que ao despois, achando-os bons, os-publicáram. A experiencia tem mostrado, que só quem escreve o que le, é que o-intende, e se-lembra. Parece-nos muitas vezes, lendo um autor, que o-intendemos: mas quando queremos reduzir a duas palavras, o que diz, entam é que conhecemos, o noso ingano: e reconhecemos, que nam intendemos, o que quiz dizer. Com este metodo, muitos omens de pouca memoria, chegáram a ser, grandes Jurisconsultos: e deste numero foi *Bartolo*, que fazia rezumos de tudo, como diz o *Boissard*, *in Iconibus*. Mas este metodo, é totalmente ignorado, em Portugal. Nam digo somente dos-rapazes, mas ainda dos-mestres nam á quem o-faza: e conheci alguns destes, que nem menos fizeram postila; mas serviam-se de outras velhas. O estilo comum é este, ler e ler muito: e por-iso se-sabe mui pouco, e com muito trabalho. Onde digo a V. P. que devemos cuidar com empenho, em persuadir isto, aos rapazes.

Quando o moso vai lendo, pode notar, os que sam de maior utilidade, e por-lhe um final; para se-aplicar a eles, com o tempo. Mas o principal ponto está, em reduzir as Leis, à sua ordem natural; como deviam ser dirigidas, se a cazo *Triboniano*, e seus companheiros conhecesem, (que certamente nam conhecèram) aquilo a que nós chamamos, *Metodo*. O que nam se-acha, nos-livros do-Direito; pois em diferentes partes, e com bastante interrusam, se-trata da mesma materia. Onde, para formar verdadeira ideia, do-Direito, e estudar o que deve, deixando o que nam deve; é necesario ao estudante, nam só fazer o rezumo dos-livros; mas em outro caderno separado, fazer o seu index dos-tratados, e titulos, polo estilo que dizemos: o qual sem duvida alguma ajudará muito com o tempo, para reconhecer a coerencia, ou antinomia das-Leis. E se neste index notar, a diversidade das-Leis, e se sam, ou nam corretas &c. poderá fazer uma obra, mui util para a Cadeira, e para o Foro. Torno a dizer, que isto é um prolegomeno: e que quando muito em cinco mezes, se-pode completar: ou ainda em menos, se o estudante tiver um mestre, que o-ajude, e a quem o-queira proguntar. Mas

Mas aquí é necesario, que o estudante advirta algumas coizas, que comumente advertem, poucos Jurisconsultos. Deve pois persuadir-se, que esta Jurisprudencia, e estes livros do-Direito, nam merecem todos aqueles elogios, que verá nas glozas, e alguns interpretes, que se-oferecem. Sam bons, é verdade: tem muito boas regras, para conhecer o *justo*, e *injusto*: mas tem tambem muitos defeitos intrinsecos, e extrinsecos. Quem nam fórma este conceito, das-leis Romanas, engana-se muito, e nam é bom para julgar. Por-mais de seiscentos anos, que os Jurisconsultos explicam estas leis, rarissimo antigo se-tem achado, que confese plananente isto: algum mais moderno, especialmente os Tudescos, é que o tem confesado sinceramente, como diz o *Multzio* (1). Antes polo contrario, como asima dise, todos os velhos defendem, a bondade destas leis, para julgar tudo. Um amigo meu respondeo a estes argumentos, e mostrou, que alguns tinha.

O primeiro defeito intrinseco consiste, nas mesmas leis, que nam exprimem claramente, a mente do-legislador; desorteque sam sugeitas, a mil interpretasoens: ou porque nam se-intende bem, o Latim, ou por-outras razoens. E isto sucede tambem, nas leis municipais. A sutileza do-Jurisconsulto examina, cada palavra, silaba, virgula, ponto, para saber o que ele dise: e em lugar de se-declarar o negocio, confunde-se com estas disputas. O segundo defeito é, porque as leis nam acautelam, todos os cazos poliveis, que sam muitos: de que naceram tantas excesoens, e limitasoens, que os Juristas dam a muitas leis, ou deduzidas de outras leis, ou da-boa razam. E aqui abre-se a porta, a mil interpretasoens: pertendendo uns, que uma asám vestida de certas circunstancias, se-compreenda na determinasam desta lei: e negando-o outros. O terceiro defeito consiste, em que nam bastam elas, para descobrir, e interpretar, a vontade dos-omens: a qual se-tira dos-fatos, ou das-palavras dos-tais omens: depende da-ignorancia, ou ciencia dos-notarios, que escrevem os testamentos, doasoens &c. E' coiza mui dificultoza, descobrir isto: e sempre ouveram, e averám demandas, sobre contratos, fideicomisos, sustituisoens, e outras determinasoens dos-omens: para o que nam basta, todo o corpo das-leis Romanas. O quarto defeito provèm, das-diferentes ideias dos-doutores, e juizes, que as-explicam. Sam sugeitos os omens, a mil incoerencias, contradisoens, inganos &c. tem ideias gerais do-*justo*, e *injusto*: mas quando as-devem aplicar, aos cazos particulares, acham-se embrulhados: muito mais se estas, dependem da-intensam dos-outros; para descobrir a qual, nam á regra certa. Diversificam muito os doutores, sobre o mesmo ponto. Os mesmo juizes de um só tribunal, uns afirmam, e outros negam: aindaque cadaum tenha bem examinado, a cauza. O pior é, que o mesmo

(1) *Multi de Jure Romano e finibus Germaniæ expellendo: alii de illo in ordinem, & compendium redigendo, novoque corpore Juris formando cogitarunt. Quorum sententia utinam obtineret.* Repræsent. Maest. Imperial. *p.* 2. *c.* 1. §. 6.

meſmo tribunal revoga às vezes, o que primeiro tinha determinado. Iſto confeſa no-ſeu *Doutor Vulgar*, o famozo Cardial *de Luca*; ſuceder ainda na Rota Romana, que é o mais acreditado tribunal, do-mundo: = *Ainda os tribunais grandes, e primartos: onde o juiz de uma inſtancia revoga aquilo, que tem feito o juiz de outra. E ainda os meſmos juizes, ſem nenhuma alteraſam de fato, revogam aquilo, que nam ſomente uma, e duas; mas muitas vezes tem decedido* = Deſorteque ainda no-Foro, o ter tido muitas ſentenſas pola ſua parte, nam produz certeza de juſtiſa; mas ſomente, prezunſam de reto juizo. E aſim nos-cazos particulares diſputaveis, por-confiſam dos-meſmos Juriſtas, só a opiniam, é a que regûla tudo: nam á certeza alguma, que aquele tal fato ſe-compreenda, debaixo daquela tal lei. E às vezes é tam oſcura a verdade, que ſe-acháram juizes de conciencia, os quais nam quizeram julgar: mas perſuadîram a concordia, e ajuſte racionavel, entre as partes. Onde conclue o dito Cardial *de Luca* ao noſo intento: = *Poſta a dita variedade de intendimentos, a pratica frequentemente enſina, que o ſuceſo é diverſo daquilo, que os Advogados pronoſticáram, que ſucederia bem, ou mal: e ainda porque os meſmos tribunais grandes retrátam, o que tem decedido. Do-que ſe-prova, que nos-artigos legais, nam ſe-dá verdade certa, e determinada: e principalmente em materias conjeturais, e arbitrarias: porque as coizas totalmente claras, raras vezes ſe-diſputam, entre os Advogados* (1). Daqui ſe-conhece concludentemente, que a Juriſprudencia nam é aquela regra certa, *do-juſto*, ou *injuſto*, que comumente ſe-diz: mas que tem defeitos tais, que nam á induſtria, que os-poſa emendar; ſenam no-cazo que os Principes, reformaſem muita coiza.

Quanto aos defeitos extrinſecos, claramente ſe-conhecem, na qualidade dos-interpretes, que deſde que reſucitáram as leis Romanas em Italia, tudo quizeram explicar: e fizeram tais comentarios, e acarretáram tantas doutrinas, que oje ſomente deſta fazenda, acham-ſe inumeraveis volumes. Proibira *Juſtiniano* (2) aos Juriſtas, comentar as ſuas leis: reconhecendo, por-experiencia do-Edito Perpetuo de Juliano, que os comentos eram, a deſtruiſam das-leis. Mas os Juriſtas deſde o XII. ſeculo fizeram tantos, eſpecialmente no-XIV. e XV. que oje nam ſe-podem ſofrer. Como a ignorancia do-Latim, e da-Iſtoria impedia intender, os textos todos; contentavam-ſe dos-ſumarios, e das glozas, dos-que julgavam, que os tinham intendido melhor. Os meſtres nam faziam mais, que explicar um lugar do-Digeſto, ou Decreto, por-meio de outro: os dicipulos abaixavam a cabeſa, e ſomente ſe-aplicavam a executálo: tratando queſtoens ſobre as conſequencias, que deduziam dos-textos: dando conſelhos, e decizoens. Onde nam tendo dos-principios da-Etica, tirado boas conſequencias, ſomente procuravam, os ſeus particulares intereſes. Aqueles meſmos que buſcavam a juſtiſa, nam ſabiam outros meios mais, que os remedios

(1) De Luca, *Doutor Vulgar Cap. IX.*
(2) *L. Deo auctore. C. de vet. jur. enucl.*

dios particulares contra a injuſtiſa: de que nacèram tantas clauzulas, para os juizos. Nam preveniam os danos, tirando as cauzas geraes das-demandas, e delitos; que era fazer comque os Principes, propuzeſem leis certas &c. ſomente procuràram remediar, os males atuais. Deſta ſorte, quando as leis Romanas ſe-introduziram, nos-Reinos da-Europa; achando os Povos, com certos coſtumes contrarios, que nam ſe-podiam deixar; cazàram-ſe tam mal, que a Juriſprudencia ficou mais incerta, e embrulhada, doque tinha ſido, com as leis Longobardas.

Iſto porem é nada. dai para diante é que ſe-aumentáram as ſutilezas. Um levantou uma doutrina nova, ou por-capricho, ou por-neceſitar dela, para alguma eſcritura: Os dicipulos abraſaram-na: algum Advogado ſervio-ſe dela para outro cazo: e deſta ſorte, citando uns a outros, ſe-fez comua. Apareceo outro Advogado, a quem nam agradava: impugnou-a: teve ſequazes: e temos outra opiniam comua contraria. E deſta ſorte aparecèram tantas opinioens comuas, contrarias entre ſi, que é uma piedade. Iſte é o cazo que tinha ſucedido, a *Bartolo*, *Baldo*, *Raſael Fulgozio*, e outros muitos, que pecavam deſte vicio: muitos dos-quais, nam ſó por-neceſidade, mas por-ſua ſalta recriaſam, contrariavam os antecedentes: Como fez *Baldo*; que muito de propozito, cenſura em varias partes, *Bartolo* ſeu meſtre: e, para me-ſervir das-palavras de Pancirollo, (1) *Conatus eſt ipſius nomini tenebras offundere: quem ex profeſſo mordet, nec ſine contemptu quandoque nominat: & judices eum ſequentes, cæcos vocat.* Mas opior de tudo eſtá, em que muitos louváram, eſtas contradiſoens. E certamente nunca pude perdoar, a *Paulo de Caſtro*, querer deſculpar a ſuma inconſtancia de *Baldo*, em ſe-contrariar a ſi meſmo; com dizer, = *id non livitate, ſed ingenii ſubtilitate eveniſſe* =: como ſe o dizer parvoices, foſe ſutileza!

Em fim iſto chegou a termos, que oje nam ſe-ſabe, qual é a opiniam comua. *Joam Belloni*, e *Oracio Cardon*, que recolhèram as opinioens comuas degais, que corriam no-ſeu tempo; ou tambem, *Antonio Maria Corazio*, que no-principio do-ſeculo paſado, compreendeo em trez-tomos, todas as comuas; viram logo perdido, o ſeu trabalho; porque no-meſmo tempo, *Jeronimo Zenallos* Eſpanhol compreendendo no-ſeu *Speculum Aureum*, só as opiniioens comuas, contra outras comuas; nam fez menos, que quatro volumes de folha. A eſte eſtado reduziram os Juriſtas, as doutrinas do-Direito! Mas iſto é nada: os ditos Juriſconſultos, nam só fizeram das-ſuas opinioens, leis; mas mudáram eſas meſmas leis privadas, ſegundo o ſeu arbitrio. Nam queira V. P. melhores teſtemunhas, que o *Azzogoido* (2) *Communis opinio ſubjacet mutationi, ut eſt notorium. Sæpe enim contingit, ut aliqua opinio, quæ à quinquaginta, vel ſexaginta annis ſupra communiter tenebatur, deſinat eſſe communis; ſi plurimi*

(1) *De Claris leg. Interpret. p.* 202.
(2) *L.* 3. *c.* 17. *de Comm. Opin.*

timi ex sequentibus contrarium teneant =, e o Cardial Tosco: (1) = *Alia innumerabiles conclusiones similes poni possent, quas doctores miro labore ut communes, & magis communes constituunt: & tamen per directam contradictionem similium opinionum communium, destruuntur. Ex quibus constat ea, quæ opinionibus nostris consistunt, posse semper continere fallaciam; prout in exemplis: quibus uno tempore, communis opinio indubitata fuit apud antiquos, quæ hodie communiter reprobata reperitur* =. Mas se quer mais, leia *Jeronimo Zanchi*, que ja no-fim do-seculo XVI. descobrio as contrariedades, dos-principais Consulentes. leia *Paulo Francisco Perremuto*, Siziliano, que despois da-metade do-passado seculo, recolheo em V. tomos, as discrepancias, e contrariedades dos-Interpretes, Consulentes, Decizoens de Rota, e outros Tribunais.

Nisto conhecerá V. P. que incerteza, é, a do-Direito. Por-estes tratados forenses, que se-compuzeram despois das-interpretasoens, nestes dois ultimos seculos; é que estudam os Advogados, e Juizes: e constantemente defendem, que sem eles, nam se-pode saber Direito: avendo muitos que nunca abrîram o texto, senam é, para confrontar alguma lei, que opoem o Advogado contrario: o que raras vezes sucede. Mas se é certo, o que eles dizem; fica desmentida a opiniam, que o texto é bastante, para julgar de tudo. Se nam é certo, fica claro, que é grande este defeito extrinseco da-Jurisprudencia; ser tam opremida das-opinioens, e fantazias dos-seus doutores! e que isto se-deve evitar, e se-devia emendar, porquem tem faculdade, de fazer leis municipais. Bastava prescrever, quanto fose posivel, a decizam de muitos cazos, que nam estam bem declarados: obrigando os suditos, a conformar-se com eles. *Ut pro tot indigestis legum voluminibus, unum breve haberemus, & perspicuum juris compendium*: como diz o *Vernuleio* (2). pois desta sorte se-evitariam, mil demandas; e viviriam os Povos mais quietos.

Nam quero dizer, que o Juiz, ou Advogado, nam deve ler mais, que o texto: pois é sem duvida, que a experiencia mostra, que, sem a noticia de outras coizas, nam poderá no-estilo prezente, julgar de muitas daquelas leis, que foram feitas, para outro estillo: a mudansa dos-costumes, e governos é cauza, que muitos oje nam sirvam. Ja nam temos os mesmos magistrados, e oficiais publicos. Nam se-fala ja de *servos* no-mesmo sentido, de *manumisoens*, *libertos*, *libertinos*, *colonos*, *censitos*, e outras especies de agricultores: nem *de veteranos*, e outros uzos da-guerra. O *patrio poder* nam tem oje, o mesmo vigor. Tudo isto oje é inutil: e por-iso sequerem outras noticias. O que digo é, que estes Jurisconsultos devem observar, uma mediania prudente, que nam degenre nestas extremidades: e devem sempre proceder com a reflexam, que a lei comua, e toda a lei, é mui sugeita ao ingano: e isto para nam nos-inganárem, decantando a certeza, da-dita Jurisprudencia. Quanto ao Catedratico, pode mui bem servir-se, das-ditas noticias

(1) *Vrebo* Opiniones *Concl.* 152.
(2) *Instit. Politic. l.* 3. *tit.* 2. *q.* 4.

ticias; para explicar as outras leis: mas deve conhecer, que isto é mera erudisam, que se-acha tambem, em outras muitas partes: e nam dar a intender, que, sabendo todas aquelas coizas; tem a ciencia certa, de toda a justisa: ou que tem toda a liberdade para a-interpretar, como lhe-parece. Tratou esta materia eruditamente *Filipe Lietneo*, em um livro intitulado, = *Defensio Justinianea, hoc est, Demonstratio errorum hujus saculi Jurisconsultorum; qui sub pretensa legum interpretatione, & vera lectionis restitutione, Jura Casarea corrumpunt, mutilant, depravant* =. Com efeito pode o Jurisconsulto, em algumas circunstancias, separar-se do-rigor das-Leis, pois as circunstancias o justificam: mas nam deve encher a Lei, de tantas excesoens, restrisoens, e ampliasoens, nacidas da-demaziada sutileza: o que nam só tem feito os Interpretes, mas pior ainda os Tratadistas, e pesimamente os Consulentes. Deve alem diso intender, e confesar o Jurisconsulto, que nas leis de Justiniano, acham-se muitas injustas, em alguns cazos, ou em todos: entre as quais nam é a menor, aquela que ordena, que percam a eransa os erdeiros, *quos necem testatoris inultam omisisse constiterit* (1). O que deu motivo a um douto Jurisconsulto, (2) de escrever os defeitos, da-moderna Jurisprudencia: para acautelar os Juristas, e mostrar, que Justiniano, entre tantas coizas boas, tem muita repugnancia, superfluidade, e coizas que necesitavam de reforma.

Estas noticias e reflexoens sam mui necesarias, a quem se-deve engolfar, no-mar do-Direito: para nam se-deixar arrebatar, da turba dos-doutores, e coizas que eles dizem. E é sem duvida, que quem assim conhece, o corpo do-Direito, e ordena primeiro as suas ideias; acha menos dificuldade nas materias, a que se-aplica. Deve pois o estudante nos-seguintes anos, comesar a ler, algum destes tratados famozos. Aconselho, que comèse polo *de Contractibus*, que compreende a maior parte do-Direito util, para o Foro: reduzindo ao dito, todos os contratos, debaixo dos-seus titulos: e compendiando em poucas palavras, o que estuda. Despois, *Ultimas vontades*, *Sustituisoens* &c. Nam tem o estudante necesidade, de acumular textos: uma ou duas leis, bastam para prova, se sam *in terminis*. Se o cazo o-pedise, podia notar um ou dois interpretes dos-melhores, que a-confirmasem: e apontar brevemente os argumentos, com as suas respostas: o que se-pode fazer, na metade do-segundo ano, até o quarto incluzivamente. E aqui pode servir-se, de algum Dicionario Juridico, para intender os termos de que duvidar, (o que está sucedendo, ainda a omens grandes) e as formulas: para o que podem servir, os Dicionarios de *Joam Calvino*, ou *Schardio*.

No principio do-quinto ano deve o estudante, ler o direito Portuguez,

(1) L. 1. *ff. de His quibus ut indignis hareditates conferuntur.*
(2) *Philippus Burcardus* = *De hodierna Jurisprudentia navis, & remediis.*

ou as leis municipais: notando as coizas, em que diverſifica do-Comum. Sem duvida é digno de admiraſam, que ſaiam os omens das-Univerſidades, falando muito nas leis de Juſtiniano, que só ſervem, faltando a lei municipal; e nada ſaibam daquela lei, porque ſe-ám-de governar! Iſto é o meſmo que um Teologo, o qual, deſpois de doutorado, ſaiſe das-eſcolas, ſem ſaber os preceitos gerais, da-lei Divina. As leis municipais ſam ſugeitas, a varias interpretaſoens, como as Romanas: e porque nam enſinará um leitor na Univerſidade, aos que querem ſeguir o Foro, a melhor inteligencia deſtas leis, e mais ſeguida, e mais conforme às decizoens, dos-tribunais ſupremos? Negar iſto, é moſtrar que ſe-ignora, a utilidade que daqui rezultaria ao publico. Muito bem a-conhecem, em outros Reinos eſtrangeiros, em que ſe-eſtabelecèram cadeiras, do-Direito municipal. O que eſpecialmente fez Luiz XIV. em Franſa: cuja memoria ſerá eterna, na republica Literaria. Sendo admiravel naquele grande omem, que paſando toda a ſua vida ocupado, em trabalhoziſimas guerras, nam ouve Rei algum no-mundo, que igualmente promovèſe o comercio, e as letras: pois só ele fundou mais, e mais utis Academias, que os antecedentes todos, e as melhores, que ſe-vejam na Europa. Emfim eſte eſtudo, tambem ſe-deve fazer, na Univerſidade: e talvez que aſim ſe-poupaſem muitas demandas, que nacem, da-ignorancia da-Lei. O reſtante do-ano deve ocupar, em fazer atos: os quais reduziria a trez, em cadaum dos-quais foſe obrigado o eſtudante a compreender um numero determinado, de concluzoens principais, das-materias que tem eſtudado, e compreendeſem 9. Nos-primeiros, deviam argumentar-lhe em fórma: no-ultimo, fóra da-fórma fazer-lhe proguntas, ſobre alguma coiza das-leis municipais, e outras coizas de pratica. Eſte metodo parece-me mais útil, doque propor um só ponto, tirado de um texto, que às vezes é tam ſafado, que o Bedel é capaz de o-defender. v. g. falando do-Direito Canonico, = *An Monachus poſſit eſſe procurator, in cauſa ſui Monaſterii*: = *An Abbatiſſa poſſit conferre, ordines minores* &c. Outras vezes ſaie um texto dezudado, e que de nada ſerve. Onde, nunca me-agradou eſte metodo. E muito menos, aquilo da-liſam de ponto, que nam ſerve de diſtinguir o ignorante, do douto; que é o fim dos exames: antes polo contrario, nam á coiza mais propria, para confundir o douto, com o ignorante, doque fazer que iſto dependa, de um ato de memoria: como a experiencia todos os dias moſtra. Acabado iſto, darlhe-ia o grao de Bacharel, ſem mais outras arengas. Os que ſe-quizeſem doutorar, o podiam fazer, no-ſeguinte ano; fazendo concluzoens em duas, ou trez das-melhores materias de Direito: e acabadas elas, dar-lhe o grao, ou quando muito, no-ſeguinte dia. Eſte ato deveria conſiſtir, em uma oraſam Latina, feita polo lauriado, em algum ponto de Direito. Deſpois dos-juramentos, uma oraſam breve, em louvor do-lauriado, e dar-lhe o grao. Aqueles Exames privados, Veſperias, e outras coizas deſtas, ſam atos de amofinar a paciencia; e nam dam doutrina: e, falando ſem paixam, ſam arengas dos-

velhos,

velhos, que examinadas de vizinho, nam ſignificam nada. Com todas eſtas arengas, nam á ignorante rico, que querendo-ſe doutorar, nam ſe-doutore. Onde quererem-me dizer, que ſervem para provar, a doutrina dos-lauriados; é moſtrar, que tem muita ſinceridade, ou quem nam intendem bem a materia. E iſto dos-atos ſe-deve intender, tanto no-direito Canonico, como no-Civil.

Mas eu ſuponho ja o meu eſtudante, graduado. Se ſegue a Univerſidade, pouco tenho que lhe-advertir: deve ſeguir o metodo que lhe-propuz, internando-ſe bem na noticia, de todas aquelas coizas, e na antiga erudiſam; para ſaber explicar do-melhor modo, os textos; e reſponder aos contrarios &c. Para iſto quer-ſe noticia fundada da-Iſtoria, e da-lingua Latina, e Grega: pois ſem eſta erudiſam, ſerá ſempre dicipulo, que le polos outros, mas nunca meſtre, que deſcubra por-si, ou intenda bem, os que deſcobriram o ſentido das-Leis. Deve eſcrever os tratados de Direito, como apontamos: e por-ſe em eſtado de enſinar, nam só a eſpeculaſam ſeca, mas a doutrina util, para a pratica, que é o fim da-Lei: e tudo iſto, polo metodo mais facil, que pode ſer. Porem, deixando eſte na Univerſidade, acompanharei o outro até o Foro. Digo pois, que tanto o Advogado, como o Juiz, deve-ter grande fundamento e erudiſam da-pratica: nam por-ceremonia, como fazem muitos Juizes; que ſabem menos diſto, que os eſcrivaens: mas com todo o cuidado: viſtoque dela dependem, os judicatos. O metodo mais natural, ſegundo o que intendo, e tenho viſto, é eſte.

Deve eſcrever o eſtudante, o compendio da-*teia Judicial*: pondo em poucas palavras, o modo de introduzir os juizos, e ordenar, e proſeguir as cauzas. Eſte é o prolegomeno, que ſe-deve fazer, no-Eſcritorio do-Advogado. Deſpois, exercitar-ſe na pratica, quatro anos: para fazer ſofrivelmente, a ſua obrigaſam. Neſte particular, nunca me-agradou, a pratica deſte Reino: porque acoſtumado a ver em Roma, que é a melhor eſcola da-Judicatura, e Avocatura, (como tambem nas principais Cidades de Italia, em que ſe-obſerva, com pouca diferenſa, o meſmo eſtilo) outra pratica totalmente diferente, e mais racionavel; ſempre olhei para eſta, com deſgoſto. Para evitar repetiſoens, eu a-direi em poucas palavras: e V. P. fára a aplicaſam.

A Avocatura em Roma eſtá dividida, em duas peſoas. A um, chamam *Procurador*, ou *Curial*, que eſcreve as razoens *de facto*: faz as citaſoens: introduz, e ordena o juizo: vai aos contraditorios, e informaſoens diante do-Juiz &c. A outro, chamam *Advogado*, o qual ſomente nas cauzas maiores eſcreve, e eſcreve *in Jure*: dizendo, o *quid juris*. Deſorteque, as eſcrituras vam de caza do-Procurador, para o Advogado: o qual faz a ſua eſcritura ou arrezoado, ſupondo o fato ja expoſto. O modo de fazer a eſcritura, é eſte. Expoem o Curial todo o fato: e prova-o o melhor que pode, com as razoens de fato, que confirma incidentemente, com alguma Lei, ou regra de Direito &c. Deſpois, faz outra eſcritura ſeparada, a que chamam *Sumario*. a

qual nada contèm mais, que as depoziſoens das-teſtemunhas, e documentos da-demanda, diſpoſtos por-numeros: deſorteque na *Eſcritura* remete, quando é neceſario, aos numeros do-*Sumario*. O que fazem para nam confundir, a ordem das-razoens, com a introduſam dos-documentos: pois quando o Juiz as-quer ver, guiado polos numeros que ſe-citam, pode ver ſe diz, ou nam aſim. As deſpoziſoens originais e autenticas, ficam na mam do-eſcrivam, paraque ambas as partes as-poſam ver: a copia é a que vai á mam, dos-Advogados, e Juizes. Tudo iſto ſe-faz em Latim: ſomente as depoziſoens ſe-conſervam, na lingua da-teſtemunha: porque em Roma os inſtrumentos, citaſoens, mandados de prizam, e tudo o mais do-juizo, é em Latim: e os que levam as citaſoens, a que chamam *Curſores*, intendem-no bem. E aqui incidentemente advirto, uma circunſtancia. Cada porta da-rua de Roma, ſem excetuar os Palacios grandes, tem uma rotura pequena, e detraz dela uma caixinha fechada, que ſerve para as citaſoens. Os eſcrivaens dam aos curſores, em uns papelinhos pequenos, as citaſoens, que devem fazer: e eſtes de noite vam com as ſuas lanternas, polas partes que lhe-dizem, e vam metendo as citaſoens, naqueles buracos. No-ſeguinte dia o curſor faz a fé, de ter citado; e ſem mais arengas, o omem é citado, e ſe-reputa tal. Se o omem tinha mudado de caza, ou nam ſe-lembrou a primeira vez, de tirar a citaſam; recorre ao Juiz, que o-reſtitue *in integrum*, e o-obriga aſinar, domicilio certo. Comumente quem foi citado a primeira vez, elege diante do-eſcrivam o ſeu domicilio, em caza do-ſeu *Procurador*: e dali em diante, todas as citaſoens vam, a caza do-*Procurador*.

Mas tornado ao *Procurador*, ſe a demanda é trivial, ele ſomente aproſegue, ſem *Advogado*: ſe é maior, vai ao *Advogado*, para eſcrever em Direito. Se a cauza á-de ir, diante de um só Juiz, (o que só ſe-pratîca nas cauzas pequenas, ou na primeira inſtancia; porque deſpois, vai aos tribunais Colegiais, quero dizer, de muitos juizes: e ainda algumas pequenas por-apelaſam) vai ſomente manuſcrita. Se ſe propoem em tribunal maior, imprimem-ſe todas as eſcrituras, duas do-*Curial*, e uma do-*Advogado*. Cada *Curial* litigante diſtribue as eſcrituras, polos Juizes do-tribunal, quatro dias antes, que ſe-julgue: e vai informar em dia determinado, os Juizes, ſobre a ſua cauza: e ſe é neceſario, porque a cauza o-peſa, vai tambem o *Advogado*. Todos os Juizes no-meſmo dia votam: e deſta ſorte em poucos dias, ſe-acaba a cauza. Quando o Relator na Rota v. g. recebe as eſcrituras, de ambas as partes, no-meſmo dia as-comunica, aos adverſarios. v. g. A Rota ajunta-ſe na 2. e 6. feira: na noite da-2. diſtribuem-ſe as eſcrituras: e no-meſmo dia cadaum dos-litigantes tem, a da-parte contraria: e cadaum faz a reſpoſta, que imprime na 3. porque na 4. quando muito, pola menhan, ſe-deve dar aos Juizes, que ám-de julgar na 6. No-meſmo dia cada litigante ve, a reſpoſta do-contrario. Se tem ainda que replicar, falo em uma menhan; e leva-o logo ao Juiz, para lhe-dar lugar a examinálo. E tem eſtes omens tal uzo, e

faci-

facilidade de eſcrever, e reſponder, que às vezes em 24. oras, fazem os *Advogados* eſcrituras tais, que em outro Reino, pediriam trez, mezes, para as compor. Para facilitar iſto, á uma imprenſa grande, que é obrigada, imprimir todas as eſcrituras, a qualquer ora que lhas-levam. E eu ſou teſtemunha de viſta, que uma vez levou um amigo meu, uma grande eſcritura, às nove oras da-noite de Inverno, e pola menhan eſtava impreſa. Tambem para evitar diſputas, o preſo das-eſcrituras eſtá taxado: por-cada 1500. reis de *eſcritura*, e 1600. do-*ſumario* (falo da-moeda Portugueza) é obrigado o impreſor, dar ſincoenta folhas impreſas papel e tudo: dali para ſima, quem quer mais eſcrituras paga por-cada folha 6. reais. E todas eſtas eſcrituras, que ſe-ám-de propor nos-tribunais, imprimem-ſe, ſem revizam alguma.

Neſte eſtilo que apontei, verá V. P. as infinitas utilidades, que tem todos. Aquilo de eſcrever tudo em Latim, ſerve de tal exercicio, para conhecer eſta lingua; que nam á rapaz dos-que ajudam aos *Curiats* que nam eſcreva mais facilmente Latim, doque eſcreve um grande *Advogado* de Lisboa. Os eſcrivaens, a que lá chamam *Notarios*, ſabem correntemente Latim, porque todos eſcrevem em Latim: e iſto é coiza mui louvavel. Os meſmos beliguins o-intendem, porque os mandados todos, ſam em Latim. Em ſegundo lugar, o eſtilo de citar, è mui facil para ambos os litigantes: ſem ſer neceſario, eſperar mezes, como aqui ſucede às vezes, para citar um omem; que ou ſe-nega, ou ſe-eſconde. Quando em Roma ſe-expede, o mandado de penhora; cita-ſe o omem, para eſtar em caza, e ter a porta aberta: e nam o-fazendo, arromba-ſe a porta, e toma-ſe o que ſe-acha. É tambem iſto é util ao publico, para evitar inganos. O impremir as eſcrituras, é mui util, para os que litigam, porque lhe-poupa dinheiro: e para os que julgam, porque nam eſtam ſugeitos, ao mao carater de um eſcrivam, que eſcreve de modo, que nam ſe-intende, nem ſe-podem diſtinguir as autoridades: pois é tal a confuzam, que aborrece ao Juiz, ſomente o conſiderálo. Polo contrario, a imprenſa reduz a poucas palavras, os feitos: convida a examinar as razoens: e facilita a expediſam das-cauzas. E ninguem duvîda, que diſto depende, o bom ſuceſo delas. Onde perſuado-me, que ſe em Lisboa ſe-introduziſe iſto, nas cauzas que vam à Relaſam, ou qualquer outro tribunal Colegial; todos experimentariam a utilidade. A meſma diſpoziſam da-eſcritura, em qne as coizas eſtam diſpoſtas, em claſes ſeparadas, com ordem e metodo clariſimo; ajuda ſem duvîda ao Juiz, a reconhecer o merecimento da-cauza: pois ve logo, em que ſe funda; e ſe reſponde bem: e pode com facilidade reconhecer, e pezar cada razam ſeparadamente. E eſtes dois ultimos pontos, ſam ainda mais neceſarios em Portugal, doque o eſcrever Latim: porque iſto, pode ſer ornamento: aquilo, é neceſidade da-cauza.

O deſtribuir as cauzas, por-muitos Juizes, para votarem no-meſmo dîa; é bem claro, que á-de facilitar muito, a concluzam das-cauzas. Coſtuma a Rota (que é um tribunal de XIII. Prelados) dividir-ſe em turnos de quatro,

fóra o Relator; porque eſte nam vota. Cada turno vota na ſua cauza. Se os votos ſaiem empatados, ſaie o decreto: *Videat quintus, & ſextus.* Se acazo ainda aſim empatáram, ſaie o reſerito: *Videant omnes, etiam Ponente*: porque ſendo XIII. por-forſa ám-de dezempatar. Se o reo ſe-queixa, da-primeira ſentenſa, e diz, que tem mais que alegar; permite a Rota, *Ut iterum proponatur*: e ſe-propoem ſegunda, e terceira vez: porque a Rota nam nega audiencia a ninguem, em quanto tem novas razoens, que alegar. Nam é crivel, quanto ſe-examinem deſte modo as cauzas bem, e com quanta facilidade: porque vem-ſe as razoens, em que cada Juiz ſe-funda: e às vezes ſucede, que um muda de parecer, no-meſmo tribunal. Os juizes levam os ſeus votos eſcritos de caza, e os-entregam ao Relator: o qual, quando ſe-dá a ultima ſentenſa, eſcreve a decizam do-tribunal, e os motivos que tiveram os Juizes, para ela. Eſta decizam imprime-ſe logo: e eſtas ſam as celebres *Decizoens de Rota*, que ſe-publicam cada ano. Se a cauza é terminada, na conformidade das-ſentenſas; expede-ſe logo a ſentenſa: quando nam, emanam otras decizoens.

Cá em Portugal, o feito vai de caza de um *Advogado*, ou *Juiz*, para a caza dos-outros: e cadaum o-demora, quanto tempo lhe-parece: às vezes o feito é tam grande, que é neceſario um mariola. Iſto só mete medo ao Juiz, ou a quem o á-de ler: o qual faz o poſivel, polo ler com todo o ſeu vagar, e o mais tarde que pode. Muitas vezes o Dezembargador, tem tanto que fazer, que pede ajuda: e lhe-aſinam um eſtravagante. Nunca ſucedeo iſto na Rota Romana: na qual porem ſentenceiam-ſe cauzas, nam só de um Reino, mas de todo o mundo Catolico: porque a diſpoziſam do-tribunal, e o metodo dos-Juizes é tal, que nos-dias determinados, ſe-dá reſpoſta a todas as cauzas, que ſe-recebèram. Tambem advirto, que a Rota uza outra cautela mui util, para evitar arengas. Da-ſentenſa de um Juiz ſubalterno, poſo apelar para a Rota, dentro em dois anos: deſpois, *tranſit in rem judicatum.* No-primeiro, elejo o Relator, e peſo a liſenſa. Permitem-me o ſegundo, para recolher os documentos da-cauza. Feito iſto, nam me-é licito propor, o que me-parece: mas diante do-*Relator*, aparecem os dois *Procuradores*, ou *Advogados* contrarios, e concordam na queſtam, que ſe-á-de propor. Se acazo nam podem concordar no-artigo, a que chamam *dubio*; ou a materia é oſcura, e diſputavel; propoem-ſe na Rota a queſtam: *An, & quomodo proponendum ſit dubium, in cauſa N.?* e a Rota plena, examinando os documentos da-cauza, determina, que *dubio* ſe-á-de propor: e deſte nam podem ſair, os litigantes. Eſta cautela é mui neceſaria: pois nam é permetido às partes, fazer queſtoens eternas, reſucitando todos os dias, novas dificuldades, e paſando tempo infinito, ſem ſaberem que coiza diſputam. Nos-outros tribunais, obſervam com pouca diferenſa, o meſmo eſtilo. Ora peze V. P. bem eſtas razoens de uma e outra parte, e veja qual metodo é mais util, qual mais louvavel; ſe o de Portugal, ſe o de Roma. Sobre as apelaſoens,

para

para conhecer se tem; ou nam tem lugar, nam se-recorre a Rota, mas a outro tribunal separado, a que chamam *Signatura de Justiça*: o qual somente examina, se nesse ou naquele cazo tem, ou nam lugar, a pelasam: e, tendo, remete-a ao seu tribunal competente.

Tendo asim exposto, o que pertence ao metodo dos juizos, decerei ao ponto, que queria rezolver; que é, sobre o estudo da-pratica. Digo pois, que os moços que em Roma saiem das-escolas, vam a caza do-*Curial*, onde se-aprende melhor, a pratica: e ali estudam primeiro nos-livros, que ensinam a pratica. Despois, exercitam-se indo fazer as informasoens, e contraditorios, para intender tambem, os rescritos dos-Juizes. &c. O *Curial* costuma tomar, para seu ajudante do-estudo, um destes mosos mais adiantados; quando tem já trez, ou quatro anos de pratica. Este vai fazer os contraditorios, e as coizas que o mestre devia fazer, fóra de caza: porque tendo estes omens, muitas coizas que fazer, nam podem abranger a tudo. Onde ficam em caza escrevendo, e somente vam a algumas informasoens mais graves: o mais faz o seu ajudante. O mesmo ajudante quando está em caza, estuda as cauzas, e compendeia os feitos, paraque o *Curial* ache a materia, e documentos todos dispostos; para poder compor com facilidade. O ajudante é obrigado, vir pola menhan, e à noite: porque o estudo comesa meia ora despois da-avemaria, até às quatro e cinco horas despois da-avemaria:o que principalmente sucede, no-inverno. Este ajudante tem de salario cada mez, trez, ou quatro mil reis; ou mais, segundo a capacidade: isto, é para o-animar. Com o tempo faz-se omem capaz, e chega a ser *Curial*; e, faltando um, outros entram no-seu lugar.

Os que nam querem ser, ajudantes do-*Curial*, despois de bastante pratica, vam para caza do-*Advogado*, e lá se-exercitam. O ajudante de estudo do-*Advogado*, (que costuma ser, um moso que sabe) nam vai às informasoens &c. porque iso pertence, ao *Curial*: somente se-ocupa, em fazer escrituras. Costuma o dito, ler primeiro a cauza, para informar o *Advogado*: e compoem uma escritura imperfeita, a que chamam *Silva*, em que poem a concluzam, e despois todas as autoridades, que pode achar, para provar a dita. Feito isto, o *Advogado* escolhe, o que lhe-parece melhor: e dita a escritura ou arrezoado, ao escrevente. Muitas vezes o ajudante sabe tanto, que ele mesmo faz muitas escrituras, das-mais pequenas; e o *Advogado* nada mais faz, que asinálas. Este ajudante tambem tem paga, segundo o merecimento: os outros que frequentam o estudo, nam tem nada; porque estudam para aprenderem: e o *Advogado* serve-se deles, para algumas coizas mais facis &c.

Por-estes bancos correm todos, os que querem ser *Advogados*, ou *Juizes*: porque sem esta pratica, nada podem saber: e com ela, em quatro anos sabem mais leis, doque com o estilo de Portugal, em vinte. Todos os *Prelados*, e *Juizes* tem o seu ajudante de estudo, a quem comumente dam, dez mil reis cada mez: outros dam mais, segundo o trabalho. Os *Auditores de Rota*, alem do-*Ajudante*, tem mais dois, que chamam *Secretos*, que comumente nam

sam

ſam pagos; mas ſervem para eſtudarem as cauzas, e fazerem os votos: dos-quais ſe-ſerve o Juiz, e com iſto ſe-alivia do-pezo. Deſorteque quando uma coiza ſe-propoem, em Rota plena, nam ſe-deve dizer, que a-examináram treze Juizes; mas 52. Juizes: alem dos-Patronos, de ambas as partes litigantes. Pola qual razam, ſam tam eſtimadas, as decizoens de Rota. Todos os que ſervem na Rota, devem ſer omens praticos, e que tenham ſido *Ajudantes* de *Advogados*. Eſpecialmente o *Ajudante de Rota*, é um omem conſumado: e ali ſe-aprefeiſoa mais: pois no-fim de ſeis anos moſtra a experiencia, que naquele tribunal ſe-diſputam, as materias todas, de ambos os Direitos: e nam uma só vez, pola abundancia das-cauzas, que ſe-propoem. Por-iſo os que querem aquiſtar credito, e conhecimentos, para ſerem *Advogados*, procuram ſer *Ajudantes de Rota*. Pertence ao dito, compor as decizoens: por-cadauma das-quais, lhe-dam trez mil reis: e lhe-fruta, alem dos incertos, trezentos mil reis cada ano. Quando um parte, entra em ſeu lugar, um dos-*Secretos*: e deſta ſorte ſe-conſerva a gerarchia.

Eſte em breve, é o eſtilo de Roma, polo que reſpeita ao noſo cazo. Nam quero agora diſputar, ſe é melhor, ou pior, que o de cá: iſo examinará V. P. o que digo é, que com eſte metodo ſe-conſegue o fim, de ſer bom *Juiz*, ou *Advogado*, em pouco tempo. Comumente em Roma nam eſtudam mais, que um ano de Leis: que ſe-reduz às Inſtituiſoens, mas por-um eſtilo particular. E daqui vam para caza do-*Curial*, ou *Advogado*. O que daqui ſe-ſegue é, que no-cabo de quatro anos de *Curial*, ve V. P. um rapaz, que eſcreve correntemente Latim, e faz eſcrituras deſorte, que nele deſcanſa o ſeu *Curial*: e ganha dinheiro: e em oito ou nove anos, compra a ſua livraria, e comeſa a ſer *Curial*. O eſtudo do-*Advogado*, é alguma coiza mais comprido, mas nam muito. Quem tem dois anos de *Curial*, e daqui paſa para o *Advogado*, no-cabo de trez anos, eſcreve ja, e ganha dinheiro. Deſpois, ou continua mais trez, ou quatro anos, com *Advogado*, atéque ſeja capaz de abrir eſcritorio: ou entra na Rota por-ajudante, ou com algum Prelado, ou Cardial; que ſam as preparaſoens, para ſer *Advogado*: abre eſcritorio: e ao deſpois ſucede, ter cargos de Prelado, ſer Cardial, e chegar a ſer Papa. Eſta é a experiencia. E é rariſimo aquele, que, ſeguindo eſte metodo, nam conſiga no-meſmo tempo, o ſeu fim. Poderá às vezes, demorar-ſe mais algum ano: ou porque o emprego que tem, lhe-fruta muito: ou porque quer, procurar conhecimentos: que é o importante ponto, para quem deve abrir eſcritorio: mas é certo, que neſte tempo é ja capaz, de ſer *Advogado*. Por-eſte metodo ſaîram omens doutos, os *de Lucas*, os *Anſaldis*, os *Lambertinis*, os *Anſideis*, os *Pitonis*, os *de Valentis*, os *Calcagnis*, os *Corradinis*, os *Sacripantes*, os *Fagnanos*: e muitos outros omens inſignes, que tem tido, e atualmente produz; a curia Romana: muitos dos-quais pola ſua doutrina, foram Cardiais, e Papas: e outros, Prelados de grande nome. E iſto moſtra claramente, quanto ajuda para o Foro, eſtudar compondo, e exercitando-ſe.

Con-

Conheſo, que ſe em Portugal ouvirem dizer, que um *Advogado*, ou *Juiz*, ſe-ſervia de outro, para facilitar o eſtudo, e deminuir o trabalho; lhe dariam tremendas catanadas, e lhe-chamariam ignorante. Mas iſto ſam preocupaſoens e prejuizos condenaveis. O querer aliviar o trabalho, nam é o meſmo, que ſer ignorante: antes é ſaber enſinar aos outros, tirando dali utilidade, para si. Prouvera a Deus, que o-praticaſem cá os *Juizes*, é *Advogados*: e que os que podem fazer lei, ordenaſem nos-tribunais, algumas das-coizas, que temos apontado: ſeguro a V. P. que rezultaria daî outra utilidade ao Publico, doque nam ſe-experimenta, com eſte eſtilo comum: o qual prolonga as demandas eternamente, porque aumenta conſideravelmente, o trabalho a todos. Os *Advogados* doutos, nam deviam fazer cazo, das-murmuraſoens dos-ignorantes: mas praticálo, e inſtruir aſim a Mocidade: pois deſta ſorte ſaberiam mais, doque nam ſabem muitiſimos Advogados, que todos os dias vam aprendendo, à cuſta dos-Clientes.

Paſando daqui aos *Advogados* ja feitos, do-que aſima diſemos conhecerám, como ſe-devem regular nas eſcrituras. Nenhum omem de juizo, e conciencia, que procura fazer a ſua obrigaſam, deve fazer cazo, de Conſulentes. Sam tantos os autores. que imprimiram as eſcrituras, que fizeram *ad opportunitatem cauſæ*, que ſe-podem aquentar fornos. Se algum deles diz, alguma coiza boa, foi cazualidade, e porque lhe-ſucedeo defender, uma boa cauza, e que tinha razam clara. Mas pola maior parte, procuram maſcarar a falſidade, e oſcurecer a verdade, e juſtiſa do-adverſario: e iſto com ſofiſmas, e embrulhadas tais, que podem às vezes grande advertencia, para nam ſe-inganar: porque o ſeu fim nam é mais, que vencer a demanda do-ſeu cliente, ſeja como for. Onde, ſam muito maos armazens eſtes, para achar neles, a Verdade. Iſto tem feito a profiſam Legal, tam odioza, e a Juriſprudencia tam incerta; que é rariſima a queſtam, ſobre que nam aja, diverſidade de pareceres. Nem me-digam, iſto diſe-o *Bartolo*, *e Baldo*, os *Socinos*, o *Beró*, o *Cumano*, o *Fulgoſio* &c. eram ſem duvida omens doutos: mas tambem eles vendiam o ſeu ingenho, a quem lhe-pagava bem: e aſim, ſevencèram as cauzas, nem por-iſo fazem logo, regra ſegura do-juſto neſtas, e naquelas materias. Se V. P. procura para uma opiniam, dez autores, abra o Cardial *Toſco*, o *Caſtejon*, o *Sabello*, que os-achará logo: ſe quer outros tantos, pola parte contraria; volte folha, e poderá eſcolher os que quizer. Que conceito avemos de formar diſto? O meſmo *André Alciato* (1) confeſa, e confirma, o que dizemos. Diz, que *Alexandre Tartagna*, e *Mariano Socino*, compuzeram ſutiliſimos ſofiſmas, debaixo do-nome de *conſelhos*, que ſe publicáram, deſpois da-ſua morte. Diz, que teria feito melhor, *Paulo de Caſtro*, e *Bartolomeo Socino*, ſe nam publicásem os ſeus: e que os de *Socino*, o moſo, e *Felipe Decio* ſam tais, que podem embrulhar o juizo, ainda dos-

(1) *L. XII. c. ultim.*

orfens mais inteligentes. Mas eſte deteito dos-*Advogados*, é mais antigo; doque nam imaginamos: e ſempre em todos os tempos procuráram, maſcarar a mentira. Toda a oraſam de *Cicero* em favor de *Anio Cecina*, nam verſa ſenam, ſobre um ſofiſma de certo *Advogado*, que interpretava mal a lei. Tinha *Ebucio* com armas impedido a *Cecina*, que nam intráse na ſua erdade. Recorre eſte a *Dolabela* Pretor, polo interdito *Unde vi*: e pede, ſer reſtituido. Negava *Ebucio*, que *Cecina* tiveſe ſido deſpoſeſado: e dizia, que o-nam tinha lanſado fóra, da-ſua erdade, mas da-do-vizinho. A iſto reſponde *Cicero*, moſtrando, que era o meſmo: e desfazendo todos os ſofiſmas, com que *Ebucio* queria interpretar, uma Lei tam clara. Neſta meſma oraſam dá *Cicero* beliſimos conſelhos, aos Advogados: e enſiná ao *Juizes*, como devem acautelar-ſe de ridicularias, e ſeguir a pura mente da-Lei. Em fim, em todos os tempos ouveram rabulas: e aſim deve eſtar muito acautelado o *Advogado*, neſtas materias: e fugir deſtes autores, que nam ſervem para enſinar, a verdadeira inteligencia das-Leis.

Os Tratadiſtas ſempre tiveram melhor conceito: porque parece que só buſcáram, deſcobrir a verdade. Mas nem por-iſo lhe-devemos dar credito, cegamente: achando-ſe entre eles, nam menos que entre os outros, diſputas e controverſias: e tendo muitos deles examinado pouco, e copiado muito. Parece, que ſe-devem eſtimar mais, as Decizoens de Rota, e outros tribunais Colegiais, das-principais Cidades de Italia, e da-Europa. Eſtes examinàram melhor a materia, que os Tratadiſtas. Contudo, podem às vezes incluir ingano, como aſima apontamos: e nem todas as decizoens ſe-devem eſtimar, de igual valor. = *Pode ſuceder*, (diz o famozo Cardial *de Luca* (1) *que ſe-julgue mal, e a juſtiſa ſeja mal adminiſtrada, e contudo, que com um bom metodo, e com um douto, e elegantiſimo, e bem regulado eſtilo, ſe-cooneſtem as falacias, e ſe-ornem com muitas concluzoens, e autoridades, e razoens: Nam ſe-lando oje neſta faculdade legal, pola grande copia, e variedade dos-eſcritores, coiza mais facil; que córar, e cooneſtar com doutrinas, e regras geràis, toda a rezoluſam, aindaque injuſta, e iniqua ſeja* =. E por-eſte motivo, ainda as decizoens ſe-devem examinar, à luz de uma boa razam, e com exatiſimo criterio. E daqui concluo, que o *Advogado* deve ſomente fazer cazo da-Lei, quando é clara: e; ſendo duvidoza, e neceſitando de explicaſam como tambem no-cazo que a Lei, nam toque o ponto; ſervir-ſe dos-interpretes, ou tratadiſtas com muita advertencia: ſervindo-ſe em tudo das-luzes da-Lei natural, e da-boa Etica; que é o melhor interprete, de todas as Leis.

Aquele grande Rei de Sarden'ha *Vitorio Amedeo*, que ordenou beliſimos regulamentos, para a felicidade dos-ſeus vaſalos; reformando a Juriſprudencia, ordena aſim: (2) = *Querendo nós que para a decizam das-cauzas, ſe obſerve* ani-

(1) *Tratado do-Eſtilo legal. Cap.* 17.
(2) L. 3. *tit.* 33. §. 9.

unicamente : em primeiro lugar , as nosas constituisoens. 2. os estatutos locais. 3. as decizoens dos-nosos magistrados , e em ultimo lugar , o texto da-Lei comua. E asim proibimos aos Advogados , citar nas suas alegasoens algum doutor , nas materias legais: e aos Juizes tanto supremos, como inferiores proibimos julgar polas opinioens deles : sub pœna &c. =. Isto mesmo ordenou nos seus estatutos ; um Duque de Urbino : e á muito tempo que se-pratica em Franса , Inglaterra , Veneza , e outros paizes. A mesma ideia tinha entre outros , o *Zevallos* (1) : e isto mesmo era mais conforme , ao que ordena Justiniano , quando proibe os Interpretes. Contudo iso , nam deixa de estar sugeito , a suas dificuldades : avendo cazos , em que as leis nam falam , ou sam oscuras ; e podendo os Advogados servir-se das-doutrinas , sem as-nomiar. O remedio que neste particular , se-podia sugerir aos Principes , é este : Que , com o parecer dos-melhores letrados , determinasem muitos pontos controversos entre os Jurisconsultos : explicando em que cazos particulares entrem : e isto com as leis mais claras , e breves , que pudese ser : e menos sugeitas a interpretasoens. Em modo tal , que com estas leis , devesem conformar-se em tudo , os Juizes : ouvèse uma regra certa de julgar : e se-determinase um tempo congruo , para acabar as demandas. Isto é o que dezejava á mais de cem anos , o *Zevallos* (2) : e o mesmo arbitrio confirmou , um doutissimo Jezuita , que é o *P. Adam Contzen* (3). E aindaque este falase , de fóra de Portugal , contudo muito bem se-pode aplicar , ao noso cazo : nam só porque aqui existe , o mesmo corpo de Leis , de que nacem infinitas demandas ; mas

(1) *Melius Respublica sine tot doctoribus gubernaretur , relictis legibus , & canonicis sanctionibus, absque Glossa, & Doctorum interpretationibus , qui rem dubiam faciunt. Atque utinam omnia volumina librorum , quæ in jure consistunt, delerentur : quod esset omnibus advocatis, & Juris professoribus lucro , & quæstui ,* (porque nam necesitavam de outros livros) *& utile ad salutem.* Præfat. ad Speculum Aureum.

(2) *In litibus quæ quotidie contingunt , cum nihil sit certi , conniventibus oculis patrimonia consumuntur , & hominum vitæ terminantur : quæ omnia optime providerentur ; si omnes hæ contrariæ opiniones , ad certam legem dirigerentur : quod quidem facillimum esset. Et sic in arbitrio judicis non esset , modo unam, & illico secundam opinionem sequi , prout amicitia postulare* =. Præfatione ad Spec. Aur.

(3) *Nunc magna multitudine legum , & litium pæne mergitur Germania. Magni æstimo conditores legum , antistites sacræ Themidos. si vero Imperator adhibitis Jurisconsultissimis, Principumque auctoritate, magnã hoc chaos in ordinem , & perspicuam brevitatem redituaret ; Reipublicæ Servatorem , & Patrem Patriæ apellabo* & paulo post. *Tot Principum exempla sequi , gloriosum est & Patriæ necessarium : quæ non plus in lites , quam in bella impendit : & lites non finiendas , sed continuandas , & partium damno sedandas , aut æternandas passim dolet* =. Politic. L. V. c. 21.

bem porque a experiencia enfina, que as demandas, eſpecialmente ecleziaſticas, ſam aqui eternas. Mas em quanto nam ſe-cuida, neſta reforma; nam dezaprovo, que citem, e ſe-firvam dos-autores: contantoque ſejam poucos em numero, e dos-que tenham com profundo juizo, e erudiſam, examinado a materia. Procurará alem diſo o Advogado, pór as ſuas razoens, na melhor fórma, e clareza do-mundo; ſervindo-ſe da-eloqueneia, nam para maſcarar a falſidade, e confundir o Juiz; mas para iluſtrar a verdade, do-melhor modo que pode. E deve livrar-ſe, nam só de defender cauzas injuſtas, mas ainda as que tenham, pouca razam. Pode porem abraſar aquelas, que ſam igualmente duvidozas.

Quanto ao Juiz, ja ſe-ſabe, que a ſua profiſam deve contelo, dentro de mais eſtreitos limites. O temor de Deus, o amor da-verdade, o dezintereſe, ſam neceſari.; mas nam baſtam: requer-ſe doutrina, e boa. Ele nam á-de julgar, de cabeſa ſua, mas ſegundo as Leis: nem é poſivel que ſe-firva delas bem, ſem ter um reto juizo. A ciencia de um Juiz, compreende muita erudiſam, de leis, de expozitores, de cauzas &c. e nam podendo tudo iſto, eſtar vivo na memoria, deve-ſe buſcar nas ocazioens. Mas para nam ſe-inganar na eſcolha, o principal é, ter juizo exatiſimo, que ſaiba argumentar dos-univerſais, para os particulares: reconhecer a diferenſa que ſe acha em um, e outro cazo: conhecer a forſa de muitas circunſtancias, que ſam capazes de mudar, o aſpeto dos-cazos: deſcobrir as intenſoens dos omens, mal expreſas nos-oſcuros teſtamentos, e contratos: diſtinguir bem o que é razam, e ſofiſima; o ſuperfluo, e util; para eſtabelecer reto juizo. Eſte é o ponto importante da-judicatura. Ouvimos todos os dias Juizes, que vomitam paragrafos, e glozas, e autores: mas que tenham aquela penetraſam de juizo, neceſaria para nam ſe deixar inganar; iſto é o que me-parece nam ſe-acha, em muitos Juizes: ſendo porem mais importante iſto, que a memoria. Para iſto requer-ſe, boa Logica: que enſine a nam ſe-inganar, no-conhecimento das-coizas, tomando uma por-outra: e a diſcorrer fundadamente nelas. Iſto certamente nam ſe-alcanſa, com os Univerſais, e Sinais, ou Silogiſmos &c. como é facil conhecer. Onde, daqui reconhecerá V. P. que utilidade pode tirar o Juriſta, daquela Logica comua, que ſomente ſe-ocupa em ſutilezas, que nam ſe-ouvem, ſenam na eſcola.

Deve alem diſo o Juiz, com eſte perfeito conhecimento procurar a mais provavel, e mais certa doutrina: porque aſim lho-manda, Innocencio XI. Deve ter muita docilidade, e ouvir, e examinar as razoens, das-partes contrarias: pois ſem eſta indiferenſa, e docilidade, nam pode formar, juizo reto. Torno a dizer, que iſto é o que enſina a boa Logica, e Etica: e aſim por-eſtas duas ſe-deve regular, quem á-de fazer a ſua obrigaſam. Na Rota Romana, quando os Procuradores informam os Juizes, coſtumam eſtes em poucas palavras pór, as dificuldades que acham, contra as ſditas cauzas. Iſto é muito util para as partes: porque cuidam em capacitar o Juiz,

e reſ-

e reſponder aos argumentos opoſtos. Eſte eſtilo é mui louvavel: mas o Juiz deve ſer docil, para ſe-capacitar das-novas reſpoſtas, que lhe-dam, ſe é que ſam boas. Deve procurar de dezembaraſar as demandas, e encurtar as deſpezas, dos-litigantes: lembrando-ſe de-quanto recomendam iſto, nam só a boa razam, mas as leis dos-Imperadores (1), e Pontifices (2), e Concilios (3). Finalmente deve nam parar naquilo, em que ſe-ocupam os Catedraticos, que é, eruditam eſpeculativa: nam ſomente obſervar, o que dizem os Praticos, que vem ſomente, o que ſe-faz, ſem ſaberem dar a razam. Mas deve ſaber, os principios univerſais dos-negocios comuns: deve ſaber a economia: e procurar conhecimento particular, de todos os negocios da-vida civil: porque a maior parte dos-negocios ſe-decidem, com as razoens de fato. Bem ve V. P. que para examinar as Leis, com os principios da-Etica, e Politica; ſe-requer a Iſtoria, que moſtre as diferentes variaſoens do-governo, e o motivo polo qual ſe-introduziram, muitas Leis. Onde eſpecialmente requer o Juriſconſulto, grande conhecimento, da-Iſtoria do-ſeu Reino, e dos-intereſes do-ſeu Principe; para ſaber votar, nam só nas cauzas particulares, mas nas publicas, em que o Principe o-conſulta: e ſatisfazer bem aqueles empregos, paraque o-poem nos-tribunais tanto do-Reino, como do-Ultramar. A lei publica do-Reino, aprende-ſe na Ordenaſam: aqual cadaum para ſeu uzo, deve reduzir em compendio; notando nele as coizas, que ja nam eſtam em uzo. Mas nam baſta a Ordenaſam: avendo muitas coizas que ſe-praticam, e nela ſe-nam-acham. Quanto à Politica, deve-ſe eſta eſtudar deſpois diſto, e junto com a Iſtoria, como ja diſemos. Finalmente acabarei dizendo, que o Juriſconſulto neceſita de Eloquencia; nam para agradar aos ouvintes, com a ſingularidade das-ſentenſas, e colocaſam das-palavras; mas para pór em claro as ſuas razoens, e ſaber perſuadir aos ſuditos do-ſeu Principe, aquilo que importa, e de que eles neceſitam. E reduzindo tudo a poucas palavras, digo abſolutamente, do-Juriſconſulto em comum, que deve ſaber, o direito da-Natureza, e das-Gentes: a iſtoria das-antiguidades Romanas: a iſtoria da-ſua Republica, e Leis. Nem só iſo: mas deve tambem ter noticia, da-Teologia, e Canones; para poder conciliar, o Sacerdocio com o Imperio; nam uzurpando, nem ofendendo o *jus* de terceiro. No-que pecam alguns Juriſconſultos, que com tantoque aumentem, os direitos do-Principe, nam reparam, nem fazem cazo, dos-direitos da-Igreja. Alem diſo, deve ter boa critica, para interpretar as Leis: noticia das-Leis dos-outros Reinos, para conhecer quais ſam as juſtas &c. arte Oratoria, para perſuadir o que quer, e deve: e grande conheeimento dos-afetos do-animo, vicios, e virtudes &c. lendo muito os livros de *Officiis*, e outros ſeme-

(1) *L. Properandum ff. de Judiciis.*
(2) *Inocent. III. c. Finem. de Dolo, & Contumac.* = *Clem. V. Clementina Diſpendioſam, de Judiciis.*
(3) *Trident. S. XV. c.* 10. *de Reformat.*

ſemelhantes &c. Eſta em breve é a imagem, de um verdadeiro Juriſconſulto: e eſtas noticias podem ſervir, na Cadeira, e no-Foro. Aſim ſerá omem grande, e poderá ſer louvado, e ſervir à Republica.

Mas de paſagem direi a V. P. que para iſto, deve o Principe cooperar tambem, reformando a Ordenaſam: tirando os titulos, que nam eſtam em uzo: aſinando novas taxas, diferentes das-antigas: determinando os preſos das-multas das-penas, e dos-ordenados dos-oficiais. Tudo o que a Ordenaſam diz neſte particular, ja nam ſe-pratica. E aſim devia-ſe reformar: pois é uma impropriedade conſervar Leis, que nam ſe-devem, nem podem praticar. Polo contrario, é mui neceſario ao Povo, ter leis certas, e breves; por-que ſe-governe. Deſta ſorte conhecerám todos as leis, e nam poderám alegar ignorancia. E ſendo neceſario, que o Principe publicáse lei nova, ou contraria às ditas; deviam ſer obrigados os Advogados, Miniſtros, Eſcrivaens, Notarios &c. a tela, e unila ao corpo da-Ordenaſam: e iſto com graves penas. Nam ſuccederia entam, o que vi ſuceder algumas vezes, que alegando um Advogado certa lei municipal; ſaio o Juiz com a reſpoſta, que eſtava revogada por-outra eſtravagante, que ſe-achava na torre do-Tombo. Quando pois ſe-impremiſe novamente a Ordenaſam, podiam incorporar-ſe as ditas leis. Mas avendo um corpo delas ſeparado, como ſuplemento, eſcuzavam os Advogados, comprar novas Ordenaſoens, pois nele tinham tudo.

E eiſàqui tenho conduzido, o ſeu eſtudante Legiſta até o ponto, de ſer um perfeito Juiz, util ao Principe, e ao Publico. Sei, que ſe eu faláse a outro me-diria, que ponho grande pezo ſobre todos. Mas a iſto ja reſpondi aſima: muito mais, porque no-diſcurſo da-minha carta nada mais cuidei, que ſeparar as profiſoens, e facilitar em cadauma, o modo de a-poder conſeguir com perfeiſam: para o que moſtrei, a erudiſam que é neceſaria a uns, e a outros: e a que pode ſer util, ou de mera curiozidade. Tambem conheſo, que ſe faláse a um deſtes Pragmaticos, me-diria, que quero publicar leis ſem autoridade alguma, e alterar a ordem dos-juizos, á tanto tempo eſtablecida, neſte Reino. Tambem iſto é loucura. Eu nam faſo leis, nem me-importa iſo: digo o meu parecer, ſobre iſto que vejo, regulado polo que tenho lido, e viſto em outras partes. E aponto o melhor metodo, de conſeguir eſte fim, ſem mudar a ordem dos-juizos, mas ſomente reformando algumas coizas, e acrecentándo outras. Se ouvèſe quem o-propuzeſe a um Principe, tam amante do-bem publico, e tam capaz de o-executar, como é o prezente Reinante; ſeguro a V.P. que ſem grande trabalho, podia fazer utiliſimos regulamentos. Conheſo, que ſempre ouve no-mundo ignorantes, e ſempre os-avera: porque á muitos omens intereſados, em que as coizas continuem, da meſma ſorte. Que lhe-faſa muito bom proveito no corpo, e à alma. amim nam me-importam eſas coizas, nem com eſes diſputo. Mas falando com V. P. que me-faz merce, de me-pedir o meu parecer, neſtas materias; intendi que lho-devia dizer ſinceramente: porque entre nós, podemos falar com eſta liberdade, ſem ceremonia. Em tanto V.P. deſculpe os meus erros, e conſerve-me o ſeu amor. Deus guarde &c.

CARTA

CARTA DECIMA QUARTA.

SUMARIO.

TRata-se da-Teologia. Metodo de a-tratar em Portugal, e prejuizos que nacem dele. Frivolas razoens, com que os Portuguezes querem defender, o seu metodo. Dá-se uma ideia, do-que é a verdadeira Teologia, como naceo, e se-continuou. Aponta-se a origem da-Escolastica, sua duraçam, e conceito que formáram dela, os doutores dese tempo. Que a Teologia Pozitiva, que renaceo com o Concilio de Trento, é ignota, em Portugal. Mostra-se a insusistencia das-razoens, em que se-fundam os Portuguezes, para a-nam-admetirem. Aponta-se o modo com que a-tratam, os Teologos modernos. Necesidade da-Isloria, e das-Linguas, para saber fundamentalmente a Teologia. Aponta-se o metodo, que deve observar o estudante, que quer saber boa Teologia.

DA-carta de V. P. com data de 3. de Novembro, conheso o empenho que tem, de ouvir alguma coiza, sobre a Teologia: visto ser ela a faculdade, a que tem maior afeto, e com muita razam: porque nam á estudo mais proprio de um Religiozo, que este. Nas duas semanas ultimas, nam pude satisfazer, esta sua curiozidade; por-cauza de certas vertigens, que me-impedíram escrever: mas agora o-farei como puder. E nam espere ouvir coizas particulares, porque as-nam-tenho: espere somente ler algumas, das-que V. P. ja sabe, e eu lhe-comuniquei, em outra ocaziam.

Esta faculdade trata-se pesimamente em Portugal, nam só nos-Conventos, mas ainda nas Universidades. O metodo é este. Despois de trez, ou quatro anos de Filozofia Peripatetica, segundo a fórma que apontei; frequentam quatro anos, as escolas de Teologia: nas quais á polo menos, quatro leitores. Um deles, a que chamam de Prima, dita uma materia de Moral, v. g. *Restituisam*, *Contratos*, *Pecados* &c. o segundo de menhan dita uma coiza, a que chamam Escritura: e a este leitor nenhum estudante asiste: porque dizem, que só serve para os Pregadores: os dois de tarde cadaum dita, seu tratado de Especulativa. Falo do-estilo de alguma Universidade: nas outras partes é, com pouca diferensa, o mesmo. Nos-Conventos, costumam ser dois leitores: um de menhan, outro de tarde, e ambos ditam Especulativa. No-quinto ano comesam os atos: o 1. tem trez materias escolasticas: despois, trez atos, cadaum com sua materia especulativa: e temos o Bacharel. Seguem-se os atos grandes: o 1. de Moral: despois Henriqueana, ou Augustiniana, parte de Moral, e parte de Especulativa. Segue-se o exame privado, que é uma lisam de ponto em Moral, e outra na-Especulativa: que é um

ato

ato capaz de matar um omem. Deipois, outro acipipes pequenos, de Veſperias &c. e finalmente o Doutoramento. Eſta, ſe nam me-ingano, é a ſerie dos-eſtudos de Teologia: a qual nam obſtanteque é mui trabalhoza, claramente ſe-moſtra, que nam é bom metodo, de enſinar Teologia.

O primeiro prejuizo que tira o eſtudante, do-metodo das-eſcolas é, perſuadir-ſe, que a Eſcritura para nada ſerve, ao Teologo. O ſegundo é perſuadir-ſe, que nam á outra Teologia no-mundo, ſenam quatro queſtoens de Eſpeculativa: e que tudo o mais ſam arengas ſuperfluas, e ociozidades de Eſtrangeiros. E eſtes dois pontos ſam tam prejudiciais, que qualquer deles baſtava para moſtrar, que quem aſim julga, nam é poſivel, que em tempo algum ſaiba, que coiza é Teologia. E com efeito eſte é o prejuizo geral, de todos os Teologos deſte Reino: e nam rapazes, ou ignorantes; mas meſtres, e omens de barbas até à cinta. Onde, eu com todo o reſpeito que devo, a tantas cans, e borlas brancas, digo a V. P. muito em ſegredo; que nenhum deſtes ſabe, qual é a definiſam da-Teologia, ou porque ſe-introduzio no-mundo, eſta ciencia. Contudo iſo, ſe V. P. os-ouve, achalos-á tam ſatisfeitos, com a ſua Eſpeculativa, que dizem os diachos dos-Eſtrangeiros, por-ſe-deſviarem dela: e formam-lhe uma rigoroza cenſura, mui falta de critica, e tambem de juſtiſa, e caridade; pois, excedendo ainda no-modo, vem na ſuſtancia, a condenar as partes, ſem ſerem ouvidas. Nam vi ainda Teologo algum deſtes, que abraſáram de todo o ſeu coraſam, o Peripato; que, avendo de proferir cenſura, ſobre os que introduziram o metodo moderno, tomá-ſe o trabalho de examinar bem, as razoens em que ſe-fundam os contrarios. Todos falam, e nenhum dá razam do-que diz. todos murmuram dos-Modernos, e nenhum leo os tais Modernos.

Reduzem-ſe todas as ſuas lamentaſoens, a trez ou quatro razoens, que eles frequentemente repetem; acompanhadas de duas interjeiſoens dolorozas, ſobre o deploravel eſtado, a que os Modernos reduzîram, a Teologia. Uns dizem, que eſtas Teologias foram inventadas, polos Erejes; e por-conſequencia, ſam ſuſpeitozas. Outros querem defender, os longos tratados da-Eſcolaſtica, com a doutrina, e ſantidade de ſeus autores: S. Anſelmo, Pedro Lombardo, Alberto Grande, S. Tomaz, S. Boaventura, S. Raimundo de Penaſorte, &c. e daqui deduzem a preſcriſam: moſtrando, que desde eſe tempo foi frequentada, por-todos os Teologos: quando a moderna á mui pouco tempo, que ſe-introduzio. Eſtes ſam os ſeus argumentos. mas que argumentos!

Se tudo o que dizem os Erejes, foſe contrario aos noſos dogmas, ſeriam Idolatras, ou Ateos, e nam Erejes, quero dizer, Criſtaons. Nam é o metodo, o que ſe-condena, nos-Erejes: é a má interpretaſam. Quanto à Teologia Eſcolaſtica, ſe por-ela intendem, o metodo das-eſcolas, que explica as coizas, por-*Ergo*, e *Atqui*: nam é neceſario, para alguma ciencia: mas algumas vezes pode ſer util, e tambem na Teologia. Niſto concordamos todos.

dos. Se intendem os argumentos, que se-tiram da luz da-razam, ajudada com os principios da-Fizica, e regulados por-boa critica; é sem duvida, que sam utilisimos, e necesarios, para confirmar alguns dogmas: mas somente aqueles que se-provam, com a luz da-razam: v. g. a existencia de Deus: espiritualidade, e liberdade da-Alma. &c. Mas para os outros que sabemos, por-meio da-revelasam; nada servem: ou, se servem, é só para facilitar a resposta, de algum argumento. Tambem nisto convimos todos. Mas nam é isto o que intendem, por-Teologia Escolastica. O que se-intende por-este nome é, uma Teologia fundada nos-prejuizos, da-Filozofia Peripatetica: quero dizer, sobre as *Fórmas Sustanciais, e Acidentais*: e sobre todas as outras galantarias, da-Escola. E desta digo constantemente, que nam só é superflua, mas prejudicial, aos dogmas da-religiam.

Quanto aos patronos dela, concedo, que foram omens grandes, do-seu seculo: mas nada diso prova, para o cazo. Por-doze seculos da-Igreja se-provàram os dogmas, e defendèram contra os Erejes, sem a dita Teologia: e nem menos se-sonhava, que um dia se-avia inventar, a Teologia Peripatetica nas escolas. S. Joam Damaceno, que no-VIII. seculo, unio a Filozofia de Aristoteles com o Dogma, procede com tanta moderasam, em comparasam destes, que nam parece Aristotelico. Mas que digo eu o Damaceno? os mesmos inventores da-melhor, e mais pura Escolastica, se V. P. os-compára, com os Escolasticos modernos; tem mui pouca semelhansa. Pullo, e Pedro Lombardo, comparados com o Suares, e Vasques, e ourros ultimos; parecem anti-peripateticos. A Suma de Lombardo nada mais é, que uma colesam de sentensas dos-SS. PP. sobre diversos pontos da-nosa religiam, dispostas em diversos tratados. Desorteque a Escolastica introu nas escolas, muito devagarinho: e só os que no-XIII. seculo a-rafináram, é que deram ocaziam, a que nacèse esta ciencia, a que chamam *Escolastica*. Nem obsta, que alguns omens santos, nese tempo promovesem o tal metodo: primeiramente, porque florecèram em um seculo, em que quazi nam se-sabia outra coiza: e os profesores das-mais celebres escolas de Teologia, estavam preocupados, pola Peripatetica. Asimque conformando-se ao que se-praticava no-seu tempo, parece que tem alguma desculpa: mas nam podem obrigarnos, a que nos-conformemos. Da mesma sorte que os santos, que pregáram nestes dois ultimos seculos, pola major parte pregáram mal, em quanto ao estilo, contudo nam se-achará omem, de juizo tam escrupulozo, que queira seguir a pesima Retorica, porque a-seguio, e praticou um santo. Polo contrario vejo, que pondo de parte todos os santos, apegam-se a Cicero, que está nos-infernos. Com que este argumento, nam vale nada.

E daqui mesmo sai a resposta, para a ultima lamentasam destes Peripateticos. Certamente é mui novisо, na Istoria da-Igreja, quem ignora, que a Teologia Peripatetica, a que comumente chamam *Escolastica*, e mui moderna nas escolas. A todos é notorio, que *Roscelino*, *Abellardo*, *Gilberto Por-*

retano, *Otto de Freſinghen &c.* que foram os que a-introduzîram nas eſcolas; todos florecèram nos-principios, ou até o meio do-ſeculo XII. de Criſto: e que *Alexandre de Hales*, *Alberto Grande*, *S. Tomaz &c.* que foram os que rafináram a Eſcolaſtica, e comesáram de ſervir-ſe de Ariſtoteles, polo metodo dos-Averroiſtas; tambem eſcrevèram no-ſeculo XIII. Do-que fica claro, que a dita Teologia, tem mui moderno principio. O pior é, que os que aſim falam, ignoram quantas contradiſoens tiveram, os que introduzîram a Eſcolaſtica, na Teologia: pois ſe ſoubeſem, o que paſou, ficariam mui envergonhados, de chamárem velha a uma coiza, que, bem examinada, é ainda mais moderna, doque eu nam diſe: e de louvarem uma introduſam, que nunca foi louvada, polos omens doutos. Mas a ignorancia da-Iſtoria, é a que origina eſtas coizas: e como os Religiozos juram, a doutrina de ſeus meſtres; nam ſe-deve admirar V. P. ſe ve, que uma coiza, que comeſou tam mal, ainda aſim ſe-eſpalhá-ſe, por-toda a Europa.

Mas o maior argumento que ſe-acha, contra a Eſcolaſtica, (lembre-ſe V. P. que por-Eſcolaſtica, intendo ſempre a Teologia, fundada ſobre a Fizica, e Metafizica dos-Arabes; ou da-que paſa com o nome de Ariſtoteles, que é a coinua Teologia) é, que nam só por-doze ſeculos da-Igreja, ſe-convencèram todos os Ereziarcas, ſem ela; mas ainda no-tempo da-dita, quero dizer, desde o-fim do-XIII. ſeculo, até o Concilio de Trento no-meio do-XVI. todas as que entam aparecèram, foram convencidas, ſem eſte ſocorro. Batalhava a Igreja nos-tempos do-dito Concilio, nam com Pimeos, mas com Gigantes: omens doutiſimos nas letras Sagradas, e Profanas: publicos profeſores em Univerſidades famozas: contudo, eſes famozos Ereziarcas foram condenados, e confutada a ſua erezia, com a ſolita arma da-Igreja, *Eſcritura*, e *Tradiſam*, ſem recorrer a tal Teologia. Antes polo contrario, ſe V. P. le o Cardial Palaviccini, na iſtoria do-tal Concilio, verá, que nada mais cuidáram os Padres, que nam ſe-embaraſar, com as diſputas da-Eſcola: mas ſeparar o Dogma, e provâlo com toda a diligencia imaginavel. Iſto fez o Concilio. Quanto aos autores que eſcrevèram, contra os Erejes, vejo bem que ſe-ſerviram, da-boa Teologia, mas nada da-Eſcolaſtica: como V. P. pode ver, nos-ditos autores. E daqui concluo, que eſtas grandes ventagens, e utilidades, que ſe-tiram da-Eſcolaſtica, eu as-nam-vejo em parte alguma. Vejo ſim, que ſempre reinou a verdadeira Teologia: que eſta deu argumentos, para refutar as erezias: e deu aos Concilios a definiſam, para os erros opoſtos. Mas neſte lugar ſuponho, me-progunta V. P. qual é eſa boa Teologia: como ſe-propagou, e continuou. Para o-explicar, permita-me que o-traga desde o principio: o que farei em poucas palavras.

A Teologia é aquela ciencia, que nos-moſtra, o que é Deus em ſi, explicando a ſua natureza, e propriedades; e o que é em quanto a nós, explicando tudo o que fez, por-noſo reſpeito, e para nos-conduzir, para a Bemaventuranſa. E como Deus é um objeto inſenſivel, e pouco inteligivel; daqui

qui vem, que nam podemos com razoens, ou experiencias explicar, que coiza é Deus; aindaque a razam nos-moſtre, que á uma ſuprema cauza: e aſim só podemos ſaber de Deus, aquilo que ele quiz que nós ſoubeſemos, e revelou, aos ſens eſcolhidos. No-eſtado da-inocencia, enſinou ele aos omens, muitas verdades; que por-tradiſam ſe-conſerváram, na familia dos-eſcolhidos, até o tempo de Moizes. A eſte explicou novas verdades, que os Ebreos fielmente conſerváram, até a vinda de Criſto. Mas toda a Teologia daquele tempo compreendia, mui poucos artigos: crer em Deus, e ſeus atributos, e efeitos: e obſervar as regras do-bem viver, que ſam as meſmas que nós temos. Nem Deus quiz revelar aos Ebreos, muitas coizas, que ao deſpois nos-diſe: nem entam era permetido diſputar, em materia de religiam: com cega obediencia criam tudo, o que lhe-enſináram os ſeus paſados: e quando ſucedia alguma controverſia, a declaraſam do-Supremo Sacerdote terminava tudo: porque como os artigos eram poucos, a lei acautelava as contendas, e Deus ſugeria as reſpoſtas. Deſorteque o maior trabalho daquela lei, e todo o fundamento daquela religiam conſiſtia; em executar literalmente, todas as ceremonias, que ela mandava.

Apareceo Criſto no-mundo, para completar as coizas, que na lei eſcrita tinha delineado, a acrecentar outras muitas: deſorteque revelou muitas coizas, e declarou aos ſeus dicipulos muitas verdades, que até aquele tempo, tinham ſido miſterios. Enſinava iſto parabolicamente a todos: mas particularmente o declarava, aos ſeus dicipulos; com obrigaſam de inſtruirem os ſeus ſuceſores: paraque ſempre na Igreja Catolica, ſe-conſerváſe pura nos-Prelados, a doutrina de Criſto: dos-quais a-pudeſem aprender, os mais fieis. Mas como os diciplos, pregando a tal doutrina, acháram muitas contradiſoens; avendo alguns que diziam publicamen-te, nam ſer aquela, a doutrina de Criſto; por-iſo eſcrevèram os Evangelhos, nos-quais divinamente iluſtrados, compendiáram a doutrina de ſeu meſtre. Mas muitas coizas importantes, como tambem a verdadeira inteligencia dos-dois Teſtamentos, enſináram de viva voz, aos ſeus ſuceſores: como conſta dos-lugares das-ditas Eſcrituras, em que os Apoſtolos faz em memorias, das tradiſoens vocais.

Aos Apoſtolos ſeguîram-ſe os ſeus dicipulos, que erdáram do-meſtre, com a doutrina, as perſeguiſoens; nam só dos-Infieis, mas ainda de muitos Criſtaons: que rebelando-ſe à doutrina da-Igreja, publicáram novos erros. Iſto obrigou aqueles Biſpos, a eſcreverem as tradiſoens, paraque, deixando-as aos Fies, achaſem nelas a verdadeira chave, para penetrar as Eſcrituras; e reſponder aos argumentos, que pudeſem nacer. Em modo tal, que com a voz, e com a pena, confutavam as erezias: e de uma, e outra ſorte cominavam aos ſuceſores, a doutrina que recebèram, dos-ſeus anteceſores. Deſorteque ja no-ano 681. determinou o concilio Trulano Geral, (1) que de nenhuma outra ſorte ſe-explicaſem, e dezataſem as dificuldades, que na

(1) *Canon.* 19.

Eſcritura ſe-incontram, ſenam ſegundo a tradiſam dos-SS. PP. E como em todos os ſeculos da-Igreja ouveſem Erejes, que contrariavam a doutrina Catolica; em todos eles mandou Deus à ſua Igreja, omens doutiſimos, e ſantiſimos; que, recolhendo com grande diligencia, as tradiſoens dos-paſados, as deixáram aos ſuceſores: paraque nam prevaleceſe a ſizania contra o trigo: e, para me-ſervir das-palavras de Criſto, as portas do-inferno contra a ſua Igreja. Executando aquela eſpecial proteſam, que lhe-prometèra quando diſe: *Ecce ego vobiſcum ſum omnibus diebus, uſque ad conſumationem ſæculi.*

Iſto ſe-moſtra claramente na iſtoria, dos-primeiros ſeculos da-Igreja: pois quando ela ſe-achava mais combatida, polas perſeguiſoens dos-Imperadores: mais deſpedaſada, polas erezias internas: mais dezemparada daqueles, que cediam às perſeguiſoens: Entam florecèram omens, que com o ſeu ſofrimento, cansáram a tirania, de muitos Principes: com a ſua doutrina confutáram, as mais rebeldes erezias: e com a eficacia da-ſua eloquencia, e exemplo, reduziram à Igreja, muitos Povos. Deſorteque em tudo ſe-via, a vizivel proteſam de Deus: e em tudo ſe-reconhecia, que a doutrina, que aqueles Biſpos pregavam, era a meſma que Chriſto pregára, e vizivelmente defendia: e que o corpo deſta doutrina, unido ao que ja tinhamos eſcrito, era a Teologia que deviamos eſtudar; e em que deviamos fundar, toda a noſa religiam.

Mas eſte modo de eſcrever, nam era metodico: nem eſcreviam em um só tratado, tudo o que ſe-podia dizer, ſobre a materia. Mais aplicados a bem inſtruir os Fieis, que a bem compor os tratados, ſomente pegavam na pena, quando o pedia a neceſidade. Umas vezes, impugnavam uma erezia: outras, outra: nem provavam mais, que aquilo que era neceſario, para os-convencer ſeguramente: o que faz parecer, que os ditos Padres abraſavam os tais principios: ainda que os-nam recebeſem como certos, mas ſomente como utis, para o intento propoſto. Finalmente o ſeu modo de eſcrever, nam era efeito de grande criterio, e meditaſam; mas ſim do-grande zelo, que os obrigava a pegar promtamente na pena, para convencer as erezias que naciam, ou reſurgiam: como ſe-pode ver, naquelas obras que eſtam diſpoſtas, ſegundo a ordem dos-tempos: como as de S. Agoſtinho, polos Beneditinos de S. Mauro; e as de S. Leam, polo P. Queſnel. &c.

Entre os Padres dos-cinco primeiros ſeculos da-Igreja, só *Origenes* eſcreveo com algum metodo, no-ſeu livro *de Principiis*: em que quiz explicar alguma coiza da-Fé, com os principios de Platam: cujo livro ſe-pode chamar, o primeiro curſo de Teologia. Os outros Padres, ſerviam-ſe da-razam para explicar, o ſentido da-Eſcritura, e dos-outros antecedentes Padres: aindaque algum, como *Atenagoras*, e outros profeſores da-eſcola Teologica de Alexandria, ſe-ſerviſem tambem da-boa razam, para explicar melhor, alguns dogmas. Mas a curiozidade umana, nam tem limites: e lá ouve autor, que

quiz

quiz explicar os nosos dogmas, com os principios da-Filozofia. Isto vimos no-autor das-obras atribuidas, a *S. Dionizio Areopagita*, que no-fim do-V. seculo, tratou algumas questoens de Teologia, e as-rezolveo com os principios de Platam: e em *Boccio*, que no-VI. seculo, com os principios de Aristoteles, de quem era apaixonado; comesou a propor questoens sutis, sobre os nosos misterios, e a rezolvelas com a dita Filozofia. Isto porem nam teve imitadores: os outros nam se-afastáram da-Escritura, e Dogma. Alguns publicáram sumas Teologicas, compostas das-sentensas dos-SS. PP. como *Tayon*, das-de S. Gregorio: e *S. Izidoro*, das-de outros Padres.

No-meio do-seculo VIII. *S. Joam Damaceno* foi o primeiro, que publicou um corpo inteiro de Teologia, com o titulo *de Fide Orthodoxa*: que comprehende, todos os pontos da-nosa religiam, provados com autoridades, e com razoens. Mas sempre na republica Literaria, ouveram espiritos sediciozos. *Joam Scoto* chamado *Erigena*, que no-IX seculo se-servio de Aristoteles, para rezolver varias questoens de Teologia; tendo caido em varios erros, foi condenado polos Teologos, polo dito motivo, Onde os outros autores, desprezando este atrevimento, seguiram as pasadas, dos-primeiros Teologos: ou expondo as Escrituras: ou impugnando as Erezias: ou compondo obras asceticas. Verdade é, que estes seculos eram escarsos, de omens doutos, nam só no-Oriente, mas ainda no-Ocidente: reinava a ignorancia: só os Religiozos estudavam: e os que eram doutos, só o-eram respetivamente.

Continuou esta paz até o seculo XI. Porque os Padres observando que Aristoteles, afirmava perigozos erros; com todo o cuidado o-desviáram da-Teologia: e continuáram os Religiozos, (naquele tempo somente estes se-aplicavam à Teologia: aqual ainda nam tinha saido dos-claustros, para as escolas: o que sucedeo no-XII. seculo) a explicar a Escritura, por-meio da-Tradisam: porque reconheciam, que destes dois principios, Escritura, e Tradisam, se-devia tirar, toda a ciencia Sagrada. Mas no-seculo XI. ouve novidade. Introduziram-se desde o seculo IX. nas escolas Catolicas, a Eloquencia, Geometria, Astronomia, e Dialetica: e o estudo desta ultima agradára desorte, que fizera esquecer em algumas partes, o estudo da-Teologia. A preocupasam em que estavam os Arabes da-Espanha, polo merecimento de Aristoteles, que desde o IX. seculo, como em outra carta dise, se-explicava nas suas escolas; acabou de arruinar tudo: porque comunicando-se nos-fins do-undecimo seculo, de Espanha a Pariz, e outras partes: e achando os profesores disposstos para receber, todo o genero de sutileza; produziram no-dito tempo, muitas erezias. Os primeiros inventores desta introdusam, foram tambem, os primeiros erejes. Os erros de *Roscelino*, *Abellardo*, *Gilberto Porretano*, *Arnaldo de Brescia*, *Albigenses*, *Abade Joaquim* &c. alguns dos-quais foram cabesas desta seta; mostráram bem, o que se-podia esperar, de semelhante introdusam. Desorteque os omens mais doutos, cuidáram em emendar isto, e reformar as escolas de Teologia; que nese tempo sairam dos-Claustros, para as

Uni-

Univerſidades. Iſto fez em Inglaterra, nos-principios do-ſeculo XII. o Cardial *Pullo*, compondo para eſe intento, a ſua Suma Dogmatica. O meſmo fez pouco deſpois *Pedro Lombardo*, em Pariz, na Suma que publicou: e ambos procuráram ſervir-ſe da-Eſcritura, Padres, e alguma vez da-boa razam. Eſta Suma de *Lombardo*, que reſucitava a antiga Teologia Dogmatica, com metodo novo, teve tal fortuna, que logo publicamente a-lèram nas eſcolas: e pouco deſpois a-comentáram: o que durou por-muito tempo.

Mas avendo ainda aſim muitas peſoas preocupadas, pola ſutileza Ariſtotelica; comeſáram alguns a publicar eſtes livros. Deu o exemplo *Pedro Poitiers*, o qual polos anos 1170. publicou uma Suma Teologica, em que explica as queſtoens, com provas tiradas da-Filozofia de Ariſtoteles: o que agradou deforte a tanta gente, que nam podiam eſtudar, outra coiza. Daqui nacéram muitos danos: e naceo tambem o odio, que os melhores Teologos daquele tempo moſtráram, contra a Peripatetica. Vendo aqueles doutores, que os Padres dos-primeiros ſeculos da-Igreja, diſeram muito mal, dos-que introduziam a Dialetica na Teologia: vendo, nam obſtante que muitos Erejes ſe-ſerviſem de-Ariſtoteles, para deſtruir os dogmas; que nenhum dos-antigos Padres ſe-ſervira de Ariſtoteles, para os-confirmar: vendo, que por-doze ſeculos nam ſe-achava Criſtam, que explicáſe a Fizica, e Metafizica de Ariſtoteles; aindaque a alguns dos-ultimos agradaſem, os termos da-ſua Dialetica: e finalmente vendo, que da-Dialetica de Ariſtoteles îam nacendo, os erros de *Roſcelino*, *Abellardo*, &c. clamáram fortiſimamente, contra o tal Ariſtoteles. De que podia citar bons exemplos, ſe V. P. nam ſoubèſe, que falo de *S. Bernardo*, *Lanfranco Cantuarienſe*, *Eſtevam Torniacenſe*, *Gualtero* Prior do Convento de S. Dionizio de Pariz: o qual compoz um livro, com eſte titulo: *Contra os quatro Labirintos de Franſa*: *Abellardo*, *Porretano*, *Pedro Lombardo*, *e Pedro Poitiers*: em que repreende as ſuas novidades. Nem ſomente parou niſto, mas o meſmo Concilio Senonenſe, ou Parizienſe, celebrado no ano 1209. mandou publicamente queimar, os livros de Ariſtoteles (1): polos danos que tinham feito. E ainda que polo tempo adiante, ſe-foram concedendo licenſas, de ler algum livro de Ariſtoteles; até que finalmente ſe-lèram tòdos; por-compazer ao genio depravado de alguns profeſores, que eſtavam preocupados, polo ſeu merecimento: contudo é ſem duvida, que eſtas licenſas nam ſe-concedèram, ſenam com muita dificuldade: e que por-muitos tempos perziſtio a proibiſam, mais ou menos ampla; com que os omens acudiam aos danos, que de quando em quando produzía, a Peripatetica. No-ano 1231. *Gregorio IX.* proibio a Dialetica, e Metafizica de Ariſtoteles; e a Fizica com ſua limitaſam. Eſta proibiſam durou, até o ano 1265: no-qual um Cardial Legado de *Clemente* IV. reformando os abuzos da-faculdade Parizienſe, abſolutamente proibe a Fizica, e Metafizica de Ariſtoteles: cuja ultima proibiſam durou, por-mais de um ſeculo.

Neſte

(1) *Rigordus*, *in Vita Philippi Auguſti.*

Neſte eſtado de coizas apanharam as eſcolas, os dois grandes Dominicanos, *Alberto grande*: e *Tomaz de Aquino*: que floreceràm no-meio do-ſeculo XIII. *Alberto* foi o primeiro, que comentou Ariſtoteles: o diſcipulo, ſeguio o exemplo. E creio que o-fizeſem, menos porque intendeſem, ſer útil; doque por-fazer eſe ſerviſo ao Publico, que ſe-achava mui preocupado, por-Ariſtoteles; e mui prejudicado, cem o mao uzo dele. A verdade é, que nam cuſta pouco aos Teologos, deſculpar eſtes dois doutores, de terem comentado o Filozofo no-tempo, em que exiſtia a proibiſam de *Gregorio IX*. E com efeito no-ano 1387. a Faculdade Parizienſe, eſcrevendo ao Papa *Clemente VII.* na ſua obediencia Pontifice M. expreſamente diz, que *S. Tomaz* pecára, contra o decreto de *Gregorio IX*. o que porem eu agora nam diſputo, mas deixo intacto aos ſeus Apologiſtas. O que digo, é, que eſta introduſam de Ariſtoteles, dezagradou muito, aos doutores daquele tempo, e aos omens mais doutos, que florecèram até o concilio de Trento: e tambem a muitos Papas, v. g. *Clemente VII.* e *Joam XXII.* &c. os quais todos queriam, que ſe-continuaſe a Teologia Dogmatica, ou polo menos, a Suma de *Lombardo*; fugindo de todas as futilezas.

E na verdade eſte era o pretexto, com que ſe-cobriam, os que introduziram eſtas novidades. *Alberto*, e *Tomaz* ambos comentáram a *Lombardo*: e o ultimo, entre muitas obras dogmaticas, publicou a ſua Suma *de Fide Catholica contra Gentes*. Deſorte que todos ſe-cobriam com a capa, de tratar a antiga Teologia, e comentar *Lombardo*: e ſomente com o titulo de explicar melhor, as ſuas opinioens, é que publicáram, as ſuas Sumas. Mas como o fermento da-diſcordia continuava, no-exercicio da-Filozofia Peripatetica; os comentarios degeneráram em argumentos futis, e contendas da-eſcola: e nam ſe-contentando os meſtres, com o oficio de comentadores, cadaum, para fundar melhor a ſua opiniam, compoz uma ſumma Teologica, explicada po'os termos Arabios: dos-quais nam fizera menſam *Pedro Lombardo*, na ſua Suma, nem algum dos-primeiros Eſcolaſticos até aquele tempo, ſe-tinha ſervido. Até os Expozitores da-Eſcritura, comesáram a eſpecular, e excitar queſtoens futis, ſobre o texto: como fez *Ruperto*, *Hugo*, *Ricardo de S. Vitor*, e alguns outros. Deſte modo reſurgio, nos-fins do-ſeculo XIII. a Teologia Eſcolaſtica: cujo nome dali para diante, nam ſignificou ſomente, Teologia metodica, e acomodada ao eſtilo das-eſcolas, como no-antecedente ſeculo ſignificára; mas Teologia tratada, ſegundo o metodo dos-Arabes; e fundada nos-principios, da-ſua Filozofia. Contudo iſto em muitas eſcolas, continuou-ſe o eſtudo da-Eſcritura, e ſeguio-ſe aquele metodo, que desde o VIII. ſeculo tinham introduzido os Beneditinos, cá no-Ocidente; de explicar a eſcritura Sagrada, e fundar nela, o edeficio dos-ſeus eſtudos. E eſte deveria ter-ſe eſpalhado mais, ſe nam foſe um impedimento, que entam ſe-ofercceo. As diferentes Religioens de Mendicantes, que neſe, e no-ſeguinte ſeculo ſe-eſtablecèram: tomáram por-empenho, praticar o meſmo metodo: comentando ca-

da

dauma, a Suma dos-seus alumnos. A de *S. Tomaz*, que era recomendavel pola doutrina, e piedade de seu autor, defendèram com toda a forsa, os Dominicanos. A de *Escoto*, Franciscano, que no-fim do-seculo XIII. tomára por empenho, contrariar *S. Tomaz*, e alguns outros; para cujo fim publicára uma Suma, cheia de mil sutilezas; abrasáram de todo o seu corasam, os seus Frades; e defendèram-na com todo o empenho. E como os Seculares daquele tempo, pola maior parte se-inclinavam ao Direito, que pouco antes tinha resucitado em Italia; e comesava a espalhar-se pola Europa; por-iso deixavam aos Regulares a incumbencia, de explicar, e tratar a Teologia. Onde daqui naceo, que estes espalháram por-toda a Europa, aquelas particulares opinioens, que pola maior parte tinham nacido, em Pariz; e compunham esta particular Teologia Escolastica.

Entam é que intráram nas escolas, os *Atos primeiros*, *e segundos*; *o formaliter*, *e materialiter*; *o per se*, *& per accidens*; *o substantialiter*, *& accidentaliter*; com todos os outros ingredientes, da-Filozofia Peripatetica. Uma *formalidade ex natura rei* bem inventada; dava nome a um omem naquelas eras. um silogismo bem embrulhado, uma distinsam ininteligivel, servia de grao para ser eroe. Ja nam se-sabia, que coiza era *Atanazio*, *Jeronimo*, *Agostinho*. os nomes dos-*Gregorios* dos-*Cirilos* dos-*Bazilios*, e outras colunas da-Teologia, eram coizas incognitas, e dezuzadas. o que importava era, que o silogismo estivese em *Barbara*, ou *Celarent*, e observásse todas as regras de Aristoteles. Esta frenezia destes Modernos, aumentou-se no-meio do-seculo XIV. com as novas divizoens das-Escolas. Porque *Durando* Dominicano, e *Okam* Franciscano, saindo das-prizoens das-suas escolas, introduzîram outro modo livre de opintar, na Teologia: a qual, como dise, toda se-reduzia à Metafizica. Aquela perfeita uniam, com que por-tantos seculos da-Igreja tantos Padres, provára uniformemente a verdade teologica, conrra os seus adversarios; acabára-se nas escolas de Teologia: onde todos se-contradiziam, ou por paixam, ou por-capricho.

Mas as erezias de *Lutero*, e *Calvino*, e outros modernos do-seculo XVI. abriram os olhos a estes Teologos, e mostráram claramente, que a maior parte deles se-apartáram, do-verdadeiro metodo da-Teologia: que falavam muito, mas nam sabiam nada de Teologia. Os erejes nam impugnavam, as Metafizicas da-Escola: impugnavam os fundamentos da-nosa religiam: e a estes é que era necesario acudir, mostrando quais eram as bazes, em que asentava a machina, da-nosa religiam. Asimque muitos Teologos, comesáram a explicar estes pontos: e outros a servir-se deles. Desorteque desde o tempo do-Concilio de Trento para diante, é que se-comesou a praticar, o antigo metodo da Teologia Pozitiva: explicando-a segundo os ditos principios, que sam as verdadeiras fontes, de toda a Teologia.

Muitas Universidades, que estavam alguma coiza preocupadas, polo antecedente costume, praticáram o mesmo metodo: que oje está estabelecido

em Franſa, Germania, Italia &c. Mas obierváram os Eſtrangeiros, que ſemelhante metodo nam paſára, dos-Pirineos a eſta parte; e principalmente para eſte Reino: no-qual ainda nam amanheceo, neſte particular. Contribuio muito para iſto a grande contenda que ouve, no-principio do-ſeculo paſado, e fim do-antecedente, entre Dominicanos, e Jezuitas; ſobre a ciencia, e auxilio divino. A qual tendo nacido nas Eſpanhas, conſervou ſempre nelas, os ſeus maiores apaixonados: que compuzeram ſobre ela, tratados difuziſimos, que lhe impedio ocuparem-ſe, em outras coizas neceſarias. E como a contenda ſempre exiſte; dela nacèram infinitos volumes, com que muitos autores tem cheio as livrarias: repetindo em longas paginas, o que podiam dizer, em breves palavras. De que nace, que cá em Portugal, onde tomam iſto mais a peito, nam ſe-poſam aplicar, a outras coizas.

Neſte dois principios, diverſidade das-Eſcolas, e Filozofia dos-Arabios, é que ſe-levantou eſta Teologia, que nam tem fim. A cada paſo ſe-tropeſa com uma definiſam, e ſe-gaſta tempo ſem fim nela. Formam-ſe queſtoens ſobre coizas, que nam ſabemos, nem nos-importa ſaber. Nam á conhecimento algum da-alma, ou obra meritoria &c. de que nám ſe-inveſtigue a eſencia, e atributos: e tudo o mais, que lhe-vem à imaginaſam: e com tanta diſputa nam concluem nada que ſirva, para declarar o dogma: que è o empenho do-Teologo. Pasma um omem, quando ve os muitos volumes, que compoz o *Suares*, o *Vaſques*, os *Salmanticenſes* &c. contudoiſo examinando bem o cazo, o que eles dizem em tantos volumes, eſcreveo em dois o *Rhodes*, e o *Comptono* &c. e podia-ſe eſcrever ainda em menos. Eſte é o defeito dos-Eſcolaſticos, que copiando-ſe fielmente uns, a outros, com a diverſidade; de pór um como prova, o que outro tem por-argumento; eſcrevem eſtas Teologias eternas: nas quais os Padres ſam rariſimos: e quando deles ſe-aponta um texto, ſupoem a queſtam provada: ſem advertir ſe é genuino: em que ſentido falou: contra quem eſcreveo. Daqui entam nace, que quando um deſtes Teologos tem eſtudado, algumas deſtas queſtoens, e ſabe embrulhar quatro ſilogiſmos; perſuade-ſe que tem chegado, ao fim da-Teologia: E quando ſe-acha na converſaſam, de omens da-profiſam, dá de quando em quando dois ſuſpiros, lamentando a inteliz ſorte daqueles Eſtrangeiros, que perdem o tempo, com eſtudos impertinentes, e inutis.

Mas a verdade é, que quem ſabe ſomente iſto, nam ſabe nada: e muito menos ſabe Teologia. Se a Teologia é ſaber, o que Deus diſe, e ſaber como iſo ſe-defende, contra os noſos adverſarios; quem nam ſabe iſto nam Teologia. Que os Eſcolaſticos nam ſaibam iſo, nam tenho neceſidade de o-provar; porque eles o-confeſam: quando reconhecem grande diſtancia, entre Teologia *Eſcolaſtica*, e *Controverſia*. De que ſaie por-legitima conſequencia, que da-ſua Teologia, pouco cazo devemos fazer.

Se V. P. examina as razoens que eles dam, para ſe-deſculparem; ſam tais, que obrigam a rir. Em certa ocaziam me-reſpondeo um profeſſor: *Que as con-*

troverſias eram boas, la para Inglaterra, e Roma, onde ſe convertem Erejes: mas nam eram neceſarias em Portugal, onde por-graſa de Deus, eſtavamos livres doſa peſte. A ſemelhante omem, nam quiz eu argumentar, porque aſentei, que nam me-avia intender: mas a ſua reſpoſta, merece alguma conſideraſam. Ela vale o meſmo que dizer: *Que fóra de Portugal, ſe-deve ſaber Teologia bem: e explicar uma Teologia, que poſa ſer util à religiam: E que em Portugal, ſe-deve empregar toda a vida, em uma Teologia, que nam ſerve para defender a religiam: mas unicamente para falar nas coizas, ſem fundamento algum.* O Teologo nam é um omem que fala, para ſe-divertir: mas é um doutor na Igreja Catolica; o qual deve enſinar as verdades da-noſa fé aos filhos, e defendèlas contra os inimigos. Da meſma ſorte que o doutor de Leis, é o que ſabe o fundamento, e inteligencia delas; e as-ſabe defender, contra os que as-impugnam. Onde, deve o Teologo eſtar ſempre promto, para dar razam da-ſua fé, e do-infalivel motivo da-ſua eſperanſa, conforme o conſelho do-Apoſtolo S. Pedro. E, valha a verdade, que coiza mais deploravel, que gaſtar um Teologo toda a ſua vida, em diſputas; ſem ſaber dar razam, da-ſe que profeſa? Em que ſe-á-de diſtinguir o doutor, do-dicipulo; e o ignorante, do-ciente? Os dicipulos, e as ovelhas crem, porque lho-diſe o meſtre, e lho-declara o paſtor: E os paſtores, e doutores por-que ám-de crer? porque lho-mandam dizer de Roma, ou porque o-lem atim, em algum catechiſmo? boa razam! devem ſaber o motivo por-que crem, e porque o-enſinam. E quem diſe ao dito, que a Eſcritura é infalivel? que é a meſma que eſcrevèram, os omens inſpirados, eſpecialmente Moizes? e que a tal Eſcritura foi verdadeiramente ditada, por-Deus? iſto certamente nam enſina a Eſcolaſtica.

Tambem nam poſo ſofrer, que me-digam, que eſta Teologia, nam é neceſaria, em Portugal. Primeiramente, que neceſidade á aqui, de Teologia Eſpeculativa? Para divertimento, nam ſerve, porque enfada: para explicar o Dogma, nem menos; porque eſte explica-ſe com razoens claras, e nam com arengas: que nam só nam aperfeiſoam o juizo, mas pozitivamente o-confundem, e reduzem a eſtado, de nam fazer progreſo, em ciencia alguma. Por-certo que nenhuma tem parenteſco, com ſemelhantes inſulſas eſpeculaſoens, de que fica enlabuzado o juizo, de um deſtes Teologos: pois é certo, que a noticia dos-SS. PP. e monumentos ecleziaſticos, nam ſe-adquire com queſtoens eſpeculativas: e o juizo critico, que tam neceſario é para diſpor, e intender bem, todas as ciencias; ſomente ſe-conſegue, com a leitura dos-melhores criticos, e com o-tratar, e diſputar, com os omens doutos. Pois de que ſerve iſto, ſenam, de um titulo vam, ſem fundamento? Mas, tornando à Dogmatica, digo, que ela ſerve para confirmar os Fieis, no-meſmo que crem: e pode ſervir, para convencer os Infieis. Eu vejo aqui todos os dias, muitos omens caſtigados, por-ſequazes da-lei de Moizes: concedo, que muitos ſejam ignorantes: mas ſuponhamos, que um é douto:

quem á-de convencer eſte omem? Intende V. P. que um Teologo Eſcolaſtico, pode falar neſta materia? O Eſcolaſtico cuida, que trazendo o texto: *Non auferetur ſceptrum de Juda* &c. ou outro ſemelhante, tem provado tudo. O Ebreo nam faz cazo da-Vulgata: vai direito á fonte Ebraica, e Caldaica, e aos commentarios dos-Rabinos, que ſam infinitos. E quem conhece V. P. aqui, capaz de intender eſtas coizas; e com a erudiſam neceſaria, para reſponder ao cazo? iſto nam é murmurar, é dizer a verdade. Onde devemos concluir, que quando um deſtes Teologos, vai converter um Ebreo, é obrigado a conhecer, e confeſar, que em tanto o pode converter, em quanto o Judeo, nam ſabe reſponder. E deſta ſorte nam á omem, que nam ſeja capaz, de convencer outro. Crece o argumento ſe puzermos, que um deſtes Judeos de Barbaria, ou de Olanda, qué às vezes aqui vem negociar, inſpirado por-Deus ſe-queira converter: mas queira um Teologo, que primeiro lhe-explique, e rezolva, todas as ſuas dificuldades. (iſto vi ſuceder algumas vezes, fóra de Portugal) Neſte cazo que dirá o Teologo? ſem duvida ficará mui caladinho. O meſmo digo dos-Erejes; que aqui ſe-acham em grande numero. A todos eſtes ſe-deve moſtrar, nas diſputas, e exercicios literarios, a falſidade das-ſuas doutrinas: e deve o Teologo exercitar-ſe niſto, para poder reſponder, nas ocazioens neceſarias, e repentinas.

Mas, pondo de parte eſtes motivos, que privilegio, proguntára eu, tem os Eſtrangeiros, para só eles ſaberem as verdades, da-noſa religiam? Só os Italianos, Francezes, Alemaens &c. ám-de ſair a campo, contra os inimigos da-Fé: e os Portuguezes, que ſe-prezam de filhos obedientiſimos da-Igreja, nam ám-de ſaber moſtrar o ſeu zelo, e obediencia, na-defeza deſa Fé, que profeſam? Por todas as partes do-mundo vam os Portuguezes, pregar aos Infieis, a palavra Evangelica: e nam á um unico Portuguez, que moſtre aos Erejes, a verdade deſa Fé, que aos outros anuncia! Certamente quem aſim diſcorre, nem moſtra grandemente a ſua Fé, nem o ſeu zelo, nem pugna pola gloria do-ſeu Reino. Nem todos os Erejes ſam Francezes, ou Alemaens, ou Italianos: mas em todas eſtas Naſoens ſe-acham omens, que pegam na pena, para impugnar qualquer erezia que ſe-levanta. Recomenda muito S. Agoſtinho, (1) que, quando aparecerem novas erezias, eſcrevam todos, os que tem talento para eſcrever; aindaque digam o meſmo, por-diverſas palavras: deſta ſorte conhecerám os Erejes, que entre os Catolicos á muitos, que lhe-poſam reziſtir: e poderám eſes livros, chegar à mam de todos, os que neceſitam deles. Iſto ſe-praticava, nos-primeiros ſeculos da-Igreja. Contra a erezia de *Ario* eſcrevèram muitos PP. Gregos, e Latinos. *Atanazio*, *Bazilio*, *Epifanio*, *Didimo*, dois *Gregorios*, dois *Cirilos*, *Ilario*, *Ambrozio*, *Agoſtinho*, *Gregorio Betico*, *Idácio Claro*, *Fegadio*, *Fulgencio*, e outros muitos. E nam só em Roma entam ſe-ſabia, diſputava, e defendia o Dogma; mas, na Africa, no-Egito, na Paleſtina, na Mezopotamia, na Tracia,

 na

(1) *L. 1. de Trinit. c. 3. L. contra Mendac. c. 6.*

na Grecia, em Franſa &c. E eſte conſelho devia perſuadir aos Portuguezes, executárem o meſmo. Deſorteque apertando bem o cazo, V. P. deve-me conceder, que neſte Reino, nam á Teologo algum; viſtoque nam á nenhum, que ſaiba mais, que quatro dedos de Eſpeculativa.

Alem diſo, a Dogmatica é neceſaria, para formar verdadeira ideia das-coizas. Proguntára eu a um deſtes Teologos, com que conciencia aceita, ſer Qualificador do-S. Oficio; ſe nam ſabe fundamentalmente, a noſa religiam? Certo é, que eſtes omens devem julgar, ſe a doutrina que ſe-propoem, é, ou nam. é conforme, aos principios da-noſa Fè. Deſorteque o Qualificador, nam é fiſcal do-S. Oficio, como muitos ignorantemente prezumem; antes polo contrario, é um defenſor dos-livros: e deve buſcar tudo o que pode, para ver ſe ſe-pode defender ſeguramente, a dita doutrina: porque todas as vezes que, por-algum motivo, ſe-pode defender, injuſtamente a-condena. E que doutrina nam é neceſaria, para poder fazer iſto? Um omem, que ſabe pouco, toma limpamente uma doutrina, por-outra: confunde uma erezia, com uma opiniam catolica, ou toleravel. Eſtamos vendo iſto todos os dias, nos-Eſcolaſticos, que mutuamente ſe-condenam de erros, que nunca ſonhàram: o que provèm, por nam terem examinado fundamentalmente, quais foram os erros dos-tais erejes. E como todos os Teologos aſpirem, ao titulo de Qualificadores; todos deviam ter, os fundamentos neceſarios para iſo.

Quanto a dizerem, que introduzindo-ſe em Portugal, eſtas Teologias, dariam motivo, de formar duvidas na Fé; e que por-falta delas nam tinham intrado as erezias, neſte Reino; é outra frenezia ſem fundamento. Tanto dano pode rezultar na Igreja, de diſcorrer mal, ſobre as Teologias Eſpeculativas, como ſobre os Dogmas: porque entre as eſpeculativas, tratam-ſe quantos dogmas baſtam, para dizer mil erezias: como nos-enſinam *Roſcelino*, *Gilberto Porretano* &c. Alem diſo ſe neſa conjuntura, ſe-formaſem eſcrupulos, tambem averia reſpoſtas, para os-desfazer: e o exercicio da-diſputa, enſinaria aos Teologos; como aviam reſponder. Nem deſte principio tam ridiculo devemos inferir, a propagaſam das-erezias, nos-outros Reinos, ou a falta delas neſte: quando vemos, que a Igreja Romana, ſeguindo o exemplo dos-antigos PP., abraſa eſte metodo como unico, para deſtruir as erezias. Devemos ſim atribuilo, à propenſam dos-Portuguezes, para os exercicios de piedade; e à vigilancia dos-magiſtrados, em deſtruir no-berſo, as más doutrinas. Aindaque na quantidade de Judeos, e outros Erejes, que todos os anos aqui ſe-caſtigam, ſe-conhece, que o tal argumento, nam tem toda a forſa que ſe-intende: e ſe-pode-voltar, contra os arguentes.

Nem vale o dizer, como algums reſpondem, que neſte Reino, tambem ſe-eſtuda controverſia, em alguma parte: e que alguns leitores a-eſtudam, em ſua caza. Os que aſim reſpondem, nunca viram as controverſias: e intendem, que lendo quatro queſtoens do-*Belarmino*, tem a chave de toda a ciencia: mas inganam-ſe niſto. Quem eſtuda Teologia Pozitiva, para ſaber o

funda-

fundamento dos-Dogmas; baſta que leia, os ſimplezes fundamentos: mas quem a-eſtuda, para a-defender contra os inimigos, é neceſario que veja tudo, o que eles tem eſcrito. E nam ſendo o *Belarmino*, (nem o *Gretſer* ſeu apologiſta) o que reſponde bem a tudo; porque, como diſe ja um omem douto, nele os argumentos, tem toda a forſa; mas as reſpoſtas, nem ſempre: e avendo tantos livros neſta materia, que cá nam ſe-conhecem: e pedindo iſto eſtudo fundadiſimo, de Iſtoria, de Linguas, de Critica &c. com razam digo a V. P. que me-rio muito, quando ouſo dizer, que por-modo de divertimento, ſe-eſtuda a Polemica: ou que, tendo ſomente argumentantes Eſcolaſticos, ſe-poſa exercitar ucla um omem, com fundamento.

Tem ainda outro argumento, eſtes apaixonados pola Eſcolaſtica, e vem a ſer que a-devemos ſeguir, em obzequio dos-ſeus fundadores: ou inventores, e aprovadores: que foram dos-mais doutos, e ſantos do-ſeu tempo. Eſpecialmente *S. Tomaz*, cujas obras foram aprovadas, por-alguns Pontifices: e a ſua Suma foi lida, em algumas Univerſidades, por-ordem deles. Mas daqui nam concluimos coiza alguma para o cazo; mais doque afirmar, que a dita Suma nada contem, contra a doutrina da-Igreja. Polos meſmos principios podiamos preferir-lhe, a Suma de *Pedro Lombardo*, o qual *S. Tomaz* reconhecco por-meſtre, e comentou: e ainda oje é tido, nas Univerſidades de Portugal. por-texto: e cujo metodo expreſamente aprovou, o Concilio Lateranenſe IV. Polo meſmo titulo podiamos preferir-lhe, a Suma de *Alexandre de Ales*, ao qual Inocencio IV. expreſamente mandou, que a-compuzèle: e Alexandre IV. confirmou, com ſeu diploma. Polo meſmo lhe-podiamos preferir, a Suma de *S. Boaventura*, cuja doutrina aprováram Clemente IV. Gregorio X. Sixto IV. e Sixto V. Finalmente a *S. Tomaz* Ariſtotelico, podiamos opor *S. Agoſtinho* Platonico, e muitos grandes doutores, que ſeguîram, a meſma Filozofia. Alem diſo, eſa Suma, que ao deſpois teve tanta aceitaſam, nam teve igual fortuna, no-principio. *Eſcoto* contrariou quanto pode, a doutrina de *S. Tomaz*: e *Guilherme de la Mare*, tambem Franciſcano, impugnou a dita Suma, em um livro intitulade: = *Correctorium operum Fratris Thoma*: e muitos outros, ſe-moſtráram contrarios, como ja aſima apontei. E ainda deſpois, varios grandes omens, como *Gerſon*, e *Tritemio*, lhe-preferiram em tudo, a Suma de *S. Boaventura*, como mais fundada.

A doutrina de *S. Tomaz*, que naquele ſeculo ſem duvida alguma foi, um dos omens mais doutos, mais fundados, mais eſtudiozos; e a ſua grande piedade, deram luſtres às ſuas obras: e iſto junto aos apaixonados, que tinha; e junto ao eſtilo daquele tempo, em que a tal Suma, era uma das melhores; deo ocaziam, a todos eſtes louvores. Deſpois diſo, os omens continuáram, e juſtamente, a louválo, e venerálo: mas conſiderando-o como um Doutor Eſcolaſtico, nam crem que ſam obrígados, a ſeguir a ſua doutrina, nem o ſeu metodo. Nem algum Pontifice diſe até aqui, que nam ſe-podia compor melhor ſuma, que a dita: nem o-poderia dizer; porque me

parece,

parece, que iſto nam é materia de Fè. Onde, deixa a Igreja a cadaum, a liberdade de fazer, o que lhe-parecer. Alem diſo, é de notar, que os Pontifices louvam aquele metodo, porque as melhores Sumas deſe tempo, v. g. a de *S. Tomaz*, *e Boaventura* &c. ainda conſervavam veſtigios, da-antiga Teologia: e ainda o cazo nam eſta reduzido ao eſtado, em que ao deſpois ſe-vio. Os doutiſimos Religiozos Dominicanos, foram inſenſivelmente abraſando, as ditas doutrinas, até que aſentáram, em defendèlas. E tam eſcrupulozamente inveſtigáram, a mente do-S. Doutor, como ſe foſe, de algum eſcritor Sagrado: quando baſtava declarar, o que ele diz, e enſinálo aos outros. Diſto nacèram, aqueles grandes comentarios, que V. P. ve, e de que aſima ja lhe-diſe alguma coiza: pois compreendendo a dita Suma, trez ou quatro volumes; os comentos ultimos paſam de doze. Sendo certo, que iſto de jurar uma doutrina; é a cauza de que um omem, nam ſe-ſirva do-ſeu juizo, e nam ſe-adiantem os eſtudos. Pois de outra ſorte, avendo tam grandes talentos, como eu ſei, na Religiam Dominicana; nam era poſivel, que nam tiveſem feito grandes progreſos, ſe acazo nam tiveſem aquele grilham, que os-nam-deixa ſair, da ſua eſcola. Aindaque, (e devo confeſálo, em obzequio da-verdade) em Franſa, e Italia muitiſimos Dominicanos eruditos, e pios, ſeguem diferente eſtilo, e nam querem ſenam a Filozofia, e Teologia moderna: o que ſei com toda a certeza.

De tudo o que até aqui tenho dito, conhecerá V. P. que coiza é a Teologia em ſi, e o que é neſte Reino. Quanto ao primeiro, verá, que a Teologia é uma ſó ciencia, que naceo com o mundo: teve o ſeu maior aumento, na vinda de Chriſto: conſervou-ſe por-todos os ſeculos da-Igreja, até o duodecimo, em que recebeo melhor fórma: pois comeſou a ſer tratada, com algum metodo. Finalmente renaceo com o Concilio de Trento: aperfeiſoou-ſe no-ſeculo paſado: é cultivada em todos aqueles Reinos, em que florecem as letras: nas mais celebres Univerſidades da-Europa: e polos mais inſignes omens, que impunham a eſpada, para defender a doutrina da-Igreja. Polo contrario reconhecerá, que a Teologia Eſcolaſtica, ou Peripatetica, ſomente por-quatrocentos anos, floreceo com eſtimaſam: aindaque ſempre combatida, polos omens mais doutos, e pios: e nem ſempre no-meſmo grao. Neſe meſmo tempo, contam-ſe trez idades da-Eſcolaſtica. I. deſde *Abellardo* até *Alberto Grande*: no-qual tempo, ainda nam eſtava reduzida a arte: e ſomente ſe-uzava da-Dialetica, na Teologia. II. idade deſde *Alberto Grande* até *Durando*, que morreo, no-meio do-ſeculo XIV. no-qual tempo é que ſe-introduzio nela, o metodo dos-Arabios. III. deſda *Durando*, que foi o que facilitou, fazer novos ſiſtemas, diferentes dos-outros Eſcolaſticos; até *Gabriel Biel*, que morreo, no-fim do-ſeculo XV. Notará tambem, que nam ſó as erezias, que turbáram a Igreja, por-XII. ſeculos, foram confutadas ſem Peripatetica; mas tambem as que ſairam no-tempo, em que eſtava em vigor a Peripatetica, foram condenadas, ſem eſa ajuda. Sendo certo, que deſde o

ſecu-

feculo XIII. fe-celebráram XC. Concilios, VII. dos-quais foram Gerais: e nos-quais fe-tratáram dificuldades eſpeculativas, ſobre a Trindade, e outros miſterios. Reconhecerá alem diſo, que, deſde o Concilio de Trento a eſta parte, è regeitada polas melhores penas, que só buſcam a doutrina Sagrada, nas fontes onde ſe-bebe pura.

Obſervará finalmente, que quando os SS. PP. recomendam, a Teologia Eſcolaſtica; deve-ſe intender, de uma Teologia metodica, a qual diſponha com boa ordem, as provas tiradas da-Eſcritura, e SS. PP. para concluir o que intenta: e o-confirme com provas, tiradas da-razam natural, quando tiver lugar para iſo. Eſta é a Dialetica, que praticáram os antigos Padres: que louvam, e dizem ſer util. Mas nunca diſeram os Padres, que a Teologia, explicada polos termos Arabios, cheia de formalidades, e ſutilezas metafizicas impertinentiſimas, era neceſaria na Igreja, e devia ſer enſinada. Ainda nam avia, um corpo de Teologia Peripatetica, no-mundo, quando ja tinha ceſado, a torrente dos-SS. PP. que, ſegundo os Cronologos, acabou no-fim do-ſeculo XI. ou, quando muito, até *S. Bernardo*, que morreo em 1153. Deſpois de *S. Bernardo*, nam é neceſario procurar os PP. para a tradiſam; porque eſtava ja divulgada, por-infinitos livros: e a Igreja, que ja governava o mundo, tinha com cuidado conſervado, os depozitos dos-antigos monumentos. Nem menos deſpois deſe tempo, floreceèram Padres, cujos eſcritos tenham grande aplauzo, principalmente em materia de doutrina &c. Tirando *Alberto*, *Tomaz*, *Boaventura* no-ſeguinte ſeculo; os que ao deſpois floreceèram, foram alguns fundadores de Religioens, omens aſceticos: ou foram Religiozos de Religioens, nas quais eſtavam eſtablecidas as Eſcolas; com *S. Vicente Ferreri*, *S. Antonino de Florenſa*, Dominicanos: *S. Bernardino de Sena*, *S. Joam de Capſtrano*, Franciſcanos &c. e deſte nam ſe-tira argumento algum, para o noſo cazo. A Filozofia que louváram, os antigos Padres, era a meſma, que eles praticavam: ora é certo, que o que eles praticavam, e ainda vemos nos-ſeus eſcritos, nam eram ridicularias da-Dialetica; mas era explicar os Dogmas, e reſponder aos argumentos, com a boa razam, e com algum conhecimento da-Dialetica. Quanto à Teologia deſte Reino, facilmente ſe-conhece, que é mera Eſcolaſtica, ſegundo o antigo eſtilo: polo qual eſtam preocupados os profeſores deſorte, que nam é facil, nam digo eu perſuadir-lhe, mas nem menos dizer-lhe, que á outra Teologia mais util, neſte mundo: e que eſta ſe-deve deixar, para ſe-buſcar aquela ciencia, que a razam, e a experiencia moſtra, ſer neceſaria. O pior é, que só eſtimam livros, que embrulhem o juizo. v. g. Eſtima-ſe aqui muito, o P.*** e o-louvam, como um dos-maiores Teologos, e mais futis, que tem avido nas Eſpanhas. Contudo, eſte omem é um Sofiſta, indigno de que ninguem o-leia: confuzo, oſcuro, e ſem fundamento algum. As ſuas obras eſtam proibidas pola Igreja, eſpecialmente eſta Teologia. E eu ſei de certo, que tem 72. propoziſoens acuzadas em Roma, as quais por-cauza de outros negocios, nam ſe determináram. Veja V.P. de que livros cá goſtam! Ten-

Tendo pois viſto, a neceſidade da-Teologia Dogmatica, reſta ſomente que aponte em breve, o metodo deſa meſma Teologia: e o que deve fazer o eſtudante, para ſabèla com perfeiſam. Para iſto, deve o eſtudante notar, que o ſeculo paſado teve a felicidade, de ſe-livrar da-ignorancia, em muitas coizas. A Critica, que entam naceo, ou renaceo, e ſe-aumentou, abrio os olhos ao mundo literario, para ſe-adiantar nas Ciencias. Neſta era nam baſta, que um omem afirme uma coiza; é neceſario, que a prove: e moſtre, que os monumentos de que tira, as ſuas provas, ſam livres de toda a corruſam. Antigamente citavam um texto de *S. Agoſtinho*, e ſem outro exame o-admetiam: oje nam baſta iſo, mas a Critica dá um paſo adiante, e examina, ſe o texto é verdadeiro, ou ſupoſto: e, ainda admitido iſo, examina-ſe, qual foi o intento do-Santo, com os ſocorros tirados da-Iſtoria. O grande dezejo que tinham os doutos, de gozar as obras do-SS. PP. puras, fez que revolveſem os archivos: conferiſem os manuſcritos: e com perfeita critica os-examinaſem. De que naceo, que ſe-diſcobrio, que muitos livros eram ſupoſtos: e nos-certificámos dos-que ſam, de cada eſcritor. O meſmo ſucedeo na Iſtoria: a qual com rigoroza critica purgáram, de infinitos erros, que nela introduzìra, a ignorancia de tantos ſeculos. Moſtráram-ſe as contradiſoens dos-eſcritores, e as opinioens mais provaveis: e ſe-dezenterráram os monumentos, de que a Critica ſe-ſervio, nos-ſeus juizos. Deſta ſorte com a iſtoria Profana, é Ecleziaſtica, ſe-dilucidáram os paſos oſcuros dos-SS. PP. deſcobrio-ſe o fim dos-ſeus eſcritos, e opinioens: e tudo o que foi neceſario, para dezatar as dificuldades. E aindaque muitos Padres eſcreveſem, em linguas Orientais; aparecèram omens neſtes dois ſeculos, que, entregando-ſe inteiramente às ditas linguas, nam só os-intendèram bem; mas com tal exasám os-traduziram, na lingua Latina, que qualquer omem pode oje, formar conceito das-ditas obras.

Devemos porem, em obzequio da-verdade, confeſar, que a ocaziam deſte adiantamento, a-devemos aos Erejes, que aparecèram no-ſeculo XVI. Querendo eles, livrar-ſe de varios argumentos, tirados dos-antigos Padres; declaráram muitas obras, apocrifas; e diligentemente eſtudáram as linguas mortas, para argumentarem, contra os Originais. Iſto obrigou os Catolicos, a fazerem o meſmo: e reſtituîndo as ditas obras, à ſua primeira pureza, determináram, quais eram as verdadeiras, e quais as falſas, e ſupoſtas. O meſmo ſucedeo, com as outras provas, dos-noſos Dogmas, digo, com os textos, que ſe-tiram da-Eſcritura. Eles negáram mil coizas: e foi neceſario, nós as-aprovaſemos deſorte, que nam tiveſem replica. Sucedeo tambem o meſmo com as provas, tiradas da-boa razam. As quais foi neceſario joeirar, para examinar, quais nam mereciam, eſte nome. Eſta neceſidade, de examinar todas as provas, e reſpoſtas dos-adverſarios, inſenſivelmente nos-introduzio nas materias, que tinham conexam com elas. Daqui naceo, eſte corpo de doutrina, a que chamamos Teologia Moderna: a qual nam obſtan-

obſtanteque nada exponha, que nam ſeja antigo; expoem-no por-um novo metodo: e procura provas, com que ſolidamente confirme, eſa ſua veneravel antiguidade. Deſorteque Teologia moderna, é uma Teologia Dogmatica, expoſta com claro, e facil metodo, e conforme ao eſtilo da-eſcola. Mas como para ſe-deſcobrir uma verdade, ſe-deve expor tudo, o de que ela depende; e da-noticia da-iſtoria Ecleziaſtica, dependa a noticia, de muitos pontos da-Dogmatica; daqui vem, que neceſariamente ſe-devem examinar, as ditas queſtoens: as quais ſem duvida pertencem, à Teologia Pozitiva: e por-eſte motivo ſe-deve chamar, *Poſitivo-Scolaſtica.*

Eſta em ſuma é a natureza, da-dita Teologia. Nenhuma outra coiza buſca mais, que provar as verdades, que Deus nos-revelou: tanto as que pertencem a ſi, como a Criſto, como à Igreja, como a nós: e para eſte fim, dirige todas as ſuas provas, e deſvia tudo o que a-ſepára, deſte intento. Nam ſe-entretem com ſutilezas deſneceſarias: nam ſe-ſerve da-razam natural, ſenam nas coizas, em que nam ſe-pode diſpenſar, de o-fazer: e toda ſe-ocupa em facilitar o metodo, de perſuadir a todos, as verdades de que trata. Nam ſe-pode deſcobrir metodo, que mais ſatisfaſa o intendimento, doque eſte: e tudo o mais, é demorar-ſe com as folhas, ſem chegar a colher os frutos. Uma verdade teologica, que depende de um fato iſtorico, e doutrina eſcritural; nam ſe-pode provar, ſem deſcobrir, e qualificar eſe fato, e eſa doutrina. E iſto nam ſe-conſegue, com arengas eſcolaſticas, e com ſofiſmas: mas com razoens claras, e fortes, e diſpoſtas com um metodo inteligivel.

Nada diſto ſe-obſerva, na Teologia Eſpeculativa: porque quazi todas as queſtoens nada conduzem, para o principal ponto da-materia. O tratado intitula-ſe v. g. *de Trinitate*: e a maior parte das-queſtoens tudo tratam, fóra que provar, alguma verdade importante, que pertenſa a eſe miſterio. Uma das-famozas queſtoens é, *Qual ſeja o principium quo productivum* &c. Uns dizem, que eſtá no-*relativo*: outros, que no-*abſoluto*: e ſobre iſto ſe-fazem diſputas imenſas. E quem nam ve, que todas eſtas queſtoens, ſam pueriliidades? Tudo o que nós ſabemos de certo é, que o Pai produz o Filho: e ambos o Eſpirito Santo: mas que a natureza do-Pai, nam produz a natureza do-Filho, ou do-Eſpirito, que é a meſma. Deſorteque todas aquelas queſtoens, nam enſinam mais, doque ſabemos: nem provam, o que ſabemos: nem ſervem mais, que para dar materia, *aos principios proximos, e remotos*, da-Eſcola. O pior e, que ainda iſo que ſabemos, quando os Eſcolaſticos o-tocam, ou nam provam, ſegundo o coſtume; ou, ſe provam, é tam mal, que moſtram nam intender, o que dizem. De que nam lhe-poſo citar, melhores exemplos, nem mais modernos, que * * * De que fica claro, que de ſemelhantes eſtudos, nam ſe-pode tirar ajuda alguma, para intender as coizas neceſarias. E por-eſa razam os modernos, e verdadeiros Teologos, tem medo, de excitar queſtoens inutis: primeiro, para nam

ocupar tempo: deſpois, porque fundando-ſe elas pola maior parte, em palavrinhas; confundem o juizo, nem o deixam apto, para outras coizas. Em fim os modernos Teologos, ſeguindo tambem o parecer, dos-Filozofos modernos; perſuadiram ao mundo, eſta verdade, que nunca intendeo a eſcola Peripatetica; e vem a ſer, que o intendimento nam ſe aperfeiſoa, com arengas; mas com razoens claras, e bem diſpoſtas: antes polo contrario, que as mexerofadas da-Eſcolaſtica, ſam o melhor ſegredo, que ſe-tem achado, para nam intender bem, materia alguma. Eſpecialmente falo, das-arengas da-fórma ſilogiſtica: de que ja em outra carta moſtrei, a utilidade que produziam.

Iſto ſupoſto, a primeira coiza, que deve fazer o eſtudante, que entra na Teologia é, eſtudar em breve, a iſtoria da-Igreja: primeiro, a do-Antigo teſtamento: mas eſpecialmente, deſpois de Criſto a eſta parte: cuja noticia com o tempo, quando ſe-oferecem controverſias que dependem dela, ſe-deve ir dilatando. Eſta noticia entronca naturalmente, com a iſtoria Civil, e particularmente, com a dos-Imperadores, ao menos até o ſexto ſeculo: onde é neceſario eſtudála muito bem. Iſto parece maravilha, aos que nam conheſem a Teologia mais, que polo ſobreſcrito: mas nam á mais verdade. Sendo a Teologia uma coleſam de verdades reveladas, diſpoſtas em diferentes titulos, e tratados; e tendo ſido quazi todas elas diſputadas, e impugnadas polos Erejes, em todos os ſeculos da-Igreja; e tendo tambem ſido explicadas, com a tradiſam dos-Padres, e autoridade dos-Concilios, ou Igreja Romana &c. ſobre o que formam dificuldades, os Erejes do-noſo tempo: E' neceſario muitas vezes, provar o fato, para eſtablecer a verdade daquela decizam, e convencer a mentira dos-Erejes. Ponho exemplo. Crem os Catolicos, que a maior parte dos-Biſpos Criſtaons, unidos ao Papa, nam pode errar, nas definiſoens de Fé. Impugnam varios Erejes eſta verdade, principalmente os modernos: e opoem o que ſucede, nos-Concilios Ariminenſe, e Seleucienſe, convocados para condenar, a erezia de Ario: nos-quais os Padres, inganados polos Biſpos Arianos, admetîram uma confiſam de Fé, realmente Ariana, mas com aparencias de Catolica: e ainda deſpois de deſcuberto o ingano, obrigados por-varias calamidades, novamente aſináram, a antiga confiſam, e decreto. Querem os Erejes, que eſtes Padres ſinceramente admetiſem, o dito erro: e ſendo em maior numero, que os outros Biſpos, ou, para melhor dizer, ſendo mais que baſtantes, para formar um Concilio Geral; e prezidindo nele os legados Pontificios; ſe-deſtrua com iſto, o noſo dogma. A eſte argumento, nam ſe-pode reſponder, ſem ter exata noticia, da-iſtoria do-dito ſeculo. E iſto meſmo ſe-deve dizer, de mil outras controverſias, que ſe-oferecem.

O metodo de eſtudar a Iſtoria, é eſte. Primeiro, buſcar uma carta cronologica, deſtas que ſe-acham, em uma folha de papel grande; e meter na cabeſa, as principais epocas, da-iſtoria Civil: e obſervar a ordem, e ſe-

rie

ſie dos-tempos: primeiro antes de Criſto. Depois, ler por-um Compendio, a iſtoria dos-antigos Imperios, que tem algum parenteſco, com a da-Igreja antiga. Em ſegundo lugar, ler a iſtoria da-Igreja, até Criſto. A meſma ordem ſe-obſervará, deſpois de Criſto. Primeiro, ſe-le a iſtoria Civil, quero dizer, dos-Imperadores Romanos, (a dos-outros Reinos, que ſam diſmembraſam do-Romano, pode-ſe ler, em outro tempo) obſervando a uniam que tem, com a iſtoria da-Igreja. O que poſto, é neceſario lela, por-um autor mais difuzo. Deſpois diſto, deve ler a iſtoria, da-Igreja de Criſto, polo meſmo metodo. No-meſmo tempo deve acoſtumar-ſe, a buſcar na carta de Geografia, as provincias, e lugares de que fala: porque deſte modo, aprende-ſe a Geografia ſem trabalho. E tambem a divizam do-globo, nas ſuas partes, e outras deſtas coizas, aprendem-ſe no-meſmo tempo, facilifimamente, e por-divertimento. Eſtas noticias baſtam, ao principio: porque com o tempo, e quando ſe-eſtudam as queſtoens de Teologia; em que ſam neceſarias, é que ſe-profundam bem. Sobre iſto, ja falei em outra carta, que cuido tratava, das-Umanidades. Mas cazo que o eſtudante, nam tiveſe eſtudado primeiro, a Iſtoria; deve fazèlo agora: porque eſte é o primeiro Prolegomeno, da-Teologia.

Deve pois conheeer, quais foram os melhores autores, que eſcrevéram nas materias: para nam ſe-inganar com eles. v. g. Sobre a Geografia, á cartas boas, e más. *Janſon* fez um Atlas Geografico; em oito volumes grandes: e tambem o compendio de todos eles, em um volume de folha: eſta coleſam é boa. *Blaeu* fez outro Atlas, em onze volumes, ou doze, de outra ediſam: tambem tem cartas otimas. Os Senhores *Sanſon* compuzeram, um Atlas mais breve, com cartas de todo o mundo: e ſam mui louvados. As cartas de *M. de l' Isle* ſam ainda mais corretas: compreendem toda a Geografia. Eſtes dois ultimos autores tem cartas, das-antigas divizoens dos-Imperios, mui buſcadas polos curiozos. Alem deſtes, temos autores famozos, que compuzeram cartas, de alguns paizes particulares: os melhores ſam eſtes. *Inſelim* = que fez as de Inglaterra, Paîzes Baixos, Franſa, Eſpanha, Portngal. M. *Nolin* = de Veneza, e Iſtria. O P. *Placido* = o Curſo do-Pó. *Enſishmid* = de Alemanha. *Scheuchzero* = de Elvicia &c. Eſtes autores devem-ſe ſaber, para ſe-buſcarem nas ocazioens; deixando infinitos outros, que nam valem nada.

Dos-livros, nas Umanidades apontei alguns Latinos. *Cellario*, e *Cluverio* para a antiga Geografia, publicáram Compendios beliſimos: é mais extenſo *Pedro Bertio*. No-meio do-ſeculo paſado compoz o P. *Brietio*, = *Parallela Geographiæ veteris & novæ* 4. volum. 3. é obra digna de todo o louvor: mas nam compreende mais, que a Europa; porque os outros tomos, nam ſe-imprimîram. Para a moderna, á muitos bons, em linguas vulgares. M. *Robbe*, e *Sanſon*, compuzeram Introduſoens boas, em Francez: o *Chudole*, em Italiano. *Du-Bois* publicou uma em 4. v. 2. ſegundo as obſervaſoens

d'-Academia das-Ciencias de Paris. *Audriffret* tambem comesou uma em Francez, que compreendia a Geografia antiga, e moderna: mas nam deixou mais, que um tomo em 4. que compreende parte da-Europa. *Carolus a S. Paulo*, publicou as taboas, da-antiga Geografia Sacra, em que traz os V. primeiros Patriarcados: sam Latinas fol. e utilisimas para um Teologo, e Canonista. Tambem é necesario ter noticia, dos-Dicionarios Geograficos melhores O *Varea*, compoz um Dicionario Geografico, Istorico-Latino: fol. 2. vol. é pasavel. *Baudrand*, publicou outro em Latim, que era de *Ferrario* 2. t. fol. estima-se a edisam de 1689, porque as antecedentes nada valem. O *Maty*, deu fóra um, em 4. Francez. Mas o melhor de todos é o de M. de *Martiniere* da-ultima edisam, que cuido sam dez volumes de folha: e oje tem de mais um tomo, em que poem as cartas Geograficas melhores, principalmente na edisam de Veneza. Estas noticias deve ter o mestre, para as-comunicar aos dicipulos, nas ocazioens.

Para a Cronologia, basta ao principio, o *Strauchius*, ou *Beveregius* = *Institutiones Chronologica*: ou tambem a segunda parte do-*Rationarium* do-*P. Petavio*. Quem quizer maiores noticias, leia a *Doctrina Temporum* do-mesmo *Petavio*: ou o P. *Brietio* = *Annales Mundi*. 2. tom. fol. aindaque acrecenta 70. anos ao *Petavio*: ou tambem leia o *Usserius* = *Chronologia Sacra*. Com o tempo se-alcansa noticia, de outros Cronologos. Para a istoria Universal em breve, basta a primeira parte do-*Rationarium* do-*Petavio*: tambem o *Cellario* fez um Compendio Latino em 12. que é exatisimo, como sam todas as obras, deste grande omem. O *Tursselino* fez um, que é mais estimado, pola *Latinidade*, que pola Istoria. Melhor que ninguem escreveo, *Gottlob Kranzio* = *Compendium Historiæ Universalis ab orbe condito, usque ad finem saculi XVII.* 8. *Vratislaviæ*. 1709. mas publicou-se anonimo. Mais difuzo é o *Brietio*, principalmente despois de Cristo: ou o *Loschi* = *Historia Universalis*. 12. volum. 7. é autor bom. Para a Ecleziastica até Christo em compendio, é sofrivel para um principiante, o *Bolerano*. 16. Latino: despois de Cristo, *Riboty* 12. que a-continua ate o ano 1677. O *Gravesson* é mais extenso, e escreve toda a istoria antes de Cristo, em 3. volumes em 12. impresos em Roma: e a istoria dita despois de Christo, até todo o seculo XVII. em 6. volum. 4. mas estreitos. Isto basta, para um principiante: os mestres devem beber, nas mesmas fontes da-Istoria. Para as dificuldades maiores, pode contentar-se o estudante, com o *Natal Alexandre*, com as notas do-P. *Roncaglia*. Este autor explica o que basta, nestas introdusoens; correndo por todos os seculos, desde o principio do-mundo, até o fim do-XVI. de Cristo. Nele podem os principiantes ler as disputas, sobre os pontos controversos de Istoria, e tambem alguma coiza do-Dogma: os omens adiantados, necesitam de outras noticias, que ele nam traz, ou toca mui de pasagem, ou explica mal.

Daqui pasando à Teologia, superfluamente darei metodo, de a-estudar:

daf: porque ſem ter um livro bom, nam é facil que o eſtudante, ſe-poſa regular ſem ingano. Primeiramente, ſe ele tem eſtudado, boa Filozofia, ſegundo o metodo que apontei; mais facilmente intenderá, como á-de tratar a Teologia. Contudo por-si só, nam poderá adiantar-ſe muito, neſte eſtudo: e debalde lhe-perſuadirám, que o-faſa. Se tem ſido Peripatetico, neſte cazo ſuperfluamente lhe-direi, que a-eſtude bem: porque um omem preocupado, com arengas da-Eſcola, em tudo quererá ſutilizar. Onde ſem ſe-eſquecer de tudo, o que tem eſtudado; e tomar alguma ideia, da-boa Filozofia; nam é poſivel, que faſa coiza boa. Contudoiſo darei a V. P. regra geral, com a qual me-parece, que um moſo de boa indole, e docil, pode regular-ſe ſeguramente, no-eſtudo da-Teologia.

Nam deve o eſtudante demorar-ſe, com prolegomeno algum, dos-que nas Teologias vulgares ſe-eſcrevem: baſta que intenda, o que aſima lhe-diſemos, que ſe-reduz a iſto. Teologia é um corpo de doutrina, em que ſe-compreende tudo, o que ſe-pode ſaber, das-coizas reveladas: as quais reduzem-ſe a trez claſes. I. As coizas que pertencem a Deus, como é em si; em que ſe-expoem, todas as ſuas propriedades. II. Coizas que pertencem a varias obras de Deus, como criaſam do-Mundo, do-Omem, do-Anjo &c. III. Coizas que pertencem a nós, em quanto nos-encaminhamos para Deus; que ſam as noſas obras boas, divinos auxilios, ſantidade, bemaventuranſa: e alem diſo as Leis, a que devemos obedecer &c. Niſto ſe-compreende, toda a ciencia que temos de Deus, ou tudo o que ele quiz, que nós ſoubeſemos: e a iſto chamamos, *Teologia*.

Iſto poſto, o que devemos fazer é, provar eſtas verdades reveladas, polo melhor modo, mais certo, e mais claro, que podermos. Primeiro, para nos-certificarmos, da-verdade da-noſa religiam; reconhecermos, que devemos crer com toda a ſeguranſa, os noſos Dogmas. Em ſegundo lugar, para taparmos a boca aos Infieis, e Erejes, que negam, ou duvidam, de alguma delas. O que ſupoſto, as provas da-noſa Teologia, tiram-ſe de trez fontes. I. da-palavra de Deus eſcrita, que ſe-contem em ambos os Teſtamentos. II. da-tradiſam divina, que é a meſma palavra de Deus, que ſe-comunicou em voz, e divinamente ſe-conſervou, até os noſos tempos. III. da-razam natural, que prova, e confirma muitas coizas, que tambem foram reveladas. Deſtas trez fontes, nacem outros lugares Teologicos, de que ſe-tiram, os particulares argumentos. v. g. Da-Tradiſam, nace a autoridade da-Igreja Univerſal, dos-Concilios Gerais, da-Igreja Romana, dos-SS. Padres: porque todos eſtes ſam os ficis depozitarios, da-Tradiſam Divina. Segue-ſe a autoridade dos-Teologos, que ſucedèram aos Padres; e quando todos convem em uma coiza, moſtram a ſuma evidencia, ou conſtante tradiſam. Da-Razam natural, nace a autoridade dos-Filozofos, e Iſtoricos. Deſorteque contando bem os lugares, de que pode ſervir-ſe o Teologo, ſam dez: Eſcritura, Tradiſam vocal, Igreja Univerſal, Concilios Gerais, Igre-

ja

ja Romana, Padres antigos, Teologos, Razam natural, Filozofos, e Iſtoricos. Os primeiros ſeis, ſam proprios da-Teologia, e a concluzam que deles ſe-tira legitimamente, é teologica, e certa: porque a autoridade deſtes ſeis lugares, é infalivel. Os ultimos quatro, ſam de ſua natureza faliveis, e alguns deles expoſtos, a ingano: e ainda a meſma razam natural, que nas materias evidentes acerta; nas que o-nam-ſam, conjetura ſomente. Onde o Teologo nam pode deles tirar, concluzam infalivel, mas provavel: e para provar algumas determinadas coizas, que ſirvam, para iluſtrar o Dogma.

Deſte principio, conhecerá facilmente o Teologo, como deve tratar, as queſtoens de Teologia: pois é certo, que os lugares infaliveis, devem preferir-ſe, aos faliveis: ſendoque só aqueles dam, concluzam teologica. Quanto aos outros, só nos-devemos ſervir deles, quando é neceſario, para iluſtrar o Dogma. Eſpecialmente falo dos-argumentos, tirados da-razam natural. Ela ſerve, para confirmar algumas coizas, que nós cremos. v. g. a exiſtencia de Deus, e do-eſpirito criado: a ſua liberdade &c. e aqui produz argumentos evidentes. Em outras coizas só ſerve, para explicar melhor, o que ſe-diz: e em outras, de nenhum modo tem lugar. De que ſe-conhece, que a razam deve ſugeitar-ſe, ao Dogma; é ajudálo a triumfar, dos-ſeus inimigos.

Iſto ſupoſto, ſaie daqui a regra geral, e incontroverſa: Que em materias de Teologia, nam ſe-deve introduzir, a razam natural; ſenam em quanto ſerve, para declarar, e defender o Dogma. Iſto, é o meſmo que dizer, só ſe-devem diſputar aquelas queſtoens, que conduzem para eſte fim: e devem evitar-ſe todas as outras inutis, e embrulhadas, que nam ſervem para iſto. Com eſte ditame, ja o eſtudante pode conhecer, como deve tratar a Teologia; e o conceito que deve formar, de infinitas queſtoens, que nas eſcolas ſe-tratam com eſte nome. Deve ter ſempre na mam eſta balanſa, e pezálas mui bem: e quando nam tiverem eſtas condiſoens, deſprezálas todas. Entam achará, que a queſtam iſtorica, pertence a eſta claſe; viſtoque ſem ela, nam ſe-intende o Dogma: v. g. a vinda de Criſto, e verificaſam de todas as profecias: E daqui concluirá, que a Iſtoria é ſumamente neceſaria, ao Teologo. E nam ſe-podendo ſaber bem, a Iſtoria de ambas as Igrejas, ſem a Civil, ſem a Geografia, e Cronologia; concluirá tambem, que tudo iſto é neceſario, ao Teologo. Entam conhecerá, que o Teologo deve ſaber, o verdadeiro ſentido das-Eſcrituras, de que ſe-ſerve, para provar os Dogmas. Mas às vezes vareiam os codigos, e verſoens antigas, tanto dos-textos, como entre si: vareiam os meſmos textos: alem diſo os Judeos, e os Erejes argumentam, com os textos originais: onde é neceſario intender, as linguas das-Fontes, para lhe-poder reſponder: De que ſe-conclue, que eſta erudiſam, é neceſaria ao Teologo. Finalmente, correndo por-tudo o mais, pola doutrina dos-SS. Padres, e Concilios, que os Erejes ou prevertem, ou impugnam; virá a conhecer, que o Teologo deve ſaber muito mais, que comumente

mente nam se-intende. Polo contrario o Ereje, nam lhe-importa, se o *Principium Quo* está no-*relativo*, ou no-*absoluto*: e outras coizas semelhantes. Nam lhe-importa o que dise Aristoteles, nesta, ou na quela materia: pois quando muito serve-se da-razam natural, para argumentar ou responder: nem estas questoens, fundadas sobre os tais principios, servem, para confirmar o Dogma. E asim deve o Teologo totalmente desprezálas: e deve ter sempre diante dos-olhos, que o-nam-guiou Deus, para aquele emprego, para inventar futilezas insofriveis, ou coizas semelhantes: ocupando com elas o tempo, e inganando o mundo ignorante, com dizer, que sam necesarias, e utis: Mas para fazer a sua obrigasam, ilustrando a doutrina revelada; paraque a-abracemos com todo o gosto; e executemos o que ela manda: e defendendo-a contra todos os inimigos.

Se o Teologo principiante, asentar nestes principios, que sam certos entre todos, os que tem juizo; verá, que a Teologia das-escolas se-reduz, a poucas questoens: e verá tambem, que lhe-dezagradam, as que comumente se-tratam: abrindo-se por-outra parte campo a uma fundada, e dilatada ciencia, estabelecida sobre as bazes, que asima apontamos. E desta sorte, aindaque nam tenha um livro, totalmente bom; saberá nele separar as questoens más, das-que sam boas. Mas como nos-livros Escolasticos, tudo sam sutilezas, verá que necesariamente lhe-dezagradam, todos estes; e que será obrigado, a procurar outros, que tratem o que devem. E como estes nam se-acham logo, porque uns sam mui difuzos, e outros sam compendios, que nam sam para o cazo; somente entre os terceiros, que entre o bom tem alguma coiza ruim, é que pode exercitar a sua critica, e aquele bom uzo de Logica, que suponho tem adquirido na Filozofia, e lisam de bons autores.

A verdade é, que ainda até aqui nam apareceo, um curso de Teologia, (ainda moderna) porporcionado aos estudantes; e que só tratá-se, alem dasdogmaticas, aquelas questoens escolasticas, que sam necesarias, para o Dogma: e esas as-provase desorte, que intendesem todos, e se-capacitasem. Os Modernos, aindaque doutos, comumente pecam, contra um destes pontos: ou dizem mais doque nam devem; ou fundam-se tam mal, que com um asopro se-destruem, os seus fundamentos. E este é grande defeito: porque os Erejes desfazendo estes, cuidam que tem destruido, a doutrina da-Igreja; e persuadem-se, que os-nam-temos melhores. Onde, é interese comum danosa religiam, que os Teologos nas questoens naturais, procurem fundamentos, fóra de toda a duvida: e os-proponham desorte, que nam só no-rigor daforma, mas fóra dela persuadam. Nas questoens provaveis, devem propor os fundamentos, como tais; e nam inganar o mundo, vendendo gato porlebre. A nosa religiam é certa, e clara, e a mais racionavel, e mais bem provada, que tem avido no-mundo: o que supposto, por-qual razam avemos de fazer misterio dela? por-que razam nam avemos de propor as provas, com toda a clareza, paraque as-intendam todos, e se-capacitem delas? Será neces-

sario,

ſario, veſtir as provas em trajes de ſilogiſmos, para perſuadir? ſerá neceſario, recorrer a provas inſuſiſtentes, para provar iſo meſmo? Seria iſo grande loucura, e temeridade. E aſim com todo o cuidado devemos evitar iſſo; e deve facilitar-ſe a inteligencia, e pereesam, em modo que alcanſem todos: fugindo de palavras oſcuras, e termos ou duvidozos, ou que nada ſignifiçam; porque ſam prejudiciais, neſtas materias.

Eſte é o maior trabalho, que tem oje os Teologos modernos. Nam conſiſte a dificuldade, em batalhar com os Erejes; mas com os meſmos Eſcolaſticos: e perſuadir-lhes, que devem mudar de metodo. Preocupados eſtes omens, polos antigos coſtumes; nam admitem razam: fecham as orelhas a toda a advertencia: por-bem, ou por-mal ám-de continuar, o meſmo metodo. Seram capazes (o que ja vi ſuceder) de aconſelharem, que ſe-neguem as licenſas, a todo o livro de Filozofia, ou Teologia moderna; ſem o-verem, ſem o-examinarem, ſem o-intenderem: nam por-outra razam, ſenam por-nam ſer aquela, que eles tem eſtudado. Dizei a um Tomiſta, que a Suma de S. Tomaz nam ſerve neſtas eras: acabóu-ſe tudo: faz-vos logo um proceſo criminal de religiam: eſta propoziſam cheira mal: é ſuſpeitoza na fé &c. Dizei a um Eſcotiſta, que nam fazeis cazo do-que diz Eſcoto, porque ſam metafizicas, ſem fundamento algum &c. grita por-ElRei: e vem logo mil Univerſidades, em que á Cadeira de Eſcoto: e muitos Papas, que louváram a eſcola Franciſcana &c. Finalmente dizei a um Mediſta, ou Moliniſta, que o uzo da-ciencia Media nam é bem fundado, na doutrina de S. Agoſtinho; ou coiza ſemelhante, contra o ſeu ſiſtema: ſaie logo a Congregaſam de *Auxiliis* em Roma: a condenaſam da-iſtoria do-P. Lemos, porque dizia mal da-ciencia Media: e vem logo Paulo V. que no-principio do-ſeculo paſado nam só permetio, mas canonizou a ciencia Media. Nam quero com iſto dizer, que nam ſe-ſigam eſtas doutrinas: ou repreender em coiza alguma, eſtas Eſcolas veneraveis. A Igreja permite-as: e devo eu fazèlo tambem. ſam opinioens Catolicas, ſeguidas comumente: muito embora. Falo dos-individuos particulares, que abraſam cegamente eſtas doutrinas: e nam só nam vem nada, fóra das-ſuas eſcolas; mas condenam tudo, o que nam ſeguem. Digo pois, que eſtas cenſuras ſam paixoens demaziadas: porque cadaum pode defender, as ſuas doutrinas, ſe é que tem fundamento para iſo; ſem romper neſtes extremos, que nam fazem ao cazo. Eſpecialmente digo iſto, falando do-metodo: pois é certo, que á-de ſer muito preocupado, quem nam conheſa; que eſte metodo Eſcolaſtico, fundado ſobre a Filozofia Ariſtotelica, nam é proprio, para a Teologia: como ſe-pode conhecer, examinando a utilidade, que dele rezulta. Comque, ſe o Teologo nam tiveſe mais, que batalhar com os Erejes, todos procederiam com grande concordia: mas devendo batalhar, com os Teologos Eſcolaſticos, daqui nace toda a bulha, que nam ſe-conclue com facilidade. E aſim deve o omem eſtar preparado, para lhe-reſponder: tendo ſempre prezentes, as regras que apontamos. Mais

iſto

ſto é, o que nam apontam, as Teologias que tenho lido. Onde é neceſario, enſinálo ao eſtudante: ou que ele com a ſua induſtria, e aplicaſam o-emende, nos-livros que le: tendo o ſeu caderno, em que aponte as queſtoens, que dele deve excluir; e a razam por-que. Mas um dia deſtes me-diſe o P.*** que um ſeu amigo eſtava compondo, uma Teologia mui douta, por-eſte eſtilo. Será coiza utiliſima, ſe for boa: julgaremos, quando a-virmos.

Deve alem diſto o eſtudante, que le as materias, profundar as queſtoens iſtoricas, quando ſe-incontrarem. E ſobre tudo eſtudar ſempre, com a pena na mam; fazendo compendios, das-queſtoens que eſtuda; e pondo em duas palavras, o que leo em muitas folhas: pois deſta ſorte pode examinar bem, o que compoem: impremilo na memoria: e quando o-torna a ler, fazer-ſe ſenhor da-materia, em breve tempo. E tenha por-certo, que quem le ſem a pena na mam, é o meſmo que nam quer intender, o que le. Acoſtumando-ſe pois a julgar bem, e ſervir-ſe de bom criterio nas materias; poderá fazer grandes progreſos, na Teologia.

Quanto às materias, deve comeſar poloque pertence a Deus, tanto *Uno*, como *Trino*: no-que ſe-compreende, boa parte da-Teologia. Daqui deve paſar, às outras principais materias, que afima apontamos, (rezervando o Moral para outro tempo) que ſam *de Incarnatione*, *de Eccleſia*, *de Gratia Chriſti*, *de Sacramentis*. Quem chega a ſaber iſto bem, é um bom Teologo: porque as outras coizas podem-ſe eſtudar, ou incidentemente, ou quando á neceſidade. Quem eſtuda com metodo, e tem os requizitos que apontamos; pode em quatro anos, ſabèlas ſofrivelmente: ou quando muito, em cinco. No-ſexto ano deviam obrigálo, a fazer atos nelas: e com trez atos, tomar o grao de Bacharel: com o quarto, o de Licenciado: e logo o Doutoramento, como ja diſe, falando da-Juriſprudencia.

Iſto é o que me-ocorre dizer a V. P. ſobre a Teologia. Pudera dizer muito mais, dilatando iſto meſmo, que tenho apontado: mas ſeria ſuperfluo, para os que intendem; e muito mais, para os que nam intendem. Se os que lerem eſta, eſtiverem preocupados, com os ſeus antigos coſtumes; declaro, que para eles nam eſcrevo: nem tenho tanta vaidade, que intenda, que os-ei-de perſuadir. Encham muito embora a cabeſa, com as ſuas formalidades: divirtam-ſe, com os ſeus ſilogiſmos: que lhe-faſa muito bom proveito: que certamente nam os-ei-de conſultar, em materia alguma Teologica. Se os que a-lerem, tiverem docilidade, e bons principios; (ſem iſto é tempo perdido) neſte cazo com o que digo, podem aproveitar-ſe algum coiza, e com o tempo, adiantar-ſe muito: inſtruirem novos dicipulos: e terem a gloria, de ter feito eſe ſerviſo, à Republica. Eſpecialmente pode ſuceder iſto, ſe V. P. com a ſua eloquencia, e doutrina, os-introduzir, e regular neſte eſtudo: pois ſei muito bem, que nenhum outro Portuguez tem em grao eroico, eſtes nobres ſentimentos, de ajudar utilmente o Publico: e tem forſas e poſibilidade para iſo, como V. P: Eſtimarei que ſe-cumpram, todos os ſeus dezejos: e que goze, larguiſimas felicidades. Deus guarde &c.

CARTA DECIMA QUINTA.

SUMARIO.

TRata-se do-Direito Canonico. Mao metodo do-eſtudar, neſte Reino; e prejuizos que dele rezultam. Dà-se uma ideia do-Direito Canonico, e da-ſua iſtoria. Neceſidade da-iſtoria Eclezíaſtica, para intender os Canones. Que daqui deve comeſar, o eſtudo do-Canoniſta, unido com a Civil, e Geografia Sagrada. Aponta-ſe o metodo, de eſtudar Canones. Neceſidade das-Inſtituiſoens Canonicas, antes que ſe-eſtudem, as materias particulares. Apontam-ſe algumas xielhores. Aponta-ſe o que ſe-deve eſtudar deſpois. Defeitos do-Direito Canonico intrinſecos, e extrinſecos. Como ſe-devem regular na pratica, os que eſtudam Canones.

FInalmente V. P. quer que eu ſeja, um Enciclopediſta conſumado: porque nam lhe-ocorre materia, ſobre que nam queira ouvir, o meu parecer. nem menos o Direito Canonico, lhe-fugio da-memoria. E ſerá poſivel, que eu tenha tanta erudiſam, para poder ajuizar, em toda a materia? Mas emfim, o pior é paſado: e ja que nam tive dificuldade, de lhe-dizer o meu parecer, ſobre o eſtudo da-lei Civil; que parecia ter menos parenteſco, com a minha profiſam; aindaque tivele muito com a Filozofia, de que eu meprezo muito: nem menos terei dificuldade, de lhe-dizer o que me-ocorre, ſobre os Canones; viſto ſerem uma conſequencia, da-Teologia; para a qual pertencem. E com mais boa vontade lho-direi, ſendoque o que ja diſe, do-Direito Civil, me-poupa repetir muitas coizas, ſobre o Canonico.

V. P. bem ſabe, que o metodo de enſinar direito Canonico, neſa Univerſidade; é pouco diferente (aindaque pior um pouco) do-Civil. O primeiro ano paſa-ſe, com as Inſtituiſoens de Juſtiniano, ſe é que as-abrem. Deſpois, devem frequentar algum tempo, as leis Civis. Daqui paſam, para as eſcolas de Canones, e eſtudam uma ou duas poſtilas triviais, de *Clerico Venatore*, ou *de Voto* &c. e no-quinto ano, fazem concluzoens nelas. Deſpois, Bacharel, e Formatura, polo meſmo metodo, dos-atos em Leis: e pode formar-ſe em direito Canonico, ou Civil, ſegundo lhe-parece. Feito iſto, parte dali para o ſeu paiz mui conſolado, e com determinaſam de ſer Advogado, ou concorrer aos lugares de Juiz. Tomára porem que V. P. tiveſe a bondade de refletir, algumas coizas. A primeira, ſe um omem que eſtuda por-eſte eſtilo, ſabe que coiza é, direito Canonico: ſegunda, ſe eſte tal omem pode ſer Advogado, ou juiz. Cuido, que é neceſaria mui pouca capidade, para ſaber, que reſpoſta ſe-deve dar, a iſto.

Quem eſtuda ſomente, trez ou quatro materias de Canonica, aindaque as-

as-faiba na ponta da-lingua; fabe tanto de direito Canonico; quanto um omem, que nam fe-ocupou mais, que emdefenhar bazes de colunas, pode faber de Architetura. Creio, que nam fe-acharia omem, tam louco, que entregáfe a direfam de uma grande fabrica, a um omem, que nam defenhára outra coiza. Ora é certo, que o titulo *de Clerico Venatore*, e outros que fe-incontram, e defendem todos os dias, fam ridicularias em comparafam, do-corpo do-Direito. fam coizas que fe-aprendem em meia ora: e que alguns Moraliftas explicam, em mui poucas palavras. Deforteque, examinando o cazo fem paixam, efte eftudante nam fabe, direito Canonico. E que faberá do-Civil, a que nunca fe-aplicou, fenam para provar frequencia? certamente nada. (e ifto meímo digo, do-que eftudando leis Civis, com um ano que prove de Canones, fe-forma neles) Diga-me pois V. P. como é pofivel, que efte omem fe-repute apto, para advogar em materias civis? é efte um problema, a que eu nunca achei folufam. Contudoifo, nam á coiza mais ordinaria, que Clerigos Advogados: e ainda muitos Seculares, que, nam obftante ferem formados em leis Civis, nam lèram mais, que as Ecleziafticas, polo eftilo que apontei. Eftes nam advogam fomente, de *Clerico Venatore*; mas em toda a materia civil, e criminal. Paío adiante, e progunto, como pode um deíte fer Juiz; ou que coiza á-de dizer, nos-feus judicatos? Sei que o Povo ingana-fe com efta gente: e uma vez que ouía dizer, *Senhor Doutor*; e veja o finete da-Univerfidade, dentro de uma caixa; nam pede mais autenticas. Mas o que digo é, que um omem deftes, é tam capaz de julgar, neftas materias; como ferá qualquer omem, que nam fabe ler. Digo, que efte fabe menos, que o-Efcrivam: menos, que o Notario: e que mais depreía me-fiára de um deftes ultimos, que do-dito Doutor.

Proguntarmeá V. P. donde me conífa, que eftes Canoniftas, fabem tam pouco: e como provo, que nam julgam bem, e nam fazem a fua obrigafam. Mas nam á argumento, a que eu poía refponder mais facilmente. A primeira parte, conífa-me de trezentasmil concluzoens impreías, que tenho viíto neíta materia: as quais eram tam bonitinhas, que nam tenho neceíidade, de outras provas. Que um ou outro eftude mais, alguma materia, iío nam obíta, contra a regra geral: e ainda para eíes, tenho outra reípoíta. Nem a experiencia me deímente: pois fazendo algumas neíta materia, fempre tirei por-fruto, confirmar-me na opiniam em que eftou, deque nam fabem, que coiza é Direito. Achei um deftes prezados de doutos, que fe-admirou de me-ouvir dizer, que o tratado *de Sacramentis in genere, & in fpecie*, era direito Canonico: e nam teve vergonha de me-refponder, que eías coizas, pertenciam aos Moraliftas. Proguntei a outro, em que fe-diftinguia o direito Canonico, da-Teologia; e nem menos a iíto foube refponder. Se me-fora licito, nomiar todas as peíoas, a quem ouvi dizer parvoices, neíta materia; faria um groío volume. Mas nam tenho neceíidade de outras provas; viftoque a conftante experiencia, eftá pola minha parte. Experimente

V. P. o que lhe-digo: faſa algumas proguntas em tempo proprio; e terá provas abundantiſimas.

E deſta primeira parte nace a reſpoſta; que dou à ſegunda: ſendo certo, que quem ſabe pouco, nam pode fazer bem a ſua obrigaſam: e muito menos em materias, que nam tem eſtudado. Se algumas vezes, eſcrevem menos mal, ou ſaiem letrados de melhor fama; iſo provèm do-mero uzo. Ja eu diſe a V. P., que quando um omem tem pratica grande de cauzas, pode advogar, e ainda ſer Juiz nelas; nam em virtude de doutrina alguma, mas da-boa razam, acomodada à experiencia. Reparei muitas vezes, eſtando nos-eſcritorios dos-Advogados, que de trezentas cauzas que tinham, pouquiſimas incluiam, um artigo conſideravel: a maior parte paravam, nas razoens de fato: deſorteque os Advogados deſpachavam muitas, converſando. E iſto é o que eu digo a V. P., que pode fazer-ſe, ſem ſe-ſervir de Direito. E por-eſta razam nam me-admiro, que alguns deſtes com o tempo, e com buſcar nos-livros algumas razoens, chegaſem ao ponto, de arrezoar. O que digo é, que o-nam-fizeram, em virtude do-que eſtudáram na Univerſidade: porque nenhum parenteſco tem uma coiza, com outra. As materias que lá eſtudáram, certamente eſtam muito diſtantes, das-que no Foro praticam. De que eu concluo, que aquele metodo de eſtudar, pouco, ou nada ajuda, para os empregos que ſe-ocupam.

Saiem logo eſtes dizendo, que tendo eſtudado no-primeiro ano, as Inſtituiſoens Civis, e dois anos de Leis; tem nelas a chave meſtra, para ſaberem todo o Direito. Mas eſta reſpoſta nam conclue nada. Primeiramente confirma, o que nos dizemos; que o direito Canonico que tem eſtudado, para nada lhe-ſerve: pois tudo ſe-reduz, ao que lhe-lembra, do-primeiro ano das-Inſtituiſoens. Mas a verdade é, que eſtes tais nada ſabem, de direito Civil. Examine-os V. P. ſobre as Inſtituiſoens Civis, e verá, que nem menos ſobre iſo reſpondem. Deſorteque, ſe quizerem dizer a verdade, devem confeſar, que nada ſabem de Direito: e tudo o que tem alcanſado, é polo eſtilo que tenho dito. Conhece-ſe iſto melhor, quando ſe-fala com aqueles, que nam ſeguîram o Foro; mas, deſpois de formados, ficáram em ſua caza; ou ainda nam tem intrado, nos-empregos. Se V. P. fala a um deſtes, em algumas iſtorias, e inveſtidas da-Univerſidade; ou no-metodo de fazer atos; ou no-que ſucedeo a fulano, e ſicrano, nos-ſeus atos; ouvilos á falar oras inteiras. Mas mude a converſaſam, para a materia de eſtudos: entre-lhe bem dentro neles: ficam mudos. Se acazo dizem alguma coiza, ſam palavras gerais: e logo puxam a converſaſam, para os pontos das-ſuas concluzoens &c. Diſto eſtá cheio o mundo: e aſim cuido, que me-diſpenſará V. P., de produzir mais provas.

Nam me-admiro diſto, porque confeſo, que aſim deve ſuceder: o que me-admiro é, que nam aja um unico omem, que refleta niſto, e reconheſa quanto tempo perdeo, indo à Univerſidade por-eſte eſtilo. Sam tam

cegos

cegos os omens, neſta materia; ſervem-ſe tam pouco do-ſeu juizo; e abraſam tam cegamente, tudo o que vem fazer aos outros; que nam é poſivel, nam digo eu examinar por-ſi só o cazo; mas nem menos ouvir dizer, o contrario. Apoſtarei, que ſe V. P. diz a um Juiz, ou Advogado deſtes, que nada mais foi fazer à Univerſidade, doque perder lá oito anos; que podia empregar, em coiza mais util; gritará como um doido: Contudoiſo, examinado o cazo ſem paixam, nam á coiza mais verdadeira. Se diſer a um deſtes; que um omem que eſtudou trez anos, Filozofia peripatetica; é tam capaz de advogar, tendo alguma pratica, como ele; dirá que ouve uma erezía: Contudoiſo eu defendo, que é mais capaz. Ao menos acoſtumado a provar, o que lhe-negam; e reſponder, ao que lhe-propoem; aplicando-ſe ao Foro, e ſabendo manejar os livros; ſaberá como deve tocar o ponto da-dificuldade, nas cauzas: o que certamente nam fará outro, que na Univerſidade nunca teve exercicio, de argumentar, e defender bem. Sabe V. P. muito bem, que nas eſcolas de Direito nam ſe-argumenta: e nos-atos tudo ſe-reduz a proguntas: onde, argumentar, e reſponder bem, é o que nam ſabem os Juriſtas. Eſta é a verdade. Mas o mundo é cego: e os Juriſtas nam querem ceder das-ſuas pertenſoens, e paixoens: e por iſo ſe-acham tam poucos, que ſaibam fazer bem, a ſua obrigaſam.

Mas, deixando por-agora o Canoniſta Advogado, paſemos ao Catedratico. Deſpois do-Bacharel, e Formatura, entra a fazer atos grandes, ſegundo o eſtilo do-Juriſta Civil: que é o meſmo que dizer, que, ſem mudar o ſeu eſtilo, eſtuda certas materias; mete na-cabeſa alguns textos, e algumas reſpoſtas a outros: com os quais ſe doutora. Deſpois, ficando opozitor, continua de encher a cabeſa, de textos, e algumas reſpoſtas a outros: e temos um Juriſconſulto completo. Negarmeá V. P. que eſte ſeja o metodo, deſa Univerſidade? cuido que nam: pois eu acrecento, que nem menos eſte é metodo, de ſaber Canones. Nam duvido, que algum leitor particular, faſa eſtudo mais fundado: o que digo é, que o comum ſegue eſte metodo. Certamente nenhum deſtes Canoniſtas, reduz os Canones à ſua origem: buſcando as fontes, de que manáram todas as leis Eclezinſticas: mas caiem no-defeito dos-Juriſtas Civis, que é, parar na ſuperficie, e nam paſar das-poſtilas, que ſe-oferecem. Intendem, que tendo muitos textos na-memoria, e muitos autores, que digam aquilo, tem chegado ao que deviam. Toda a galantaria de um profeſor conſiſte, em que, quando cita um autor, diga o capitulo, paragrafo, regra, pagina; e ſe é neceſario, diga tambem, qual foi o impreſor do-livro, por-que eſtudou. A iſto chama-ſe oſtentar erudiſam, e ſer grande letrado: e eu chamo-lhe perder tempo, e amofinar a paciencia, ſem utilidade alguma. Que neceſidade tem o eſtudante, de ſaber todas aquelas coizas? Quando eu ſei o que diz a lei, e em que cazo; e que um ou dois interpretes afima a-explicam; ſei tudo o que baſta: nas ocazioens, em que me-á-de ſer neceſario, ſervir-me dos-autores,

nam

nam tenho neceſidade, de tantas miudezas. Quem compoem poſtilas, ou arrezoa, ſempre vai ver os livros: e em tal cazo, pode citar com toda a individuaſam. Onde aquela afetaſam é ridicula, e prejudicial: porque obriga os omens, a ocuparem-ſe com coizas, que nam ſervem; e encher a memoria com aquilo; quando deviam eſtudar, outras coizas. O meſmo digo, de-amontoar textos. Obſervei muitas vezes, que de tantos textos que ſe-alegam, pouquiſimos ſam *in terminis*. Muitos entram por-via de interpretaſam, e outros arraſtadiſimos: diſto eſtam cheios os livros. Para que ſerve pois, repetir tanta coiza, que nam ſerve? Que um meſtre, o qual com muito eſtudo, tem aquiſtado noticia, de muitas coizas; algumas vezes ſe-firva, deſte metodo; ſeria mais toleravel: o que porem acho menos é, que digam ſer iſto neceſario; e ſe-empreguem nele, nam por outro motivo mais, que para parecerem eruditos: enſinando aos eſtudantes, conformar-ſe ao dito metodo; que na verdade é condenavel: pois nam avendo antinomias de textos, ou outras coizas deſtas, nam tem neceſidade o Juriſta diſto.

Eſta preocupaſam dos-Canoniſtas, é que os-tem prezos, dentro dos-ſeus livros, e poſtilas. Um Canoniſta cre, que para ele nam á mais livros utis no-mundo, que o Decreto, Decretais, Extravagantes: (nam falando agora nos-Interpretes) e aſim todo o ſeu ponto eſtá, em telos beni na memoria, e abraſar tudo, o que eles dizem. De Iſtoria, nada ſabem: menos, de antiguidades Ecleziaſticas: ſem as quais nam é poſivel, que ſe-ſaiba fundadamente, o direito Canonico. Uma autoridade de um S. Padre, nam tem forſa, ſe acazo nam ſe-acha, no-Decreto de Graciano: e cadauma das-que ele traz, prova tudo. Cometem os meſmos erros, que cometeo Graciano: e em ſima ficam mui ſatisfeitos, de os-ter imitado. Mas iſto, como digo, é ſumamente prejudicial. Sempre me-admirei, que nas Eſcolas ſe-permetiſe, ſemelhante livro ao de Graciano: e que os omens nam abriſem um dia os olhos, para nam fazer cazo de um livro, que nem é lei, nem merece eſtimaſam; porque nam enſina coiza alguma boa; e o metodo é peſimo: podendo nós ir buſcar as autoridades, nos-Padres; ſem andarmos detraz de Graciano, que os-intendeo mal, e citou muita coiza falſa. Graciano nam ſabia, a iſtoria da-Igreja: nam tinha conhecimento algum fundado, das-antiguidades: ignorava totalmente, que coiza era critica, e metodo: e, para me-explicar em duas palavras, era um omem, que eſcreveo no-meio do-XII. ſeculo. E que coiza boa ſe-pode eſperar, daquele tempo? Foi abraſado o ſeu metodo naquele tempo, em que nam ſe-conhecia outra coiza. Uns explicáram-no: outros ſeguîram eſte exemplo. E eiſaqui tem V. P. Graciano, reinando nas eſcolas, ſem ter autoridade alguma: e os omens obedecendo a Graciano, devendo ſomente obedecer, aos que tinham autoridade, de fazerem lei. Entam parece, que avia mais alguma deſculpa: oje porem nam a-tem. O que daqui nace é, que os que ſeguem eſte metodo, idolatram eſte livro, nam podem fazer coizas melhores, doque ſe-fez no-dito tempo.

Nam

Nam julgue V. P. que digo muito: faſa-me a merce, de fazer a experiencia; e entam me-dará a reſpoſta. Se V. P. diz a um deſtes, que o Canoniſta deve ſaber fundadamente, a iſtoria dos-Concilios, e Antiga diciplina da-Igreja; o que nam ſe-a-prende, nos-tratados modernos dos-Forenſes, ou no-ſimplez textos das-Decretais, ou das-Bulas; dirá, que V. P. é louco: ſairá logo com Joam Andté, Barboza, Fagnano &c. e lhe-dirá, que neles é que ſe-á-de aprender tudo, o que á melhor na Canonica: e que tudo o mais ſam coizas ſuperfluas, e até impoſiveis, para rezolver os cazos particulares. Iſto dizem: mas certamente nam diriam iſto, ſe tiveſem ſaido, da-toca dos-ſeus autores; e viſto a imenſa planice, do-Direito Canonico: pois conheceriam, que á muita coiza que ſe-deve ſaber, ſem a qual pouco o nada ſervem, eſes textos. Para me-explicar melhor, tomarei as coizas de alto.

O direito Canonico é aquela lei, que dirige as noſas aſoens, para conſeguir, a bemaventuranſa eterna. Eſta definiſam abraſam, os meſmos Canoniſtas Forenſes. Criſto, que fundou a ſua Igreja, para nos-ſalvar; deu tambem faculdade aos ſeus Apoſtolos, para fazerem as leis, que melhor ſe-conformaſem, com a doutrina que lhe-enſinára. Deſorteque, os primeiros que publicáram, o direito Divino; foram ós que comesáram a publicar, o Eccleziaſtico. Onde, dizia S. Paulo aos Corintios: *Præcipio, non ego, ſed Dominus*: quando lhe-inculcava a lei Divina. *Ceteris ego dico, non Dominus*: quando lhe-propunha a Eccleziaſtica. Comesáram eſtas leis, deſpois da-acenſám de Chriſto, quando os Apoſtolos fizeram em Jeruzalem, varios Concilios; para regular o modo, de pregar a fé Catolica. Muitas coizas eſcrevèram, outras diſeram de viva voz: deſorteque de uma, e outra ſorte comesáram, as leis Eccleziaſticas, e ſe-conſerváram até nós. Os ſuceſores de Pedro na cadeira Romana, continuáram ſegundo a ordem dos-tempos, a fazer outras leis; acrecentando muitas, ſegundo o-pedia a neceſidade. Iſto meſmo ſe-praticava nos-Concilios, ou-Gerais, ou Particulares: nos-quais nam só ſe-determinava o Dogma, ſegundo a antiga tradiſam; mas tambem a Diciplina, ou aquilo que devemos executar. Naquele tempo direito Canonico, e Teologia, nam eram profiſoens ſeparadas: más cada igreja tinha, o ſeu *codex canonum*, no-qual eſtava eſcrito, o que ſe-devia crer, e fazer: deſorteque tudo, e ainda as penitencias eſtavam determinadas: e nam dependia do-arbitrio de cadaum, fazer, ou aconſelhar, o que lhe-parecèſe.

Eram conſervados eſtes livros dos-Canones, com todo o cuidado, paraque a todos ſerviſem. Pára facilitar iſto, fizeram-ſe varias coleſoens, em diverſos tempos. Sabemos, que no-V. ſeculo ſomente ſe-governava a Igreja Ocidental-, pola coleſam dos-canones Nicenos, e Sardicenſes. Que pouco deſpois, ſe-acrencentou eſta coleſam, com os canones de muitos concilios, eſpecialmente do-Calcedoncnſe: e que em ambas as Igrejas a-recebèram, e ſe-governáram por-ela: cuja coleſam confirmou ao deſpois, Juſtiniano (1). Sabe-

(1) *Novella CXXXI.*

Sabemos, que no-VI. ſeculo ſe-introduziram tambem, em ambas as Igrejas, os canones chamados dos-Apoſtolos. Eſtas coleſoens aumentáram-ſe ſenſivelmente com o tempo, porque diverſos omens acrecentáram os canones, feitos por-diverſos concilios de Africa &c. e tambem algumas particulares determinaſoens, de Biſpos. Entre elas, a ediſam de Dionizio Exiguo, teve grande aceitaſam, no-Ocidente; eſpecialmente nas Eſpanhas. Neſtes tempos, dilatando-ſe a juriſdiſam dos-Pontifices, nam só ſobre os Ecleziaſticos, mas tambem ſobre os Seculares, em algumas coizas, e nacendo mil dificuldades, ſobre a inteligencia dos-Canones; comesáram a aparecer reſpoſtas, ſobre todas eſtas coizas; que aumentáram ſenſivelmente, o corpo do-Direito. Deſorteque dali paradiante, vemos engroſar ſenſivelmente, de um dia para outro, o corpo das-leis Ecleziaſticas. Polos anos 836. um certo *Izidoro*, chamado *Mercator*, compoz uma coleſam de canones, em que introduz muitas coizas falſas: entre elas as cartas decretais, dos-Papas dos-primeiros quatro ſeculos, até Siricio Papa: que ſam ſupoſtas, e inventadas por-ele. No XI. ſeculo aparecèram, outras trez coleſoens de canones, feitas por-varios Prelados. Mas polos anos 1151. *Graciano* fez outra coleſam, em que compreendeo a de *Dionizio*, *Izidoro*, e *Ivo*: acrecentando-lhe outros canones, e algumas autoridades de Padres. Como eſte Religiozo ſabia pouco, introduzio nela, muito erro teologico, muito de Iſtoria, e muitas autoridades falſas, e apocrifas. Contudoiſo, o ſeu livro teve aceitaſam, e prevaleceo a todas as outras coleſoens; e ainda oje ſe-conſerva. Deſpois, aumentando-ſe as dificuldades, e vendo-ſe os Papas obrigados, a regular o modo, de proceder nos-juizos &c. fizeram-ſe por-ordem dos-Papas, varias coleſoens de Decretais, que compoem o Direito Novo: que ſam as coleſoens, de Gregorio IX. de Bonifacio VIII. de Clemente V. a de Joam XXII. e as Extravagantes comuas. Eſte é o corpo do-Direito. A eſte ſe deve a juntar, o Concilio de Trento, e as Regras de Cancelaria, que publicou Joam XXII. e pola maior parte ſam, ſobre as Beneficiais. Fóra diſto, temos o Direito Noviſimo, que é o Bulario Romano, em muitos volumes: que compreende as Bulas antigas, e novas, e que todos os dias ſe-aumentam. Baſta, que V. P. abra o Bulario, impremido ultimamente por-Mainardi, em Roma; e achará, que é dobrado do-de Cherubino. Cherubino até Clemente X. excluſive, compoem ſeis volumes: e o Mainardi, continuando o Cherubino de Clemente X. até Clemente XII. faz oito volumes, que em tudo ſam quatorze. Mas o que mais é para admirar eſtá niſto, que, ſendo o Cherubino deminuto, o Mainardi, que tornou a impremir os Papas de Cherubino, como as Bulas ineditas até Clemente X. de ſeis volumes que eram, fez quinze: que com a continuaſam ſam vinte trez. E contudo, faltam-lhe as Bulas do-Papa prezente, que ſam ja dois volumes. Eſta coleſam nam tem autoridade publica: nam obſtanteque ſeja impreſa em Roma: ſonde é neceſario, que produzam a Bula com o ſelo. Ponho no-meſmo numero, as Declara-

faſoens da-Congregaſam Interprete do-Concilio de Trento: as quais, ſe acazo nam aparecem, com o ſelo do-Cardial Perfeito, nam fazem lei.

Eſta é a ſerie do-corpo do-Direito: a qual é tal, que quem bem a-conſidera, fica paſmado, da-ſua vaſtidam: e muito mais paſmará, ſe ſouber o que é neceſario, para a-intender. A antiga diciplina da-Igreja mudou-ſe, polo direito Novo; principalmente, deſde o ſeculo X. para cá. Contudoiſo, em muitas coizas obſerva-ſe o meſmo, que antigamente ſe-determinou: exiſtem os meſmos canones, e coleſoens deles: deſorteque quem quer intender, o que entam ſe-fez, e oje ſe-faz; e conhecer as diferenſas, e os motivos &c. neceſita de muita erudiſam. Onde, quando digo, que o direito Canonico é, uma coleſam de canones, que em todos os ſeculos da-Igreja ſe-publicáram, para eſtabelecer a diciplina ecleziaſtica; é o meſmo que dizer, que quem os-quer intender, é neceſario que ſaiba perfeitiſimamente, toda a iſtoria da-Igreja, e eſpecialmente dos-Concilios, nos-quais eles ſe-publicáram. Os meſmos que nam querem ſair, dos-livros que ſe-explicam, neſa Univerſidade; ſam obrigados a confeſar, iſto que digo: pois compreendendo *Graciano*, varias coleſoens de antigos canones; quem o-quer intender, é neceſario que ſaiba iſto. O meſmo digo, das-outras coleſoens mais freſcas, que foram feitas, para diverſos cazos; e alguns deles diferentes, dos noſos modernos. Onde para os-intender, nam baſta ler ſimplezmente, o que diz o expozitor; é neceſario ſaber perfeitamente, a diciplina daquele tempo. O meſmo digo, das-autoridades dos-SS. PP. que ſe-citam no-Decreto. Eles eſcreviam para o ſeu tempo: aſimque quem nam ſabe, o que entam ſucedia, nam os-intende. A iſtoria Ecleziaſtica, tem eſtreito parenteſco, com a Civil: e aſim neceſita deſta, e dos-ſeus aceſorios; e eſpecialmente da-Geografia Sagrada, que moſtre as antigas divizoens dos-Patriarcados, e Igrejas Primaciais: pois ſem iſto, nam ſe-podem intender, muitos canones. Baſta ler o *Doujat = Prænotiones Canonicæ* 4. em que aponta os principios do-Direito; para conhecer, quanta coiza é neceſaria, ao Canoniſta. No fim deſte livro traz, certos Indices utiliſimos, da-Geografia Sagrada, da-ſerie dos-Pontifices, Padres, e Eſcritores Ecleziaſticos; com que moſtra, quanta luz pode daqui tirar, o Canoniſta. Mas nam pára aqui a galhofa: é neceſaria perfeita erudiſam do-Grego, para ler os Canones, e SS. PP. nas linguas originais, em que eſcrevèram: porque nacendo alguma dificuldade, ou querendo examinar fundadamente, algumas coizas, e preciza eſta erudiſam. Quer-ſe alem diſo, perfeita Critica, para nam ſe-inganar, tomando uma coiza por-outra: um canone ſupoſto, por-um verdadeiro: o que tem ſucedido, a omens mui grandes.

Eſta erudiſam, como diſe, é totalmente neceſaria, ao Catedratico: viſtoque o ſeu emprego nada mais é, que explicar o verdadeiro ſentido dos-textos, e reſponder às contrariedades. Cuido que facilmente me-concederam, eſta propoziſam. Porem eu nam paro aqui, mas digo, que tambem

em parte é neceſaria, ao Forenſe: para ſaber aplicar os textos, aos cazos particulares; e nam atribuir aos Papas, coizas que eles nunca ſonháram. Ora eu formo grande conceito, dos-meſtres deſa Univerſidade, e os-conſidero cheios de ciencia; mas diſe, e torno a dizer, que ſe V. P. diſer a alguns, que eſta erudiſam é neceſaria, para fazer a ſua obrigaſam; ám-de fazer grande galhofa, e diram: Eſte Padre é mui ſincero: nunca abrio as Decretais, e ja nos-quer enſinar, como ſe-devem eſtudar! O que eu poſo ſegurar a V. P. é, que tenho falado com muitos Bachareis, que ſaíram com muitos louvores, e oje ſam Advogados, e Juizes; (e tambem falei com algum meſtre) que nam ſabiam de que cor era, a iſtoria da-Igreja: e nem menos ouviram dizer, que era neceſaria. Nam falo na erudiſam de Grego &c. porque nenhum a-tem: e parece-me que daqui poſo argumentar mui bem, para os outros. Nem pode ſer de outra ſorte: viſtoque eſta é a preocupaſam comua, deſte Reino; que a Iſtoria para nenhum eſtudo é neceſaria. O Teologo nam ſabe Iſtoria: o Juriſconſulto Civil nem menos: ſendo a ambos indiſpentavelmente neceſaria: e que maravilha é, que a-nam-ſaiba o Canoniſta? Contudoiſo eſtes Senhores nam ceſam de exagerar, a ſua grande erudiſam de Direito. Achei-me em certa caza de Lisboa, com um Advogado de bom nome, o qual, proguntando-me algumas coizas, de paízes eſtrangeiros; concluio ſeriamente: Que Teologia, ſomente ſe-ſabia na Eſpanha; e Direito em Portugal: o que provou com alguns exemplos, de meſtres da-Univerſidade, que, ſegundo dizia, tinham todos os textos na memoria. Mas a deſgraſa era, que ele Advogado, era um dos-que o-nam-ſabiam; como logo adverti, por-algumas parvoices que diſe: e os exemplos que alegava, nada provavam para o cazo: pois ſomente moſtravam, alguma memoria; que nós nam diſputavamos: mas nam provavam melhor metodo, e eruditam; que era o noſo ponto.

Que um eſtudante leia a explicaſam, que faz um interprete de uma Decretal; e algum bocadinho de iſtoria, que introduz; poderá baſtar naquele cazo: mas ſe ele nam tem eſtudado fundamentalmente, a Iſtoria da-Igreja, e da-ſua diciplina; todos os momentos achará, dificuldades novas, e em todos cairá. Motivo polo qual, nam ſe-deve pedir empreſtada a noticia, nas ocazioens: mas ter feito tal fundamento de Iſtoria, que ſirva de comentario perpetuo, a Lei: e o-tenha ſempre promto na memoria, para todos os cazos que lhe-ſuccederem. Iſto digo do-Forenſe: mas com muita mais razam o-devo dizer, do-Catedratico: o qual, ſe quer ſer meſtre, é neceſario que tenha, todos os requizitos neceſarios. Abra V. P. uma das-coleſoens de Concilios, v. g. a de *Roma*, ou de *Lupo*, ou a de *Binio* de Pariz, ou a do-*P. Labbe*, que é mais ampla; as quais duas ultimas tem os textos Gregos: veja as notas que eſcrevèram os omens doutos, aos ditos Concilios: e reconhecerá, quanto é neceſario ſaber, para dizer que intende bem, os canones deles. Reconhecerá iſto melhor, ſequizer ver as coleſoens de concilios

Nacio-

Nacionais, de Reinos separados: como a de *Sirmondo*, de *Spleman* &c. ou a que fez o famozo *Beveregio* dos-concilios Gerais, recebidos na igreja Grega: em que compreende, os escolios de Zonara, Balsamon, Aristenes &c. Gregos, alem dos-seus. Estes livros mostram bem, como se-devem estudar, estas coizas: pois é certo; que nam se-pode intender bem, o sentido de uma decizam; sem saber, quais eram as erezias, que turbavam a Igreja: e as alterasoens da-Diciplina, que o Concilio queria remediar. Isto é necesario sem duvida, a quem faz profisam, de explicar Canones. Ora nam sei, se V. P. achará muitos que tenham ouvido nomiar, estes autores.

Em fim, a Istoria da-Igreja polo menos, (quando nam queiramos falar de outra erudisam) é necesaria a todo o Canonista: e dela deve comesar, este estudo. Onde despois que o Canonista, tem estudado a Civil, e Instituisoens Civis; antes de abrir livro algum de Canonica, deve ler a istoria da-Igreja. Se o estudante fose educado, polo metodo que apontei em outras cartas, desorteque tivese ja alguma noticia em compendio, da-Istoria Eclezíastica; apontaria eu outro metodo: mas nam o-tendo, direi que este estudo, nam deve meter-lhe medo; porque observando bom metodo, é mais facil, doque muitos nam julgam. Primeiro, deve ler-se um compendio de Istoria. Se o estudante intendèse Francez, ou Italiano, apontára eu belisimos livros: mas nam devendo pasar do-Latim, nam me-ocorrem muitos. Parece-me, que ja apontei em outra carta, o *Matthæus Boleranus*, para a istoria Sagrada antes de Cristo: e para despois dele, *o Riboty*; que é outro Francez da-mesma Religiam, e a continúa ate o ano 1676. Estes sam bons para o principio. Tambem pode servir, um compendio de ambas as ditas istorias em 12. feito para uzo do-seminario de Padua, no-ano 1701. e outros que apontei. Acham-se outras istorias Eclezíasticas: mas muitas sam escritas com pouco juizo, e critica: e outras nam se-podem sofrer. Das-melhores, é o *Gerardo du Bois* = *Histor. Ecclesiast.* fol. 1690. o *Rosveydo* Jezuita = *Historia Ecclesiæ a Christo usque ad Urbanum VIII.* que foi eleito em 1623. &c. Se o estudante intendèse Francez, nam lhe-aconselhára senam, despois de um Compendio, ler a istoria Sacra do-*P. Clemet*, que acaba com a destruisam de Jeruzalem, no-ano 70. de Cristo: e a da-Igreja de Cristo de *M. de Fleury*, que comesa na acensam de Cristo, e chega, com a continuasam, ate o fim do-seculo XVI. porque no-seu genero sam belisimas, e escritas com grande critica, e piedade. No-mesmo tempo deve ter, algumas cartas de Geografia; para buscar as Cidades, deque se-sala: especialmente da-Sagrada. Nesta materia é famozo, *Carolus a S. Paulo* = *Geographia sacra, tabulis designans quinque antiquos Patriarchatus, cum explicat.* A.B.C. fol. magn. anno 1641. mas esta será cara. Em falta desta, podem-se buscar algumas cartas geograficas, das-Provincias que estuda. Quem quizer ler uma introdusam Latina, para a Geografia, pode servir-se do-*Luitz*; que escreve uma belisima, impresa em 1692. e tem otimas cartas. De outras ja falei, em varias ocazioens.

Iſto ſupoſto, no-fim deſte ſegundo ano, em que eſtuda a iſtoria da-Igreja, deve particularmente eſtudar, a iſtoria do-Direito Canonaico: cujo metodo ja ſugerimos, no-Direito Civil, e polas meſmas razoens. Nam me lembro ter lido muitos autores, neſta materia, mas vi dois muito bons: um é M. *Doujat* = *Hiſtoire du Droit Canonique* 12. Pariz 1677. outro é anonimo = *Abregé hiſtorique du Droit Canonique*. 12. Lyon 1690. Segue-ſe a iſto, eſtudar as Inſtituiſoens, do-direito Canonico: que proponham em poucas palavras, todo corpo do-Direito; para ſe-formar conceito, das-ſuas partes. Eſte é o defeito eſencial, que eu acho nos-eſtudos, deſa Univerſidade. Das-Inſtituiſoens Civis, paſa um omem a eſtudar, uma materia canonica. Daqui rezulta, que o eſtudante nunca fórma ideia, do-que eſtuda: mas é obrigado, a meter quatro textos na cabeſa, ſem ſaber, que proporſam tem com o Direito, e porque nele ſe-introduziram, e de que coizas dependem. A neceſidade deſte metodo que aponto, é tam evidente; que ainda em um ſeculo pouco polido, como foi o XVI. chegou a ſer conhecida. Um Juriſconſulto Italiano, chamado *Joam Paulo Lanceloto*, compoz as Inſtituiſoens Canonicas, que dedicou a Paulo IV. ou a ſeu ſuceſor Pio IV. porque á anos que o-vi: e ele meſmo compoz, os comentarios das-ditas. Contudo, nenhum Papa as-confirmou: aindaque fora juſto, que reformando-as em algumas coizas, as-aprovaſem. Deſpois diſo, muitos Juriſconſultos eſcrevêram Inſtituiſoens, ſegundo os trez objetos do-Direito; Peſoas, ou gerarchia Ecleziaſtica: Coizas ſagradas, como Sacramentos &c. e Juizos, ou aſoens do-Foro. *Arnoldo Corvino* fez uma *Synopſis* Latina, e do-Direito Canonico que pode paſar por-Inſtituiſoens: é em 12. impréſa em *Pariz* 1671. Das-modernas, o P. *Febeo* Jezuita eſcreveo umas breves em 12. que nam ſam más. O *Weſtner*, *Pirringh*, *Pletembergh* todos trez Jezuitas, compuzeram as ſuas. Parecem-me porem melhores, e com melhor Latim, as de *Joam Vicente Gravina*, 8. mas mais acomodadas ao Foro ſam, as de *Franciſco Maria Gaſparri*, Advogado Romano: e ſam eſcritas polo metodo eſcolaſtico, com argumentos, e reſpoſtas: em 4. Em falta deſtes, pode ſervir o *Cabaſſutio* = *Oeconomia Juris Canonici*. O certo é que eſte deve ſer o eſtudo, de um principiante: e ſe um moſo no-terceiro ano, ſe-aplica com cuidado, a eſtas Inſtituiſoens; ſempre com a pena na mam, fazendo compendios, e procurando ver as leis que o-ordenam; e por-meio da-Iſtoria, reconhecendo a origem, e ocaziam delas; tem vencido mais da-metade, do-direito Canonico. No-quarto ano, e metade do-quinto, deverá o eſtudante ver, algumas materias do-direito Canonico; ou profundar as noticias, que tem eſtudado no-terceiro. Uma das-principais materias é, a de Beneficiis, para a qual pertence muita coiza: o Juſpatronato, a Rezidencia nos-Beneficios, as Oras Canonicas &c. Deſpois, profundar melhor a Diciplina da-Igreja, ſobre os Sacramentos, e penas Ecleziaſticas. Quem ſabe iſto, nam ſabe pouco. No-fim do-quinto ano, devia fazer os ſeus trez atos em Canones, polo eſtilo que ja lhe-diſe, falando das-Leis Civis.

Quan-

Quando o eſtudante a qui chega, tem lugar examinar muitas coizas, com fundamento. Deve primeiro notar, a diferenſa que ſe-dá, entre o Canoniſta, e o Teologo Moral. Quem examina bem o cazo, reconhece, que nam á diferenſa alguma ſuſtancial. O emprego do-Canoniſta, é, ſaber as leis que a Igreja tem publicado, em todos os pontos da-ſua diciplina: parte para ſaber quais rezoluſoens deve oje executar; e parte para conhecer, o que antigamente ſe-executava; e para dali tirar luzes, para a decizam dos-cazos prezentes. E iſto meſmo deve ſaber o Moraliſta: pois nam poderá ſaber o que é, ou nam é pecado; ſem ſaber, o que a Igreja tem determinado expreſamente, com as ſuas leis modernas. Tem tambem o Moraliſta neceſidade de ſaber, o que ſe-praticava antigamente, para ver como á-de acorreſelhar, nos-prezentes cazos. Eſte é o verdadeiro Moral: e o rezolver todos os cazos, como fazem muitos, porque aſim o-acháram eſcritos em outros livros; eſtá expoſto a mil erros. Nam ignora V. P. as bulhas que tem avido na Europa, ſobre eſtes tais Cazuiſtas; que pola maior parte nam tem erudiſam, nem exato juizo: e só tem memoria do-que lêram, em quatro Cazuiſtas, que fizeram opinioens de ſua cabeſa. Onde para evitar eſtas arengas, deve-ſe recorrer á lei, que o-determina. Deve alem diſo o Canoniſta, ter tambem noticia, das-leis divinas do-Antigo teſtamento; para poder explicar muitas, do-Novo; e determinar alguns cazos particulares. E tudo iſto é tambem neceſario, ao Teologo.

Onde temos, que em quanto á ſuſtancia, Moraliſta, e Canoniſta é a meſma faculdade: ambos dirijem as aſoens dos-Catolicos, para conſeguirem a bemaventuranſa: e antigamente aſim ſe-praticava. A diverſidade toda, de alguns ſeculos a eſta parte, eſtá niſto: que o Canoniſta executa as leis eclezíaſticas, em quanto ao externo: executando a ordem dos-juizos: aplicando as penas preſeritas, aos cazos particulares: e conſervando a diciplina exterior da-Igreja. O Moraliſta, julga de todas eſtas coizas, mas no-foro interno. Deforteque o que tem de mais o Canoniſta Forenſe é, ſaber a ordem dos-juizos, ou teia judiciaria, e regular-ſe por-ela; o que nam neceſita o Moraliſta. Mas tambem eſte neceſita ſaber; a teia judicial interna: que conſiſte, na ciencia do-Confeſor, de dirigir com prudencia, e brandura, as conciencias dos-omens, para conſeguir o ſeu fim: no-que conſiſte aquela particular erudiſam, em que ſe diſtingue um oficio, do-outro. Mas quanto ao Moraliſta, e Canoniſta Catedratico; nenhuma diferenſa tem um, do-outro. O que digo a V. P., porque vejo muitos Teologos, que ſe-perſuadem; que ſe abriſem as Decretais, metiam mam em ſeara alheia. Conſideram inmita diſtancia entre uma, e outra coiza: e com eſte prejuizo, nam eſtudam o que devem, mas ficam toda a ſua vida ignorantes. Polo contrario, os Senhores Canoniſtas ſe ouvem um Religiozo falar, em materia Canonica; condenam iſto, como um inſulto que ſe-faz, á ſua veneravel Faculdade: e reſpondem mui ſeriamente, que em Leis, só eles tem a priva-

privativa. O que provèm, como dife, de que nem uns, nem outros conhecem fundamentalmente, a ſua Faculdade.

Fóra deſtas coizas, deve notar o eſtudante, alguns defeitos do-direito Canonico, tanto antigo, como moderno. O antigo, formado por-aqueles veneraveis Biſpos, que nam reſpiravam mais, que ſantidade; queria em tudo, exceſivo rigor: de que nam era muito capaz, a natureza umana. Todas aquelas leis, nam buſcavam ſomente o bom, mas o prefeito. Eſta diciplina, reformou-ſe com o tempo: e foram-ſe acomodando mais, ao poder e eſtado prezente, da-natureza umana. Determináram-ſe muitas coizas, que ao principio ſe-intendiam mal: e ficou muito mais luminozo, o direito Canonico. Eſtes ſam os defeitos do-antigo. Mas por-outra parte, tinha muitas utilidades, que nam ſe-acham no-moderno. Eram breves, e claras as ditas leis, e pouco ſugeitas a controverſia. tudo o que era neceſario ſe-continha nelas. os ſubditos obedeciam com mais facilidade a leis, que eram poucas, e notorias a todos: e nenhum podia alegar ignorancia. Deſpois-que os Papas, aumentáram a ſua juriſdiſam temporal, mudou-ſe totalmente iſto: e o corpo do-Direito creceo deſorte, que nam ſe-pode explicar. Pondo de parte o Decreto de Graciano, e contando ſomente as leis dos-Papas deſde eſe tempo; as Decretais todas, as Bulas, Breves, e Declaraſoens do-Concilio; compoem quantidade de volumes tal, que mete medo ſomente velos. Ouveram Papas modernos, e entre eles, Inocencio XII. Clemente XI. e tambem XII. &c. que só das-ſuas Bulas, ſe-compoem grandes volumes: e cada dia ſe-aumenta ſenſivelmente, o Bulario. Tudo iſto é direito Canonico: porque os Papas nam fizeram eſtas Bulas, para divertimento; mas para regular os Povos: algumas, para toda a Criſtandade: outras, para cazos particulares de algumas igrejas &c. (ponho de parte as que fizeram, para regulamento temporal dos-ſeus eſtados, que nam ſam muitas). O que ſupoſto, quem pode ter de memoria, eſta machina de volumes? Contudoiſo ſem alguma noticia deles, todos os momentos ſucederám ingranos. Seja V. P. juiz em uma cauza de juriſdiſam, v. g. entre um Biſpo, e uma comunidade Religioza. ſentenceie polo Biſpo, porque aſim lho-enſina, o direito Comum. dezembainha a Comunidade um privilegio do-Papa N. em que proibe ao Biſpo, embaraſar-ſe com aquilo: e lá vai a ſentenſa polos ares. Nós ambos ſomos Religiozos: mas aqui nam ſe-trata de defender as Religioens, mas a verdade: e por-iſſo falo a V. P. com eſta clareza, e ſinceridade. Acham-ſe no-corpo do-Direito varias conſtituiſoens, como ſe nam eſtiveſem: e o meſmo digo das-regras de Cancelaria: algumas das-quais, todos os dias ſe-eſtam revogando. O pior é, que ſuccede o meſmo nas Bulas modernas. um Papa determina: outro, movido de outras razoens, revoga o meſmo. Publicára Benedito XIII. uma Bula geral, para regulamento dos-Beneficios: contudo eſta revoga-ſe todos os dias; de que eu ſou teſtemunha. O mais é, que o meſmiſimo Papa, movido de algumas

gumas circunſtancias novas, revoga as vezes, o que primeiro ordenára: e nam só o que ordenára *ad inſtantiam alicujus*; mas aquilo meſmo que ordenára *motu proprio*: o que varias vezes tenho prezenciado. Deſorteque todos os dias é neceſario ter novas noticias do-Direito: e conſequentemente, os mais doutos Canoniſtas ſam principiantes na materia.

O outro defeito eſencial conſiſte, na meſma ordem das-Bulas, e Breves. Elas eſtam cheias de tantas palavras ou oſcuras, ou inutis; que nam podem menos, que cauzar confuzam. A mais breve Bula podia-ſe reduzir, á terceira parte, ou ainda a menos; ſe lhe-tiraſem todos os ſinonimos eſcuzados, que pola maior parte ſe-acham, do-meio para diante: e os periodos gerais, com que comeſam todas. Iſto nam ſerve mais, que de aumentar confuzoens, e é um ſeminario perpetuo, de demandas. Vi uma vez uma demanda, em um celebre tribunal. Seria ſobre alguma palavra nova, ou periodo oſcuro? nam ſenhor: mas ſobre um *Et*: que um Advogado defendia, que unia certas palavras; e outro, afirmava o contrario. E ſe V. P. abre eſtes Conſulentes, achará muito diſto. De que nace, que os Juriſconſultos, cada um a-interpreta polo ſeu modo: e fazem longuiſimos arrezoados, ſobre palavras bem claras.

Mas o pior que eu acho é, que as meſmas palavras decretorias das-Bulas, e Breves, no-eſtado prezente, ſupoem-ſe como ſe nam eſtiveſem. Que mais claro podia falar um legislador, doque dizendo por-eſtas palavras: *Quibuſcumque conſtitutionibus, & privilegiis a nobis vel prædeceſſoribus noſtris conceſſis, in contrarium non obſtantibus: etiamſi de illis expreſſa ac peculiaris mentio fieri deberet* =. Parece-me que iſto baſtava, e ſobejava, para declarar a intenſam do-Papa. Contudo, iſto nam ſignifica nada; porque os Senhores, Canoniſtas querem, que as tais palavras ſejam ſuperfluas: e que ſe-deva expreſamente revogar, o privilegio contrario. Mas que dirá V. P. ſe eu lhe-moſtrar Breves, nos-quais expreſamente ſe-revogou, o contrario privilegio; e contudoiſo nam valeo? Li uma cauza entre um Biſpo, e certos Religiozos, ſobre juriſdiſam. O Biſpo alcansára a revogaſam expreſa, do-privilegio que alegavam os Frades. Um Cadá Turco ſentenciára ſem mais exame, contra os Frades: e com efeito aſim o-julgavam todos, cuidando que eſtes ſe-aquietaſem. Mas nada menos. Saíram com certa opiniam, de dois ou trez conſulentes Canoniſtas, que afirmavam; faltava na dita revogaſam, certa declaraſamzinha, para ter todas as ſolenidades: e com iſto embrulhou-ſe o negocio deſorte, que o Biſpo ficou de baixo. Outros alegam, que tem um Indulto no-corpo do-Direito, paraque os ſeus privilegios nam ſejam revogados, ſem deles ſe-fazer expreſa menſam: deſte numero cuido que ſam, os Ciſtercienſes. Onde, quando o Papa revoga um privilegio, reſpondem, que o corpo do-Direito prezume-ſe, na mente do-Legislador: e aſim ſabendo, que eles tem aquele privilegio; nam o-revogaria, ſem expreſa menſam. Eſta razam parece ſacroſanta aos Canoniſtas, que dela

dela ſe-ſervem nas ocazioens. Mas a verdade é, que nam vale nada: e eu ſei por-experiencia, que é falſa. O Papa comumente nam é informado, dos-privilegios que eſtam no-Direito; ſe acazo nam é um Papa doutiſimo, como o prezente: e ainda eſte tem tanto em que cuidar, que nam pode cuidar niſo: os oficiais dos-tribunais, menos ainda cuidam, ou ſabem. Quando ſe-propoem uma coiza, ſe é clara a razam concedem a graſa em virtude da-razam: ſe é oſcura, e é negocio de Religiozos, pedem informaſam aos Procuradores Gerais, que eſtam na Curia: ſe é de Biſpos, mandam ao meſmo Biſpo, *pro informatione*, & *voto*. Deſorteque quem aſiſte na curia Romana, e trata alguns negocios, reconhece perfeitamente iſto. O que ſupoſto, aquela regra, que o Legislador prezume-ſe que ſaiba todas as ſuas leis, é a maior falſidade do-mundo: e ſomente um belo pretexto, para fazer demandas; e para nam fazer cazo, dás-conſtituiſoens dos-Papas.

Se o que eu exponho ao Papa, é a verdade: ſe nam deixo circunſtancia alguma da-demanda, que tenho com uma peſoa: ſe o que relato baſta, paraque o Papa forme conceito da-materia, e dè a ſentenſa final nela: ſe o Papa aſim informado, dá a razam, e revoga geralmente, todos os privilegios em contrario: Que mais ſeja neceſario, para julgar-mos valida a reſpoſta, iſo é o que eu nam alcanſo. Nam ſei que conciencia tenham eſtes, que contrareiam iſto: nem poſo intender, porque eſtes Canoniſtas nam diſputam tambem, ſe ſe-deve dar execuſam, a um Breve de Extratempora, ou Diſpenſa de treze mezes, para um Diacono ſe-ordenar; e outras graſas matrimoniais, que todos os dias ſe-publicam; viſtoque nelas, aindaque ſe-revoguem geralmente, as conſtituiſoens contrarias; nam ſe-explica, que conſtituiſoens ſam as que o-proibem. A razam é a meſma: e talvez que com o tempo algum deles, ſe-rezolva a diſputálo.

Eſte foi o motivo, porque muitos omens doutos, e pios, dezejáram a reforma, do-Direito Canonico: e que os Papas reduziſem, toda eſta machina de leis, a um corpo determinado de doutrina: deitando fóra muita coiza inutil, e eſtablecendo as que ſam mais conformes à diciplina, que deſpois do-Concilio de Trento ſe-moſtrou; ſer mais util à Igreja, e mais acomodada aos prezentes coſtumes. Seria util aos Povos, ter uma lei certa, e clara, porque ſe-governaſem: os Juizes facilmente reconheceriam nela, a juſtiſa das-partes: e ſe-acabaria eſta fecunda ſeara de diſputas; pondo-ſe limites à demazia dos-Conſulentes, e Tratadiſtas. E dameſma ſorte dezejavam, que ſe-modificáſe tanta quantidade de privilegios: que ſe-puzeſem em um só corpo, os que competem a todas as comunidades Religiozas: que ſe-cerceaſem alguns, que foram concedidos em outro tempo, e por-motivos que ja nam exiſtem; e oje, com grande prejuizo da-juriſdiſam Ecleziaſtica, ſe-uzurpam. Deſta ſorte conheceriam todos, os privilegios que obſtavam: e eſtando no-corpo do-Direito, ninguem os-podia ignorar: e a Igreja,

ja, e Povos ſeriam mais felizes. Certamente ſe ouve Papa capaz, de fazer eſta reforma, é eſte prezente. Ele tem todas as qualidades, de um grande Principe, e Pontifice. Grande erudiſam de Direito, de Teologia, de Iſtoria: grande uzo de negocios: grande vontade de ajudar os Literatos: grandes ideias; e grande conſtancia de animo, para as executar. Eu pedindo a Deus todos os dias nos-meus ſacrificios, que o-conſerve largos anos, lhe-peſo tambem, que lhe-inſpire eſta boa vontade, de reformar a lei Canonica. Certamente imortalizaria com iſto o ſeu nome; como tem ja comeſado, com outras reformas utiliſimas, aos ſeus ſuditos, e a toda a Criſtandade

Ora eſta temeridade dos-Canoniſtas, é que tem feito o direito Canonico, ainda mais incerto, que o Civil: porque as leis de Juſtiniano eſtam juntas, e nam crecem; aindaque creſam as explicaſoens: mas as Canonicas todos os dias crecem: e muitas acham-ſe enterradas em alguns archivos; deſorteque ſem grande induſtria, e ſagacidade nam ſe-podem deſcobrir: e de muitas ſomente por-tradiſam ſe-ſabe, que exiſtem. Ponha V.P. alem diſo, a grande abundancia de Canoniſtas Tratadiſtas, e eſpecialmente Conſulentes; que todos os dias eſtam interpretando as leis, com ſofiſmas particulares; e veja, ſe iſto pode ter fim, ou ſe-pode ſofrer. E daqui nace, que os Júizes, ſeguindo o meſmo eſtilo, as-interpretam de modo, que é uma piedade. Conſervo ainda oje por-grande raridade, uma Bula impreſa, e algumas eſcrituras feitas, ſobre a ſua interpretaſam; porque merecem ler-ſe. A Bula falava tam claro, que um rapaz que ſoubeſe Latim, a-intenderia: tinha alem diſo a interpretaſam da-pratica, pois avia anos, que todos a-intendiam daquela ſorte; ſem nunca ocorrer a ninguem, tal duvida. Meteo-ſe em cabeſa a certas peſoas, com a eſperanſa de uma groſa preza, diſputar a inteligencia da-Bula, e inclinála para a ſua parte. Um procurador diligente, e douto defendia a Bula: e moſtrava com razoens clariſimas, que nam era materia de diſputa. Da-parte contraria, certo Advogado fez duas eſcrituras, mais cheias de ſofiſmas, que de palavras. O Juiz, que tinha fama de grande Canoniſta, ajudado tambem de alguma recomendaſam, votou contra o que defendia a Bula. Eſte nam queria deziſtir: mas obrigado por-algumas violencias, e vendo que nam podia fazer mais nada, deitouſe de fóra. Sucedeo-lhe outro Procurador: o qual ou porque nam ſoubeſe mais, ou porque alguns motivos quizeſe, nam deſgoſtar a parte contraria; admetio a concordia, de pagar mais da-quarta parte, do que pediam os autores: quando na realidade nam ſe-devia nada: pois a injuſtiſa era tam manifeſta, que os mais empenhados pola parte contraria, foram os primeiros, a oferecer a concordia &c. Devia o meſmo Juiz, revogar o ſeu decreto; mas impedia-o o amor proprio. Neſte cazo excogitáram o arbitrio de dizer, que aindaque polo paſado nam ſe-devè-ſe aquele dinheiro; * * * dali em diante ſe-pagáſe, por-aquele eſtilo. E eiſaqui tem V. P.

uma nova regra de Direito: porque até aqui dizia-se, que as Leis nam tinham *oculos retro*: mas daqui para diante deve dizer-se, que *reſpicium retro uſque ad ſex, & ſeptem annos*: que tanto era o tempo, que tinha paſado. Com que conciencia obrigaſem a parte, a pagar uma ſoma conſideravel, em virtude deſte decreto, e fazer com iſo, exemplo prejudicial a outros; iſo nam diſputo agora, nem m'importa: unicamente digo o que paſou, e leio nas ditas eſcrituras; e a facilidade com que ſe-fazem eſtas interpretaſoens, de leis clariſimas.

Mas que remedio, dirá V. P.; tem iſto? o remedio é eſte: que tanto o Advogado, como o Juiz deve fugir, de todos eſtes Conſulentes; e a cautelar-ſe tambem muito, nos-Tratadiſtas. Deve procurar a inteligencia da-Lei, em ſi meſma: vendo o fim que teve o Legislador, e as circunſtancias, em que o-mandou. Eſta é achave das-Leis: e a iſto chamam os noſos Italianos, *ſaber o eſpirito da-lei*. Nam deve regular-ſe por-palavrinhas, que tenham fugido da-pena, aos eſcritores, e compozitores das-Bulas; (os Papas nam compoem, nem lem as Bulas: mas em duas palavras lhe-eſcrevem o conteudo nelas, a que chamam Sumario: e iſto é o que ele aprova, e aſina) porque iſto é afetaſam ridicula, e mui prejudicial: mas quando tiver certa, a mente do-Papa, nam deve fazer cazo do-demais. Eſte eſtilo é aquilo, a que os noſos tambem chamam, *intendimento legal*: que compreende logo, a forſa da-razam, e todas as ſuas circunſtancias. Para iſto ſerve a Logica, como ja lhe-diſe, falando da-Juriſprudencia Civil; o que V. P. pode aplicar, a eſte cazo.

Quanto ao Catedratico, ou o que eſtuda na Univerſidade, para eſtudar as materias que deve; é neceſario, que tenha boa eleiſam, e conhecimento de livros. Nam deve fazer muito cazo dos-antigos, que ſabiam pouco: mas paſar aos mais modernos, e aos livros compoſtos em tempo, que a Iſtoria é mais luminoza. Mas nam deve crer, que ſeja obrigado a ver, tudo o que eſcrevèram os Modernos, tanto no-ſeculo paſado, como no-prezente: eſtes autores Repetentes, principalmente Tudeſcos, nam fazem mais, que copiar-ſe uns a outros. O *Layman*, o *Engel*, o *Pikler*, o *Reiſfenſtuel*, e muitos outros, que explicáram os cinco livros das-Decretais; copiáram-ſe fielmente. Quando V. P. ler no-frontiſpicio do-Pirrhing; *Jus Canonicum novo methodo*; nam mude de conceito; mas aſente, que é a meſma coiza, poſta com mais palavras, e talvez mais oſcuras. Deſtes ſempre eſcolheria, o mais breve; porque diz menos coizas más: aindaque um meſtre neceſite, de ler os mais extenſos, para ver tudo o que ſe-diſe, na materia. Dos-modernos ſempre me-agradou, o Van-Eſpen = *Jus Eccleſiaſticum univerſum*: fol. 6. t. ſempre me agradou, digo, pola ſolidade do-juizo; e erudiſam que traz. Mas ſobre tudo para quem eſtuda, o Gisbert *Corpus Juris Canonici per regulas diſpoſitum*: fol. v. 3. eſte autor pode ajudar muito um moſo, para formar ideia, do-direito Canonico; polo meto-

do

do que obſerva. Alem diſo, temos o P. Luiz du Meſnil = *Doctrina. & diſciplina Eccleſia a Chriſto uſque ad ſaculum XII. incluſive, ipſiſmet ſacror. codic. & monum. verbis expoſita* = fol. 4. v. Coloniæ 1730. eſte era um Jezuita mui douto: e a ſua obra é util, para a Teologia, e Canones. Eſtes livros, e outros ſemelhantes devem-ſe preferir, à quela machina de Repetentes, e Tratadiſtas; que nam ſabem o que dizem, e nam enſinam coiza alguma particular. Para ter promtos os textos todos, do-direito Canonico, nam á melhor Concordancia, que o *Daoiz*. fol. 2. v. ele traz todos os textos do-Direito, e das-Glozas, por-alfabeto: e é obra neceſaria, para os que ám-de eſtudar fundamentalmente; e ainda para os Advogados, e Juizes, que querem ter promtas, as autoridades. Compoz tambem outra Concordancia, do-direito Civil.

Parece-me porem mui util, que, alem das-materias aſima apontadas; tomáſe tambem alguma noticia, das-outras partes do-Direito, que andam fóra do-corpo dele. Falo deſtas Bulas extravagantes: das-Propoziſoens condenadas: e das-Declaraſoens da-Congregaſam do-Concilio. O metodo de adquirir eſta noticia ſem trabalho, é eſte. Eſcrever um Index, no-qual diſponha as materias, que ſe-contem neſtas coleſoens: v. g. Materia A. Bula do-Papa N. no-tomo X. ou XI. Declaraſam *N.* emanada no-ano *N.* &c. Materia *C.* o meſmo: &c. Deſta ſorte ſaberia nas ocazioens buſcar, o que lhe-era neceſario: e ſe com o tempo no-tal Index, quizeſe apontar em duas palavras, o conteudo ou na Decizam, ou na Bula; podia compendiar uma obra; que lhe-ſerviſe muito, para a Cadeira, e para o Foro. Nam digo, que o eſtudante antes de ſe-graduar, faſa tudo iſto: aindaque ſei, que o-pode fazer um moſo aplicado, e que eſtuda com metodo, e com a pena na mam: o que digo é, que deſpois de graduado, pode fazè-lo o Catedratico; e o Forenſe, quando eſtuda a pratica.

Paſando à Pratica, eſta ſe-deve regular: polo eſtilo da-Civil, como entam diſemos. Deſpois de um ano, ou dois de pratica de Direito Civil, em que eſtude a teia Judicial; deve paſar à pratica Canonica. Onde poderá ver, naõ ſó o que ſe-pratica neſte Reino, em materias Ecleziaſticas; que eu chamo pratica Judicial; mas tambem eſcrever o Index, que aſima apontamos: e exercitar-ſe, eſcrevendo nas cauzas Ecleziaſticas; fazendo as ſilvas de autoridades &c. Deſta ſorte em quatro anos, compreendendo o ano de pratica Civil, pode o omem ſer tam capaz, que dali paſe para Advogado, ou Juiz. Mas nam deve paſar eſtes anos converſando, como muitos fazem: porque deſta ſorte, tanto importa ter um ano, como vinte. Deve eſcrever ſempre, em algum eſtudo de um bom Advogado: e quando nam tiver cauzas verdadeiras, eſcrever ſobre cauzas ſupoſtas; pedindo ao Advogado, que lhe-dè um cazo Juridico; e eſcrevendo no-tal cazo, como ſe foſe coiza verdadeira. Se no-meſmo eſtudo ouvèſe outro moſo, que quizeſe defender a parte contraria, ſeria melhor. Feito iſto, o Advogado, ou meſtre,

lendo as eſcrituras, podia moſtrar-lhe, em que tinham errado; para outro dia ſe-emendarem. O que creio tambem ſe-deve fazer, no-direito Civil; quando as cauzas nam ſam tantas, que o moſo poſa aprender muito, no-dito eſtudo ou eſcritorio. Nam é crivel, quanto ſe-adianta um moſo, que eſtuda compondo deſta ſorte. E eu vejo, que ainda aqueles grandes Oradores de Roma, *Antonio*, *Sulpicio*, *Cota*, *Ortenſio* &c. cuja fama eſtava geralmente eſtabelecida; declamavam particularmente cauzas ſupoſtas, para ſe-inſtruirem, quando onveſem de ſair a publico: e lhe-aproveitava muito bem. Deſde eſe tempo, ſempre ſe-coſtumou eſte eſtilo, na Republica. E decendo aos noſos tempos, nas melhores Cidades de Italia, e em Roma, (perdoe-me V. P. ſervir-me ſempre, dos-exemplos da-minha patria, porque é defeito geral dos-nacionais) nam só os moſos que eſtudam, fazem iſo; mas os meſmos Advogados moſos ſe-ajuntam, para tratarem particularmente cauzas ſupoſtas; informando o juiz; defendendo o reo; e eſcrevendo as ſuas razoens, como ſe pratica nos tribunais: o que eu prezenciei varias vezes. E contudo, nos-eſcritorios de Roma, nunca faltam cauzas verdadeiras. E por-que nam faremos iſto em Portugal, onde os Canoniſtas tem pouco exercicio, na avocacia; e nam muito, na judicatura? Aſim que eſte parece ſer, o melhor metodo de ſe-adiantar. Se os Canones ſe-eſtudaſem deſta maneira, ſeguro a V. P. que só entam os Canoniſtas ſeriam capazes, de ſuſtentarem os empregos, e ſerem Biſpos: porque ſem eſtas noticias, falta-lhe o que requerem os Canones, neſtas Dignidades: como por-noſos pecados, todos os dias eſtamos vendo.

Concluo dizendo, que nem menos ſofreria, que um Juriſta Civil, ſe-graduase em Canones, ou polo contrario: muito menos conſentiria, que um Juriſta Civil, unicamente por ſe-ter ordenado; advogáse no-Ecleziaſtico; ou ſoſe Juiz, Dezembargador, Vigario Geral, como todos os dias eſtá ſucedendo. Ajuda muito o direito Civil, para a pratica, e muitas outras coizas: porem ſeguindo a eſtrada que apontei, de eſtudar Canones, pode um omem ter baſtante noticia, de leis Civis: muito mais ſe ſe-exercitar bem, nos-primeiros dois anos de pratica. Digo ſomente, que ſem ſaber fundadamente os Canones, nam é um Juiz capaz, de tratar, e julgar, materias Ecleziaſticas.

Iſto é o que me-ocorre dizer a V. P. em uma Faculdade, que parece eſtar cem legoas longe, do-burel roto de um Capuchinho. V. P. que por-forſa quer ouvir-me, terá a bondade de deſculpar os meus erros: mas muito particularmente, de ſe-capacitar bem, das-minhas toſcas razoens; para as-ſaber explicar a eſes, a quem as-propuzer. Em modo tal que, ſendo eles Juriſconſultos, nam caiam no-defeito, tantas vezes cenſurado; de condenar as partes, ſem ſerem ouvidas; e ſem examinarem as razoens, e ſem as intenderem. Em V. P. nam á eſe perigo: mas pode avelo nos-ſeus conhecidos: por-iſo lhe-peſo eſa cautela: e peſo tambem a Deus guarde a V. P. m. a.

CARTA

CARTA DECIMASEXTA.

SUMARIO.

APonta-se o metodo de regular os eſtudos, em todas as eſcolas; comeſando da-Gramatica, até à Teologia. Fazem-ſe algumas reflexoens particulares, ſobre o modo de exercitar utilmente os rapazes, na Gramatica: em que ſe-reprovam alguns eſtilos, introduzidos em Portugal. Modo util de exercitar os Medicos, e Cirurgioens. O meſmo ſobre as Leis, Canones, e Teologia: onde ſe-aponta, como ſe-devem exercitar, os Confeſores. Dá-ſe uma ideia, do-modo de inſtruir as Molheres; e nam só nos-eſtudos, mas na economia, com utilidade da-Republica.

MEu amigo, e ſenhor, A incumbencia que V. P. me-dá neſta ſua carta, cuido que ja eſtá dezempenhada, em todas as que lhe-tenho eſcrito: pois em cadauma diſe, nam só como ſe-deve eſtudar; mas quanto baſtava para ſaber, de que modo ſe-deve regular o eſtudo, na eſcola. Contudoiſo o favor que V. P. me-faz, de nam querer dar paſo, ſem a minha direſam; bem merece, que eu tome algum trabalho, para lhe-reſponder: e aſim repetirei em breve, o que de paſagem diſe, em varias cartas. E ponho de parte todos os comprimentos, que V. P. me-faz; que eu recebo, como provas manifeſtas da-ſua amizade, e bondade; ſem genero algum de merecimento meu.

Direi pois a V. P. que os eſtudos para ſerem regulados, devem comeſar deſde o tempo, que os meninos comeſam a ler, e eſcrever. Ponho por agora de parte, a inſtruſam que lhe-devem dar, antes que comeſem a ler. Ja ſe-ſabe, que lhe-devem enſinar, os elementos da-Fé; digo, as coizas mais principais: acoſtumálos a obedecer, e ſerem cortezes &c. E iſto, mais com boa maneira, que com rigorozos caſtigos: o que certamente nam intendem muitos Pais, e Meſtres. Porem o que V. P. quer ſaber é, a aplicaſam literaria: daqual digo, que deve comeſar, aos ſete anos. Enſinar a eſcrever aos rapazes, antes do-dito tempo, é perder o ſeu tempo; como a experiencia me-tem moſtrado. Na idade de ſete anos, é que devem enſinar-lhe a eſcrever: nam ſe-canſando muito, em que faſa bom carater: baſta que nam ſeja mao, e que eſcreva facilmente, e corretamente: pois com o tempo, ſe-pode reformar a letra. Deſpois enſinar-lhe, as quatro primeiras operaſoens de Aritmetica, que ſam neceſarias, em todos os uzos da-vida. Niſto á grande deſcuido em Portugal: achando-ſe muita gente, nam digo infima, mas que veſte camiza lavada, que nam ſabe ler, nem eſcrever: outros que, ſupoſto ſaibam alguma coiza, nam contejam: o que cauza ſumo

prejui-

prejuizo, em todos os eſtados da-vida. Privam-ſe eſtes omens, do-maior divertimento, que pode ter um omem, quando eſtá só; que é, divertir-ſe com o ſeu livro. fazem-ſe eſcravos de todos os outros: pois para ajuſtar contas, conſervar conreſpondencias, dependem dos-mais. Fóra de Portugal, vive-ſe de outra ſorte. ſam tam raros os plebeos, que nam ſaibam eſcrever, como aqui os que o-ſabem. o muxila, o carniceiro, o ſapateiro todos ſe-divertem, com os ſeus livros. Eſta neceſidade é tam clara, que todos a-experimentam: e aſim nam podemos aſaz condenar os Pais, que ſe-deſcuidam neſta materia. Devia tambem aver, em cada rua grande, ou ao menos bairro, uma eſcola do-Publico; paraque todos os pobres pudeſem mandar lá, os ſeus filhos: o que ſe-pratîca em varias partes. Achei-me em Cidades, onde avia eſcolas de molheres, que enſinavam em cazas ſeparadas, rapazes, e raparigas. Outras molheres ſomente enſinavam, raparigas: e aſiſtiam em cazas grandes, onde recebiam algumas donzelas onradas, e civis; as quais ſeus Pais lhe-entregavam, para as-doutrinarem em todo o genero: e pagava cada uma quarenta mil reis cada ano, por-caza, e comedoría. Elas vinham às vezes vizitar os Pais, em companhia das-meſtras: cadauma das-quais trazia quatro, ou cinco. Iſto é para os Pais, que nam podem por-si, enſinar os filhos: porque os que podem, nam tem deſculpa, em nam fazèlo.

Supondo pois, que os meninos ſabem ja ler, e eſcrever, apontarei a V. P. o modo, de regular os eſtudos publicos. Dos-que ſe-fazém em cazas particulares, nam tenho que dizer; pois devem conformar-ſe com os publicos, no-metodo: muito mais, porque tem mais tempo, para o-fazerem. Deve aver em todos os Colegios, e Univerſidades publicas, primeira eſcola, em que ſe-enſine, a lingua Portugueza. Neſta eſcola devem os meninos, eſtudar a ſua lingua, por-alguma Gramatica. O meſtre moſtrará, as oito partes da-oraſam, na lingua Portugueza; que é a analogia das-vozes Portuguezas: o que ſe-reduz a mui poucas coizas, e ſomente a ſaber, os nomes daquelas vozes, que uzam os meninos; e reduzilos aos ſeus titulos. Deſpois, as principais regras de Sintaxe, ou uniam das-partes, e ſua regencia: as miudezas, e anomalias devem-ſe rezervar, para outro tempo; para nam carregar a memoria dos-rapazes, com tanta coiza. Moſtrará tambem em um livro impreſo, o exercicio das-regras: e os rapazes daram razam, das-partes todas da-oraſam. Em terceiro lugar deve ſaber, a Ortografia da-ſua lingua. E eſte eſtudo da-Gramatica Portugueza, ſe-deve fazer em trez mezes; os quais baſtam para o que ſe quer: viſtoque por-todo o ano da-Gramatica Latina, ſe-deve explicar a lingua Portugueza, meia ora cada dia; lendo algum capitulo, e explicando o meſtre o que deve.

Feita eſta preparaſam, pode o eſtudante paſar, à Gramatica Latina. Nam me-agrada aquela baraſunda de eſcolas, que ſe-pratîca em Portugal, ſem ſabermos por-que razam: porque as-eſcolas de Gramatica, podem-ſe reduzir a quatro: em cadauma das-quais ſe-explique, uma parte da Gramatica.

tica. Se os eſtudantes forem muitos, podem-ſe dobrar as claſes, duas para cada parte da-Gramatica. Iſto fazem em algumas Univerſidades, até nas Ciencias maiores: avendo diverſas eſcolas, em que explicam as meſmas materias, para dar lugar à quantidade dos-eſtudantes. Mas eſte cazo nam ſucederá facilmente, diſpondo-ſe as claſes, polo modo que dizemos: porque enſinando-lhe com facilidade, a Gramatica; eſtarám pouco tempo nas eſcolas, e daram lugar aos outros. Deverá pois o eſtudante, nos-nove mezes do-dito primeiro ano, ver as duas primeiras partes da-Gramatica Latina, que ſam Analogia, e Sintaxe. Na Analogia ſabendo o eſtudante, as declinaſoens dos-Nomes, e Verbos, tem vencido toda a dificuldade. A Sintaxe ſendo como dizemos, reduz-ſe aos ſeis cazos do-Nome: e ſaber quando devemos uzar deles, e com que partes: o que nam é muito dificultozo. Se o meſtre quizer imprimir bem eſtas coizas, na memoria dos-dicipulos; deve primeiro explicar-lhe, as regras todas: deſpois obrigálos, a que eſcrevam as coizas, que apontar. v. g. Dando-lhe um Verbo da-primeira conjugaſam, que eſcrevam todas as declinaſoens do-dito Verbo: o meſmo digo, dada uma regra de Sintaxe &c. O meſtre pode dar um exemplo, apontando um periodo de Cicero: e dizer ao eſtudante, que eſcreva toda a regencia, do dito periodo: deſpois, dará conta de tudo o que eſcreveo: e aſim ſe-imprimirá na memoria.

Nam aprovo aquele eſtilo, de mandar argumentar os rapazes, com grandes gritos; caminhando paratraz, e para diante: e caſtigálos, ſe acazo nam advinham logo, o que o contrario lhe-progunta, com incrivel velocidade. Com eſte eſtilo, ninguem pode ſaber bem, o que deve. E' neceſario proguntar de vagar, e dar-lhe tempo paraque reſponda, e conſidere: poiſ ſe uma vez errar, na outra acertará. Nenhuma peſoa ſe-á-de ſervir do-Latim, com tanta velocidade: e nenhum omem, por quanto douto ſeja, ſe-lhe-fizeſem ſemelhantes proguntas, reſponderia, ſem conſiderar, e advértir, o que dizia. Os rapazes nam ám-de fazer milagres: quer-ſe com eles muita paciencia. O principal ponto do-meſtre eſtá, em explicar bem todas as regras, tanto da-ſintaxe Regular, como Figurada: e pór exemplos enſiveis: ſervindo-ſe a miudo dos-exemplos, da-lingua Portugueza: pois ſomente deſta ſorte é que ſe-intendem, e com muita facilidade, como ſou teſtemunha de viſta. Neſte meſmo tempo deve-ſe continuar, o eſtudo da-lingua Portugueza, duas ou trez vezes cada ſemana: lendo em algum autor, alguns periodos: e explicando o ſentido, e propriedade das-palavras: e mandando aos eſtudantes, que o-expliquem por-turno, cadaum ſeu dia: no-que baſta ocupar, meia ora. Nos-mais dias, na primeira meia ora de menhan, deve-ſe explicar Cronologia, e de tarde Geografia. Para iſto devem eſtar na eſcola, duas cartas deſtas; que só aſim ſe-imprimem facilmente, na memoria. E teram os rapazes cuidado, de terem em caza alguma carta cronologica, e geografica, um mapamúndo, e as quatro partes do-mundo.

do. Eſtas noticias que ſe-dam aos rapazes, devem ſer breves, e ſomente as mais principais: pois com o tempo, aprendem-ſe as outras miudas, quando é neceſario, para intender as iſtorias particulares. Onde, quando ſe-le alguma iſtoria particular v. g. Grega, ou Romana; baſta ter cuidado, de notar as epocas mais particulares: e quande ſe-incontra o nome de alguma cidade, ou rio &c. buſcálo na carta: procurando ter, alguma carta particular, do-Imperio Grego, e Romano. Deſta ſorte aprende-ſe a Geografia, por-divertimento; e a Cronologia, ſem trabalho.

No-ſegundo ano deve eſtudar, as outras duas partes da-Gramatica, que ſam Ortografia, e Quantidade das-ſilabas. Iſto é mais facil: e pode-ſe fazer, nas primeiras oras da-liſam, tanto de menhan, como de tarde. Deſpois devem traduzir Terencio, em Portuguez: e neſte meio tempo os rapazes, repetem as regras de Gramatica, na explicaſam que fazem, do-dito autor. Para o que deve o meſtre, explicar poucas regras, mas eſas bem: ſervindo-ſe, como digo, do-metodo de explicar por-eſcrito, a dita liſam; e obrigálos a dar conta, doque eſcrevèram. Neſte tempo só ſe-procura explicar-lhe, o que é Latim puro: com o tempo ſe-explicará, o que é elegante, e ornado. Quando os rapazes eſcrevem a ſua traduſam, deve o meſtre emendar os erros, que cometem no-Portuguez: e no-meſmo tempo enſinar-lhe, que coiza é boa traduſam: no-que aprendem duas coizas ao meſmo tempo; e ambas com mais facilidade, doque dizendo-as de memoria. Com o tempo pode obrigálos, a traduzir alguma coiza, ſem ſer por-eſcrito: mas iſto ſomente ſe-faz, quando tem baſtante noticia: e entam é que tem lugar, explicar outros livros, como ja diſe. Neſte ano deve o meſtre trez menhans cada ſomana, ou ainda mais, explicar um paſo, ou dois da-Biblia: a qual por-eſte eſtilo ſe-pode acabar, no-dito ano: falo da-ſimplez iſtoria da-Biblia.

No-principio do-terceiro ano, paſará a outros autores, ſegundo a ordem que apontei, nas minhas cartas: os quais ſe-devem traduzir, pola menhan. Quando os rapazes ſe-vam adiantando, devem fazer mais ſolidas reflexoens, de Gramatica. No-primeiro ano baſta moſtrar, o que é indiſpenſavel: nos-outros, tem lugar explicar, as coizas particulares: nam digo com toda a extenſam, que pode ſer; mas dando aquela eruditam, que é neceſaria a um rapaz. Se o meſtre tem cuidado, de introduzir as noticias, quando ſam neceſarias; mandálas repetir aos rapazes; conſeguirá o ſeu intento, ſem trabalho algum: pois é incrivel, quanto a voz do-meſtre ajude os principiantes, e facilite a perceſam. E eſtas meſmas dificuldades, ſe-podem explicar na Retorica, quando ocorrerem novas. Neſte ano comeſa a compoziſam todas as menhans, deſpois da-traduſam: mas aſuntos facis, cartas, comprimentos, algumas pequenas diſeriſoens; emfim materia breve. Eſte é o modo de ſaber bem Latim: porque o diſcurſo familiar facilmente ſe-aprende, como ja diſemos: e com o tempo podem-ſe aprender, outras coizas graves.

Tambem

Tambem neſte ano devem continuar, o eſtudo da-Iſtoria: nos-primeiros ſeis mezes, explicar as fabulas, e coſtumes das-naſoens Grega, e Romana, uma ora cada menhan: nos-ultimos ſeis mezes; explicar a iſtoria dos-antigos Imperios, e Republicas, fóra dos-Romanos. Niſto da-Iſtoria deve o meſtre proceder, com advertencia. Nam é facil, que os eſtudantes, neſte tempo, em que devem dar conta de outras coizas; ſe-apliquem inteiramente, à Iſtoria: nem o meſtre deve ſer tam rigorozo, que queira digam palavra por-palavra, o que ele lhe-explica. Mas ſe o meſtre ſouber fazer, a ſua obrigaſam; pode adoſar eſte eſtudo deſorte tal, que com pouco trabalho, ſe-tire grande utilidade. Baſta que explique bem, um paſo de iſtoria dos-mais principais: e no-ſeguinte dia diga ao eſtudante, que explique a meſma iſtoria; polas palavras que melhor lhe-parecer: e proponha um premio, aos que no-fim da-ſemana, em que ſe-repetem as liſoens de Gramatica; repetirem tambem, as de Iſtoria. Iſto obrigará os rapazes, a lerem a dita iſtoria, para lhe-tirarem a ſuſtancia: e deſta ſorte a-introduzirám na memoria: e ſairám da eſcola, com muitas noticias utis. Iſto que digo aqui, é para compreender, todo o genero de eſtudos: porque quem nam quizeſe, introduzir aqui a Iſtoria, podia rezervála para a Retorica, e Filozofia: no-qual tempo ſe-podia ir explicando. Mas as Antiguidades, e Fabulas, intendo que ſam precizamente neceſarias, nas Umanidades; para as-perceber bem: e é coiza que ſe-explica, com muita facilidade.

Da-Latinidade deve paſar o eſtudante, para a Retorica: o que ſe-deve fazer, no-quarto ano; no-qual ſe-pode aperfeiſoar, na compoziſam, e inteligencia da-Latinidade. Se o moſo tiver eſtudado como dizemos; pode nos-trez anos ditos, ter mais noticia de Latim, do-que muitos que ſe-ocupáram nele, anos baſtantes: e pode por-ſi ſó intender, os outros livros, com o ſocorro do-ſeu Dicionario. Mas por-iſo aconſelho que vá à Retorica, paraque ſaiba, nam só o que é falar, com palavras proprias; mas tambem, falar elegantemente. A Retorica ja ſe-ſabe que deve ſer, em Portuguez: e o eſtudante á-de primeiro compor, em Portuguez; e deſpois em Latim: como em ſeu lugar diſe. Neſte ano de Retorica, deve comeſar a Gramatica Grega: pois ſendo eſta lingua tam neceſaria, em todos os eſtudos; devem os eſtudantes ſair das-eſcolas, com alguma noticia dela: e eſte ano é proprio para iſo, viſtoque os eſtudantes tem ja, conhecimento da-Latinidade, e ſua Gramatica; que facilita o eſtudo da-Grega. Cada menhan a primeira meia ora, emprega-ſe em ler, e explicar, um bocado de Iſtoria. Deſpois, explica-ſe o Grego: primeiro as declinaſoens de Nomes, e Verbos; (que é toda a dificuldade da-lingua) com as ſuas formaſoens. Se os dicipulos forem diligentes, e os meſtres ſouberem explicar bem; para iſto baſtam dois, ou trez mezes. Dali para diante explicarám cada dia, quatro ou cinco regras de algum autor facil: porque iſto é o que importa no-Grego: compoziſam nam é neceſaria, neſta era. No-meſmo tempo que

ſe-explica; aprende-ſe, a Gramatica Grega. Para um rapaz, nada mais é neceſario: poiſque ſe ele intender cada dia, ſomente trez regras de Grego; no-cabo do-ano ſaberá baſtante: e ſe nam deixar eſte exercicio, polo eſpaſo de trez ou quatro anos; conſeguirá baſtante eruditam, do-Grego.

Um amigo meu omem mui douto, que dirigia certo colegio de moſos nobres; praticava o contrario, do-que aqui inſinuo. No-meſmo tempo, que os meninos declinavam os Nomes, e Verbos Latinos; lhe-mandava declinar os Gregos: e continuava eſte exercicio, nos-dois anos da-Gramatica Latina. Deſpois, explicava o Grego, como dizemos, em lugar da-Iſtoria. E confeſou-me, que a experiencia lhe moſtrára, que deſta ſorte os rapazes aprendiam o Grego, ſem trabalho algum. Sei tambem, que em outros Seminarios, ſe-pratica o meſmo. E aſim quem quizeſe deixar a Iſtoria, para outro tempo, v. g. para o ano da-Retorica; podia no-dito tempo, enſinar o Grego: viſto que a experiencia moſtra, que ſe-poupa trabalho. Polo menos, no-terceiro ano enſinar as declinaſoens, e conjugaſoens bem; e no-ano de Retorica, explicar os autores. Deſta maneira teram os rapazes mais tempo, de a-eſtudar; e com menos trabalho. Mas o modo que eu aponto, tem tambem algumas utilidades: e aſim cadaum eſcolherá, o que lhe-parecer.

Deſpois diſto ſegue-ſe a Retorica: da-qual o meſtre explicará brevemente, as partes todas, e as diferentes ſortes de eſtilos. Logo mandará compor alguma coiza, em Portuguez: comeſando por-aſumtos breves, nos-trez generos de Eloquencia. Comeſará primeiro, polas cartas Portuguezas: dando ſomente aos rapazes, o argumento delas: e emendando lhe ao deſpois, os defeitos que pode fazer, contra a ſua propria lingua, e contra a Gramatica. E por-eſta razam é ſuperfluo neſte ano, ler mais autores Portuguezes; porque eſta compoziſam é o melhor eſtudo, que ſe-pode fazer, da-lingua Portugueza. Deſpois, paſará ao eſtilo iſtorico: e tirará algum argumento da-meſma iſtoria, que ſe-explica pola menhan; paraque os eſtudantes a-dilatem, eſcrevendo o dito cazo mui circunſtanciado; e variando iſto, ſegundo o arbitrio do-meſtre: ou tambem a deſcriſam de um lugar, e de uma peſoa, ou coiza ſemelhante. Em terceiro lugar ſegue-ſe, dar-lhe algum argumento declamatorio, mas breve. Para facilitar iſto, o melhor meio é eſte. Quando o meſtre propoem algum argumento, que ſe-deve provar; proguntará ao rapaz, que razoens ele dá, ſobre aquele ponto. ouſa as que ele dá, e ajude-o a produzilas: pois deſta ſorte acoſtuma-ſe a reſponder de repente, e eſcrever com facilidade. Quando o eſtudante tiver baſtante noticia, dos-trez generos de Eloquencia; em tal cazo pode empregar-ſe, em compor Latim: e iſto polo meſmo metodo, que o-fez em Vulgar. Neſta compoziſam Latina, nam terá dificuldade alguma, viſto ter venceido todas, na compoziſam Portugueza: ſomente lhe-faltarám as palavras Latinas, e frazes particulares da-lingua: ao que deve acudir, e ſuprir o meſ-

o meſtre, emendando-as, ou ſugerindo-as. Encomende tambem aos rapazes, que leiam muito as oraſoens de Cicero: nam digo as Verrinas, que ſam enfadonhas, e só ſe-podem ler ſaltiadas; mas as outras mais facis, e breves. Mas para conſeguir profunda noticia deſta lingua, ajudam muito os aſumtos familiares, e breves: dos-quais com facilidade ſe-paſa, para os outros. E eſta claſe é neceſario que frequentem, todos os que eſtudam Latinidade; porque ſem ela, nenhum pode intender, e eſcrever bem Latim: e com ela, pode ſaber muita coiza util, para todos os exercicios da-vida, e principalmente, para toda a ſorte de eſtudos.

Ja diſe, que nam devemos obrigar os rapazes, a irem à eſcola de Poetica, que deve ſer ſeparada das-outras: mas ſe o eſtudante quizer eſtudá-la, pode ir neſte ano de Retorica, de tarde: ou ſe for tam rapaz, que poſa, e queira perder nela outro ano, pode ir no-ſeguinte: e entam pode confirmar novamente, tudo o que eſtudou na-Retorica. Aqui pois deve aprender primeiro, que coiza é Poetica: deſpois, que coiza é verſo Portuguez, e Latino. Eſta erudiſam devem ter todos; ainda os que nam querem ſer Poetas; e ſe-deve dar nas tardes de Retorica, aos rapazes. Querendo o moſo compor, deve ſeguir o metodo, que em outra diſemos: e deve tambem compor alguma coiza, em proza Latina, para ſe-exercitar. Neſte ano pode o meſtre explicar ao dicipulo, a iſtoria Romana da-Republica: e ſe o eſtudante nam quizer, ir à eſcola da-Poetica; toda a iſtoria Romana tanto da-Republica, como dos-Imperadores, até a ruina do-Imperio no-Ocidente; ſe-pode explicar, nos-trez anos de Filozofia; empregando niſto, meia ora cada menhan: o que ſe-faz ſem trabalho algum. Eſte e o metodo.

Tenho porem algumas coizas que advertir, neſte particular. A primeira é, que nam ſe-devem admetir na meſma eſcola eſtudantes, que ſe-apliquem a diverſas coizas; porque produz grande confuzam. E' neceſario que todos os moſos, eſtudem a meſma coiza; e nam ſe-admitam na meſma eſcola, uns mais adiantados que outros: pois deſta ſorte ouvirám todos, e intenderám, o que o meſtre explica. Tenho conhecido, que os decurioens ſam a cauza, de que nam ſe-aprenda bem. Eles ſabem pouco mais, que os ſoldados ſimplezes; e aſim nam podem enſinar bem, aos outros. Sei que os meſtres os-admitem, para nam ſe-canſarem: mas podiam buſcar outros meios. Quando ſe-enſina a analogia das-vozes, declinaſoens de Nomes, e Verbos; é neceſario que o meſtre tenha paciencia: viſtoque eſta é a maior dificuldade, da-lingua Latina; e que quazi nada mais pede, que memoria. O que podem fazer nas Univerſidades, e publicos eſtudos é, dividir eſtes principiantes em duas eſcolas; paraque tendo cada meſtre menos, pudeſe dar melhor conta deles. E dentro da-meſma eſcola podia o meſtre dividilos, em decurias: e em cadauma delas mandar, que um deſpois do-outro foſe dizendo a liſam: e prometer algum premio, aos outros nove que

aſiſtem, ſe acazo lhe-deſem, algum quinao. Neſte meio tempo o meſtre, paſeia pola eſcola, e chega-ſe umas vezes a um circulo, e outras a outro: e aſim facilmente reconhece o eſtado, das-diferentes claſes da-eſcola. Ou ter tambem algum ſubalterno, que intendèſe Latim; o qual cuidáſe na metade da-eſcola, e o meſtre na outra metade. Alem diſo, ſendo os dicipulos obrigados, a trazerem de caza eſcrita a liſam; facilmente ſe-conhece, ſe a ſabem, ou nam. Nas eſcolas maiores, em que ſe-explica o Latim, nam pode aver decurioens: é neceſario que o meſtre, explique as coizas bem: o que nam ſabem fazer, os decurioens. As liſoens conhecem-ſe, polo que eles trazem eſcrito: e o meſtre pode proguntar a liſam, a quem lhe-parecer. Mas como nas eſcolas ſempre á algum, que tem mais capacidade que os outros; eſte baſta para vigiar, o que fazem os mais: principalmente animando-o com alguma recopenſa, das-coſtumadas onras da-eſcola &c. Cuide o meſtre, em explicar bem o que deve; e proguntar de repente, a algum dos-eſtudantes mais capazes, ſe o-intende; e mandar-lhe, que o-explique aos outros: que com iſto é que ſe-ſabem as liſoens; e nam com mandálas repetir de memoria.

Tambem ſéria neceſario, introduzir neſtes eſtudos, as concluzoens de Gramatica, Retorica, e Poetica: cujos exercicios aproveitam infinitamente, á Mocidade. Em Portugal é totalmente incognito, eſte exercicio: e ja achei meſtre, que ſe-rio muito, quando lhe-falei neſta materia: de que eu conclui, que o dito ignorava o ſeu oficio. Senam diga-me V.P. eſtamos ouvindo todos os dias, concluzoens publicas, e ſimipublicas, ſobre ſe a Logica tem por-objeto, os atos do-intendimento, ou as coizas: ſe ſe-dá univerſal a parte rei: ſe as eſpecies impreſas ſam final formal *in actu primo*: ſe a Materia a petece umas Fórmas mais, que outras: e ſemelhantes queſtoens, que nada ſervem neſte mundo: E nam ſe-farám em Gramatica, e Retorica, que ſervem para intender a Latinidade, e Eloquencia; e tem uzo em todas as ciencias, a que um omem ſe-aplica? Mas o certo é, que nam á melhor exercicio que eſte. Neſtas concluzoens pode-ſe argumentar tam bem, como na Filozofia. Acham-ſe dificuldades de Gramatica, que ſam controverſas entre os autores: e é bom ſaber, qual é a opiniam, que ſe-deve preferir. Acham-ſe paſos de autores antigos, que nam ſe-intendem, ſem grande eſtudo: e é coiza util ouvir, como ſe-devem intender.

Quando deſtas concluzoens nam ſe-tiráſe ſenam o goſto, de ouvir um rapaz, reſponder a qualquer dificuldade de Gramatica, que lhe-propoem, ſobre algum texto que ſe-alega: ouvilo explicar, qualquer paſo de Tito Livio, ou Virgilio: apontar, e declarar a fábula: explicar a antiguidade: referir a iſtoria do-dito paſo: dilucidar a Geografia, quando incontra alguma cidade, ou rio, ou monte &c. Ou tambem explicar o artificio retorico, de um paſo de Cicero, ou Demoſtenes: dar razam da-Figura: fazer algumas reflexoens eticas, ou politicas ſobre o paſo que le &c. Seguro a

V. P.

V. P. que iſto baſtava, paraque um omem de juizo, e doutrina, ficáſe encantado um dia inteiro. Apoſtarei eu, que nam acha V. P. um deſtes meſtres de Gramatica, que ſaiba fazer outro tanto. E na verdade iſto, que nam parece nada, pede um eſtudo fundadiſſimo; o que pouquiſſimos tem. Ao menos ouvindo iſto, aprendo alguma coiza: Polo contrario ouvindo diſcorrer, dos-apetites da-Materia, nada aprendo; pois ſam palavras ſem ſignificado. E daqui meſmo rezulta a utilidade, de quem defende: pois fica um moſo bem fundado, naquela materia; e pode ſervir aos ſeus companheiros, e à Republica; que tem utilidade, que aja omens inſignes, em todas as faculdades.

Aſimque pode o meſtre eſcolher alguns eſtudantes, que tem mais talento, e ter particular cuidado de os-inſtruir, em todas as coizas que deve: paraque poſam fazer concluzoens de Gramatica, e tambem de Retorica &c. Exercitálos algumas vezes na eſcola, paraque os outros vejam tambem, como derem fazer em publico: e defender algumas concluzoens de Gramatica, outras de Retorica, outras de tudo: em que entre Iſtoria &c. porque aſim ſe-acoſtumam a falar com graſa, e dezembaraſo; e aparecer em publico com confianſa. Mas é neceſario, que os arguentes ſe-lembrem, que argumentam a rapazes, e nam a omens conſumados. Eſta advertencia é muito neceſaria em Portugal: porque os que aqui argumentam, nam vam com o fim, de declarar a verdade; mas de embrulhar o defendente. Seguro a V. P. que fiquei às vezes eſcandalizado, do-mao modo, e pouca modeſtia que obſervei, em alguns arguentes, ainda em materias bem graves. Uns gritavam que pareciam endemoninhados: como ſe o argumento tiveſe maior forſa, por-ſer dito com gritaria! outros eſgrimiam com os braſos: e alguns diziam palavras ofenſivas. Deve-ſe evitar iſto, em toda a ſorte de argumentos: eſpecialmente quando ſe-fala, com crianſas. Onde no-noſo cazo devem propor as ſuas dificuldades, na materia aſinada, em Portuguez breve, e claro: e contentem-ſe quando o eſtudante, ſofrivelmente reſponde ao cazo: lembrando-ſe, que eſtas concluzoens fazem-ſe para os-ajudar, e inſtruir, e nam para os-atarantar. E aſim cadaum dos-arguentes deve conſiderar-ſe, como ſe-foſe meſtre daquele defendente; ſuminiſtrando-lhe alguma vez a reſpoſta: louvando-o quando acerta com ela: e procurando fazelo brilhar noque pode: porque deve perſuadir-ſe, que neſtas materias á tanto que eſtudar, que muitos grandes Filologos, paſáram toda a ſua vida eſtudando ſomente iſto: dos-quais, eſtes meſtres de Gramatica nam ſeriam capazes, de ſerem amanuenſes.

Condenam os omens de juizo, certos exercicios publicos, que aqui ſepraticam, de Tragedias, Proclamaſoens &c. porque o meſtre, e dicipulos ſam obrigados, a perderem muito tempo, com uma coiza inutil; que impede os eſtudos principais: E eu acrecento, que ſam indignos, de todo o omem ingenuo. Quem á-de aparecer no-teatro, veſtido comicamente para

agra-

agradar ao publico ; chamèm-lhe como quizerem, é um verdadeiro comediante : cujo emprego deſprezado, em todos os ſeculos do-mundo, é indigno de peſoas bem criadas: alem de outras reflexoens, que ſe-podiam fazer. Tambem é para notar, que eſtas reprezentaſoens pola maior parte, ſam Latinas: e é coiza digna de rizo, que, ſendo eſta lingua morta, introduzam neſte tempo, reprezentaſoens Latinas. Ainda os meſmos que intendem Latim, nam querem ouvir reprezentar em Latim. Tem mais graſa, ler uma comedia de Terencio, ou tragedia de Euripides, e Sofocles; doque eſtas modernas, que ſabe Deus como ſam feitas: pois ainda as que temos de omens grandes, dos-dois ſeculos paſados; nam chegam à galantaria das-antigas. Em uma palavra, o Latim nam tem oje graſa no-teatro: porque ſendo morta a pronuncia, nam compreendemos a armonia, do-verſo Latino.

Louvo aquele exercicio, que os doutos Jezuitas praticam cada ano, de proporem os premios, aos que compoem n'um dia determinado, algum poema, ou oraſam Latina. Quizera porem, que nam ſe-admetiſem ao concurſo, ſenam os que ſam bem fundados, e eruditos nas Umanidades: que ſe-inſtruiſem melhor, os que ſe-prepáram para eſte certame: e ſe-ſerviſem menos, daqueles livros de romendos, de que copeiam fielmente, tota a noticia; ſem chegarem a perceber, que coiza é a delicadeza da-Poezia, ou proza Latina. Vi alguns, que conſeguîram os premios, em uma, e outra coiza; e proguntados eles teſtemunhas, nam ſabiam reſponder ſobre o merecimento, do-que tinham compoſto. Os que fazem iſto, ficam toda a ſua vida, com a deſmedida prezunſam de Poetas, e Oradores; e por conſequencia, ignorantes. Tambem ſeria de grande utilidade, que os rapazes diſeſem alguma oraſam em publico, em alguns dias de feſta; para os-acoſtumar cedo, a nam terem vergonha do-auditorio. Para iſto deviam os meſtres, inſtruilos com cuidado particularmente, antes de falarem em publico.

Tambem ſe-deve advertir aos meſtres, que tenham mais empenho, em ſerem amados, e reſpeitados dos-dicipulos, doque temidos polo caſtigo. Nam é pequeno abuzo neſte paîz, caſtigar os rapazes, quando nam ſabem logo a liſam; ſem diſtinguir, ſe provèm de ignorancia, ou de malicia. Eſtes rigorozos caſtigos pola maior parte produzem, tal averſam aos eſtudos, que nam ſe-pode vencer, em todo o diſcurſo da-vida. Falar a alguns deſtes no-eſtudo, é falar-lhe na morte. Provèm iſto primeiramente, da-feia carranca com que pintam os eſtudos: mandando-lhe eſtudar, uma quantidade de coizas, ſem ſaberem que ſerventia tem: e dando-lhe muita pancada, ſe as-nam-repetem bem. Iſto é uma crueldade, como ja apontei a V. P. em outra carta. O meſtre deve explicar bem as materias, e facilitar os eſtudos: deve alem diſo obrigar os eſtudantes, com maneiras agradaveis, e inſinuar-ſe no-ſeu animo. Nam à coiza que nam faſa um omem, ſe lhe-ſabem inſpirar, a paixam propria. Muitos obram, polo intereſe do-premio: outros, pola gloria da-doutrina; e por-um louvor dado em publico. Eſtas ſam

as armáz, de que deve ſervis-ſe o meſtre: deve procurar de ſer amado, e no-meſmo tempo reſpeitado. O eſtudante que nam é ſenſivel à dezonra, de ſe-ver repreendido publicamente, e outras coizas deſtas; nam o-ſerá às palmatoadas. Alem diſo ſe o eſtudante é muito rude, as palmatoadas nam lhe-dam juizo: ſe o-nam-é, á outro modo de o-regular. Confeſo a V. P. que com grande goſto, e admiraſam minha vi muitas vezes, moſos bem dezinquietos, mudarem de vida, tomados com boa maneira; ſomente com converſarem com alguma peſoa, que inſenſivelmente lhe-inſpirava penſamentos eroicos. Em uma palavra, o caſtigo deve ſer a ultima coiza, e bem raras vezes: deve o meſtre intender, que o procurar todas as outras vias, nam é ſomente obrigaçam leve, mas grave, Para iſo é que os Pais lhe-entregam os Filhos, e para iſo é que a Providencia o-deſtinou àquele emprego; paraque buſque os meios proprios de conduzir os meninos, ao fim de ſerem bons, e eſtudarem bem.

Neſte particular, ainda á outra coiza que advertir, e vem a ſer: que neſtas eſcolas, principalmente de Latinidade, e Retorica, e Poetica, nam devem enſinar meſtres moços, que ſaiem das-eſcolas; mas omens feitos. Um rapaz ſabe pouco; e aſim nam pode enſinar nem muito, nem bem: alem diſo nam tem toda a prudencia neceſaria, nem tanta experiencia do-mundo; que ſaiba regular os animos, de tantas criaturas. Eſpecialmente ſe deve procurar um omem, que nam ſeja colerico: porque com colera, ninguem enſina bem: mas algum omem prudente, e de muita paxorra. Em Portugal os meſtres adiantados, nam querem aplicar-ſe a eſtes eſtudos, a que chamam baixos: e mandam para eles, os rapazes. Iſto é conhecer muito mal, que coiza ſam Umanidades. A Eloquencia, e Latinidade é tam nobre, como a Filozofia &c. e em outros paizes empregam-ſe neſtes eſtudos, omens grandes: e nam de paſagem, mas toda a ſua vida. E por-iſo á omens grandes, o que aqui raras vezes ſe-acha: e incontram-ſe tambem muitiſimos dicipulos eruditiſimos, em todo o genero de letras umanas: o que V. P. de nenhuma ſorte achará, neſte Reino: pois os que ſabem alguma coiza, ſabem pouco; e eſe pouco aprenderam-no em ſua caza, e com grande trabalho: o que nace, de que nas eſcolas enſinam mal. Onde parece-me que ſeria grande utilidade da-Republica, que eſtas eſcolas ao menos de Retorica, e Poetica, ſe-deſem a omens conſumados: e que eſtiveſem nelas anos.

Falando agora do-numero das-Cadeiras, digo, que alem dos-quatro meſtres, das-quatro partes da-Gramatica; e do-meſtre da-Latinidade, da-Retorica, e Poetica; deve aver nas Univerſidades publicas, meſtres de linguas Orientais, em eſcola ſe-parada: a ſaber, Grego, Ebreo, Caldeo, Siriaco, e Arabio: os quais todos podiam enſinar, na meſma eſcola: dois de menhan, e trez de tarde, cadaum ſua ora. Na terceira ora de menhan, outro leitor devia explicar Retorica, magiſtralmente: quero dizer, um ano

expli-

plicar, Cicero *de Inventione*: outro, *de Oratore ad Fratrem*, *ad Brutum*, *Topica*, *de Oratoriis Partitionibus* &c. outro ano explicar Longino, *de Sublimi*: despois Demetrio Falereo: alguns livros de Quintiliano &c. Asim se faz em algumas Universidades. Porque aindaque nos-Colegios se-ensine Retorica, no-quarto ano; aquela escola é para os rapazes, aos quais só se-podem explicar as coizas mais gerais: mas nam se-explicam os autores antigos: o que porem se-deve fazer, na Cadeira de Retorica das-Universidades. Mas este de Retorica, bastava que explicáse 3. dias na semana: nos-outros dois dias podia outro mestre na mesma ora, explicar os principios da-Poezia; digo, a Poetica de Aristoteles. Tambem o leitor de Grego da-Universidade, nam só deve explicar, os rudimentos da-Gramatica; mas na segunda meia ora explicar cada ano algum autor, v. g. Demosteres, ou Isocrates: alguns epigramas melhores da-Anthologia &c. O mesmo digo do-leitor de Ebraico, o qual é justo que explique, ou algum livro da-Escritura; ou ainda melhor, algum tratado dos-Rabinos, que seja breve, e facil: v. g. *Maimonides* &c. O de Caldeo devia explicar, Daniel &c. e a maneira de escrever dos-Rabinos: &c. os mais leitores podiam explicar os melhores autores, da-materia que tratam. Isto digo das-Universidades, em que as coizas se-tratam com dignidade. Nos-outros estudos como Colegios &c. o mesmo mestre que ensina Latim, deve ensinar o Grego: e nam o-sabendo, buscar outro capaz: porque sem noticia do-Grego, nam devem sair das-Umanidades.

Despois da-Retorica, segue-se a Filozofia; que se-deve explicar em quatro escolas. Falo das-Universidades publicas, em que comumente se-faz esta divizam, para dar lugar, a mais cursos de Filozofia. No-primeiro ano estuda-se a Logica: com esta advertencia porem, que na primeira ora de menhan Aritmetica; e acabada ela, nos-mezes seguintes Algebra: o restante da-menhan, Logica. De tarde a primeira ora, Geometria &c. o mais tempo, Logica. A qual sendo polo estilo qne apontei, comodisimamente se-aprende, no-dito ano. Se a Algebra nam se-acaba nese ano, continua-se no-seguinte de Fizica: porque um destes estudos nam impede o outro. Nam digo que o estudante deva saber Algebra, perfeitamente; o que pediria quando menos, dois anos inteiros; mas o que basta para intender, as demonstrasoens de Fizica: pois, como ja lhe-dise, aos que nam tem alguma noticia de Geometria, e Aritmetica; parece a Fizica, misterio ocultisimo. No-segundo, e terceiro ano deve-se estudar a Fizica, que trata da-natureza do-Corpo, e do-Espirito: lendo dois ou trez dias na semana, alguma coiza da-istoria das-experiencias, que se-tem feito, na-materia que se-explica: as principais das-quais deve o mestre explicar ao estudante, nos-ditos dias; uma ora cada tarde: se acazo nam ouvèse mestre separado, para estas coizas. Sei, que isto podia compendiar-se mais, como dise a V. P. em outra carta: e nos-fins do-terceiro ano, dar-lhe alguma ideia da-Etica: Mas eu quero

quero dar-lhe todo o tempo neceſario: e por-iſo empreго neſtas Filozofias os trez anos; e rezervo a Etica para o quarto: a qual ſendo bem explicada, ajudará muito para a inteligencia da-Lei, e Teologia; e poupará nela muita repetiſam ſuperflua. Mas ponhamos que dizem, que os rapazes nam podem eſtudar tanto, no-primeiro ano &c. Neſte cazo podem ao-menos, no-primeiro ano de Logica, explicar-lhe pola menhan em um mez, toda a Aritmetica: o que facilmente ſe-faz. Deſpois, na dita primeira ora de menhan, e de tarde, explicar os Elementos de Euclides, no-dito tempo facilmente ſe-concluem. As ſeſoens Conicas, Problemas de Archimedes &c. como tambem a Algebra, podem-ſe explicar na-primeira ora, nos-dois anos de Fizica. E deſta ſorte ſe-ajuſta tudo. Quero que os rapazes entrem na-Fizica, ao menos com os Elementos de Euclides, e Aritmetica; porque ſem iſto, nam é poſivel intendèla: fique o quarto ano, para a Etica. Fóra das-Univerſidades, em que a Filozofia ſe-compreende em trez anos; é neceſario explicar a Fizica, em ano, e meio; ſeguindo ou o ſegundo, ou o primeiro metodo que apontamos: e na ultima metade do-terceiro ano, dar alguma ideia da-Etica: porque eſta é a Logica, das-Faculdades maiores.

Deſta ſorte podem-ſe repetir as Cadeiras de Filozofia, por-quarto; que enſinem em quatro eſcolas diferentes. Parece-me porem que em uma Univerſidade, ou qualquer eſtudo publico, v. g. o colegio de S. Antam; devem acrecentar, quinto leitor de Filozofia Experimental: cujo emprego ſeja ſomente, fazer as experiencias, e explicálas: e que em duas tardes da-ſemana o-faſa, em uma das-ditas; ou, avendo comodidade, em eſcola ſeparada. Neſta eſcola deviam aver armarios ſeparados, com todos os inſtrumentos de Filozofia, que ſe-inventáram para confirmar os raciocinios, de Fizica moderna. Eſtes fazem-ſe em Amſterdam, Londres, e outras partes do-Norte: e ultimamente em Pariz o Abade *Nolet* os-fazia, com muita perfeiſam, e barateza: deſorteque com ſeiſcentos mil reis, ſe-podiam comprar todos. O que poſto, duas tardes na ſemana, v. g. quintas, e ſabados os eſtudantes da-Fizica, quero dizer, do-ſegundo, e terceiro ano; nam deviam ter eſcolas de Filozofia, mas ſomente ir às experiencias; as quais o meſtre devia fazer, nas materias que foſe tratando: e fazèlas bem patentes aos eſtudantes, explicando-lhe matematicamente, a razam de todos os fenomenos: porque iſto nam cuſta trabalho, e imprime deſorte a Filozofia na cabeſa, que nam é facil eſquecèla. Nem á melhor modo de perſuadir, que eſte: porque as experiencias ſam conſtantes: e os Peripateticos nam tem que reſponder àquilo, ſenam eſtarem calados. No-cazo que algum eſtudante nam intendèſe, a razam da-experiencia; podia propor ao meſtre, as ſuas duvidas; e eſte explicar-lhas deſorte, que o-intendeſem todos. Para eſte efeito neceſitava-ſe de um meſtre, que foſe bem pratico das-machinas: que as-ſoubeſe manejar, e ſervir-ſe delas com ligeireza: porque vi alguns, que por-nam ſaberem uzar bem delas, quebráram algumas. Advirto iſto, porque nem

todos os meſtres, ſam capazes deſtas coizas: mas ſe o meſtre tiver eſtudado como deve ſer; o meſmo meſtre de Filozofia, pode fazer as experiencias, nos-ditos dias; como vi praticar, em varias partes de Italia. Para eſte efeito deve ter uma caza ſeparada, ou armarios grandes na meſma eſcola; em que eſtejam conſervados os inſtrumentos, com todos os petrechos neceſarios. Em algumas Univerſidades de Italia, o leitor de Filozofia experimental, nam só é diverſo dos-outros; mas o mais eſtimado: e tem de ordenado, dois contos de reis deſta moeda. Nam é obrigado a dar mais liſoens, que nove ou dez cada ano: o que faz com grandiſimo concurſo. Mas dá particularmente liſam aos que querem, em dias determinados.

Porem tornando ao noſo cazo; digo, que o leitor de experiencias, deve ſeguir eſte metodo. Explicar primeiro as coizas gerais: deſpois as particulares. Comeſar polas experiencias que moſtram, a incompreenſivel divizibilidade da-materia: moſtrando tambem com o microſcopio, pequeniſimos viventes, em toda a parte: os poros dos-corpos &c. Logo as propriedades do-movimento, compreſam, e virtude elaſtica. As leis gerais do-movimento, conſideradas tanto nos-corpos ſolidos, como nos-fluidos. As leis do-pezo dos-corpos tanto ſolidos, como fluidos. O equilibrio dos-corpos. O pezo, e equilibrio dos-ſolidos, com parado com o dos-fluidos. As leis dos-movimentos compoſtos de diferentes direſoens, tanto nos-ſolidos, como nos-fluidos. Os principios da-Mecanica, e aplicaſam das-machinas ſimplezes, às compoſtas. Deſtas coizas gerais, paſar às particulares. Provar o pezo, virtude elaſtica, e outras propriedades do-Ar. Propriedades da-Agua conſiderada em dois eſtados, de ſolida, e fluida. Propriedades do-Fogo, e da-Luz, conſiderada em quanto ao ſeu movimento. Propriedades da-Luz, conſiderada a reſpeito das-Cores. Movimentos dos-Planetas, e ſuas diſtancias da-Terra. Explicar as leis dos-corpos Electricos: as propriedades do-Iman, e dos-Metais. Eſtes ſam os fundamentos da-Fizica; e que ſe-provam com experiencias conſtantes: para as quais ſam neceſarias, muitiſimas machinas. E eſte ſimplez curſo de Filozofia mecanica, baſtava para abrir os olhos, a todo o mundo; e dezinganálo, que a Fizica nam ſam diſcurſos aereos, ſobre os apetites da-Materia &c. mas ſam raciocinios fundados, em experiencias incontroverſas, e regulados polos principios da-Matematica, que tambem ſam incontroverſos. Seguro a V. P. que ſe acazo introduziſem eſte eſtilo; a Fizica ſeria um divertimento, para os rapazes: e ao menos, ſaberiam alguma coiza certa.

Paſando daqui aos meſtres de Filozofia, nam ſei ſe é melhor, que enſinem alguns anos na meſma eſcola, ao menos quatro ou cinco anos cada-um, a meſma faculdade: v. g. um por-eſte tempo Logica, outro Fizica &c. ou ſe deve o meſmo meſtre, mudar-ſe todos os anos, e ir com os meſmos dicipulos por-todas as eſcolas. Niſto á varias opinioens. Muitos omens doutos alentam, que era melhor o primeiro arbitrio: porque neſtes anos de eſtudo,

eſtudo, os meſtres aquiſtariam grande doutrina, e ſaberiam enſinar melhor: nam de outra ſorte que praticam aqui, os doutos Jezuitas, com os meſtres de Matematica. Sendo certo, que um rapaz, que entra nas eſcolas; nam tem todo o conhecimento que é neceſario, para ſer meſtre, e ſaber enſinar. Mas iſto poderia praticar-ſe, nas Univerſidades; em que os meſtres ve n de ſua caza, enſinar às eſcolas. E com efeito em outros paizes, os meſtres nunca ſe-mudam, ſenam por-morte dos-anteceſores, ou ſe ſobem a outras cadeiras: e algumas vezes, nem menos neſtes cazos. Mas certamente nam é praticavel nos-Colegios, em que os Religiozos enſinam: porque todos querem ſer meſtres, ſem repararem ſe ſam, ou nam capazes diſo.

Alem deſtas eſcolas, deve aver uma eſcola de Matematica, na qual nam só ſe-explique Geometria; mas todas as partes da-Matematica: paraque aqueles que nam ſam Filozofos, e querem ſaber alguma coiza dela, o poſam conſeguir. Eſte meſtre deve cada ano explicar, ſua materia: v. g. Trigonometria, Aſtronomia, Nautica, Gnomonica, Architetura Militar, Mecanica, &c. deſorteque em certo numero de anos complete, todo o curſo de Matematica. Em outras partes eſtas materias eſtam divididas, por-varios leitores; que no-meſmo tempo, mas em diferentes eſcolas, explicam diferentes partes. Onde nam só um leitor explica Eulides, &c. mas á outro leitor de Aſtronomia, e Nautica; de Mecanica; de Architetura Militar, e Civil: e em alguma Univerſidade, até á meſtre de Pintura, e Eſcultura. E na verdade iſto nam só é mais decorozo, e grandiozo, mas ſem comparaſam mais util; para os que querem, deſpois de Euclides, eſtudar uma materia determinada. Mas iſto para eſtes paizes, ſeria uma novidade eſtravagante. E eu me-contentaria, ſe ouvèſe ao menos um leitor de Matematica, que explicáſe em determinados anos, eſtas ciencias: porque o meſtre de Filozofia nem pode, nem deve ſaber tudo iſto. Nas Univerſidades porem diviam acrecentar, outros leitores. Ainda ſupondo, que o Colegio das-Artes, ſeja membro deſa Univerſidade; contudo ſempre na Univerſidade deviam ter, outros leitores fixos: Um, que explicáſe Logica, e Metafizica: outro, Fizica geral: o terceiro, Experimental: o quarto, Etica. Alem diſo um leitor de Matematica, outro de Aſtronomia, e Nautica, e finalmente outro de Architetura Civil, e Militar. Em outras partes nam obſtanteque aja Colegios, ſemelhantes a eſe das-Artes, ſempre a Univerſidade tem eſtes leitores: aos quais todos os anos aſinam, as mais utis materias; e a explicaſam de alguns autores antigos, que as-tratárum. Da meſma ſorte que aſima diſemos, que o leitor de Retorica da-Univerſidade, nam deve explicar aquelas miudezas, que ſe-enſinam aos rapazes, nos-Colegios de criaſam; mas coizas maiores: aſim tambem os mais leitores; porque iſo quer dizer Univerſidade, que ſupoem, nam rapazes totalmente noviſos, mas moſos, e omens desbaſtados. Onde o leitor de Logica, nam só explica as Inſtituiſoens Logicas, mas tambem lhe-mandaram ex-

 plicar,

explicar, um tratado de Platam, ou Epicuro na ſua Logica &c. O meſmo digo da-Fizica, e Etica; o qual ultimo explica tambem, algum tratado de Ariſtoteles, v. g. *ad Nicomachum* &c. O leitor de Aſtronomia, nam só explica as Inſtituiſoens deſta ciencia, mas tambem a *Spharica Teodoſii Tripolita, ſcholiis Aſtronomicis illuſtrata*; ou outra ſemelhante. O de Matematica, alem do-curſo corrente, explicará as ſeſoens Conicas, *de Apollonio Pergeo*, ou outro antigo. Iſto verdadeiramente é util, paraque qualquer poſa intender, os antigos autores: e é digno de uma Univerſidade grande, como eſa ſua. E como nas Univerſidades comumente ſe-enſina, trez oras de menhan, e trez de tarde; á tempo para todos explicarem. Pode-ſe explicar a Logica, Fizica, e Etica, de menhan: de tarde, Matematica, Aſtronomia, Architetura Civil, e Militar, tudo na meſma eſcola. O leitor de Fizica experimental, nam podendo explicar no-dito tempo, deve ter a ſua ora na quinta feira, v. g. outra no-domingo pola menhan: como vi praticar aos leitores de Iſtoria &c. em alguma Univerſidade de Italia: que explicavam no-domingo, e ferias. E na verdade querendo um curiozo ir ouvir, alguma explicaſam da-Iſtoria, ou das-Ciencias; porque nam averá um leitor, que as-explique? Nem todos podem, ou nem todos querem, fazer um curſo inteiro de eſtudos: e por-iſo é juſto, que aja leitores, que expliquem diferentes materias.

Mas neſte lugar nam poſo deixar de dizer a V. P. que me eſcandalizei muito, de ver o modo com que eſtes eſtudantes recebem, os que alguma vez querem ouvir, os leitores. Uma peſoa que nam é do-gremio da-Univerſidade, nam pode intrar nela; e nem menos um eſtudante de uma eſcola, pode intrar em outra. Quando aparece um ſecular, fazem-lhe mil inſolencias: comeſam a raſpar os pés, aſobiar, e às vezes a maltratálo com as maons, tirar-lhe a cabeleira, e outras aſoens indignas. Os meſmos Religiozos, quando querem ir aſiſtir a algum ato; nam vam ſeguros deſtas rapaziadas. Iſto porem é a coiza mais indigna, que ſe-pode conſiderar: e admiro-me muito que os Reformadores, nam caſtiguem, e reformem, eſtas temeridades. A Univerſidade, e qualquer eſtudo publico, deve ter a porta aberta, para quem quer ir ouvir os leitores: nam é neceſario, que ſeja do-gremio; baſta que ſeja uma peſoa limpa. Que os matriculados, e outros que gozam os privilegios, tenham ſuas leis; muito bem: os outros devem ir veſtidos como quizerem, e quando quizerem. Em outros Reinos os eſtudos publicos eſtam abertos, para quem quer ir ouvir: ou ſejam Religiozos, ou Seculares &c. E eu vi alguns Miniſtros, e Inviados &c. de Monarças, e Biſpos, irem aſiſtir as liſoens das-experiencias fizicas, quando lhe-parecia; e tambem à Medicina, e Teologia. Em Padua, vam até os meſmos Cavalheiros, e Senadores Venezianos ouvir quando lhe-parece, alguns leitores de Teologia, ou qualquer outro que lhe-parece, e tenha fama: os quais leitores nam fazem liſoens comuas; mas cada liſam é uma oraſam,

e di-

e diſertaſam: e eu ainda deſpois de Religiozo, nunca deixei de ir algumas vezes ouvilos, quando me-achei em partes, onde avia eſtudos publicos. Os leitores, e eſtudantes eram os primeiros, que recebiam com boa maneira, os Oſpedes: e nunca ſe-diſe nada a ninguem. Eſte modo de receber, e cita afabilidade, e cortezia, alem de ſer virtude moral, mui louvavel em todos; é obrigaſam nas peſoas bem educadas: que ſe-devem diſtinguir da-plebe, com eſtas virtudes. E iſto agrada deſorte aos Eſtrangeiros, e Oſpedes, que ſaiem dali dizendo bem: quando polo contrario, do-modo com que os eſtudantes Portuguezes os-recebem, por-forſa ám-de dizer muito mal. Creia V. P. que neſte particular, é neceſario reformar muitas coizas: porque os danos que daqui rezultam, ſam maiores doque talvez nam intendem, os que diſarſam a emenda.

As concluzoens devem-ſe fazer no-fim de cada ano, nas materias que ſe-tratarem: e tambem cada ſemana, outras particulares diſputas. Mas o principal é, explicar bem todas as partes da-Filozofia; porque só deſta ſorte ſe-intendem. Menos liſoens, e mais explicaſoens. A diſputa ſim tem lugar; mas é quando um omem ſabe bem, a materia: pois só aſim é que ocorrem as dificuldades, a quem argumenta; e as reſpoſtas, a quem defende. Mas deve o eſtudante em primeiro lugar, deſpir-ſe de todas as raivas, e argumentar com paxorra. Avemos de dar orelhas as razoens, que ſam as que perſuadem; nam às gritarias, que nada concluem. Antes quem ſe-enfada muito, perde os melhores argumentos, que ſem duvida lhe-ocorreriam, ſe meditáſe com ſangue frio, o que diz. Deve em ſegundo lugar o arguente cuidar muito, em nam argumentar com ſofiſmas; mas com razoens claras, e que firam direitamente a queſtam, ſe as-acha: e nam ocupar o tempo, com ridicularias. Neſte particular é mui galante, o eſtilo de muitos Portuguezes: quando ouvem algum argumento, de Filozofia moderna, &c. ſaiem logo com a reſpoſta: Iſo dilo fulano, ou ſicrano: e julgam com iſto, ter reſpondido ao argumento. como ſe dizendo-o muitos, por-iſo perdèſe alguma coiza da-ſua forſa! Iſto me ſucedeo algumas vezes: e eſpecialmente em uma ocaziam, em que argumentei a um moſo, contra a redondeza da-Terra, que ele defendia. Cuidou que dizia uma grande coiza, reſpondendo-me, que aquilo ſe-achava no-Feijoo. como ſe eu lhe-diſèſe, que a noticia me-viera da-India, por algum poſtilham particular! Eu reſpondi, que tinha muito goſto, que o-diſeſem outros: e que eſa era a minha maior prova, que o-diſeſem omens tam doutos, como os das-famozas Academias de Londres, e Pariz; donde ele dizia, que o-tirára o Feijoo: e que iſo meſmo me-dava ocaziam para dizer, que ele defendia uma falſidade: viſto nam ter experiencias, para deitar abaixo, as que eu produzia; pola minha parte. Cuidou o dito, que me-envergonhava com a noticia; e nam fez mais, que moſtrar a ſua ignorancia. A verdade é, que eu aindaque tiveſe lido, alguma coiza do-Feijoo, nam tinha viſto nele, a tal eſpecie: mas nos-autores,

tores, que tratam a materia; e que o dito defendente nem menos tinha ouvido nomiar, quanto mais lido. Nem o Feijoo, como ja adverti, é omem capaz de se-estudarem nele, as materias: visto que só dezingana os ignorantes: os doutos estam dezinganados, polos mesmos livros que ele leo: e nos-Paradoxos é tam superficial, que só serve para os que nunca estudáram, Filozofia moderna. Em outra ocaziam propuz a um Religiozo, uma dificuldade de Gramatica; e respondeo-me, que aquilo o-dizia certo autor Francez. Eu confeso a V. P. que nam tinha lido o tal autor: mas li outros, de que ele talvez se-servise. Porem com toda esta jatancia, o Frade nam respondeo ao argumento. Onde o omem prudente, deve fugir deste estilo: pezar a razam em si, e reparar nam em quem o-diz, mas o que diz: e preparar-se para responder com razoens, e nam com diterios. O dezejo que muitos tem, de dizerem coizas novas nos-argumentos, é que faz que digam, parvoices: pois nam tendo tanta doutrina, para poderem produzir, dificuldades novas; necesariamente diram ridicularias.

Mas era melhor, que estas concluzoens no-fim de cada ano, fosem exames publicos; em que os mestres lhe proguntasem miudamente, as coizas principais, em todas as materias. Isto tem outra forsa, e efeito, doque as concluzoens publicas; em que cadaum argumenta, no-que lhe-vem à cabesa. Mas sejam como forem, deve ser um ato em cada materia, no-fim do-ano. E no-quarto ano despois do-ultimo, dar-lhe o grao de Licenciado, ou de Doutor. Mas quando o Doutoramento, por-seguir o costume antigo, devèse ser em outro dia; trez questoens de Logica, Fizica, e Etica, que provàse nam polo metodo da-escola, mas magistralmente; e uma breve oraçam, em que lhe-argumentasem *ad hominem*; bastava para o dito ato. Mas estudem eles a Filozofia como devem, e fasam os atos como lhe-parecer.

Da-Medicina pouco tenho que acrecentar, ao que dise a V. P. na carta em que falei nela. O Medico deve estudar Filozofia, segundo dismos: pois sem ese principio, nam pode dar um paso, na boa Medicina: nam sendo esta outra coiza mais, que a Fizica particular do-corpo umano. A Etica é meros necesaria ao Medico: e com o tempo pode estudar alguma coiza dela, para regulamento da-sua vida. No-primeiro ano de Medicina, deve estudar fundadamente, Anatomia; segundo apontei na minha carta: indo duas ou trez vezes na semana ao Ospital, ver nos-cadaveres, a materia que estuda. Parece-me que é muito mais util, estudar juntamente a Fiziologia, ou uzo das-partes, doque rezervála para o seguinte ano. E asim na 2. ora de menhan deve ir à escola, em que outro mestre explique, o uzo das-partes. Este estudo nam embarasa o outro, antes o-ajuda: pois vendo bem as partes, facilmente se-conhece o uzo: e este exame confirma novamente, a ideia que tem formado, da-dita parte. Esta é a primeira parte, das-Instituisoens. No-segundo ano, estuda as mais partes, das-Instituisoens

tuisoens Medicas; que sam a Patologia, Semeiotica, Hugieine, Terapeutica. No-terceiro ano deve estudar a Pratica pola menhan, ou o tratado *de cognoscendis, & curandis morbis*: indo de tarde ao Ospital, verificar sobre os doentes, as coizas que estudou, tendo cuidado de nam ver muitos doentes; mas escolher alguns, para neles observar, o que estuda: e escrevendo tudo o que observa. Este metodo dá mais doutrina em trez anos, doque o metodo comum em vinte. No-mesmo terceiro ano deve estudar, os tratados particulares, indo ouvir os leitores, que expliquem as doensas das-Molheres, e Meninos: doensis da-Cabesa: do-Peito: do-Abdomen ou baixo ventre: no-que se-compreende tudo. Neste mesmo ano deve trez tardes na semana, ir ouvir alguma coiza, da-Istoria dos-Simplezes, que servem para a Medicina: e frequentar o Ospital, para se-fundar bem na Pratica.

No-fim de cada ano, deve fazer um exame particular, das-materias que estudou no-dito ano: e seria bom propor cada semana, algum ponto, dos-mais importantes, paraque se-disputase na escola. O quarto ano podia-se empregar, em fazer atos: os quais eu reduziria a trez, cadaum no-fim de trez mezes. 1. em Anatomia. 2. nas Instituisoens Medicas, ou Teorica Medica. 3. nas Instituisoens da-Praxe Medica. Deste modo poderá o estudante, tornar a ler as materias, que tem estudado, e profundálas: vendo nam só as Instituisoens, mas os melhores autores, que tratáram as materias particularmente; para poder responder sobre elas. E neste quarto ano eu lhedera, o grao de Bacharel; e, fazendo mais um ato, de Doutor: mas com proibisam de nam curar, senam despois de trez anos de pratica; provada nos-Ospitais, com frequencia continuada: pois neste tempo tinha o moso ocaziam, de profundar as materias, e exercitar bem a sua pratica.

Quanto ao modo de exercitar esta pratica, agradou-me sempre aquele, que observam os nosos Italianos, e tambem praticam outros Reinos: em que os Medicos, despois de graduados, concorrem para asistir nos-Ospitais, uns cinco anos antes de curarem. Aos mosos que saîram das-escolas, dam-se dois cazos: e dentro em meia ora, os-rezolvem por-escrito, na mesma camera em que estam os prezidentes. Os que sam melhores, preferem aos outros, e entram no-Ospital: o qual sendo grande, tem quatro destes Medicos, ou ainda mais. O Ospital é obrigado a sustentálos: da-lhe caza, e vestido: e uma boa livraria para estudarem: e toda a sorte de instrumentos fizicos, para fazerem as experiencias. Tem oras determinadas, em que asistem por-turno: desorteque sempre um esteja pronto, quando o-chamarem. Deve o Medico asistente, acompanhar o Medico do-Ospital, quando vem fazer a vizita; e escrever os remedios, que este prescreve aos doentes, para os-mandar executar: porque a ele pertence, cuidar niso; e informar o seu Medico, quando vem. Tem alem diso o Ospital, quatro ou cinco incizores de cadaveres: que sam obrigados, a abrirem todos os cadaveres, que lhe-ordenar o Medico asistente. Desta sorte podem fazer as suas

obser-

obſervaſoens, quando lhe-parece, com grande utilidade ſua, e da-Republica.

Mas como nem todos os Medicos podem, intrar nos-Oſpitais; á outro metodo, de os-exercitar na pratica, que ſe reduz a iſto. O Medico novo aprezenta-ſe, ao Medico velho do-Oſpital: eſte o-conduz a dois, ou trez, ou mais leitos, e progunta-lhe, qual é aquela infermidade: e quando o novo a-acerta; encarrega-lhe a cura, dos-tais doentes. O noviſo vai curálos, todos os dias: e quando torna o Medico velho; da-lhe conta de tudo, o que tem feito. Se acazo tem errado, o Medico velho o emenda: e deſta ſorte aprende bem. Muitos deſtes moſos eſcrevem miudamente os fenomenos, das-doenſas que lhe-encarregam: cujas iſtorias conſervam, e delas aprendem muito: e muitas vezes tem ſucedido, que eſtes Medicos que eſcrevem a iſtoria, das-doenſas que obſervam; tenham, em virtude delas, ſaido nam sò bons Medicos, mas perfeitos autores. E com efeito creio qne nenhum Medico, pode tirar proveito das-ſuas obſervaſoens; ſe nam eſcreve com cuidado, tudo o que obſerva: para ſe-ſervir nas ocazioens. Eſte é o metodo de fazer-ſe letrado.

Os Cirurgioens tambem coſtumam, eſtudar nos-Oſpitais, abitando neles dameſma ſorte, que os Medicos. Comeſam ſervindo os doentes: e até certo tempo, nam tem paga: mas aprendem ſe querem, e ſervem no-Oſpital, a tudo o que é neceſario. Todos os anos ſe-fazem anatomias, pola maior parte no-Inverno, ou Quareſma; onde os que eſtudam ſam obrigados cadaum, fazer ſua liſam publica; moſtrando alguma parte, do-corpo umano. Os Medicos tambem entram neſta liſta, e deſta ſorte ſe-fazem omens. Com o tempo dam-lhe outros empregos, de algum emolumento: até que deſpois de alguns anos ſaiem Cirurgioens, e vam curar pola Cidade; ou o meſmo Oſpital, lhe-dá ſalario. Tem alem diſo meſtres pagos de Anatomia, e Cirurgia, que vam dar duas liſoens cada ſemana, uma ora: e ſempre ſam os melhores Cirurgioens da-Cidade. Em algumas partes, e eſpecialmente em Pariz, tem uma caza particular no-Oſpital, em que recebem as molheres prenhes, e pobres, quinze dias antes do-parto. Os Cirurgioens vizitam-nas, e ſabem tam bem conhecer, quantos dias lhe-faltam, que quazi mais ſe-inganam. Eſtas molheres parem, diante dos-Cirurgioens: os quais nelas enſinam aos diciſpulos, como ſe-ám-de regular, nos-partos de tempo, e antes de tempo: como devem nos-partos dificis, dilatar ſuavemente com a mam, a boca do-utero: romper as tunicas do-feto: voltar a crianſa que aprezenta a barriga, ou coſtas: tirála polos pés, que é o mais ſeguro: tirar a placenta: purgar a madre, de algum ſangue coalhado, que cauza perigozos fluxos de ſangue. No-cazo que a crianſa morra, ou apodreſa, como ſe-pode tirar: com que inſtrumentos, e tenazes &c. Eſta noticia é ſumamente importante, para livrar a vida a muitas molheres; que frequentemente morrem, por-culpa dos-Cirurgioens, que ignoram como ſe-fazem

eſtas

eſtas operaſoens; e tambem para ſalvar a vida, ou ao menos a alma, a muitas crianſas, que morrem no-parto: ſendo certo que as parteiras, ſam todas ignorantiſimas. Baſta que V. P. leia a bela obra, que ſobre os partos compoz, *M. de Mauriceau*, em Francez, 4. (que oje ſe-acha tambem, em Italiano) para conheeer, com quanta facilidade um Cirurgiam deſtro, pode livrar da-morte, eſtas inocentes criaturas. O meſmo autor compoz outro tomo, das obſervaſoens que fez, em varios partos. Tive particular conſolaſam, de ler eſta obra; que verdadeiramente é boa, e erudita. Quanto ao eſcrupulo, que tem as molheres Portuguezas, de nam quererem parir, em prezenſa de Cirurgiam experimentado; nam lhe-chamo vergonha, mas parvoice. Uma molher doente, e emperigo, nam só coſtuma chamar o Cirurgiam, paraque a-reconheſa toda; mas em conciencia o-deve fazer. E que maior perigo, que o parto? em que periga nam uma, mas duas vidas; que frequentemente ſe-perdem, por-culpa deſta chamada vergonha. A modeſtia e pejo, é mui louvavel em todos, e principalmente nas molheres: mas á-de ſer em diferente ſentido: muito mais porque os Cirurgioens, ſendo cazados, e tementes de Deus, tem toda a boa prezunſam, pola ſua parte. Para as outras coizas das-paridas, deve deixar-ſe o cuidado as molheres; mas niſto dos-partos, em que ſempre á perigo; nunca me-fiára das-parteiras: as quais só mandam chamar o Cirurgiam, quando a crianſa, ou a mãy ja eſtá morta. E aſim eſtes eſcrupulos, parecem-me mui ridiculos, e prejudiciais. Eſta é a pratica dos-Oſpitais, em outros Reinos. Prouvera a Deus, que em Portugal ſe-praticáſe eſte metodo! veria-mos ſem duvida, outra ſorte de Medicos, e Cirurgioens: o Publico receberia outro beneficio: e o dinheiro que niſto ſe-empregáſe, ſeria o que frutaria mais às Cidades, e daria onra à Naſam.

Admiro-me quando vejo o deſcuido, com que ſe-procede neſta materia; nam digo nas Aldeias, mas nas Cidades grandes; e nela Univerſidade, e ainda na Corte. Nam ſei ſe iſto provèm, porque os que adminiſtram os Oſpitais, nam tem quem os-advirta, neſta materia: ou ſe é porque os Medicos velhos, embaraſam a reforma. Mas ſeja como for, é grande dano para a Republica. Seria muito melhor, que parte do-dinheiro que gaſtam em doces, e galinhas, com tanto prejuizo dos-doentes; como advertem os omens doutos; ſe-convertèſe em pagar a algnus Profeſores bons, como tambem Medicos, e Cirurgioens aſiſtentes. Sendo oje notorio, que a dieta dos-doentes, deve ſer diferente da-quela, que aqui geralmente ſe-pratîca. Iſto é o que fazem, em outros Reinos: e iſto é tambem, o que devem fazer aqui.

Tornando pois ao eſtudo da-Medicina, digo, que o eſtudante de Medicina, que frequenta a Univerſidade; deve no-3. e 4. ano ir uma vez na ſemana, à Chimica. Na qual eſcola um meſtre explique primeiro, a teoria da-Chimica: deſpois, a pratica: e faſa alguma operaſam, diante dos-

ſeus dicipulos. Iſto nam embaraſa os dicipulos, e dá grande luz para a Fizica, e Medicina. Nos-dois mezes da-Primavera do-terceiro, e quarto ano, nam deve aver liſam de tarde, mas deve o leitor de Botanica, ir ao orto Medico, moſtrar as Plantas aos dicipulos: o que em outros Reinos coſtumam fazer, paſiando. Eſte orto Medico, coſtuma ter todas as plantas, divididas em canteiros: o leitor vai moſtrando aos dicipulos, as ditas; e explicando o nome delas, e mil coizas curiozas de Fizica. Coſtuma eſta liſam durar, uma ora, e meia: e aprende-ſe mais na dita ora vendo-as, doque lendo anos inteiros, ou vendo as figuras nos-livros, que nunca chegam a reprezentálas bem.

Paſando ao Cirurgiam, que quer eſtudar fóra do-Oſpital; deſpois do-primeiro ano de Anatomia, e uzo das-partes; deve no-ſegundo ir pola menhan, à Teoria da-Cirurgia: e de tarde ao Oſpital, ver abrir os cadaveres, e fazer as outras operaſoens. Deſta ſorte com dois anos de teoria, (no-fim de cadaum deve fazer um ato publico, na materia que eſtudou: v. g. Anatomia, e Cirurgia) e quatro de pratica boa, pode ſer omem grande. E antes deſe tempo, nam lhe-daria licenſa, para curar: mas obrigaria a fazer, todos os exercicios de Anatomia, que fazem os que aſiſtem nos-Oſpitais: e ſem provarem a dita aſiſtencia, e fazerem no-fim dos-quatro anos, o ſeu exame de pratica, diante dos-Cirurgioens; nam os-deixaria curar.

Seguem-ſe as Cadeiras da-Univerſidade: as quais ſe-podem reduzir a eſtas. Na primeira ora de menhan, Anatomia. Eſte leitor só pode ler, quatro mezes d'inveruo, Dezembro, Janeiro, Fevereiro, Marſo: porque só neſte tempo, ſe-podem abrir os cadaveres ſem fedor, e mandar vir dos-Oſpitais, as partes preparadas, para as moſtrar, e explicar aos ouvintes. Deve alem diſo dois dias na ſemana; explicar tudo no-Oſpital, moſtrando as partes, no-meſmo cadaver: pois só aſim ſe-forma conceito. No-reſto do-ano, neſta meſma ora deve outro explicar, a Hugieine. Na 2. ora de menhan, explica outro a Fiziologia, ou uzo das-partes. Na 3. outro, Inſtituiſoens de Cirurgia, e ſuas demonſtraſoens: nam só para os Cirurgioens, mas para os Medicos adiantados, que querem ter noticia, deſta materia; como na verdade devem: pois o Medico é obrigado ſaber, a Teoria da-Cirurgia, como em outra carta diſe. De tarde o primeiro leitor deve explicar, a Pathologia: o ſegundo, a Semeiotica: o terceiro a Praxe medica, *ſeu de Cognoſcendis, & Curandis morbis*. Eſte leitor em algumas Univerſidades coſtuma varios dias, explicar a ſua materia no-Oſpital, ſobre os doentes. E ali meſmo, deſpois de vizitar os leitos, em uma caza ſeparada faz uma breve diſertaſam; um ano na materia *de Urinis*, outro ano na *de Pulſibus*: que ſam noticias mui neceſarias, para a Praxe. E iſto meſmo ſe-devia fazer cá.

E n outra eſcola ſeparada deve aver leitores, dos-tratados particulares. O primeiro de menhan, deve tratar *de morbis Mulierum, & Infantum*: explicando cada ano, uma parte daquela materia. O ſegundo, *de Morbis Capitis*:

pitis: o terceiro, *de Morbis Pectoris* &c. De tarde o primeiro leitor, *de morbis Abdominis*: os quais incidentemente explicam, as outras partes anexas a eſtas. E niſto ſe compreende, quazi toda a Medicina. O ſegundo leitor de tarde deve explicar, os Aforiſmos de Ipocrates, materia utiliſima: mas iſto baſta que ſe faſa, trez dias na ſemana. Nos-outros dias outro leitor, devia explicar na meſma ora, o tratado *de Febribus*. Na terceira ora de tarde, deve aver outro leitor de iſtoria Natural, que explique nam digo todas as particularidades da-Fizica; nias os Simplezes Exoticos, que podem ſervir para a Medicina: divididos nos trez reinos, Animal, Vegetal, e Mineral. Eſte leitor deve com grande criterio explicar, quais ſam os que verdadeiramente tem virtude, e como ſe-prova: de que partes ſe-compoem &c. Nam pode V. P. crer, quanto iſto ſirva à Medicina, e quam neceſario ſeja, para livrar os Medicos, de mil prejuizos. Mas como eſte leitor baſta que explique, 3. dias na ſemana; nos-outros dois dias, neſta meſma ora deve aver outro leitor, de Chimica; que explique as Inſtituiſoens dela: e algumas vezes faſa, as experiencias neceſarias. Eſta noticia é tambem neceſaria, ao Medico. Deve alem diſto aver leitor de Botanica, como ja diſe: o qual só explica, dois mezes do-ano, na ſegunda ora de tarde: o que faz no orto Medico, que deve ter a Univerſidade. No-qual ſeria juſto ouvèſe tambem, uma caza vizinha, paraque em tempo de chuva, ou por-outra cauza, podèſe nela explicar a materia, aos ouvintes; e fazer as ſuas diſertaſoens no-principio, e fim de cada ano: como fazem em outros Reinos, e ainda em Roma: a cujas diſertaſoens vai aſiſtir, alem dos-omens doutos, muita nobreza, e Cardiais. Parece-me que deſta ſorte, ficava tudo bem diſpoſto, com decoro da-Univerſidade, e utilidade da-Republica.

Podia aqui advertir tambem, que os Oſpitais ſe-deviam fabricar, diferentemente do-que ſam: com janelas altas, defronte de outras: que ſe-abriſem de dia, para ventilar o ar: pois de reſpirar aquele ar, embebido de tam peſimo efluvios, nacem mil infermidades: como tem moſtrado, alguns Medicos doutiſimos. Mas eſta reflexam me-conduziria mui longe, e me-empenharia falar em muitas coizas, que nam quero. Aſim só-digo, que neſtes meſmos Oſpitais, ſe-pode praticar; abrindo janelas no-alto da-fabrica, para dar mais luz, e melhor ar aos corredores. Deſta ſorte ſeriam eſtes Oſpitais mais ſuportaveis as olfato, doque nam ſam: e mais ſalutiferos para os doentes, e para os que aſiſtem neles. Em Roma nam á Oſpital, que nam tenha o ſeu organ, para divertir os doentes quando comem: mas cá nam querem eſtas muzicas. Emſim deixemos de parte eſtas coizas * * *

Sobre o Direito diſe a V. P., o que me-parece baſtava. Se o eſtudante eſtuda, polo modo que aſima ponto; deſorteque na Gramatica, e Filozofia tenha eſtudado, a iſtoria Civil, eſpecialmente a Romana; e deſpois a Etica: pode intrar logo a eſtudar a Lei. Porem ſe o-nam tem feito, deve fazèlo, no-primeiro ano de Leis. Primeiro deve eſtudar a Etica, iſtorica-

mente: para ver os principios, da-lei Natural, e das-Gentes. Deſpois no-meſmo ano, a iſtoria Univerſal por-um compendio; e um bocadinho de Cronologia, e Geografia: e eſpecialmente deve aplicar-ſe, à iſtoria Romana, tanto da-Republica, como dos-Imperadores: ao menos até o fim do-Imperio, no-Ocidente.

No-fim ler a iſtoria do-direito Romano, que ſerve de comentario, à Lei. Feito iſto, no-principio do-ſegundo ano deve ler, o texto das-Inſtituiſoens de Juſtiniano: que em dois mezes ſe-podem acabar maravilhozamente. Deſpois deſtes prolegomenos, deve no-reſtante deſe ano, e no-terceiro, eſtudar as principais materias do-Direito, e que compreendem muitas outras; que ſam os Contratos, e Ultimas Vontades. Para iſto é neceſario, que ſaiba brevemente, quais ſam as materias de Direito: quais as que nam ſe-praticam oje; e quais as que mais ſe-uzam no-Foro. O meſtre terá cuidado de explicar iſto, apontando as que ſam mais principais: e o eſtudante notará brevemente, em que livros do-Direito ſe-acham; para ſaber, como ſe-á-de ſervir delas. No-quarto ano eſtudará outras materias principais, do-Direito. O quinto ano rezervaria eu, para duas materias, que neſa Univerſidade nam ſe-tratam, mas que ſe-devem enſinar com cuidado: à primeira, ſam as Inſtituiſoens Criminais. Nam ſei ſe falei a V. P. niſto: o que ſei é, que importa muito para o Foro; ou o eſtudante queira ſeguir as Varas, ou ficar no-Eſcritorio. Bem é verdade, que no-ultimo livro das-Inſtituiſoens de Juſtiniano, alguma coiza ſe-diz deſta materia, mas confuzamente. Por-cujo motivo os Leitores de algumas partes, principalmente de Italia, ditam duas Inſtituiſoens: umas Civis, em que explicam tudo o que diz Juſtiniano, pola ordem dos-titulos, tirando os pontos criminais: outras criminais, em que ſomente ſe-trata, do-que é crime: e cada leitor explica as ſuas. A verdade é, que iſto é ſumamente util, e neceſario, para quem á-de ſeguir aquela vida: pois em poucas palavras pode ver, o que deve praticar, em juizos graviſſimos. Quem tem viſto o Direito, eſtuda iſto facilmente em dois mezes. O *Urſaia* Romano compoz eſtas Inſtituiſoens, com muita clareza, divididas em quatro partes: na 1. trata dos-crimes meramente ecleziaſticos. na 2. dos-meramente ſeculares. na 3. dos-mixtifori. na 4. das-coizas comuas a todos os delitos. Verdade é, que é baſtantemente extenſo: mas dele ſe-pode tirar, o que for mais neceſario: e ſe alguem fizeſe eſte compendio, ſeria util para todos; e podia-ſe eſtudar tambem, no-fim do-ano das-Inſtituiſoens Civis. A iſto ſegue-ſe eſtudar, a lei publica do-Reino, ou *Jus Luzitano*, principalmente aquilo em que ſe-diverſifica, da-lei Comua: Quais ſam as Regalias dos-Reis: como ſe podem concordar com as da-Igreja, ſem ofender nem umas, nem outras: e outras coizas ſemelhantes, que ſam neceſarias, e utis. E iſto pode um meſtre explicar, com muita facilidade, em pouco tempo: e podia tambem eſcrever-ſe, paraque os eſtudantes ſe-regulaſem, ſem muito trabalho. No-fim deſte ano os actos, como ja apontei em outra carta.

Da-

Daqui fica claro, quantos leitores iam neceſarios, para eſte eſtudo. Um de Ètica, diferente do-que diſemos na Filozofia. Eſte nam ſo deve explicar a Etica, que trata do-direito Natural; mas a Politica: e aſim podemos-lhe chamar, leitor de Politica: bem que em muitas Univerſidades ſejam diferentes. Um de iſtoria Civil, que tambem explique a Romana, no-ultimo quarto da-ſua ora. O terceiro de Inſtituiſoens Civis: e eſtes trez lem na meſma menhan, cadaum ſua ora. De tarde trez leitores: Na primeira ora, explicam-ſe Inſtituiſoens criminais: na ſegunda ora, 3. e 4. livro das-Inſtituiſoens Civis: na terceira, uma materia principal das-Pandetas; que lhe-devem aſinar cada ano. v. g. um ano, *de Inofficioſo Teſtamento, & de Legitima*: outro ano, *de Legatis, & Fideicommiſſis*: outro, *de Subſtitutionibus &c.* E eſtes deviam ſer obrigados, acabar a materia, nam uma em dez anos, como às vezes ſucede; mas quando muito, acabála em dois anos, e publicála manuſcrita; paraque os eſtudantes pobres a-pudeſem copiar, e aproveitar-ſe dela, em falta de outros livros. Na ſegunda eſcola de Leis, o leitor primario devia explicar, o *Jus Luſitanum*. O ſegundo leitor, *Jus Feudale*: dando uma expoziſam metodica, de todo o direito Feudal. O terceiro, outra materia das-Pandetas. De tarde o primeiro, Codigo: outro, Autenticas: e outro, alguma materia das-mais uzuais, e utis no-Foro. Deſte modo, avendo dois leitores de Inſtituiſoens Civis, podia o eſtudante facilmente acabálas em um ano; porque tinha dois, que continuamente as-explicavam.

Quanto ao modo, com que o eſtudanre pode frequentar, as eſcolas de Direito; claramente ſe-colhe; do-que diſemos. No-ano, e tempo em que eſtuda a Etica, ou Iſtoria, e Inſtituiſoens de Juſtiniano; nam deve aplicarſe, a outras materias; mas a uma ſó: pois neſtes principios, aplicar-ſe a muitas coizas é embaraſo, para ſaber alguma bem. Quando ſe-entra nos-tratados do-Direito, entam podem-ſe frequentar, duas eſcolas no-meſmo dia, e ler duas materias juntas: e quando eſtá mais adiantado, nam condenaria, que às vezes ſoſe ouvir, alguma explicaſam do-Codigo; e das-Pandetas. Mas a verdade é, que menos coizas ſe-eſtudam juntas, e melhor ſe-ſabe cadauma: e eu ſempre ſeria de parecer, ler pouco, e intendèlo; que muito, ſem utilidade. Sobre a Politica, nam tenho que lhe-dizer; pois no-primeiro ano de Etica, ſe-aprendem os principios dela. Mas quando o eſtudante é graduado, ou fique na Univerſidade, ou ſiga os bancos; entam é que deve procurar, de ter mais noticia dela: como ja diſe na carta da-Etica, e lei Civil.

Ajunto o direito Canonico com o Civil, pola ſemelhanſa que ambos tem. Ja ſe-ſabe, que no-primeiro ano deve eſtudar, Iſtoria, e Inſtituiſoens Civis, dameſma ſorte que aſima diſemos: o que tudo ſe-pode fazer, no-dito ano. No-principio do-ſegundo ano, iſtoria Ecleziaſtica antes, e deſpois de Criſto; eſpecialmente eſta ſegunda: ao principio por-Compendio: deſ-

pois

pois mais extenſa: e com o tempo, quando ſe-examinam as coizas particulares, é neceſario profundála bem. Iſtoria do-dircito Canonico em breve. Iſto pode-ſe fazer, na metade do-ano. Na-outra metade, eſtudar as Inſtituiſoens Canonicas: e ſe as-nam-acabar, continuam-ſe no-ſeguinte ano. No-terceiro, e quarto ano, e principios do-quinto, materias de Direito, como já diſemos, ſempre as mais principais: v. g. *de Sacramentis*, *Beneficiis*, *Jure Patronatus* &c. Deſpois os atos, como no-direito Civil: o ultimo dos-quais, ſoſe o grao de Bacharel. Deſpois diſto, ſe quizeſe fazer concluzoens magnas, com elas lhe-daria o grao de Doutor; ou no-fim deſe ano, ou no-principio do-ſexto: e iſto ſem as coſtumadas ceremonias, que ſam as maiores afetaſoens do-mundo, e nam ſignificam nada. Uma oraſam que diſèſe o doutorando, ſobre um e outro Direito: e querendo tambem, um ou dois argumentos por-ceremonia: um breve comprimento com que o-louváſe um Doutor; devia baſtar, nam só para eſte doutoramento em Canones, mas para as Leis, e Teologia. A ſagraſam de uma igreja, ou de um altar principal, que coſtumam ſer funſoens eternas; eu as-vi fazer ao Papa, com toda a magnificencia, em menos da-metade do-tempo, que ſe-gaſta cá, em um Doutoramento. O aparato deſtes doutoramentos é eſtrondozo: a funſam eterna: e ſaie dali amofinado o que ſe-doutora, e os que lhe-aſiſtem. Contudo, eſta grande ſolenidade, examinada ſem paixam, e eſpremida na mam, nam produz nada: porque nem ſerve para moſtrar, a ciencia do-doutorando; nem para divertimento, dos-que aſiſtem. Iſto nada mais é, que um mao coſtume inveterado, quê os reformadores deviam emendar. Em outros Reinos mais alumiados, e mais cheios de omens doutos, chamam a iſto ridicularias, e fojem delas. Tambem aquelas liſoens de ponto, tanto no-Bacharel, como no-Licenciado; deviam-ſe deſterrar, como ja diſe. Para provar ſe um omem ſabe, baſta replicar os atos, em diferentes materias; e examinálos bem nelas: iſto ſerve ao eſtudante: e nam aquele ato de memoria, que nada ſignifica. Mas quando nam quizeſem deixar o eſtilo, da-liſam de ponto, podiam reduzila a meia ora. Alem diſo, nam deviam tirar o ponto, abrindo cazualmente o livro: porque ſe-expoem, a achar uma materia eſteriliſima, e inutil no-Foro; deque nam ſe-pode tirar, coiza nenhuma boa. Era melhor, ter em uma borſa, os melhores pontos, e mais fecundos dos-Direitos, ou Teologia; e tirálos por ſorte: porque aſim eſtava ſeguro de ter materia, em que pudeſe diſcorrer, e luſtrar. Sobre a pratica, nam tenho que acrecentar, ao que diſe do-direito Civil. Digo ſomente, que o Canoniſta deve tambem no-quinto ano, ler as inſtituiſoens Criminais: pois ſam neceſarias ao dito: ſendo que quazi todo o emprego do-Canoniſta, nas materias Eclezíaſticas, conſiſte, em executar as penas.

Dos-leitores de Canonica, um deve explicar na primeira ora de menhan, Iſtoria, e Diciplina Ecleziaſtica: na ſegunda ora outro, as Inſtituiſoens

ſoens Canonicas: na tercceira outro, uma materia de Canonica. De tarde o primeiro, a ſegunda parte das-Inſtituiſoens Canonicas. Deſpois, dois leitores, cadaum ſeu tratado de-Canonica. Em outra eſcola podiam explicar os textos, e ſuas materias: pola menhan Graciano, e as Decretais, e Sexto: de tarde Clementinas, Extravagantes; e o terceiro, o Concilio de Trento, Regras de Cancelaria &c. Se a eſcola civil foſe pequena, para os que eſtudam Inſtituiſoens Criminais; podiam introduzir aqui de tarde, outro leitor dela. Em algumas Univerſidades coſtumam, duplicar as eſcolas mais frequentadas: v. g. de Medicina, e Leis: e em duas eſcolas, dois leitores explicam na meſma ora, as meſmas materias: paraque os eſtudantes que nam cabem em uma, vam à outra. E o meſmo ſe-podia fazer aqui.

Falta-nos ſomente a Teologia: da-qual porem fica dito o que baſta, para ſaber, como ſe-deve regular. O primeiro prolegomeno do-Teologo deve ſer, a iſtoria da-Igreja antiga, e nova: que ja ſupoem a iſtoria Civil, com todos os ſeus apendices. Aindaque o eſtudante tiveſe tido, alguma ideia deſta iſtoria, por-compendio; devia eſtudála aqui novamente, com todo o cuidado: como tambem a da-Teologia, para evitar mil erros, que cometem os Teologos, por-ignorar a iſtoria, da-ſua profiſam. Iſto pode-ſe fazer, na metade do-ano: na outra deve ler, algumas inſtituiſoens da-Teologia. Parecerá iſto erezia, a eſtes que nam ſabem, que coiza é metodo: mas a verdade é, que é neceſario: e nam á maior razam, para ambos os Direitos, doque para a Teologia. Se neles é neceſario, para explicar em poucas palavras, o que ſe-acha eſpalhado, por-muitos volumes; e poder o eſtudante com facilidade, ver o corpo do-Direito, a ordem dos-tratados, e dependencia que uns tem dos-outros; iſto meſmo ſe-verifica na Teologia: na qual quem nam tem noticia diſto, nam pode formar conceito dela. Vi averá anos, um tomo em oitavo, que explicava em breve, todas as rezoluſoens da-Teologia Dogmatica, com um principal fundamento: e tambem compreendia, o Moral. Tambem o *Danes* explica o meſmo. Sería util ter dois tominhos, um que tratáſe da-Dogmatica, e outro do-Moral: ainda-que para o rapaz neſtes principios baſtava, que leſe o primeiro: nam digo que aprenda tudo de memoria; mas que o-leia bem, e veja as rezoluſoens, e ordem dos-tratados. Para iſto pode ſervir o *Abelly*, em dois tominhos em oitavo; que ſegue eſta ordem, com pouca diferenſa. Acham-ſe outras Inſtituiſoens mais extenſas, como ſam as do-*Juvenino* em 5. tomos em 12. mas tem ſuas coizas reprovadas: e as do-*Habert*, tambem em 5. tomos. Eſtas para ſe-lerem ao principio, ſam grandes: para ſe-eſtudarem em todos os trez anos, ſam breves: porque o eſtudante, que á-de ſeguir os eſtudos, neceſita de noticias mais profundas. Contudo elas tem ſeu uzo, os autores a-fizeram para os Seminarios, em que pola maior parte ſe-enſinam rapazes, que devem ir inſtruir no-campo, ou em outra parte, os Fieis. Falo dos-que ám-de ſer Parracos fóra das-Cidades: ou tambem daqueles moſos

que

que ſe-querem ordenar, para ficarem ſimplezes Beneficiados nas igrejas, ou ſimplezes capelaens, ou clerigos em ſuas cazas: e que eſtudam em Lisboa, ou em outra parte, onde nam á Univerſidades. Para eſtes digo, que ſam otimos eſtes livros: principalmente o *Juvenino*, (tirando o que é mao) porque explicam em poucas palavras, os fundamentos, e as melhores dificuldades. Deſorteque para eſtes, é melhor ſaber aquilo, que nam ſaber nada.

Acham-ſe todos os dias deſtes Clerigos, e muitos Parrocos; que mal ſabem ler, e nam intendem bem Latim. Alguns, com quatro cazos de Moral mal entrouxados, tem oje Parroquias; os quais, proguntados pola ſua religiam, nam ſabem, nam digo eu reſponder, às dificuldades grandes; mas nem menos declarar iſo, que crem. Neſte particular devo dizer ſinceramente a V. P. que a ignorancia é maior, que nam ſe-imagina. Nam tenho viſto Clero ſecular tam ignorante, como o de Portugal: e iſto meſmo me-confeſáram ingenuamente, alguns Portuguezes, que tem viſto outros paizes. E por-iſo a eſtes ſe-deve acudir, nam com eſtudos canſados; mas facis, e breves. Os outros, que querem fundadamente eſtudar Teologia, neceſitam neſtes trez anos, eſtudar polo menos, duas materias cada ano; como apontei em outra carta, em que falei a V. P. na Teologia. No quinto ano deve fazer atos publicos, de trez em trez mezes: os quais eu reduziria a trez: dois em materias Dogmatico-Eſpeculativas: e o ultimo em Moral. Determinando as materias, que cadaum devia defender, e o numero dos-pontos delas. As materias ſejam as mais principais: quatro em cada ato: e em cadauma delas introduzir, nam só os Dogmas, mas tambem as iſtoricas, que ſam neceſarias, para iluſtrar o Dogma. Uma das-materias devia ſer a Eſcritura: tambem o tratado de Incarnaſam, Trindade, Graſa, Igreja, Sacramentos. Deſta ſorte, devendo o eſtudante repaſar novamente, o que tinha eſtudado; podia fundar-ſe bem na-materia, e intendèla bem. Todos eſtes trez atos, deviam ſer de aprovaſam, para ſe poder formar conceito, da-ſua erudiſam. Sendo aprovado no-ultimo, no-meſmo inſtante lhe-daria; o grao de Bacharel. Querendo-ſe doutorar, devia fazer mais outro ato publico, a que podemos chamar, concluzoens Magnas: em que podia pór, alem das materias propoſtas, outras diferentes. Feito iſto, no-meſmo dia lhe-dava, o grao de Doutor: ou ſenam quando quizeſe. e polo modo que aſima apontamos, falando do-Direito. As outras ceremonias de atos, ja aſima diſe a V. P. que ſam impoſturas: porque os ignorantes, doutoram-ſe com tudo iſo: e os doutos, nam neceſitam diſo, para moſtrarem a ſua capacidade.

Se os eſtudantes ſe inſtruiſem deſta maneira, veria V. P. quam diferente doutrina traziam das-eſcolas: e ainda aqueles meſmos que nam eſtudam mais, que os quatro anos de Teologia, ſem ſe-doutorarem; (como ſucede em Lisboa, e outras partes, em que nam á Univerſidade) tirariam algu-

alguma doutrina boa: e ſe nam foſem Teologos perfeitos, ao menos tendo os verdadeiros principios, podiam regular-ſe no-eſtudo, e adiantar-ſe. Em uma palavra, ſaberiam falar: o que comumente nam ſe-acha neſtes clerigos, principalmente nos-que nam ſeguîram, as Univerſidades. Nam cuide V. P. que é encarecimento meu: a experiencia por-ſi ſó fala. De um curſo de trez anos, que comumente ſe-enſina Teologia, a maior parte deles dezempáram a eſcola: e acha-ſe o meſtre no-fim do-trienio, com doze, ou quinze eſtudantes. Os que ſe-foram no-primeiro ano, ja ſe-ſabe que nam intendem nada, de Teologia. Mas eſes meſmos que a frequentam até o fim, examinados ſobre ela, nada ſabem diſto. Quando muito reſponderám ſobre duas, ou trez queſtoens mal engruladas: porque ſe os-aperta bem, como me-ſucedeo amim, verá que totalmente nam reſpondem. Neſte tempo ou ja ſam Sacerdotes; ou eſtam em veſporas diſo. Muitos, que nam tiveram mais, que o primeiro ano: muitos, que só a Filozofia: e muitos, que nem menos Filozofia, mas ſomente duas regras de *Larraga*; tambem ſe-ordenam de miſa, e eſta é a maior parte. Todos eſtes pertendem beneficios, e igrejas: e aceitarám tambem Biſpados, ſe lhos-derem: e ſe V. P. inveſtigar, o que eles cuidam, achará que julgam na ſua conciencia, que ſam mui capazes. Mas eu tomára que me-diſeſem, com que conciencia ſe ordenam, e aceitam empregos ecleziaſticos; aqueles que nam ſabem, que coiza é ſer Ecleziaſtico? Que digo eu ſer Ecleziaſtico? achei ja ſacerdotes, que nam intendiam, o que liam no-Breviario, e no-Miſal: e pronunciavam palavras, que nem Latinas eram, nem Gregas, nem Ebraicas, mas inventadas por-eles: porque tais coizas nam ſe-achavam, no-Miſal. Admiro-me deles: mas admiro-me muito mais dos-Biſpos, que ordenam eſtes ignorantes. Eſtes Prelados ſam devedores de todos os inconvenientes, que nacem deſta ignorancia; e reſponderám em um tribunal retiſimo, a todas eſtas objeſoens, que nam tem reſpoſta.

Eſte é um dos-motivos porque digo a V. P. que o Clero ſecular deſte Reino, é ignorante: pois os Biſpos cuidam pouco niſo. Nam deviam ordenar, ſe nam omens capazes. Deviam fundar Seminarios, e neles mandar enſinar, nam só Gramatica, o que nem menos muitos Biſpos cuidam; mas ter bons meſtres de Filozofia, e Teologia, e Liturgia; que inſtruiſem perfeitamente os rapazes na piedade, e na erudiſam Ecleziaſtica. Iſto é o que fazem os Biſpos, em outros Reinos: e deſtes Seminarios tiram os Clerigos, para os-mandárem para as Parroquias do-Campo, e tambem da-Cidade. Eu conheci Biſpos, e alguns deles Cardiais, os quais em caza ſua mandáram fabricar eſcolas, para beneficio de todos, os que queriam ſeguir, o eſtudo Ecleziaſtico: e nelas avia leitores de Filozofia, Teologia, e Leis, e Canones, pagos polo Arcebiſpo: d'onde ſaiam omens grandiſimos, em todo o genero: e nos-Seminarios, enſinavam as Umanidades, lingua Grega, e Ebreia. Aqui nos-ſeminarios Epiſcopais só ſe-aprende, algum boca-

dinho de má Muzica. a Gramatica pola maior parte, vam aprendèla fóra, no-mais nam cuidam os Biſpos. Muitiſimas igrejas paſam de uñs para outros renunciadas; muitas vezes rapazes, ou gente como Deus ſabe. Poriſo os Parrocos da-Cidade ſabem pouco: e os do-Campo nada.

Para inſtruir os Parrocos, e Confeſores da-Cidade, pratica-ſe em Roma um meio, ſuave a todos, e utiliſimo ao Publico. Todos os Confeſores, e Parrocos das-igrejas, que eſtam vizinhas a um convento, onde á leitores; ſam obrigados duas tardes na ſemana, irem ao dito convento: onde, prezidindo o leitor de Moral, cada Confeſor expoem um cazo, que lhe-deram quinze dias; e o-defende uma ora. Cada dia ſegue-ſe outro: deſorte que cadaum ou argumenta, ou defende. Deſta ſorte, com pouquiſimo ou nenhum trabalho, ſe-lembra cadaum do-que ſabe; e aprende o que nam ſabe: e fazem-ſe omens doutos. Quem falta ſem juſta cauza, é apontado e multado. Ponho agora de parte outros exercicios, que os doutiſimos Jezuitas, ſempre zelozos da-utilidade dos-proximos; fazem por-ſua devoſam, em muitas partes, para inſtruir os Sacerdotes: um deles é eſte. Em uma camera grande da-Caza profeſa, ajuntam-ſe duas tardes na ſemana Clerigos, e outros moſos, que ſe-aplicam ao eſtudo Ecleziaſtico; nam rapazes, mas aqueles que ja tem acabado as eſcolas, e querem exercitar-ſe para Confeſores, ou para outro exercicio. Um deles expoem academicamente, uma queſtam de Teologia Moral, ou de Liturgia, ou de Canonica, ou Diciplina Ecleziaſtica, ſegundo a diſtribuiſam. Acabada a oraſam; argumenta um ou dois, ſe á tempo. Aſiſte a iſto um Jezuita de autoridade, que nam tem mais emprego, que exercitar-ſe niſto. Quando o defendente erra, ele o-adverte, e com toda a caridade, e cortezia lhe-enſina, como deve dizer, e reſponder. deſta ſorte exercitam-ſe todos. Vizinho a eſta caza eſtá outra camera, com uma grande eſtante de livros; os quais o Padre empreſta, a quem quer ver ali, algum ponto. Sucedeo-me alguma vez, intrar neſtes exercicios; e vi neles muita gente boa: e alguns Biſpos, e Patriarcas, que por-ſua curiozidade iam ouvir, e aprender. Sei, que iſto ſe-podia tambem praticar em S. Roque, ou em outras partes: mas nam peſo tanto: o que digo a V. P. é, que o exercicio dos-Confeſores, é ſumamente neceſario, e podia-ſe diſpor ſem trabalho algum. v. g. S. Juliam, S. Juſta, S. Nicolao, Martires, S. Paulo, podiam ir ao Eſpirito Santo: outras Parroquias, a S. Domingos: outras a S. Roque &c. Se acazo os Sacerdotes ſe-inſtruiſem deſte modo; os que da-Cidade partiſem para o Campo, fariam a ſua obrigaſam: e ſem tanta repetiſam de exames, (que é o unico meio, que muitos Biſpos julgam ſer util) podiam ſer Parrocos zelantes, e doutos.

Daqui paſando às Cadeiras de Teologia, digo, que com poucos Leitores, ſe-pode fazer tudo. Deve aver uma cadeira de Eſcritura, na qual ſe-expliquem os Prolegomenos da-Eſcritura, e ſuceſivamente os livros Sagrados pola ſua ordem: explicando principalmente, o ſentido Literal: re-

zolven-

zolvendo todas as dificuldades iſtoricas, que nacem do-texto. E o meſmo pode ir explicando cada ano, algum bocado da-Armonia Evangelica. Iſto baſta que ſe-faſa, uma ora cada menhan. Na ſegunda ora outro explica as Inſtituiſoens Teologicas: em modo tal, que cada ano deve explicar em poucas palavras, a ſerie, e rezoluſoens mais fundadas, de toda a Teologia; para dar alguma luz, aos principiantess. O terceiro Leitor deve explicar, a Teologia Pozitiva, continuando o curſo das-materias, todos os anos. De tarde o primeiro Leitor explicará Moral: nam ſecamente, Moral de Cazos, mas de Tratados; explicando as queſtoens iſtoricas, que incidentemente ocorrem: e moſtrando os verdadeiros principios, dos-quais devemos tirar as dęcizoens, dos-cazos particulares. O ſegundo Leitor deve explicar, algumas das-principais controverſias, que os Catolicos tem, com os Erejes modernos. O terceiro Leitor deve explicar, todos os livros *de Gratia* de S. Agoſtinho, cada ano ſeu tratado. Eſte Leitor é ſumamente neceſario, para os que querem alcanſar, a verdadeiramente do-S. Doutor. Em todos os ſeculos a Igreja explicou, todas as dificuldades da-Graſa de Criſto, com a doutrina de S. Agoſtinho. Onde importa muito ao Teologo ſaber, qual foi a mente do-tal Santo. Mas eſte Leitor nam deve explicar S. Agoſtinho, inclinando-o para alguma particular Eſcola: mas declarando ſimplezmente, o ſentido do-Santo, tirado dos-ſeus livros, com as luzes da-Iſtoria Ecleziaſtica. Querendo introduzir mais cadeiras, podiam fazèlo em outra eſcola ſeparada: e pór nela alguns leitores, cadaum dos-quais explicáſe ſua materia: os de menhan, Pozitivo-Eſpeculativa: os de tarde, Moral. Aquela cadeira de *Eſcoto*, de *Durando* &c. totalmente ſe-devem pór de parte: porque ſe elas obrigam, a explicar o dito autor, é frenezia: porque nem *Eſcoto*, nem *Durando* ſam textos, que devam explicar-ſe: e na era prezente, nem menos ſe-devem ler. Se nam obrigam a iſto, ſam inutis; e em ſeu lugar ſe-devia ler, a verdadeira Teologia. O meſmo digo, da-cadeira de *S. Tomaz*. Eſte ſanto, tambem nam é autor Sagrado, paraque devamos ſugeitar-nos, ao que ele diz: é um doutor Eſcolaſtico. Onde, pondo de parte a ſua grande ſantidade, que veneramos como devemos; o que ele diz, ſe é em materia de Dogma, deve-ſe abraſar, nam porque ele o-diz; mas porque o-diz a Igreja: Se é em materia opinativa, devemos olhar, para os fundamentos que dá, e nam para quem o-diz. Pola meſma, e ainda com maior razam deviam introduzir, cadeira de S. Jeronimo, Ambrozio, Crizoſtomo, e Bazilio &c. O certo e, que neſtes particulares nam devemos ſugeitar-nos, à autoridade de nenhum; mas à razam: e defender a Teologia, que cre a Igreja Catolica Romana, nam a que dizem, os particulares doutores. Mas quando nam pudeſem diſpenſar-ſe de explicar, a Suma de S. Tomaz, ao menos para utilidade daqueles, que juráram as ditas opinioens; podia-ſe explicar neſta ſegunda eſcola, uma ora de tarde: nam introduzindo opinioens novas, nem comentarios; mas explicando a pura mente do S. Doutor, que ſempre é a mais racionavel

Neſte

Neſte lugar ocorre-me dizer, que nos-outros Reinos da-Europa, o primeiro dia, que ſe-abrem os eſtudos em Outubro, cada eſcola tem a ſua oraſam Latina, a que chamam *augural.* v. g. um Leitor recita a de Teologia: outro das-cadeiras maiores, outro de Medicina, Lei Civil, Canonica, Filozofia, Iſtoria, Retorica &c. o que muitas vezes ſe-faz, em dias ſeguidos, paraque todos as-poſam ouvir. Iſto é digno de um eſtudo publico: e ſempre ſe-faz, com grande concurſo dos-doutos, da-Nobreza, e às vezes Cardiais. E em alguma Univerſidade, como Padua, nam a-faz o Leitor, mas um dos-melhores dicipulos; para o-acoſtumar a falar em publico: e nam é o meſtre que a-faz, mas ele meſmo. Cada ano tem ſeu aſumto diferente, o qual a Univerſidade às vezes coſtuma aſinar, ao Orador. Tambem em varias Univerſidades, morrendo um Profeſor, lhe-fazem exequias publicas, com a aſiſtencia da-Univerſidade: e um Leitor recita o ſeu elogio funebre, em Latim. E tambem iſto é decorozo, e util, para animar os omens, a que ſigam a virtude. Serſa tambem mui louvavel, que ſe-introduziſe eſte coſtume neſa Univerſidade, e ſemelhantes lugares de letras, e virtude.

Concluo lembrando a V. P. que em outros Reinos, tem-ſe fundado Seminarios ſeculares, para os Nobres: onde os rapazes aprendem, nam só as Ciencias; mas as partes de cavalheiros, e artes liberais; danſar, tanger, cavalgar &c. Tem oras determinadas, para o eſtudo: nas outras, eſtuda cadaum aquela arte liberal, que quer: e com grande deſtreza, e prudencia mancjam as inclinaſoens, daqueles meninos. De tarde, acabado o eſtudo, vam paſiar em ranchos de dez ou doze, com o perfeito. Muitos deſtes Seminarios, ſam governados por-alguns Religiozos: v. g. Jezuitas, das-Eſcolas Pias, Barnabitas &c. todos clerigos Regulares. Outros por-ſacerdotes Seculares: e os colegiais veſtem de abade de curto. Eſta inſtituiſam é famoza. Ali Fidalgos, e Principes metem os ſeus filhos: nam tem os apertos, que ca vemos em Portugal: e ſaiem omens feito, ou ao menos muitos eruditos, e cultos. Prouvera a Deus, que ca ſe-introduziſe eſte coſtume, para civilizar a Mocidade.

Iſto é o que me-parece, baſta dizer agora, ſobre a diſpoziſam dos-eſtudos altos: nam só porque V. P. compreende mui bem, todas eſtas coizas, ſem que eu lhas-diga; mas tambem, porque nas cartas que tenho mandado, (ſe é que as-conſerva) unindo as a eſta, achará tudo o que dezejava ſaber, neſta materia: e aſim nam direi mais.

ESTUDO DAS-MOLHERES.

Mas antes que acabe, tocarei um ponto que ſe-deve unir, aos eſtudos que apontamos; e vem a ſer, o eſtudo das-Molheres. Parecerá paradoxo, a eſtes Catoens Portuguezes, ouvir dizer, que as Molheres devem eſtudar: contudo ſe examinarem o cazo, conhecerám, que nam é nenhuma parvoice, ou coiza nova; mas bem uzual, e racionavel. Polo que toca a capacidade, é loucura perſuadir-ſe, que as Molheres tenham menos, que os Omens. Elas nam ſam de outra eſpecie no que toca a alma: e a diferenſa do-ſexo nam tem

paren-

parenteſco, com a diferenſa do-intendimento. A experiencia podia, e devſa dezinganar eſtes omens. Nós ouvimos todos os dias molheres, que diſcorrem tam bem, como os omens: e achamos nas iſtorias molheres, que ſouberam as Ciencias muito melhor, que alguns grandes leitores, que nós ambos conhecemos. Se o acharem-ſe muitas, que diſcorrem mal, ſoſe argumento baſtante para dizer, que nam ſam capazes; com mais razam o-podiamos dizer, de muitos omens. Compare V. P. uma Freira moſa da-Corte, com um Galego de mezes; e verá quem leva ventagem. De que nace eſta diferenſa? da-aplicaſam, e exercicio, que um tem, e outro nam tem. Se das-molheres ſe-aplicaſem aos eſtudos tantas, quantos entre os omens, entam viriamos quem reinava.

Quanto à neceſſidade, eu acho-a grande, que as molheres eſtudem. Elas, principalmente as maens de familia, ſam as noſas meſtras, nos-primeiros anos da-noſa vida: elas nos-enſinam a lingua; elas nos-dam, as primeiras ideias das coizas. E que coiza boa nos-ám-de enſinar, ſe elas nam ſabem o que dizem? Certamente, que os prejuizos que nos-metem na cabeſa, na noſa primeira meniniſe; ſam ſumamente prejudiciais, em todos os eſtados da-vida: e quer-ſe um grande eſtudo, e reflexam, para ſe-deſpir deles. Alem diſo, elas governam a caza: e a direſam do-economico, fica na eſfera da-ſua juriſdiſam. E que coiza boa pode fazer uma molher, que nam tem alguma ideia da-economia? Alem diſo, o eſtudo pode formar os coſtumes, dando beliſimos ditames, para a vida: e uma molher que tem, alguma noticia deles, pode nas oras ociozas, empregar-ſe em coiza util, e onrra; no-meſmo tempo que outras ſe-empregam, em leviandades repreenſiveis. Muito mais, porque nam acho texto algum da-lei, ou Sagrada, ou Profana; que obrigue as Molheres a ſerem tolas, e nam ſaberem falar. As Freiras ja ſe-ſabe, que devem ſaber mais alguma coiza; porque ám-de ler livros Latinos. Mas eu digo, que ainda as cazadas, e donzelas, podem achar grande utilidade, na noticia dos-livros. Perſuado-me, que a maior parte dos-omens cazados, que nam fazem goſto, de converſar com ſuas molheres; e vam a outras partes, procurar divertimentos pouco inocentes; e porque as-acham tolas, no-trato: e eſte é o motivo, que aumenta aquele deſgoſto, que naturalmente ſe-acha, no-continuo trato de marido com molher. Certo é, que uma molher de juizo exercitada, ſaberá adoſar o animo agreſte, de um marido aſpero, e ignorante: ou ſaberá entreter melhor, a diſpoziſam de animo, de um marido erudito; doque outra, que nam tem eſtas qualidades: e deſta ſorte reinará melhor a paz nas familias. O meſmo digo das-donzelas, a reſpeito dos-parentes. Emfim eſta materia é de tanta conſideraſam, para a Republica, que um omem tam pio, e douto, como M. *de Fenelon* Arcebiſpo de Cambrai; compoz um beliſimo tratado, ſobre eſta materia: (e deſpois dele alguns autores Franceſes, e Italianos, que eu li) em que enſina, como ſe-deve regular eſte eſtudo: e as utilidades que dele ſe-podem tirar. Ao que eu podia acrecentar, algumas experiencias, e reflexoens minhas, feitas ſobre as aplicaſoens que obſervei, em algumas molheres.

Redu-

Reduzindo pois em pouco, o que ſe-pode dizer neſta materia, principalmente acomodando-me ao eſtilo de Portugal; digo, que com as molheres ſe-deve praticar o meſmo, que apontei dos-rapazes. O primeiro eſtudo das mãys deve ſer, enſinar-lhe por-ſi, ou, tendo poſibilidade, por-meio de outra peſoa capaz, os primeiros elementos da-Fé. &c. explicando-lhe bem todas eſtas coizas: o que podem fazer, deſde a idade de ſinco anos, até os ſete. Deſpois, ler, e eſcrever Portuguez corretamente. Iſto é o que rara molher ſabe fazer, em Portugal. Nam digo eu eſcrever corretamente, pois ainda nam achei alguma, que o-fizeſe; mas digo, que pouquiſimas ſabem ler, e eſcrever; e muito menos, fazer ambas as coizas correntemente. Ortografia, e Pontuaſam, nenhuma as-conhece. As cartas das-molheres ſam eſcritas, polo eſtilo das-Bulas, ſem virgulas nem pontos: e alguma que os-poem, pola maior parte é fóra do-ſeu lugar. Eſte é um grande defeito: porque daqui nace o nam ſaber ler, e por-conſequencia, o nam intender as coizas: deve-ſe emendar com cuidado, eſte defeito. Neſte tempo explicam-ſe melhor, os miſterios da-noſa Fé: ornando-os com algumas iſtorias do-teſtamento Velho, e novo: que ſervem para impremilos bem, na memoria. Sei, que neſte paîz nam á livros vulgares, que expliquem bem eſtas coizas: e era melhor, que alguns Religiozos, em lugar de comporem tantas novenas, e outras coizas eſcuzadas; compuzeſem um breve Catechiſmo iſtorico, util para a Mocidade: porque a chamada *Cartilha* do meſtre Inacio, é coiza indigna: ou polo menos traduzir de alguma lingua eſtrangeira, beliſimos livros que ſe-acham neſta materia. Principalmente ſeriam utis, os livros que tem figuras; como um Francez, que ſe-intitûla, *Figuras da-Biblia*: e traz a iſtoria toda da-Eſcritura em figuras, com breves explicaſoens. Nam é crivel, quanto eſte eſtudo entre na-cabeſa dos-meninos, ſem parecer que eſtudam, mas que ſe-divertem. Eſte é o ponto principal, nos-eſtudos dos-rapazes: nam amoſinar-lhe a paciencia: mas inſtruilos como quem ſe-diverte. Por-iſo me-agrada aquele metodo, que alguns obſervam, ainda antes de lhe-enſinar a eſcrever; pintar as letras do-Alfabeto, nas coſtas das-cartas de jogar, e por-modo de divertimento jogar com eles; enſinar-lhe que letra é: mandar-lha proferir: e ilas ajuntando. Deſta ſorte, quando aos ſete anos ſe-enſina a ler, tem a crianſa vencido, a metade da-dificuldade ſem o-advertir, e facilmente lerá.

Quando a menina ſabe ler, e eſcrever ſofrivelmente, deve-lhe o meſtre dar alguma ideia, da-Gramatica Portugueza: a qual neſte principio ſe-reduz, a pouquiſimas coizas. Moſtrar-lhe nos-livros que le, as oito partes da-oraſam: enſinar-lhe, a forſa delas: a declinaſam do-Nome: e alguma coiza da-conjugaſam dos-Verbos. Que o Verbo pede cazo &c. e outras coizas gerais. Em terceiro lugar a Pontuaſam, e Ortografia correta. Iſto compete a rapazes, e raparigas: mas eu principalmente o-digo, das-femias: porque os rapazes, que ám-de ſeguir os eſtudos, devem nas eſcolas eſtudar mais.

Deſpois diſto, devem-lhe enſinar, as quatro primeiras operaſoens de Aritme-

Aritmetica: as quais ſam todos os inſtantes neceſarias, para a economia da-caza. Iſto aprende-ſe em quinze dias, com facilidade, avendo um meſtre, que o-ſaiba explicar bem: pois bem ſe-ve, que do-ler para diante, requer-ſe meſtre: viſtoque as mãys nam tem todo o tempo, ou paciencia, ou doutrina para iſo.

Poſto iſto, que é o fundamento de toda a educaſam, e a que nem menos ſe-deve dar, o nome de eſtudo; tem lugar um eſtudo mais ſolido, que é o da Iſtoria. Iſto deve cometar, por-uma carta Geografica: na qual o meſtre va moſtrando, as principais partes do-mundo, eſpecialmente a Paleſtina, e tudo o que pertence à iſtoria Santa. Iſto faz-ſe brevemente: e tendo cuidado de procurar na carta, as Cidades de que ſe-fala; ſabe-ſe quanto baſta, para o prezente cazo: e ſendo eſte exercicio continuo, pode com pouco trabalho, aprender muita coiza util. Deſpois, dilatará aquela ideia da-iſtoria Santa, que aprendera no-catechiſmo; explicando cada dia, um paſo de-iſtoria: e no ſeguinte dia mandando-lhe repetir, a ſuſtancia dela. Com eſta ocaziam pode incidentemente explicar, a divizam dos-tempos, e ſerie deles, e as mais famozas epocas, do-Antigo teſtamento; para eſtablecer o fundamento da-Iſtoria: ſendoque para eſte eſtudo que apontamos, baſta uma ideia: e nam é neceſaria, uma eſcrupuloza Cronologia. Eſta iſtoria da-Biblia regûla o eſtudo, de qualquer outra: e ſerve de confirmar qualquer peſoa na ſua fé, e religiam: que nada mais é, que uma coleſam de verdades, reveladas em ambos os Teſtamentos: e ſerve tambem, para intender os ſermoens, e deles tirar fruto.

Segue-ſe explicar-lhe em um Compendio, de proporcionada extenſam, a iſtoria Profana, eſpecialmente a Grega, e a Romana: nas quais ſe-acham famozos exemplos, de todas as virtudes morais, proprios para regûlar as aſoens, e animálas. Eſtas iſtorias devem-ſe ler devagar: e nos-paſos famozos devem-ſe fazer, as neceſarias reflexoens: porque ſem iſto é ler, como o Papagaio. Tambem é coiza util, mandar-lhe eſcrever o compendio, ou rezumo de algum paſo que lèram. Deſta ſorte imprime-ſe na memoria o que ſe-eſtuda, e aprende-ſe a eſcrever bem: porque o meſtre pode emendar os defeitos de eſcritura, ſe é que os-tem: e enſinar-lhe a pór em poucas palavras, e com clareza, o ſeu parecer; ſem deixar circunſtancia eſencial. Iſto ſerve muito para as converſaſoens, para tratar negocios, e fazer mil outras coizas, que todos os dias ſam neceſarias neſta vida.

Deſpois da-iſtoria Univerſal, ſegue-ſe a particular de Portugal. E' juſto, que as molheres ſaibam, a iſtoria da-ſua patria: e vejam o que tem avido bom, e mao, na iſtoria do-ſeu Reino. Nam digo, que devam ler tudo, o que ſe-vai eſcrevendo na Academia Real, ſobre eſta materia: baſta que ſe-ſirvam de um Compendio: ou leiam, o de Faria &c. No-meſmo tempo aprendem, ou ſe-aperfeiſoam, na lingua Eſpanhola; que ſerve muito para ler as iſtorias, e outras obras daquela Naſam.

Eſtes eſtudos tem a particularidade, de nam impedír os mais neceſarios, e que

e que ſam proprios das-molheres : falo da-economia , que ſe-pode aprender no meſmo tempo , que ſe-faz o outro. Diz M. Rolin com razam , que eſte é o fim , para que a Providencia as-poz neſte mundo ; para ajudarem os maridos , ou parentes ; empregando-ſe nas coizas domeſticas , no-meſmo tempo que eles ſe-aplicam , às de fóra. Por-eſte nome de Economia intendo , ſaber o preſo de todas as coizas , neceſarias para uma caza , e a melhor qualidade delas : como tambem , em que tempo ſe-devem fazer , as provizoens de caza : o que importa muito , para poder poupar. Tambem , como ſe-deve preparar um jantar, e com a menor deſpeza , em cada tempo do-ano : e outras coizas deſtas. Iſto nam parece nada , aos ignorantes : mas parece importante , a quem reflete , que da-falta deſtas coizas nace , fazerem-ſe gaſtos ſuperfluos , com ruina das-familias. Vemos todos os dias , muitas Senhoras , e V. P. conhece algum s , arruinarem as ſuas cazas e rendas , com coizas , que talvez nam ſam ſuperfluas, mas porque nam-ſabem gaſtar : e aſim empregam dez , no-que vale trez. Iſto nam é grandeza , é ridicularia , e ignorancia. Grandeza chamo eu , ſaber gaſtar quando ſe-deve , e como ſe-deve : dar eſmolas proporcionadas : ajudar os aflitos , e benemeritos : pagar as dividas de algumas peſoas onradas , opremidas com eſte pezo : e outras coizas deſtas. Polo contrario , quando vejo deitar o dinheiro na rua , e gaſtálo ſem reflexam , chamo-lhe ſoleniſima loucura. Alem diſo deve uma donzela aprender a ter , o ſeu livro de contas : em que aſente a receita , e deſpeza : porque ſem iſto nam á caza regulada. Deve tambem ter alguma ideia , do-modo de conſervar , e aumentar ás rendas , das-ſuas fazendas. Sucede todos os dias , que as Senhoras fiquem viuvas , e tutoras de ſeus filhos ; ou ſenhoras abſolutas de muitas fazendas : e neſte cazo , ſe nam tem alguma ideia , e conhecimento deſtas coizas ; nam podem deixar de arruinar os ſeus bens , aindaque lhes-pareſa , que tem feitores de conciencia. Eſta é uma eruditam que uma molher de juizo , pode facilmente ir ſuminiſtrando , às ſuas filhas , e filhos ; porque em todo o tempo ſerve. Conheci uma Princeza , que era exatiſima neſta materia de Economia : e ſabia tanto , como um omem bem inſtruido. Mas eſta Senhora tam economica por-uma parte , tanto nos-veſtidos , como no-de-mais ; era tam grandioza em outras coizas , que eu ſei com toda a certeza , que empregava todos os anos , cincoenta contos de reis , em eſmolas : parte , que dava aos ſeus vaſalos , nos-feudos que tinha : e grande parte , na Cidade em que aſiſtia : e a ela recorriam todos os aflitos , como a verdadeira maens : e avia muita gente onrada , que tinham mezadas determinadas , com que ſuſtentavam , grandes familias. Iſto é o que eu chamo , fazer bom uzo da-economia. Nem todos o-podem fazer : confeſo : mas todos podem ſaber de economia quanto baſta , para nam ſe-arruinarem.

A ſegunda parte da-economia ponho eu , no-trabalho das-maons. Eſte emprego é mui neceſario , para tirar o ocio ; e tambem para ſaber adminiſtrar bem a caza : e para os pobres , é ſumamente neceſario , aprender a cozer bem, fazer bem meias , romendar , e outras coizas de caza. Acham-ſe molheres plebeias ,

plebeias, e eu vi algumas, que o-nam-ſabem fazer: o que cauza fumo prejuizo, em uma familia. Mas quando a Senhora foſe tam rica, que nam neceſitáſe diſo; ſempre o-devia aprender, para conhecer bem, as coizas de que neceſita &c. e podia empregar o dito trabalho, em eſmolas de pobres, de igrejas &c. Tambem niſto à muita preocupaſam, neſte Reino. As Senhoras ou deſprezam o trabalho, ou só fazem coizas, que era melhor que as-nam fizeſem, porque ſam vaidades ridiculas. Nam condeno a grandeza, e aſeio nos-veſtidos, que ſam proprios do-ſeu grao: aprovo, e louvo: o que condeno é, aquela machina de veſtidos eſcuzados, e outras coizas por-todos os titulos ſuperfluas. Neſte particular a Iſtoria, pode comeſar a ſervir, às ditas Senhoras; para lhe moſtrar, que muitas nam so nobres, ou fidalgas; mas alguns furos aſima, Princezas ſoberanas, Imperatrizes &c. ſe-aplicavam a tecer, e outras obras de maons: e julgavam ſer eſta uma parte principal, da-ſua educaſam. *Otaviano Auguſto*, que nam era um Rei pequeno, mas o mais potente dos-Imperadores, e omem de juizo perfeito; tendo particular cuidado, da-educaſam de ſua filha *Julia*, para a-conſtituir Princeza digna, de lhe-ſuceder no-trono; eſpecialmente lhe-ordenava, que trabalháſe em coizas de lan: e com efeito niſto ſe-empregou nos-primeiros anos, imitando a ſua maen. A iſtoria Romana, por-nam falar agora na Grega, nos-ſuminiſtra, mil exemplos deſtes. As Senhoras Romanas tinham iſto por-grande gloria: e os omens prudentes da-Republica, quando elogiavam as molheres; (iſto ſucedia nos-elogios funebres, que pronunciavam os parentes, ou nas iſtorias) punham iſto, na cabeſeira da-liſta. Livio, que era um omem tam prudente, e de grande mente, avendo de louvar *Lucrecia*; nam deſcreve a ſua beleza, ou alguma das-muitas prerogativas que poſuia: mas diz, que ſe-entretinha com as ſuas aias trabalhando em lan: *Lucretiam nocte ſera non in convivio luxuque, ſed deditam lanæ, inter ancillas ſedentem inveniunt.* E ſe decemos a eſtes ultimos tempos, veremos um grande Imperador, que foi o Cezar *Pedro*, (nem menos os omens deſpreziram iſto) aplicado a fabricar com as ſuas maons um navio, em uma terra eſtrangeira; para poder regular os arſenais, nas ſuas terras: o que lhe-frutou muito bem. E eu vi algum Rei, e Principes Soberanos, que nas oras de deſcanſo, ſe-aplicavam a algumas artes, nam só liberais, e pertencentes à guerra; mas a outras galantarias, em que trabalhavam com toda a perfeiſam: e vi alguma Rainha, que tambem fiava. Emfim iſto é tam claro, que cuido que com dificuldade ſe achará, quem o-negue.

Quanto ao cantar, e tocar inſtrumentos, nam me-parece ſer de preciza neceſidade às molheres, ainda civis. Se ſe-aprendèſe quanto baſtava, para entreter, ou no-campo, ou em caza, a ſua familia; nam o-condenaria. Sucede algumas vezes, queuma filha que canta, e toca, diverte um pai, ou maen, que padece infermidades abituais: neſte cazo o ter eſtas prendas, pode ſer virtude, e ter merecimento. Pode tambem uma ſenhora, aprender eſtas partes, para ſe-divertir a ſi, nas oras ociozas, e entreter-ſe modeſtamente: e diſto digo

o meſmo. Mas empregar dinheiro, e tempo conſideravel neſtas coizas, uma donzela que pola maior parte nam ſe-ſerve diſto, deſpois de cazada &c. nam me-parece louvavel. Quanto às que ſe-deſtinam para Freiras, é juſto que aprendam o que é neceſario, para os tais empregos: principalmente tocar orgam. Nas ſenhoras Grandes nam é tam condenavel, aplicar-ſe mais a eſtes divertimentos inocentes; ſe o-fazem com o fim, de nam eſtarem ociozas. O que porem me-parece neceſario, a uma Senhora que tem boa educaſam, é, aprender alguma coiza a danſar: nam para ſe-ſervir de todas as galantarias, que enſinam os meſtres; mas para aprender o que é neceſario, a uma peſoa, que á-de tratar com gente bem educada, e de nacimento. Por-falta deſte exercicio, vemos muita gente, que anda torta, e com alcorcova: outras nam ſabem fazer uma mezura: e quando entram em uma camera, em que eſtá gente, nam ſabem incontrar as peſoas: comprimentar com boa maneira: e em uma palavra, faltam a todas as ceremonias, que ſam neceſarias, a gente bem educada. Iſto porem é uma coiza, que ofende muito a viſta. E aſim a maen devia cuidar, que o meſtre enſináſe eſtas coizas, e as-inſtruiſe bem. Daqui para diante, nam me-parece que ſeja util; tirando que ja diſe, de aprender o que baſta, para que em uma ocaziam de quinta &c. poſa danſar um minuete, e divertir-ſe com os ſeus parentes, e conhecidos. Deſte parecer é tambem, o douto M. Rolin.

Proguntarmeá V. P. o meu parecer, ſobre o eſtudo da-lingua Latina: no que á diverſidade de pareceres, ainda entre omens muito doutos: alguns, que abſolutamente o-proibem: outros, que o-querem. Eu, ſem intrar agora a diſputar o cazo, direi o que me-parece. Ja ſe-ſabe, que nam falamos das-molheres ordinarias: porque eſtas baſta que ſaibam, as coizas de caza; e ler em um livro &c. Iſtoria, Latim, e outras deſtas coizas, nam ſam tanto neceſarias. Falo das-peſoas civis, e nobres: e deſtas digo, que o eſtudar Latim: a algumas é neceſario; e ſam as Freiras: porque me-parece ridiculo, que leiam continuamente Latim, ſem o-intenderem. Das-outras as que tiverem mais tempo, nam me-parece improprio, que o-eſtudem. E porque nam á-de uma Senhora, que le a Iſtoria, intender um bocado de Latim, para ler a dita, na ſua lingua original? porque nam poderá uma Senhora, inclinada à piedade, ler a Eſcritura, principalmente o Eclezíaſtico &c. em Latim? Ponho de parte, tantos exemplos de molheres doutas, que podia citar, algumas das-quais eu conheci, e tratei: e talvez, que alguma delas ſoubèſe mais Latim, doque muitos profeſores, que nós conhecemos * * Falo ſomente da-razam intrinſeca: e reſpondo, que nam acho incoerencia alguma, mas antes é coiza mui louvavel. Mas neſte cazo deve-ſe ſeguir uma eſtrada, diferente da dos-rapazes, e só propria para molheres. A Gramatica ſeja tam breve, quanto pode ſer: a qual o meſtre deve encurtar ainda mais, explicando em voz, muitas coizas: e logo intrar na explicaſam, de algum autor facil. As molheres nam é neceſario, que falem o Latim: baſta que o-intendam: o que ſe-deve, e pode fazer, polo modo mais breve do mundo. Deſta forte intenderiam as Freiras, o que lem: e muitas Seculares teriam

riam mais goſto, e tirariam mais utilidade, de ler os livros. Iſto é o que me-ocorre em breve, e tenho tambem lido em alguns autores. Certamente, que a educaſam das-molheres neſte Reino, é peſima: e os omens quazi as-conſideram, como animais de outra eſpecie: e nam só pouco aptas, mas incapazes de qualquer genero de eſtudos, e erudiſam. Mas ſe os Pais, e Maens conſideráſem bem a materia, veriam que tem graviſima obrigaſam, de as-enſinar melhor: e que de o-nam-fazerem, rezulta graviſimo prejuizo à Republica, tanto nas coizas publicas, como domeſticas.

Com iſto acabo a prezente carta, e o que V. P. me-tem pedido, ſobre o metodo dos-eſtudos: que, ſe bem me-lembro, cuido que os-temos corrido todos. Neſtas cartas tenho dito a V. P. o que me tem ocorrido, parte eſcrevendo em preſa; e parte nam podendo, por-falta de livros, examinar tudo o que queria: que é o meſmo que dizer, que eſcrevi, expondo-me a cometer muito erro. Contudo como quer que a ſuſtancia ſe-conſiga, os erros me-perdoará V. P. O que lhe-peſo é, que ou nam comunique eſtas cartas, ou o-faſa com muita cautela. Sam infinitos os ignorantes: e neſa Cidade nam á poucos: e eſtes ſeram os primeiros, que diram mal, e cenſurarám uma materia, que eles nam intendem pataca. Fuja V. P. deſta caſta de gente: ou ao menos tape-lhe a boca, examinando primeiro, ſe tem todos os requizitos, que a Logica enſina ſerem neceſarios, em quem á-de julgar, das-materias alheias. Aos outros amigos noſos mais capazes *** diga-lhe o que lhe-parecer: mas nam ſe-interne muito, ſem primeiro lhe-tomar o pulſo: pois diſe, e torno a dizer, que muita gente as-nam intenderá: e eſtes ſeram os primeiros, e mais rigidos cenſores. A mim pouco me-importa iſo, porque a verdade triumfa: contudo nam quero deſgoſtar ninguem. Se pois ſuceder que V. P. com o tempo, o que dezejo, ſubir a maiores cargos, ou tiver introduſam com peſoas Grandes, Principes &c. neſe cazo pode inſinuar-lhe, algumas deſtas noticias, como coiza ſua: e ſe agradarem, e tiverem efeito, *te patrem patriæ appellabo*. Mas peſo-lhe que oculte ſempre, o nome do-autor: porque ſe aqui ſe-ſouber, que um Eſtrangeiro diſe iſo, acabou-ſe a razam, e parecerá muito mal. Iſto que digo aqui, nam prejudica à noſa amizade. V. P. nam me-poupe, em coiza nenhuma de ſeu goſto: pois com toda a ſinceridade de amigo direi, ſe o-poſo fazer, ou nam; ou reſponderei quando puder. Sobre os outros pontos de Filologia, em que me-fala neſta ultima carta; reſponderei na primeira conjuntura. Nam quero agora confundir uma coiza, com outra: e tambem quero poupar-lhe a matraca, de ler carta ainda mais comprida. Guarde Deus a V. P. muitos anos.

FIM

DO SEGUNDO TOMO.

ADVERTENSIA.

TEndo achado, que eſtes erros ſam mais frequentes neſta ediſam; por iſo dou uma regra geral, para ſe-emendarem.

Achando-ſe	*Leia-ſe*
engano, dezengano, enganar, dezenganar	ingano, dezingano, inganar, dezinganar.
comprimir, imprimir, oprimir admitir, permitir, e outras vozes, que ſeformam deſtes Infinitos: tirando algumas que o autor excetua.	compremir, impremir, opremir &c.
entrar, encontrar, emportar, enformar, engenhar, engenho: e vozes, e nomes que deſtes nacem.	intrar, incontrar, importar, informar, ingenhar &c.

O acento que ſe acha nos monoſilabos já, lè, vè, cá, lá; tambem é erro do corretor: porque o autor só o-poem em dè, dá, dás más só pòr *verbo* &c. para os diſtinguir das particulas e vozes ſemelhantes. Como tambem em pé, pés, e outra rariſima.

REFLEXOENS APOLOGETICAS

A' OBRA INTITULADA

VERDADEIRO METODO DE ESTUDAR

DIRIGIDA A PERSUADIR HUM NOVO

metodo para em Portugal se ensinarem, e aprenderem as sciencias, e refutar o que neste Reino se pratica;

EXPENDIDAS PARA DESAGGRAVO

dos Portuguezes em huma Carta, que em reposta de outra escreveo da Cidade de Lisboa para a de Coimbra

O P. FREY ARSENIO DA PIEDADE,

Religioso da Provincia dos Capuchos;

E offerecidas

AO ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. JOAÕ JOSEPH

ANSBERTO DE NORONHA

Conde de S. Lourenço, do Conselho de S. Magestade, &c.

Por NICULAO FRANCEZ SIOM.

(✠)

VALENSA

NA OFFICINA DE ANTONIO BALLE.

ANNO MDCCXLVIII.

COM TODAS AS LICENSAS NECESSARIAS, &c.

D. JOAO JOSEPH

ILLUSTRISSIMO, E EXCELENTISSIMO SENHOR.



E costume inviolavelmente praticado implorar a generosa protecçaõ dos Sabios, e dos Grandes para beneficio das obras, que sahem ao publico. E havendo de apparecer agora na Republica literaria a presente Obra, justo era que recorresse unicamente á benigna protecçaõ de V. Excellencia, porque só nella poderia eu encontrar o desejado favor, e amparo. Appareceo nesta Corte huma Obra dividida em varias Cartas, com o titulo, Verdadeiro Methodo de estudar, *intentando seu Author debaixo de hum zelo taõ fingido, como o nome, persuadir aos Portuguezes hum novo modo para aprender, e ensinar as Sciencias, que ordinariamente se praticaõ, e refutar o que atégora por tantos Mestres insignes, e que chegaraõ a ser grandes entre os mayores, se tem praticado neste Reino. Mas como naõ ha obra fóra das mãos de Deos, que seja taõ perfeita, que naõ padeça alguns defeitos, pelos quaes esteja sujeita á rigorosa severidade da Critica moderna, e como se os argumentos, de que o Author se vale, naõ sejaõ fundados em razoens taõ solidas, e evidentes, que se naõ possa facilmente descobrirlhes a resposta; houve entre os Sabios da nossa Corte hum dos que veneramos com mayor respeito, que com verdadeiro zelo quiz desaggravar o credito da Naçaõ ingratamente offendida pela livre mordacidade de hum Critico, que talvez como monstro em si alimentou, mostrando com subtilissimas Reflexoens os muitos erros, e alguns*

perniciosos, que pertendia simuladamente introduzir: podendo-se applicar ao Author do novo Methodo *a Copla, que fez huma Musa picante, vendo o máo caracter de letra, que formava certo Paroco, com quem por particulares razoens se naõ corria bem.*

He couſa de admirar
E muy difficil de crer,
Que quem naõ ſabe eſcrever
Diga nos quer enſinar.

Sendo pois as preſentes Reflexoens huma obra, que para a ſua eſtimaçaõ, e cenſura requer hum talento perfeitamente verſado em todas as Sciencias, he certo que ſó na grande comprehenſaõ, grande talento, e vaſta erudiçaõ de V. Excellencia podia achar ou merecer a devida eſtimaçaõ, e cenſura. Deſta verdade pódem ſer irrefregaveis teſtimunhas naõ ſó todos aquelles Sabios, que já veneraõ a V. Excellencia como Sabio, e como Oraculo; confeſſando ao meſmo tempo, que em V. Excellencia ſe verifica o conceito, que para ſemelhante expreſſaõ diſſe o Poeta de começar pelo fim, em que os outros glorioſamente acabaõ; mas tambem todas as eruditas fadigas, com que V. Excellencia continuamente enriquece, e anîma o Corpo da Real Academia, aonde reſplandece com taõ intenſas luzes de ſabedoria, que o conſtituem ſuperior a todos os Aſtros, que compoem aquelle erudito, e ſublime Firmameuto.

O generoſo, e coroado ſangue, que V. Excellencia nas vêas recebeo de tantos, e taõ illuſtres Aſcendentes, tambem era hum principio infallivel para eu buſcar a protecçaõ de V. Excellencia; mas como a grande modeſtia de V. Excellencia me impede moſtrar eu o fundamento deſta certeza, deixo de referir o que todos ſabem; pois o illuſtre eſplendor de V. Excellencia naõ neceſſita de ſe ajudar com hum taõ pequeno brado.

Conte pois V. Excellencia taõ larga duraçaõ na chronologia dos annos, como ha de contar na da Fama, que occupada toda no Elogio de V. Excellencia publica pelo mundo literario, que na ſua grande Peſſoa tem os Eſtudioſos hum ſabio Mecenas, e a Patria hum poderoſo Defenſor. A Excellentiſſima peſſoa de V. Excellencia guarde Deos como deſejo &c.

Criado de V. Excellencia.

Niculao Francez Sion.

CARTA,

QUE EM REPOSTA DE OUTRA ESCREVEO o Padre Fr. Arſenio da Piedade Religioſo Capucho, morador em Lisboa, a outro Religioſo da meſma Provincia, aſſiſtente em Coimbra.

MEu Irmaõ chariſſimo. Li a voſſa Carta com aquella alegria, que me coſtumaõ cauſar as novas da boa ſaude, que lograis, e que deſejo gozeis por muitos annos, e igualmente eſtimo conſerveis para comigo a amizade, que ha muito tempo cultivamos. Sinto vos cauſaſſe tanto cuidado o titulo do livro, em que me fallais, por ler no ſeu frontiſpicio ſer ſeu Author hum noſo Irmaõ da virtuoſa Reforma dos Reverendos Barbadinhos de Italia. Motivo grande tinha a voſſa dor, ſe o titulo foſſe verdadeiro; pois como taõ zeloſo do credito da noſſa Religiaõ, vos laſtimais, que veſtiſſe o habito de noſſo S. P. quem ſe atreveſſe a dar a publico obra ſemelhante, que ſeria para nós de grande deſcredito. Para aliviar o voſſo cuidado me pedis, ſaiba ſe he verdadeiro o titulo. A' volta deſta pergunta vos entrou a curioſidade de querer ſaber o juizo, que formo deſta inculcada reforma geral dos eſtudos. Se vos contentaſſeis com huma reposta breve, em duas palavras ſatisfaria a ambas as perguntas. A' primeira diria, que o titulo do livro he mentiroſo. A' ſegunda reſponderia, que o que ſe promette no titulo da obra, he *titulus ſine re*, e ſe lhe pode applicar o que de outro grande titulo diſſe Horacio: *Parturient montes, naſcetur ridiculus mus.* Iſto baſtaria para ſatisfazer á voſſa petiçaõ; mas como vos conheço o genio, e deſejo darvos goſto, reſpondo por partes.

REFLEXAM I.

Do meſmo livro ſe moſtra naõ ſer o Author Religioſo Barbadinho.

COm muita razaõ ſe diz, e o moſtra a experiencia, que até para mentir he neceſſario ter habilidade. Se eſte homem reparaſſe, que manifeſtando as ſuas Cartas noticias modernas, e naõ havendo ahi memoria de Doutor Barbadinho Italiano, poderia fingir couſa mais veroſimil; e iſſo ſabeis vós, que aſſiſtis ha muitos annos neſſa Univerſidade, onde naõ encontrarieis com tal curioſo, ſalvo foſſe algum Sebaſtiaõ encuberto vindo da Ilha Antilia, e ahi, como outro Eneas, anda dentro de alguma nuvem obſervando ſem ſer obſervado, & *nube cava ſpeculatur amictus*. Mas ſe na ficçaõ ſó houveſſe eſta ſimples mentira, eu lhe perdoara a venialidade. O peyor he, que para tecer huma ſatyra deſcomedida, fingiſſe ter ſahido dos Clauſtros obſervantiſſimos de taõ eſtimavel Reforma. Deſta ſorte faz injuria á noſſa Religiaõ Serafica, e a todos os ſujeitos, a quem ouſadamente ſatyriza; porque a maldade do livro redunda em deſcredito do ſeu Author. E talvez andará muito ſatisfeito do que fez, por naõ reparar nos inconvenientes, que da ſuas ficçaõ ſe ſeguem; mas quando a paixaõ he predominante, cega a razaõ, e cauſa ſemelhantes deſconcertos.

Tende pois a conſolaçaõ, que naõ nos pertence quem eſcreveo as Cartas, nem queremos tanta ſoberba nos noſſos Conventos, em que ſe profeſſa humildade. Elle bem ſe dá a conhecer, e já muitos o vaõ deſcobrindo, porque as Cartas ſaõ retratos, que repreſentaõ o ſeu original; e aſſim como pela falla conheceraõ por Galileo a S. Pedro os que eſtavaõ em caza do Principe dos Sacerdotes: *Nam & loquela tua manifeſtum te facit*; aſſim pelo eſtylo deſta util obra ſe reconhece o Galileo, ou Galileos, que a ordenaraõ. E quem ſe havia de perſuadir, que entre os filhos do numeroſa familia Serafica houveſſe hum, que ſe atreveſſe a dizer mal de Eſcoto? O Doutor Sutil he venerado em todo o Orbe literario, e ſeguido por huma Religiaõ taõ dilatada como o mundo. He hum Author, aquem nunca a Igreja Catholica achou propoſiçaõ, que notar, nem ſentença, que excluir: Houveraõ ſim muitos Pontifices, que louvaraõ a ſua doutrina, muitos Sabios, que a admiraraõ, e muitos, que a ſeguiraõ. Foy tal o applauſo, que adquirio, que nas melhores Univerſidades ſe inſtituiraõ cadeiras publicas para o explicarem.

Cauza naõ pouca admiraçaõ ver a audacia, com que contra hum gigante da ſabedoria ſe atreve hum pigmeo, ſem mais autoridade que a ſua vaidade; e ſem mais fundamento que o da ſua idéa, queira lançar fóra das aulas das Univerſidades a taõ grande homem. La ſahe com quatro livrinhos Francezes, talvez em doze, para caberem no bolſo; e maude Deos naõ ſejaõ alguns naſcidos em Hollanda, ou Inglaterra, feitos criticos da moda;

ſendo

fendo que em materias Theologicas metidos todos em huma imprensa lanção tanto fuco como hum limaõ feco. Humas vezes cauſa rizo o que diz, e outras me compadeço, porque em fim he noſſo proximo.

A' volta do deſprezo de Eſcoto tambem trata com o meſmo a Soares Granatenſe, Vaſques, e outros deſta grandeza. A Sciencia media, o decreto predeterminante, ou concomitante faõ para elle ſonho. Seja Deos louvado! Bem podera fazernos graça de explicar, como ſe concilia a predeſtinaçaõ do homem com a ſua liberdade; a efficacia com que Deos move a noſſa vontade ſem a neceſſitar; a impeccabilidade de Chriſto com a liberdade com que morreo por nós, tendo para iſſo preceito do Eterno Pay. Explique eſtas, e ſemelhantes queſtoens, ſem ſe valer de alguma deſtas, ou ſemelhantes doutrinas eſpeculativas, que com tanta arrogancia deſpreza.

E que direi da fatuidade com que critica a doutrina de Santo Thomaz? Eſte Santo Doutor he o meſmo, a quem a Cabeça da Igreja, e os melhores Sabios reconheceraõ por Anjo das eſcolas. Pois até a innocencia lhe quiz eſte preſumido Critico tirar, porque diſſe hum *quidam homo*, que vale tanto como individuo vago, que o Santo peccara em ſuppor idéas de Ariſtoteles. Muita diſſimulaçaõ tem o Mordomo do Hoſpital, e bem podia por charidade darlhe lá huma caſinha. He poſſivel, que os louvores, que tantos Summos Pontifices tem dado a eſte Santo Doutor, haõ de valer menos, que hum par de criticas à moda impreſſas talvez para ganhar dinheiro, e que o ſeu eſtylo he contradizer tudo o que pódem, e naõ pódem! Sempre tenho ſuſpeita, que os taes modernos naõ ſejaõ firmes na Fé, porque os vejo concordar muito com as invectivas dos hereges contra todos os Doutores eſcolaſticos, e como naõ podem com razoens desfazer a doutrina, procuraõ desfazer nos Authores; e com eſtas novidades ſe introduzem na eſtimaçaõ de quatro ignorantes, que attrahidos com as promeſſas de que com pouco trabalho, e em breve tempo ficaráõ grandes letrados, peccado em que cahe eſte noſſo amo, os começaõ a louvar, e pôr no Seteeſtrello, ſendo muito inferior o lugar, que merecem.

He tambem boa prova de que eſte pobre homem nada tem de Religioſo, reparando na ſua Carta 15. fol. 201. onde diz, que devem os Papas diminuir os privilegios concedidos ás Religioens. Vede que bom filho de S. Franciſco! Funda-ſe em huma razaõ falſa, e logo ſe contradiz. A falſidade he dizer, que já ceſſaraõ os motivos, porque ſe concederaõ. He boa ignorancia! Os motivos foraõ os ſerviços, que fizeraõ á Igreja, e ſupponhamos, que naõ tiveraõ outros. Se eſtes motivos foraõ verdadeiros como haviaõ de ceſſar? Deixando o preterito de ſer preterito? Igualmente ſe contradiz; porque dizendo lhe foraõ concedidos, a poucos paſſos diz, que os Regulares os uſurpaõ. Acharia em algum dos eſcaninhos da ſua erudiçaõ, que uſurpa, quem aceita o que lhe daõ?

Finalmente bem moſtra naõ ſer Religioſo Barbadinho, ſalvo ſe tem

barbas poſtiças, como as do terço do General Carraceña para meterem grande medo aos Soldados Portuguezes. He, digo, indicio certo de naõ veſtir o habito da Ordem Seraſica o mal que diz da Religiaõ da Companhia de Jeſus, em toda eſta ſolemne Obra, e muito em particular na Dedicatoria. E aſſim como nas Cartas quiz introduzir hum novo methodo de eſtudar, na Dedicatoria apparece com hum eſtranho modo de elogiar tirando da ſua celebre Rhetorica, que diz eſtá para ſe imprimir, a figura da Invençaõ taõ galantemente adornada, como huma velha de cem annos com polvilhos na cabeça, e ſinaes na cara.

Começa a louvar eſta eſtimada Religiaõ, a quem confeſſa a educaçaõ, e enſino, e ſendo os louvores diminutos para os ſeus merecimentos, logo ſe enfada de fallar, ou fingir, que falla verdade, e com muita gracinha, e ſem ceremonias ſe deſdiz, deſfazendo-ſe em vituperios. Criai o corvo tirarvosha o olho! Eu naõ pertendo defender eſta ſagrada Familia, porque naõ neceſſita de taõ fraco defenſor, como eu. Se a naõ impediſſe a modeſtia, facil lhe ſeria deſcobrir eſte maſcarado, e pôr em publico donde vem a ſua erudiçaõ de Queſnel, e Talmud, que pertende introduzir neſte ſeu novo Methodo.

Eſtes Reverendos Padres, correndo a fortuna de ſeu Santo Patriarca ſempre foraõ perſeguidos de hereges, e invejoſos; daquelles porque deſcobrem os ſeus erros, deſtes porque lhe affombraõ as luzes furtadas, com que pertendem reſplandecer. Tenha a certeza eſta ſagrada Religiaõ, que ſendo, como diſſe o Oraculo do Vaticano, o braço direito da Igreja de Deos, naõ deve temer, nem aos meſmos Alexandres vencedores na Aſia, nem a Sertorios, e Viriatos entre nós celebrados na valentia. Digaõ os ſatyricos o que quizerem, que as ſuas ideas nada ſignificaõ; as ſuas ſettas naõ chegaõ ao Sol, e as ſuas palavras, ſaõ badeladas em ſino de cortiça, que naõ tem ſom, nem tom.

O meſmo digo dos mais ſujeitos da primeira eſféra tanto na nobreza, como na erudiçaõ, e ſciencia, que arrojadamente ſe nomeaõ, e deſcortezmente ſe criticaõ neſtas taõ ridiculas Cartas, que confeſſo a Voſſa Charidade me em envergonho de as ter lido; mas já que as li, hey de dizer, o que julgo dellas, por vos dar goſto. Antes de acabar eſta Reflexaõ, quizera advertir a eſte ſatrapa do outro mundo, que as Dedicatorias naõ tem parenteſco com os Prologos, e ſe devem ſeparar no principio do livro. O Prologo he para todos os leitores, dando-lhe razaõ da obra, do eſtylo, e diviſaõ della, e talvez reconhecendo a ſua inſufficiencia (ſe a cazo tem humildade) e ſujeitando-ſe á correcçaõ dos que melhor o entendem. A Dedicatoria deve ſer toda dirigida ao Patrono, declarando a cauſa que o moveo para lhe offerecer o livro. Ajuntar eſtas duas couſas em huma, he deſordem contra a boa Rhetorica, em que eſte ſelecto Critico ſe nos inculca ſingularmente inſtruido: mas *non quodcumque minabitur Eurus, hoc faciet.*

R E-

REFLEXAM II.

Juizo, que ſe deve formar do Author, e da ſua obra em geral.

HE a ſoberba vicio fecundo, da qual naſce a preſumpçaõ, vaidade, e deſprezo. Tudo ſe vê no Author, que fingindo-ſe elevado á mayor esfera, entende que os mais homens preſentes, e paſſados lhe ficaõ a perder de viſta, e muito inferiores. He o que experimentaõ os que querem ſervirſe de hum oculo de ver ao longe, e uzaõ delle ás aveſſas, que todos os objectos ſe lhes repreſentaõ pequeninos, e ainda que eſtejaõ perto, lhes parecem muito diſtantes. Cheya pois a cabeça do ſoberbo com huma eſpeſſa nuvem de fumaças, feito outro Narciſo, entra a contemplar os grandes talentos, com que cuida o tem adornado a divina Providencia, cheyo de vaidade pareceſhe, que as palavras, que profere, ſaõ ſentenças de Seneca; as ideias, qué lhe occorrem ſaõ a quinta eſſencia de Platão; as ſuas reſoluçoens ſaõ Canones do Tridentino; as ſuas praticas com os amigos ſaõ bocados de ouro, que lhe ſahem da boca, e as vezes laſtimoſamente perdidos, por naõ encontrar quem os aproveite; ſe diſſe huma graça, foy com tanto ſal, que excede as marinhas de Setuval, ſe eſcreveo huma Carta, elle ſó ganha todas as de Cicero no eſtylo epiſtolar, como ſe foſſe o zápete no jogo do truque, ou eſpadilha na arrenegada, ſe o veſinho, ou adherente o vay conſultar para ſaber como ſe ha de deſembaraçar de hum negocio embaraçado, o conſelho, que lhe dá, encerra tanta prudencia, que a naõ leva hum carro; ſe eſcarra, ninguem o faz com mais limpeza; ſe ſe meneya, naõ ha mais gravidade; e ſe ſe poem á fizuda, naõ ha Cataõ, que lhe chegue.

Daqui lhe naſce hum geral deſprezo de tudo o que naõ he ſeu, ou dos ſeus. Os conceitos alheyos, ſe naõ ſe accommodaraõ com os ſeus, ſaõ partos informes de hum entendimento offuſcado; e ſe ouve fallar em opiniaõ oposta á ſua, he delirio. Se a peſſoa, que lhe falla, he de mayor reſpeito, e naõ póde contradizello, lá o faz para com os ſeus botoens, e diz entre ſi: Ah pobre homem, que naõ ſabes o que dizes, nem entendes, o que me ouves; compadeçome da tua ignorancia! Outras vezes, ſe naõ aceitaõ as ſuas razoens, logo aſſenta comſigo, que o tal ſujeito naõ he capaz de fallar com quem entende as couſas, e que ſe ouve os ſeus diſcurſos, he por ſe divertir hum pouco, e aliviar o grande pezo de negocios, em que anda metido. A muitos com huma pergunta confundio de modo, que lhe naõ ſouberaõ reſponder; e encontrou Meſtre de Latim, aquem perguntando, como ſe entendia aquelle verſo de Virgilio: *At Regina gravi jam dudum ſaucia cura*: ficou confuſo, ſem ſaber que dizer. Finalmente para inſtrucçaõ da mocidade Portugueza ſabe de hum amigo (e ſerá elle, que por humildade ſe naõ declara) que tem huma Rhetorica, huma Fyſica, e outras obras, com que paſmará o mundo.

Aqui

A qui tem voſſa Charidade eſte retrato tirado das meſmas Cartas do Author, que veyo a eſte mundo para fortuna noſſa, credito da naçaõ, aſſombro, e inveja dos eſtrangeiros; lá lho accommode, que he vera effigies. Paſſo agora ao conceito, que fórmo da ſua obra. Para me explicar, he preciſo fazer huma digreſſaõ. Os hereges modernos, como Luthero, e Calvino para de algum modo capearem os ſeus erros, quizeraõ perſuadir aos ignorantes, que a Igreja Catholica Romana tinha cahido em varios erros, e abuſos, os quaes elles pertendiaõ emendar, notando de caminho, que os Papas tinhaõ uſurpado mais ampla juriſdiçaõ da que lhes fora concedida por Chriſto: e por lhe ſer preciſo aſſinar algum tempo, em qué a Igreja eſtiveſſe ſem erros, e abuſos, para neſta ſuppoſiçaõ cahir melhor a ſua ſonhada refórma, ſe fingiraõ devotos dos Santos Padres dos primeiros ſeculos, como Santo Ambroſio, Agoſtinho, Jeronymo, Gregorio, &c. O meſmo intento levou Janſenio, proteſtando, que as ſuas cinco famoſas propoſiçoens eraõ expreſſamente tiradas de Santo Agoſtinho, aquem ſeguiraõ outros, e finalmente Queſnel com cento, e huma propoſiçaõ, todas filhas daquellas cinco.

Lançando eſte primeiro fundamento, e vendo, que os Santos, e Authores mais modernos tinhaõ reduzido as materias Theologicas a boa fórma, ſeparando para cada huma o que lhe pertencia, a que deu grande luz Santo Thomaz; advertindo tambem, que nas taes obras ſe achavaõ firmadas as reſoluçoens oppoſtas ás ſuas hereſias, tomaraõ o cuidado de fazer criticas contra todos eſtes Authores, accuſando-os de naõ ſeguirem aos primeiros Santos Padres, mas ſe deſviavaõ delles, e que as ſuas obras ſe deviaõ deſprezar, como cheyas de queſtoens impertinentes, e ignorancias. O primeiro tiro foy contra Santo Thomaz por hum diſcipulo de Luthero, e logo contra os mais celebres Doutores, e deſtas criticas ſahiraõ innumeraveis compoſtas com muita elegancia, e ordenadas com grande erudiçaõ principalmente de hiſtoria ſagrada, e profana.

Tambem appareceraõ varias feitas por liſonja, e conveniencia propria, como a de Fr. Paulo Sarpo em Veneza, deprimindo, a authoridade Pontificia, e affirmando, que naõ podia cenſurar, nem privar de ſeus dominios aos Principes, e Republicas ſoberanas, ponto em que liſongeava a de Veneza, entaõ deſobediente ao Summo Pontifice, livro, que muito agradou em Hollanda, onde logo ſe verteo em Francez. Sahio á luz outro, fingindo-ſe grande devoto de S. Paulo, querendo igualallo na authoridade a S. Pedro, para com toda a ſua devoçaõ diminuir a authoridade de ſeus Succeſſores; e logo outro, querendo fundar a authoridade da Igreja igualmente em hum, e outro Santo, e ambos condemnados por Innocencio X. e deſta caſta tantos, que podiaõ fazer grandes fogueiras. Agradou o eſtylo critico a muitos, ainda que Catholicos, e ſem advertirem no veneno, huns dando ao prélo, por moſtrarem engenho, outros por ſerem inclinados a novidades, e tambem

bem alguns criticando os mais, para moſtrarem, que ſabiaõ mais que elles. E até o noſſo Critico julga ſer acertado ler as obras dos hereges, para delles ſe aprender o methodo, como ſe entre as flores ſe naõ eſcondeſſem os aſpides, e nas rozas ſe naõ encontraſſem eſpinhos.

Reina eſta moda muito em Inglaterra, França, e Flandres. E poſto que muitos deſtes ſejaõ Catholicos, he neceſſaria grande advertencia para os ſeparar dos que ſaõ ſuſpeitos na Fé, ainda que ordinariamente ſe achaõ em Francez, porque neſta lingua ſahem de outras partes; e ainda que ſejaõ naſcidos em França, bem ſabido he, que lá naõ faltaõ Janſeniſtas. Continuando eſta grande moda, depois de ſe deſenfadarem contra a Theologia, paſſaraõ as criticas contra as mais ſciencias. Sahiraõ contra a Filoſofia huns Carthefianos, outros meyos Carthefianos, fizeraõ os animaes viventes automatos, e como machinas artificiaes inſenſiveis, e em recompenſa o noſſo Critico os faz diſcurſivos; deſterraraõ os accidentes, extinguiraõ as cores, fazendo os objectos viſiveis por força de luzes furtadas; tiraraõ a definiçaõ ao homem duvidando, como faz eſte noſſo Critico, que ſe defina: *Animal racional.* O globo da terra, que até agora tinhamos por redondo, appareceo ovado, e em continuo movimento na nova idéa de Copernico, ficando o Sol parado, ſem ſer a rogos de Joſué; ao ar deraõ-lhe hum grande pezo; e á pobre da alma racional lá a prenderaõ na cabeça, ſem conſentirem, que viſitaſſe as mais partes do corpo humano.

Todos eſtes livros tiveraõ grande applauſo entre muitos principalmente moços, e iſto por tres razoens. Primeira, por ſerem livros de eſtrangeiros, cujas modas tem grande ſahida entre nós, ainda que com ellas, nos levem todo o ouro das Minas, depois de nos terem deſpojado da prata. A ſegunda, porque naõ tendo animo para ſe canſarem no eſtudo das materias *exprofeſſo*, e vendo que as ſciencias ſaõ muito mais largas, que a vida, deſejando por outra parte abarcar todas, applicaõ-ſe com muito goſto a eſtes livrinhos, e em lhe dando hum par de voltas, entraõ a fallar em toda a caſta de Theologia, e Direito, Filoſofia, Mathematica, Rhetorica, Humanidades, e outras couſas mais, com tanta ſatisfaçaõ propria, que naõ ſe lhe póde tirar da cabeça, que eſtaõ conſumados em toda a literatura.

A terceira pelo que reſpeita á Fyſica, porque com muitas habilidades fizeraõ inſtrumentos realmente agradaveis pelo ſeu artificio: com hum perſuadem, que tiraõ o ar da garraſa, por cuja falta a moſca, que eſtá dentro, fica amortecida; e logo dando liberdade ao ar, para que torne para ſua caſa, ſe levanta a moſca como reſuſcitada. Porque a bomba naõ tira agoa ſe naõ em certa altura, entraõ a demonſtrar, que naõ ſobe mais, porque o ar naõ tem mais pezo; e ſe algum quer contradizer a ſua idéa, e diz que o ar faz huma abobeda, com que cerca eſte globo da terra, e por iſſo naõ carrega em parte nenhuma da terra, e por conſeguinte naõ he eſſa a cauſa porque a agua ſobe na bomba, Deos nos acuda, que o curioſo he diota.

e naõ ſabe o que diz. Para moſtrarem, que os animaes ſaõ puras machinas, fizeraõ huma ave de metal, que ſe movia, como fazem os relogios, com o bico apanhava o milho poſto em determinado lugar, e deſcendo ao bojo, dava em hum moinho, que o partia, e logo, como ſe o digeriſſe, lhe ſahia pelo rabo. Vedes pois, diziaõ, que ſe a arte humana faz huma taõ galante machina, quanto melhor a fará Deos? A' viſta deſte, e ſemelhantes artefactos, paſmaõ os aprendizes, e daõ a couſa por provada; e corra a paga ao Meſtre taõ bem merecida., como a que ſe dá por ver por hum buraco a perſpectiva de Verſalhes. Tudo lhe faça bom proveito no corpo, e alma, que he fraſe de que uſa o noſſo Critico mór.

Eſta digreſſaõ com pouco trabalho moſtra o juizo, que ſe deve formar de toda a obra, a qual impugnando tudo, nada conclue, que he ſentença do ſenhor Author na Carta 6. fol. 157. Reparaſtes já na obra de hum alfayate? Conſiſte v. g. para ſahir huma caſaca, em dar tiſouradas na peſſa de panno, repartir em partes o forro, e o mais neceſſario para a obra; entra logo o ſenhor Meſtre, e algum official a coſer aquelles retalhos, e apparece huma caſaca á moda, e toda França. E qual he o artificio da obra? em cortes pelo alheyo, e coſer os pannos cortados. Aqui tendes a idéa da obra. Corta-ſe pelas ſciencias ſem alma, e o que nelles ha de agudeza, chama-ſe rapaziada: de ſorte que o diſcurſo de hum bom entendimento, combinando humas razoens com outras para eſpecular alguma reſoluçaõ, he futilidade: porém lidar com a ſiringa, bomba, fogo para quebrar as pedras, garrafas de que ſe tira o ar, boromatros, termomatros para ver ſubir o eſpirito do vinho, e o azougue, reparar nas habilidades, que tem o caõ do cego, para daqui colher algumas noticias da Fyſica experimental, ſaõ diligencias muito graves! Seja por charidade.

Tambem a obra córta pelos Authores de melhor nota, e eſtimaçaõ; e naõ ſe buſca o bom, ou o melhor delles, mas ſe appareceo alguma couſa má, ou menos ajuſtada, lá vay a tiſourada. Só a ſagrada Eſcritura he optima, o de mais *nihil eſt ab omni parte beatum.* Os Authores, ainda que ſejaõ os mais avultados na ſciencia, por fim de contas ſaõ homens, e naõ há que eſpantar faltem em alguma couſa; pois como diſſe Quintiliano: *Summi enim ſunt, homines tamen.* Eu já por honra de N. P. S. Franciſco lhe perdoo de todo o coraçaõ eſtas tiſouradas; mas vejo que quaſi todos os córtes entraõ pelo melhor dos Authores, e eſſes naõ lhos poſſo perdoar: mas já me deſdigo; ſe elle cuida, que corta bem, naõ há mais remedio, que encommendallo a Deos.

Depois de ſe cortar, entra-ſe a coſer a obra. Aqui he ella. O homem tem a viſta canſada, como quem tem coſido de noite muito panno preto. Que remedio? Ajuntem-ſe officiaes para a obra: huns ou parentes, ou adherentes, coſaõ huma Critica, outros outra: daqui tirem ſo diſcurſo, que já ſe fez ſobre huma materia, dalli outra, que quem naõ tem muito cabe-

dal

dal vira o veſtido de dentro para fóra, ou ao menos de huma capa engenha huns calçoens. Venha daquî o memorial, que ſe deu em tal tempo; venha de lá o arbitrio que deu fulano, e ſicrano: o Author poem as linhas de caſa, e temos obra. Mas a ſciencia dõ meſtre Alfayate he como a ſua gaveta, onde ſe naõ acha peſſa inteira, tudo ſaõ retalhinhos de bayeta, panno, ſeda, e de varias cores; da qual apenas ſe póde tirar com que ſe faça huma carapuça de ſaloya, ou barretinho para criança.

O modo de fallar he contra toda a Rhetorica, ainda que ſe nos inculca muito adiantado nella. Porque quem quer perſuadir alguma couſa, procura ganhar a benevolencia do ouvinte, ou leitor; porém ſatyrizar toda huma naçaõ, e os melhores ſujeitos della, para os attrahir ao ſeu partido, he querer buſcar hum circulo pela ponta. Vá hum Portuguez a Inglaterra tratar hum negocio importante, e que depende dos votos do ſeu Parlamento, e tome por preambulo dizer mal daquella naçaõ, e experimentará o bom deſpacho, que traz.

Se o zelo da utilidade publica foy o motivo deſta obra, eu lhe daria a materia mais util, e agradavel para ambos os ſeus tomos. Mude a ultima palavra do titulo, e diga: *Verdadeiro methodo de trabalhar.* Deſte he que temos grande neneſſidade. Sem ſahir da noſſa Corte, lhe darey grande campo, em que ſe dilatem os ſeus arbitrios. Repare nas lamas, que fazem impraticaveis as ruas, naõ obſtante a grande deſpeza, que ſe faz em ſe varrerem. Se ſe lançaõ junto da Cidade, fazem monturos, e ſe no rio, dizem que entulhaõ a barra; e tudo iſſo naſce da falta de methodo. As calçadas cuſtaõ muito dinheiro para ſe concertarem, e duraõ pouco os ſeus concertos; os carros abalaõ as cazas, e fazem-ſe taõ pezados, que naõ faz pouco huma junta de bois para os mover, ainde eſtando vazios. Os aguadeiros com as ſuas cangalhas, e as ſaloyas com os ſeiroens mayores, que donaires, ſaõ prejudiciaes aos que andaõ a pé, ou a cavallo: as ruas humas ſaõ eſtreitas, outras tortas; e tudo iſto carece de novo methodo. Tal vez naõ haja Corte, em que aconteçaõ tantos roubos, e mortes como na noſſa. Arbrite o meyo, com que ſe evitem.

Que diremos dos officiaes mechanicos? Que mentiras naõ prégaõ deſculpando a tardança das ſuas obras; e o que mais he, cada anno accreſcentaõ os preços, e dizem que lhe cuſtaraõ muito a fazer, e que eſtaõ caros os materiaes; a verdade de tudo he a falta de methodo, tanto em trabalhar, como em comprar. Tambem as lavandeiras neceſſitaõ de algumas liçoens, porque deſtroem a roupa com a romper, e uzaõ de pedra em lugar de ſabaõ. Diſcorrendo pois por eſtes, e ſemelhantes argumentos, naõ lhe faltará materia para o primeiro tomo.

Para o ſegundo trate de idéas mais nobres. As noſſas ſearas apenas daõ ſeis por hum, produzindo mais em outros paizes, e tudo iſto naſce de naõ ſaberem os lavradores o verdadeiro methodo de as cultivar. Subindo

mais alto; he grande deſconſolaçaõ ver o eſtrago, que fazem alguns rios nos campos enchendo-os de area, que os faz eſteris. A ponte de Coimbra dizem eſtar fundada ſobre outra, e com tudo iſto eſtá entupida, que já os barcos naõ pódem paſſar por baixo dos ſeus arcos. A barra do Porto he perigoſa por apertada com os rochedos, que a cercaõ de baixo da agua; as de Vianna, Villa de Conde, Aveiro, Buarcos, e em parte eſta de Lisboa padecem o infortunio de irem as areas prevalecendo contra ellas. Boa occaſiaõ para enſinar o verdadeiro methodo de acudir a eſtes damnos. Tambem ſeria grande gloria ſua demonſtrar a decantada quadratura do circulo, os pontos fixos para a navegaçaõ de Leſte a Oeſte, e o deſejado moto perpetuo, para o que ſe tem propoſto grandes premios, com que ſe animem os homens de grande talento; e quando naõ queira o premio, ſempre ficará com a gloria, que para animos nobres vale mais. E com eſtes, e outros ſemelhantes methodos fará ſegundo tomo, que quanto os das ſuas Cartas naõ valem a tinta, com que ſe eſcreveraõ.

REFLEXAM III.

Propoſiçoens, que ſe achaõ no livro, dignas de grave cenſura.

NAõ vos pareça, que eſta Reflexaõ ſe ordena a moſtrar, que o Critico mór he hereje, porque a iſſo me naõ perſuado; he ſim para confirmar o que já inſinuey, que elle ſe aproveitou de muitas criticas, particularmente na lingua Franceza, nas quaes ás vezes ſe acha muita fizania miſturada com o trigo; e como naõ he bem inſtruido na Theologia dogmatica, por mais que cuide o contrario, cahio nos erros, que aqui vos quero apontar; e tal vez, que cahiria em muitos outros, em que eu naõ repararia, tanto pela preſſa, como pelo faſtio, com que li as Cartas, que logo as lancei de mim enfadado de ler tanto diſparate junto.

Apontei as ſeguintes propoſiçoens. Primeira: *O peccado de noſſo primeiro Pay nos trouxe por caſtigo ſermos ſujeitos ao engano.* Aſſim ſe lê na primeira parte fol. 253; e logo diz a ſegunda no meſmo lugar: *Por iſſo nós peccamos, e peccando nos deſviamos da verdade da ley divina, que he taõ conforme á boa razaõ, porque naõ damos attençaõ á dita verdade.* A qui há falſidade, e *aliquid ſapiens hæreſim.* Na primeira ſe dá a entender, que noſſos primeiros Pays antes do ſeu peccado naõ eſtavaõ ſujeitos ao engano, porque como neſſe tempo naõ tinhaõ peccado, tambem ainda naõ tinhaõ incorrido na pena: e com tudo iſſo, antes de eſtarem ſujeitos ao engano, peccaraõ; ſegue-ſe logo, que he falſa a ſegunda propoſiçaõ, em que ſe requer a inadvertencia para o peccado. Quanto mais, que antes de Eva peccar, a enganou a Serpente, como ella confeſſou claramente: *Serpens decepit me.* E Adaõ levado das palavras de Eva cahio no meſmo engano, e iſto

iſto antes de provar o pomo prohibido. E quem diſſe a ſua Reverencia, que ſe Adaõ naõ peccara, ſeus filhos naõ cahiriaõ em algum engano naõ ſó fyſico, mas moral? Fallando em geral dos mais homens nos termos da ſegunda propoſiçaõ, ſupponhamos eſte cazo, que naõ he metafyzico. Pedro ſe acha com opportuna occaſiaõ de furtar huma bolſa, e ſe ve tentado a fazer o furto por ſer coſtumado a ſemelhantes deſtrezas; porém illuſtrando-o Deos com hum claro conhecimento daquella maldade prohibida pela *ley divina*, e natural *taõ conforme á boa razaõ*, venceo a tentaçaõ, e naõ lançou maõ da bolſa. Iſto ſuppoſto, pergunto ao ſenhor Doutor: Pedro mereceo na victoria deſta tentaçaõ, ou naõ? Parece que ſim, e tambem deve conceder, que a reſiſtencia foy livre. porque ſem liberdade naõ há merecimento, como eſtá definido contra Janſenio na ſua terceira propoſiçaõ. Pois ſe Pedro reſiſtio livremente á tentaçaõ, podia naõ querer reſiſtir furtando a bolſa: logo tendo o claro conhecimento da maldade do furto, podia peccar, naõ obſtante o que diz na tal ſegunda propoſiçaõ. E há muitos ladroens, que naõ ſaõ ruſticos, e bem ſabem, quando furtaõ, que obraõ contra o ſetimo mandamento, e contra hum dictame natural: *Quod tibi non vis, alteri ne facias*, e com tudo peccaõ.

Terceira propoſiçaõ, 2. p. fol. 11. *O accidente da cor . . . que he o meſmo que dizer, que naõ he huma entidade diſtincta da ſubſtancia.* Tomada ao pé da letra, e applicada á Hoſtia conſagrada pouco ſe ajuſta com a condemnaçaõ da ſegunda propoſiçaõ de Wiclef condemnada no Concilio Conſtanciense anno de 1418. na ſeſſaõ oitava, da qual fallaremos na Reflexaõ decima. Por ora digo, que o contrario ſe lê nas liçoens approvadas pela Igreja no Officio divino deſte Sacramento, que ſaõ de Santo Thomaz, e dizem aſſim: *Accidentia autem ſine ſubjecto in eodem ſubſiſtunt, dum inviſibile ſumitur ſub aliena ſpecie occultatum, & ſenſus á deceptione reddantur immunes, qui de accidentibus judicant ſibi notis.* Se na Euchariſtia naõ ficaõ accidentes, por ſerem o meſmo com a ſubſtancia do paõ, e vinho; devera dizer, que alli nem há cor, nem cheiro, nem ſabor, mas huma mera apparencia de tudo iſſo; mas neſte cazo, falſo he dizer que *Senſus á deceptione reddantur immunes.*

Quarta, na 2. p. fol. 13. *A natureza humana de Chriſto unida á Peſſoa do Verbo, naõ he peſſoa humana, mas divina.* Vamos vendo o ſentido, que póde ter. Se quer dizer, que a natureza humana, a qual ſe unio á Peſſoa do Verbo, mas tomada *ſe ſola*, naõ he peſſoa humana, porque neſtes termos ſe conſidera *in abſtracto*, e como *humanitas*, concedo ſe naõ há já de chamar peſſoa humana, porque ainda ſe naõ toma *in concreto* com ſubſiſtencia; mas neſte ſentido he hereſia, o que accreſcenta dizendo ſer *Peſſoa divina*; pois he claro, que a humanidade he creada, e nem he, nem póde ſer peſſoa divina. Se quer dizer, que da natureza humana unida á Peſſoa do Verbo, ſó reſulta peſſoa divina, e naõ humana, porque julga que ſem

ſubſiſtencia humana, naõ he Chriſto verdadeiro homem; profere huma blasfemia heretica, pois ſe acha na confiſſaõ da Fé eſcrita no Symbolo de S. Athanaſio recebido pela Igreja Catholica ibi: *Homo eſt ex ſubſtantia Matris perfectus Deus, perfectus homo.*

Finalmente ſe confeſſa, que da natureza humana unida á Peſſoa do Verbo reſulta perfeito, e verdadeiro homem, mas que eſte ſe naõ póde dizer peſſoa humana, porque para iſſo he neceſſario, que tenha ſubſiſtencia humana, diz huma grande falſidade; porque para huma peſſoa ſe chamar humana, ſó ſe attende á natureza, ſeja ou naõ ſeja humana a ſua ſubſiſtencia; tanto aſſim, que eſtas palavras *homem*, e *peſſoa humana*, ſaõ ſynonimas. Neſtes termos a ſua propoſiçaõ he temeraria, porque deſtituida de fundamento, e em materia taõ grave oppoſta ao ſentir dos Teologos. He eſcandaloſa, porque *præbet fidelibus occaſionem errandi.* He *male ſonans*, porque o ſeu ſentido obvio he mais proprio para ſignificar hereſia, *& ex verbis inordinatè prolatis iacurritur hæreſis.* E he erronea, porque ſe oppoem a huma concluſaõ Theologica, a ſaber: *Eſt homo: ergo eſt perſona humana*, aſſim como pela meſma razaõ dizem os Teologos ſer erronea eſta. *Non eſt riſibilis*, por ſer oppoſta a eſta: *Chriſtus eſt homo: ergo eſt riſibilis.*

Quinta, na meſma folha: *Quando a natureza criada ſe une a huma peſſoa divina, perde o alto dominio, que tinha nas ſuas acçoens.* Conſtruida ao pé da letra he heretica, porque vem a dizer, que Chriſto em quanto homem naõ tem liberdade, a qual requer dominio para a acçaõ ſer livre. E como podia Chriſto ter actos meritorios ſem liberdade? Querernos-ha o Senhor Doutor perſuadir, que *ad merendum ſufficit libertas á coactione?* Mas iſſo he condemnado na terceira propoſiçaõ de Janſenio. Se baſta na ſua opiniaõ, que huma acçaõ, que he voluntaria, ſe poſſa dizer livre, he cahir na propoſiçaõ 39 de Baio condemnada por Gregorio XIII.

Sexta, na p. 68. ibi: *Homem, que naõ deſpe todos os vicios do animo todas as acçoens deſte homem naõ ſaõ officios, mas vicios, e maldades.* Naõ reparo na má gramatica, com que aqui ſe explica. Vou ao ponto, e pergunto: Se eſte tal homem, advertindo no ſeu máo eſtado, pedir a Deos lhe dè reſoluçaõ, para deſpedir os vicios do ſeu animo, ſerá eſta petiçaõ vicio, e maldade? Se no tempo, em que anda com tantos vicios, matar hum homem, peccará? Naõ póde dizer que naõ; como porém fez o homicidio livremente, aliás naõ peccaria matando, podia reſiſtir á tentaçaõ? Se reſiſtiſſe, ſeria eſta reſiſtencia vicio, e maldade? Se diz, como deve, que naõ, lá vay a ſua propoſiçaõ. Se diz, que ſim, vem a dizer, que o tal eſtá neceſſitado para peccar: o que he condemnado na propoſiçaõ 35 de Baio. E a propoſiçaõ ſupra he heretica, e coincide com a 25 do meſmo Baio, tambem cendemnada: *Omnia opera infidelium ſunt peccata.*

Setima, na p. 161: *A Theologia fundada ſobre as fórmas ſubſtanciaes, e accidentaes, he prejudicial aos dogmas da Religiaõ.* Se falla da Religiaõ Luthe-

Lutherana, ou outra ſemelhante, ſeja o que quizer: ſe falla da Catholica, he propoſiçaõ temeraria, erronea, e mal ſoante. Baſtaõ por todos Santo Thomaz, e Eſcoto, que ſeguindo na ſua Teologia o ſyſtema das taes formas, foraõ muitas vezes louvados pelos Summos Pontifices; e he temerario, e alguma couſa mais, dizer que os Papas louvaraõ muitas vezes huma Teologia oppoſta aos dogmas da Religiaõ Catholica. E ſe ella ſe opoem aos taes dogmas, tambem ſe oppoz o Concilio Lateran. *Sub Leone X. Seſſ.* 8. que chamou á alma racional fórma do corpo. E o Tridentino *Seſſ. 6. c.* 16. *can.* 11. que diſſe, ſer a graça habitual inherente á alma: e que os habitos das virtudes ſe infundiaõ com a graça ſantificante; como tambem o Moguntino *cap.* 7. de que ſe infere com evidencia ſerem fórmas accidentaes. Veja que conſequencias ſe ſeguem da ſua propoſiçaõ.

Oitava, p. 163. *Deos no eſtado da innocencia enſinou aos homens muitas verdades.* Tomara me diſſera, que homens eraõ eſſes no eſtado da innocencia; porque eu no Geneſis ſó acho hum, que he Adaõ. Se quer dizer, que aquelle eſtado durou até Eva parir filhos, diz huma hereſia.

Nona, p. 180. *Da Tradiçaõ naſce a authoridade da Igreja Univerſal, dos Concilios geraes, e da Igreja Romana.* Dizer, que a authoridade da Igreja naſce da Tradiçaõ, he hereſia; porque naſce de Chriſto, quando diſſe a S. Pedro: *Tu es Petrus, & ſuper hanc petram ædificabo Eccleſiam meam... Paſce oves meas.* Aqui deu a authoridade a S. Pedro como Cabeça da Igreja, e nelle aos ſeus ſucceſſores. Antes pelo contrario, para a Tradiçaõ ſer legitima, e authentica, devia primeiro ſer approvada, e declarada pela Igreja. Aſſim como ella he, a que nos declarou, quaes eraõ os livros da Eſcritura ſagrada, e quaes os que o naõ ſaõ, como *Evangelium Thadæi, & Periodi Teclæ.* E como haviamos crer firmemente nas definiçoens do Tridentino, ſe a Igreja nos naõ certificaſſe, ſer aquelle Concilio legitimo; aſſim como naõ cremos, nos que declarou por conciliabulos? Veja o que diz o Author da Bibliotheca erronea *dub.* 1. §. *confirmatur*, ibi:

Nunquam Eccleſia controverſias fidei judicare certò poterit ex verbo Dei ſcripto, vel tradito, quandiu incerta erit, vel de libris, quibus verbum Dei ſcriptum continetur, vel de monumentis, quibus ad nos verbum traditum tranſmittitur: fundamenta Religionis concutiunt, qui hanc authoritatem de Eccleſia tollunt... ex quo manavit communis illa certiſſima perſuaſio Catholicorum omnium, Eccleſiam diſtinguendo libros Canonicos ab apocryphis, Concilia legitima a non legitimis, non poſſe decipi. Eis aqui como fallaõ os que ſabem o que dizem.

Tambem naõ ſoa bem o diſtinguir, como ſe foſſem trez couſas diverſas, *Igreja Univerſal, Igreja Romana, e Concilios geraes.* Tudo iſto tomado em ſentido catholico, unido com a Cabeça da Igreja, que he o Papa, faz huma ſó couſa, a que chamamos: *Unam Sanctam Catholicam, & Apoſtolicam Eccleſiam.* Se as toma ſem a tal uniaõ, nem he Igreja Catholica,

ca, e Romana; mas Scifmatica, como a da Ruffia; nem Concilio legitimo, mas acephalo, e conciliabulo. O contrario ſerá cahir na 25 propoſiçaõ de Luthero condemnada por Leaõ X. a qual dizia: *Romanus Pontifex Petri ſucceſſor, non eſt Chriſti Vicarius ſuper omnes totius mundi Eccleſias ab ipſo Chriſto in B. Petro inſtitutus.* Vaime parecendo, que eſta diviſaõ de Igreja, e Concilio foy tirada dos que em França appellaraõ *ad futurum Concilium* contra a definiçaõ da Bulla *Unigenitus.*

Decima, pag. 192. *Depois do Seculo ſexto, dilatando-ſe a juriſdiçaõ dos Pontifices naõ ſó ſobre os Seculares, mas tambem ſobre os Eccleſiaſticos.* Semelhante erro he proprio dos que naõ querem reconhecer a juriſdiçaõ do Vigario de Chriſto, como ſe os Pontifices naõ recebeſſem logo de Chriſto toda a ſua juriſdiçaõ, o que direitamente ſe oppoem ás palavras do Senhor: *Tibi dabo claves regni calorum . . quodcumque ligaveris, & quodcumque ſolveris, &c.* Naõ ha duvida, que os Pontifices nos primeiros ſeculos naõ exercitaraõ toda a ſua juriſdiçaõ, por ſer perdominante o Gentiliſmo, aſſim como agora a naõ exercita contra os Turcos, e Gentios da Aſia, por naõ terem o bautiſmo, com que ficaõ ſubditos da Igreja. nem ainda muitas vezes contra os Chriſtãos, por reconhecerem niſſo inconvenientes; mas he couſa muito diverſa naõ exercitar a juriſdiçaõ, ou naõ a ter; e eſte ultimo ſentido faz a propoſiçaõ acima notada, e por iſſo he mal ſoante.

Undecima, na p. 181. *A authoridade dos Padres antigos he infallivel.* Grande erro! Eſta prerogativa ſó pertence á ſagrada Eſcritura, e definiçoens da Igreja. Veja o Senhor Doutor a propoſiçaõ 30, condemnada por Alexandre VIII. ſómente por dar authoridade infallivel a Santo Agoſtinho ibi: *Ubi quis invenerit doctrinam in Auguſtino clarè fundatam, illam abſolutè poteſt tenere, & docere non reſpiciens ad ullam Pontificis bullam.* Iſſo he que queriaõ os Janſeniſtas.

Tambem he digna de nota a propoſiçaõ, que traz fol. 230, e diz: *A Cartilha chamada do Meſtre Ignacio, he couſa indigna.* He o homem inſigne em bazofias. Eſte livrinho he hum compendio, que enſina o que devemos ſaber para bem pedir, crer, e obrar. Ha quaſi dous ſeculos, que por elle aprendeo Portugal os myſterios da Fé, conſervando-ſe ſem hereſias; tem ſido impreſſo muitas vezes, e ſempre approvado pelo Santo Officio. Deſte pois com todo o deſaforo diz, que he couſa indigna. Tenha muita ſaude, e Deos o faça ſanto. Se quer compor alguma Cartilha livre deſtes erros, que aqui vaõ advertidos, moſtre-a a quem lha poſſa emendar.

Por eſtas propoſiçoens brevemente apontadas póde Voſſa Caridade formar conceito da Theologia dogmatica do noſſo Critico, e dizendo, ſem mais fundamento que o do ſeu juizo, que ſe naõ ſabe no Reino, elle he o primeiro que muito neceſſita de a aprender, pois moſtra, que ſó della alcança o que ſem eſcolha de bom, e máo foy trasladando dos livrinhos. Se tem deſculpa, por naõ ſer eſta a ſua profiſſaõ, he culpado em fallar no que naõ ſabe,

be, e era-lhe muito melhor acommodar-ſe com o proverbio latino: *Nec ſutor ultra crepidam.*

REFLEXAM IV.

Da ſua Ortographia.

SAõ as palavras tanto proferidas, como eſcritas, huns ſinaes arbitrarios, que as naçoens deputaraõ; as vozes para com ellas ſignificarem os ſeus conceitos, e a eſcritura para ſubſtituirem as palavras; de ſorte, que o uzo de cada naçaõ he a ley, que introduz humas, conſerva outras, e abroga as que lhe parece: *Quem penes arbitrium eſt, & jus, & norma loquendi*, como diz Horacio. He eſte principio certo, e aſſentado em todas as naçoens, ainda as mais barbaras, do qual ſe infere o erro do graõ Critico em nos querer introduzir novas palavras, e novo modo de eſcrever, ſem legitima authoridade, nem ao menos apreſentar procuraçaõ baſtante feita em publica fórma. Elle meſmo arroga para ſi eſta authoridade, como ſe ſó baſtaſſe, e foſſe *unus pro cunctis*. As palavras, que uza, ſaõ boa fazenda, como eſtas, que de paſſo notei: *noto*, *inoto*, *aquiſtar*, *imprimido*, *crins do cavalo*, *acoſtumar*, *eſcuro*, *Maen*, *decermimento*, *eſfogada*, e outras que para ſe entenderem he neceſſario hum commento.

Pertende tambem introduzir novo modo de eſcrever, e muitas ſe contradiz, que aſſim ſuccede a quem quer dar regras em tudo. Manda deſterrar para fóra do Reino as letras dobradas, e toda a culpa he, por ſe naõ expreſſarem na pronuncia, e lá vay tambem deſterrado o *h* pelo meſmo peccado. Tomara ſaber, que interceſſaõ lhe meteo a letra *u*, ou que privilegio teve, para que tambem naõ foſſe deſterrada das palavras, em que ſe naõ exprime, como ſaõ: *guerra*, *guiar*, *eſquecer*, *que*, *quiz*, *quem*, *quero*, &c. Além de que he contra o eſtylo, e uzo commum, que faz ley conſuetudinaria; e vindo ás palavras de letras dobradas das latinas, que as tem, he bem que ſe conſervem, e naõ ſejaõ ſentenciadas ſem ſerem ouvidas, como *amaſſem*, *leſſem*, de *amaviſſent*, *legiſſent*. Outras vezes ſervem para diſtinçaõ da pronuncia de breve, ou longa; como *andaſſe*, *anda-ſe*, *conſervaſſe*, *conſerva-ſe*; e o remedio que lhe quer pôr com as riſquinhas, bem o póde riſcar.

Elle meſmo concede, que ſe eſcreva com *h* Herodes, e outros ſemelhantes, porque o tem no ſeu original; e porque naõ baſtara a meſma razaõ para as letras dobradas, e *h*? Accreſcenta, que tambem ſe eſcreva o *h* na palavra, por naõ eſcandalizar aos leitores: de ſorte que nos eſcandalizará faltar a Herodes hum *h*, e naõ devemos receber eſcandalo de o tirarem ás outras palavras? Por ventura tem mais privilegio *Herodes*, que foy Rey tyranno, do que *Henrique* nome de hum Imperador ſanto?

Aqui

Aqui nos quer dar huma nova explicaçaõ do *aõ* Portuguez, e nos quer perſuadir, que tem hum *m* no fim, e talvez levado deſte engano coſtuma eſcrever: *razam*, *mam*, *amaram*, *vieram*. Com eſte modo engana a qualquer eſtrangeiro, que quizer ler as taes palavras na meſma fórma, que as vé eſcritas, e lhe dará ſem duvida o meſmo ſom, que a eſtas latinas: *amandam*, *quendam*, *legendam*, &c. E ainda dado, que o noſſo *aõ* leve no fim *m*, devia neſſe cazo eſcrever *razaom*, *maom*, *amaraom*, *vieraom*, e teria ſua galantaria. Naõ há duvida, que o noſſo *aõ* leva *m*, mas naõ no fim depois do *o*, leva-o entre o *a*, e *o*, v. g. *rezamo*; porém com eſta advertencia, que o *m*, naõ deve juntar-ſe, nem fazer ſyllaba com o *o*, mas deve fazer huma ſyllaba junto com o *a*, e para ſignificarmos iſto, ſe inventou aſſinar huma plica entre o *a*, e *o*: deſta ſorte eſcrevendo tudo, devia ſer aſſim: *re-zam-o*, *vi-e-ram-o*. Faça-ſe agora reflexaõ em querer ajuntar as taes ſyllabas na pronuncia, e acharſe-ha; que daõ o meſmo ſom, que damos, quando pronunciamos *razaõ*, *vieraõ*. Daqui vem, que muitos eſcrevendo eſta palavra *huma* lhe tiraõ o *m*, e em ſeu lugar aſſinaõ entre o *u*, e o *a* huma plica, e eſcrevem *hũa*, e he evidente, que a tal palavras naõ tem *m* no fim.

Temos tambem huma reprehenſaõ contra os que no ſobreſcritos das cartas eſcrevem o titulo de pay, mãy, irmaõ, cunhado, &c., e no meſmo tempo concede ſe ponha algum dos titulos da quelle, a quem ſe eſcreve, v. g. Ao Senhor Dom Fulano Marquez de tal. E porque razaõ, eſcrevendo a quem me naõ he nada, lhe devo eſcrever o ſeu titulo, v. g. de Marquez, e naõ o hey de pôr a meu pay, a quem devo tanto? Reprova o que fazem alguns nas cartas, que da meſma terra vaõ de huma para outra parte, e eſcrevem por baixo o ſeu nome, v. g. de Pedro Joaõ Caſtello-Novo. Eſcuzadas advertencias, e exemplos, que traz de outros Reinos. Saõ muito diverſas as politicas das naçoens. Na China conſiſte a politica das cartas em multiplicar as capas de diverſas cores, mais, ou menos, confórme a graduaçaõ daquelle, a quem ſe eſcreve. Em França, e Inglaterra ſaõ taõ breves nos ſobreſcritos, que muitos fazem ſó menção do ſobrenome, e aſſim o tenho viſto. Cá em Portugal temos outro uzo, e he deſtempero chamar ridicularia ao coſtume politico introduzido em toda huma naçaõ.

Sobre a pontuaçaõ tem muita graça, em dizer, que depois do ponto nem ſempre ſe deve começar por letra grande. He reſoluçaõ muito eſpecial, e por ſer contra o ſentir commum, he ſem duvida, que ſe moveo a iſto obrigado de algum valente, e irrefragavel fundamento, em que até aqui ninguem tinha reparado. Mas qual ſerá elle? Diz que *a letra grande offende a viſta*. Que vos parece Irmaõ? He razaõ de Cabo de Eſquadra, ou naõ? Nós cá que temos a viſta mais gorda, cuidavamos que a letra pequena, quanto menor, ſe fazia menos viſivel, e que a grande ſe via melhor.

ſhor. Bem grande he ó Torriaõ do Paço, e a cada paſſo entraõ no Tejo náos de linha, e de bom tamanho, e nunca ouvi queixar, que por ſerem objectos grandes offendeſſem a viſta. O que vos poſſo ſegurar he, que quando eu vou pedir a eſmola para o Convento, nunca ſe me offendeo a viſta por ver hum paõ grande, quando mo daõ de eſmola; ſe me daõ hum merendeiro pequenino, ſe me naõ offende, ao menos naõ o diviſo tanto como ao grande.

E que diremos de julgar, que ſe devem introduzir no Reino eſcolas para os rapazes aprenderem a lingua Portugueza? Haverá eſta moda em França? O homem tem bellas idéas; he boa moda, que os pays gaſtem dinheiro para que os ſeus filhos fallem. Nas eſcolas de ler, eſcrever, e Grammatica tanto fallaõ elles em Portuguez, que amofinaõ aos Meſtres, e he neceſſario caſtigallos, para que ſe callem. A noſſa lingua naõ he morta, para que os naturaes neceſſitem de tal diligencia. As razoens, com que prova a ſua reſoluçaõ, ſaõ taes como o methodo. Diz que as primeiras palavras, que ouvem as crianças, ſaõ das amas, e das mãys, que as coſtumaõ pronunciar mal. Se ellas foſſem Mazombas, alguma razaõ teria; mas cá no Reino fallaõ com certeza, e bom acerto grande parte dellas. Demos porém, que quaſi todas naõ ſejaõ cultas na pronuncia, ſerá neceſſario abrir eſcolas de lingua para as amas, e mãys; e logo huma ley, que nenhuma mulher poſſa cazar, nem criar, ſem ſer examinada, e approvada pelo Meſtre da lingua, e o officio ſerá de boa renda.

E ſe em todo o Reino ſe ha de introduzir eſte eſtudo, em humas partes diraõ, que já ſabem, e que naõ querem ao Meſtre; em outras, que naõ querem mudar de linguagem, allegando que tal couſa ſe naõ uza nos mais Reinos, porque em França há diverſidade de fallar nas ſuas provincias, e o meſmo ſe experimenta em Italia, e Caſtella. Verdade he, que os Romanos tinhaõ eſcolas da ſua Grammatica; para iſſo tinhaõ eſpecial razaõ, por ſer a lingua Latina cheya de muitas regras, e excepçoens, farta de nomes, e verbos anomalos, e ſummamente miuda na conjugaçaõ dos verbos, e na ſyllaba, e foylhes precizo eſte meyo para fallarem certo, e cultamente. Porém na noſſa naõ há eſſas miudezas, e com uzo ſe aprende muito bem, como vemos por experiencia.

O methodo, que manda guardar a eſtes novos Meſtres da lingua tem couſas lepidas. Diz, que enſinem aos rapazes conhecer a propriedade das palavras, naturalidade da fraze, fugir da affectaçaõ, e eſcrever cartas. Mas quem ha de meter na cabeça a rapazes, ou crianças de poucos annos ſaberem diſtinguir, que couſa he affectaçaõ de palavras, naturalidade de fraze, e eſcrever cartas? Se naõ hajaõ de ſahir da eſcola ſem ſaberem tudo iſſo, eu jurara, que lá ſe deteriaõ até ſerem barbados, e caſados. Só naõ approva, que neſtas eſcolas ſe reja a Grammatica, que he nota, que poem ao Padre Argote: bem podera advertir, que eſte douto Padre naõ compoz

a ſua arte para os naturaes, mas muito em particular para os eſtrangeiros a quem a noſſa lingua naõ he materna.

Tambem requer hum bom diccionario, que o da Proſodia naõ preſta; e naõ ſe accommoda com o do Padre Bluteau, porque he em muitos tomos, e ſe foſſe em poucos, teria o achaque de ſer breve; e tambem lhe nota, que traz palavras plebeias, e antigas. Pois ſe eſtas já ſe naõ uzaõ ordinariamente, como ſaberemos o que ſignificavaõ, ſe nos naõ ficar lembrança dellas nos diccionarios? Quanto ás palavras plebeias, bom remedio ſeria, ſe as foſſem aggregando á nobreza, e as de mayor merecimentos alcançaſſem ſeu filiamento. Por ultima concluzaõ, eſta primeira Carta he eſcuzada, e o tempo, em que ſe eſcreveo, melhor ſeria gaſtallo em rezar pelas contas.

REFLEXAM V.

Da Grammatica, e Latinidade.

NEſta Carta promette com grande ſegurança, que a Grammatica ſe aprenderá fundamental em hum anno. Bem ſey que o prometter he facil, e muito diverſo de cumprir. Para iſto reprova os Cartapacios, que andaõ em vulgar, e para fazer o cazo mais feyo, multiplica os que ſaõ identicos, e declara os que naõ andaõ em uzo geral para accreſcentar o ſeu catalogo. A Arte de Manoel Alvares fica no ſeu ſupremo tribunal reprovada, e ſentenciada a deſterro, por ter máo methodo; ſer compoſta em latim, e trazer muita couſa eſcuzada. Mas fazendo reflexaõ em quanto diz neſta ſua Carta, nada apparece ao intento: ao menos nos contentariamos ſe appareceſſe com o livrinho em doze, que ſegura póde incluir tudo, quanto he neceſſario para ſe ſaber Grammatica; mas ainda naõ julgou, que mereciamos eſſe ſeu favor: naõ deixe de o fazer quando for ſervido.

Em primeiro lugar, quanto ao ſer compoſta em latim, tem moſtrado a experiencia, contra aqual he imprudencia argumentar, que com ella tem eſtudado, e eſtuda muita gente boa, e com grande aproveitamento, tanto no Reino, como fóra delle; e baſtará por prova, que eſtudando Sua Merce por ella, ſahio taõ eminente na Latinidade, como em tudo o mais, que admiramos neſte ſeu methodo geral. Ella lá traz as Linguages com o Portuguez correſpondente; para os Nominativos era eſcuzado, como ſe vê; o mais eſtudado logo na lingua Latina conſerva-ſe muito melhor na memoria, do que ſe foſſe em Portuguez. Eu tambem andey nas claſſes, e poſſo affirmar, que alguma couſa, que me lembra das ſuas regras, ſaõ das Latinas, e dellas me valho para conſtruir quatro palavras, e eſcrever outras quatro; e o meſmo haõ de experimentar todos, porque o Latim he para

ſe

ſe conſervar na memoria, e naõ para ſe deixar nas claſſes, quando ſe deixaõ para ſubir a outras mayores.

Para que os rapazes, em quanto aprendem, entendaõ as regras, ſe lhes poem o ſeu ſentido no Cartapacio de Generos, e Preteritos, e iſto meſmo ſe uza nas outras Provincias. A Syntaxe traz na Arte o preciſo das regras; como porém he ſó compendio: a falta de muitos uſos de Verbos, e nomes ſe ſuppre com o Cartapacio, ainda que naõ ſe obrigaõ os eſtudantes a darem conta de tudo, reſervando para os que pelo tempo adiante quizerem ſaber todas as miudezas, o mais que fica no Cartapacio, e tambem as curioſidades do Promptuario, que he huma breve, e pequena parte do muito, que adverte o inſigne, e erudito Padre Vellez. Tudo iſto he preciſo, para ſe aprender huma lingua taõ vaſta em preceitos, excepçõens, diverſos modos no uſo dos Verbos, e Nomes, que até os meſmos naturaes della ſe valiaõ de livros, e eſcolas para a ſaberem bem; e muito mais ſendo para nos morta, e ſómente tirada dos livros, que ſaõ os monumentos, que della nos ficaraõ. E quem com madureza de juizo ponderar as difficuldades, que tem o aprender eſta Grammatica, tem por fatuidade affirmar, que ſe póde ſaber em hum anno.

O methodo, que ſegue Manoel Alvares, he o melhor, que até aqui tem apparecido, em quanto naõ ſahe à luz o livrinho em doze, que nos promette; e eſta foy a cauſa porque o Geral da Companhia com o maduro conſelho de homens doutos quiz a introduziſſem nos eſtudos; mas iſſo, naõ podia obrigar aos outros Meſtres, que em todas as partes a abraçaraõ, e ſervir de preceitos para uſarem della. Para credito deſta Arte baſta ver, que em toda a Europa he venerada, e ſeguida com bem pouca mudança accidental; e que eſtudando por ella tem ſahido muitos eminentes na lingua Latina; e era impoſſivel ſahirem bons Latinos eſtudando por regras más, aſſim como naõ pódem ſahir rectas as linhas tiradas por regra torta.

Mas para que ſe veja o nada, que contra o methodo deſta Arte prova o Senhor Critico, façamos eſte diſcurſo. He ſem duvida, que para o Latim he preciſo ſaber Nominativos, para declinar os nomes, tanto os regulares, como os anomalos; e tambem ſaber Linguagens para a declinaçaõ dos Verbos. He igualmente preciſo ſaber os Generos dos nomes, e os Preteritos, e Supinos dos Verbos para a formaçaõ dos mais tempos. Naõ ſe póde negar a neceſſidade, que ha de ſaber Syntaxe para pôr certos os caſos, e a Syllaba para naõ errar na pronuncia. Naõ haverá quem negue ſerem *neceſſario* eſtas couſas, ſalvo ſe nunca aprendeo *Muſa*, *Muſæ*. Pois iſto he o que traz a dita Arte de Manoel Alvares: e para ſer completa, e acharem nella tudo o que reſta para aprender com perfeiçaõ, enſina a Syntaxe figurada, mediçaõ, e variedade de verſos, que ſe achaõ nos Poetas, e finalmente o uſo dos acentos. Para o Critico provar alguma couſa ao ponto, devia moſtrar huma de trez couſas contra a Arte; erros nas regras,

gras, falta das precisas, e superfluidade. Em quanto naõ mostrar alguma destas cousas, naõ diga mal de huma Arte, que tem por assumpto ensinar a fallar bem.

Os estudantes negligentes lhe devem estar muito obrigados, porque naõ quer os mandem os Mestres castigar, mas que os soffraõ com paciencia, e procurem attrahillos com premios. Bom conselho. Mas o pay, ou mãy, que se acha em casa com cinco, ou seis, vê-se amofinada com elles, e que fará hum pobre Mestre às vezes com duzentos? Os pays castigaõ-nos, e os Mestres que os tratem como se fossem de vidro de Veneza? Castigar os discipulos com a palmatoria era taõ uzado entre os mesmos Romanos, que para Juvenal explicar, que andara no estudo do Latim, explicou-se com dizer, que tambem nos primeiros annos levára suas palmatoadas: *Et nos ergo manum ferula subduximus*: de modo que he sinonymo andar na classe, e provar a palmatoria.

E sem duvida, que naõ sabe que ha rapazes, que levaraõ os premios dos Mestres, e nem por isso pegaraõ em hum livro; e saõ como os peixes, que comem a isca, e naõ ficaõ prezos no anzol. Diga-nos neste caso, que remedio lhe occorre, e muito mais, quando os mesmos pays os vem accusar, e encommendar aos Mestres, que os castiguem: e que haõ de fazer, quando por sua culpa faltaõ ao estudo, huns jogaõ os murros com os outros? Quando andey no pateo, ainda que fuy negligente, bem conhecia, que o Mestre tinha muita razaõ em me fazer castigar; tambem conheci os que nunca levaraõ castigo, porque eraõ taõ cuidadosos, que naõ o mereceraõ; mas estes saõ poucos, aos mais he necessario às vezes levallos por medo; porque aquella idade ordinariamente naõ he ainda capaz de se levar por brio. Se o Critico era dos que nunca mereceraõ castigo, e trouxe o brio do primeiro dia, em que nasceo, dê graça a Deos, e deixe aos Mestres fazer o que entendem, que o castigo das classes naõ faz damno à saude dos estudantes.

Se dermos attençaõ ao que manda neste seu Methodo, que estudem, os que frequentaõ a Latinidade, he insopportavel a carga, que lhe quer accrescentar. Ordena-lhe, que estudem Geografia, Chronologia, escrever cartas, e Historia para entenderem os Poetas, além de repetirem comprimentos em Portuguez huns aos outros, e outras arengas, que saõ fóra de tempo, e lugar. Para se construir este verso de Virgilio: *Troiaque nunc stares, Priamique arx alta maneres*, he preciso saber, em que parte da Asia menor, hoje Natolia, ficava Troya; se longe, ou perto da praya; quanto distava da Grecia; quando se fundou, e por quem; quando se queimou; que idade tinha Priamo, e quantos filhos tinha. Que parentesco tem estas erudiçoens com o Latim?

Finalmante diz, que he superfluo, que se estudem versos de cór, porque he cansar a memoria; sem advertir, que o estudo de cór naõ a cansa,

ſa, antes a faz mais prompta, contórme o axioma bem vulgar: *Memoria excolendo fit.* Por deſpedida ordena, que os Humaniſtas ſaibaõ lingua Grega, e Hebraico para entenderem os livros, como ſe naõ eſtiveſſe tudo muito bem explicado nos commentos latinos. Naõ ſey porque naõ lhe aconſelha, que aibaõ Francez, Italiano, Tudeſco, Inglez, e por curioſidade a lingua de Angola, e a dos Tapuyas do Braſil. O certo he, que as ſuas criticas da Grammatica, e Latinidade, bem ſe pódem levar *ad vendentes thus, & odores.*

REFLEXAM VI.

Da Rhetorica, e modo de a eſtudar.

NEſta Critica parece, que ſe alteraraõ os humores do Muito Reverendo, e fez huma ſátyra bem deſcomedida. Antes de tudo ſupponho, que ha duás Rhetoricas, huma natural, que ſe acha nos homens com baſtante deſigualdade, e póde acontecer, que hũm ruſtico exceda nella a hum grande eſtudante; e por eſta razaõ pouco ſe devia Sua Reverencia admirar, quando vio (como diz) hum ſujeito ſem letras exprĩmir o ſeu ſentimento melhor, que muitos Rhetoricos. A outra he artificial, de que ſe trata aqui, e ſerve para aperfeiçoar a natural, porque *ars perficit naturam.* Naõ ha duvida, que he bom o eſtudo deſta, e que he util para Oradores ſagrados, e profanos, Poetas, Hiſtoriadores, Compoſitores de cartas, e qualquer outra compoſiçaõ, e em qualquer lingua. Tambem concedo, que ha muitos, ainda entre os Prégadores, que pouco uſaõ deſta arte de fallar, e obſervaõ mal os preceitos della, e quando muito ſervindo-ſe ſó do natural conſórme Deos lha concedeo; mas naõ queira impurrarnos todo o panal, que tambem pelas outras naçoens ha bons, e máos; porque nos boſques ha páos direitos, e muito tortos.

Porém, que culpa tem diſto a Rhetorica de Pomey no ſeu *Candidatis*, e a do *Ariadne Rhetorum*, para dizer, que naõ ſaõ boas? Talvez cuidaria, que os Authores eraõ Portuguezes, e eſqueceolhe de cenſurar a cedaria, que os Authores eraõ Portuguezes, e eſqueceolhe de cenſurar a celebrada do noſſo Cypriano. Para ſer racionavel a ſua cenſura, devia aſſinar os eros, que achou nellas, mas a ſua teima he dizer mal, e baſta que lo diga yo: quando muito acode à ſua coſtumada cantilena: *Que naõ tem methodo, e que he eſcura*; e com iſſo ſe mete tambem no eſcuro paſſando adiante, tudo em geral, e nada ao ponto. E he de advertir, que querendo moſtrar o que ſe deve aprender da Rhetorica, nada aponta, que ſe naõ ache nos meſmos Authores, que cenſura, nem era poſſivel o contrario, ſalvo ſe quizeſſe inventar nova Rhetorica, que para tudo he o ſeu grande talento. Lá diz que ſabe de huma, couſa boa, em Portuguez, e nos deixa o deſejo de avermos; mas naõ a quizeramos em Portuguez, ſeria mais engraçada

graçada em Latim, e de caminho admirariamos a ſua culta Latinidade: em tanto que ella ſe naõ publíca, aconſelha-nos, que a eſtudemos por Ariſtoteles, Cicero, Quintiliano, e Longino; e como ſe diſſera, que para ir a Roma, vamos pela Perſia. Se ca a temos mais perto, para que he buſcalla longe?

Vale muito pouco a digreſſaõ, que faz, ſatyrizando aos Prégadores. Algumas couſas finge, mas ſe ſaõ verdadeiras, ſejaõ embora: já diſſe, que em todas as partes ha bom, e máo. Para ficar mais celebre a ſua Critica, desfáz no Padre Vieira, querendo perſuadir, que naõ fora Prégador, nem tivera eſtimaçaõ em Roma, e traz notadas varias clauſulas dos ſeus Sermoens. De nenhuma ſorte quero gaſtar tempo em defenſa de Vieira, elle de tal ſorte mereceo os applauſos; tanto em Portugal, como fóra delle, e particularmente em Roma, que per ſi ſe defende, e he Meſtre dos Prégadores: *Rumpatur quiſquis rumpitur invidia.*

O Critico diz, que as Cinco pedras de David, que prégou em Roma foraõ ſeixadas eſpirituaes, alguem diria, que a cenſura era de couces; eu tal naõ digo, ſó me quer parecer, que fallar em pedradas he rapaziada. Se leſſe em Santo Agoſtinho no *tr.* 58. *in Joannem* explicar, e moralizar as duas vezes, que Moyſés ferio a pedra no deſerto: *Gemina percuſſio duo ligna crucis ſignificat*, que pancadas naõ daria contra a explicaçaõ do Santo! Se leſſe no Sermaõ *de Tempore* 197. fallando do deſafio de David contra Goliat: *Venit verus David Chriſtus, qui contra diabolum pugnaturus ſuam crucem ipſe portavit: videte ubi David Goliath percuſſerit, in fronte utique, ubi crucis ſignaculum non habebat; ſicut enim baculus crucis typum habuit, ita lapis ille, de quo percuſſus eſt, Chriſtum Dominum figurabat.* Aqui diria, que andava Santo Agoſtinho às ſeixadas? Seria bom conſelho naõ ſe meter a fallar no que naõ ſabe; e eſcuzaria de affirmar, que a Hiſtoria do futuro era o *Clavis Prophetarum.* Bem moſtra, que o naõ vio, porque eſte he *De regno Chriſti in terris confirmato*, e póde caſar ſem diſpenſa com a Hiſtoria do futuro, que foy huma mera curioſidade do Vieira.

Tornando ao ponto. Ha dous modos de prégar, hum puramente oratorio, ſem uzo de conceitos, e ſó apontando os textos da Biblia no ſentido literal. Eſte he o eſtylo do Padre Señeri, e muito uſado em Italia, e delle uſa o Padre Bordalo, Francez; he proprio para ſermoens de miſſaõ, porque ſerve para melhor excitar o auditorio à penitencia, e emenda das vidas; e por iſſo prudentemente ſe conclue o ſeu epilogo com o acto de contriçaõ, lugar muito proprio, quando já os ouvintes ſe ſuppoem diſpoſtos; o que com aſſaz imprudencia impugna o Critico, dando nos com iſto a conhecer, que naõ querendo a miſericordia, ſerá merecedor do Hoſpital.

O outro methodo he uſando de conceitos tirados do ſentido allegorico da Eſcritura, de que mais ſe agradaõ os noſſos Prégadores, e os Heſpanhoes.

panhoes. E ſe o Prégador une o bom diſcurſo, e bem deduzido do ſeu aſſumpto com o conceito poſto em ſeu lugar, naõ ha duvida, que he agradavel; e por eſta cauſa foraõ ainda em Italia taõ applaudidos os Sermoens de Vieira. Nem eſte modo de uſar das Eſcrituras he alheyo, antes muito familiar aos Santos Padres. Aſſim o moſtra o lugar acima apontado de Santo Agoſtinho. O meſmo eſtylo ſe lê no *Serm.* 45. *de diverſis*, e na *q.* 13. *ex Mat.* e outros lugares. Éſte uſo he familiariſſimo a S. Gregorio Papa: baſta por exemplo ler a ſua Homilia 29. na qual expoem o texto: *Elevatus eſt Sol, & Luna ſtetit in ordine ſuo*, accommodando a Chriſto o nome de Sol, e à Igreja Catholica o de Lua. O meſmo eſtylo ſe acha em S. Jeronymo na *Epiſt.* 2. *ad Nepotianum*, *tom.* 1. E he taõ frequente eſte ſentido na Eſcritura, que tem muitos lugares, que de nenhuma ſorte ſe pódem tomar no ſentido literal, como quando ſe diz no Gen. que Deos ſe arrependera de ter creado ao homem. Naõ quero dizer, que todo o Sermaõ deve conſtar de conceitos huns enfiados com outros; que ſe eſtes criticaſſe o Author, *vade in pace.*

Naõ me fica ſem reparo dizer o Critico, que a obrigaçaõ dos Qualificadores do Santo Officio he ſerem defenſores dos livros; mas he ignorancia, porque ſaõ Cenſores, que devem informar ao Tribunal; ſe os livros ſaõ dignos de ſe imprimirem, e tambem denunciar os que apparecem impreſſos, e trazem couſas dignas de cenſura, como eſte Methodo, que por iſſo ficou recluſo nos carceres da Inquiſiçaõ. De caminho os culpa de fazerem aos livros approvaçoens laudatorias. Naõ ſe compadeça de que tomem eſſe trabalho; e ſe lhe parecer, naõ as leya, que naõ he obrigaçaõ. Se tem diſſo inveja, bom conſelho, mande imprimir no Reino eſtas ſuas Cartas, e eu lhe prometto, que naõ faltaráõ a lhe fazerem os elogios merecidos: ainda que ſeja ſeu Reviſor aquelle panegyriſta, a quem argûe de ter *preſumpçaõ deſmedida*. Veja, naõ lhe dê o rayo em caſa, e ſaiba, que tem o telhado de vidro: mas naõ ha cego, que ſe veja.

REFLEXAM VII.

Da Poeſia.

NEſta Critica diz, ſem mais que o ſeu querer, que os Portuguezes naõ ſaõ Poetas, mas huns meros verſejadores. Lendo porém toda a a ſua arenga, ſó encontro hum largo diſcurſo da diverſidade, que ha de compoſições, como ſe nos foſſe neceſſaria eſſa erudiçaõ, e culpando no ſeu tribunal os elogios, e pelas notas, que traz contra os que aponta, bem moſtra, que naõ ſabe, qual deve ſer o ſeu eſtylo. No titulo da Carta promette a nova idéa de huma Arte Poetica, mas eſquecco-lhe, julgando naõ ſer obrigado a cumprir todas as ſuas promeſſas. Salvo ſe a Arte pro-

promettida ſe inclue naquellas regras, em que diz, que ſe faça o Poema com arte, com invençaõ, e com modo. Grande idéa! Muitas outras darey eu da meſma caſta V. g. para fundir ſinos de boas vozes. Derretaõ-ſe os metaes com devida proporçaõ; faça-ſe a fórma com arte, e com a groſſura, e altura, que manda a regra, e ſahirá hum bom ſino, que naõ tenha inveja aos de Mafra. Prepare-ſe a madeira, como he bem, a quilha ſe arme na ſua juſta proporçaõ, as cavernas levem a altura, e bojo neceſario, os maſtros, e velas na medida proporcionada, e temos huma náo bem feita; e aſim diſcorrendo pelos mais artefactos.

O ſeu mayor empenho he cenſurar as obras poeticas, e nem Virgilio nas Eclogas lhe eſcapou, ſendo que eſtas ſaõ as mais celebradas. Camões nada vale, e ainda que o verteraõ em Italiano, diz, que naõ foy porque o eſtimaſſem; e dá por prova, que tambem o Vieira ſe traduzio em Italiano, ſem que aquella naçaõ o eſtimaſſe. A prova he de rapaz. Naõ ſe canſe, que naõ ha de tirar a Camões a eſtimaçaõ, que merece de Principe dos Poetas Portuguezes. Dá outra prova taõ boa como a primeira, e he porque uſa de muita ſinaleſa. E que dirá de Virgilio naquelle ſeu verſo, que naõ he das Eclogas: *Monſtrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum?* Accreſcenta, que traz verſos errados. E naõ ſeja culpa das muitas impreſsões, que delle ſe tem feito, quando eſte ſeu Methodo, cahio em tantos erros logo neſta primeira impreſſaõ, como moſtraõ as ſuas erratas? Se porém errou Camões, naõ imite os erros, porque eſſes naõ impedem, que o mais ſeja bom, e *hominum eſt errare*; e por ſatisfaçaõ conſtrua eſtes verſinhos: *Ubi plura nitent in carmine, non ego paucis offendar maculis, quas aut incuria fudit, aut humana parum cavit natura.*

Paſſa logo à cenſura dos verſos de Fr. Antonio das Chagas, e vem-ſe o mundo abaixo, porque diſſera em hum verſo *agradables daños*, julgando, que andaõ alli os trocadilhos aos murros. E porque? Porque os damnos ſe nam podem dizer agradaveis? Grande difficuldade! Naõ achou a Igreja Catholica inconveniente em chamar à culpa original de Adaõ, como lemos no Officio do Sabbado ſanto: *O felix culpa, quæ talem meruit habere Redemptorem*; e he grande deſacordo dizer, que ha damnos agradaveis. Ha erros, que ſaõ acertos, e por iſo he adagio latino: *Rectum ab errore.* Quantas vezes de hum damno naſce huma grande felicidade? Em huma occaſiaõ deraõ huma eſtocada a hum homem, e a eſpada lhe furou huma poſtema, que tinha no interior, e lançando-a pela ferida, ficou livre della. Outro, dando huma grande pancada com a cabeça, ficou com ſeu juizo perfeito, ſendo até entaõ mentecapto; e porque ſe naõ podia dizer, e muito mais na Poeſia, que aquella pancada, e eſtocada foraõ agradaveis? Outros peccados teria o Chagas, que chorar, que aquí naõ ha materia de abſolviçaõ. Cauſa ſeu divertimento lér a cenſura, que à deſcripçaõ de hum grande nariz nos verſos ſeguintes. *Era-*

Era-se un eſpolon de una galera,
Era-se una pyramide de Egypto,
Las doze tribus de narizes era,
Era-se un nariziſſimo infinito
Muchiſſima nariz, nariz tan fiera,
Que en la cara de Anaz fuera delicto.

Nam pode levar à paciencia, que o Poeta pintaſſe em hum ſó homem hum nariz, que ſe podia repartir por muitos mil, e que he couſa alheia da razaõ, que haja nariz do tamanho de huma pyramide de Egypto. Pois, noſſo Irmaõ, naõ quer dar licença aos Poetas para uzarem de hyperboles? *Pictoribus, atque poetis Quidlibet audiendi ſemper fuit æqua poteſtas*: e repare no *ſemper*, que denota poſſe immemorial: e de mais de cem, e duzentos annos. Se as exaggeraçoens naõ ſervem os Poetas, a quem quer que ſirvaõ?

Conſultemos neſte grande cazo a Virgilio, que tem voto na materia. Quiz elle explicar o grande olho, que Polifemo tinha na teſta, e diſſe que era do tamanho de hum eſcudo Grego, e naõ menor, que o globo do Sol, conforme parece à noſſa viſta. *Argolici clypei, aut Phœbeæ lampadis inſtar.* Para dizer que era de eſtatura agigantada, diz que entrando até o meyo do mar, ainda as ondas lhe naõ chegavaõ ás coſtas: *Graditurque per æquor jam medium, nec dum fluctus latera ardua tinxit.* Diſſe, que o cavallo de Troya era como hum monte *Inſtar montis equum*; e as obras da fortaleza de Carthago as poz na altura do Ceo. *Pendent opera interrupta, minæque Murorum ingentes, æquataque machina Cælo.* Se quer mais, aſſinarey exemplos ſem conto. Sendo pois eſte modo de exaggerar taõ familiar aos Poetas, que lhe fez aquelle nariz para cortar por elle? He verdade, que como he grande, ainda lhe fica que repartir.

Empenha-ſe em louvar hum Soneto, de que eſtá taõ pago, que duas vezes o repete na ſua obra por exemplar, e devia ſer obra ſua. Tem por aſſumpto moſtrar, que huma dama era fermoza por ſer feya. Só quero apontar as primeiras quatro regras por amoſtra do panno, e ſaõ as ſeguintes.

Es feya, mas deſorte, que horroroſa
Á tua viſta he bella a fealdade;
Mas tens tal fortuna, que a enormidade
Te conſegue os tributos de formoza, &c.

Euge, Poeta, naõ há mais que dizer. Mas com ſua licença, ſe vay a fallar ſem liſonja, o Soneto naõ tem pés, nem cabeça. Duas vezes repete aqui a palavra *mas* ſem graça, e com máo artificio. Nas quatro re-

gras ſe acha hum horrendo pleonaſmo, porque as primeiras duas dizem o meſmo que as ultimas, como ſe diſeramos: Bacalhao com ovos, ovos com bacalháo. E ainda naõ eſtá toda a conta neſtes reparos. Os Poetas tem licença para uzar de hyperboles, mas ainda naõ alcançaraõ faculdade para unirem hum contraditorio com outro, porque iſſo he impoſſivel. A fealdade he contradictoria da fermoſura, e tanto póde o feyo ſer fermoſo, como a luz eſcuridade, o bom máo, e o torto direito. Póde huma mulher ſer fermoſa por huns predicados, e feia por outros, v. g. feya na cara, e fermoſa no entendimento, e graça no cantar; feya nos olhos, ſe for bem torta, e bem feita no corpo; mas a fealdade ſer fermoſa, e a fermoſura feya, he impoſſivel, e querer perſuadillo he bom deſpropoſito. O mais que diz ſobre a Poeſia naõ merece repoſta, mas total deſprezo.

REFLEXAM VIII.

Da Logica Ariſtotelica.

MUito perdeo Ariſtoteles por naõ viver neſte tempo, em que podia aprender deſte Critico geral novo methodo de compor: na verdade diz delle tantos males, que ſe ſoubeſſe onde eſtavaõ ſeus oſſos, era capaz de os mandar á queima. A principal cauſa he porque admittio fórmas ſubſtanciaes, e accidentaes; muitas vezes repete eſta queixa, e eu podendo deſprezalla, ſempre venho a cahir na tentaçaõ de reſponder alguma couſa, tendo já dito o que baſta, e ſobeja na Reflexaõ III. Digo agora pelo contrario, que entaõ ſeria culpado, ſe naõ admittiſſe taes fórmas ſubſtanciaes, e accidentaes diſtinctas; e que naõ he pequeno louvor de hum Filoſofo gentio, que ſem a luz da Fé atinaſſe com verdades taõ proprias dos dogmas da noſſa Religiaõ, e dou razaõ do meu parecer, *habita venia* de Sua Reverendiſſima, ou Sua Merce.

Naõ póde negar, que a alma racional ſeja fórma do corpo, como lhe chamou o Concilio Lateranenſe, nem tambem que haja accidentes na ſubſtancia, pois além dos accidentes da Euchariſtia, de que fallarey em a Reflexaõ X. da Fyſica, ſabemos que ha actos do entendimento, e da vontade aſſim naturaes como ſobre naturaes de atriçaõ, contriçaõ, &c. Ha habitos infuſos de Fé Eſperança, e Charidade, e eſta ſe perde pelo peccado grave, e ſe recupera com a graça, que tambem he accidente, e eſte, e os mais diſtinctos da alma. Sua Merce naõ póde negar iſto *ſalva fide*; pois eſtamos concordes na realidade. Se o confeſſa, toda a bulha conſiſtirá no nome: nós chamamos-lhe formas acidentaes, e à alma racional fórma ſubſtancial: bautize-as lá com outros nomes, ainda que naõ ſejaõ dos que manda o Ritual Romano, que nem lho impediremos, nem nos fará novidade, *& ſublata eſt omnis dubitatio.*

Neſta

Neſta Carta vay trasladando huma grande, e erudita narraçaõ de Filoſofias, que houve, e como ſe propagaraõ, e extinguiraõ, os ſeculos em que floreceraõ, e os Authores que as enſinaraõ, com tanto magiſterio, que tremem os cunhaes do palacio Filoſofico, e de Minerva. Todas eſſas hiſtorias, ſejaõ ou naõ ſejaõ aſſim, lhe concedemos de boa vontade; e que ſe tira dahi? Nada. Tambem confeſſamos com todo o coraçaõ, que a Filoſofia experimental, e os ſeus inſtrumentos ſaõ dignos de toda a eſtimaçaõ; mas com tudo iſſo, ainda que ſue pela teſta, naõ ha de provar, que eſſas experiencias deſtroem o ſyſtema Ariſtotelico: apareçaõ as balanças para pezar o ar, que para bem ſe devia fazer a experiencia junto da Lua, onde o ar naõ tem mixtura de vapores, e exhalaçoens, que facilmente pódem cauſar eſſe pezo; mas dado que peze o ar, diremos que Ariſtoteles, ſe diſſe que o ar era leve, ou fallou reſpeſtivé aos corpos craſſos, ou ſe enganou; e por taõ leve culpa logo o havemos de deſterrar? He muito rigor; quanto mais, que terá a deſculpa, que *pelo peccado ficamos ſujeitos ao engano*, como Sua Merce diz na 1. p. fol. 253, e Ariſtoteles tambem era filho de Adaõ para incorrer neſſa pena. E aqui meſmo o moſtra neſta Critica diſcorrendo largamente ſobre as cauzas, que temos dos enganos, e das más idéas, que formamos; e ſó Sua Reverencia pela graça de Deos eſtá izento dellas.

Arma logo huma grande bateria contra a ponte de Ariſtoteles, que intitula dos Aſnos; e com razaõ, porque nella ſe daõ a conhecer os que o ſaõ. Naõ ſe atreve com tudo a affirmar, que a formaçaõ dos ſyllogiſmos nas ſuas figuras contenha erros; mas ſim que ſaõ embaraçados, e que tirando alguns da primeira figura, ſaõ ſuperfluos, e ninguem uza delles argumentando. Tudo iſſo cá para nós he já velho, e o confeſſamos com o Padre Arriaga, que he Ariſtotelico. Já que fallamos em argumentos, ſaibaõ todos os arguentes, que naõ devem gritar nas concluſoens, porque ſe eſcandaliza muito diſſo Sua Reverencia, e he juſto, que ſe lhe faça a vontade. Tambem confeſſo, que as noſſas Filoſofias andaõ cheyas de muitas queſtoens, que ſe podiaõ omittir, e diſto tem culpa os arguentes, que deraõ em levantar tantas duvidas, que ſaõ a cauſa de que os Meſtres as tratem. Ao menos ſervem para apurar o diſcurſo, e com a percepçaõ deſtas chamadas galantarias da Eſcola fica um eſtudante habil para perceber qualquer difficuldade mais embaraçada. Se naõ eſtá por eſta razaõ, e diz que ſaõ ſuperfluas, *tranſeat*. De quantas ſuperfluidades ſe uza para o ornato do corpo, como ſaõ polvilhos, cabelleiras, ſedas bordadas, &c.? Quanto dinheiro ſe gaſta em adereçar huma ſala com cadeiras, eſpelhos, cortinas, pannos, e vidraças? Que peccado he, que os eſtudioſos lidem com queſtoens, que ornaõ, e deſembaraçaõ o bom diſcurſo?

E que diremos da incoherencia, com que falla dos ſyllogiſmos? Humas vezes os condemna, e logo os approva; já diz, que entraõ em tudo,

e a poucos paſſos, que ſem elles ſe póde diſcorrer. Ora aſentemos em huma couſa. Tambem ſe esfórça a provar, que ha queſtoens mais faceis de entender ſem explicaçaõ do que com ella : traz eſte exemplo do vinho, que he de prova. Se diſſermos a hum rapaz: Vês aquelle ramo na porta? pois ſignifica, que alli ſe vende vinho ; mais facilmente o entenderá do que ſe lhe diſſer : Eſte ramo ſignal arbitrario, e com dependencia da vontade he impoſto para ſignificar vinho. Vio-ſe frioleira ſemelhante ? Tambem ſe eu diſſer ao rapaz : *Ramus ad oſtium appenſus ſignificat virum venale*, naõ me ha de entender, naõ por ſer eſcura a explicaçaõ, mas que póde entender quem naõ ſabe Latim ? Da meſma ſorte mal entenderá a explicaçaõ em termos Filoſoficos, quem naõ he filoſofo. Se eu diſſer a hum ruſtico : O Sol anda á roda da terra, e huns mezes faz huns dias mayores, e outros menores, melhor me entenderá, do que ſe lhe fallar por termos mathematicos em Equinocio, Solſticio, Zenith, Apogeo, Perigeo, Meto recto, obliquo, e de trepidaçaõ. Sem duvida, que a explicaçaõ deve ſer em termos acomodados ao que ouve, e naõ como fazia hum, que rogando ao barqueiro o trouxeſſe de Santarem a Liſboa, lhe diſſe aſſim : Douto, e perito nauta, levaime na voſſa cava cimba pelas ondas de Amphitrite até a minha cara patria.

Deixando porém o cazo da explicaçaõ do vinho, que he couſa de rapaziada, vamos ao principal. No titulo da ſua Carta nos promette o Critico dar a idéa de huma boa Logica, e nella ſe naõ acha outra, ſenaõ eſta, que traslado pelas ſuas meſmas palavras da pagina 262. e ſaõ as ſeguintes : *Entender os vocabulos, determinar as queſtoens, ſeparar as partes dellas, fugir de todo o genero de equivocos, fugir das eſcuridades, eſtabelecer termos communs, e claros, entender os teſtemunhos para a hiſtoria, antiguidades, cronologia, geografia. Para a Fyſica as noticias das melhores experiencias, ler o contexto, e ver as mais couſas, que apontaõ os outros para naõ errar no criterio, ter prezentes os canones, que commummente ſe aſſinaõ para diſtinguir as obras ſuppoſtas das verdadeiras.* Que vos parece a ingrezia ? Nam póde haver coiſa mais eſcura, tudo palavras geraes ſem alguma explicaçaõ, como ſe diſſera : Ideia para fazer papeleiras : Preparaſe madeira, naõ falte grude, tornos, tinta, e o que mais for neceſſario, tudo ſe ajuſte conforme a arte, e temos papeleira. E pergunto eu : que couſa he entender os vocabulos, e quaes ſaõ ? Que couſa he determinar queſtoens, e ſeparar parte dellas! Nada diſto ſe explica ; e ſe tomarmos eſtes preceitos na generalidade, que ſoaõ, naõ baſta a vida de Matuſalem para ſe ſaber eſta Logica. Cuidaráõ alguns, que fugir das eſcuridades he eſtar ſempre com luz. A verdade he, que quando o Critico eſcreveo eſta idéia logica, eſtava cuidando em outra couſa.

RE-

REFLEXAM IX.

Da Metafizica.

MUito ſe empenha eſte grande homem em cenſurar o modo, com que os Ariſtotelicos tratáõ a Metafyſica, compadecendo-ſe do trabalho inutil, que tomam em tratar tantas queſtoens. Agradecemos a charidade fraterna, e o zelo que tem do noſſo deſcanço. Tambem louvamos muito a grande urbanidade com que aceita os elogios, que lhe dá o ſeu correſpondente, e iſto ſem ſombra de vaidade, pela idéa da nova Logica, que deu na Carta antecedente, que he excellente, e póde ſervir para embrulhar cominhos. De caminho lhe encomenda náõ publique as ſuas Cartas, ſenáõ a quem as entenda. Oh quem ſeráõ eſtes ditoſos! E logo dá a razáõ porque ha juizos de pedra, e cal, e cabeças duras.

E V. m. meu amo entende, que náõ ſáõ bons eſtes juizos? Vá vendo as circunſtancias, que tem as paredes de pedra, e cal. Ellas tem fundamento, e começáõ de lugar mais ſolido; e aſſim deve ſer o juizo do homem, ſer bem fundado em alicerces ſolidos de boa doutrina. Eſtas paredes compoem-ſe de pedras poſtas em boa ordem, muitas dellas lavradas todas, direitas, e a prumo. E náõ he proprio de hum bom juizo comporſe de noticias bem ordenadas, lavradas com o trabalho dos eſtudos, noticias, que váõ direitas á verdade, e por iſſo bem aprumadas! As taes paredes ſáõ fixas, e firmes no ſeu lugar, e ſempre com pezo: e náõ he eſte juizo melhor, que o leve, o qual ſe inclina para onde correm os ventos, e com perigo de dar muita cabeçada? A parede de pedra, e cal toda he ſolida por dentro; e juizo, que náõ tem eſta ſolidez, he váõ, e oco. Chamalhe V. m. cabeças duras: poîs agradáõ-lhe as moles, que náõ tenháõ caſco, ou ſe os tem, ſáõ de cebola! Se ſáõ duras, por ſe náõ amolgarem aos ſeus documentos, fazem muito bem, e náõ querem conſentir em deſtemperos; tenha paciencia, e buſque quem o creya, que o mundo he largo, e nelle há gente para tudo.

Tornando ao noſſo ponto. Depois de fazer huma digreſſáõ, explicando que couſa he Metafyſica, aſſenta que he inſeparavel da Logica, e Fyſica. Se quizer dizermos, que humas partes tem comexáõ com as outras, tudo lhe dou; e ainda digo mais, que de baixo do unico titulo de Ente metafyſico ſe póde tratar toda a Filoſofia, como fez o Padre Soar. Granat. em hum ſó tomo. E ſe quer ainda mais, digo, que o titulo de Ente he taõ univerſal, que de baixo delle ſe pódem tratar todas as artes, e ſciencias, porque tudo he ente: iſto porém náõ obſta, que ſe poſſáõ tratar eſtas partes do ente ſeparadas, e devididas em varias materias; huma conſiderando o ente de hum modo, e outra de outro; nem niſto haverá peccado, que levemos aos pés do Confeſſor.

Deſ-

Deſta digreſſaõ deu-lhe o fato em cenſurar a Feijó, e a culpa mayor he, porque nos ſeus livros ſe aproveitou do que traziaõ os outros: bem podera advertir no noſſo adagio: Em caſa de ladraõ naõ fallemos em corda. As obras do Padre Feijó ſaõ muito eruditas, e ſobre modeſtas, e comedidas, naõ nomeaõ peſſoas determinadas, dizendo que eſtes ſaõ máos, aquelles peyores; huns naõ eraõ taõ ſabios, como ſe dizia, e outros naõ tiveraõ a eſtimaçaõ, que ſe inculca; fulano naõ ſoube prégar, e fulano naõ entendeo o que diſſe. Mas para ſe alcançar de huma obra, ſe he eſtimada, repare-ſe no gaſto da impreſſaõ; a de Feijò todos a querem, a do Critico geralmente he aborrecida, e deſprezada, como merece. Conclue affirmando, que naõ neceſſita de Feijó, quem tem boa Logica, como ſe eſta foſſe hum conglobado, de todas as couzas. Eu naõ ſou muito verſado em hiſtorias, mas ainda me atrevo a contarlhe hum par de duzias, ſem eſtar nenhuma dellas na ſua celebrada Logica.

Segue-ſe agora huma grave, e muito ſéria reprehenſaõ aos Peripateticos, porque ſe fundaõ no prejuizo das fórmas diſtinctas, e por iſſo naõ merecem, que ſe lhes reſponda. Grande perda! E alguem pergunta-lhe por iſſo? Mas dezejo ſaber; ſe as fórmas diſtinctas ſaõ alguns manjares de má qualidade; que cauſem prejuizo na ſaude, ou ſe ſaõ como arpias, que roubem o dinheiro; porque neſſa ſuppoſiçaõ iremos mais attentos com ellas. Notavel he a lida, que tem com as fórmas diſtinctas! Mas viſto fallar nellas tantas vezes, tambem me dará licença para eu fazer o meſmo, e viſto naõ nos fazer a graça de reſponder, ao menos tenha a bondade de ouvir.

Huma couza a que chamaõ *Alma racional*, e he eſpiritual, ſerá diſtincta do corpo, com o qual faz hum compoſto, que ſe chama *Homem*? Aſſim o diz Santo Athanaſio no ſymbolo da Fé, e aprovado pela Igreja Catholica: *Sicut anima rationalis, & caro unus eſt homo.* Como ella he ſuſtancia, e naõ materia, poderemos chamalla *Fórma*? O Concilio Lateranenſe na Seſſ. 8. dalhe eſte nome. Ora pela bondade de Deos já temos tantos milhares de fórmas eſpirituaes, quantos ſaõ, foraõ, e haõ de ſer os homens; e tudo iſto ſem perda, ou prejuizo. Vamos ás fórmas ſubſtanciaes materiaes. Os peixes (e daqui ſe argumenta para os outros animaes) teraõ alma, que he o meſmo, que fórma material, que os faz ter vida? Se nega, lá ſe avenha com S. Joaõ no ſeu Apoc. cap. 8. no qual diz: *Facta eſt tertia pars maris ſanguis, & mortua eſt tertia pars creaturæ eorum, quæ habebant animas in mari.*

Paſſemos ás formas accidentaes. A graça ſantificante he inherente a alma do juſto, como diz o Tridentino, que he bom Author; com ella ſe infundem os habitos ſobrenaturaes das virtudes, o que tambem diz o Concillio Moguntino. Alem diſto, Deos nos dá auxilios da ſua graça para obrarmos bem: temos actos de entendimento, com que julgamos, e

da

da vontade com que amamos, ou aborrecemos; temos noſſos actos de tantaſia, e outros de dor, triſteza, alegria &c. Eſtas couzas ſaõ diſtinctas da alma, e naõ ſaõ ſubſtancia: pois que ſaõ? Os que vamos direitos com os dogmas da Fé, chamamos-lhes fórmas accidentaes, V. m. bautize tudo com o nome, que quizer, mas ſe naõ admitte na realidade o meſmo, que nós, naõ vay muito direito com a Fe, e entaõ direy eu, que todo o prejuizo eſtá em naõ as admittir diſtinctas.

Finalmente reparo neſta Carta, o muito que ſe a gaſta contra os actos primeiros proximos, e remotos, porque ſaõ arengas, que confundem o juizo. Por curioſidade quizera ſaber, ſe confundem o ſeu, ou naõ? Se lho confundem, naõ entende o que elles ſignificaõ, e ſendo aſſim naõ deve cenſurar o que naõ entende: porém ſe entende; para que diz, que confundem o juizo, por quanto ſe naõ confundem o ſeu, *a fortiori* naõ confundiráõ os dos mais. E na verdade cauſa admiraçaõ, que chame arengas, e confuſoens a eſtes termos *proximo*, *remoto* ſendo couza que ainda os ruſticos alcançaõ, porque ſabem qual he o campo proximo, ou remoto do ſeu; hum negro de Angola ſabe, ſe o outro he ſeu parente proximo, ou remoto. Os banqueiros tambem ſabem eſtes termos para procurarem as diſpenſas; os Parocos para darem a Unçaõ ao enfermo ſabem, que lha devem dar, quando eſtá em perigo proximo de morte, e naõ remoto; os Confeſſores devem ſaber para abſolverem a hum penitente, ſe a occaſiaõ do ſeu peccado he proxima, ou remota, e aſſim ſe podem amontoar exemplos em grande numero. Que arengas logo ſaõ eſtas, e para que he meter medo á gente, como ſe eſtes actos foſſem fantaſmas do outro mundo? Naõ he bem claro dizer, que quando a huma potencia nada lhe falta para obrar, eſtá em acto primeiro proximo; e quando ainda lhe falta algum requiſito eſtá em acto primeiro remoto. Applique iſto com o ſeu agudo engenho a qualquer cauſa, e ſaberá quando eſtá em acto proximo, ou remoto. O mais que ſe lê neſta Carta, nem prova contra os eſtudos da Metafyſica, nem impugna os principios Ariſtotelicos. Só confeſſo, que neſtas materias ha muita queſtaõ impertinente; e quem as naõ quizer eſtudar, pode fazello em boa conſciencia.

REFLEXAM X.

Fyſica.

EMpenha-ſe neſta ſua Critica a provar, que em Portugal ſe naõ ſabe tratar Fyſica; e todas as provas ſe fundaõ em louvores da Experimental: dado porem que eſta ſeja melhor, por iſſo ſe ha de deſterrar a outra? Fiquem ambas, e cada hum eſtude a que quizer. Porque a perdiz he melhor que a vaca, e o ſalmaõ excede a ſardinha, haõ de prohibirſe no Rei-

no

no as ſardinhas, e a vaca? Naõ ha duvida que a Fyſica experimental he boa, engenhoſa, e nella ſe uſa de bellas mahinas artificiaes, e com ellas ſe tem obſervado muita couſa, que os antigos ignoraraõ, e a experiencia o enſinou. Santo Agoſtinho com a opiniaõ ordinaria daquelle tempo julgava naõ haver antipodas, e com a frequencia da navegaçaõ ſe ſoube o contrario. Cuidaraõ muitos, que a Zona torrida era inhahitavel, e vem os Portuguezes com ſeus olhos os innumeraveis povos, que na America, e Africa habitaõ debaixo della. Porem daqui nada ſe infere contra a Fyſica eſpeculativa; e o que mais he, que todos os inſtrumentos da mechanica naõ desfazem o Siſtema de Ariſtoteles, nem até aqui ſe pode provar.

Naõ ha duvida que alguns Peripateticos mais antigos foraõ demaſiados em admittirem innumeraveis fórmas diſtinctas, como ſaõ relaçoens, ubicaçoens, ſitos duraçoens, e ainda acçoens, e unioens, que muitos Ariſtotelicos negaõ; e nem por iſſo deſamparaõ ao ſeu Filozofo, e ſe o fizerem em alguma couſa, nem por iſſo ficaráõ excommungados. Os meſmos Thomiſtas, que ſeguem ao Doutor Angelico, e os Eſcotiſtas, que defendem ao Sutil, levaõ em ſeus livros opinioens oppoſtas; e huns, e outros as querem authorizar com textos dos Meſtres, que ſeguem; eles bem conhecem que ou huns, ou outros vaõ contra os meſmos Meſtres Angelico, ou Sutil, porque elles naõ enſinaraõ couzas contradictorias na meſma queſtaõ; dizendo ſim, e naõ; iſſo porem naõ he baſtante para ſe dizer, que largaõ a ſua eſcola.

Naõ ſe contenta com iſſo o Critico mór, quer que ſe naõ falle em Fyſica eſpeculativa; mas naõ ſomos obrigados a lhe fazer a vontade como a doente; ſe a naõ quer eſtudar, *bonis avibus*, ſem iſo ſe pode ſalvar; deixe-nos cá com o noſſo trabalho. Se toda a noſſa culpa conſiſte em admittirmos fórmas diſtinctas, deixe o caſo ſobre a noſſa conſciencia, mas naõ diga com tanto arrojo, que ſe S. Thomaz admittio fórmas naõ diſſe bem; porque o Santo naõ ſó era ſabio, mas bom catholico, e como tal naõ podia negar as que vaõ apontadas na Reflexaõ paſſada.

Neſta carta algumas couſas lhe daõ cuidado, e huma dellas he a condenaçaõ da ſegunda propoſiçaõ de Wiclef, a qual pertende identificar com a primeira. Diz a propoſiçaõ ſegunda: *Accidentia panis non manent ſine ſubjecto in eodem Sacramento*; acode dizendo, que o intento do Concilio foy definir, que na Hoſtia conſagrada naõ ficava a ſubſtancia do paõ. Com tudo iſſo a primeira propoſiçaõ do hereje dizia, que no Sacramento ficava a ſubſtancia do paõ, o que podia ſer na ſua errada opiniaõ, ſe ella alli ficaſſe ſem accidentes alguns, e com tudo iſſo dizia mal, e ſe condenou, ainda que foſſe no tal ſentido. Na ſegunda propoſiçaõ he que diz claramente, que no Sacramento ficaõ accidentes juntos com a ſubſtancia do paõ, e por iſſo tambem ſe condenou; daqui ſe colhe que neſtas duas propoſiçoens, ſe encerraõ dous erros diſtinctos, hum erro em admittir a ſub-

ſubſtancia do paõ no Sacramento ; o outro em admittir a ſubſtancia , e mais os accidentes no meſmo Sacramento ; de que tndo ſe infere que naõ ſaõ identicas ambas as propoſiçoens , ao menos naõ he taõ certo , como diz.

Accreſcenta-ſe , que ſe como define o Concillio , he falſo dizer : *Accidentia non manent ſine ſubjecto in eodem Sacramento : eo ipſo* he verdadeiro dizer : *Accidentia manet ſine ſubjecto in eodem Sacramento* ; e aſſim o entendeo S. Thomaz nas liçoens do Officio deſte myſterio approvadas pela Igreja ibi : *Accidentia autem ſine ſubjecto in eodem ſubſiſtunt.* Diga-nos agora o Critico , como pode verificarſe eſta propoſiçaõ , tanto a verdadeira , que ſe ſegue da condenaçaõ , como a de S. Thomaz , naõ havendo accidentes diſtinctos da ſubſtancia ? Em lugar de ſerem verdadeiras , o ſeraõ falſas , por ſupporem accidentes de paõ na Euchariſtia , naõ os havendo nella , conforme a opiniaõ , que inſinúa o Critico , e por eſta cauſa dizem os que ſeguem a Cartheſio , que na Euchariſtia naõ ha acidentes , mas huma mera apparencia delles. Dado porém , que naõ haja taes acidentes, naõ póde negar , *ſalva fide* , ou mais que apontey na Reflexaõ paſſada.

Tambem lhe dá cuidado a explicaçaõ da graça ſantificante , e diz com toda a brevidade , que os Santos Padres a explicaraõ muito bem , e vay-ſe ſafando , porque lhe naõ ſerve a tal explicaçaõ à viſta do Tridentino allegado na Reflexaõ ſegunda , onde diz , que he inherente a alma do juſto ; e como pela culpa grave ſe perde com os habitos ſupernaturaes , que com ella ſe infundem , menos os de Fé , e Eſperança , que ſe naõ perdem por qualquer culpa ; e todos ſe tornaõ a ganhar pela reconciliaçaõ de homem com Deos , nada diſto lhe ſervia dizer , por ſe naõ ver obrigado a confeſſar , que eraõ accidentes diſtinctos. Contenta-ſe porém com dizer , que os Fyſicos Ariſtotelicos naõ ſabem dar razaõ , porque deſce o rayo ſendo fogo ? Pergunte por iſſo aos foqueteiros , que lançaõ huns foguetes ao ar , e em pegando o fogo na materia ſulfurea , naõ ſobem , mas deſcem as ſuas lagrimas ; e aos caçadores , que ao diſparar a ſua eſpingarda lhe ſahe o fogo para onde eſtá virada a boca , ainda que ſeja para baixo.

E por naõ tornar mais a fallar em Cartheſio , nem em Filoſofos , que tenhaõ parenteſco com elle , digo , que o ſeu Syſtema ha muitos ſeculos , que morreo ; e os Heſpanhoes , que tem o juizo em ſeu lugar , prohibiraõ o livros delle , e os mandaraõ ſepultar na cova do deſprezo , por dizer couſas boas para encaixar na cabeça de rapazes ; quem agora lhe quer deſenterrar os oſſos , que os venere. Melhor que Cartheſio foy Plataõ , a quem muito ſe encoſtou S. Agoſtinho , e bem celebrado foy Epicuro , Anaxagoras , Empedocles , e outros juntos com os Chimicos ; e com tudo veyo-ſe a alcançar , que o Syſtema de Ariſtoteles concordava mais com os dogmas da Religiaõ , como direi na Reflexaõ da Theologia.

Ordena mais o Reverendo Critico , que ſe naõ pergunte , por quem

ſe determina a vontade. Venho em que obedeçaõ os que jurarem *in verba illius*; porem ſe algum, dos que naõ ſaõ da ſua confraria, perguntar por iſſo a hum ſeu contrade, ha de eſte reſponder, que naõ ſabe, porque ſó eſtudou a queſtaõ do rayo, que ſendo fogo deſce? Vergonhoſa reſpoſta para diſcipulos de taõ grande Meſtre, e muito mais em materia de liberdade, que elle tanto exercita no eſtylo deſtas ſuas Cartas! Talvez que a cauſa de naõ querer ſemelhante pergunta, ſeja por naõ dizer, que a vontade ſe determina para actos diſtinctos, que ſaõ accidentes reaes, e daqui lhe façaõ forte paridade para os materiaes.

Cauſa eſpanto ouvir a grande digreſſaõ, que faz para perſuadir, que para ſaber Fyſica he preciſo o eſtudo da Mathematica, e no meſmo tempo haverem liçoens de Algebra, Geometria, e outras. Tudo he bom, mas ſe he preciſo, como nos ha de meter na cabeça, que ſe pode ſaber a ſua Fyſica em breve tempo, e para que he enganar a gente? A Mathematica ſerá neceſſaria para muita couſa, que ſe chama Fyſica, mas naõ para a que trata do Compoſto, e das ſuas partes, e cauſas. Naõ deixo de reparar, que em todas as regras do ſeu grande Methodo ſempre intime o eſtudo da Geografia; terá alguma boa impreſſaõ de mappas, a que queira dar gaſto com eſta traça!

Finalmente para prova do que tem dito conta dous caſos, que me parecem de Trancoſo. He o primeiro, que enſinando a hum rapaz, lhe mandou, que naõ uzaſſe de livros; e que praticando com elle, em breve tempo o adiantou grandemente nos eſtudos, e poz em termos de ſer um famoſo letrado. O meſmo lhe ſuccedeo enſinando huma Senhora, que hoje pode dar dias ſantos na ſciencia. Sem duvida, que eſte par de diſcipulos tinha memoria angelica; mas com tudo quizeramos ver huma certidaõ authentica deſta hiſtoria, porque ha juizos de pedra, e cal, que naõ querem dar credito a tudo.

O ſegundo caſo foy com hum Jeſuita, a quem referio, que vira hum homem de grandes forças meter a agua de huma ſiringa dentro de huma redoma de metal, que já eſtava antecedentemente cheya de agua. O Padre diſſe, que ſó podia ſer, ſe a redoma ſe deſcarregaſſe pelos ſeus poros de alguma parte da agua, que já tinha, e ambos na ſua conferencia ajuſtaraõ, que aſſim ſeria, e que tambem na agua haveria partes de ar, que ſahiſſem para fóra; e podiaõ accreſcentar, que tambem a ſiringa ſe alivaria de alguma agua pelos ſeus poros; e em huma, e outra parte haveria vacuo introſperſo, que muitos admittem com grande probabilidade; e neſtes termos ſe podia na redoma fazer lugar para admittir a agua da ſiringa. Eſte o caſo, que nem nego, nem parece inveroſimil.

A graça eſtá na exclamaçaõ, que diz fizera o Jeſuita neſte caſo, a ſaber, que á viſta de tal experiencia lá hiaõ pela agua abaixo as ſuas Ariſtotelicas filoſofias. Se tal diſſe o bom Jeſuita, apoſtarey, que ou era leigo

go da Ordem, ou ſabendo-lhe o genio, lhe quiz meter eſſa pala na cabeça. E ſe naõ faça-nos graça ou elle, ou alguem por elle de nos moſtrar, que principio Ariſtotelico ſe desfez com o tal caſo, *& erit mihi magnus Apollo.* Sem eu ter corrido mundo já vi caſo ſemelhante, e tambem na agua. Hum aguadeiro levava duas quartas cheyas, vieraõ dous mariolas com fede, e em quanto elle ſe divertio a fallar com hum amigo, cada hum lhe bebeo ametade da agua de cada quarta; advertindo o pobre no que lhe tinhaõ feito, ajuntou em huma a agua de ambas ficando a outra vaſia. E confeſſo, que vendo a tal experiencia, naõ me occorreo couſa alguma contra Ariſtoles. Naõ me canſo em apontar o mais, que traz eſta Carta, porque naõ ſaõ couſas, que metaõ medo.

REFLEXAM XI.

Da Ethica.

HE inſigue eſte Critico em lançar propoſiçoens abſolutas, e ſempre lhe eſqueccm as provas. Neſta Carta he importuno em querer perſuadir, que a Ethica he preciſa ao Theologo. Reparo porém, que lá diz, que a Theologia reconhece a verdadeira origem da natureza corrupta, apontar os meyos tirados da revelaçaõ, enſina a conformarſe com a ley natural, e poſitiva univerſal, e tambem alguns officios, que o Filoſofo ignora. Logo reflectiremos neſtas ſuas propoſiçoens. Por ora perguuto: ſe a Theologia enſina tudo iſſo, que neceſſidade tem o Theologo da Ethica? Aqui ſe anima a dar duas razoens. Primeira he, porque a Ethica confirma as ſuas razoens com a authoridade dos Filoſofos. Pode haver razaõ mais futil? Baſta que para ſabermos a origem da natureza corrupta, e os meyos tirados da revelaçaõ, devemos buſcar a authoridade dos Filoſofos! Viſto iſſo diremos, que o mundo he *ab æterno*, que ha Fado inevitavel, que ha tranſmigraçaõ das almas, que eſtas morrem com os corpos, e ſemelhantes diſparates, porque aſſim o diſſeraõ muitos Filoſofos; e o que mais he, que culpa aos Caſuiſtas porque ſe fundaõ na authoridade dos outros, e agora quer que para a Theologia ſe vaõ buſcar confirmaçoens aos Filoſofos. Devia dizer pelo contrario, que a Theologia moſtra quaes foraõ os Filoſofos, que em algumas materias diſcorreraõ bem, e quaes os que ſe enganaraõ.

Dá ſegunda razaõ: e diz, que a Ethica diſpoem ao homem para a Religiaõ. *Erit error peior priori.* Por ventura nós ainda naõ eſcolhemos Religiaõ, para que a vamos buſcar á Ethica? Se he para que perſuadamos aos Gentios a ſeguir a noſſa Religiaõ, eſſa diligencia naõ ſe faz por Ethica, moſtraſe-lhe com a razaõ natural, que ha hum ſó Deos, e naõ pode haver muitos; que os preceitos do Decalogo ſaõ conformes ao dictames da

meſma razaõ; apontaõ-ſe os motivos da credibilidade que enſinaõ aos Theologos; e introduzidos eſtes principios ſe vaõ enſinando os mais dogmas, como ſaõ caſtigo aos máos, e premio aos bons Aſſim começou S. Paulo o ſeu arrozoado no tribunal dos Areopagitas, e naõ ſe canſou com mais Ethica; e ſe nos enſina eſta á conformidade com a ley natural, e poſitiva univerſal; tudo iſſo enſina melhor a Cartilha na explicaçaõ dos Mandamentos da Ley de Deos, e da Santa Madre Igreja. Os de mais caſos, que daqui ſe podem deduzir, lá tem ſeu lugar na Theologia moral.

Voltando ao que prometti no principio, naõ entendo, que ſignifica dizer, que a Theologia reconhece a origem da natureza corrupta; e na verdade a liçaõ vay eſcura. Se quer dizer, que o peccado original nos privou da graça, e juſtiça original, concedo; mas bom he explicarſe melhor, quem tantas vezes accuza aos Filoſofos, e Theologos de eſcuros; e ſe quer dizer outra couſa, expliqueſe ſem uzar de enigmas. A outra propoſiçaõ, que diz *aponta os meyos tirados da revelaçaõ*, he eſcuriſſima. Sabemos, que ha motivos para crer a revelaçaõ; e entendemos que as revelaçoens divinas nos ſervem de motivos para obrarmos bem, como he a revelaçaõ das penas eternas, da conta que ſe nos pedirá no dia de Juizo, da certeza da morte, e incerteza do dia; conheecmos que outras ſervem para amarmos a Deos, como he a da Encarnaçaõ, e Morte de Chriſto. Se quer dizer outra couſa, falle de modo, que o entendamos, os que naõ ſabemos Grego, e Hebreo. Diz a terceira *que a Ethica enſina alguns officios, que o Filoſofo ignora.* Que officios ſeraõ eſtes? Os de ſapateiro, barbeiro, coſinheiro, carpinteiro, e os mais que acabaõ em eiro? Todos eſtes ſupponho, que ignoraõ os Filoſofos; porém ſe a propoſiçaõ encerra algum ſegredo mais recondito, fiqueſe com elle, que me naõ canſo em lho perguntar.

Continuando a ſua prégaçaõ para intimar o eſtudo da Ethica, como ſe alguem lhe diſſeſſe, que naõ era boa, e digna de ſe ſaber, lança eſta propoſiçaõ: *Baſta ſaber as regras de Direito para os caſos repentinos.* A liçaõ he breve, façamos agora a experiencia. Furta o ladraõ a bolſa alheya, vay para caſa, entra em remorſos de conſciencia, e quaſi eſtava reſoluto a mandalla dar a ſeu dono; como porém lha naõ pede, determinou retella em ſi, porque dizia a regra *Melior eſt conditio poſſidentis.* Querem vender hum Mouro, o qual ſe cativou pela guarda coſta, eſcrupuliza o comprador, ſe o Mouro he eſcravo, e reſolve que naõ, porque diz a regra: *Homo liber non uſucapitur.* Fez Pedro hum crime de furtar o ſinal de hum Tabelliaõ para fazer eſcritura falſa; he accuzado naõ ſó de falſario, mas de homicida, porque diz a regra. *Offendens in uno factus eſt omnium reus.* Pergunta o pay a ſeu filho ſe jogou, e quanto perdeo: o pobre mancebo temendo a aſpereza e condiçaõ do pay, que ſe tal perda ſabe, o ha de tratar com grande rigor, e neſte aperto jura, e torna a jurar que nem jogou, nem perdeo, e aſſenta, que naõ peccou, ainda que a Ley divina

pro-

prohiba os juramentos falsos, porque naquelle repente lhe occorre a regra: *Quod non est licitum in lege, necessitas facit licitum.*

Quem póde duvidar, que estas resoluçoens saõ erradas, porque se applicaraõ muito mal as regras; naõ basta sabellas para se evitar o erro, he necessario entender o sentido, e termos em que fallaõ, e a excepçoens, que padecem. Naõ ha peccado, que se naõ opponha a algum mandamento, e com tudo para saber se esta, ou aquella acçaõ he contra elle, necessita-se de muito estudo, e ir consultar os Doutores, e casos ha em que se naõ acaba de saber de certo, se saõ, ou naõ saõ prohibidos, v. g. se he licito pintar no dia santo; e porque saõ diversos os juizos dos homens doutos, condemnaõ huns, o que outros absolvem, e mais sabem todos os mesmos mandamentos do Decalogo; e daqui se segue, que naõ basta saber a regra, para logo decidir rectamente o cazo.

Vem outra propoſiçaõ sua ejusdem furfuris: *Os authores Casuistas naõ assinaõ rezaõ.* Estou persuadido que este homem nunca abrio hum livro de casos; e se o abrio, porque naõ allega algum para abono do seu dito! Os Authores que trataõ as materias de Moral *ex professo*, o menos que dizem he a resoluçaõ da questaõ, o mais saõ os fundamentos, em que se estribaõ, e a soluçaõ do que em contrario se pode dizer: os que compozeraõ Summas para que os Moralistas possaõ com mais brevidade saber o que devem resolver no confessionario, ou fóra delle, apontaõ brevemente a razaõ, em que se fundaõ; e para prova disto naõ allego hum, ou outro, mas todos, e o póde alcançar quem naõ for demasiadamente idiota.

Proseguindo o seu assumpto, que consiste em dizer mal, accrescenta, *que ouvir a Frades, e Clerigos dizerem parvoices em cousas pertencentes ao direito natural.* Talvez seja esta taõ verdadeira como a passada; mas se assim foy, tambem agora dizem muitos Frades, e Clerigos, que estas suas Cartas dizem parvoices em toda a materia. Eu porém por mayor cautella, como tenho cabeça dura, e juizo de pedra, e cal, nego a sua propoſiçaõ, e dou a razaõ. O direito natural entronca com o divino, e das gentes. Ha direito natural permissivo, e perceptivo, absoluto, e condicionado; hum segue-se de concluſoens immediata, outro de mediata, hum diz ordem a actos, que sempre tem bondade, ou malicia intrinseca, outro que só respeita a actos bons, ou máos em certas circunstancias; hum naõ depende da ley humana, outro depende; e destes ultimos diz Aristoteles 5. Ethic. cap. 7. que muitas vezes as cousas, que saõ de direito natural, se podem mudar, naõ todas, mas algumas.

Como pois para sabermos casar algumas resoluçoens com o direito natural desta, ou daquella casta, muitas vezes he necessario formar consequencias deduzidas de principios, que naõ saõ *per se notos*; he muito facil errarmos, quando se falla de repente nas materias. Veja agora a dificuldade que tem esta, e como facilmente podia acontecer, que os taes Frades,

e Clerigos diſſeſſem bem, e o Reverendo Critico coſtumado a cenſurar tudo ſem ſer letrado, como neſtas Cartas o moſtra, foſſe o que julgaſſe mal, e ſe perſuadiſſe que a parvoice vinha dos que fallavaõ, ſendo muito facil, que ſe apozentaſſe no que ouvia: e he para admirar a facilidade com que nos traz por exemplo de couſas faceis as reſoluçoens, que ſe podem deduzir do direito natural, porque naõ ſabe, que eſte direito com todas as ſuas pertenças involve grandes materias; os que tem lidado com ellas vaõ mais attento; quem as naõ ſabe, cuida que todo o mato he ouregaõ, e falla com mais confiança. Lembra-me o cazo do negro, que em qualquer pendencia logo ſe arrojava a meter maõ a eſpada ſem ter medo; vendo o ſenhor a ſua valentia, e animo, mandou-o enſinar a jogar a eſpada preta, e quanto que ſoube, fugia de ſe meter nas bulhas, porque já advertia na facilidade com que lhe podiaõ correr huma eſtocada. Applique el cuento.

Tambem nos perſuade, que a Ethica ſerve para diſtinguir a virtude do vicio. Sim ſenhor venho niſſo, mas he neceſſario conſultar a Theologia eſpeculativa na materia de *Actibus humanis*. Na Theologia moral ſe aprende iſſo muito bem. Como Sua merce eſta taõ inſigne na Ethica, dezejamos que o eſteja nas virtudes, como he a humildade, charidade, e modeſtia no fallar, e que fuja da ſoberba, inveja, jactancia, vaidade, e deſprezo do proximo. Boa virtude he honrar a todos, e naõ vituperar os mayores.

E para que he a digreſſaõ, que aqui faz contra a fidalguia? Ella he preciſa nos Reinos para o ſeu luſtre, e para os poſtos de mayor ſuppoſiçaõ, que requerem peſſoas, que conciliem reſpeito. Boa he, e muito para eſtimar a fidalguia eſpiritual, que conſiſte nas virtudes, como com grande devoçaõ nos intima com o verſinho: *Nobilitas ſola eſt, atque unica virtus*; aſſim o confeſſava Ulyſſes, e mais era Rey, reſpondendo a Aiax: *Quæ non fecimus ipſi, vix ea noſtra voco.* Mas eſta naõ ſe oppoem á fidalguia humana, e ſe ſe unem ambas, tem mais luſtre, e naõ a deſprezou o noſſo Redemptor, que naſceo de huma Máy muito illuſtre, como deſcendentes de Reys. Se ha fidalgos, como diz, que o naõ moſtraõ nas acçoens, encommende-os a Deos nos ſeus ſacrificios, ſe naõ ſaõ de miſſa ſeca; e para os venerar a todos, ſaiba que os avós delles foraõ os que deraõ a Portugal o melhor nome, e lhe conſeguiraõ grande gloria; e bom conſelho, ſeria naõ fallar no que lhe naõ toca.

Finalmente deixando as mais arengas da ſua Carta, reparo em aſſeverar, que em quatro annos póde hum eſtudante ſaber toda a Filoſofia com Ethica, Chronologia, Geografia, e Aſtrologia. Eu nego de todo o coraçaõ, porque he pouco tempo para taõ grande jornada.

RE-

REFLEXAM XII.

Da Medicina.

A Tudo topa eſte celebre homem. Neſta ſua Critica, quer; que os Medicos ſejaõ Cirurgioens, e dá huma razaõ ſorte porque em Lisboa ha hum Medico, que he Cirurgiaõ mór. Boa prova! Neſta Corte temos hum Grande do Reino, e Illuſtriſſimo com o titulo de Meirinho mór, ha tambem Almotacé mór, e Alcaide mór; e a quem virá a cabeça, que eſtes devem hum ſervir de Meirinho, outro de Almotacé, e outro de Alcaide? Sendo taõ noticioſo dos outros Reinos, bem podia ſaber, que nelles ſaõ diſtinctos os Cirurgioens dos Medicos. O Medico cura as infermidades internas, o Cirurgiaõ as externas, como ſaõ feridas, naſcidas &c. E quando alguma doença ſe moſtra no exterior, mas ſe entende que naſce de deſconcerto interior de humores, acode o Medico; ſaõ porém occupaçoens diſtinctas, e o Cirurgiaõ mór he para incumbencia diverſa do exercicio da Cirurgia.

Quer tambem, que os Medicos ſaibaõ Anotomia. Naõ ha duvida ſer muito bom eſte conhecimento, e a ella pouco ſe applicaõ os Portuguezes em abrir os corpos humanos; mas os que ſaõ curioſos ſe contentaõ com a eſtudar pelos livros de que ha muitos, e com eſtampar, muito bons, e com miuda explicaçaõ, por final que ás vezes naõ concordaõ entre ſi. Com tudo eſta perfeita indagaçaõ da anatomia he menos neceſſaria, ao menos com tanta miudeza nos Medicos, e muito mais preciza nos Cirurgioens, aos quaes pertencem as operaçoens, e he lhe neceſſario ver por onde haõ de cortar. Demos que o Medico ſeja inſigne anatomico; como ha de curar o doente, ſe naõ vê com os olhos a parte interior donde vem o mal? Hum bom relojoeiro bem ſabe quantas peças tem hum relogio, mas ſe lhe moſtrar hum que pára, e que diga onde eſtá o erro, ſeguro que mo naõ dirá ſem o abrir.

Bem ſey a differença que vay do relogio ao doente, porque aquelle nenhum final dá de ſi, e eſte dá informaçaõ, e tambem o pulſo indica, que ha deſconcerto naquella fabrica humana, que tem muito mayor, e mais admiravel, e miuda architectura: mas tudo iſſo ſerve para que o Medico poſſa conjecturar, qual ſeja a cauſa da doença; porque a meſma febre, toſſe, ou afflicçaõ pode naſcer de varios principios, e para atinar com o verdadeiro muito ajuda a experiencia com o bom diſcurſo, e muito pouco a Anatomia. Supponhamos hum doente abrazando-ſe com febre, que vay que o Medico ſaiba, que por aqui vaõ os muſculos, por alli as arterias, que lá eſtá a vea da arca, lá a do figado; a circulaçaõ do ſangue tem o ſeu principio neſta parte, e acaba naquella? O ponto he indagar,

qual ſeja o principio do mal, e qual deve ſer o remedio. Eſta he a razaõ, porque nas epidemias ſe abrem alguns cadaveres, para verem os Medicos ſe tem alguma parte offendida; porque em quanto os naõ abrem, naõ o podem ſaber com certeza. Aqui falla, como couſa uzual, que devera os Cirurgioens ſaber, quando haõ de ſangrar a arteria: eſta caſta de ſangria, ainda na cabeça, que por ſer ſolida dá lugar a ſe apertar a arteria picada, he muito perigoza; e nas mais partes he perigoſiſſima.

Mas que diremos da celebre cura, que conta fez hum amigo a outro, que padecia grandes dores de almorreimas, e lhas fez parar com o leo de nabos? A reſpeito diſto diz duas couſas ſelectas, a primeira que naõ ſeria o oleo quem abrandou as dores, mas porque era já tempo de ſe acabarem, e por iſſo falſamente ſe attribuiria a melhoria ao oleo. Quando ſentir alguma moleſtia, tome eſſe dictame, naõ chame Medicos, nem cuide em remedios, eſperando que ella á boamente acabe, e uze ſómente de agua da fonte; porque quando Deos quer, agua fria he mézinha.

Accreſcenta, que tal vez eſtiveſſe o remedio no oleo, e naõ nos nabos. Tudo podia ſer, mas a hiſtoria he huma friòleira. E daqui infere, que muitas vezes receitaõ os Medicos hum compoſto de cinco couſas, e tal vez ſó huma dellas ſeja a que fez bem ao doente. Eſtarey por iſſo, mas naõ pelo que accreſcenta, que deve o Medico fazer experiencia naquelle remedio, vendo primeiro ſe cada hum dos ſimpleces he o que aproveita, e depois acompanhado com outro até acabar a complicaçaõ dos cinco, por naõ accumular ingredientes. Tal vez naõ ſaiba o grande numero de vezes, que ſe pode fazer a tal combinaçaõ: e para que he andar com taes eſperas, quando o Medico já ſabe, que o compoſto dos cinco he proveitozo, e ſe entre elles vay algum ſuperfluo, naõ he nocivo, que he o que baſta.

A principal cenſura deſta Carta he contra os Medicos Galenicos, o qual methodo, para o pintar mais feyo, diz, que veyo dos Arabes; e vimos a entender, que daquella terra naõ pode ſahir couſa boa, como dizia o outro da de Nazareth: A' *Nazareth poteſt aliquid boni eſſe?* Ouvi contar a peſſoa muito fidedigna, que no certaõ de Angola havia hum negro, que ſabia curar perfeitamente aos eticos; ſe aſſim he, ſeria bem, que os noſſos Medicos naõ quizeſſem uzar daquelle methodo, porque veyo dos Cafres? Se a doutrina de Galeno he boa, ou naõ, couſa he, que naõ poſſo decidir, e muito menos o Critico mór; ſó poſſo dizer, que muito do que aqui apparece, foy feito em Francez, naõ para dizer mal de Galeno, mas para moſtrar, que quem ſeguiſſe o methodo daquelle Medico, o podia eſtudar pelo modo, que a hi aponta, nomeando juntamente os livros de que podia uzar: querernos porém encaixar que Galeno naõ preſta, por iſſo meſmo que diz mal delle, venho a entender, que deve de ſer bom. Se eu vejo que diz mal de S. Thomaz, Eſcoto, Soares, Vieira, Camoens, e outros, que ſaõ excellentes nas ſuas faculdades, com razaõ hey de inferir, que Galeno he bom, porque diz, que o naõ he.

O

O certo he, que alguns Medicos naõ ſeguem a Galeno, nem por iſſo os vemos fazer milagres, e naõ deixaõ de lhe morrer doentes, que pertendem curar. Fóra de Portugal, e em Cortes donde há Medicos afamados, ſe ſaõ Galenicos, he final de ſer a ſua doutrina ainda hoje ſeguida: ſe o naõ ſaõ, nem por iſſo vemos, que lá morra menos gente, antes lemos nas gazetas, que tal Rey, Principe, ou Princeza, ou Senhora grande foy acommettida deſta, ou daquella doença, e depois de dizer que eſtá aſſiſtida pelo celebre Doutor Fulano, e Sicrano, vem a noticia de que morrera. Pois ſe o ſeu methodo he o verdadeiro, e o Galenico errado, porque razaõ cá, e la más ſadas ha, e morrem huns, livrando outros? e quantas noticias ſe conſervaõ entre nós de Medicos antigos, que tivemos, e fizeraõ curas prodigioſas, ſem que neſſe tempo ſe ſoubeſſem eſtas curas à moda, como as quer o Critico? O que ſey he, que ao noſſo Reino chegaõ alguns Medicos de fóra, e ſe curaõ ſem conhecer o clima do paiz, mataõ muita gente; e depois de o conhecerem, ſe começaõ a curar com os noſſos, erraõ menos. Certo Medico Portuguez ſahindo fóra do Reino, diſſe que deixava nelle enterrado a Galeno; quiz lá fóra ſeguir outro rumo, matou a muitos, como elle confeſſou, e para enterrar, menos, deſenterrou outra vez a Galeno.

Qual porém ſerá a culpa de Galeno para ſer deſterrado? Por ventura manda ſangrar, purgar, dar vomitorios, e cordiaes fóra de tempo, e em doenças que naõ pedem, ou a tempo, e occaſiaõ opportuna? Se fóra de tempo, e lugar, nunca os Galenicos acertariaõ, e nós vemos o contrario; ſe a tempo, e occaſiaõ propria, porque ſe naõ ha de ſeguir? E ſe moſtrar a experiencia, que em alguma couſa errou, naõ ſe ſiga; mas iſſo naõ he razaõ para ſe naõ louvar a hum Author, que ſem ter as experiencias, que depois delle tem creſcido tanto, com tudo iſſo ainda os ſeus axiomas ſaõ venerados pelos doutos na faculdade. Poderá tambem ſer culpa de Galeno ſeguir o ſyſtema filoſofico de Ariſtoteles, Plataõ, ou qualquer outro; mas nada diſſo prova contra elle. Se moſtra a experiencia, que manda ſangrar, ou purgar a tempo, e com iſſo alivia o doente, que nos importa, que a ſua Filoſofia ſeja deſta, ou daquella caſta?

Para melhor me explicar ponho eſte exemplo da quina, a qual he bom remedio para as ſezoens, como moſtra a experiencia. Dirá hum filoſofo, que ella ſe compoem de materia prima, fórma ſubſtancial, a qual na arvore era de vivente vegetativo, e que depois de ſecca tem outra diverſa, que tem accidentes diſtinctos, como quantidade, cor, amargo, pezo, e calor. Venha outro, e clame que tal naõ há, e diga com Leuſippo, que a ſua materia ſaõ huns certos atomos, ou tambem particulas eterogeneas. Grite Empedocles, ou alguem por elle, que ſe compoem de corpuſculos, ou atomos elementares, e depois de ouvirmos a Cartheſio, e a quantos ſe quizerem admittir, perguntara eu a todos: Componha-ſe a quina; como

V. m. quizerem, ſerve ella para curar as ſezoens? Devem dizer, que ſerve: pois appliqueſe ao doente para o ſarar, e infiramos, que aſſim como eſſes ſyſtemas naõ daõ, nem tiraõ a virtude á quina, aſſim ſaõ impertinentes para a cura das ſezoens: e o que digo deſte medicamento, ſe pode dizer de qualquer outro.

A meſma razaõ acharemos diſcorrendo pela cura dos animaes. Os alveitares curaõ hum cavallo de huma terçaõ, ou dor de barriga, polmoeira &c. porém nenhum delles ſe mete, em que o cavallo ſeja machina inſenſivel, tenha, ou naõ tenha fórma, e accidentes diſtinctos; applica o ſeu remedio, e da meſma ſorte o curaria neſte, ou naquelle ſyſtema de filoſofia, e para a cura naõ ſerve eſſa indagaçaõ. O meſmo argumento milita na cura dos homens. Diga o Medico, que naõ he boa a definiçaõ *animal racional* como diz o Critico mór; teime que a alma naõ aſſiſte em todo o corpo, mas em huma pequena parte da cabeça; que a dor, que diz o doente eſtar no lado eſquerdo, naõ ſe fórma ahi, mas lá na caſa, ou gabinete da alma; que a cor palida, que tem, naõ he diſtincta da ſubſtancia; ou diga, que o corpo daquelle homem ſe compoem dos cinco elementos chymicos. Sim, Sim ſenhor, dirá o doente, mas perguntará, ſe o haõ da curar com os remedios, que tem moſtrado a experiencia ſeraõ bons para a cura do pleuriz? Dira o Medico (para dizer bem) que ſim. Pois eſſes ſyſtemas tanto ſervem para a cura do pleuriz, como ſerve a lingua dos pretos para entender Latim.

REFLEXAM XIII.

Direito Civil, e Canonico.

SEndo o eſtudo de Direito hum dos que mais florecem em Portugal, e aſſim reconhecido pelas mais naçoens, onde ſempre tiveraõ eſtimaçaõ os livros, e poſtillas, que cá ſe compozeraõ: tendo os tribunaes do Reino Miniſtros, e Advogados doutiſſimos; vendo-ſe a Univerſidade de Coimbra cheya de profeſſores de hum, e outro Direito com grande, e merecido applauſo, e com o meſmo muitos, que deixaraõ a meſma Univerſidade pela Corte, onde ſaõ venerados os ſeus talentos, e grande erudiçaõ, começa eſte Critico a ſua ſatyra com extraordinaria ouſadia, e injuria de toda a naçaõ a dizer, que em Portugal ſe naõ ſabe Direito, nem há Advogados, e Miniſtros que ſaibaõ por onde elle corre. Mas ſe em todas as ſuas Cartas manifeſta a ſua vaidade, e mal fundada preſumpçaõ, neſta, e na ſeguinte parece mentecapto. Vi há tempos hum moço, que andava na Capella, como entaõ ſe chamava, perguntando aos tendeiros ſe queriaõ aceitallo por ſeu caixeiro? Perguntavaõ-lhe ſe ſabia eſcrever; e reſpondia com toda a ſizudeza, que ſim: davaõ-lhe logo papel para moſtrar a ſua letra,

tra, e com todo o deſembaraço tomava a penna, e fazia varias riſcas para baixo, e para cima; parava a experiencia em rizadas, e virem a entender, que o pobre moço era doudo. Eu porém naõ me ria, mas compadecia-me delle conſiderando a deſgraça de quem tem perdido a melhor joya do homem. Eſta he a cauſa, porque ainda que me eſcandalizem as criticas deſte fingido Barbadinho, ſempre me compadeço delle, conſiderando que o meſmo achaque me póde ſobrevir a mim, e a outros muito melhores do que eu.

As razoens com que pertende provar a ſua theſe, ſaõ partos muito proprios do ſeu talento. Diz naõ menos, que os noſſos Cathedraticos, Juizes, e Advogados acabaõ os annos da Univerſidade ſem ſaber couſa de ſubſtancia contentes com quatro textos de cór, e que ſem mais noticia que a de hum par de titulos do Digeſto, e Decretaes entraõ huns a Lentes, outros a Juizes, e os mais a Advogados, perſuadidos que ja ſaõ capazes do ſeu emprego, e de o exercitarem com grande ſatisfaçaõ. Eſta a ſubſtancia da prova, e he taõ forte, que ſerá preciſo gaſtar muitas horas de eſpeculaçaõ, muito trabalho em revolver os livros, e finalmente conſultar o cazo fóra do Reino, viſto naõ haver nelle, quem ſaiba reſponder. Mas porque elle naõ cuide, que eu fallava de veras, que he capaz de tudo, eu me deſdigo. Devemos fazer diſtinçaõ entre os que ſe matriculaõ para ouvir Direito; huns tem habilidade, e applicaçaõ, outros tendo muito bom engenho paſſaõ os annos da Univerſidade ſem cuidarem em eſtudos; outros finalmente naõ ſaõ dotados de boa percepçaõ; e o meſmo acontece nas mais Univerſidades, porque os noſſos naõ ſaõ de menos capacidade.

Suppoſta eſta diviſaõ, digo que os primeiros acabaõ os ſeus annos com muito bom aproveitamento, fazendoos ſeus actos com muito luſtre; os ſegundos ao menos ficaõ com alguma noticia dos Authores, por quem devem eſtudar, e as materias, que devem ſaber em primeiro lugar; e querendo recuperar o tempo que perderaõ, ſe applicaõ com cuidado ao eſtudo da ſua faculdade; e a meſma diligencia fazem os primeiros, que nomeey. Fallando pois deſtes (que dos terceiros naõ façamos mençaõ) he ſem duvida, que acabando os annos da Univerſidade, tenhaõ, ou naõ tenhaõ eſtudado, naõ eſtaõ logo conſumados Juriſtas, porque o Direito he largo; mas com a applicaçaõ aos livros, e depois com o muito exercicio huns de advogar, outros de julgar as cauſas, e ponderando as razoens, que ſe allegaõ, e eſtudando o que devem decidir; e outros finalmente preparando-ſe nos Collegios da Univerſidade para a oppoſiçaõ das cadeiras, ſe vem a fazer todos com a continuaçaõ dos eſtudos huns grandes Juriſtas. Aſſim o vemos na Univerſidade com Lentes doutiſſimos, poſto que naõ eſtejaõ adiantados na praxe forenſe, que facilmente a ſabem, ſe entraõ nos tribunaes. O meſmo ſe conhece nos que para outras occupaçoens a largaraõ; e tambem nos que eſtaõ providos nos tribunaes de mayor graduaçaõ, e em outros

tros que actualmente servem nas judicaturas do Reino, e suas Conquistas. Dos Advogados se deve dizer o mesmo; porque a applicaçaõ a tanta variedade de causas, e em taõ diversas materias os faz eminentes na sua faculdade, e muitos o tem mostrado nos doutissimos livros, que deraõ a prélo, e nos seus eruditos arrazoados manuscritos, que cada dia estaõ compondo.

He pois grande frioleira dizer o Critico, que em hum Jurista sabendo quatro textos, ou hum par de titulos, já cuida que está grande letrado, porque com pouco cabedal ninguem se deve imaginar rico, salvo se nelle sobrepujar a vaidade, e presumpçaõ; nem tambem nos persuadimos que bastem os actos para a formatura, ou doutoramento; porque o letrado fazse, como diz o nosso adagio, e o Direito Canonico, e muito mais o Civil saõ vastissimos; e para explicar a sua vastidaõ dizia hum grande Mestre na Universidade de Coimbra, que o Direito era taõ comprido, como a estrada daquella Cidade até Lisboa, e que elle apenas teria andado a primeira legua. Isto dizia, quem era venerado por suas grandes letras, e sabia a difficuldade, que ha em comprehender tantas materias. Tal vez naõ dirá isto o Critico, e outros como elle, que em lendo dous livrinhos com quatro noticias geraes postas em Francez, que saõ muito boas para dar alguma instrucçaõ, já fallaõ em Direito com grande confiança, persuadidos, que tem esgotado o Codigo, Digesto, Novelas, Decretaes, Sexto, Clementinas, e Extravagantes; e nem com paõ quente haverá quem os tire desta sua errada imaginaçaõ; mas o certo he, como confessaõ os Medicos, que os flatos naõ tem cura.

Aqui naõ sey porque estrada, ou travessa se mete Sua mercé a dar documentos sobre as qualidades, que devem ter os Conselheiros ultramarinos, e isto sem mostrar procuraçaõ bastante para o seu requerimento; o qual consiste em dizer, que naquelle Tribunal só se devem admittir pessoas, que tenhaõ visto mundo; porque se naõ sabem o que vay lá por fóra, naõ saberáõ votar com a certeza necessaria em os negocios, que pertencem ás terras de fóra do Reino; como tambem naõ póde tratar negocios, que tocaõ com as outras Cortes, quem naõ tem andado por ellas. Esta a substancia, e em confirmaçaõ conta huma historia das razoens, que Socrates deu a Glauco para lhe provar, que naõ tinha bastante noticia para servir o em prego, a que aspirava. Bem faz em nos insinuar a grande capacidade, que tem para semelhantes em pregos; porém melhor fóra, que assim o dissessem os visinhos, que he louvor de S. Antonio: *Dicant Paduani.*

Posto o seu axioma, estaõ de grande partido para o Conselho do Ultramar os Capitaens de navios, e Pilotos, que tenhaõ navegado muito: para o da Fazenda Contratadores, que como sabem augmentar a sua, bem podem administrar a alheya; para o Paço da madeira Carpinteiros; para a Casa das carnes Marchantes; para a da fruta os maridos das Colarejas; para

ra a Meſa da Conciencia Meſtres de cazos; e para a Junta dos Tres Eſtados, os que ſe ordenaraõ depois de viuvar, por terem tido os eſtados de ſolteiros, cazados, e ordens ſacras. A verdade he, que para as reſoluçoens do Conſelho do Ultramar baſtaõ as noticias que temos daquellas partes, os informes dos Governadores, e Miniſtros dellas, com a praxe do que ſe tem ordenado em caſos ſemelhantes, e ſobre tudo a prudencia, e capacidade do Conſelheiro; aliás ſerá neceſſario, que tenha corrido todas as quatro partes do mundo; porque em todas tem a Coroa dominio. O meſmo baſtará para o Conſelho de eſtado, e mais Tribunaes.

Sem hum homem ſair do Reino, ſó com ler algum livro, que trate das outras Potencias, e com as noticias, que facilmente ſe alcançaõ, ſe póde ſaber, que o Turco, Perſa, e Ruſſia ſaõ Potencias muito grandes; que qualquer dellas póde ſuſtentar guerra contra a outra ſem ajuda dos viſinhos; que o Imperio, e França podem formar grandes exercitos; que Inglaterra he grande Potencia maritima; Hollanda com ſer pequeno paiz he rica, e reſpeitada; Suecia he grande Reino; Dinamarca naõ he para deſprezar, Caſtellá he Monarchia dilatada, mais rica, que povoada, &c. Eſta noticia, e as mais, que eu naõ tenho, unidas a huma boa capacidade, podem conſtituir hum bom Miniſtro para o Conſelho, ou para huma Embaixada, ſem para iſſo ſer neceſſario, que primeiro vá tomar conta dos milhoens, que França tem de renda, nem que as peça ao Parlamento de Inglaterra, ou ás Aſſembleas dos Eſtados Geraes. E ſe lá lhe naõ quizerem dar taes contas, como he factivel, há de voltar para o Reino dizendo, que naõ traz baſtantes inſtruçoens para ſer Miniſtro naquella Corte? Naõ façamos o cazo taõ difficultozo.

Antes que me eſqueça, he bem fazer mençaõ de huma ſentença, que allega proferira hum douto, o qual diſſe, que depois que os Commentadores explicaraõ a S. Thomaz, ninguem o entendeo. He valente dizer! Sem duvida o doutor era de Tibi quoque. He poſſivel que ſe o Commentador he máo, e eſcuro, teve poder ſympatico para pegar a meſma eſcuridaõ ás obras do Santo, ſendo antes claras! Eu que naõ ſey, que ha taes commentos no mundo, vou ler huma queſtaõ no Santo, e naõ entendo o que elle diz, por culpa de hum Commento, que nunca vi! Parece couſa de encantamento. E o Senhor Critico ſendo taõ grande logico, como temos viſto, ficou perſuadido que dizia bem aquelle douto? Se ſe naõ perſuadio a iſſo, eſcuſadiſſimo foy dizello; e ſe aſſim ſe perſuade, digo de veras, que he bom homem.

Eu indo cá pela Logica velha, argumento aſſim. Aquelles Commentadores explicaõ, ou naõ explicaõ a S. Thomaz? Se o naõ explicaõ, naõ ſaõ Commentadores; e neſſa ſuppoſiçaõ, *tollitur quæſtio.* Se o explicaõ he implicancia nos termos, que embaracem, e façaõ eſcuro o que na realidade explicaõ; porque explicar nao he embaraçar, antes pelo contrario he deſem-

deſembaraçar. He o que em outra materia diſſe hum Poeta fallando dos zelos, que eraõ *una imaginacion preñada, ſi ſon zelos, no ſon nada, ſi ſon algo, non ſon zelos.* Se explicaõ os Commentadores, naõ embaraçaõ a intelligencia; ſe a embaraçaõ, naõ explicaõ. Tambem aqui ſe queixa, que vio muitos Authores, e que naõ preſtavaõ. E quem lho diſſe, quando tal vez o achaque eſtaria da parte do que lia? Mas ſe era culpa dos livros, taes ſeriaõ elles, que falle muita verdade, que tambem amim me aconteceo o meſmo com eſtas ſuas Cartas, e tive paciencia, conſiderando que neſte mundo ha bom, e máo. Se diſſer o meſmo remoque contra eſtas Reflexoens, eu naõ lho poſſo impedir, diga o que quizer.

Neſta materia de Direito quiz tomar o trabalho de repetir hum largo catalago de Authores na materia, approvando huns, e reprovando outros, como lhe pareceo, e cuida que com iſſo nos poz de ré. Se eu quizera fazer o meſmo, mandava vir o Catalago da Livraria de Coimbra, e junto com o de outras, que aqui há, o afogava com livros, e lhe daria cento por hum. Tambem faz outra digreſſaõ muito comprida do eſtylo, que há em Roma para Advogados, Solicitadores, e Juizes, o methodo, com que trabalhaõ, e vaõ ſubindo. Paſſe tudo; mas que tiramos dahi? Nada mais, que ficar preſumindo, que já foy a Roma. Lá eſtudaõ as Deciſoens da Rota, que aſſim lhe ſerve, e cá os Areſtos: Lá tambem ſe revogaõ em hum tribunal as ſentenças do outro; na meſma Rota hoje ſe decide huma couſa, e daqui a tempos outra, porque *tot capita tot ſententiæ*; mas nada diſto prova, que naõ tenhamos cá bom juriſtas, *quod erat demonſtrandum.*

O modo, que aponta para ſe aprender Direito Civil, e Canonico, pode guardallo para quando fizer novos Eſtatutos da Univerſidade: em tanto lá ſabem o que devem ſeguir, e do modo que ſe uza, tem ſahido ſujeitos de grandes eſféras. Muito menos he neceſſario intimar aos Juriſtas a neceſſidade de aprenderem a lingua Grega, e hiſtoria Romana, e Eccleſiaſtica. O Direito Civil todo eſtá em Latim muito puro, e os Authores o explicaõ muito bem, e he o que ſobeja para ſe entenderem os textos, ou alguns ſejaõ na realidade antinomicos, como Sua merce define, ou o naõ ſejaõ, como querem os que ſe empenhaõ em os concordar, que he queſtaõ, em que vay pouco. Boa curioſidade he eſtudar as linguas, e hiſtorias, mas he impertinencia, que ſendo o Direito taõ vaſto, lhe queira pôr mais eſſes dous contrapezos taõ grandes, ſem ſerem preciſos para o intento. E ſe quer ver ſe tenho razaõ, ſuponha que hum ocioſo vertia eſte ſeu quaſi meyo baralho de Cartas em bom Francez; ſeria neceſſario que para ſe entenderem as muitas Leys, a que podemos intitular Novelas, que nellas promulga, aprendeſſe Portuguez qualquer Francez, que as quizeſſe eſtudar! Applique a paridade ao noſſo cazo.

O meſmo digo do eſtudo da hiſtoria. A Ley promulgada, e acei-

ta

ta obriga ao ſubdito em quanto ſe naõ abroga; e para obrigar tem mais força que ſeja de Juſtiniano, ou de Adriano! O ponto eſtá em ſaber o que ella manda, e que eſtá em ſeu vigor, para o que já ſe entende que foy ordenada por quem tinha authoridade legitima; porém que o Legiſlador foſſe Pedro, ou Sancho; que ſe promulgaſſe neſte, ou naquelle anno, nada faz ao cazo, como tudo o que diz neſta grande Carta. Perdoeme a confiança.

Quanto ao que em Carta ſeparada diz dos Canoniſtas, aſſeverando com a ſua coſtumada urbanidade que eſte Direito ſe naõ ſabe em Portugal, merece tanta fé, como em tudo o mais. Os fundamentos para provar o ſeu aſſumpto naõ apparecem, e aſſim naõ merecem nova Reflexaõ, e eſta baſta. Porém de paſſagem lhe encommendara, que ſe naõ canſaſſe muito em nos querer perſuadir, que o Author do Decreto nem era ſabio, nem deixa de ter muitos erros. Como ſabemos, que elle naõ tem mais authoridade, que a que lograõ os Authores, de quem tirou as ſentenças, diga o que quizer, e deſenfade-ſe com elle como muito lhe parecer; mas ſaiba, que Gregorio XIII. mandou expurgar os erros de Graciano, e que ficou coherente com os originaes de quem foy compilado.

Torna a encomendar aos Canoniſtas, que aprendaõ Grego, e hiſtoria ſagrada, e profana. He boa teima! Elles diráõ, que naõ querem, e que ſendo a Ley reveſtida das circunſtancias neceſſarias para obrigar, nada faz ao cazo, que ſeja mais deſte, que daquelle Papa. Diráõ que os Canones eſtaõ em bom Latim, e que para ſe entenderem he eſcuzado o Grego. Hum exemplo aclara muito. Houve na China hum grande Filoſofo, por nome Confuſio, que ſeguia a Ley natural, e foy o ſeu primeiro Legiſlador grandemente venerado hoje naquelle vaſto Imperio; andaõ as ſuas obras vertidas em bello Latim. Digame agora, ſe para eu entender as ſentenças deſte homem, tenho neceſſidade de aprender a lingua dos Chinas; porque conforme o ſeu conſelho me determinarey ao que devo fazer. O methodo, que dá para ſe aprenderem os Canones, lá o guarde para os ſeus ouvintes, que os da noſſa Univerſidade dizem, que o naõ querem ſeguir.

Naõ paſſe porém em ſilencio, hum cazo eſtranho, que ſucedeo ao noſſo Critico. Em huma das ſuas converſaçoens mais eruditas, que as noites Atticas de Aulo Gelio, diſſe a certa peſſoa, que a materia de Sacramentos era de Direito Canonico, e que o ouvinte naõ teve vergonha de dizer, que naõ era, mas que pertencia aos Moraliſtas. E naõ diz mais o cazo, que na verdade fará chorar as pedras. Mas ſe eu tiveſſe a fortuna de eſtar preſente, e diſſeſſe, que a materia de *Sacramentis*, que vem nos Canones era de Gramatica, tal vez diria, que naõ, e eu teimaria, que tambem lá pertencia, porque me naõ moſtraria nella palavra, de que naõ tratаſſem os Gramaticos; acodiria porém em ſua defeza dizendo, que naõ

he

he eſte o ſentido, em que ſe falla, e na verdade diria muito bem. Vamos agora ao ponto. Naõ há duvida, que no Direito Canonico, principalmente no liv. 4. vem alguma couſa dos Sacramentos; mas tudo o que lá anda comparado com o que trazem os Moraliſtas, he taõ pouco, que no ſentido ordinario tomada por inteiro a materia de *Sacramentis in genere, & in ſpecie*, com muita razaõ ſe diz pertencer aos Moraliſtas; e bem ſe vè nas largas materias, e queſtoens, que ſó a do Matrimonio faz hum grande volume: e ſe ninguem ſoubeſſe mais, que os puros textos de Sacramentos, que trazem os Canones, em muita couſa ſe acharia novo, e pouco ſaberia deſtas materias. Talvez neſte ſentido reſponderia o ouvinte; e quando erraſſe, naõ he bem cenſurallo com as palavras, *naõ teve vergonha*, que eſte eſtylo he mais para ruſticos, que para cortezaõs.

REFLEXAM XIV.

Da Theologia.

DEſculpa-ſe o Critico mór com o ſeu conreſpondente, por ter tratado com eſta reſpoſta; e ſe ainda continuaſſe na meſma demora, eſcuzaria o inutil trabalho, que tomou em a eſcrever. O que ſe deve ſentir he o dizer, que a naõ fizera mais cedo, porque padecera humas vertigens; eu o creyo, e neſta meſma Carta ainda naõ eſtava livre do achaque. Só pode ſervir de conſolaçaõ a eſperança de que ſarará deſta queixa, por ter acabado o trabalho deſta ſua grande Obra ajudado da eſpecial noticia, que tem da Medicina, eſpecialmente daquelle celebre remedio do oleo de nabos, de que fiz mençaõ na Reflexaõ duodecima.

Com grande fogo entra naſta Critica a deſtazer na Theologia eſpeculativa, como couſa, que naõ he de proveito, e que começou há pouco tempo; e que vendo o mundo as hereſias, que ſe levantavaõ, e que para as confutar era preciſo recorrer aos dogmas da Religiaõ, entaõ abrio os olhos, do tempo do Tridentino para cá, o qual diz elle, que acabou no anno de 1650. e eu que erra, porque foy no anno de 1563. Abrindo pois o mundo os olhos, começou a deixar a Theologia eſpeculativa, e a applicarſe, como antigamente fizeraõ o Santos Padres, á dogmatica, a qual diz que ignoraõ os Portuguezes; e dá logo por regra geral, que na Theologia ſe naõ inrroduza a razaõ natural, ſenaõ em quanto for admittida para explicar o dogma, e menos diſſo naõ tenha tal confiança. Para eſtabelecer eſta machina nos amofina a paciencia em contar huma hiſtoria lá do principio do mundo, e acabada ella, diz tres couſas notaveis: primeira, que os Santos Padres deſviaraõ Ariſtoteles da Filoſofia: ſegunda, que Bellarmino naõ ſolta bem os argumentos, que propoem nas ſuas Contro-

verſias

ſias por parte dos Hereges: terceira, que os Judeos tem fortes argumentos para protegerem o erro, em que vivem, e que para os ſoltar he preciſo que os Theologos ſuem pelo topete. Iſto he o que em compendio pude tirar da Carta, ou Cenſura; em que ſe occupou taõ grande talento.

Começando pela diviſaõ da Theologia em Eſpeculativa, e Dogmatica deve ſaber, que a Eſpeculativa hé mixta, e tem muita parte de Dogmatica; e daqui vem, que raro he o erro contra a Fé, que o naõ conheça quem for verſado na Eſpeculativa. Ella declara, o que a fé nos enſina na materia dos Sacramentos, ſuas materias, e formas contra os hereges antigos, e modernos. O meſmo ſe ve na materia da Trindade, e Incarnaçaõ, em que ſe acha o que neſta parte erraraõ os Arrianos, Neſtorianos, e outros. Na materia da Graça auxiliante enſina ſer neceſſaria para qualquer obra meritoria contra os Pelagianos, e Semipelagianos, como tambem eſtabelece os principios da liberdade, em que ſe deſcobrem os erros de Janſenio, Bayo, Queſnel, e outros ſeus adherentes; o que tudo ſe corrobora, com o que ſe enſina na materia de Graça ſantificante, e merito. Explica a natureza dos Anjos, declarando o ſeu ſer intellectual, e eſpiritual, e que nem ſaõ, nem podem ſer corporeos, como muitos imaginaraõ. Na materia de *Fide*, *Deo uno*, & *Attributis*, ſe deſcobre o engano dos Gentios em admitir muitos Deozes: nos actos humanos ſe dá huma larga inſtrucçaõ para ſe conhecer quaes ſaõ bons, e máos, e quaes ſe pódem viciar pelo ſeu motivo, e como ſe multiplica a ſua malicia, ou bondade, o que tudo moſtra como ſe deve diſcorrer com acerto contra os que ſe perſuadiaõ haver peccados inevitaveis: na materia de *Beatitudine* ſe refutaõ os que cuidavaõ haver neſte mundo verdadeira bemaventurança; quando ainda no conſtitutivo da natural naõ atinaraõ os Filoſofos; e aſſim diſcorrendo pelas materias eſpeculativas, ſe alcança ſerem muito graves, e dignas de ſe ſaberem as ſuas queſtoens.

Succederá a quem naõ tem eſtudado eſta faculdade naõ ſaber dar a razaõ de inumeraveis perguntas, que lhe podem fazer em couſas pertencentes á noſſa Religiaõ. Sirvaõ de exemplo eſtas: Se o Verbo divino he Filho, porque o naõ he o Eſpirito Santo; ſendo que a ambas eſtas divinas Peſſoas ſe communicam a meſma natureza; e porque ſendo todas iguais, o Pay mandou ao Filho ao mundo: *Miſit Deus Filium ſuum*; e mandou ao Eſpirito Santo em nome do Filho: *Quem mittet Pater in nomine meo*: e como ſe entende eſtar o Pay no Filho, e o Filho no Pay, ſendo Peſſoas realmente diſtinctas: *Pater in me eſt, & ego in Patre.* Que querem dizer aquellas palavras: *Spiritus ubi vult ſpirat*: e eſtas: *Quaretis me, & in peccato veſtro morieniini*, ſendo que Deos quer que todos os peccadores ſe ſalvem: *Nolo mortem peccatoris, ſed ut magis convertatur, & vivat.* Que quiz ſignificar S. Pedro quando diſſe: *Ut efficiamini conſortes divinæ naturæ.* Se a vontade de Deos he omnipotente, como pec-

cão os homens, naõ obſtante que Deos quer que naõ pequem. Se Chriſto he impeccavel, e teve preceito do Eterno Pay para morrer pelos homens, como morreo livremente porque quiz: *Oblatus eſt, quia ipſe voluit.* Se Deos he acto puriſſimo, e conhece, e quer por actos indiſtinctos, e que ſaõ o meſmo Deos, como póde ter actos de vontade livres, e de ſciencia contingentes; iſto he, que aſſim como quiz que naſceſſe Pedro, podia querer, que naõ naſceſſe; e aſſim como ſabe que Pedro morreo hontem, podia ſaber, que naõ morrera, ſe lhe dilataſſe a vida para hoje, e iſto tudo concordado com a immutabilidade divina: *Ego Dominus, & non mutor.* Pois a eſtas, e a muitas mais poderáõ dar alguma reſpoſta os que eſtudaõ Theologia eſpeculativa, e nenhuma daráõ os que a ignoraõ.

Louva-ſe a Filoſofia experimental pelo trabalho com que pertende alcançar alguns ſegredos naturaes, e ha de condenarſe, que os Theologos pertendaõ entender couſas mais graves, e reſponder a perguntas muito mais ſublimes? He boa occupaçaõ eſpecular a virtude do magnete, os lugares em que naõ aponta bem para o Norte, e inventar inſtrumentos para ſaber quantos gráos declina; ſubir, e deſcer montes para averiguar ſepeza o ar; entender a cauſa porque a agua ſobe na bomba; correr o mundo para ver ſe o globo terraqueo he eſferico, ou ovado, e ſemelhantes curioſidades; e porque naõ ha de ſer occupaçaõ digna de hum bom diſcurſo eſpecular queſtoens, que ſe vem para melhor intelligencia das que pertencem á noſſa Fé? He boa cegueira, querer que ſe fizerem a hum Theologo as ſobreditas perguntas, haja de dar a reſpoſta, que daria hum ruſtico, que ſó trata de lavrar o ſeu campo!

De tudo o que fica dito ſe vê o erro, em que tropeça o Senhor Critico, querendo dizernos, que a Theologia eſpeculativa he moderna, ſendo taõ antigua a dogmatica pura. Chamo-lhe dogmatica pura, porque eſta ſó tem por objecto defender os dogmas, ſoltando os argumentos, de que ſe valem os hereges, diſtinguindo os Concilios legitimos dos que o naõ ſaõ, explicando o ſentido em que fallaraõ as Eſcrituras: a eſta pertence dar razaõ das tradiçoens Apoſtolicas recebidas como taes pela Igreja, e uzando das definiçoens Pontificas; porque em todas eſtas couſas ſe achaõ as armas, com que nos defendemos dos herejes, e moſtramos os erros, que inventaraõ contra a Fé; e pare eſta Theologia he que ſerve a hiſtoria Eccleſiaſtica, que a Civil de pouco lhe ſerve. Para eſte eſtudo naõ faltaõ Authores, que trataõ perfeitamente Controverſias, imitando os Santos Padres antigos, ainda que eſtes naõ trazem todos os erros confutados, mas os que tomaraõ por aſſumto particular, como Santo Agoſtinho contra Pelagianos, e Semipelagianos, S. Jeronimo contra Vigilancio, S. Ildefonſo contra Helvidio, os Santos Irmaõs Leandro, e Iſidoro contra os Arrianos, que occuparaõ Heſpanha. Dos controverſiſtas modernos Becano, e

o Pa-

o Padre Fontana contra Quelnel, e por final que ſe naõ vale pouco da Theologia eſpeculativa; e ſobre tudo o doutiſſimo Cardeal Bellarmino.

Nem ſe deve fazer caſo de dizer o Critico, que eſte Author expoem fortes argumentos, mas que lhe naõ dá cabal ſoluçaõ; porque como os herejes ſe naõ coſtumaõ dar por convencidos, diráõ eſſa patranha em abono dos ſeus vaõs fundamentos que ſaõ os argumentos, que contra ſi propoem, e ſolta eruditamente. Tal vez que o Critico leſſe o que diz em algum livrinho dos que ſaõ feridos de hereſia, e ſem advertir, uſou delle para dizer mal (*ut ſuus eſt mos*) de Bellarmino. E ſe queria provar o ſeu dito, devia apontar, qual era o argumento, que eſte Eminentiſſimo naõ ſolta bem; o mais he fallar no ar. O certo he, que o ſeu livro deu tanto cuidado em Inglaterra, que já era commum perguntar a quem viaõ penſativo, ſe cuidava alguma couſa contra Bellarmino.

Tornando ao ponto da Theologia eſpeculativa; ella começou no principio da Igreja aſſim como a dogmatica; eſta vay creſcendo ao meſmo paſſo, que ſe levantaõ novos erros, que confutar; aquella ſe augmentou, tanto por confirmar com razaõ a ſolida doutrina da Igreja, como por tratar com muita curioſidade, e pezo de bom diſcurſo muitas queſtoens eſpeculativas. A dogmatica para ſe defender de qualquer erro velho, ou novo, ſempre tem promptas as armas nas definiçoens da Eſcritura ſagrada, da Igreja, e Tradiçaõ Apoſtolica, das quaes ſe valem os Santos Padres, e valeraõ os Theologos nos Concilios Florentino, Tridentino, e outros, e os eſtudioſos modernos de todos eſtes monumentos tiraraõ, e ajuntaraõ o que poderaõ em hum ſó corpo dividido em varias. O meſmo fizeraõ os Eſpeculativos ſeparando com grande eſtudo o que pertence a cada materia, tirando muita parte do que acharaõ diſperſo nos Santos Padres, e muita no que liaõ nos antigos, e amplificando tudo com metodo eſcolaſtico.

He paſmo ler a ſegurança com que eſte Critico affevera, que ha pouco tempo começaraõ a apparecer as que chama ſutilezas, e galantarias da Eſcola, como ſe foſſem couzas deſpreſiveis: e muitas vezes repete por exemplo de novidade a queſtaõ do *Principio quo in Divinis*. Mas he porque naõ ſabe, que eſta meſma queſtaõ em termos ſe tratou no Concilio Florentino, onde o Theologo Latino defendeo conſiſtir no relativo, e o Grego no abſoluto, dizendo: *Principium autem quo eſt illud, quod communicabile eſt.* Bem eſpeculativa he a queſtaõ da Sciencia de Deos á cerca dos futuros contingentes condicionados, da qual falla Santo Agoſtinho, S. Anſelmo, e outros SS. PP. como bem prova Molina *in Concordia*: e quem lê com cuidado os Authores Theologicos a cada paſſo encontra allegados os SS. PP. Verdade he, que elles naõ trataraõ as materias *ex profeſſo*, e ſuppunhaõ muitas couſas, que de paſſo tocavaõ: os AA. modernos trabalharaõ em ir ajuntando o que acharaõ nelles, e adiantando varias queſ-

toens para darem completa noticia de tudo o que podía pertencer a eſtas materias.

Entre todos com razaõ he celebrado S. Thomaz, moſtrando, que o Syſtema Ariſtotelico ſe ajuſta melhor com os dogmas da Religiaõ, que naõ he pequeno louvor deſte Principe dos Filoſofos, e fundado o Santo neſtes meſmos principios naturaes, eſcreveo contra Gentes. Antes do Doutor Angelico ſe viaõ já muitas materias Theologicas coordinadas por Filippe Veloboacenſe. Thomaz Anglico, Alexandre de Ales, e Meſtre das ſentenças, ainda que naõ com tanta clareza, e digeſtaõ como as poz o Santo, e Eſcoto, que foraõ dous luzidiſſimos engenhos, e ſempre applaudidos entre os doutos, que os que naõ o ſaõ, tem liberdade para dizerem o que quizerem.

Demos porém de barato, que a Theologia eſpeculativa começaſſe ha poucos ſeculos. Se o mundo abrio os olhos ha menos tempo; como Sua merce diz, para a Filoſofia experimental, e para muitas outras couſas de menos entidade, porque os ha de ter tapados, para naõ olhar para as eſpeculaçoens da Theologia! He querer hum Santo para ſi, e outro para os mais.

He bem, que ao menos de paſſo advirtamos em huma propoſiçaõ do Critico. Diz que os Santos Padres deſviaraõ a Ariſtoteles da Filoſofia. Supponho ſer certa a noticia; mas de que Theologia o mandariaõ deſviar? Naõ he crivel, que o mandaſſem deſviar da dogmatica, porque della andava elle bem longe por Gentio, e naõ ter luz alguma da noſſa ſanta Fé; aſſim como ſeria couſa de riſo, ſe alguem mandaſſe deſviar os ruſticos das reſoluçoens demonſtrativas dos Mathematicos. Fica logo correndo de plano, que o mandaraõ afaſtar da eſpeculativa, o que bem concorda com o que diz em outra parte, que hum Author julgara, que S. Thomaz peccou, porque na ſua Theologia ſeguio Ariſtoteles. Mas daqui ſe infere com toda a evidencia, que já no tempo dos Santos Padres ſe tratava da Theologia eſpeculativa, porque naõ queriaõ que Ariſtoteles entraſſe nella. Tirelhe lá a prova.

Quanto á ſua Ley, em que ordena, que na Theologia ſe naõ introduza a razaõ natural, ſalvo ſe for neceſſaria para explicar os dogmas, naõ eſtamos por ella, por ſer feita ſem ligitima authoridade, e tambem ſer contra a meſma razaõ. Com que juſtiça ſaõ obrigados os Theologos a trazerem ſempre prezo o ſeu entendimento, para naõ diſcorrerem em couſas, que naõ ſaõ de Fé? Sem duvida que naõ he de Fé ſe o habito da charidade he diſtincto da graça ſantificante; ſe neſta vida mortal teve algum Santo viſaõ beatifica; ſe o motivo adequado da Incarnaçaõ foy ſómente a redempçaõ do peccado, e outras ſemelhantes. Pois que razaõ ha, para que o Theologo, ſupoſtas as verdades da graça, viſaõ beata, e Incarnaçaõ, naõ poſſa diſcorrer naquellas queſtoens? Saõ melhores as eſpe-

peculaçoens da bomba, pezo do ar, e a ſua elaſticidade? He melhor eſtudar por Origenes, como nos encomenda, cheyo de hereſias, e ver os Authores hereticos, para tomar delles o methodo? Aqui he, que ſe póde beber o veneno.

Tambem pertende meter medo aos Tgeologos, com dizer, que os Judeos allegaõ fortiſſimos argumentos para protegerem a ſua perfidia; e que naõ baſta ſaber o texto das hebdomadas de Daniel para os convencer. Até agora ninguem lhe diſſe, que os Theologos julgavaõ baſtar aquelle lugar da Eſcritura para convencer os Judeos. Todo o Teſtamento velho declara os paſſos da vida, e morte do Meſſias, taõ claros, que ſó a perfidia muito propria daquella naçaõ os pode negar; nem para iſſo he neceſſario recorrer ao Talmud, baſtaõ os muitos livros que ſe eſcreveraõ doutiſſimos Theologos, e entre elles naõ deve ter lugar inferior o Padre Pinamonte. Mas tambem accreſcento, que o texto das hebdomas he irrefragavel para quem quizer advertir, que os mais ſabios Rabinos do principio da Igreja todos por ellas lançaraõ as contas á vinda do Meſſias, e ſe naõ concordaraõ com as dos Chriſtaõs, nenhum delles eſtendeo as taes hebdomadas até o noſſo tempo, e a deraõ muito a traz. Daqui ſe ſegue, que ſe erraraõ aquelles, ſendo mais ſabios, muito mais ſe enganaõ os Judeos deſte tempo influidos nos ſeus tratos, e contratos.

Finalmente depois de eſfogado (palavra ſua) o furor contra os Theologos, talvez por eſcrupulo, que lhe ſobreveyo, ou porque ſe achou com melhoria das vertigens, lá para o fim da ſua Critica, ſe vay deſdizendo pouco a pouco, como ſe moſtra da ſua pag. 184. *& ſeqq.* onde já vay admittindo Eſcolas Media, e Thomiſtica &c. e já dá licença que ſe dictem materias eſpeculativas, o que muito lhe agradecemos. Boa he a reſtituiçaõ, e mais vale tarde, que nunca.

REFLEXAM XV.

Da inſtrucçaõ para Confeſſores, e mulheres.

DEpois de fazer na ultima Carta hum compendio de todas as paſſadas, para que as ſuas celebres ideas nos ficaſſem mais fixas na memoria, finalmente com toda a charidade dá hum par de conſelhos aos Confeſſores, encommendandolhes muito, que naõ eſtudem Moral por Caſuiſtas, porque eſtes naõ daõ razaõ do ſeu dito: ſuponho, que nunca os leo, e quer que eſtudem pela ſua Ethica; para iſſo bom he, que a dê ao prélo, que tará hum bom gaſto. Em quanto porém ſe naõ imprime, tratem os Moraliſtas em ſe inſtruir bem no Moral, para o que tem bons livros, huns que trataõ magiſtralmente as materias, outros que compozeraõ excellentes Summas; e naõ ſe deixem enganar deſtas Idéas novas, porque ſe ſe meterem com ellas, nada ſaberaõ. Quan-

Quanto aos axiomas que dá ás mulheres para ſe governarem bem, naõ me meto niſſo, porque ſempre ouvi dizer, que naõ era prudencia intrometerſe a governar caſas alheyas; e ellas ſe querem, bem o faraõ, porque nunca ouvi, que houveſſe tolo para a ſua conveniencia; e ſe ellas naõ querem acudir ao governo das ſuas caſas, nada valeráõ os ſeus conſelhos. Diz que tem grande capacidade para comprehenderem as ſciencias, porque as ſuas almas ſaõ da meſma eſpecie, que as noſſas. E quem pode duvidar da ſua grande capacidade, e engenho? O ſerem da meſma eſpecie, para mim he certo; mas naõ faltará alguma Filoſofia moderna, que lhe dé na cabeça pollo em duvida. Floreceraõ muitas doutiſſimas, e baſta por todas S. Catharina de Alexandria, e na myſtica S. Tereſa de Jeſus. Ainda digo mais, que tambem ſaõ capazes de governar exercitos, como foy em França a Donzella de Orleans, e deu bem que fazer aos Inglezes: poucos annos ha, que andou huma na India militando em trages de homem. A antiguidade muito celebrou as Amazonas guerreiras, e a ſua Commandante Penthiſilea.

Como porém ſe devem occupar em bordar, e outras obras manuaes, e ſobre tudo em governar ſuas caſas, e na educaçaõ de ſeus filhos, pouco tempo lhes pode ficar livre para eſtudos, ſalvo ſe forem Senhoras da primeira eſféra: mas quem ſe ha de atrever a lhes dar leys? Eu naõ tenho tanta confiança como o Critico mór, ſó lhe lembrara, que enſinaſſem ſeus filhos a ſerem devotos dos Santos do ſeu nome, e os tomaſſem por ſeus advogados, e exemplares, pelos quaes regulaſſem as acçoens da ſua vida. A recomendaçaõ, que lhe dá de ſaberem dançar minuetes, ſeja boa, ou má, naõ decido; porém a razaõ, que para iſſo aponta, naõ preſta, que diz ſer para naõ andarem corcovadas. Outras couſas ha, que melhor podem endireitar as coſtas; mas quizera ſaber; ſe as antigas, quando naõ haviaõ minuetes, eraõ corcovadas, porque iſſo ſaberá Sua mercé dizer, como taõ verſado na hiſtoria antigua.

Aqui tem Voſſa Charidade o que me occoreo ſobre as novas Idéas; muito mais podia dizer, ſe me lembraſſe o muito que lá ſe diz; porém eſqueceo-me, porque tenho fraca memoria. Deos guarde a V. Charidade, e o livre de ſemelhantes Idéas &c.

FIM.

RESPOSTA
AS REFLEXOENS,

Que o R. P. M. Fr. Arſenio da Piedade Capucho fez ao Livro intitulado :

Verdadeiro metodo de eſtudar.

Eſcrita por outro Religioſo da dita Provincia para dezagravo da meſma Religiam, e da Naſam.

VALENSA

NA OFICINA DE ANTONIO BALLE.

ANO MDCCLVIII.

COM TODAS AS LICENSAS NECESARIAS, &c.

ANGLIA.

RESPOSTA
AS REFLEXOENS
Que o R. P. M. Fr. ARSENIO da PIEDADE Capucho fez ao Livro intitulado:

Verdadeiro metodo de eſtudar.

M. R. P. Frey ARSENIO, irmam, e diſcipulo muito amado em Jezu-Criſto. Eſcrevo eſta carta por zelo da gloria da noſa Religiam, e da Naſam, que vejo injuriadas com eſta Apologia, que tendes publicado contra o *Novo Metodo*. Eſtam paſmados os noſos Religiozos, que ſendo vós um Religiozo tam moderado, e prudente, caiſeis neſta ſimplicidade, e imprudencia: nam lhe chamo malevolencia, porque ſei, que pecaſtes por ignorancia. Mas ſabei, que aquilo que eſcreveſtes com zelo imprudente, na boca de outro ſeria a maior malevolencia do mundo. Os dias paſados eſtando nos na cela do P.*** com os PP.*** ſe examinou atentamente eſta voſa Apologia, e me pediram, que por credito da Serafica, e da verdade vos diſeſe o que julgam os omens doutos, e vos deſpertaſe deſe Letargo, em que repouzais.

Quem vos meteo, Fr. Arſenio, a falar em materias, que nam entendeis? em materias, que cadauma delas podia ocupar um grande omem toda a ſua vida? materias, que pediam outra capacidade, outra doutrina, outro criterio, outra eloquencia, e elegancia, que vós nam tendes? Sim, Fr. Arſenio, capacitaivos de que nos tendes envergonhado, que toda a noſa Religiam eſtá eſcandalizada, e ainda toda a Naſam picada deſte voſo arrojo. Faltava ca gente, que eſcreveſe neſta materia? nam havia aquí tantos Religiozos capazes de dizerem o ſeo parecer? nam ouviſtes vos dizer, que um omem douto ſecular eſtava reſpondendo a parte deſta obra? Eque dou-

doutrina tendes vós para saír a campo contra um omem de semilhante erudisam? e que dirá o Autor, se lhe chegar à noticia, que respondestes desta maneira? Será posivel que tenhais o atrevimento de dizer, que estudastes todas as materias, que o Critico trata? ou a vaidade de afirmar, que as sabeis, nam digo eu com fundamento, mas ao menos superficialmente? E se nunca as estudastes, nem sonhastes estudalas, com que cara vos atreveis a falar nelas? com que confiansa abriz boca em materias, que nunca vistes? que omem prudente poderá aprovar esta loucura.

Mas eu vos quero dar de barato que diseseis verdade: quem vos manda apartar bulhas, que vos nam pertencem; e apartalas desorte, que ficais pior doque os duelantes? Alem diso, onde aprendestes este modo de criticar? Vòs chamais-lhe satirico, e a cada paso lhe fazeis uma satira. Toda a vosa critica é uma invetiva continuada, e a mais injurioza, que eu ainda vi. Mil vezes lhe chamais ignorante, prezumido, tolo, atrevido, e coizas semilhantes, que estavam milhor na boca de um Lacaio, que de um Religiozo. Se o omem é satirico, para que o dezenquietais? Nam sabeis vòs, que estes negregados estrangeiros, quando se vem provocados, sam terriveis? E se o Barbadinho, vendo que todo o trabalho, que tem feito em obzequio dos Portuguezes, nam so é malogrado, mas satirizado; e que em vez de galardam, nam acha senam vituperios; fizer algum dezatino; tendes vòs forsas bastantes para o reprimir? se o omem escrever contra vòs pesualmente, e vos descobrir a toda a Europa; achais-vos com poder bastante para lhe tapar a boca a elle, e aos seos amigos, e fautores? creio que nam: poes devieis ter previsto isto muito antes.

Eu ouvi dizer, que este *Metodo* ja se achava traduzido em Italiano, e que brevemente se traduzia em Francez: e que achàra grande aceitasam nos omens doutos daquellas Nasoens, e nas suas Universidades, porque abrasavam os mesmos principios, e opinioens: E quereis vòs agora que os Barbadinhos traduzam as vosas Reflexoens nas ditas Linguas, ou na Latina; e as distribuam pelos Jurnalistas da Europa, e vos fasam ridiculo, e a todos os vosos sequazes em todo o mundo literario? Poes isto facilmente vos pode suceder. Ca achareis algum protetor, mas fora daqui todos vos farám justisa: e a vosa insuficiencia, que ate aqui estava oculta nos claustros da nosa Religiam, se fará patente a toda a Europa com discredito da nosa Religiam, e da Nasam.

Quando eu estava em Italia, onde me demorei algum tempo, quando fui comprir o meu voto a Jerusalem, sucedeo um cazo semilhante. O P. Cordara Jezuita compoz em Florensa varias satiras Latinas anonimas com estilo tam culto, que parecia do seculo de Augusto. Mas satirizando nelas com mais liberdade alguns omens doutos; estes saíram com a famoza satira *Menippea*, e lhe fizeram tais comentos, que puzéram à vista todos os podres das Provincias da Companhia em Italia. E a tempestade creseo

de

de sorte; que foi necesario, que o Papa proibise ambas as satiras de *Cordara*, e *Menippea*. E me dise um douto Jezuita meo amigo, que como em todas as Religioens, por altisima promisam de Deos, avia bom, e mao, nam deixou com esta satira de padecer muito o credito da Companhia. E se uma Religiam tam esclarecida como esta padeceo algum eclipse com a dita satira; que será se o Critico toma a pena, e comesa a referir todos os podres meus, vosos, e de toda a nosa Religiam? que creio o pode fazer Limpamente, porque se mostra bem informado.

Lembrame a este intento, que o P. Jeronimo de Castilho, que morreo em S. Roque no anno 1730. e tinha estudado Teologia em Italia, sendo acuzado perante o seo Geral, de ter em um sermam de S. Quiteria feito uma tremenda satira contra um Superior da Companhia; o P. Castilho para se defender traduzio o sermam em Latim, Francez, e Italiano, e juntamente com o original os mandou a Roma. O P. Geral, que entam era o discretisimo Miguel Angelo Tamburini, examinando o sermam, e descuberta a malignidade dos invejozos, depoes de os reprehender vivamente, acrescentou estas palavras: *Utinam omnes sic prædicassent*! O cazo é publico entre os Jezuitas.

Tenhamos na memoria o dano, que cauzou à onra da Nasam o livro, que imprimio em Inglaterra o Marechal de Schomberg: quando descontente do pouco premio, que tiveram os seos servisos em Portugal, se foi para Inglaterra, acabadas as guerras da Aclamasam: pois por cauza do tal livro as ultimas istorias impresas nos Reinos Estrangeiros atribuem ao tal Schomberg o restablecimento da Coroa Portugueza: *Actum de Lusitanis videbatur, nisi ipsis Schombargius contigisset, qui fortitudine, & prudentia sua rem restituit.* (1) Pasando eu por Genova encontrei um Cavaleiro Flamengo de Gante omem doutisimo, o qual desfazendo na Nasam Portugueza dise, que despoes do reinado de D. Joam III. nam tinhamos feito nada de bom, nem tido omens, que prestasem para nada. Respondi eu, que nam era asim; pois nas guerras da Aclamasam tinha avido grandes Generais, e entre eles D. Joam da Silva, que foi pedido por Luiz XIV. para general da sua Cavalaria. A isto deo o Flamengo uma grande rizada: *Como*, dise, *se o Marechal de Schomberg, quando chegou a Portugal, pedindo aos vosos Generais as plantas militares dos confins do Reino, nem menos estes entenderam o que pedia? Como podem saber os Portuguezes a arte militar, se ignoram os primeiros principios dela, como evidentemente prova o mesmo Schomberg no livro que imprimio das campanhas de Portugal?*

Foi ingrato certamente Schomberg às finezas, que os nosos lhe fizeram. Mas algumas particulares injurias o escandalizaram de sorte, que publicou em outras partes os podres da Nasam. E asim nam é prudencia responder com mordacidade a animos irritados: porque vendo-se ofendidos

(1) *Append. Ration. Petavii cap.* 3.

da malevoleneia, e inveja de quatro particulares malignos, podem dar em algum extremo, que produza muito maos efeitos. E por iſo vos digo, que era muito mais acertado, nam vos meter em um doelo, onde nam ereis chamado, e de que nam podeis ſaîr bem, e que pode ter para vòs funeſtas conſequencias. Nam julgueis que vos digo iſto por mal: mas cortame o coraſam ouvir o que dizem os imparciais deſtas voſſas Reflexoens: e que tendo vos tam bom conceito de moderado, e entendido, o perdais, ſendo oje a fabula da Naſam. Vos nam aprendeſtes ainda o modo de fazer boa figura quem tem pouca erudiſam. Devieis nas converſaſoens eſtar calado, e com ſezudeza magiſtral: abanar de quando em quando a cabeſa: um rizozinho ſeco nas ocazioens: nunca ſaîr do prologo dos livros: e elogiar muito aqueles, que vos podem exaltar. Mas pegar na pena, de nenhum modo: porque a pena moſtra quanto vale o omem.

Emfim a pedrada eſtá atirada. O que daqui ſe ſeguirá nam ſei eu. No em tanto para vos moſtrar a voſa ſemrazam, farei algumas Reflexoens ſobre as voſas Apologeticas: e repetirei algumas couzas mais neceſarias, que ſe diſeram na dita converſaſam. O que tudo deveis aceitar como conſelho de quem foi voſo Meſtre, e como ſinceridade de um bom amigo, e confrade.

REFLEXAM I.

Da qualidade do Autor.

ENtrais vòs com grande curiozidade a examinar ſe o Author é *Barbadinho*, Que importa iſto para o merecimento da obra? ſeja Turco, ou Perſiano, reſpondei vòs aos argumentos, que tudo o mais é perder tempo, e enganar o mundo, dizendo que dezagravais a Naſam. Pareceiſme com o P. San Felice Jezuita Napolitano, que ainda vive, o qual querendo confutar a Iſtoria do famozo *Pedro Gianone*, plantou eſtas duas propoziſoens, 1. *Gianone é eſpurio*: 2. *Gianone é concubinario*: e dilatouſe muito em provalas. E ainda agora os Literatos Italianos ſe eſtam rindo da puerilidade do Autor, e o livro teve tal gaſto, que foi neceſario mandalo às tendas para embrulhar adubos.

Mas o que tem mais graſa é a primeira prova, que dais: *As cartas contem noticias modernas; e aî nam á memoria de doutor Barbadinho Italiano; logo nam é barbadinho.* O Barbadinho pode replicar: Nas voſas Reflexoens contem-ſe noticias de Franſa, de Roma &c. La nam á memoria de Fr. Arſenio: Logo nam á Fr. Arſenio no mundo. E notai de caminho que é falſo que o Barbadinho diga que foi Doutor, ou que eſteve em Coimbra: e aſim o que dizeis, nam ſò é ridiculo, mas caluniozo.

Dizeis que *é maſcarado*, e quereis tirarlhe a maſcara, Irmam Arſenio,

nio, iſto é contra a caridade: ſe vós ſupeitais, ou com razam, ou ſem ela, como eu entendo, que o autor ſe cobrio, onde vos enſinam os mandamentos, que ſe pode deſcobrir ſem injuria? ſe vós tiveſeis tratado mais Religiozos, e lido mais Livros Eſtrangeiros, vericis que em Italia os meſmos Capuchinhos criticam com Largueza. Deſorte que eu nam vejo alli couza alguma indigna de um Barbadinho, muito mais conſiderando que ſam cartas familiares.

Chamais ſatira à dedicatoria. Ah tal cegueira! A dedicatoria é um dos maiores, e mais bem feitos elogios, que eu tenho lido. Vós aſentaſtes que era ironia, ſem mais fundamento, que parecervos, que o omen ſe retratava. Aquilo é uma figura de Retorica muito praticada nos elogios. Alem diſo a dedicatoria é de um, e as cartas de outro. Os Religiozos Jezuitas nam ſe queixam, e com que razam vos queixais vós, e dizeis improperios ao Autor? Se o Autor ſe explica na primeira carta, e em toda a parte fala dos Jezuitas com reſpeito, porque nam vos ſerviz da explicaſam do Critico?

Em toda a obra ſe louvam os Jezuitas: reprovaſe ſomente o ſeo metodo. Iſto nam é chamarlhe nomes injuriozos: de outra ſorte todo o mundo Literario ſeria ſatirico. Temos por ventura alguma propoziſam condenada de Janſenio, para nam dizer mal do metodo de uma Provincia da Companhia? Iſo dizem em Roma todos, e com tal Largueza, que nam ſe conſentiria aqui em Portugal. Dominicanos modernos, Padres das Eſcolas Pias; Padres Somaſcos, de S. Franciſco de Paola, Benedictinos, Celeſtinos, e os noſos Obſervantes ouvi eu em Roma nas ſuas oraſoens *de ſapientia*, dizerem raios dos eſtudos da Companhia, e conſervo ainda algumas impreſas, que ſe for neceſario, publicarei: e contudo ninguem lhes chamou ſatiricos.

Quando o P. Concina Dominicano, que aſiſte em Roma, eſcreveo contra os Moraliſtas da Companhia, nomeando muitiſimos, e moſtrando os danos, que nacem do ſeu Probabiliſmo; ou quando averá trez anos o meſmo P. confutou o livro do P. Benzi Jeſuita, que defendia, *que ſe podiam tocar os peitos das mulheres ſem peccado, ſepoſito periculo*: que rezultou daqui? foi caſtigado como ſatirico pelo Papa? nam ſenhor: antes foi muito lovado, e o livro do P. Benzi proibido tambem com rigoroſas penas, que nenhum ſe atreveſe a defender em eſcrito o livro de P. Benzi; e um, que o quiz defender, foi caſtigado.

Alem diſo, eſa meſma liberdade tomam os PP. da Companhia. O P. *Contzen*, que o Critico cita, diz raios contra os Advogados, e Juriſperitos &c. O P. *Marianna* Jezuita Eſpanhol diz coizas terriveis dos Eſpanhoes do ſeu tempo. O P. *Alberto de Albertis* reprova todos os Retoricos, e quer reformar todo o mundo Retorico: e muitos outros Jezuitas, que podia citar. A iſto chamais vós Critica; e ao que o Barbadinho diz, ſatira? verdadeiramente entendeis bem o ponto.

Da-

Daqui ſaie a repoſta ao que o Barbadinho diz de Eſcoto, Soares, &c. Irmam Arſenio, uma coiza é *ſatira*, e outra *critica*. A ſatira vai dirigida aos coſtumes, e ridiculiza os omens reſpetivamente aos ſeus vicios do corpo, e do animo. Aſim o entendem todos os que ſabem que coiza é ſatira: e eſpecialmente os Jezuitas, que ſabem mais que vós. *Satyra eſt poema jocoſum, liberum, aculeatum, ad reprehendendos, corrigendoſque mores corruptos*: aſim a define com os bons poetas o P. *Jouvency* Jezuita: e acreſcenta, que *debet exagitare inertes, paraſitos, deformes, loquaces, ingratos, ambicioſos, prodigos, avaros*, &c. Iſto é ſatira. A critica pelo contrario nam toca nas peſſoas, mas nas aſoens do entendimento, moſtrando o bom, e condenando o mao, paraque o evitemos. E iſto praticam oje os omens doutos em toda a parte culta, qual mais, e qual menos, conforme a eficacia de cadaum. Iſto é critica.

O Critico em nenhuma parte toca nos coſtumes, mas na doutrina, e metodo, que eſe é o ſeu argumento: (e ainda o que diz na Etica é para provar a neceſsidade dela,) e nam podia provar os defeitos ſem citar os milhores Autores, porque eſes ſam os textos. A palavra mais alterada que lhe acho é, *ridicularia*, *ignorancia*, *parvoice*, &c. falando de obras publicas. Alem diſo, unde viſtes que o enſinar aos omens o bom metodo em tudo ſe chame ſatira? Somente vós, e outros ſemilhantes lhe chamam aſim.

Satira é o que vos fazeis a cada paſo, ſaîndo do argumento Literario para ſatirizar os coſtumes, e a peſoa. Dizeis *que ouzadamente ſatiriza: que o maldito do livro redunda em diſcredito do ſeu Autor: que nam quereis tanta ſoberba nos noſos conventos.* (1) *que dá admiraſam ver a audacia, a vaidade: que critîca com fatuidade: que nam é firme na fè,* (2) *que é invejozo, arrojado, deſcortez, ſoberbo, vaidozo, e deſprezante.* (3) *que ſatiriza toda uma Naſam.* (4) *que diz mil diſparates juntos.* (5) *que o omem é inſigne em bazofias, e que fala com dezaforo.* (6) *que fez uma ſatira bem deſcomedida.* (7) *que as ſuas cartas dizem parvoices em toda a materia: que o ſeu aſunto conſiſte em dizer mal: que o Critico, ſem ſer letrado, cenſura tudo.* (8) *que dezejais que tenha mais virtudes, umildade, caridade, modeſtia no falar: que nam tenha ſoberba, inveja, jatancia, vaidade, deſprezo do proximo,* (9) *que diz mal de S. Thomaz, Eſcoto, Camoens, Vieira, &c.* (10) *que comeſa uma ſatira com extraordinaria ouzadia: que tem vaidade, e mal fundada prezunſam, e parece mentecapto,* (11) e outras coizas ſemilhantes, que ſe acham nas voſas Reflexoens. E vós ſois o que nos pregais miſam? ora ide veſtir outra ſobrepeliz.

Direis vós que aquilo ſam bagatelas, de que ninguem ſe deve eſcandalizar. Bagatelas? iſto é uma ſatira das mais deſcortezes, que eu tenho lido.

(1) *Pag.* 2. *das Reflexoens Apolog.*
(2) *Pag.* 3. (3) *pag.* 5. (4) *pag.* 9.
(3) *Pag.* 10. (16) *pag.* 14. (7) *p.* 21.
(8) *Pag.* 37. (9) *pag.* 38. (10) *Pag.* 40. (11) *pag.* 42.

do. Senam vede. Suponhamos que o Barbadinho para se vingar fingia um omem imaginario mui direito, mui empanturrado, sem saudar ninguem, asoprando sempre, cheio de almiscar, todo metido a bazofia, e palaciano para ter estimasam, dando rizadinhas sardonicas, afetando superioridade de doutrina, sem saber mais que quatro postilas bem surradas, sem ter fidelidade a ninguem, cheio de uma ambisam desmarcada: e disese que este retrato era *vera effigies* vosa. Dirieis que era grande injuria: e com razam, porque vós nam tendes nenhum destes defeitos. Comtudo cadaum deles nam é cousa grande; e em um secular Englez, ou Olandez nam estaria tam mal: mas postos juntos em um Religiozo, mostram que nam tem cater de Religiozo. Da mesma sorte as couzas, que dizeis, aindaque sejam leves, aplicadas a um Religiozo sam de grande dezonra.

Verdadeiro cater de Fr. Arsenio.

Se andastes no pateo de S. Antam, porque nam aprendestes daqueles doutos, e pios Religiozos, aquela maxima, que ensinam aos seus estudantes, de nunca argumentar com palavradas, nem ofender ninguem com a expresam? Porque nam aprendestes de Soares Granatense, que tanto loutastes a cortezia do doutisimo P. Daniel Jezuita, quando disputava com o seu famozo Antagonista Natal Alexandre. O certo é que vós daquela exemplarisima Comunidade nam aprendestes nada bom.

Nam á mais ridicula ilasam, que aquela vosa: *Critica a doutrina de S. Thomaz; Logo critica a inocencia.* Irmam Arsenio, estudai um bocadinho mais de Logica, que tendes necesidade diso; e adverti, que ninguem deve ser condenado por consequencias sem conexam: e nem menos pelas que tem conexam, se ele constantemente as nega. Isto é o que ensina a Logica moderna, e isto é o que vós nam sabeis, porque nam a lestes.

Queixaisvos que o Barbadinho diga, *que seria justo se cersesasem alguns privilegios, que se tem concedido às Religioens, porque de alguns tem cesado os motivos.* Nisto nam diz o Barbadinho mais, que o que esta fazendo Roma todos os diar: que por conhecer que nam existem ja os motivos, porque se introduziram varias Religioens, as tem aniquilado, ou secularizado; e nam uma, ou duas; mas muitas mais, e alguma delas em Portugal, cujas rendas pasáram para os Jezuitas. E se vós perguntares a estes PP. se foi bem feito, diram que sim. E asim nam tendes que replicar. Alem diso todos os dias se estam secularizando Conventos, e Religioens, e prezentemente algumas Abadias em Fransa por graves motivos, que eu sei. Outras reformamse, e se lhes diminuem as muitas liberdades, que tinham uzurpado contra a jurisdisam Ecleziastica, e que ja tinha em virtude de uma *centenaria*, ou *imemorial* (se é que entendeis estes termos) prescrito contra a lei. E o mesmo se podia fazer a outras muitas, que eu sei. E nam era isto uzurpasam? E como todos os privilegios dos Regulares sejam *vulnerativos do Direito*, neste sentido se podem chamar uzurpasam.

De

Demais temos o exemplo bem freſco nas Indias. Tinham alguns Miſionarios na China, e Malavar com eſtranha Dialetica unido os ricos Idolatricos com os Catolicos: cuja temeridade deſde o ano 1645. tinha Inocencio X. reprimido com excomunham. Depois de infinitas contendas, e proîbiſoens de varios Papas, Benedito XIV. confirmando o Breve *Ex illa die* de Clemente XI. e anulando as permiſoens violentamente extraîdas a Monſenhor Mezzabarba, declara dogmaticamente com o Breve *Ex quo ſingulari*, que as taes permiſoens na China nunca foram aprovadas peia Sé Apoſtolica, e que o rito era ſuperſticiozo. E o meſmo Papa com o Breve *Omnium ſollicitudinum* declara, que ſam ſuperſticiozos os ritos do Malavar: e intima aos Miſionarios, que ſe dentro em ſinco anos nam provarem autenticamente em Roma a ſua obediencia; e dentro em dez nam fizerem todas as diligencias para a execuſam; que logo ſem nova ordem ſe retirem; que lhes tira os privilegios de Miſionarios; e que mandará outros Miſionarios mais obedientes à Sé Apoſtolica. Suponhamos agora (o que Deos nam permita) que iſto ſucede: nam ſe verifica aqui, que ſe podem cercear os privilegios concedidos a algumas Religioens, por motivos que ja cesáram, que era a obediencia jurada à Se Apoſtolica em materia de Miſoens? Quem poderá negalo, vendo o que diz a Cabeſa da Igreja? Ora aqui tendes vós, que o voſo argumento nam vale nada, e ſe pode voltar contra a voſa opiniam.

Mas perguntáravos eu, como encaixaſtes aqui Alexandre, Sertorio, Viriato? foram por ventura Nero, Domiciano, Diocleciano, que perſeguiram os Criſtaons, paraque vós os deſtruais com o braſo direito da Igreja? Irmam Arſenio, outro oficio. Vós nam ſabeis criticar; ſabeis ſim moſtrar a voſa ignorancia, e maledicencia. Se eu tiráſe conſequencias como vós, era eſta uma boa conjuntura para inferir naturalmente da voſa propoziſam varias blasfemias. 1. que Criſto fundou a ſua Igreja ſem braſo direito, que é o meſmo que dizer ſem forſas baſtantes para ſe defender. 2. que por 1540. anos nam teve a Igreja braſo direito. 3. que Criſto nam ſoube o que era neceſario para dirigir a ſua Igreja, e quando a fundou, lhe faltou uma circunſtancia eſencial, que foi porlhe braſo direito.

E que diram as famozas Religioens de Beneditinos, Bazilianos, Dominicanos, e Franciſcanos? Apoſtarei, que diram com mais razam, que ſempre foram obraſo direito da Igreja: e que podem moſtrar mais, e mais, onrozas Bulas pela ſua parte. Direis vós; que a Bula fala aſim. E eu reſpondo que tambem Benedito XIV. na ſua Conſtituiſam chama aos Miſionarios dezobedientes, *Homines captioſos*: e ſe vós perguntares aos tais, ſe ſe deve entender literalmente; diram que tem interpretaſam mais benigna. E o meſmo digo eu da outra Bula. Se vós tiveſeis lido o Bulario, acharieis tantas expreſoens deſtas, que paſmarieis da voſa ignorancia, em levantar maquinas ſobre elas. Eſtes elogios ſam tam triviais na Bulas, que ninguem faz cazo diſo; muito mais porque todos ſabem, que o Papa aprova a ſuſtancia,

tancia, nam as palavras das Bulas, principalmente as que elogiam, que dependem regularmente do arbitrio do compositor, o qual faz ao principio os comprimentos que lhe parece. Nós fomos os que com mais razam podiamos dizer, que eramos o braio direito da Igreja: visto que o Papa nos concedeo por armas, unir o noio braio com o de Cristo; que significa muito. Mas eu nam quero argumentar deste modo; porque sei que vós nam prevenistes estas consequencias, porque nam entendeis o que dizeis.

A concluzam da vosa Reflexam é, *que as dedicatorias nam tem parentesco com os prologos, mas devem ser separadas.* E como se dicesseis do concilio dos Deuses revestido da autoridade de prescrever Leis, intimais esta à Republica Literaria, declarando que fazer o contrario é pecar contra a Retorica. Meu Fr. Arsenio, vós nam sabeis nada de belas letras, e a cada paso mostrais que nunca abristes livros. Os prologos e dedicatorias sempre foram a mesma coiza. Nam é necesario recorrer aos Gregos, porque vós ja confesais, que nam entendeis esta Lingua: vamos aos Latinos, se é que os entendeis.

Cicero sabia mais Retorica doque vós. Contudo nos trez livros de *Oratore ad Q. Fratrem*, faz em cada um seu prologo a seu irmam, que é juntamente dedicatoria. No Livro *Orator ad Marcum Brutum*, *nos Paradoxos*, *de Finibus*, *Tusculanarum Disputationum*, faz uma dedicatoria a Marco Bruto, que é juntamente prologo. Nos *Topicos* faz dedicatoria, e prologo a Caio Trebatio Testa. Nas *Academicas*, que dedicou a *Marco Varram*, mandoulhe uma carta separada, que é prologo, e dedicatoria. Conificio na sua *Retorica ad Herennium* tem no frontispicio uma dedicatoria, e prologo. Hirtio Pansa no VIII. livro dos *Commentarios de Cezar* faz um prologo, e dedicatoria a Cornelio Balbo. Cornelio Nepote dedicando as suas *Vidas* a Atico, faz um prologo somente. Todos estes sam do seculo de Augusto. O mesmo porem achareis descendo mais para baixo. Plinio asim dedica a sua *Istoria Natural* a Tito Vespaziano. Avieno as suas *Fabulas* a Teodozio: o mesmo fizeram outros. Assim se praticou sempre no tempo, em que a adulasam, e rudeza nam tinham destruido o bom gosto da eloquencia.

Mas ainda no XV. e XVI. seculo os omens mais doutos, que restableceram as belas letras, e a Retorica, fizeram o mesmo, escrevendo a grandes Principes. Lede as prefasoens do famozo Marco Antonio Mureto Orador, e Jurisconsulto do seculo XVI feitas a Torquato Bembo, Leonardo Mocenigo, Bernardino Lauredano, Senadores Venezianos: a Francisco Gonzaga, e ao Cardial d'Este, Princepes; e a outros muitos: e achareis que sam dedicatorias, e prologos. E disto está o mundo cheio, principalmente quando se dedica obra a alguma pesoa literata, e o dedicante nam tem tanto que dizer, que seja necesario prologo separado: como vemos todos os dias. Se vós tivesseis noticias do mundo culto, nam diries com

tanta ſatisfaſam falſidades inauditas, e puerilidades dignas de compaixam: e nam cenſurarieis aquilo meſmo, em que caio o voſo Niculao Francez da Cidade de Siam, que fez uma dedicatoria; que ſe nam pode entender ſem ſer prologo. E eiſaqui tendes, que tudo quanto dizeis é uma grande parvoice, e ignorancia de belas letras, de Livros, e do mundo; e uma mera calumnia. E atreveis-vos a criticar? fatalidade grande!

REFLEXAM II.

Juizo do Autor, e da obra.

MAs vamos à ſegunda Reflexam. Quem vos enſinou, Fr. Arſenio, a fazer deſcriſoens, e retratos das peſoas? onde aprendeſtes a pintar um omem imaginario, e dizer com tamanha calunia, que é *vera effigies*? Tudo quanto vós dizeis é falſo: nem tal ſe tira da obra. Vós pintais a vaidade, a ſoberba, a maledicencia, a pertinacia eretica: e devieis pintar ſomente a *Critica*. Mas como vós nam entendeis o ſignificado deſta palavra, por iſo lhe atribuiz tais epitetos.

Mas que coizas nam dizeis aqui neſta voſa deſcriſam! Que Retorico vos enſinou a elogiar, ou vituperar por tam galante eſtilo? Nem ao menos no meſmo P. Pomey, que tanto vos agrada, aprendeſtes a imitar uma diſcriſam das muitas que traz, e dilatar um argumento com alguma galantaria, e verofimilidade? O que dizeis, merece compaixam, e bem moſtra, que entendeis tanto Retorica, como belas letras. Credeme, Irmam Arſenio, que a dita deſcriſam é uma parvoice; e que tem muita razam os noſos PP. de dizerem, que ridiculizaſtes a Religiam.

Para prova da voſa ignorancia Filozofica, baſta conſiderar eſte periodo: *As ideas, que lhe ocorrem ſam a quinta eſencia de Platam.* Ideias aqui, meu P. Meſtre, ſam o meſmo que *conceitos* ou *penſamentos*: e as ideias de Platam ſam couza muito diferente: ſam exemplares das couſas ſenſiveis, ſuſtancias eternas, incorrutiveis, ſeparadas de Deus, e da noſa alma. (1) Cade um bocadinho de Iſtoria Filozofica, ſenam quereis dizer tamanhas parvoices.

No 3. 4. 5. 6. paragrafos deſcreveis a origem das erezias modernas, mas em modo tal, que faz vontade de rir. Devieis ſaber que os tais Ereges nam ſó admittem, e abraſam aqueles quatro Padres *Poſtnicenos*, que apontais, mas os *Antenicenos*; e finalmente todos até S. Gregorio Magno. E iſto é um erro conſideravel em um Arcicritico, como vós. Uniz alem diſo Janſenio com os Ereges, como ſe tiveſe as meſmas opinioens: ſem ſaberes, que Janſenio errou ſem pertinacia, ſubmeteoſe à Igreja; foi, e morreo

(1) *Vejaſe Platam* in Timœo *tom.* 3. *pag.* 28. & in Parmenide, *ib. p.* 135. *Vejaſe tambem Ariſtoteles* Mataphyſ. *l.* 1. *p. m.* 66.

morreo Catolico. Pois era neceſario advertir tudo iſto para nam meter petulantemente Janſenio na claſe do Ereges.

Pintais a arte critica como prejudicial: ſem advertir, que a Igreja Romana a admite como infinitamente util para eſtabelecer os Dogmas. Todos os Criticos para vós ſam Janſeniſtas: e falais mil vezes em Janſenio, ſem nunca ter aberto Janſenio, nem ſaber qual é a ſua verdadeira doutrina, peloque vou vendo; Dizeime, o P. Rapin, que critica os Poetas, Retoricos, &c. O P. Hardoino que diz mal de todo o mundo: o P. Simondo, que tambem criticou muitos Autores: o P. Petavio, que diſe coizas inauditas contra Joſe Eſcaligero: o P. Vavaſſeur que criticou o Rapin, e outros; todos Francezes, e Jezuitas, por ventura eram Janſenitas? Douvos o conſelho, que aprendais primeiro a Iſtoria Literaria, para poder depois falar diante de gente neſtas materias. Afirmais iſto, porque de Critica, e Dogma ſabeis tanto, como ſe pode eiperar de um omem, que nunca ouvio falar neſtas faculdades.

Dizeime, Fr. Arſenio, ſe vós tiveſeis aberto um livro, que tratáſe da Iſtoria das Erezias, ou algum Autor de bom nome, diricis tamanha parvoice, como afirmar, q̃ *continuando a Critica, Eretica e Janſeniſtica, ſaîram contra a Fizica os Carteziános, e meios Carteziános*? Se tiveſeis lido com atenſam algum Carteziano, atrevervosieis a dizer, *que deſterráram os acidentes, extinguiram as cores*? &c. Se tiveſeis lido a Iſtoria das ſciencias, poderieis condenar as opinioens de Cartezio, que omens tam doutos, e pios como os RR. PP. da Companhia de Jezus defendem em Franſa, e Flandrez, ainda nos eſcritos: (1) e Jezuita ouve, que expreſamente defendeo Cartezio? (2) Se ſoubeſeis que eſa meſma Fizica, que vos ridiculizais, ſe defende publicamente em Italia pelos noſos Religiozos, ſem que tenham medo das voſas invetivas a favor de Eſcoto? (3) certamente que ſe ſoubeſeis tudo iſto, ficarieis envergonhado de ter aberto boca em materias, em que vos faltam os primeiros principios.

Eſcarneceis a opiniam do Barbadinho, *que faz os Brutos diſcurſivos*, como ſe fora ſó dele. Provem iſto deque nam ſabeis, que o voſo oraculo ſempiterno Feijoo defende o meſmo em um largo diſcurſo, e o prova com S. Bazilio, e outros PP. Provem deque ignorais que oje a opiniam recebida nam ſo entre os milhores Filozofos, v. g. o *Lock*, *Hartſoeker*, Erejes; *de la Chambre*, e outros Catolicos: mas tambem entre os meſmos Teologos, é que alma dos Brutos ſeja eſpiritual, de uma ordem muito inferior

 à no-

(1) *Vejaſe o P. Fabri na Fizica, que defende muitas opinioens de Cartezio, o de Lanis* Magiſter. natur. & art. *Milhor ainda o P.* Regnault, *e* Caſtel, *que ſam Anticarteziános.*

(2) *P. Barbieri de Lovanio. Veritas* Philoſophiæ Carteziamæ.

(3) *Fortunato de Breſcia Franciſcano, Lente de Fizica experimental*, no Curſo de Filozofia moderna, *em* 1741. *Breſcia. Alem de outros em Roma.*

à noſa, a ſem *jus* a Bemaventurança. O que provam largamente, nam Erejes, mas os meſmos Catolicos Italianos, eſpecialmente o Magaloti (1) com varios SS. PP. moſtrando que ſe a nam admitimos eſpiritual, ſegueſe que a materia conhece, (porque os modernos nam acham ſubſtancia material ſem ſer materia: e quando alguem lhe diz o contrario, pedemlhe, que lho prove com evidencia) e la vai pelos ares a milhor prova para monſtrar aos Ateos, e Deiſtas a eſpiritualidade da noſa alma, e de Deos: porque ſe a materia raciocina nos Brutos, como nos convencereis que nam raciocina em nòs?

Provem tambem de que nam ſabeis, que o P. Pardies Jezuita no ſeo tratado da *Alma das Beſtas* em Francez, ou Italiano (2) expoem a queſtam problematicamente: e deſpois de empregar dois terſos do Livro em provar que ſam maquinas, reſpondelhe com tanta frialdade, e pouco fundamento, que todos, e atè o ſeo meſmo tradutor, aſentáram que o omem era *Maquiniſta*: ao menos que nam lhe dezagradava o ſiſtema. E contudo era o P. Pardies omem celebre.

Provem de que nam ſabeis, que as ordens particulares dos Superiores da Companhia, que proibem defender as 60. e mais propoziſoens Fizicas dos modernos, ſem que ſe ſaiba o motivo; ſam as que fazem, que quando os Jezuitas mais doutos as defendem em certas partes, fingem defender a Peripatetica, quando na verdade defendem a Moderna: como tizeram os PP. Pardies, Fabri, Frimaldi, e outros muitos. Pois ſe nam fora eſte grilham, os meſmos Jezuitas vos enſinariam como deveis defender a Moderna. E contudo a verdade e tam clara, que tirando aquelas propoziſoens, oje defendem tudo o mais, e muitos defendem o Newton, principalmente os Jezuitas Francezes, ſem ſerem Janſeniſtas.

Onde aprendeſtes aquela ſoluſam, *que o ar faz uma abobeda, comque cerca eſte globo da terra, e por iſo nam carrega em parte nenhuma: e por conſeguinte nam é eſa a cauza, porque a agoa ſobe nas bombas?* Irmam, é poſſivel que todas as aſneiras em Filozofia eſtejam rezervadas para vòs: e que nam vejais, que eſa *abobeda* ſe deſfaz com um ſopro, que move o ar, para onde vòs quereis. Onde viſtes uma abobeda ſem pilares, emque aſente, e que ſe nam movam: porque ſe ſe movem os pilares, caie logo a abobeda na terra. Que belo engenheiro ſerieis vòs para fazer abobedas no ar! Ide aprender os primeiros elementos deſtas materias: e ide ter com o Meſtre de Matematica a S. Antam, que vos enſine as leis da *Mecanica*: e vos explique, parque o arco ou abobeda nam ſe rompe por mais pezo que lhe ponham emſima. Por iſo eu digo, que vòs ſois capaz de ridiculizar, e cauzar diſcredito a toda uma Naſam; porque nam conheceis a voſa ignorancia, e contudo quereis publicar obras.

E ten-

(1) *Nas ſuas cartas familiares contra o Ateiſmo. Em Veneza.*

(2) *Veneza.* 1696. *em* 16.

E tendes cara para dizer, que o autor se serve doque escrèveram outros, como se ele o negase, ou o nam disese mui claramente repetidas vezes? Niso em Lugar de o deprimir, o exaltais: pois mostrais, que o que ele diz é aprovado pelos maiores omens da Europa: e só é condenado por aqueles, que tem tanto juizo como vòs. Prouvera a Deos, que vós tiveseis feito o mesmo, e axaminado bem o que dizem os milhores autores, que logo nam dirieis tanta parvoice.

Tornais aqui de novo a dizer, que *o autor satiriza toda a Nasam.* Vòs satirizais todas as Nasoens Estrangeiras; e a isto chamais moderasam, e critica: e ao referir o Barbadinho os defeitos Literarios chamais satira? E boa teima! Nam sabeis vòs, senhor Teologo, e Jurista de agoa doce, que os defeitos publicos todos os podem criticar sem pecado? Se os livros andam divulgados, se o Barbadinho nam revela segredos particulares, mas prova o que diz com os tais livros; paraque lhe chamais satira? Valhate Deos para tal cabesa de pedra, e cal!

Tudo o mais que apontais nos ultimos tres paragrafos, nam é critica ao Barbadinho, mas satira que fazeis aos Principes, e Senado da Corte: porque so estes podem remediar aqueles males, nam com arbitrios novos, mas com a execusam das Leis ja promulgadas. Odmiraivos *que nam aja Corte, emque se vejam tantos roubos, e mortes.* Quereis o arbitrio? é este: Alumiar as ruas denoite: grandes rondas á pé, e á cavalo: inforcar pela menham todos os Ladroens, e malfeitores que se prendem denoite; e as cabesas pregadas pelas ruas publicas. Tudo está remediado. Quereis outro? Lei promulgada, paraque ninguem diga grasas a mulheres, nem de dia, nem de noite: polès pelas ruas, e ministros promptos, e quarteis de soldados em todos os bairros: aos rapazes trez tratos de polè: aos grandes galès, ou forca: e isto *ictu oculi* sem apelasam, nem agravo. Toda a Cidade se aquieta logo em uma semana. Agradam-vos estes arbitrios? Pois isto é que fez em semelhante cazo Sixto V. e praticam outras cortes da Europa.

Quereis as ruas direitas? Fasase o que fazia Alexandre VII. que se punha a considerar a planta de Roma. Se via um canto saído para fora, comprava a caza, e a deitava abaixo: ou obrigava o dono a fazelo, dandolhe uma compensasam: asim foi indireitando Roma. Depois publicou uma lei, paraque em se reedificando uma caza, se fose torta se puzese em linha direita, somente alargando a rua: e isto se pratica oje. Estes sam os arbitrios. Mas isto á supersluo para vòs, que de Politica sabeis tanto, como de erudisam. Falais milhor nos *merendeiros*, e *abobedas do ar*, que em materias tam longe da vosa esfera.

A Reflexam III. deixo para a Teologia, por nam repetir o mesmo em diversas partes, e paso à seguinte Reflexam.

RE-

REFLEXAM IV,

Da ſua Ortografia.

LAſtima é ouvir como comeſais eſta Reflexam, e quam pouco entendeis o que criticais: *Sam as palavras*, dizeis, *ſinais arbitrarios, que as Naſoens deputáram ..... e o uzo de cada Naſam é lei*, &c. *Logo erra o Critico em quzrer introduzir palvaras novas.* Onde aprendeſtes eſta Logica, Fr. Arſenio? Para provar alguma coiza devieis provar, que nam ſe podia admitir palavra nenhuma ſem uma Lei feita pelo Senado, ou por Elrei. Mas em quanto deixais a introduſam ao uzo, deveis ſaber, que alguem deve ſer o primeiro a introduzilas, outro a abraſalas, e aſim ſe vai fazendo o uzo. Pergunto agora, quem á de ſer o introdutor? Um ſapateiro, ou um omem douto? Sem duvida que o douto. E neſte cazo que coiza provais? Nada.

O meſmo Horacio, que vòs citais, admite como util a introduſam de vozes novas. Conſiderai eſtes verſos do dito Horacio. (1)

Dixeris egregie, notum ſi callida verbum
Rediderit junctura novum. Si forte neceſſe eſt
Indiciis monſtrare recentibus abdita rerum,
Fingere cinctutis non exaudita Cethegis
Continget, dabiturque licentia ſumpta prudenter.
Et nova, fictaque nuper habebunt verba fidem, ſi
Graco fonte cadant, parce detorta. Quid autem
Cæcilio, Plautoque dabit Romanus, ademptum
Virgilio, Varioque? ego cur adquirere pauca
Si poſſim invideor cùm lingua Catonis, & Enni
Sermonem patrium ditaverit, & nova rerum
Nomina protulerit? Licuit, ſemperque licebit
Signatum præſente nota producere nomen

Será neceſario que peſais a alguem vos traduza bem claramente eſtes verſos, que ſam aplicaveis a todas as lingoas vivas. Os Inglezes, que tem mais juizo do que vòs, de quarenta anos a eſta parte tem aumentado de ſorte a ſua lingua com palavras novas, que parece outra. Os Francezes tem feito o meſmo. E parecevos que será pecado fazer o meſmo em Portugal? boa conſequencia! Muito mais que o Autor nam tem por objeto introduzir palavras novas; mas diz que ſeria util: e adverte que o modo de o fazer é, deduzindoas das milhores linguas, dandolhe a terminaſam Portugue-

(1) Arte Poetica *no principio.*

gueza, e ſeguindo niſto, e no mais a pronuucia dos omens doutos : e neſa introduſam procede muito moderado.

Condenais alguma palavras, que ou praticou deduzidas do Italiano, ou foram erros da imprenſa, que cairam infinitos nela. Olhai para as regras que dá, que ſam as que abraſa, e nam o que fizeram os outros. Mas quem é o que nos condena em Ortografia! vòs, que eſcreveis *Leteranenſe*, *Bordalu*, *Baromatros*, *Termomatros*, e outras parvoices deſtas? vòs, que eſcreveis *ſilaba* por *Proſodia*, ou quantidade das ſilabas; *conſtruir* por *traduzir*, e outras puerilidades deſtas? Vòs, que atè errais na gramatica Portugueza; como moſtram entre outras eſtas Oraſoens: (1) *Tomaram o cuidado de fazer criticas contra todos os autores, acuzando-os de nam ſeguirem os primeiros SS. PP. mas ſe deſviavam deles*: e em outra parte (2) *uma terçaom*: e mais adiante (3) *ſe o am de curar com os remedios, que tem moſtrado a experiencia ſeram bons para a cura*: poudo *ſeram* por *ſerem*? vòs, que ſois inconſtante na Ortografia, eſcrevendo as meſmas palavras umas vezes de uma ſorte, outras de outra; ſem ſaber donde ſe deve por Letra majuſcula, e donde Letra piquena? vòs que prezado de elegante, e eloquente afetais dizes graſas, e frioleiras com uma locuſam trivialiſima, e mais ridicula que a dequalquer ruſtico? vòs finalmente, que chamais elegancia à pedantaria de encaixar verſinhos, latins, e textos da Eſcritura em toda a parte; afetando aquilo meſmo, que os omens cultos evitam com cuidado? vòs, torno a dizer, com eſtes, e mil outros defeitos quereis enſinar aos outros a ortografia, elegancia, e eſtilo? Outro oficio meo Padre, que eſtas cenſuras nam ſam da voſa juriſdiſam.

Alem diſo, admirai-vos de que o Barbadinho nam deſterraſe a Letra *u* deſtas palavras, *guerra*, *guiar*, &c. ſem reparar que nelas ſe ouve muito bem o *u*, poes ſe pronunciam muito diferentemente do que ſe o nam tiveſem; como ſe moſtra da pronuncia deſtas vozes, *gente*, *gigante*, em que nam entra o *u*; e por iſo ſe deve conſervar nas outras. Tambem vejo, que nam ſabeis, que a conſoante entre duas vogais ſe une ſempre com a vogal ſeguinte: porque ſe o ſoubeſeis, nam dirieis, que em *razaom*, *vieraom*, &c. ſe deve eſcrever o *m* entre as Letras *a*, e *o* aſim, *ra-zam-o*, *vi-e-ram-o*. Porque deſta ſorte faz um ſom deſpropozitadiſimo.

Em fim como de Ortografia vejo que nam entendeis nada, nem tenho mais que vos aconſelhar, ſenam que leais bem, e entendais a primeira carta do autor, e a compareis com o que dizem os autores Portuguezes, que ele cita; e vereis, que nas regras ſundamentaes pela maior parte concordam: e a diferenſa ſo eſtá emque o Barbadinho da regra da pronuncia tira bem as conſequencias, e as pratica; o que nam fazem os outros.

Eſcandalizaivos tambem de dizer o Barbadinho, que depoes de ponto

(1) *Pag. 6. das Reflexones Apolog.* (2) *Pag. 42.* (3) *Pag. 42.*

to nos periodos breves, e dependentes de outros se deve por letra piquena! Isto é porque nam sabeis, que o mesmo dizem os milhores Ortografos, e praticam oje os milhores Escritores. Lede o *Novo Methodo da Lingua Latina* em Francez ou Italiano, e achareis, que expresamente o repete duas vezes. (1) O mesmo Celario, um dos maiores Ortografos dos nosos tempos, o pratica na sua *Ortografia*, e tambem o P. Rogacci Jezuita na sua *Gramatica* vulgar: e na edisam de Cicero pelo famozo Verburgio impresa em Amsterdam pelos Wetstenios em 1724: nas idisoens dos autores claficos feitas em Padoa com a diresam do famoso Facciolati: nas milhores edisoens de Germania, &c. achamos o mesmo. E esta é outra casta de gente, que nam sois vòs, que de Ortografia nem vulgar, nem latina nam sabeis nada.

Vamos às escolas de Gramatica Portugueza. Parecevos novo que o Critico as dezeje em Portugal? Mas nam advertiz que iso mesmo se está observando em outros reinos cultos, e nas universidades, e que é sumamente necesario. Os Gregos praticavam isto: e ainda temos em Platam alguns dialogos (2) em que expoem a Gramatica como necesaria para a Filosofia. Aristoteles no seo livro de *Interpretatione* nam nos deo mais que uma Gramatica. (3) Quintiliano dá o modo de regular a Gramatica nas escolas, e mais era lingua viva. Nam cito mais Gramaticos nem Gregos, nem Latinos, porque os podeis ler em Suidas, Ateneo, Suetonio, e outros.

Saie logo aqui a vosa erudisam Filologica, e diz magistral de, *que os Romanos tinham especial razam, por ser a lingua Latina cheia de muitas regras, e excesoens, farta de nomes, e verbos anomalos; miuda na conjugasam dos verbos, e na silaba: e foilhes precizo este meio para falarem certo, e cultamente.* Vede quantas asneiras aqui dizeis juntas! Todas as linguagens Latinas na Arte de Manuel Alveres tem outras correspondentes Portuguezas: logo a nosa lingua tem as mesmas linguagens, que a Latina. Que as regras da Sintaxe sejam as mesmas, e as anomalias; confesa o P. Argote na sua Gramatica. Que tenha mais ou menos, iso nam obsta para a necesidade das regras: Logo por esa mesma razam se deve introduzir a Gramatica Portugueza.

Pergunto mais, os Romanos, que nam estudavam por Gramatica, nam sabiam falar latim? quem tal crera! Temos exemplos bem modernos, comque isto se pode declarar. Monsieur Montaigne em Franса foi criado com Pesoas, que so lhe falavam latim; como ele confesa (4) e nam tinha ouvido nunca Francez. Na idade de 7. anos lia com todo o gosto as Metamorfozes de Ovidio: e falava com tanta pureza Latim, que quando o grande Marco Antonio Mureto oraculo da Latinidade lhe queria falar latim

(1) *Traité de l'ortographe, chap.* 13. *p. m.* 663. 668.

(2) Philebo, *e* Cratylo.

(3) *Confira-se o cap. XX. da* Poetica *de Aristoteles.*

(4) *Montaigne* Essais *l.*1. *ch.* 5.

tim envergonhava-ſe, e nam podia competir com ele em coiza neuhuma. O Scipio diz o meſmo de ſi, e dos ſeos companheiros, que ſouberam latim praticamente com o exercicio. E o meſmo ſucede todos os dias nos paizes onde ſe fala latim. Onde nam ſam as regras neceſarias para o latim, mas para a elegancia: para evitar algum ſoleciſmo, barbariſmo, &c. E iſto tanto ſe verifica no latim, como no vulgar.

Que ſorte de conſequencia é eſta voſa: *Em Franſa, Italia á diverſidade de falar nas provincias: Logo nam uzam la eſtudar Gramatica.* Meu Padre, nam uza o povo ignorante, mas uza agente culta. Eles tem Academias para os que querem falar bem, e muito particularmente em Italia: acha-ſe muita Gramatica para aprender: todos os cultos aprendem a falar e eſcrever bem, ou em caza, ou nas eſcolas; ou nas academias: todos os que querem prégar, eſpecialmente os Jezuitas, eſtudam a ſua lingua com cuidado; e por iſo falam milhor que vòs, que nunca tiveſtes tal exercicio. Eſtes ſam fatos notorios.

Atreveitvos a dizer, que o P. Argote nam compoz a ſua arte para os Naturais; mas muito principalmente para os Eſtrangeiros. Pode aver cegueira ſemilhante! vòs certamente nam puzeſtes os oculos, e por iſo nam leſtes o frontiſpicio, que diz oſim: *Regras da lingua Portugueza, eſpelho da lingua Latina: ou diſpoziſam para facilitar enſino da Latina pelas regras da Portugueza.* Parece-ſe iſto com o que vòs dizeis? Continuemos a ouvir o P. Argote na ſua prefaſam. *Para evitar eſtas demoras* (do enſinar a lingua Latina) *ſe tem propoſto por alguns varoens ſabios diverſos arbitrios. Entre eſtes o que ſe tem achado ſer mais util, facil, e ſeguro é enſinar aos rapazes primeiro a Gramatica da ſua lingua vulgar, e deſpoes enſinarlhes a Latina. Moſtra-o razam, porque a maior parte das regras da Gramatica Portugueza, convem, e ſam as meſmas da Gramatica Latina* (notai bem Fr. Arſenio) .... *e pelo que pertence as regras, emque diferem, como ſam poucas, facilmente virá no conhecimento delas .... Eſte pois é o intento deſta arte, enſinar as regras da lingoa Portugueza, para facilitar aos minnos a preceptam e uzo da Gramatica Latina.* E mais abaixo: *Fora muito conveniente, que nas eſcolas ao meſmo tompo, que os Meſtres enſinam os minnos a eſcrever e contar, lhes enſinaſem eſta Gramatica Portugueza.*

Iſto diz o P. Argote, que vos pode enſinar de cadeira aſim o Portuguez, como o Latim: e iſto meſmo é o que diz o Critico. Doque ſe moſtra, que vós ſois um caluniador, que atribuis ao P. Argote o que ele nam diſe, ocultando o que diſe: e condenais no Critico aquilo meſmo, que os Portuguezes de milhor doutrina eſtam praticando, e aconſelhando por neceſario. E acreſcento de caminho, que a Gramatica, que o P. Argote acha dificultoza, e longa, é a do P. Manuel Alverez. Comque, meu Fr. Arſenio, era milhor que foſeis pedir os merendeiros, do que me-

vos a falar em materias, que nam entendeis, dando chaſcos, e deitando piques em coizas, emque devieis falar menos, que ninguem; porque vos devieis conhecer muito bem, aſim como vos conhecem os outros.

REFLEXAM V.

Da Gramatica, e Latinidade.

COmo de belas letras nam ſabeis nada, uniz a Gramatica com a Latinidade, e de ambas falais, como ſe foſe uma ſó. Meu Fr. Arſenio, iſto é um erro manifeſto que podieis evitar ſe refletiſeis com o Critico no que diz Quintiliano: *Aliud eſt Gramatice, aliud Latine loqui.* Os Gramaticos buſcam ſomente a verdadeira regencia das partes da oraſam: Os Latinos buſcam a beleza do eſtilo: e eſtas duas couzas ſam muito diferentes. Explico a propoſiſam de Quintiliano. Cicero começa a ſua bela oraſam pro Marcello aſim: *Diuturni ſilentii, P. C. quo eram his temporibus uſus, non timore aliquo, ſed partim dolore, partim verecundia finem hodiernus dies attulit.* O Gramatico porem ſe a quer explicar bem deve dizer aſim. *P. C. dies hodiernus attulit nobis finem ſilentii diuturni, quo ſilentio eram uſus his temporibus, non aliquo timore, ſed partim dolore, partim verecundia.* Deve, digo, dizer aſim, porque deve moſtrar a verdadeira regencia das partes da oraſam, e reduzir a ſintaxe figurada à ordem natural para poder entendela bem. Onde o puro Gramatico ſo enſina a *conſtruiſam*, quero dizer a ſintaxe das partes ſegundo as regras da Etimologia; e ſo cuida em nam cometer ſolecíſmos, e barbariſmos, e deſte modo entender bem os Autores Latinos. O Latino porem dá um paſo mais adiante, e procura as virtudes da boa locuſam, que ſam a clareza, elegancia, ornato, colocaſam, uniam, numero oratorio, copia, e variedade.

Se quereis uma prova bem clara, conſiderai, que os milhores Gramaticos antiges, que ſam Diomedes, Chariſio, Nonio, Donato, Mauro, Caper, Priſciano, &c. e outros, que ſe acham em dois tomos de 4. da ediſam de Putſchio, todos falam peſſimamente o Latim; e que o P. Manoel Alveres, que ſoube menos doque eles as regras do Latim, eſcreveo milhor o Latim nas poucas regras, que nos deixou, como confeſa o ſeo maior antagoniſta Scioppio. (1) E eiſaqui que nam é o meſmo ſer bom Gramatico, que bom Latino.

Porem vós com a voſa coſtumada confianſa definiſtes ex cathedra, *que a Gramatica ſerve para falar Latim bem*; o que é falſo. Lede eſte bocadinho de Cicero, que é bom autor na materia. *Solum, & quaſi fundamentum Oratoris vides, Locutionem emendatam, & Latinam: cujus penes quos laus adhuc fuit, non fuit rationis, aut ſcientiæ, ſed quaſi bona conſue-*

(1) *Na Prefaſam da Gramatica Filozofica.*

ſuetudinis..... Sedc omnes tum fere, qui nec extra urbem hanc vixerant, nec eos aliqua barbaries domeſtica infuſcaverat, recte loquebantur. Sed hanc rem deterior vetuſtas fecit, & Romæ, & in Græcia. Confluxerunt enim & Athenas, & ad hanc urbem mulit inquinate loquentes ex diverſis locis. Quo magis expurgandus eſt ſermo, & adhibenda tanquam obruſſia ratio, quæ mutari non poteſt; nec utendum praviſſima conſuetudinis regula. (1) E em outra parte: *Omnis loquendi elegantia, quamquam expolitur ſcientia litterarum, tamen augetur Legendis Oratoribus, ac Poetis. Sunt enim illi veteres, qui ornare nondum potuerant ea, quæ dicebant, omnes prope præclare locuti: quorum ſermone aſſuefacti qui erunt, ne cupientes quidem poterunt loqui niſi latine.* (2) E em outro lugar: *Ut Latine loquamur, non ſolum videndum eſt, ut & verba efferamus ea, quæ nemo jure reprehendat:* (eſta é a pureza) *& ea ſic & caſibus, & temporibus, & genere, & numero conſervemus;* (eſta é a Gramatica) *ut ne quid perturbatum, aut diſcrepans, aut præpoſterum ſit.* (3) eſta é parte da elegancia.

Neſtas poucas palavras vos deſmente Cicero muitas vezes. Diz, que o falar bem Latim ſe aprende com o uzo, e liſam dos que milhor eſcreveram. Diz, que reflectindo niſto unido com a boa razam é que ſe devo emendar a lingua. Diſtingue o falar Gramatico do falar Latino. Condena o que vós dizeis, que ſe nam pode ſaber Latim bem ſenam com a Gramatica como ſe a Gramatica de Manoel Alvares enſinaſe as virtudes de boa locuſam!

Se foſe verdadeira a voſa propoziſam, que neceſidade tinha o P. Turſelino Jezuita, de publicar o famozo livro das *Particulas da oraſam*, para enſinar a elegancia do Latim? Que neceſidade tinha o P. Vavaſſeur Jezuita, de eſcrever o beliſimo livro de *Ludrica ditione*, e o outro ſingulariſimo *de vi ac uſu quorundam verborum tum ſimplicium, tum compoſitorum*? Deixando agora outros Jezuitas, e muitos mais qne tratáram, ou das obſervaſoens ſobre a elegancia, como o Ker, Godeſcalco, Schoro, Cardial Adriano, Scioppio, Giſanio, &c. ou da forſa, e idade das palavras, como os Borrichios, o Praſchio, o Cellario, o Vorſtio, o Voſſio, &c. ou da copia, e analogia, como Marie Corrado, &c.

Todos os tais Jezuitas tinham eſtudado pelo P. Manoel Alveres: e contudo acharam, que nam enſinava aquilo à que ſe chama *boa latinidade*. Ora ſem duvida, que eſtes Jezuitas ſabiam muito mais do qne vós, que apoſtarei que nam ſabeis explicar a verdadeira regencia Gramatical das mais faceis cartas de Cicero. O meſmo P. Pomey, que vós defendeis, vos condena no Indiculo Univerſal. Diz ele na prefaſam: *Todos ſabem, que para aprender uma lingua peregrina, nenhuma via ſe pode inculcar milhor, que a de falar e exercitar eſta lingua. Deſta ſorte em breve tempo, e quaſi com nenhum,*

(1) Cicero, in *Brut.* fine.
(2) Cicero, *l.* 3. *de Oratore.*
(3) *Idem ibidem.*

nhum trabalho conſeguirà qualquer o que ſe poderá alcanſar com grande moleſtia ſe aprender por preceitos. Iſto nos enſina a experiencia.

Quereis ver um exemplo, de que pode um omem ſer ſuficiente bom Latino, e mao Gramatico: tendes o exemplo no P. Famiano Strada Jezuita no ſeu livro de *Bello Belgico*, no qual o famozo Gaſpar Scioppio (1) deſcobrio muitos ſolecifmos, e barbarifmos, &c. e contudo confeſa, que é um dos mais elegantes eſcritores da Companhia. O meſmo Scioppio no dito livro, e no de *ſtilo Hiſtorico*, e principalmente *infragmento Rhetoricæ* impreſo em Milam, moſtra tambem muitos ſolecifmos, e barbarifmos do famozo P. Maffei Jezuita, que eſcreveo a noſa Iſtoria da India: e contudo confeſa, que Maffei é bom Latino.

O Scioppio nam era Janſeniſta, era um grande Fidalgo Tudeſco, e tam bom Catolico, que o Louvam os Papas, Cardiais, Imperadores, Reis, &c. (2) Ninguem ate aqui lhe reſpondeo, porque acharam, que, nam falando em uma, ou outra couza rariſima, tinha razam: a Companhia ſe queixou. E os mais famozos Jezuitas, como o Belarmino, o P. Jacobo Keller, o P. Paulo Bombini; o P. Manuel Theſauro, o P. Lourenſo Forieri, os Jezuitas de Ingolſtad todos o louváram, (3) ainda depois que condenou a arte de Manuel Alvares. Temos logo que eſta Religiam doutiſima, que zela mui bem a ſua onra, achou ſer verdadeiro o que diz o Scioppio. E com que cara nos dizeis entam vós, que ſois ignorantiſimo de belas Letras, *que com o Alvares tem muitos ſido boni Latinos, e que ſem ele é impoſſivel ſairem bons Latinos.*

Certamente que ſe avemos de julgar pelas voſas obras Latinas, devemos confeſar, que nam conduz nada para a boa Latinidade. As voſas poſtilas ſam tam barbaras na Latinidade, que quando li neias alguma couza, pareciame ouvir um preto buſal guaguejando em Latim. Nam tendes nem pureza de palavras, nem eſtilo Latino: e falais Portuguez com palavras meias Latinas, e meias barbaras. Nem me digais, que iſto é permitido nas poſtilas. Eſta reſpoſta, que muitos tem prompta naſce de uma grande ignorancia. Lede os PP. Conimbricenſes, e as Inſtituiſoens do Fonſeca, e algumas Liſoens de Jeronimo Oſorio: Lede o Petavio, o Sirmondo, o Vavaſſeur Jezuitas: Lede o Melchior Cano, o Mureto nas ſuas variantes, o Nunes, o Sepulveda, e outros muitos: vede com quanta pureza, e elegancia tratáram eſtas materias didaſcalicas ou doutrinais: e entam conhecereis a voſa ignorancia; pois tendo tam bons traslados à viſta, nem procurais, nem ſabeis imitalos. O que mais moſtra a voſa inſuficiencia é uma certa dedicatoria Latina (em que ſe pode moſtrar toda a forſa da eloquencia, pureza, e beleza do eſtilo) que ainda conſervo para rir nos dias de melancolia, toda

(1) *No livro intitulado*: Infamia *ſua* Pœdia Aureliœ. Famiani ſtradæ *Amſtelodami*, 1663.

(2) *Vejam-ſe os ditos Diplomas na*

(3) *Veja-ſe o dito livro dos Diplomas.*

toda cheia de barbariſmos; e ſolecifmos na fraze; e compoſta em um eſtilo tam pueril, que parece de eſtudante do pateo. O que, ſe acazo duvidais, farei publico a todo o mundo, como fez o Scioppio com o ſtrada, e Maffei. E vós ſois o que falais em Latinidade, e nos quereis moſtrar os erros do Critico nos conſelhos, que dá neſta materia? Certamente que nam pode chegar a mais a fatuidade dos omens!

Mas vamos à Gramatica do P. Alveres. Nam me canſarei em vos dizer, que os meſmos Jezuitas em Roma tem reformado a dita arte, e poſto em maior clareza, e mais breve, porque a experiencia moſtra, que é uma arte impertinentiſima. Nam me demorarei em moſtrar, que os PP. das Eſcolas Pias, e Somaſcos, que enſinam a maior parte da Mocidade em Italia, ſeguem outra arte muito mais clara. Nam vos trarei à memoria, que Elrei de Sardenha neſte ſeculo reformando os eſtudos, tirou todas as eſcolas aos Jezuitas, e lhes proibio enſinar a mocidade; dando a incumbencia a outros, que praticam outro metodo Latino. Nam vos contarei, que nas milhores Univerſidades, e eſcolas de Italia ſe enſina o *Novo Metodo da Lingua Latina, de Porto Real*: e que os particulares fazem o meſmo. Ja em Olanda, Inglaterra, Franſa, grande parte da Germania, e reinos Setemtrionais é certo, que ou o Porto Real, ou o Voſſio, ou outro ſemilhante é que ſe eſtuda. Tudo iſto podia eu dizer, e provar: mas nem vós me entendereis, porque vos faltam as noticias eſtrangeiras, nem eu agora me quero canſar em vos explicar eſtas coizas. Vamos a folha 19 20 e reſponderei aos voſos tres pontos.

Para o Critico, dizeis, *provar alguma coiza ao ponto, devia moſtrar uma de trez coizas contra a Arte*: 1. *erros nas regras*: 2. *falta das precizas*: 3. *ſuperfluidade*. Tudo iſto moſtrou o Critico na ſua carta, indicando alguns erros, e autores, e dando a ideia da Gramatica. Dizer mais ſeria compor uma Gramatica, e ſeria uma grande impropriedade no tal lugar. Pertencia a vós, meu Fr. Arſenio, ler os livros que ele cita, e ver ſe diz bem, ou mal. Mas como vós as vezes com os fumos que vos ſobem à cabeſa nam podeis ver o que dizem os autores, repetirei aqui o meſmo que em breve inſinua o Critico.

O Alveres na ſua Gramatica dá de Sintaxe 247. regras. O Scioppio moſtra na ſua *Gramatica Filozofica* que nam á mais que 15. regras de Sintaxe regular ſem exceſam nenhuma. Por eſta conta ficam ſuperfluas 232. e fica reſpondido à voſa terceira propoziſam. Vamos ao *Novo Metodo de Porto Real*: eſte dilatando algumas regras do Scioppio, ou para milhor dizer dividindo-as, o mais que dá ſam 36. regras de toda a Sintaxe: e por eſta conta quando menos ficam ſuperfluas 211. E como por eſtes livros eſtuda a maior parte da Europa culta, e que ſabe o que é neceſario para entender os bons autores; ſegue-ſe que a maior parte dos ſabios reconhecem que á grandes ſuperfluidade na arte de Manuel Alveres.

Va-

Vamos à ſegunda: *Que faltam no Alveres as principais regras de Sintaxe*: iſo moſtra com evidencia o famozo Eſpanhol Franciſco Sanches na ſua *Minerva*, (1) e depois dele o Scioppio, Voſſio, Laurenti, Porto, Real, &c.

Quatro ſam as partes da Gramatica: Etimologia, Sintaxe, Ortografia, e Prozodia: e nas principais ocorrem erros no Alveres. Na Etimologia, que explica as vozes, ſepara o Alveres as coizas, que pertencem aos nomes, e as poem em diferentes lugares, e nam explica tudo o neceſario. Primeiro devia explicar os acidentes do Nome, logo os Generos, e depois as Declinaſoens todas. Depois diſto devia explicar o Pronome, Verbo, &c. com as explicaſoens neceſarias. Eſta é a ordem natural. Os Generos reduzem-ſe a poucas regras, como tambem os Preteritos, como diz o Critico. Onde niſto meſmo ſe moſtra tambem a ſuperfluidade do Alveres.

Na Sintaxe moſtram, que o Alveres ignorou quais eram as verdadeiras cauzas da lingua Latina; e aquelas particulas ocultas pela figura *Eliſi*, as quais regem as partes da oraſam, que por engano ſe ficam atribuindo a outras partes. Eſtas regras eram precizas, como moſtra admiravelmente o dito Sanches, (2) e Scioppio. (3) Por onde ſe ve, que o Alveres faltou ao principal. Quando Terencio diz: *Paucis te volo. Ego ne illam? quæ illum? quæ me? quæ non?* ou *Noctuas Athenas. Triſte lupus ſtabulis*, &c. eſtas, e outras ſemilhantes frazes nam ſe entendem, ſem ſaber as particulas, e figuras que digo. Demais, todas as particulas que faltam, ou ſobram, ou eſtam mudadas de lugar; como tambem o reduzir a ſintaxe figurada à ſintaxe natural para ſe entender, tudo iſto falta no Alveres.

Da Ortografia nam diz nada o Alveres na ſua arte: e com efeito os Jezuitas Italianos unem a eſta a Ortografia do Manucio para poderem aprender: e eſta é uma parte eſenſialiſima da Gramatica. Na Prozodia, ou quantidade das ſilabas nam ſe explica mal, mas podia explicarſe milhor. E temos reſpondido à ſegunda propoziſam. Direis com a voſa celebre Logica, que devia eu provar iſto milhor. Nam tenho neceſidade, quando cito os Livros, que ſam bem vulgares. Comprai-os, eſtudai-os, e entam falaremos.

Daqui ſaie a reſpoſta à primeira propoziſam. Todas as regras que nam explicam a verdadeira cauza da Lingua Latina; digo, a verdadeira regencia, ſam falſas. Onde entre outras notai eſtas propoziſoens, que ſam opoſtas às de Manuel Alvares.

O Adjectivo nam concorda com o ſuſtantivo proprio, mas com o comum. O Relativo concorda com o ſubſequente em genero, numero, e cazo, que é o meſmo antecedente repetido. Nam á mais que duas concordancias.

(1) *Imprimio-ſe com os Comentos de Scioppio, e Perizonio varias vezes: uma das milhores ediſoens é a de Amſterdam apud Janſonio-Waesburgios* 1732.

(2) *Lib.* 4. *Minervæ.*

(3) Gramat. Philoſ. deſde a pag. 120. *até* 160. *da ediſam Veneziana de* 1728.

dancias. O Genitivo nam é regido de nenhuma parte mais, que de um ſuſtantivo claro, ou oculto. O Dativo nam é regido de nenhuma parte; mas pode unirſe ao Adjectivo, e a todo o Verbo. O Acuzativo nam é regido de nenhuma parte mais, que do verbo finito, ou infinito, ou participio de ſignificaſam activa, ou de certas propoziſoens. O Vocativo nam e regido por outra parte, mas moſtra ſomente a quem ſe dirige o diſcurſo. O Ablativo nam é regido por nenhuma outra parte. Senam pela propoziſam. Deixo outras que podia trazer.

Eſtas propoziſoens, a que reduz toda a ſintaxe de regencia, (porque a de concordancia ſam poucas palavras) ſam verdadeiras, e os autores as provam evidentemente. Daqui ſegue-ſe, que todas as ſuas contraditorias, ou contrarias, que ſam muitas regras que dá o Alveres, ſam falſas. E eiſaqui ſica reſpondido à primeira propoziſam.

Iſto diz mais claramente o Scioppio, (1) e expoem *ſeptem rationes, qua conſcientiis Epiſcoporum religionem, ſive ſcrupulum inicere debent, ne veterem Gramaticam* (Alvari) *diutius in Scholis tolerare, ſed novam in eas introducere velint.* E a primeira razam que dá é eſta: *Vetus Gramatica plena eſt fraudibus, & mendaciis. Turpe vero eſt, permitti ut pueris tantus mendaciorum numerus á Magiſtris, præcipueque Clericis inſtilletur.* E prova iſto com muitas razoens.

Iſto é tam claro, que o meſmo famozo Laurenti, que por ordem de Clemente XI. compoz uma Gramatica Italiana para uzo de ſeu Sobrinho o Principe Albani, ſeguio o meſmo, que aqui aponto, e tem ao principio um Breve de Inocencio XIII. que o Louva. Contudo Clemente XI. foi um dos milhores Latinos, e Gregos do ſeu tempo, e tinha eſtudado por Manuel Alveres. Se vos nam capacitais deſtas razoens, lede os taes livros: pois é puerilidade eſtar eu explicando eſtas coizas a um omem, a quem faltam os primeiros principios para as entender. Conhecei a voſa ignorancia, eſtudai, e entam falareis com gente: pois diſto ſabeis tanto, como dos outros eſtudos Eſtrangeiros.

Do mais nam digo nada, porque vejo que nam entendeis a materia: só falarei no Grego, e Ebraico. Vós condenais eſtes eſtudos por inveja, como fazem todos os que nam ſabem as materias. Se vós ſoubeſeis que o Concilio geral Vienenſe no ano 1311. ordenou que nas quatro principais Univerſidades da Europa ſe abriſem eſcolas de linguas Orientais para poderem propagar a Fé no Oriente; conheceriеis que nam deixa de ſer temeridade condenar o fim que teve um tal Concilio. Pois eſte meſmo fim exiſte oje a reſpeito dos Ereges; aos quais nam poderemos convencer ſem ſaber eſtas linguas, em que eles ſe fundam.

Demais, vos ainda nam apareceſtes com bula alguma, que tire a autoridade aos textos ſagrados originais Grego, e Ebraico; nem aos Livros dos SS.

(1) *In conſultation. de ſtudiorum ratione.* conſult. 4.

SS. PP. e aſim argumentando eu com vosco ſobre a inteligencia v. 9. das profecias de Daniel, poſo dizervos que nam quero ouvir a verſam, mas o texto. Que direis vós neſte cazo? direis *que ſou pouco ſeguro na fé?* ſim ſenhor, com a meſma razam, com que o dizeis do Barbadinho. Quem ſabe Teologia Dogmatica nam diz iſto: mas vós que nunca saiſtes de duas poſtilas de Eſcolaſtica, a tudo o que nam entendeis chamais erezia. Lede o noſo Portuguez Diogo de Paiva na *Defeza do Concilio de Trento* l. 2. que moſtra expreſamente, que a aprovaſam da Vulgata nam tirou a autoridade aos textos: e confeſa que á muitas faltas na Vulgata.

Querovos convencer nam com a minha autoridade, mas com a daquela eſclarecida Religiam, que vós com tanta razam louvais, e devem louvar todos os omens pios; a Companhia, digo, de Jezus, a qual diz, e faz o contrario. O P. Petavio, Sirmondo, Vavaſſeur, e mil outros, que podia nomear, por iſo fizeram tam grande figura no mundo literario, e declaráram bem os dogmas, porque ſabiam eſtas linguas: e nos milhores Colegios de Europa aſim ſe pratica. O meſmo Fonſeca, e Cipriano Suares as ſabiam bem. E que omens nam ſam eſtes para fazerem autoridade! Os ſeis famozos Jezuitas que compozeram o livro intitulado: *Ratio atque inſtitutio ſtudiorum Societatis Jeſu*: ano 1586: querem que os Teologos ſaibam Ebraico; e ſentem muito que na ſua Companhia o eſtudo da Eſcritura ſe deixe por cauza da Eſcolaſtica, chamando aos tais, *mutilos ou mancos Theologos*. Nam quero citar mais exemplos, porque eſtes devem baſtar para vós.

Todos, os dias ſe eſtá vendo a neceſsidade deſtas linguas principalmente em Teologos. No ano 1732. me contaram os Religiozos da Companhia, que neſte ſeculo vindo uma nao das Ilhas com dois Jezuitas Portuguezes, arribou a Gibraltar: onde os Inglezes receberam os tais Jezuitas com grande cortezia, e afabilidade. Certo predicante Inglez os levou a ſua caza e converſando com eles em diferentes materias, incidentemente ſe tocou um ponto Teologico. O Ereje citou um Santo P. Grego: os Jezuitas explicáram o texto da ſua cabeſa, como coſtumam os Eſcolaſticos. Onde o Ereje produzio o dito Santo em Grego, para moſtrar aos Jezuitas o ſeu engano. Eſcuzáram-ſe eſtes com dizer, que nam ſabiam Grego. Eiſaqui o Ereje exclamou: *Miror, Jezuita cum ſitis, ignoretis linguam Græcam.* E me diſeram os meſmos Jezuitas, que referiam o cazo, que o dito Ereje dizia bem; porque a lingua Grega era muito neceſaria em tudo: e em outras partes os Jezuitas a ſabiam com fundamento.

No ano 1727. na miſam, em que era Superior o P. Vaſconcelos, foram para o Malavar quatro Jezuitas Alemaens, e no de 1729. foram mais dois Alemaens. Conheci aqui em Lisboa um deſtes, que era o P. Jozé Hauſſegher da Provincia da Auſtria, Religiozo de muitas prendas. Perguntandolhe com confianſa de amigo a cauza, porque os PP. Alemaens iam todos para o Malavar, e nam para outras miſoens da China, Cochinchina, &c.

reſpon-

reſpondeo-me, que o P. Geral com carta circular mandada às Provincias de Alemanha, convidava aos Teologos, que tinham acabado a Teologia, para o Malavar; para poderem oporſe aos Erejes Dinamarquezes, que começavam a fazer grande dano no Malavar.

O cazo foi, que os tais Dinamarquezes, que poſuem na coſta do Malavar o porto de Trankbar, comesáram a catequizar os Indios Malavares, para os aſeiſoar ao dominio de Dinamarca. Pela vizinhanſa do dito porto com as miſoens do Madurè, os catequiſtas Erejes tiveram ocaziam de diſputar com os catequiſtas Catolicos, (catequiſtas ſam os Indios mais cultos, e bem doutrinados pelos Miſionarios, os quais explicam aos outros a doutrina de ſeus Meſtres) os catequiſtas apeláram para os ſeus Meſtres: e os Erejes, aproveitando-ſe da conjuntura, dezafiáram os Miſionarios Jezuitas Portuguezes. Vieram à diſputa. Os Erejes citáram logo a Eſcritura, e Tradiſam; mas a Eſcritura em Grego, e Ebraico; os PP. nas linguas em que eſcreveram, Grega, e Ebraica, Siriaca, &c. Aqui foi ela. Os Portuguezes, que nam eſtavam coſtumados àquele modo de argumentar, ficaram paſmados. A Teologia Eſcolaſtica, as formalidades Ariſtotelicas nam tinham forſa contra uns omens, que nam argumentavam com palavrinhas, mas com textos; e com a Iſtoria. Finalmente por noſos grandes pecados ficáram tam envergonhados e confuzos, que o Vice-Provincial do Malavar eſcrevendo, como é obrigado todos os anos, ao P. Geral, lhe deo conta do que ſucedia. E eſte zelante Prelado acodio com os PP. Alemaens, que pela vizinhanſa dos Erejes eſtudam as Linguas Orientais, e mais Polemica, que Eſcolaſtica. E eiſaqui tendes, meu Fr. Arſenio, que nam ſó nos reinos Eſtrangeiros, mas aqui meſmo em Portugal; e o que mais é de admirar, na meſma India é mil vezes neceſario o eſtudo das Linguas Orientais, e da Teologia Dogmatica; e que a Eſcolaſtica nam vale nada.

Iſto meſmo ſe conhece examinando bem as materias. Muitas vezes depende da inteligencia de uma palavra, uma inteira queſtam graviſima. Porei algum exemplo: A interpretaſam da palavra *Siloh* moſtra, ſe o vaticinio de Jacob pertence ao Meſias. Da palavra *Alma* depende a queſtam, ſe a Virgem pario ſem concurſo de omem. Da palavra *Emmanuel*, ſe em Criſto á uma ſó peſoa. Frequentemente na lingua Ebraica um *ponto*, ou *ſuffixo*, ou *letra ſervil* tira muitas duvidas: v. g. ſe o primeiro omem foi ſepultado em *Hebron*: ſe o Diabo tomou verdadeiro corpo de ſerpente: ſe os pés, e as maons do Meſias ſe deviam paſar com os carvos. Outras vezes com um artigo dos Gregos confutamos os ſofiſmas dos Erejes, quando ſe examina a Divindade do Verbo, ou a ſubſiſtencia do Eſpirito Santo. Impoſivel é que impugnemos bem as erezias antigas, ſem ſaber que ceiza é *Omoouſion*, *Hypoſtaſis*, *Theotokos*, &c. Nem menos ſem a inteligencia do Grego ſaberemos o que ſignificam os nomes dos livros ſagrados, *Geneſis*, *Exodus*, *Deuteronomium*, *Paralipomenon*, *Evangelium*, *Apocalypſis*. Deſor-

te que para qualquer parte que nos voltemos na Teologia, vemos a neceſsidade da Lingua Ebraica, e Grega. Sem falar por agora em mil outras controverſias, que ſem a inteligencia dos textos Originais nam ſe alcanſam, como conhecem os que abriram livros Dogmaticos. Mas como vós nam entendeis eſtas materias, nam è muito que condeneis aquilo meſmo, que os omens mais doutos, eſpecialmente os Jezuitas exaltam.

REFLEXAM VI.

Da Retorica.

AQui comeſais com a voſa coſtumada moderaſam, e com doutrinas bem eſcuzadas. Mas logo concedeis, *que á muitos, ainda entre os Prégadores, que pouco uzam deſta arte de falar, e obſervam mal os preceitos dela: mas que vos nam empurre todo o panal.* E o omem nam eſtá de acordo, ſenam de empurrar todo o panal, ateque vós deis a diverſa razam.

Para provar alguma coiza devieis provar, que avia muitos, que obſervavam todos os preceitos da Retorica; e reſponder aos argumentos, que o Critico tira das obras dos ditos Prégadores mais celebres; e moſtrar que aquela diſpoziſam é a milhor da Retorica. O Critico diz que ele nam nega, que algum particularmente eſtuda bem, e que deſtes conhece alguns. (1) Mas diz que o comum do Reino prega muito mal. Pertencia a vós moſtrar a contraditoria, *que o metodo comum è optimo.* Iſto nam fizeſtes vós: onde fica em pé a difficuldade: e todos os que entendem a materia ficam-ſe rindo de vós.

E que culpa tem diſto a Retorica de Pomey? muita; porque ela é a Retorica por onde eſtudam os que ſabem mais. *E porque nam aponta os erros, que achou no Pomey?* Porque eſcrevia a um omem douto que os ſabia, e è coiza publica ainda entre os meſmos PP. da Companhia: e o Critico nam tomou por aſumto criticar os Autores, mas apontar o metodo. O P. Meneſtrier Jezuita doutiſimo diz muito mal de Pomey. Mas o que é mais de admirar eſtá niſto: que tendo os Jurnaliſtas da Haye (2) criticado os Jezuitas das *Memorias de Trevoux*, dizendo que tinham perdido o bom goſto da eloquencia lendo o P. Pomey; os tais Jezuitas ſe defendem dizendo, que nem o Leram, nem o enſináram aos eſtudantes, e que julgam dele o meſmo que o Jurnaliſta (3) deſte modo: *Se o Jurnaliſta da Haya quer ſaber o que julga da eloquencia a Sociedade de Trevoux, leia a Retorica do P. Cygne, ditada por dois celebres Profeſores da Univerſidade de Paris; as ſuas Analizes de Cicero; Balbini Quaſita Oratoria, Alberti de Alberti Actio in Eloquentiæ corruptores, P. Rapin Reflexoens ſobre a Eloquencia, P. Gisbert Bom*

(1) *Tom.* 1. *pag.* 104.
(2) *Mez de Mayo, e Junho* 1713.
(3) *Journal de Trevoux. Dezembro* 1713. *pag.* 2096.

Bom goſto da Eloquencia, P. de Foix Arte de pregar. Informe-ſe em Colegios os Polignais, os Nicolais, os Lamoignons, os Benoiſts, os Chauvelins, os Dumont, omens eloquentiſimos: em que Colegio tantos Advogados famozos, tantos Pregadores celebres eſtudáram Retorica, e ſentirà ter feito uma ſatira, que ja a voz publica tem confutado.

Aqui tendes, Fr. Arſenio, que os Jezuitas mais doutos nam ſo aprovam o que diz o Critico, mas ſe queixam de que lhe digam, que lem pelo P. Pomey, e condenam tacitamente o Jouvency, de ter feito uma nova ediſam ainda que aumentada, e emendada. (1) E ſe quereis ſaber que defeitos, tem, lede o famozo critico Morhof, (2) que vos dirá que ſomen explica bem as figuras, e amplificaſam; mas que nas regras que dam os outros, em lugar de as explicar bem, embrulha, e confunde tudo; e o que diz de ſua caza ſobre achar as provas na amplificaſam, e coizas ſemilhantes, ſam ridicularias; e que enſina a falar ſem ſaber o que ſe diz, como Raimundo Lulo. E aqui vereis a verdade, e moderaſam com que falou dele o Critico, dizendo ſomente, *que nam tinha metodo, e era oſcuro.*

Definiz magiſtralmente, *que vale pouco o que diz o Critico ſatirizando os Prégadores.* E como ſe iſto foſe definiſam de Concilio, julgais que é ſuperfluo provalo. E ficam em pé todas as dificuldades que promoveo o Critico contra o metodo comum, e eſperam ainda a reſpoſta. Dizeis mais, *que á dois modos de prẽgar: um puramente Oratorio ſem uzo de conceitos, e ſi apontando os textos da Biblia no ſentido literal, como fez o Segneri, e o P. Bourdalove, outro uzando de conceitos tirados do ſentido alegorico, que é o de que mais ſe agradam os Portuguezes, e Eſpanhoes.* Só eſta propoziſam baſtava para moſtrar aos inteligentes, que nam ſabeis que coiza é Retorica.

Meu Fr. Arſenio, nam á mais que um modo de prégar, o qual explica Cicero por eſtas palavras, *docere, delectare, movere.* (1) Iſto é o que enſináram os Gregos, os Romanos, e os meſmos SS. PP. A Retorica é uma ſó; as regras ſam as meſmas em toda a ocaziam; a materia é que pode ſer diferente. E quem nam pratica eſtas regras, nam pode *enſinar, agradar*, e *mover*; e por conſequencia nam ſabe prégar.

Aſim como nenhuma Naſam pode mudar a natureza, e paixoens dos omens, aſim nenhuma pode inventar regras diferentes para excitar eſas paixoens. Por forſa devemos praticar aquilo, que a experiencia moſtrou ſer o unico meio de o conſeguir, que ſam as regras, que nos deixáram os antigos. Quem ſaie delas, logo dá em ſeco, e a experiencia o confirma; porque ninguem fica perſuadido, quando nam ouve prégar bem. Por iſo agra-

(1) *Em 1712.*

(2) *Oratoris eſt docere, delectare, movere. Primum eſt neceſſitatis, alterum ſuavitatis, tertium victoria.* Cicero in Oratore.

(3) *Polyhiſt. tom. 1. liv. 6. c. 2.*

da tanto a todos os que sabem Retorica o Segneri, e Bourdaloue, porque observáram estes preceitos.

Perguntáravos eu, para que fim publicastes esta Apologia? Direis, que para persuadir ao mundo literario, que sois um grande omem, e que o Critico é um grande ignorante. E porque nam conseguistes este fim? a razam é porque nam buscastes argumentos verdadeiros para o persuadir, nem soubestes dar verosimilidade a iso mesmo que escrevestes. E eisaqui tendes, que o fim de quem fala, ou escreve é o persuadir: e quem nam busca os meios de o conseguir, nam é Retorico, mas falador. O mesmo sucede nos sermoens: se acazo o Pregador nam diz coizas verdadeiras, claras, e com tal artificio, que as meta pelos olhos, e ouvidos, ninguem saic de la persuadido: nam os ignorantes, porque o nam intendéram: nam os doutos, porque conhecéram os seus defeitos.

Se vòs tiveseis estudado a materia, e lido os milhores autores, acharieis que esta é a pura verdade; e que nam á mais regras para prégar, do que para orar em qualquer outra materia; e acharicis que nenhum Retorico nem profano, nem sagrado ensinou nunca tal modo de prégar por conceitos.

Agostinho Valerio, aquele grande Cardial, e Bispo de Verona, que floreceo nos tempos do Concilio de Trento, sendo rogado por seu amigo S. Carlos Borromei, para que compozese uma *Retorica Eclezias*tica*, foi o primeiro (nam falo em Erasmo) que escreveo semilhante Retorica. Mas que faz ele nesta Retorica? No primeiro livro mostra a necesidade da eloquencia para o pulpito: dizendo que deve ser clara, agradavel, e ornada. Mostra os defeitos que á neste particular, e ensina a evitalos, e a dilatar os argumentos com os principios de Aristoteles: indicando as fontes donde se devem tirar os argumentos, que sam a Escritura, a Tradisam, os Concilios, os PP. e todos os milhores escritores Eclezias*ticos. No segundo livro trata das paixoens segundo a doutrina de Aristoteles, Cicero, e S. Agostinho, que é a mesma. No terceiro trata da locusam, provando a sua necesidade, e aconselhando buscar um Mestre, com quem se aprenda fundamentalmente, ler as orasoens mais eloquentes; e finalmente expoemlhe tudo o que neste particular diseram Aristoteles, Cicero, Quintiliano, Cornificio; acomodando tudo à gravidade de um ministro Evangelico. Isto dise aquele grande Retorico: isto agradou a S. Carlos, que nam era omem de louvar senam coizas utilisimas: e isto praticáram todos os que se seguîram despois. E isto mesmo á proporsam diz o Critico. Onde achais aqui o defeito?

O grande Luiz de Granada Dominicano Espanhol na sua *Retorica Eclezias*tica*, segue os mesmos principios de Aristoteles, Cicero, Quintiliano, acomodados ao argumento sagrado. Escreve com mais difuzam que Valerio, mas escreve com os mesmos principios. E notai que o P. Rapin Je-

Jezuita (1) propoem Granada aos ſeus leitores, como o milhor exemplar dos oradores ſagrados.

Fr. Lourenſo de Villavicencio Agoſtiniano Eſpanhol, no ſeu livro de *Formandis ſacris concionibus* nam ſe afaſta deſtes principios. Os noſos Obſervantes dizem o meſmo. Fr. Franciſco Panigarola Biſpo de Aſti Italiano, no ſeo livro intitulado: *O Pregador, ou Demetrio Falereo de Elocutione, &c. ou a Eloquencia Profana Grega acomodada à Eloquencia ſagrada*: moſtra que nam á outro modo de pregar. E o meſmo confirma outro Obſervante igualmente celebrado, que é Fr. Diogo Stella Eſpanhol no ſeu tratado de *Modo concionandi*. Eſte autor explica as coizas com mais individuaſam pelo que reſpeita aos argumentos, notando os muitos defeitos dos Pregadores do ſeu tempo: e diz expreſamente o que eſcreve o Critico da divizam do ſermam. (2) E notai, que Kekerman autor Ereje na ſua *Retorica Eclezíaſtica*, louva o ſtella como um dos milhores Retoricos. Todos eſtes foram do ſeculo XVI. em que a Eloquencia florecia.

Paſemos ao ſeculo XVII. O P. Gody Benedictino, um dos omens mais doutos, e pios do ſeu ſeculo, no livro *Via ad eloquentiam Chriſtianam* confeſa (3) que nam á outras regras para prégar ſenam as de Ariſtoteles, Cicero, Quintiliano: e aſim o pratica na ſua Retorica: e nam faz mais, que em lugar de exemplos profanos dar ſagrados tirados da Eſcritura, e Padres.

E que diram neſta materia os milhores Doutores da Companhia de Jezus? o meſmo que os outros; nem podiam dizer outra coiza. O P. Cauſſino Jezuita na ſua Retorica conſagrando trez livros à *Eloquencia Eclezíaſtica*, diz claramente (4) que o Pregador deve *deſcer a noçidade ſaber todas as ciencias umanas: que deve ſaber bem a Iſtoria, os coſtumes, e uzos do paîz: a Teologia, a Eſcritura, os Concilios, a Moral, e Iſtoria Eclezíaſtica*. Enſinalhe os preceitos Retoricos dos eſtilos, &c. (5) e provalhe tudo com exemplos de S. Joam Crizoſtomo, que é um grande Retorico. O meſmo diz no que pertence aos preceitos o P. Braz Gisbert Jezuita na ſua *Eloquencia Criſtan*: (6) e o P. de Foix tambem Jezuita: e nam dam outros ditames, ſenam os dos Gregos, e Romanos.

Os outros milhores autores da Companhia, e que tem nome entre os mais doutos, v. g. o P. Pelletier, Soares, Arriaga, Creſol, Maffeio, du Cygne, Rapin, Bouhours, que eſcrevem Retoricas, ou Reflexoens ſobre a Eloquencia, nam falam de coizas ſeparadas: mas propoem uma ſorte de regras, e dizem que ſervem para tudo. Deixo de parte os ſeculares, que eſcrevéram *Retoricas Eclezíaſticas*, como Monſieur des Bords, de Bre-

te-

(1) *Reflexoens ſobre a Eloquencia, pag. 70. em 4. Franc.*
(2) *No cap. 23. e 37. e 38.*
(3) *Prefaſam pag. 7.*
(4) *L. XV. p. m. 951.*
(5) *L. XVI.*
(6) *Em Francez impreſa em Leam. 1702.*

teville, du Jarry, e outros, que podia citar: os quais todos convem neſte ponto, que a materia é a que diverſifica o Orador Sagrado do Profano, mas nam as regras.

Temos aqui, Fr. Arſenio, os maiores omens das Religioens Benedictina, Dominicana, Franciſcana, Auguſtiniana, Jezuitica, e do Clero ſecular, que diſeram o meſmo dos Pregadores, e Oradores, deſde que ſe reſtabeleceo a Eloquencia. Nem todos ſam Francezes, mas Eſpanhoes, Italianos, Tudeſcos, Portuguezes. E quereſdes vòs agora, que a voſa opiniam valha mais que a dos oraculos neſta materia, venerados por todos os que ſabem que coiza é Retorica, é moſtrar que ſois louco. Moſtraime um unico Retorico, (nam digo eu algum preoeupado, que eſe nam prova nada) que tenha aceitaſam entre os doutos, e que diga, que á dois modos de prégar, um oratorio, outro por conceitos, que eu me quero deſdizer de tudo quanto diſe.

Nem me citeis uniſa ou outra expoziſam de S. Agoſtinho no ſentido alegorico. Iſo nam prova nada para o cazo: Nem o Critico ate aqui negou, que o ſentido alegorico poſa ter ſeu uzo; mas ſo condena o abuzo. Se vòs tiveſeis lido os livros de S. Agoſtinho, que o Critico cita (como era obrigaſam voſa, ja que quericis criticar) verieis que diz o meſmo, que diz o Barbadinho.

Nos quatro livros de *Doctrina Chriſtiana* inſtrue eſte Santo Doutor os Prégadores. Mas eſpecialmente no quarto lhe encomenda que eſtudem a Retorica: (1) e lhes dá os meſmos tres perceitos de Cicero, dizendo, que ſe devem explicar em modo tal, *ut audiantur intelligenter, libenter, obedienter.* (2) Enſinalhe o modo de o conſeguir, e os eſtilos. Finalmente conclue, que nam obſtante a diverſidade da materia Sagrada, e Profana, a Retorica nam dá diferentes regras, para uma, doque para outra: e diz, que nam deve o Pregador deſprezar nada do que os Meſtres da eloquencia enſinam, porque tudo é util.

Lede, Fr. Arſenio, eſte S. Doutor, que foi o primeiro e unico, que tratou eſta materia entre os PP. (3) e vereis que em cada folha deſmente a voſa opiniam, e a dos voſos ſequazes: e que vos diz claramente, que nem ſabeis prégar, nem podeis entender o que o Critico diz dos ſermoens, porque vos faltam os principios. Aſim que neſte particular tudo o que dizeis é para moſtrar a voſa incapacidade: porque aſentando naquele principio de todos os Retoricos, que ſe deve prégar como diz S. Agoſtinho, ſegue-ſe que os que o nam executam, nam prégam, mas falam, e muito mal. Pelo que ſe quereis provar alguma coiza, deveis provar primeiro, que o que diz o Critico dos Prégadores Portuguezes é falſo: ſegundo, que o que diz S. Agoſtinho, e todos os Retoricos Eccleziaſticos nam

(1) *L. IV. n.* 3.
(2) Ibid. *n.* 38.
(3) *Agoſtinho Valerio na Prefaſam da ſua Retorica Eccleſiaſtica.*

nam vale nada: terceiro, que o modo de pregar de Eſpanha, e Portugal é o unico, e verdadeiro para perſuadir. Em quanto nam provais iſto nam provais nada: e ſo provais que vos meteſtes a falar no que nam entendieis.

E agora entendereis a razam, porque o Critico nam condéna o P. Suares: porque ele nam eſcrevia para condenar a Natam, mas para lhe moſtrar os defeitos dos Autores, e enſina a evitalos. E como o Suares é um dos milhores autores da Companhia, que eſcreveo um belo compendio de Retorica tirado de Ariſtoteles, Cicero, Quintiliano, e mui bem eſcrito em Latim; por iſto o nam condenou. Condena ſim aqueles, que, nam fazendo cazo de tam bom compendio, (como vòs que nunca o leſtes) ſe ſervem do Pomey, e outros ſemilhantes embrulhadores.

Verdade é que ele meſmo Soares tem algum defeito: porque no primeiro livro confunde a abundancia do Orador com a amplificatam. Nam aponta nem o tempo, nem o lugar da amplificatam. Nam diſtingue bem as paixoens. Diz muito pouco dos coſtumes Oratorios. Querendo dar regras para a memoria, contra a experiencia. Mas eſtes defeitos pode um Meſtre facilmente advertir e ſuprir, e o compendio tirando iſto é otimo.

O que dizeis no penultimo paragrafo merece compaixam. 1. Confundiz o ſentido da Eſcritura com o mao uzo, que dele fazem os Pregadores, como ſe eſte dependeſe daquele. 2. Confundiz as expoziſoens dos SS. PP. com os ſermoens. 3. Quereis provar iſto com S. Jeronimo, ſendo um dos PP. que falou, e orou milhor: e para iſto citais algumas palavras, e nam olhais para as outras obras ſuas. Citais S. Gregorio Magno, ſem ſaber que em materia de eloquencia foi dos que ſoube menos: e com tanto alegorizar ſe afaſtou das regras dos outros PP. e de S. Agoſtinho: ele meſmo confeſa, que cometia muitos erros contra a Retorica, e Gramatica. (1) E quem faz iſto nam é bom autor de Retorica. Mas vòs que nam ſabeis nada da Iſtoria Literaria, e nunca abriſtes os milhores livros, entendeis que todo o mato é ouregam. Outro oficio, meu Fr. Arſenio, que o criticar nam é para vòs.

Daqui ſaie a reſpoſta para o que diz o Critico do P. Vieira. Ele louva no Vieira (2) a capacidade, a piedade, a doutrina, a inteligencia das coizas politicas. Iſto chama-ſe Louvar, e nam ſatirizar. Acreſcenta porem, que ſe ſe aplicaſe a outro eſtilo, e floreceſe em outro ſeculo ſeria o maior omem do mundo. Em tudo iſto o Barbadinho fala com grande mo-

(1) *Unde & ipſam artem loquendi quam magiſteria diſciplinæ exterioris inſinuant, ſervare deſpexi. Nam ſicut hujus quoque epiſtolæ tenor enunciat, non metaciſmi colliſionem effugio, non barbariſmi confuſionem devito: ſitus, motuſque præpoſitionum caſuſque ſervare contemno: quia indignum vehementer exiſtimo, ut verba cœleſtis oraculi reſtringam ſub regulis Donati.* Gregor. Pap. in Dedic. Moral.

(2) *Tom. I. pag.* 174.

moderaſam, e reſpeito. Diz mais, que o Vieira ſeguindo o metodo moderno dos Eſpanhoes ſe afaſtou do verdadeiro modo de prégar. E tambem niſto diz a verdade.

O Vieira era um grande omem, e ſe floreceſe oje abiſmaria o mundo. Soube prégar, e conheceo a verdade, mas nam quiz prégar, porque achou Portugal preocupado com os eſtilos Eſpanhoes, e foilhe neceſario conformar-ſe com eles: e porque mudou alguma coiza no eſtilo de prégar teve ſuas perſeguiſoens. Agradou em Roma a alguns, que ſeguiam as meſmas opinioens dos Eſpanhoes: porque naquele tempo a Italia tinha algumas preocupaſoens neſta materia. Mas ſe quereis ſaber, em que conceito eſtà oje, que o mundo tem aberto os olhos, mandai-o perguntar a Florenſa, ou Roma aos milhores Pregadores: La ouvi eu o meſmo, que o Barbadinho conta de ſi. Mas vòs fazeis muito mal de falar das Naſoens eſtrangeiras, onde nunca eſtiveſtes: e de citar o Segneri, e outros, que vòs num leſtes, nem podieis entender; porque vos faltam os principios, a lingua, e a doutrina.

Einalmente dizeis, que o Barbadinho afirma, *que a Iſtoria do Futuro è o Clavis Prophetarum.* O Critico nam diz tal: diz ſim, *que na Iſtoria do Futuro dà o Vieira uma ideia do Clavis Prophetarum.* (1) E iſto aprendeo ele no meſmo Vieira, que o diz claramente na dita Iſtoria, afirmando ſer um Prologomeno da tal obra. Mas vós com tanto que injurieis o Barbadinho, nam importa que eſcrevais calumnias. Como ſe conſiga engañar o povo ignorante, com dizer que dezagravais a Naſam, pouco importa que fique dezacreditada a noſa Religiam, com as infinitas falſidades, que neſta chamada Apologia eſcreveſtes.

A concluzam é, que vòs nam reſpondeſtes ao Critico; ſo nos injuriaſtes a nòs, e a vòs. Lede bem, ſe o podeis fazer, o Barbadinho; (2) eſtudai bem os autores, que cita; e entam conſultareis os ſermonarios modernos, e direis o que vos parecem. E lede tambem o *Scrutinium doctrinarum*: e entam vereis ſe o que diſe o Critico dos qualificadores é verdade.

REFLEXAM VII.

Da Poezia.

NA Poetica temos as meſmas incoerencias da Retorica. Em lugar de provar o que devieis, demoraivos com certas palavrinhas; e atribuiz ao autor o que nam diſe. Meu Fr. Arſenio, lembrado eſtareis, que ſempre na Filozofia vos adverti, que o principal ponto de quem argumenta deve ſer provar a contraditoria do que lhe negam: e vos adverti muitas vezes,

(1) *Tom. I. pag.* 169. (2) *Tom. I. pag.* 172.

ves, que fazieis o contrario. Cuidava que vos tiveseis emendado; mas vejo que cada ves estais pior: porque nenhuma destas Reflexoens tocais o ponto.

O Critico diz, *que Camoens teve grande engenho, e fecunda imaginasam, e poderia com estudo dezempenhar o argumento da Epopeia, e que naquele tempo é maravilha que escrevesse tambem.* (1) Diz mais, *que o Camoens tirando os defeitos que aponta é um dos milhores Poetas Portuguezes.* (2) Vòs respondeis que o Critico diz *que Camoens nam vale nada: e que quer tirarlhe a estimasam do milhor Poeta Portuguez.* (3) Primeira calumnia. O Critico diz *que o Camoens entre muitas boas qualidade teve muitos defeitos:* (4) e os refere tanto no Epico, como na Versificasam: e esta critica é prudente. Vòs a nada disto respondeis. O Critico diz, (5) que Camoens nos Sonetos diz algumas coizas mal. Vòs nam tocais este ponto.

O Critico diz (6) que o Chagas cometeo mil erros sustanciais no seo Poema, e cem mil nos Sonetos: e que se serve sempre de palavras sem significado: o que prova com o mesmo Chagas. Vós sem falar, nem responder ao que devieis, contentaivos com dizer, que a fraze *agradables daños* é muito engrasada, e se pode admitir: o que provais de modo tal, que merece compaixam. E o pior é, que confesais em outra parte (7) que os Poetas ainda nam alcansáram a licensa de unirem contraditorios.

O Critico diz, (8) que o tal Espanhol, que fez o Soneto ao nariz grande, despois de o ter encarecido tanto, desfizera quanto tinha dito com a frioleira de Anaz. Vòs dizeis, (9) que o Critico nam quer dar licensa aos Poetas para uzarem de iperboles: o que provais com alguns exemplos. E temos outra calumnia. Valha-vos Deos! que nunca aveis de ver nos autores o que dizem; mas somente fantasmas, que nam existem senam na vosa mal regulada imaginasam? Eu nam vi tal cegueira!

O Critico finalmente relata mil defeitos dos Poetas Portuguezes, nacidos da comunicasam com os Espanhoes: e indica o modo de os emendar, correndo por todas as compozisoens: Especialmente nota os defeitos dos Elogios lapidares, e outras coizas muito mimozas neste Paiz. E dá os milhores conselhos, que apontam os bons Poeticos, para compor com acerto, e gosto. Vòs respondeis a tudo isto, que a noticia destas compozisoens nam vos era necesaria, e que o Critico mostra que nam sabe qual é o seo estilo. Serve-lhe a resposta.

O Critico prova tudo quanto diz com os Mestres da Eloquencia antigos, e modernos: e quanto aos Elogios lapidares podia confirmar tudo com os mais doutos Jezuitas, especialmente o P. Jonvency Jezuita, que

(1) *Tom. I. p.* 214. (2) *Ibid.* 218.
(3) *Reflex. Apolog. pag.* 24.
(4) *Tom. I. pag.* 215.
(5) *Tom. I. pag.* 208.
(6) *Tom. I. pag.* 218.
(7) *Reflex. Apol. pag.* 26.
(8) *Tom. I. pag.* 133.
(9) *Reflex. Apol. pag.* 25. 26.

no ſeo *Methodus docendi*, & *diſcendi* faz eſcarneo do Juglar, e de outros, que o imitam. E niſto nam diz mais que o que pratica toda a Europa erudita. Quereis ſaber quanto valem eſes Elogios, mandai-os a Roma aos PP. Contucci, e Venturi, que ſam oje os milhores Retoricos da Companhia: ou aos PP. Cordara, e Noceti, que ſam os milhores Poetas; ou aos PP. Lagomarſini, e Nicolai, de Florenſa, que ſam os milhores Latinos; e eles vos reſponderám quanto valem. Ou mandai-os a qualquer das milhores Academias de Italia, ou à das Inſcripſoens de Pariz, e ouvireis a reſpoſta.

Compoem um autor de credito em Portugal na Canonizaſam dos SS. Luiz Gonzaga, e Stanislao Koſtka uma Tragedia Latina, e dá-lhe eſte titulo: *Aloyſius, & Stanislaus Doctor, & Imitator*. Manda-a a Roma para abiſmar os Jezuitas Italianos. Eles, que ſabem mais doque vòs, logo no titulo acháram o eſenſial defeito da obra; que em uma aſam primaria, reprezenta duas, e ſem mais artificio refere toda a vida dos Beatos: e lepidamente lhe chamáram *Liber de ortu, & interitu*. Vede agora ſe a noticia das compoziſoens particulares é neceſaria em Portugal, e ſe errou o Critico em apontar os defeitos?

Emfim a concluzam é, que a nada reſpondeſtes do que o Critico diſe, e provou dos defeitos das Poezias: e que muí conſolado das ridicularias, que diſeſtes, concluiz, *que o mais que diz ſobre a Poezia nam merece reſpoſta, mas total deſprezo*. Se ele o diſeſe de ſua cabeſa; podia concedervos iſo de barato: mas o cazo é, que o diſe, e o provou com os milhores autores; e o podia ainda confirmar com os mais doutos da Companhia, como o P. Rapin, e outros; e geralmente com todos os inteligentes da materia, que ſeguem as meſmas opinioens. Ele nam fez mais, que moſtrar nas compoziſoens Portuguezas os defeitos, que os Meſtres da arte mandam evitar: e diz quanto baſta para ſe evitarem. E niſto meſmo ſe moſtra a voſa loucura, de condenar como coiza ſua o que dizem todos os Meſtres.

Verdade é, que confeſa nam ter muita noticia dos Poetas Portuguezes: mas tem a que baſta para moſtrar os ſeus defeitos: e ſabe perfeitamente as regras da Poezia, que é o que vòs nam ſabeis, como moſtrais em tudo o que dizeis, eſpecialmente na cenſura que fazeis ao Soneto, que ele aprovou, em que dizeis coizas bem indignas. E aſim concluimos nòs tambem com outra reſpoſta ſemilhante: *Que nam digo mais, porque nam devo falar com um omem, que nam entende a materia.*

RE-

RELEXAM VIII.

Da Logica.

CUidava eu, que na Logica diſeſeis alguma coiza, que vieſe mais à propoſito; viſto tervos dado milhores ditames que os comuns, quando vos ditei eſta materia: mas vejo que aqui falais pior, do que nas outras, nam obſtante o falar tam mal nelas.

Primeiramente duvidais ſe o que diz o Critico da Iſtoria Filozofica é verdade. E niſto moſtrais a voſa grande ignorancia no que pertence a eſta profiſam. Deſpois dizeis que dali nam ſe tira nada. Nam ſe tira para vòs, que nam ſabeis o que é neceſario para as cicencias: mas tira-ſe para os outros, que querem ſaber com fundamento o que eſtudam, e com iſto querem reſponder às falſidades, que os Peripateticos, como vòs, dizem neſtas materias. E tambem com iſto ſe moſtra que a Filozofia moderna, que vòs cenſurais, foi, e é actualmente abraſada por muitos omens grandes, ſem ſerem condenados pela Igreja, e ſem que ninguem lhe chame *pouco ſeguros na Fé.*

Confeſais, *que a Filozofia Experimental é digna de eſtimaſam*: e logo acrecentais, que a Experimental nam deſtroe o ſiſtema Peripatetico. E que provas dais para iſo? eila vai: *Apareſam as balanſas para pezar o ar: que parabem ſe devia fazer a experiencia junto da Lua, onde o ar nam tem miſtura de vapores, e exalaſoens, que facilmente poiem cauzar eſe pezo.* Que bela graſa, meu Fr. Arſenio! Eſtiveſtes vòs algum dia junto da Lua, para ſaberes ſe tem vapores, exhalaſoens, e atmoſfera? ou mediſtes ja a altura do ar, para ſaber ſe chega atè a Lua? creio que nam. Pois quando de la vierdes, falaremos entam neſte ponto.

Por agora ſo vos digo, que a Lua é um corpo como a terra ſolido e opaco, cheio de vales e montes mais altos que os noſos, como confeſa o Keplero, (1) Monſieur de la Hire, (2) o P. Ricciolli Jezuita (3) e o P. Regnault tambem Jezuita. (4) E Monſieur Caſſini vio nela monte, que lhe pareceo ter mais de trez legoas de altura. (5) Se tem atmoſfera ſenſivel, nam o ſabemos; aindaque o podemos ſuſpeitar, viſto eſtar expoſta aos raios do Sol. Se tem ar ao redor, nem menos o ſabemos. Mas nada diſto tem parenteſco com o pezo do ar neſte noſo globo; provado com tantas experiencias, que os meſmos PP. da Companhia mais doutos, e eſpecialmente o dito Regnault dizem ſer coiza evidente. Mas iſto per-

 tence

(1) *In Nuntio Sidereo.*

(2) *Memoires de l'Académie*, 1706. *pag.* 110.

(3) *Almageſti*, *tom* I. *l.* 4. *p.* 208.

(4) *Entretiens Phyſ. tom. IV. pag.* 198.

(5) *Mémoires de l'Académie*, 1724. *pag.* 405. *Hiſtoire de l'Acad. p.* 88.

tence à Fizica, onde moſtraremos a incompatibilidade das ditas propoziſoens.

Confeſais, *que quanto diz o Critico do Sologiſmo é ja velho, e que o diz o P. Arriaga.* Aqui temos outra falſidade, e calumnia: porque o P. Arriaga nam diz a ſeiſta parte do que diz o Critico, e fala ſó de uma materia. Confeſais, *que as Filozofias Portuguezas andam cheias de muitas queſtoens, que ſe podiam omitir.* Pergunto agora, ſe e cá velho o que diz o Critico, e todos o ſabem, para que fazem o contrario? Se o fazem por malicia; ſam condenaveis: ſe por inadvertencia, devem-ſe avizar paraque ſe emendem. E em ambos os cazos deviam agradecer ao Critico, o enſinarlhes o verdadeiro caminho de filozofar. O certo é, que iſo que vós chamais velho, é aqui tam novo, nam ſó nas Univerſidades, mas ainda nos conventos, da Corte que geralmente quaſi todos fazem o contrario; e ſe eſcandalizam quando lhes dizem o que aviza o Critico: como eu vejo neſtes noſos Religiozos. As diſputas todos os dias crecem nos Univerſais, Sinais, Propoziſoens, Silogiſmos, &c. e a Logica que ſe devia enſinar nam ſe enſina.

O Critico diz, (1) *que nam á diſcurſo que perſuada, que nam ſeja em virtude de um Silogiſmo: mas que daqui nam ſe ſegue, que ſem a noticia diſtinta do Silogiſmos nam ſe poſa explicar bem.* O que prova com o exemplo do maſtigar. Vós dizeis, *que o Critico umas vezes aprova, outras condena o Silogiſmo.* Outra calumuia. Valhate Deus para omem, que nunca ás-de ler os periodos inteiros, mas troncados!

O critico falando do que os meſtres experimentam nos eſtudantes diz, (2) *que ſe diſerem a um deſtes, que o ramo é ſinal do vinho pelos termos comuns, logo entende: ſe pelos termos Filozoficos, que com diſiculdade entende.* Vós ſeparando a propoziſam do contexto, dizeis que o exemplo é uma frioleira; pois ſe falarem a um rapaz em latim, nam entenderá ainda que a fraze ſeja clara. E temos outra calumnia. Meu P. o Critico no meſmo paragrafo diz ambas as coizas: e vós nam devieis ſeparar uma propoziſam do contexto para o calumniar. O Critico condena o que ſe diz no *Priori*, e *Poſteriori* da Logica: e eſta nam ſe explica aos ruſticos, e idiotas, mas a Filozofos principiantes. Onde tudo o que dizeis é uma mera parvoice, como pode ver quem ler o dito paragrafo.

O Critico deſde a pag. 308. explica cum titulo expreſo a *Ideia da Logica*, que pode ſer util: enſinando de que nace a neceſidade da Logica: como ſe adquirem os conhecimento: dando a divizam das ideias relativamente aos trez objetos, *Modos*, *Subſtancias*, e *Relaſoens*: explicando o que ſignificam eſtas trez vozes: explicando a diverſidade dos conhecimentos, eſpecialmente dos Univerſais; a diverſiade dos Juizos; a natureza do Raciocinio. Daqui paſa às cauzas dos noſos erros, e as explica em breve. Deſpois dá o metodo de os evitar; expondo as priucipais leis do metodo Analitico, e Sintetico; e o modo de diſputar. E aſim em poucas palavras diz a ſubſtan-

(1) *Tom.* 1. *p.* 249. (2) *Tom.* 1. *pag.* 243.

ſubſtancia das milhores Logicas, com a ordem que lhe pareceo mais natural: e niſto emprega 30. paragrafos bons. Vós copiando as ſeis regras, em que trata do metodo Analitico, dizeis expreſamente, *que e omem prometendo dar uma idea da boa Logica, nam diz mais que as ditas quatro palavras.* Pode aver calumnia, temeridade, e *dezaforo* ſemilhante! (é palavra voſa) E ſofre-ſe no mundo tal modo de eſcrever, e calumniar, ſem aver quem vos caſtigue por ſemilhante temeridade! E nam quereis que os noſos PP. digam que ſois um ignorante prezumido ſem o minimo fundamento; e que na Religiam Serafica nunca ſe coſtumou inventar mentiras para criticar os Eſcritores?

Aquelas quatro leis, que o autor indica em poucas palavras, nam ſe dictam aſim aos eſtudantes; mas cada uma delas ſe explica, e prova com exemplos, como ſe pode ver nas Logicas modernas, principalmente de Breſcia, Soria, Corſini, que nam ſam Janſeniſtas, e tratam iſto com diſuzam. Mas nam quero agora perder o meu tempo, enſinando-vos o que nam ſabeis: ſó vos digo, que lendo eſta voſa reflexam, o que tiro é, que admitiz a verdade de tudo quanto diz o Barbadinho: mas que para dezafogar a voſa raiva, e inveja, no meſmo tempo o injuriais com manifeſta calumnia, ſem advertir que vos condenais a vós meſmo.

REFLEXAM IX.

Da Metafizica.

TEndo o Critico moſtrado evidentemente a inutilidade, e impertinencia da Metafizica vulgar, e o prejuizo que fazem os que demoram a mocidade com ſemilhantes arengas; vós paſando por tudo iſto com grande dezembaraſo ſem reſponder uma ſó palavra, ſomente reparais em quatro coizas: Primeira, que diga que a Metafizica é inſeparavel da Logica, e Fizica. Segunda, que critique o Feijoo. Terceira, que critique as formas diſtintas. Quarta, que critique os atos primeiros proximos, e remotos. E concluiz dizendo, *que o mais, que ſe lê na carta, nem prova contra os eſtudos da Metafizica; nem impugna os prineipios Ariſtotelicos.* Iſto ſim, que é um novo modo de criticar.

Vós nam reſpondeis a nada do que o Critico diz contra os defeitos da Metafizica; logo tem razam o Critico no que diz, e vós nenhuma em o concordar: muito mais, porque confeſais no fim, *que neſtas materias á muita queſtam impertinente.* E que chamais a iſto? criticar a carta da Metafizica? a iſto chamam todos nam reſponder, nem provar coiza alguma: antes fazer-ſe ridiculo. Se quericis concluir alguma coiza devieis moſtrar, *que ou o que diz o Critico dos Metafizicos vulgares era falſo, ou que ſó aſſim ſe devia tratar a Metafizica: e que aquela ciencia aſſim tratada era utiliſſima.* Em quanto nam provais iſto, nam provais nada. Mas

Mas que ridicularias nam dizeis em cada uma das ditas quatro notas? Na primeira defmiz, que todas as coizas deſte mundo ſe podem tratar debaixo do titulo de Metafizica: mas que iſto nam impede, que ſe poſſam tratar eſtas partes do Ente ſeparadas, e divididas em varias materias. Que profundo penſamento! nam ſe diz coiza milhor! Mas que tiramos nos daqui contra o que diz o Critico? iſo deixo eu à conſideraſam dos que lerem ambas as coizas, as Cartas, e as Reflexoens.

Vamos à ſegunda. Dizeis, *que a maior culpa, que o Critico dá ao Feijoo é, porque nos ſeus livros ſe aproveitou do que traziam os outros.* Temos outra calumnia. O Critico fala do Feijoo nos trez ultimos paragrafos da ſua carta; (1) e neſtes trez ultimos paragrafos nam ſe achara tal propoziſam como eſta. O Critico reſponde aos que em Portugal diziam, que ninguem podia ſer douto em Critica, e Filozofia Moderna, ſem ter lido o Feijoo: e prova que iſto é uma falſidade. Confeſa porem, *que o Feijoo tem muita coiza boa, mas que alguma coiza, que na Fizica diz menos má, é o que tirou das Coleſoens das Academias Regias.* Mas adverte, que niſo meſmo tem muita coiza má; e que pelo menos é inutil a um Filozofo; aos outros pode ſer util. E onde ſe acha aqui a propoziſam, que dizeis?

Mas vós como poſais meter a facada, e injuriar o Barbadinho, nam ſe vos dá, de que ſeja calumniozamente. E nam vedes, que todos ſe riſam de vós; porque o Critico nam condena quem ſe ſerve dos outros autores, antes aconſelha a leitura deles todos os inſtantes; e mil vezes reſponde ao ſeu amigo, que o que diz nam é de ſua caza, mas dos milhores autores, de quem o tirou: e nas ocazioens neceſarias ate cita nas notas os paſos originais. Tal é a voſa cegueira, que nem iſto vedes.

Mas eu ja entendo porque incaixaſtes aqui o Feijoo: foi para dizer, que ele nam condenava ninguem pelos ſeus nomes; e inveſir novamente por eſte principio contra o Critico. Mas quem vos poderá crer? O Feijoo nomeia nas ſuas obras todos os autores que critica, antigos, e modernos. E porque nomiou alguns Religiozos, como a Savonarola, teve perſiguiſoens terriveis; e foi neceſario que reſpondeſe com apologias. Porque nas Eſpanhas ainda nam ſe introduzio a critica, e muitos que nam entendem bem as materias, chamam às criticas ſatiras, como à do Barbadinho; e às ſatiras criticas, como a eſta voſa. Ao mais que dizeis da eſtimaſam da obra, nam quero reſponder, porque reſponde pelo Critico toda Lisboa, alem de outros Reinos eſtrangeiros.

Diz o Critico, *que quem tem boa Logica, nam tem neceſidade do Feijoo, para aprender a diſcorrer bem.* Dizeis vós; *Como ſe a Logica foſe um conglobado de todas as coizas!* Meu Fr. Arſenio, iſto é nam ſaber entender o que diz o Barbadinho. Ele nam diz que a Logica ſeja globo de iſtorias, como vós dizeis: diz que a Logica; ou boa razam aplicada a qualquer

(1) *Tom. 2. pag. 17. 18. 19.*

quer materia, fará o meſmo que o Feijoo; e pode ſer que milhor, porque o Feijoo errou em muitas coizas ſubſtanciais.

Mas que importa que o Critico nomeie as peſoas, ſe fala ſomente dos eſtudos, e fala com reſpeito dos mortos, e vivos? Sem duvida quericis que fizeſe o que fez um certo moderno, que louvou todos os autores, ainda aqueles, que nem menos ſe deviam nomiar: e eu me achei prezente a varios diſcurſos, que fizeram os doutos, principalmente Eſtrangeiros, que eſtalavam com rizo.

Porem eu ja vejo que o Critico fez mal. Devia abſtrair a razam de erros, de livros, de máos metodos *in genere*: deſpois diſo abſtrair a razam de autor, e reduzila ao genero fumo de futileza por meio das precizoens formais: e reduzila ao eſtado, em que o Chagas poz aquele pé pequeno da Dama, que era neceſaria uma fé particular para o conhecer. Iſto poſto, entregar eſtas razoens genericas ao Ente da razam, e pedirlhe que as deſtiláſe em um lambique bem metafizico, para produzirem a razam ſuma de metodo: e imprimir entam eſta razam generica de *Metodo*, que ſem duvida ſeria um livro utiliſimo para a reforma dos eſtudos.

Na terceira cometais com uma falſidade, dizendo que deſpois da Critica, que o Barbadinho faz ao Feijoo, *ſe ſegue uma grande repreenſam, que dá aos Peripateticos ſobre o admitirem as formas diſtintas*. Iſto é falſo: porque deſpois da critica do Feijoo nem ſe ſegue nada na dita carta. Mas vós eſcreveſtes iſto de noite. Porem á voſa critica reſponderei na Teologia, porque vai incluida na terceira Reflexam.

Vamos á quarta nota. Fazeis aqui um longo diſcurſo, condenando o autor de ter criticado os atos primeiros *proximos*, *e remotos*, e provais largamente que eſtas palavras ſam muito claras. Meu P. o Critico moſtra entender muito bem eſtas palavras: o que nam quer entender é a arenga, que com elas ſe formia na Fizica, e Metafizica. E tem razam; porque os meſmos Peripateticos mais doutos dizem que é uma embrulhada terrivel. Mas demos-lhe que a reflexam ſeja leve, que vem a ſer iſto para as infinitas coizas de ſubſtantia, que o autor critica nos Metafizicos? Por ventura é cite todo o argumento da carta? Bem ſe vê logo, que vós dormicis, quando eſcreveſtes iſto, ou que nam ſabies como divieis criticar.

REFLEXAM X.

Da Fizica.

CUidava eu, que vos paſáſe a Fizica ſem falar nela. Mas ainda que nam tenhais nada que dizer, como ſe vê, contudo ſempre quereis arranhar o Critico. Deſde o principio moſtrais a voſa ignorancia Filozofica dizendo, *que ſe pode conſervar a Fizica experimental com a Ariſtotelica, porque as experien-*

periencias nam deſtroem o ſiſtema Ariſtoteuco. Meu Fr. Arſenio, unir eſtas duas coizas é unir dois contraditorios. Em primeiro lugar vós nam enteudeis que coiza é Fizica experimental, porque confundiz a pratica com a eſpeculaſam. Se tiveſcis liido, e entendido bem o Barbadidho, (1) verieis entam que coiza era Fizica.

A Fizica compreende duas partes: uma *Iſtorica*, que refere todos os fenomenos, e os inſtrumentos, com que ſe deſcobriram: a outra é *Diſcurſiva*, que é a Ciencia, que examina a natureza do corpo mediante os efeitos que vemos. Para iſto é neceſaria a Matematica, como prova no dito lugar o Bardinho. Deſorte que o Fizico moderno para explicar qualquer fenomeno, ſó ſe ſerve dos principios da Matematica, que ſam evidentes, ou para milhor dizer, com as leis do movimento explica todos os fenomenos.

Daqui ſaie por legitima conſequencia, que um Fizico moderno nam pode admitir o ſiſtema Ariſtotelico. Explicome com alguns exemplos. Primeiro: Paſando o raio da luz obliquamente de um meio mais raro para outro mais denſo, v. g. do ar para a agoa, ou pelo contrario, nam proſegue por linha direita; mas ou ſe inclina, ou ſe afaſta da perpendicular. Um objecto viſto por uma lente parece muito maior, e os raios vizuais fazem maior angulo na retina. O Priſma de criſtal ſepara ſempre os finco, ou ſete raios de diferentes cores, de que ſe forma a luz; o que admitem todas as Academias. Um moderno prova aqui evidentemente que a luz é corpo, porque encontrando outro reflete, ou ſe refringe; o que nam faria ſe foſe qualidade. O Peripatetico, que chama à luz qualidade, iſto é, nam corpo, nam pode explicar eſtes fenomenos.

Segundo: Um vidro verde pizado é branco. A pedra negra pizada faz-ſe branca. A pedra ruſtica a lizada toma outra cor. O pano encarnado molhado parece mais eſcuro, &c. O moderno, que confeſa que a luz é um corpo, reſponde, que mudada a ſuperficie do corpo, ou ocupada com a agoa, deve a luz refletir diferentemente para os olhos, e produzir diferente ſenſaſam neles, que é o meſmo que diferente cor. Ariſtotelico nam diz, nem pode dizer nada.

Terceiro: A agoa, o vinho, e a meſma tinta bem batidas com um pao fazem uma eſcuma branca; a agoa com o ſabam faz a meſma eſcuma. Aquela brancura nam é ſonho, é coiza que exiſte, e que todos vem, e dura baſtante tempo. Contudo desfazendo-ſe a eſcuma, tornam aqueles corpos a adquirir a ſua antiga cor. Daqui ſegue-ſe que a cor nam é uma qualidade diſtinta; mas que da parte do objeto é a diverſa configuraſam da materia, e a diverſa modificaſam da luz: e da parte da potencia a diverſa afeſam produzida nos olhos: E la vai pelos ares a cor Peripatetica.

Quarto: Um corpo odorifero, v. g. uma roza à proporſam que perde o cheiro, perde tambem o corpo, e ſe vai ſecando. Daqui tira o moder-

no,

(1) *Tom. 2. pag. 33. 34. 35.*

no, que o cheiro ſam as particulas que ſe exalam do corpo odorifero, e ferem as membranas interiores do nariz: e por conſequencia que nam é qualidade Peripatetica.

Quinto: A luz refletindo dos corpos para os olhos, (a que chamam eſpecies vizuais) ſegundo a diverſa configuraſam do umor criſtalino, reprezenta o objeto maior, ou menor na retina: como ſe vê nos Presbitas, e Miopes. As qualidades nam tem contato com o corpo, ou quantitade: logo as eſpecies imprenſas nam ſam qualidades Peripateticas, mas um corpo *quanto*, que é a luz.

Sexto: Os animais, como moſtra a Anatomia, vivem em quanto o ſangue perfeitamente circula no corpo; (e iſto confirma o Critico na ſua carta da Medicina com o exemplo de Boerhaave) o ſangue circula em quanto nam ſe coagûla, ou rarefaz extremamente, ou em quanto ſe nam rompe algum vazo neceſario para conſervar a maquina. A alma inteligente nam ſabe nada diſto que paſa no corpo: e aſim nam é a que faz eſte fenomeno. Daqui tira o Moderno, que o que anima os viventes nam é a alma inteligente, mas o dito ſangue. E la vai pelos ares a alma informante, e complente da materia, a forma cadaverica, e outras deſtas ridicularias.

Setimo: Todos os animais, ſem excetuar o omem, nacem do ovo, como moſtram as obſervaſoens dos famozos Leeuwenoek, e outros: Logo nam á tal ſemente que ſe corrompa, para ſe lhe introduzir a forma de omem, como dizem os Peripateticos.

Oitavo: A paſta, que ſe cria entre os dentes, dizem os Peripateticos, que tem ſua materia e forma particular. Os modernos moſtram com o microſcopio, que nam é outra coiza mais que uma congerie de bichinhos: e ja temos que nam á tal forma Peripatetica.

Nono: Um animal metido em um almofariz, e pizado quotidianamente, reduz-ſe a polme, e liquido. O trigo pizado faz-ſe em farinha, e ſe deſpois de feito em pam ſeco ſe torna a pizar, torna outra vez a ſer farinha. O almofariz nam tem virtude de produzir novas formas: e nada ali ſe produzio de novo. Contudo o polme nam é animal, nem a farinha é trigo, ou pam. Logo a diverſa modificaſam da materia é, a que faz um novo compoſto. E la vai regeitada a forma ſubſtancial Ariſtotelica.

Decimo: O ferro, e aſo, conforme dizem os Peripateticos, tem duas formas ſubſtanciais diferentes. Contudo os modernos do ferro formam aſo ſem produzir nada de novo. Com que nam á tal forma Peripatetica.

Deixo mil outras experiencias, que provam que o ſiſtema moderno nam ſe pode unir com o Peripatetico. Eſtas baſtam para moſtrar a falſidade da voſa propoziſam: (1) *que ainda que ſue agoa pela teſta, nam á*

 de

(1) *Reflex. Apol. pag. 27.*

de provar, que eſas experiencias deſtroem o ſiſtema Ariſtotelico: (1) *que todos os inſtrumentos da Mecanica nam desfazem o ſiſtema de Ariſtoteles, nem ate aqui ſe pode provar.* Nam o provam para nós, pois nam ſabeis nem ſiſtema moderno, nem mecanico, nem coiza alguma deſtas. Mas para aqueles que o entendem é iſto verdade tam certa, que ate os meſmos Jezuitas modernos, que nam obſtante a proibiſam do ſeu Geral, ſe rezolveram a eſcrever Filozofia moderna, moſtram evidentemente que os ſiſtemas ſam incompativeis, como o P. Caſtel, e Regnault, alem de outros. E quando abraſam o ſiſtema moderno, logo regeitam o Peripatetico.

Nem pode ſer de outra ſorte: porque o ſiſtema moderno nam conſiſte na iſtoria das experiencias, como vós ſupondes: (e ainda neſe cazo as milhores experiencias nam ſe podiam explicar no ſiſtema Ariſtotelico) conſiſte ſim nos principios, que ſe abraſam para as explicar. E como os principios dos milhores modernos ſejam as leis do movimento, com as quais explicam tudo: ſegue-ſe, que para darem razam de cada fenomeno, devem explicar como a materia movida localmente aſim, ou aſim, poſa produzir o tal fenomeno. Os Peripateticos nam explicam nada por movimento de produſam. Logo quem abraſa o ſiſtema moderno, nam pode abraſar o Ariſtotelico, que é diametralmente contrario. Se vós ſoubeſeis bem, que coiza ſignifica eſta palavra *ſiſtema*, nam direis, qué as experiencias, e inſtrumentos eram o ſiſtema moderno: e conſeguintemente que eſte era compativel com o Peripatetico.

Dizeis mais, *que o ſiſtema de Cartezio á muitos ſeculos que morreo: e que os Eſpanhoes, que tem o juizo em ſeu lugar, proibiram os livros dele, e os mandáram ſepultar na cova do deſprezo.* (2) Niſto meſmo tornais a moſtrar a voſa ignorancia. O Cartezio morreo em 1650. e ainda que os Jezuitas em Franſa, Flandres lhe foram contrarios, eſes meſmos Jezuitas no fim do ſeculo paſado, e no prezente o abraſam em Franſa, e Flandres, e oje muitos Religiozos o defendem.

O ſiſtema de Cartezio nam é o ſiſtema moderno, que inculca o Critico; mas outro diferente. O ſiſtema de Cartezio conſiſte na ipotezi, que fez para as experiencias. O ſervirſe delas, e explicalas por outro modo, fizeram no meſmo tempo o Galilei, o Bacon de Verulamio, o Merſeno, o Gazendo, e mil outros ſem dependencia de Cartezio. O ſiſtema que inculca o Critico é o ſiſtema experimental do Galilei, reformado pelo Newton. Mas como vós nam ſabeis nada diſto, tenho neceſidade de vos eſtar enſinando todos os inſtantes, como a uma crianſa, que comeſa a aprender.

O comum dos Eſpanhoes nam faz autoridade em materia de Filozofia, porque ſeguem os meſmos prejuizos dos Portuguezes. Mas os Eſpanhoes, *que tem o juizo em ſeu lugar*, fundáram em Sevilha, e Madrid duas Aca-

(1) Ibid. *pag.* 32. (2) *Reflex. Apolog. pag.* 33.

Academias de Fizica experimental, e Medicina, ſegundo o eſtilo das de Franſa, para introduzirem no reino a boa Filozofia, e deitáram abaixo as parvoices da Ariſtotelica, como confeſa o voſo meſmo oraculo Feijoo, no 7. tomo falando da Medicina. E dai-lhe tempo, que vós vereis que os Eſpanhoes, que ſam os unicos que faltam, abrirám deſorte os olhos, que da Ariſtotelica nam ſe ouvirá mais que o nome.

Falais em *Platam*, *Epicuro*, *Anaxagoras*, *Empedocles*, e a eſtes uniz os *Chimicos*. Pode aver confianſa ſemilhante! querer falar na iſtoria da antiga Filozofia um omem, que nem ao menos ouvio dizer que avia tal iſtoria no mundo! O milhor eſtá em unires os *Chimicos*, que florecéram no XVI. e XVII. ſeculo, com os Antigos: e cuidares que tendes exaurido todos os ſiſtemas, quando nem menos nomeaſtes a quinquagezima parte.

Finalmenre concluiz decretoriamente, *que examinados todos os ſiſtemas, veio-ſe a concluir que o de Ariſtoteles concordava mais com os dogmas da Religiam.* Meu Fr. Arſenio, os que concluiram iſo foram os que ſabiam tanto como vós: porque os SS. PP. concluîram o contrario; que nam avia ſiſtema mais contrario à Religiam, que o de Ariſtoteles: e o meſmo concluio no ſeculo paſado o famozo Conringio, que foi o mais apaixonado por Ariſtoteles. (1) Sabei que os PP. antigos reprováram todos os ſiſtemas inteiros, por conhecerem que continham muitos erros: e de todos, a ſaber dos Platonicos, Stoicos, Ariſtotelicos, Egipcios, Pitagoricos, &c. tiráram o que entenderam milhor, e que ſe podia unir com a Religiam: mas eſpecialmente reprováram o ſiſtema de Ariſtoteles, por defender tres erros, que deſtroem o principal fundamento da noſa Religiam. Porque Ariſtoteles *negou a Providencia Divina*; *afirmou que o mundo era eterno*, *e que a noſa alma era mortal.* E por cauza deſtes tres erros todos os milhores PP. dos primeiros ſeis ſeculos inveîram contra ele, como Juſtino, Clemente Alexandrino, Lactancio, Atanazio, Bazilio Magno, Gregorio Niſeno, e Nazianzeno, Epifanio, Ambrozio, Criſoſtomo, Jeronimo, Agoſtinho, Teodoreto, e outros muitos. Lede o famozo Launoio, autor catolico, Francez, que traz todas as autoridades por extenſo, e relata todos os erros de Ariſtoteles contrarios à noſa Religiam. (2)

E por eſta meſma rãzam agradou mais Platam aos primeiros PP. porque tinha menos erros. E ſe ao deſpois os modernos no XII. e XIII. ſeculo introduziram Ariſtoteles, nem por iſo introduziram o ſiſtema; mas as opinioens ſeparadas. E os que quizeram ao deſpois introduzir o verdadeiro ſiſtema tirado das ſuas obras, como o Pomponacio, Cremonino, Cezalpino, e outros, caîram em muitos erros, e foram condenados pelo Concilio Lateranenſe. Vede ſe concorda iſto com o que vós dizeis.

(1) *Conringiana.*
(2) *De varia fortuna Ariſtotelis in Scholis Pariſienſibus*, c. 1. §. 2.

Lede com atenſam o Critico, e vereis que as obras de Ariſtoteles foram queimadas por ordem do Concilio Senonenſe no ano 1209. pelas erezias que produziam. E que por alguns ſeculos foram proîbidas pelos Papas: mas como iſto vos nam ſerve, por iſo o ocultais para poder columniar.

Dizeis mais, que ſendo neceſaria a Matematica para a Fizica, fica muito mais dificultozo o eſtudo da Filozofia. Se vós o nam entendeis, porque nam ſabeis que coiza é Matematica, que culpa tem diſo o Critico, que o explica muito bem; (1) e nos reinos Eſtrangeiros o entendem, onde a Filozofia por aquele eſtilo ſe acaba em dois anos, e ſabem mais do que vós.

A outra reflexam, de que o Critico por toda a parte inculca a Geografia, tambem é voſa, iſto é, *falſa*. O Critico inculca o tal eſtudo, onde é neceſario, e onde o inculcam todos os omens grandes, que tratáram a dita materia. Mas como vós neſtas coizas nam ſois juiz competente, apela ele para os que entendem as faculdades.

Finalmente concluiz eſta famoza critica dizendo, que ſe o Jezuita diſe, que poſta a experiencia da agoa introduzida na bola de bronze ja cheias de agoa, îa pelos ares toda a ſua Filozofia; era ignorante, ou maliciozo: porque iſto nam obſta a nenhum dogma Ariſtotelico: *e baſta que lo diga yo.*

Explicaime vós no ſiſtema Ariſtotelico por meio das quatro qualidades a dita experiencia. Certamente com os principios de Ariſtoteles nunca a explicareis: logo diſe bem o Jezuita, que a ſua Filozofia nam ſervia para eſtas experiencias. Para o ar eſtar nos vacuos das particulas da agoa, é neceſario que a agoa conſte de particulas de figura particular, que o poſam receber: é neceſario que o ar ſeja precizo entre eſas particulas: é neceſario que o ar ſe poſa comprimir: é neceſario que conſte de particulas ramozas para terem virtude elaſtica. E la vai a forma Ariſtotelica do ar, e agoa. Para o bronze ſe dilatar, e deixar ſair ou a agoa, ou o ar pelos poros, é neceſario que os tenha: e iſto nam concorda com a forma Peripatetica dos metais.

Mas ſeja muito embora iſto mao, pior que tudo é a iſtoria do agoadeiro; e a razam que dais é verdadeiramente de agoadeiro. Devieis provar primeiro, que cada mariola bebeo igual quantidade de agoa da ſua quarta: ſegundo, que a agoa que ficou em ambas era muita mais doque a que podia caber em huma ſo. Em quanto nam provais iſto, falais como agoadeiro, e nam como Fizico: e moſtrais que ſabeis tanto de experiencias, como das outras materias.

Eſta é toda a voſa critica à carta Fizica do Barbadinho. E como nem tendes mais que dizer, nem ao menos eſe pouco que diſeſtes, ainda quando foſe verdade, obſta ao ſiſtema do Barbadinho, e aos beliſimos con-

(1) *Tom. 2. pag. 47. 48.*

conſelhos, que dá em materia de Fizica, em que moſtra eruditſam, e conhecimento profundiſimo, ſegueſe claramente, que nam reſpondeſtes a coiza alguma; e que fica em pé tudo quanto diſe o Critico contra a Fizica deſte reino: eſperando que faſais algumas experiencias na Lua, para deſtruir o que dizem as milhores Academias da Europa, donde o Critico o tirou.

O que dizeis das formas acidentais fica para a Teologia.

RELEXAM XI.

Da Etica.

NEſta Reflexam cauza orror ver as muitas falſidades, e pueriſidades que dizeis, por nam entender o que diz o Critico na ſua carta. Tenho obſervado que falando vós muito mal em todas as materias, quando falais nas ciencias, e muito principalmente naquelas, que tem mais conexam com a voſa profiſam, ainda falais pior, e moſtrais total ignorancia dos principios e fundamentos. Mas como eu tenho tomado o empenho de vos enſinar neſtas materias, darvos-ei uma breve liſam.

A primeira coiza que vós nam entendeis na prezente materia é que coiza ſeja *Etica*, e que coiza ſeja *Teologia moral*: porque ſe o entendeſeis, acharieis a inteligencia das propoziſoens, que diz o Critico; e a reſpoſta a todas as falſidades que eſcreveis. Muito bem o explica o Critico; (1) mas vós eſtais coſtumado a nam ver nele o que diz.

A *Etica* enſina a conhecer qual é noſo fim, e dirigir, para conſeguir todas as noſas aſoens: (2) mas tudo ſomente com os ditames tirados da razam natural, ſem fazer memoria alguma da revelaſam ſobre natural: a iſto chamamos *Religiam natural*. A *Teologia moral* moſtra ao omem o meſmo fim, e o conduz a ele, tirando os ſeus ditames do que Deus nos relevou ou em palavra, ou em eſcrito.

Daqui vem, que ainda que a Etica enſine o omem a conformarſe com a boa razam, para evitar os vicios; como com a luz ſomente da razam nam ſe alcanſa qual é a verdadeira origem deſtes males, que é o pecado de noſo primeiro Pai: (poſto o qual nós nam temos forſas baſtantes para nos livrar de todos os vicios, mas neceſitamos da graſa de Criſ-

(1) *Tom 2. pag. 53.*

(2) *Summum bonum ſi ignoretur, videndi rationem ignorari neceſſe eſt. Ex quo tantus error conſequitur, ut, quem in portum ſe recipiant, ſcire non poſſint. Cognitis autem rerum finibus, cùm intelligitur quid ſit & bonorum extremum, & malorum; inventa vita via eſt, conformatioque omnium officiorum... Hac conſtituto in Philoſophia, conſtituta ſunt omnia.* Cicero de Finibus, l. 5. c. 15.

Criſto mediador) ſegue-ſe que a Etica, que nam conhece eſta graſa, nam pode dela deduzir os preceitos para emendar perfeitamente os coſtumes: e ſomente enſina a emendar alguns vicios; mas nam pode conduzir o omem ao ſeu fim, e á ſua maior felicidade

Eſta é a razam, porque ainda que entre os antigos Filozofos ſe achaſem muitos, que conhecéram confuzamente a Deus, e obráram bem em alguns pontos; (1) contudo nam obráram bem em tudo, porque ſe guiáram ſomente pela luz da razam, a qual nam dá noticia da graſa de Criſto: e nam puzeram por principio fundamental da ſua Etica o amor de Deus, e nam refiriram para ele a bondade das noſas aſoens. A Teologia porem, ſupondo ja ſabido tudo o que diz a Etica, ſupre aquillo que falta na pura Etica. porque como ſe funda nas verdades reveladas, daqui tira a verdadeira origem da noſa infelicidade, que foi o primeiro peccado; e a neceſidade que temos da graſa de Criſto, para regular as aſoens, e conſeguir a maior felicidade, que é Deus: propoem os meios, que Deus revelou para iſo; e deſta ſorte enſina muitas coizas, e muitas obrigaſoens ao omem, (aque os Filozofos chamam *oficios*) as quais nam enſina a pura Etica, ou razam natural.

Daqui ſe ſegue, que nem a pura Etica baſta para regular as aſoens dos omens: nem a pura Teologia ſem a Etica baſta para perſuadir a todos: porque a razam, e revelaſam tem vinculo neceſario, e de ambas ſe compoem eſte todo da religiam, que nós devemos ſeguir, e defender. Aquela juſtifica os motivos da noſa religiam; porque moſtra aos Filozofos Idolatras, que os Teologos nam introduzem ſenam aquelas maximas, que a meſma razam perſuade, e diſeram os antigos Filozofos. Eſta explica aos meſmos Filozofos aquilo que eles confuzamente entendiam, e lhes moſtra, que para conſeguir o omem o ſeu fim nam baſta ſomente a religiam natural, mas ſe requerem outras muitas coizas.

Os Moraliſtas comumente confundem eſtas duas coizas; e miſturando a razam natural com a revelaſam, fazem uma ſelada de materias. Os Modernos porem ſeparam eſtas profiſoens, para proceder com clareza, e fundamento; e juntamente para moſtrar, que as coizas que aconſelha, e manda a noſa religiam, ſam tam dignas de ſe receberem, que a maior parte delas praticáram os antigos Filozofos, guiados ſomente pela luz da razam.

Eſta ſeparaſam de materias é neceſaria para reduzir os Deiſtas à noſa religiam: e por eſta cauza os Teologos modernos tem eſcrito tam belos tratados da *Religiam natural*, para moſtrar aos Ateos a exiſtencia de Deus: para dela tirar os principios da religiam natural contra os Deiſtas: e para

do

(1) *Gentes, qua legem* (poſitivam) *non habent, naturaliter ea qua Legis* (poſitivæ) *ſunt, faciunt: hujuſmodi legem non habentes ipſi ſibi ſunt lex* Paulus ad Rom. c. 2.

do conhecimento da religiam natural moſtrar evidentemente a neceſidade da revelaſam, ou da religiam ſobrenatural, que é a noſa religiam Criſtan.

Iſto é o que diz o Critico, e iſto entendem muito bem todos os que ſabem que coiza é Teologia, quais ſam as erezias modernas, e o como ſe convencem. E daqui claramente ſe moſtra, que tudo quanto dizeis na dita Reflexam, procede de que ignorais eſtas materias, e de que ſois um Teologo de agoa doce, que nam ſabeis mais, que quatro poſtilas bem uzuais.

A voſa primeira propoziſam é eſta: *Se a Teologia enſina a conformar-ſe com a lei natural, e pozitiva, e tambem alguns oficios, que o Filozofo ignora, que neceſidade tem o Teologo da Etica?* Reſpondo: Tem a meſma neceſidade, que tem a Teologia Sobrenatural da Natural: porque a Moral é a Etica ſobrenatural; e a Etica é o Moral natural. E aſim como nenhum Teologo até aqui duvidou da neceſidade da Teologia natural; aſim tambem nenhum deve duvidar da neceſidade da Etica, ou do Moral natural. E aſim como a Teologia natural ſerve para convencer os Ateos, aſim a Etica ſerve para convencer os Deiſtas.

Certamente que para um omem crer o que Deus diſe, baſta ſaber o *Credo*: e para obrar bem, baſta ſaber os *Mandamentos*. Mas iſto é fé de carvociro, nam de Teologo, o qual deve ſaber porque cre, e convencer os outros que nam crem. E daqui ſe ſegue, que tudo o mais, que dizeis naquele paragrafo ſobre a autoridade dos Filozofos, ſam parvoices; e provem de que nam entendeis o que o autor diſe, nem o que acima tenho explicado. Eſtudai a materia, e nam faſais abſoluta uma propoziſam, que tem ſentido determinado.

A ſegunda propoziſam é: *que a Etica diſponha os omens para receber a religiam eſt error peior priori.* O erro eſtá da voſa parte, em nam ſaberdes, que avia Deiſtas no mundo; dos quais eſtá cheia a Europa, e contra os quais tem eſcrito os meſmos erejes, como o Clarke, o Derham, o Jaquelot, e muitos outros; e de nam ſaberdes, que o famozo Boyle fundou uma cadeira de Teologia natural em Londres, para defender a Religiam Natural contra os Libertinos de Inglaterra, que ſam os mais perjudiciais erejes entre todos. Mas iſto para vós é pior do que o Grego, e Ebraico.

Vós meſmo, ſem querer, o confeſais dizendo, *que aos Gentios baſta provar, que os preceitos do Decalogo ſam conformes aos ditames da razam.* E quais ſam eſes ditames da razam, ſe nam as leis da Etica? Demais, ſe o Gentio diſer que nam ſam conformes, como lho aveis de provar ſenam com as razoens, que acima digo tiradas da Etica? Bem ſe vê logo, que deſtas materias nam ſabeis nada; e contudo tendes atrevimento para dizer, *que tudo iſo ſe enſina Milhor na Cartilha, do que na Etica.* Outro oficio, meu Fr. Arſenio, que deſtas materias ſabeis muito pouco, ou nada.

A

A terceira propoziſam é; *que nam entende o que ſignifica: A Teologia reconhece a origem da natureza corrupta; A Teologia aponta os meios tirados da revelaſam; e que ſam coizas eſcuriſimas.* Nam me admiro nada; porque iſo ſucede a quem nunca eſtudou as materias, como vós. Mas que culpa tem diſo o Critico, que o explica muito bem, como aſima tenho declarado. O milhor eſtá, em que fazendo do ſambenito gala, confeſſais aqui, *que nam ſabeis Grego, nem Ebreo*: nam vos envergonhando de que ſaia tal blaſfemia literaria da boca um omem, que quer criticar as materias dogmaticas. Aqui entra bem a reſpoſta do Ereje de Gibraltar: *Miror, Jeſuitæ cùm ſitis; ignoretis linguam Græcam.* O que dizeis dos *oficios* (cuja palavra nam entendeis) é verdadeiramente digno da voſa grande capacidade, e modeſtia.

O Critico diz, (1) que aconſelhára a alguns Juriſconſultos, e Teologos Moraliſtas principiantes (deſtes é que ſe faia no tal lugar) ſeus amigos, que decoraſem bem as regras de Direito; *porque nos cazos repentinos quem as poſſue, e entende bem, julga milhor qualquer cazo, do que os que afetam exquizita erudiſam.* Vós troncando a propoziſam dizeis ſomente que *baſta ſaber as regras de Direito para os cazos repentinos*; e acarretais mil cazos ſem pés, nem cabeſa, para provar, que o Critico diſe mal.

Meu Fr. Arſenio, iſto é uma calumnia, e ignorancia. Calumnia, porque vós troncaſtes a propoziſam, tirando-lhe as palavras, *e as entende bem*, as quais moſtram, que o autor nam diſe ſe aplicaſem cegamente mas com juizo, e reflexam. Ignorancia, porque nem o autor diz que ſe apliquem ſem reflexam, nem iſto ſe ſegue doque ele diz. E ſe foſe licito interpretar aſim as propoziſoens abſolutas, o meſmo argumento ſe podia voltar contra os dez mandamentos, que ſem ſe entenderem, nam ſe podem aplicar bem. E contudo eſta propoziſam: *Quem ſabe os mandamentos, ſabe todas as leis para obrar bem*: é verdadeira, e ninguem a pode cenſurar, ſenam uma cabeſa, como a voſa.

Diz mais o Critico, ponderando que a falta da Etica produz mil defeitos nos Moraliſtas: (2) *Os Cazuiſtas comumente nam dam razam do que dizem, mas apontam ſomente os autores Cazuiſtas, donde o recebéram; os quais nem menos aſinam razam, mas fundam-ſe em outros antecedentes.* Vós aqui fazendo um cazo rezervado, exclamais contra a ignorancia do Critico. Mas a ignorancia eſtá em vós, por nam conſiderardes, que o Critico nam nega abſolutamente que eles dem algumas vezes alguma razam, como ſe vê de palavra *comumente*; mas nega que dem pela maior parte boas razoens, tiradas da razam natural, e da Etica: o que confirma comparando-os com Cicero, Seneca, Plutarco.

Abri a ſuma do Buzembaum, do Poteſtas, &c. e vereis que a razam

conſiſ-

(1) *Tom. 2. pag. 54.*
(2) *Tom. 2. pag. 53.*

conſiſte às vezes em uma regrinha muito piquenina; outras vezes nem iſo; e logo paſam acitar os autores. E eſtas razoens que dam, tirem-nas cegamente dos outros que citam, ſem as deduzir da boa razam natural: e nenhum toma o trabalho de as examinar fundamentalmente, que é o que diz o Critico. Mas vós nunca vedes ſenam o que quereis.

O Critico quer dizer ali aquilo meſmo, que tem dito os milhores Teologos da Europa, e entre eles o douto P. Tirſo Gonzales Geral dos Jezuitas, e os dois Jezuitas Rebelo, e Comitolo eſcrevendo contra o *Probabiliſmo*. Sabe o Critico muito bem, que os Moraliſtas por falta da boa Etica, e por introduſam da muita Metafizica peſima tem introduzido o *Laxioriſmo* na Teologia debaixo do nome de *Probabiliſmo*: e que daqui tem nacido a maior parte das propoziſoens condenadas, que traz o voto Lacroix no principio da ſua Teologia. Sabe que eſta queſtam tam debatida no ſeculo paſado abrio os olhos aos Teologos, pois de entam para cá todos os que tem eſcrito com fundamento, ſeguem as opinioens mais provaveis, conforme os conſelhos dos Concilios, Padres, e boa razam. Sabe que os Erejes eſcarnecem os Cazuiſtas pela meſma razam: e que muitos deles neſte ponto (tirando algumas coizas) eſcrevéram milhor do que os tais Cazuiſtas. Sabe que o famozo P. Concina Dominicano moderno eſcreveo em Roma beliſimos livros contra eſta caſta de Moraliſtas, enſinandolhes, de que fontes devem tirar as ſuas rezoluſoens: e que foi muito louvado pelos Papas. E ſabendo tudo iſto, contentou-ſe de tocar ſomente a materia, porque falava com quem o entendia. Mas ſe quereis ſaber mais, lede o dito P. Concina na *Iſtoria do Probabiliſmo*, na *Quareſma Apelante*, e nas ſuas *cartas* contra o P. Benzi Jezuita, que ele vos dará a demazia.

Cauza compaixam ver o que dizeis nos dois paragrafos ſeguintes, em materias de Direito natural: e mais que tudo, o confirmalo com a autoridade de Ariſtoteles; quando na voſa opiniam os Eticos ſam ſuperfluos, e na minha Ariſtoteles nam prova nada no dito cazo.

Aqui entra de novo outra inepcia: *que para ſaber que coiza é vicio, é neceſario conſultar a Teologia eſpeculativa na materia de Actibus humanis.* Irmam Arſenio, iſto é uma ignorancia: porque os vicios moſtram-ſe com a boa razam na Etica; e o que os Teologos dizem de bom neſta materia, da Etica o tomam, como aſima diſe. Alem diſto o Critico nam fala das virtudes ſobrenaturais, nem dos vicios opoſtos a eſtas virtudes, que eſes pertencem ao Teologo: fala ſim das virtudes naturais do entendimento, e vontade, e vicios a elas opoſtos; no ſentido em que falam os Eticos Gentios, Panecio, e Cicero, e o voſo Ariſtoteles, que trata de *Virtutibus*; que é o que vós nam entendeſtes. Concluiz pois com uma ſatira, a qual, examinada palavra por palavra, mais ſe acomoda a vós, do que ao Critico.

No penultimo paragrafo com a voſa coſtumada ſinceridade chamais ſatira ao que o Critico aconſelha aos Nobres: ſem advertires que ele lou-

va uns, reprova outros, e nam nomeia ninguem: e iſto ſegundo os voſos meſmos principios nam é ſatirá. Satira é o que vós dizeis neſte paragrafo, e o fim com que o dizeis, que muito bem ſe ſabe. Aqui meſmo vejo outra ignorancia voſa: que tomais *a fidalguia eſpiritual* no ſentido ecleziaſtico, e ſobrenatural, devendo tomala no ſentido do paragrafo acima. E o que tem mais graſa é que confirmais iſto com os Etnicos. Finalmente concluiz, moſtrando a voſa ignorancia, com dizer que o Critico inculca a *Aſtrologia*. Nam achareis tal propoziſam em todas as obras do Critico: antes ele condena, como devem fazer todos os bons Filozofos, e Catoſicos. Mas vós, que ſois Cafre neſtas materias de erudiſam, nam ſabeis, que *Aſtronomia*, e *Aſtrologia* ſam coizas muito diferentes: e nem menos ſabeis que o Critico nam fala expreſamente na Aſtronomia como tal.

Porem eu ja nam tenho paciencia para eſtar enſinando rapazes. Somente digo, que os noſos Padres aſentáram, que vós nam entendeſtes nada do que diz o Critico: nam impugnaſtes a neceſidade da Etica; e muito menos confutaſtes o metodo, que ele aponta: mas tomaſtes ſomente algumas palavras ſeparadas, que nam entendeſtes, para o calumniar. E aſim fica em pé tudo quanto o Critico aconſelha neſta parte da Filozofia.

REFLEXAM XII.

Da Medicina.

ENtre tudo, o que ſe contem neſtas voſas Reflexoens, o que fez mais vontade de rir aos noſos Padres foi, o ver nelas o titulo de *Medicina*. Quando ſoubeſtes vós, ou eſtudaſtes Medicina? ou quando ao menos ſonhaſtes ſabela, ou eſtudala? Que flato foi eſte, Fr. Arſenio? donde faîo eſta nova ideia? Falemos ſem paixam: qual ſoi o voſo fim em publicar eſtas Reflexoens? foi o pareceer ridiculo em toda a materia? Suponho que ſim: pois de outra ſorte nam caîrieis em ſemilhante arrojo.

Tendes vós lido todos os autores, que cita o Critico? apoſto que nam viſtes nenhum. Pois ſem eſa noticia ſois louco em falar em uma materia, que o Critico diſputa com tal penetraſam, erudiſam, e bom goſto; que aſentáram todos os que tem voto, ainda os mais apaixonados contra ele, que era das milhores cartas, e mais utis a eſte Reino. E chamais ſatira a uma coiza tam importante, como enſinar aos omens a conſervar, e recuperar a ſaude? Iſto ſó baſtava para vos deſterrarem de outro qualquer Reino, como omem prejudicial à Republica.

Mas vamos à voſa Critica; a qual ſe reduz a trez coizas, calumnia, ignorancia, e invetiva. Diz o Critico (1) falando das qualidades do bom Cirurgiam: *que todos os Medicos devem ao menos ſaber a teoria da Cirurgia, para*

(1) *Tom. 2. pag. 94.*

para enſinarem o Cirurgiam em cazo de erro: e o confirma com Ipocrates, e Cornelio Celſo, que foram Medicos, e Cirurgioens, e com outros modernos. Dizeis vós, *que neſta ſua critica quer que os Medicos ſejam Cirurgioens, e que dá uma razam forte, porque em Lisboa á um Medico que é Cirurgiam-mór*: e aqui fazeis uma lamuria eterna. Primeira calumnia. O Critico nam dá tal razam: dá ſim a razam intrinſeca da neceſsidade da ciencia no Cirurgiam; e ſomente 10. folhas antes da tal pagina, falando da Anatomia, incidentemente tinha tocado o cazo do Cirurgiam-mór. Contudo iſo em uma, e outra parte fica em pé, que o Medico deve ſer Anatomico, e Cirurgiam.

Dizeis mais, *que a Anatomia ſe eſtuda em Portugal pelas eſtampas, e que por ſinal algumas nam concordam. E que a Anatomia é menos neceſaria ao Medico, que ao Cirnrgiam.* Mandai eſtudar um relojoeiro por eſtampas, e dizeilhe ao deſpois, que vos faſa um relogio de minuetes. Pois o meſmo ſucederá ao Anatomico por eſtampas. Primeira ignorancia.

Dizeis mais, *que o Medico ſó pode conjeturar a cauza da doenſa.* Concedo: vamos adiante: *O ponto é indagar qual ſeja o principio do mal, e qual deve ſer o remedio. Ajuda para iſto a experiencia, e bom diſcurſo.* Concedo tudo: que tiramos daqui? *Para iſto ſerve muito pouco a Anatomia.* Segunda ignorancia. Como pode diſcorrer o Medico com acerto, ſe ele nam ſabe quais ſam as partes de que ſe compoem o vivente? Ide falar neſtas materias com os negros de Angola, ja que nam entendeis o que dizeis.

Dizeis mais, *que o Critico fala da artereotomia, como de coiza uzual, que devem ſaber os Cirurgioens.* Que temos contra iſto, P. Meſtre? ai vai a bala: *Eſta caſta de ſangria na cabeſa é muito perigoza, e nas mais partes perigoziſima.* Logo nam ſe deve ſaber? bela conſequencia! Temos outra ignorancia. Tambem a paracenteſi no peito, a trapanaſam do cerebro, a ligadura da aneuriſma, a cozedura da rotura, o tirar a pedra da bexiga, o tirar a catarata dos olhos, o cortar uma perna, ſam operaſoens mui perigozas; e nem por iſo os Cirurgioens as devem ignorar, ou omitir nas ocazioens neceſarias. Seria milhor que eſtiveſeis a dormir, do que a eſcrever.

Conta o Critico, (1) que um ſeu amigo Florentino cazualmente aconſelhou a outro, aplicar o nabo pizado às almorreimas, e que lhe ſucedera bem: e conta iſto para fazer eſcarneo dos remedios; como ſe vê no dito paragrafo. Dizeis vós, *que a cura ſe fez com olio de nabos*, Segunda calumnia. E logo aqui entra uma invetiva, como ſe o omem diſeſe alguma propoziſam de *Jauſenio.*

Refere o Critico ſinco paginas antes deſta, que o Curvo a tribue ao olio de nabos a cura de certas berbulhas: e diz que o nam prova bem. Dizeis porem vós aqui, *que o Critico no cazo do Florentino, que o remedio talvez eſtiveſe no olio, e nam nos nabos.* E temos outra calumnia: porque o

(1) *Tom. 2. pag. 89.*

Crítico fala em dois cazos bem diferentes, e em diferentes Lugares.

Mas eſtejam ja todos os Medicos bem atentos, que S. Paternidade faíe agora com um aforiſmo muito util para ſarar todos os doentes do mundo, e reformar a Medicina da Europa. Tenham pois entendido todas as Academias de Petersburg, Berlim, Leopoldina; de Pariz, de Montpelier, de Londres, de Edimburgo, de Madrid, e de Sevilha. Saibam todos os Medicos modernos da Europa, que ja daquí por diante nam am-de duvidar, *ſe os ſimplices, que entram nos ſegredos, fazem o ſeu efeito; e muito menos experimentar cadaum ſeparadamente*; ſub pena de incorrerem na indignaſam de S. P. que para todos deve ſer a mais ſenſivel: e recebam com a poſivel veneraſam todos os ſegredos ja introduzidos; porque S. Paternidade, que é o Fizico-mòr do eſpacio imaginario, ſabe de certo, *que ſe entre eles vai algum ſuperfluo, nam é nocivo, que é o que baſta.*

E tambem fiquem advirtidos, de nam dizerem mal do metodo dos Arabes, e de Galeno; porque S. P. muito Reverenda nam goſta diſo; e ſabe de certo por noticias muito particulares, que achou nos ſeus Archivos, que os Arabes tinham excelente metodo: da meſma ſorte que um negro (ſeu conhecido) do Certam de Angola tinha uma Filozofia particular para curar Eticos: e quazi quazi que eſteve para dizer, que tinha ſido chamado para Prezidente da Academia das Ciencias de Pariz. E aſim nam devemos dizer mal da Galenica, porque veio da Arabia.

Temos aqui outra falſidade: porque o Critico nam diz mal de Galeno, antes o louva, e lhe chama *bom Interprete de Ipocrates, bom Anatomico do ſeu tempo, bom obſervador.* Diz ſomente que nam deo razam das cauzas das doenſas, porque era Ipotetico, e Ariſtotelico. E pela meſma razam reprova os Arabes, mas nam por ſerem Arabes. Porem ſe os leitores quizerem neſte cazo do negro de Angola uzar da ſoluſam, que S. P. dá nos cazos, que conta o Critico, nam ſeria mui juſto pedirlhe, que nos trouxeſe a autentica do dito cazo? Porque eſtes Pirronicos modernos nam crem nada, ſenam o que ſe lhes moſtra com evidencia.

Aqui acha mais duas propoziſoens galantes, e ambas falſas. Primeira: *que muito do que aqui diz o Critico, foi feito em Francez.* E eu pela noticia que tenho dos autores, vejo que o Critico ſe ſervio muito mais dos Inglezes, e Olandezes, e tambem Tudeſcos; o que ele meſmo confeſa: o que nam leo as citaſoens ſomente, mas ſim os milhores autores in fonte, como ſerá facil moſtrar.

A ſegunda propoziſam é: *que as tais noticias ſe eſcrevéram, nam para dizer mal de Galeno, mas para moſtrar, que quem ſeguiſe o metodo daquele Medico, o podia eſtudar pelo modo, que aî ſe aponta.* E tambem iſto é falſo; porque o autor nos livros que leo, e cita, acha que o fizeram expreſamente para moſtrar que Galeno neſte tempo ja nam ſerve. E leo por autores originais, onde eu acho as meſmas coizas, que ele diz. E um omem

de

de tam grande erudiſam nam tinha neceſſidade de livrinhos. Mas aĩnda que ſeja verdade, o que nam nega, que alguns Francezes tratafem a meſma materia, porque ſeguem os meſmos principios; iſto nam prova nada contra o que ele diz, antes o confirma. Pertenciavos pois a vós moſtrar, que o omem diſe mal; e nam excogitar eſtas ſaidas, que ſam ſoluſoens de leigo. E de caminho vos advirtimos, que nam digais mal dos livros em doze; porque vaie mais um deſtes livrinhos, que os voſos dois de folha, como julgáram os que os leram.

Mas aqui temos outro argumento inſoluvel. *Fora de Portugal avendo Medicos de fama, morrem tantos Reis, e Fidalgos, como em Portugal. Logo aqueles Medicos modernos nam ſam milhores, que os Galenicos.* Iſto ſim, que ſe chama *argumentar ad hominem.* Eu reſpondo: No Certam de Angola, e nos do Brazil, na Etiopia, na Tartaria Perſia, China, Japam, &c. a gente vive tanto como em Portugal, e talvez mais; como nos enſinam os Itinerarios mais celebres. Logo os Medicos daquelas Naſoens ſam tam bons como os Portuguezes, e muito milhores. A ſoluſam é a meſma.

Dizeis mais; *que ſe a experiencia moſtra, que Galeno manda ſangrar, e purgar a tempo, e com iſo alivia o doente; que nos importa, que a ſua Filozofia ſeja deſta, ou daquela caſta?* Temos outra ignorancia. Eſta propoziſam involve contraditorios. Nam pode moſtrar a experiencia, (que é o meſmo que a conſtante obſervaſam; porque um, ou dois cazos nam ſe chamam experiencia) que o omem manda ſangrar, e purgar a tempo, ſe acazo ele nam forma juſta ideia da enfermidade. Nam pode formar juſta ideia da enfermidade, ſem primeiro formar juſta ideia do corpo, e ſuas partes; (que é a Anatomia;) e juſta ideia das doenſas, que ſe podem formar nelas; (que é a Teoria) e juſta ideia do remedio, (que é a Fizica) Ora eiſaqui temos, que para o Medico purgar a tempo é neceſario que ſeja bom Fizico.

E é coiza ridicula cuidar, que o bom Medico diſputa de que partes inſenſiveis ſe compoem os corpos, como vos ſupondes. Ja o Critico tinha advirtido que iſo nam era neceſario: (1) pois nem ainda o puro Fizico pode falar niſo com fundamento. Onde ſe tiveſeis lido o autor na dita pagina, acharieis a reſpoſta a tudo o que dizeis aqui; pois nenhum parenteſco tem os principios inſenſiveis dos corpos com as leis da Mecanica, que ſam as neceſarias para o Medico, e as que o Autor encomenda, e ſe nam acham em Galeno, e menos nos Galenicos.

Finalmente S. P. é tam verſado na Medicina, que até ſabe perfeitamente curar os cavalos, como moſtra no ultimo paragrafo. E conclue dizendo, *que os ſiſtemas modernos tanto ſervem para a cura do pleuriz, como a lingua dos pretos para entender Latim.* Mas nós, que nam ſabemos tantas coizas, dizemos que S. P. aqui nam ſabe que coiza é *ſiſtema*: e cuida

(1) *Tom. 2. pag. 97.*

da que as opinioens particulares ſam os nibemas da Filozofia, ou Medicina. Leia o Daniel Clerico na *Iſtoria da Medicina*, que ele lhe enſinará que coiza ſam *ſiſtemas*, que eu agora nam tenho tempo, nem paciencia para iſo. E reſpondo a S. P. que é pena nam ſe ter aplicado às curas, que diſe acima, porque ſem duvida ſeria um eſtupendo alveitar.

Concluamos pois, que tudo quanto dizeis neſta voſa Reflexam, nam juſtifica os vicios, que o Critico condena; nem deſfaz o metodo que ele aponta; nem finalmente condena as propozi oens ſeparadas, que o Critico eicreve. E aſim devemos todos reconhecer nele, que epilogou em poucas palavras o milhor metodo da Europa.

REFLEXAM XIII.

Do Direito Civil, e Canonico.

QUando vi eſte titulo paſmei, de que ſendo vós tam vaſto de noticias, e tam abundante de conceitos, que tendes cabedal para falar em todas as materias, que nam entendeis; ajunteis em um titulo duas materias tam dificultozas, em que o Critico falou com tanto fundamento; e tam copiozas, que baſtavam para dar argumento a muitas cartas. Mas ſem duvida no voſo Vocabulario o Direito *Canonico*, e *Civil*, ſam a meſma coiza; aſim como tambem ja vimos que *Etica*, e *Teologia Moral*; *Gramatica*, e *Latinidade*; *Aſtronomia*, e *Aſtrologia*; *Opinioens particulares*, e *Siſtemas*; tudo eram a meſma coiza.

Mas vamos a iſo. *Se em todas as cartas* (dizeis) *manifeſta o Critico a ſua vaidade, e mal fundada prezunſam, neſta, e na ſeguinte parece mentecato.* Se é pouco, perdoe por agora, que em outra ocaziam lhe darani maior eſmola. E os noſos PP. diſeram à uma voz, que ſe em todas as Reflexoens vós moſtrais a voſa ignorancia, neſta pareceis que nem ao menos tendes alma racional.

Ponho ja de parte a voſa ſingular Logica, que vos enſina nunca provar contra o principal ponto, que diz o Critico; mas ir buſcando arredores para arranhar. Quinze paragrafos contem eſta voſa Reflexam, nos quais ſe acha uma invetiva continuada deſde a primeira palavra até a ultima; e nenhum argumento para deitar abaixo o que diz o Critico. E eſte é o voſo modo de cenſurar? iſto é o que eu vos enſinei? Perdoe Deus a quem vos ordenou de miſa.

O primeiro paragrafo é todo ſatira, e calumnioza; porque o Critico nam nega, que em Portugal ſe ſaiba Direito: diz ſim (1) que ſe eſtuda com muito trabalho, e ſem metodo: e comumente fala aqui dos eſtudantes, e Bachareis: e vós aplicais tudo aos Meſtres com manifeſta calumnia.

(1) *Tom. 2. pag. 116. 117.*

lumnia. O ſegundo, e terceiro paragrafos contém uma noticia, que nos dais dos eſtudantes da Univerſidade, como ſe o Critico neceſitáſe de tal noticia. Com tudo iſo nam reſpondeis ao que ele eſcreve. Ele diz, que nenhum deſes Bachareis, que vós louvais tanto, fez nunca a liſam de ponto para o ſeu ato: e que daqui ſe prova qne nam ſabem; porque ſe ſouberam bem, nam neceſitariam de que outrem lhe fizeſe. Diz mais, que todo o eſtudo daqueles oito anos ſe reduz regularmente a um, ou dois; e que o mais tempo ſe perde. E iſto ſam fatos notorios, que ninguem pode negar.

Diz mais, que o metodo, com que enſinam aos eſtudantes o Direito, nam pode produzir outro efeito; porque nam comeſam pela Iſtoria, e Etica, que ſam as fontes do Direito Romano. Diz mais, que eſes, que eſtudam pouco, ou nada, como ſam todos os matriculas, que ſam infinitos, deſpois com o exercicio do foro fazem a ſua obrigaſam tambem como os outros. E daqui colho, que o eſtudo da Univerſidade nam ſervio a eſtes de nada. E iſto tambem ſam fatos notorios. E que reſpondeis vós a tudo iſto? nada. Onde ſeria milhor nam teres falado em metodo, nem em Direito.

No terceiro paragrafo ſaíe um Lente da Univerſidade dizendo, *que ſendo o Direito uma eſtrada de muitas Legoas, ele ſo teria andado uma Legoa.* Que prova iſto contra o que diz o Critico? Ele argumenta com a razam intrinſeca; e vós reſpondeis com a autoridade de um omem, que nam ſabemos quem é, nem ſe ſabia o que dizia: e ainda concedendo que foſe doutiſimo, nam prova nada; porque podia entendelo aſim, e erra. Por um que vós citais, cita ele muitos Juriſconſultos dos maiores omens, que conhecéram eſtes dois ultimos ſeculos; que nam ſo ſouberam Direito muito milhor do que eſe voſo Juriſconſulto; mas ſouberam mil outras coizas, que o tal Juriſconſulto nunca ſonhou ſaber. Vale mais a autoridade ſomente de *Hugo Grocio* em materia de Leis, que todos os voſos Juriſconſultos: e aſim o julga toda a Europa. E iſto prova novamente contra vós, que quem eſtuda com metodo, pode ſaber muito mais, que o que diz o Juriſconſulto das legoas.

Mas vós falaſtes no tal Juriſconſulto para poder picar o Critico com a coſtumada *padenteria* de dizer, *que aquilo o dizem os autores Francezes*: como ſe iſto prováſe alguma coiza contra ele; ou como ſe aquilo o nam diſeſem tambem os Inglezes, Olandezes, Italianos, e Tudeſcos! E aqui acho uma voſa propoziſam, que me parece de preto buſal: *Nem nos perſuadimos tambem, que baſtem os atos para a formatura, ou doutoramento; porque o letrado faz ſe, como diz o adagio.* Pode-ſe dar cafriee ſemilhante!

O quarto paragrafo contem outra calumnia. O Critico diz, (1) que quem

(1) *Tom. 2. pag. 124.*

quem nam ſabe Politica, nam pode fazer a ſua obrigaſam em nenhum emprego publico; e vai nomeando brevemente todos os empregos. Vós aplicando o documento ſomente ao Conſelho Ultramarino dizeis, que o Critico diz, *que naquele Tribunal ſo ſe devem admitir peſoas, que tenham viſto mundo; porque ſe nam ſabem o que vai la por fora, nam ſaberam votar com a certeza neceſaria em os negocios, que pertencem ás terras de fora do reino: Como tambem nam pode tratar negocios, que tocam com as outras Cortes, quem nam tem andado por elas.* E que vos parece eſta calumnia? pois aſim coſtumais vós fazer.

E para provar ſe ſois louco, baſta ler o que aqui dizeis dos Capitaens, Pilotos, Carpinteiros, e Marchantes. E deveis de caminho ſaber, que uma coiza ſam *axiomas*, e outra *arbitrios*, e *maximas*. Mas eſta propriedade de termos nam é para vós.

Mas va ja por uma vez eſta nao ao mar, e ſaia finalmente do retrete de S. P. uma maxima Politica, capaz de fazer tremer os milhores gabinetes da Europa. E qual ſerá? ela vai: *que para eſtes empregos baſta a praxe do que ſe tem ordenado em ſemilhantes cazos, ... e o meſmo baſtará para o Conſelho de Eſtado, e mais Tribunais.* Mas os Reis da Europa, que praticam o contrario, poderám tambem defenderſe com o exemplo de Portugal, que nam coſtuma regularmente entregar as Secretarias de Eſtado, ſenam a quem ſaîo fora: e nam á diverſa razam para os Conſelheiros, *proportione ſervata*. E o Critico póde ajuntar a iſto a autoridade de D. Luiz da Cunha e do Conde de Tarouca, que vós ocultaſtes, porque vos nam ſervia: e pode tambem provar com evidencia, que os que nam ſaîram de Portugal, diſcorrem neſtas materias como vós; que é o mais que ſe pode encarecer.

Nam podeis entender, como os Interpretes fizeſem mais embaraſado o texto de S. Tomáz: pois é bem claro: Atribuindolhe coizas, que ele nunca diſe: Fingindo ſentenſas, que ele nunca ſonhou; e tirando daqui queſtoens, que nam ſe deviam tirar; e de quatro regras, que ele eſcreveo, formando dez cadernos ſuperfluamente. Se os Comentadores tiveſem explicado bem claramente S. Tomaz, porque nam aviam de concordar os Tomiſtas todos na inteligencia do texto? porque razam os outros, como o Vaſques, &c. que o explicam, nam ſeguem as meſmas opinioens. Eſte é o meſmo cazo de Ariſtoteles. Porque os Eſcolaſticos o quizeram explicar a ſeu modo, por iſo oje os que lem o texto com o ſocorro da Iſtoria, e Critica, acham nele coizas bem diferentes do que diſeram os Eſcolaſticos. Mas eu vou entrando muito na *Iſtoria Critica da Filozofia*, que é coiza que vós nunca leſtes, nem ouviſtes.

No decimo paragrafo ſaie a voſa erudiſam legal a revelarnos, que tambem a Rota revoga o que primeiro tinha firmado. A noticia é bem recondita! O Critico nem tal ſabia, nem tinha lido o Cardial de Luca, nem con-

conſultado, e conferido as Decizoens antigas de *Seraphino* com as *Recentiores*, nem com as *Volantes*, nem com aquelas que chamam *Coram*, v. g. *Coram Molines*, *Coram Falconerio*, *Coram Caprara*, &c. Mas que coiza boa ſaie daqui? *Logo nam prova*; *que ca nam tenhamos bons Juriſtas*, *quod erat demonſtrandum*. Grande Juriſconſulto, e Mathematico ſe perdeo em vós. O *quod erat demonſtrandum* era, que o metodo era muito mao; e iſto eſtá provado evidentemente.

O undecimo, e duodecimo paragrafo tem coizas de grande conſideraſam. Primeiro ordena S. P. que nam eſtudem os Juriſtas o Grego, porque tudo iſo eſtá em Latim: e nam devemos por novo pezo aos Juriſtas. Em ſegundo lugar, que nam eſtudem Iſtoria Romana, e Eccleziaſtica: porque baſta ſaber o que manda a lei, ſem ſer neceſario ſaber, ſe foi promulgada neſte, ou naquele cazo. Aſim o ordena S. P. e ninguem lhe pode replicar. E ainda que lhe digam, que nos outros reinos os rapazes ſaiem das eſcolas do Latim com o Grego ſabido: e que para ſaber o que a lei manda, é muito neceſario ſaber o fim, porque foi promulgada, e o tempo, &c. Iſto nam importa nada; porque como S. P. nam quer, nam temos mais remedio, que calarnos: ou dizer que o Papa, e mais Principes fazem muito mal em conſentir nas ſuas Univerſidades cadeiras de Iſtoria, porque é uma coiza ſuperflua, e prejudicial ao Direito. Finalmente niſto pára a voſa Critica do Direito Civil.

A do Direito Canonico tem ſo tres paragrafos, e contem iſto. Primeiro que o Critico nam dá fundamentos para dizer que ca nam ſe ſabe Direito Canonico. Iſto é falſo; porque o Critico ſo tem por fim, moſtrar os defeitos do metodo, comque ſe eſtuda, e apontar o modo de os emendar: e iſo tem ele conſeguido. Em ſegundo lugar, *que ſaiba o Critico*, *que Gregorio XIII. mandou expurgar os erros de Graciano*. Grande omem! chapadiſimo Doutor é eſte noſo Fr. Arſenio! nam ſe pode dizer coiza milhor, nem mais erudita, e profunda! E quem vos mandou, Fr. Arſenio, eſta noticia tam particular? como a podeſtes peſcar? ſem duvida tendes vigilantiſimas eſpias em Roma dentro do gabinete; porque de outra ſorte nam era poſivel deſcobrir ſemilhante noticia. Vede ſe podeis deſcubrir outra, que vos diga, que Graciano eſcreveo com bom metodo, e que fez uma obra util, e digna de ſer explicada com preferencia aos outros. que eſta noticia ſeria mais neceſaria para o ponto.

E que diria o noſo Fr. Arſenio, ſe as ſuas eſpias lhe avizaſem, que Pio IV. e Pio V. antes de Gregorio XIII. ja tinham mandado emendar o Graciano; e tudo eſtava feito antes do ultimo Papa? que diria, ſe ouviſe, que o Van-Maſtrich imprimio em Lipſia o Graciano com as Inſtituiſoens de Lanceloto, e beliſimas notas? e lhe mandaſem outras noticias ſemilhantes! Entam ſim, que enchia a barriga de quinãos a todos, e triunfava dos Juriſconſultos, e do Critico.

Em terceiro lugar diz, que os canoniſtas nam devem ſaber nem Iſtoria, nem Grego, baſtando que entendam Latim. Prova iſto com Confucio Filozofo Chinez, cujas obras traduzio em Latim o P. Couplet. *Digame agora* (continûa) *ſe para eu entender as ſentenſas deſte omem, tenho neceſidade de aprender a lingua dos Chinas?* Reſpondo, que para entender ſuperficialmente, nam tenho tal neceſidade; mas para as ſaber fundamentalmente, ſim. Porque ſe eu enſinar, ou defender a dita doutrina, e vier alguem dizendome, que o P. Couplet num ſoube o que diſe; porque Confucio uzou de diferentes palavras, e em diferente ſentido, e me citar Confucio em Chinez; ſerá neceſario que eu ſaiba a dita lingua. E ja que eſtamos em uma materia, que vós num ſabeis, quero com o voſo meſmo exemplo moſtrar-vos que dizeis mal.

Os primeiros que eſtudáram a doutrina Sinica, diſeram que os Chinas eram Ateos, e que o ſeu Deus era a materia Celeſte. (1) E iſto meſmo confeſáram os PP. Sabbatino, e Ruvs Jezuitas em tratados particulares: (2) e o P. Longobardi provou iſto contra o famozo P. Ricci. (3) Deſorte que o P. Vieira Vizitador, movido das griarias de tantos Miſionarios, quiz condenar a opiniam do P. Ricci. O meſmo diſeram outros Miſionarios Religiozos, e Seculares, e Biſpos. Contudo Trigautio, (4) e Semedo emprendéram defender o contrario, com outros, dizendo que nam eram Ateos: e naceo um ciſma terrivel entre os Miſionarios por eſta cauza.

Finalmente apeláram para Roma, e Clemente XI. em 1704. deſpois de ouvir as informaſoens exatas de ambas as partes, que ſabiam bem a lingua, reſpondeo, que nam ſe podeſem ſervir das palavras *Tien*, e *Xang-Ti*; porque nam explicavam aquilo, que nos entendemos por Deus: e o meſmo determinou na China o Cardial de Tournon. (5) E nacendo deſpois diſto grandes diſputas ſobre a inteligencia das ditas palavras, ſempre Roma confirmou o decreto do Cardial de Tournon. E contudo iſo a contenda durou ainda por muitos anos deſpois, afirmando uns, e negando outros Jezuitas, ſegundo a inteligencia, que davam ás palavras, e à deduſam que faziam do ſiſtema Filozofico de Confucio. Vede agora, meu Fr. Arſenio, ſe para determinar as queſtoens fundamentais em materia de doutrina, é neceſario ſaber as linguas originais.

Alem diſo, ſe a voſa razam valéſe, ninguem ſe deveria valer dos textos originais da ſagrada Eſcritura: e poderia o Teologo ſeguramente re-

(1) *Veja-ſe o P. Couplet*, Scientia Sinica. Proœmialis declaratio, *pag.* 40. 42. 44. *Martinius* Hiſt. Sinens. l. 1. p. 17. *S. Franc. Xavier*, *l.* 4. *Epiſt. p.* 229.

(2) *Apologia pro Dominicanis*, *pag.* 98. *Gallice.*

(3) *Minorelli Jezuita.*

(4) *De Chriſt. Expedit. l.* 1. *c.* 10. *pag.* 104.

(5) *Veja-ſe a Conſt.* Ex illa die *de Clem.* XI.

regeitalos. Comtudo vemos que a Igreja os abraſa, com eles arguimenta, e caſtigaria a quem os reprováſe.

Em quarto lugar dizeis, que diſe mal o Critico em afirmar, *que a materia de Sacramentis pertencia ao Direito Canonico.* E porque? *porque no Direito ſó ſe tratam poucas coizas de Sacramentis, e o mais tratam os Moraliſtas.* Eſtá muito bem reſpondido. E eu digo, que eſe muito que tratam os Moraliſtas, pela maior parte ſam futilezas ridiculas, que ſe nam deviam tratar. Eſta materia ou trata das queſtoens dogmaticas; e eſtas pertencem ao Teologo: ou das queſtoens de diſciplina; e eſtas pertencem ao Canoniſta, ou Moraliſta Eſpeculativo, que ſam a meſma coiza, como diz o Critico na ſua carta. As queſtoens Eſcolaſticas ſuperfluas pertencem aos Teologos, que falam em coizas, que nam entendem, como ſois vós.

Eiſaqui temos toda a critica, que fazeis ao Barbadinho: da qual ſe ſegue por legitima conſequencia; que em Direito Civil, e Canonico errou o Barbadinho no que diſe do metodo de Portugal; que errou o verdadeiro metodo de enſinar o Direito: que diſe muita falſidade: que os autores, que aponta, nam valem nada: que o que diz dos defeitos de ambos os Direitos é falſo: finalmente que nam acertou com coiza alguma. E verdade iſto? ſaiem naturalmente daquele principio, quero dizer, das voſas Reflexeens eſtas concluzoens? Direis vós que ſim. E o Barbadinho dirá, que apela da voſa ſentenſa para os que ſabem que coiza é Direito, e que entendem o que ele diz nas ſuas cartas: e apela para os grandes Juriſconſultos, que temos em Portugal, dos quais vós podieis ter aprendido a diſcorrer milhor na materia. E ſe nem menos eſtes lhe quizerem fazer juſtiſa, apelará para Franſa, Alemanha, e Italia, que la lha faram.

Mas no em tanto o dito Barbadinho vos remete à *Bibliotheca Juris Canonici.* tom. 2. fol. Pariz, por Juſtello, e Moello: e ao *Pandectæ Canonum* de Beveregi, Oxonij 2. tom. fol. em que traz os Eſcolios de Zonara, e Balſamon, &c. e ao *Codex Canonum Eccleſiæ Primit.* do meſmo: e ali vereis quais ſam as fontes do Direito Canonico, e ſe neceſita da Iſtoria para ſe entender.

Dizeis mais *que os Juriſtas da Univerſidade dizem, que nam querem ſeguir o metodo do Critico.* Aqui ſeria licito uzar da voſa meſma reſpoſta, e pedirvos que moſtraſeis a procuraſam autentica. Mas eu nam digo tanto: ſo digo, que ſe é verdade que eles dizem, *que nam querem*; que eſte argumento é de tanta forſa, que nam tem reſpoſta.

E aqui tenham entendido todos, que as palavras *nam teve vergonha*, ſam palavras abcenas, mal ſoantes, ofenſivas do proximo, indignas de ſairem da boca a um Cortezam, e quazi quizi *ſapiunt hæreſim*: porque aſim o define S. P. que tem uma fraſeologia particular para os Cortezaons; e porque é um omem Palaciano, mui verſado nas urbanidades, e etiquetas

da Corte, onde ſempre pretendeo fazer a primeira figura de Satrapa; e aſim ſabe iſto fundamentalmente. Mas aqui diz bem um certo proverbio: *Outro oficio minhoto, as artes nam ſam para vós.*

RELEXAM XI.

Da Teologia.

FInalmente dobramos ja o cabo da Boa eſperanſa, e entramos em um oceano de erudiſam ſagrada. Para aqui é que eu guardo as lagrimas, e os votos. E quem poderá, meu Fr. Arſenio, engolfar-ſe neſta materia, e acompanharvos pelo alto mar das voſas contemplaſoens? Vós com uma nao de primeira linha, bem guarnecida de marinheiros, mui veleira, fazendo cem legoas por ſangradura, com uma ciencia mui particular de conduzir as naos a ſalvamento por entre penhaſcos, baixos, eſtreitos, e parceis; ſoltando cutelos, e varredouras, perdendo de viſta com vento arrazada a popa o fatal promontorio, vos engolfais com tanta ouzadia, e ſoberba, ficamos ſumergidos, e confuzos entre as ondas os que navegamos em barcas piquenas, e nam nos atrevemos a afaſtar das Coſtas, e Enſeadas, para irmos aſim mais ſeguros. Mas como no mar os mais atrevidos ſam os que muitas vezes quebram os foſinhos em algum, calhao deſconhecido, temo muito nam vos ſuceda a vós o meſmo, pela confianſa, comque navegais. Deos nos leve a ſalvamento.

Neſta materia, que foi toda a voſa profiſam, em que tendes eſcrito alguns cadernos, ſem duvida ouviremos coizas mui reconditas. Sairám textos da Eſcritura, Tradiſoens, Concilios, &c. e irá tudo razo em materia de dogma. Quem poderá duvidar diſto? Mas vamos devagar, que pode ſer que duvidem todos.

Reduzindo pois a voſa Critica a capitulos determinados, primeiramente dizeis, (1) *que o Critico desfaz na Teologia Eſpeculativa, como coiza que nam é de proveito, e comeſou à pouco tempo.* (2) *Que ſe ve o erro, em que tropeſa o Critico, querendo dizernos, que a Teologia Eſpeculativa é moderna.* (3) *Que a Teologia Eſpeculativa comeſou no principio da Igreja, aſim como a Dogmatica. que é paſmo ver a ſeguranſa, com que eſte Critico aſevera, que á pouco tempo comeſáram a aparecer as que chama ſutilezas da Eſcola.* (4) *Que ſe os PP. deſviáram (como diz o Critico) Ariſtoteles da Teologia, nam foi da Dogmatica; logo foi da Eſcolaſtica. E daqui ſe infere com evidencia, que ja neſe tempo avia Eſcolaſtica. Tirelhe la a prova. Sam palavras voſas.*

Daqui pois ſe infere com evidencia, que vos nam ſabeis, que coiza é

(1) *Reflex. Apolog. pag.* 48.
(2) Ibid. *pag.* 50.
(3) Ibid. *pag.* 51.
(4) *Reflex. Apolog. pag.* 52.

za é Teologia Eſpeculativa, nem Dogmatica. Mas aquì me parece eſtar ouvindo dizer aos voſos diſcipulos: Pode aver arrojo ſemilhante, como dizer a um P. Meſtre em Teologia, que nam ſabe que coiza é Teologia? a um Meſtre tam celebre, autor publico, cujo nome voa por toda a Europa no frontiſpicio de livros *infolio*? Mas nam ſe enfadem Voſas Caridades, que nam ſou eu o que digo; ele meſmo foi o que o publicou nas ſuas propoziſoens; e eu com autoridade de ſeu Meſtre, zelo da Religiam, e confianſa de amigo, poſo ainda dizerlhe pior. Tenham paciencia, e vam ouvindo.

Todos os Autores modernos, que eſcrevéram com bom metodo, examinam que coiza é *Teologia*, e ſuas divizoens: e reſpondem, que nam á mais que uma *Teologia adquiſita*; que é aquela *Ciencia diſcurſiva, que das verdades reveladas tira as ſuas concluzoens.* Eſta chama-ſe *Poſitiva*, ſe explica os fundamentos, em que ſe eſtriba a noſa Religiam, que ſam a *Eſcritura*, e *Tradiſam*; ou interpretando-os, ou confirmando-os, ou defendendo-os. Chama-ſe *Eſcolaſtica*, ſe explica eſes meſmos fundamentos com o metodo das Eſcolas, e eſtilo Dialetico, confirmando iſo que diz com as outras Ciencias.

Cada uma deſtas Teologias ſe ſe-emprega em provar contra os Erejes os noſos dogmas, e reſponder aos ſeus argumentos, chama-ſe *Polemica.* Se explica o modo de reformar os coſtumes, chama-ſe *Moral.* Se dirige os noſos afetos para amarmos a Deus, como devemos, chama-ſe *Miſtica.*

E como muitos Erejes, a ſaber, Luteranos, Calviniſtas, Socinianos, &c. eſcarnecéram os Teologos da Eſcola pelas muitas queſtoens ridiculas, que excitavam; os noſos Teologos para moſtrar, que aqueles defeitos, nam ſam proprios da Ciencia, mas dos tais Teologos, perguntam; que diferenſa à entre a *Poſitiva*, e a *Eſcolaſtica*? e reſpondem todos, que realmente é a meſma faculdade, e a diferenſa eſtá no modo de explicar. A *Poſitiva* ſerve-ſe de um eſtilo mais livre, e oratorio, como fizeram os SS. PP. tratando-as materias em livros inteiros, e em diverſos lugares. A *Eſcolaſtica* ſerve-ſe do metodo eſcolaſtico ſucinto, e com milhor ordem. Onde conclue o Anato com eſtas palavras. (1) *Scolaſtica vero ſic hodie dicta, quod in Scholis tradatur, atque diſcatur, eadem eſt in re, idemque præſtat ac Poſitiva, diverſo tamen modo, h. e. accuratius, ſubtiliùs, & ad artis Syllogiſticæ regulas accomodatiùs: ſuaſque concluſiones interdum, & per accidens, extraneis confirmans, & illuſtrans argumentis, at ſic facilìùs iis, qui de foris ſunt, Catholicam perſuadeat fidem; & omni poſcenti de ea: quæ in nobis eſt, fide rationem reddat.*

Daqui tira o Anato duas concluzoens, que ſam corolarios do que tinha dito, e que prova extenſamente, reſpondendo aos argumentos dos Ere-

(1) *Apparat. ad Theolog. l.1. art. 1. p. 3.*

Erejes, ẽ de alguns modernos. A primeira é: *Utramque Theologiam Positivam, & Scholasticam esse unam, & eamdem essentialiter, scientiam, solo accidentali quodam procedendi modo diversam.* A segunda é: *Nec sufficere Theologo Positivam sine Scholastica, nec Scholasticam sine Positiva, sed utramque utilem; utramque necessariam; sufficere neutram.*

O famozo Cardial Gotti Dominicano moderniſimo diz o meſmo: (1) *Scholastica Theologia sic dicta, quia in Scholis traditur, & discitur, eadem quidem est ac Positiva, (ut dicetur) sed strictiori modo, & methodo Dialecticæ regulis accomodatiori.... Esto autem Theologia Scholastica ex iisdem principiis procedat, ac Positiva; interdum tamen suas conclusiones confirmat extraneis argumentis, utens Scientiis inferioribus in obsequium fidei.* E mais abaixo (2) *Utraque Theologia Positiva, & Scholastica est una, eademque essentialiter, solo accidentali quodam modo procedendi diversa.* E prova iſto muito extenſamente.

O meſmo diz o Habert, (3) o Tournelly, (4) e o Berti, (5) que ainda vive ao prezente, e eſcreve em Roma, e notai uma explicaſam importante, que eſte acrecenta: *Scholastica nuncupamus Theologiam illam, quæ ad Syllogisticæ artis regulas se se acburatius accomodat, neque apriori (Positiva, diversa est, nisi metodo disputandi. Unde qui servato verborum delectu, & ampliori oratione sua ex Teologicis fontibus deprompserit argumenta, non tam Scholasticam, quàm Positivam tenere is videbitur Theologiam.* Onde ſe ve, que toda a diferenſa é acidental, e mui tenue: porque a Eſcolaſtica ſe pode converter em Poſitiva, e eſta em Eſcolaſtica. Da meſma ſorte que uma carta familiar ſe pode converter em ſilogiſmos, ſe a puzerem em forma Eſcolaſtica, ſem ſe mudar nada na ſuſtancia. Nam cito mais Autores, porque é coiza comua: baſtando ſomente dizer, que nam apontareis um unico autor, que trate a queſtam, e a nam rezolva deſte modo.

Perguntam mais os meſmos Teologos, *que idade tem a Teologia Eſcolaſtica?* e reſpondem que *quoad ſubſtantiam* é tam ãntiga como a *Poſitiva*, por ſer a meſma: *quoad methodum* alguns veſtigios vemos nos antigos, que reduziram às materias a tratados, como Origenes, S. Agoſtinho em certos lugares, S. Joam Damaſceno no 8. ſeculo, e S. Anſelmo no fim do 11. Mas que o metodo, comque ſe trata oje, é moderno de 500. ou 600. annos a eſta parte: digo, deſde Pedro Lombardo, e alguma coiza deſpois. Aſim reſpondeo o Tournelly, (6) o Cardial Gotti, (7) o Anat., (8) e todos os outros.

E

(1) *Theolog. Scholastico-Dogmat. tom.* 1. *q.* 1. *dub.* 1. §. 10.

(2) Ibid. *dub.* 2.

(3) *Theolog. Dogmat. & Moral. tom.* 1. *cap.* 2.

(4) *De Deo, & Attribut. q.* 1. *art.* 3.

(5) *De Theologic. Disciplin. Prolegom. cap.* 1. *pag.* 4.

(6) *Loco suprà citato, pag.* 4.

(7) *Loco suprà, pag.* 12.

(8) *Loco suprà, art.* 3. *pag.* 11.

E è de notar, que o P. Petavio Jezuita começando a ſua incomparavel obra, *Theologicorum Dogmatum*, diz no primeiro paragrafo, que publicava uma Teologia, *Non illam contentioſam quidem, & ſubtilem, quæ aliquot ab hinc orta ſeculis, jam ſola pene ſcholas occupavit: à quibus & Scholaſtica proprium ſibi nomen aſcivit: verùm elegantiorem, & uberiorem alteram, quæ ad eruditæ Vetuſtatis expreſſa ſpeciem*, &c. Notai bem as palavras deſte autor, que é de bom nome.

Iſto ſupoſto, dois ſentidos tem eſtas palavras *Teologia Eſcolaſtica*. O primeiro é: Teologia metodica acomodada ao eſtilo da Eſcola com argumentos, e reſpoſtas pelo modo Dialetico. E neſte ſentido ſo ſe diſtingue acidentalmente da Pozitiva: e neſte meſmo ſentido a louvam todos os autores, que apontamos. Outro ſentido é: Teologia fundada nas opinioens de Ariſtoteles, digo das formas ſubſtanciais, e acidentais, introduzindo mil queſtoens de poſivel inuteis, e outras coizas ſemilhantes, nam tratando ſenam uma, ou outra queſtam de dogma, e ainda eſtas mui ſuperficialmente, e empregando todo o tempo em ſofiſmas, e metafizicas. Eſta é a comua Eſcolaſtica. E neſte ſentido é totalmente diſtinta da Pozitiva; e todos os milhores Teologos a condenam com o meſmo Cardial Gotti: (1) *Quod ſi aliqui Scholaſtici, relicta Scriptura, Conciliis, & PP. authoritate, plus æquo ad rationes naturales confugiunt, non Theologiæ, ſed Theologorum vitium eſt, qui Metaphyſicos potius ſe oſtendunt, quàm Theologos.* E mais adiante. *Dicam abſque metu: Hoc non Theologiæ Scholaſticæ, ſed aliquorum Theologorum vitio vertendum eſſe.*

Deſtes principios, que ſam certos entre os que ſabem que coiza é Teologia, ſegue-ſe evidentemente, que vós nam ſabeis que coiza é *Dogmatica*, porque a ſupondes diſtinta da *Eſcolaſtica* na ſuſtancia: como ſe ve na voſa pag. 50. e 51. em que atribuiz à Dogmatica *ſe virſe da Eſcritura, Igreja, e Tradiſam Apoſtolica, e defender tudo iſto contra os Erejes*: e à Eſpeculativa atribuiz *tratar ſomente com a razam a ſolida doutrina da Igreja: e tratar com muita curiozidade, e pezo de bom diſcurſo muitas queſtoens eſpeculativas*. Como ſe os principios de ambas foſem diferentes.

Segue-ſe em ſegundo lugar evidentemente, que nam ſabeis que coiza é *Eſpeculativa*, porque a ſeparais da Dogmatica em quanto aos principios: como ſe a Dogmatica tratada com o metodo das eſcolas nam foſe Eſcolaſtica, como bem adverte o Berti.

Segue-ſe em terceiro lugar, que nam entendeſtes nada do que diz o Critico: Porque ele expreſamente declara, (2) que por *Teologia Eſcolaſtica* nam entende no dito lugar, nem o metodo dialetico, nem as razoens naturais, &c. (que eſtas com o mais ſam a verdadeira Eſcolaſtica) mas ſomente a Teologia fundada ſobre as formas ſubſtanciais, e acidentais: e mais

(1) *Loco ſupra, dub.* 3. §. 2. *n.* 17.
(2) *Tom.* 2. *pag.* 160.

mais abaixo diz, (1) *Lembre-se V. P. que por Escolastica entendo sempre a Teologia fundada sobre a Fizica, e Metafizica dos Arabes; ou da que passa com o nome de Aristoteles, que é a comua Teologia.* Se tiveseis entendido estas palavras, verieis que o Critico só condena a Escolastica Peripatetica, ou comua Escolastica. Sendo pois certo que esta nam se introduzio na Teologia, senam depois que S. Tomaz explicou a Fizica de Aristoteles; com razam dise o Critico, que era muito moderna.

E de um omem, que nam sabe que coiza é Dogmatica, e nem menos sabe que a Escolastica se toma em dois sentidos; e que nam leo, nem entendeo o sentido, em que a toma o Critico, que se pode esperar? Este omem sem duvida criticará com os olhos fechados, e por forsa dirá muita loucura; e fingirá um inimigo imaginario; e dará murros no ar; como com efeito vós fazeis.

E asim, ou vós por ignorancia escrevestes estas coizas, e entam merecis compaixam por falardes em materia, que nam entendeis: ou advertidamente ocultastes o sentido, e palavras do Critico, e sois um calumniador, e impostor, que quereis enganar o mundo com estas vosas Reflexoens.

Do que fica dito bem entendido saie ja naturalmente a resposstas a todas as vosas propozisoens mais notaveis. Quando os PP. dos primeiros seculos desviaram Aristoteles da Teologia, foi da Teologia Dogmatica: porque ainda entam os dogmas nam estavam reduzidos a metodo Escolastico: e muito menos avia a Teologia Peripatetica, que começou no XIII. seculo. Costumavam os primeiros PP. Ecleticos servirse de algumas opinioens dos Filozofos, para convencerem os Etnicos, que abrasavam as tais doutrinas. Mas vendo que Aristoteles ensinava coizas contrarias á nosa Religiam, como acima dise; e que os Arrianos com a Dialetica de Aristoteles inventavam perigozos erros, (2) encomendavam muito, que se deitáse fóra da Teologia tal omem. Ouvi por todos a um dos Doutores bem informados nestas materias, e grande Filozofo, que foi Tertuliano: (3) *Miserum Aristotelem! qui Dialecticam instituit artificem struendi, & destruendi; versipellem in sententiis; coactam in conjecturis, duram in argumentis; operariam contentionum, molestam etiam sibi ipsi; omnia retractantem, ne quid omnino tractaverit.* O mesmo dizem da Dialetica dos Erejes Gregorio Nisseno, (4) Gregorio Nazianzeno, (5) Ilario, (6) Ambrozio, (7) e outros.

Daqui

(1) Ibid. *pag.* 162.

(2) *Cùm Dialecticam apprime caleret (Arius) in absurdos sermones delapsum esse.* Sozomenus Hist. *l.* 1. *c.* 15. *Dialecticis tricis totus deditus (Eunomius) Divini Verbi rationem omnem quibusdam figuris explicabat.* Epiphan. hæres. 76. *c.* 2.

(3) *Lib. de Præscript. c.* 7.

(4) *Lib.* 2. *adv. Eunom.*

(5) *Orat.* 16.

(6) *Lib.* 12. *de Trin.*

(7) *Lib.* 1. *de Fide, c.* 3.

Daqui ſe moſtra evidentemente, que ſam falſas eſtas voſas propoziſoens: (1) *Que quem nam tem eſtudado Eſpeculativa, nam ſabe dar razam de inumeraveis perguntas, que ſe lhe podem fazer em materia de Religiam.* Citais alguns textos, e concluiz, que eſtes ſó os entendem os Eſpeculativos, e nam os Dogmaticos. E logo acrecentais, (2) *que raro é o erro contra a fé, que nam conheſa quem ſor verſado na Eſpeculatiaa.*

Neſtas propoziſoens ſe ve claramente, que por *Eſpeculativa* entendeis a *Eſcolaſtica Peripatetica*, que é o que comumente ſe entende por eſta palavra *Eſpeculativa*, ou *Eſcolaſtica.* Orá iſto é manifeſtamente falſo: porque os que tem eſtudado ſomente aquelas coizas, como nam tem eſtudado os fundamentos, de que ſe tiram as doutrinas reveladas, nam ſabem que coiza é de fé, nem que coiza contra a fé; como eſtamos vendo neſta voſa critica. E aſim ſó podem ſaber reſponder á queſtoens nictafizicas, totalmente inuteis, e as quáis nam querem ſaber os verdadeiros Teologos. Onde a verdadeira propoziſam é eſta: *Que ſerá bem raro o erro, e tal que nenhum ruſtico o poſa ignorar, o qual conheſa quem ſomente ſabe Eſpeculativa.*

Aqui meſmo ſe acha uma contradiſam patente. Dizeis (3) *que os Eſpeculàtivos ſabem dar razam dos textos da Eſcritura que citais.* E logo dizeis (4) *que á Dogmatica pura pertence explicar o ſentido em que falam as Eſcrituras.* Iſto, meu Fr. Artenio, é contradiſam.

Daqui tambem ſe ſegue que é falſa eſta voſa propoziſam; (5) *Que S. Tomaz moſtrou, que o ſiſtema de Ariſtoteles ſe ajuſta milhor com os dogmas da religiam. E que o ſanto fundado neſtes meſmos principios naturais eſcreveo contra Gentes.* Aqui temos dois erros grandes. Primeiro: S. Tomaz nem moſtrou, nem podia moſtrar, que o ſiſtema de Ariſtoteles ſe unia com á noſa religiam, pois S. Tomaz nam podia concordar coizas totalmente opoſtas. Ja acima fica dito qual era o ſiſtema de Ariſtoteles, e como era contrario a noſa religiam. S. Tomaz explicou as opinioens particulares; e ſervio-ſe delas nas ocazioens; mas nunca do ſiſtema. Vós nam ſabeis que coiza é *ſiſtema.*

O ſer queimado Ariſtoteles publicamente por ordem de Gregorio IX. e proſbido por mais de trezentos anos em Pariz com eſcomunhoens graviſimas pelas erezias, que produzia; (6) e condenados depois Pomponacio, Ceſalpino, Cremonino, e outros por terem abraſado o puro ſiſtema de Ariſto-

(1) *Reflex. Apolog. p.* 49.
(2) Ibid. *pag.* 49.
(3) Ibid. *p.* 50.
(4) Ibid. *p.* 50.
(5) Ibid. *p.* 52.
(6) *Immo, & aliis (hæreſibus) nondum inventis præbere poterant, juſſi ſunt omnes (Ariſtotelis libri) comburi: & ſub pœna excommunicationis cautum eſt in eodem Concilio, nequis eos de cetero ſcribere, & legere præſumeret; vel quocumque modo habere.* Rigordus in vita Philippi Auguſti apud Launoium da Fortuna Ariſtotelis. c. 1.

Ariſtoteles: iſto que nam vos tinha conta, calaſtes vós: e ſó falaſtes em Santo Tomaz. Mas nam ſabieis, que S. Tomaz nam teve por fim unir Ariſtoteles com a Religiam; mas ſomente moſtrar, que do tal Filozofo ſe podiam tirar opiniocns, de que os Teologos ſe ſerviſem, ſem produzirem as erezias, que todos os dias naciam da ſua Dialetica. Nem S. Tomaz podia ter outro fim, ſupoſtas as proibiſoens dos Papas, e Concilios deſe tempo.

Iſto meſmo ſe confirma com a iſtoria deſes ſeculos: porque vemos, que os mais doutos Teologos deſe tempo, como o Cardial Alliaco Cancelario Pariziense, (1) e ſeu diſcipulo o Veneravel Gerſon tambem Cancelario, (2) e outros muitos declamáram ſempre contra a introduſam deſtas Filozofias na Teologia, pelos danos que produziam todos os dias. E que a meſma Faculdade Pariziense acuzando Fr. Joam de Monteſono Dominicano a Clemente VII. na ſua obediencia ao Pontifice Maximo, poem a culpa deſtes erros aos que introduziram Ariſtoteles na Teologia: e eſpecialmente diz que S. Tomaz pecára contra o decreto de Gregorio IX. (o que eu nam creio, pois tenho boa razam para julgar, que teve licenſa ou tacita, ou expreſa) e que a tal Teologia ſe devia reformar. (3) E ſempre é ver-

(1) *No livro que eſcreveo* contra Pſeudo-Poſtores.

(2) *Deinde cur ob aliud appellantur Theologi noſtri temporis Sophiſtæ, Verboſi, & Phantaſtici, niſi quia relictis utilibus, & intelligibilibus pro auditorum qualitate, transferunt ſe ad nudam Logicam, vel Metaphyſicam, aut etiam Mathematicam: ubi, & quando non oportet, nunc de intenſione formarum, nunc de diviſione cõtinui, nunc detegentes ſophiſmata Teologicis terminis obumbrata; nunc prioritates quaſdam in Divinis, menſuras, durationes, inſtantia, ſigna naturæ, & ſimilia in medium adducentes: quæ, etſi vera eſſent, & ſolida, ſicuti non ſunt; ad ſubverſionem tamen magis audientium, vel irriſionem, quam ad rectam fidei ædificationem ſæpe proficiſcitur.* Gerſon Lect. 8. in Marcum. *E o meſmo Autor no* Exame doctrinarum *prefere S. Boaventura a todos os mais, como menos ſogeito aos ditos defeitos.*

(3) *In omnibus (inquit Facultas) etiam arduiſſimis Fidei articulis, ipſe (D. Thomas) utitur dictis Ariſtotelis, & immiſcet ejus Philoſophiam doctrinæ Fidei, ſicuti patet cuilibet intuenti. Hoc autem præbet occaſionem errandi, cùm ipſe dicat, quod authoritates Philoſophorum ſunt argumenta extranea doctrinæ ſacræ.* E no fim. *Nec apparet iſtud mirabile, ſi S. Thomaz in hac doctrina erravit: quia, ut dicunt, non loquitur ibi Teologice, cùm nullum Scripturæ, aut SS. autoritatem inducat. Sed ſolum Philoſophicè & ſecundùm rationes naturales. Hoc autem in doctrina Theologica præſtat occaſionem errandi... Unde dicunt etiam, quod interminis Philoſophiæ & naturalibus principiis in eodem loco c. 15. erravit manifeſte... Dicunt etiam quod in pluribus locis doctrinæ ſacræ ipſe erravit, per hoc quod principia Philoſophiæ, ſeu quædam Philoſophorum verba ad concluſiones Theologiæ nimis applicavit.* In Corollar. 1. probat. 1. concl. 3. *c.* 3. apud Læunoium de fortuna Arift. c. 1. 2.

verdade, que os milhores Teologos reprováram eſta introduſam: aindaque o abuzo ao deſpois venceo, e introduzio o que primeiro ſe condenou. E nenhum Pontifice condenou nunca a Faculdade Parizienſe, ou aos mais Teologos, por terem cenſurado S. Tomaz, e os mais que o ſeguiram, neſta materia.

O ſegundo erro eſtá em dizerdes, que S. Tomaz com os principios de Ariſtoteles eſcreveo *contra Gentes*. O Santo eſcreveo contra eles com os principios da boa razam, e nam com os de Ariſtoteles, que nam podem ſervir para convencer Idolatras. Era milhor nam falar no que nam ſabeis, nem entendeis, do que eſcrever tais falſidades.

Daqui tambem ſe vê a falſidade deſta voſa propoziſam: (1) *Que para a pura dogmatica é que ſerve a Iſtoria Ecleziaſtica, e a Civil pouco lhe ſerve.* Aſim fala quem nam ſabe que coiza é dogma. O principal ponto da noſa Religiam é a verdade de ambos os Teſtamentos. Eſta nam ſe prova ſe nam com a fundada noticia da Iſtoria Profana. Lede o famozo Huetio na ſua *Demonſtraſam Evangelica*; e vereis que ſe ſerve de toda a Iſtoria para iſo. O outro ponto principal da Dogmatica Criſtan é a Vinda de Criſto. Para moſtrar a verificalam das Profecias de Daniel é neceſario recorrer à iſtoria antiga profana; e ſem iſo nam ſe prova. O Teſtamento velho pela maior parte é uma iſtoria. A inteligencia de muitos lugares nam ſe alcanſa ſem a iſtoria profana. A iſtoria Ecleziaſtica dos primeiros ſeculos encadeia de ſorte com a iſtoria dos Imperadores, que Monſieur de Tillemont eſcrevendo a iſtoria dos primeiros ſeis ſeculos da Igreja, vio-ſe obrigado para o dito eſcito a eſcrever a vida dos Imperadores dos ditos ſeculos. Milhares de definiſoens de Concilios, principalmente Gerais, nam ſe podem entender ſem a iſtoria deſe tempo, nam ſó Ecleziaſtica, mas Civil. Nam quero mais provas, porque eſtas baſtam, e nem menos vós as entendereis.

Tambem daqui ſe moſtra ſer falſa a voſa propoziſam; (2) *Quanto á lei, em que o Critico ordena, que na Teologia ſe nam introduza a razam natural, ſalvo ſe for neceſaria para explicar os dogmas, nam eſtamos por ela, per ſer feita ſem legitima autoridade, e tambem ſer contra a meſma razam.* Mas por forſa aveis de eſtar por ela; porque ſe ſegue da definiſam da Teologia: a qual como ſe funda em principios revelados, nam podemos ſervir nos da razam, ſenam para confirmar os dogmas, e tirar concluzoens deles.

Iſto meſmo ordenáram todos os PP. antigos. S. Agoſtinho diz; *Nihil ſalubrius in Eccleſia Catholica fieri, quàm ut rationem præcedat autoritas.* (3) Ut *in quibuſdam rebus ad doctrinam ſalutarem pertinentibus fides præcedat rationem.* (4) S. Cirilio: *Poſt fidem cognitio ſequitur, non illam antecedit*

(1) *Reflex. Apol. p.* 50.
(2) Ibid. *pag.* 52.
(3) *L. de Morib. Eccleſ. Cathol. c.* 25. *n.* 46.
(4) *Epiſt.* 222.

ecclie. (1) S. Joam Demaſceno: *Porro decet Reginam ancillarum quarundam uti miniſterio. Accipiamus igitur doctrinas iſtas, tanquam veritatis famulas; & impietatem, qua tyrannico dominatu ſibi eas uſurpaverat, procul amandemus: neque bono male utamur; nec ad circumveniendos ſimpliciores convertamur artem illam diſputandi.* (2) E S. Tomaz de Aquino diz o meſmo: *Utitur etiam ſacra doctrina ratione humana, non quidem ad probandam fidem, ſed ad manifeſtandum aliqua alia, qua traduntur in hac doctrina. Cùm igitur gratia non tollat naturam, ſed perficiat, oportet quod naturalis ratio ſubſerviat fidei, ſicut & naturalis inclinatio voluntatis obſequitur Caritati.* (3)

Os milhores Teologos excitam a queſtam: *Se a Filozofia é neceſaria ao Teologo?* e reſpondem uniformemente: *Humanam rationem fidei ſubjici debere, non præponi: ei ſubſervire, non dominari.* Aſim reſponde o Tournelly, (4) o Berti, (5) e os mais. E finalmente nam aparecerá um ſó autor dos que tenham nome, e eſcreveſem neſtes ultimos tempos, em que as Ciencias ſe reſtauráram, que excitando a queſtam, nam reſponda do meſmo modo; e nam prove largamente, que a razam ſó tem lugar na Teologia, em quanto ſerve para aclarar os dogmas, ou provando aqueles, que ſam notos *lumine naturæ*; ou desfazendo os argumentos contra os outros, que ſó conſtam pela revelaſam. Donde ſe ſegue, que o Critico diſe o que dizem todos os que entendem a materia. Mas iſto para vós, torno a dizer, é Grego, e Ebreo.

Aqui meſmo dizeis duas grandes falſidades: Primeira: *Que o Critico diz que o Concilio de Trento acabou no ano* 1650. (6) Segunda: *que encomenda que eſtudem por Origenes cheio de Erezias.* (7) Leia-ſe toda a carta do Critico, nam ſe acharám ſemilhantes propoziſoens. Vós leſtes no Critico eſtas palavras, (8) *deſde o fim do XIII. ſeculo até o Concilio de Trento no meio do XVI.* e logo com a voſa Logica inferiſtes, que o Critico aſentou, que tinha acabado em 1650. Se ſoubeſeis, que o Concilio de Trento ſoi celebrado bem no meio do XVI. ſeculo, nam caîrieis em tal erro.

Dizeis mais, *que a queſtam do principio que em termos ſe tratou no Concilio Florentino.* (9) E eu digo que é mentira: porque dos ſinco pontos, que ſe tratáram no tal Concilio, os dois primeiros, que pertenciam à Trindade, foram eſtes, e nada mais: *Se o Eſpirito Santo procedia do Pai, e do Filho, como de um principio: = Se ſe devia conſervar a palavra* Filioque *no Simbolo.* Iſto provouſe com autoridades de Eſcrituras, e SS. PP. Gregos, e Latinos; e nam com queſtoens Metafizicas. Nem os Gregos, e muito menos Marcos Arcebiſpo de Efezo, e Beſſario Arcebiſpo de Nicea, eram

(1) *L. IV. Comment. in Joan.*
(2) *Dialogor. primo.*
(3) *I. p. q. 1. a 8. ad 2.*
(4) *Loco ſupra citato, art. 4. concluſ. 2.*
(5) *Loco ſupra, cap. 2. propoſ. 3.*
(6) *Reflex. pag. 48.*
(7) Ibid. *pag. 53.*
(8) *Tom. 2. pag. 162.*
(9) *Reflex. pag. 51.*

eram omens capazes de ſe deixarem perſuadir com termos Eſcolaſticos; pois eram capazes de negar a luz do meio dia. E o meſmo fizeram os Latinos por boca de Fr. Joam: *Videtur inter nos illud conſtare debere, ſacræ Scripturæ, teſtimonia, Sanctorumque Patrum, quos ſecundo loco Eccleſia Sancta recipit, ſententias in his diſputationibus afferendas: habendaſque eſſe velati quoſdam terminos noſtræ diſputationis, quos tranſgredi non liceat, aut argumentanti, aut reſpondenti.* (1)

Se nas diſputas particulares algum dos Latinos, como Fr. Joam de Montenegro Dominicano, ou Joam Bispo de Forli, ſe ſervio de alguns termos Eſcolaſticos, iſo nam é o meſmo, que ter neceſsidade o Concilio da tal queſtam para definir o dogma, ou tratarſe em termos a queſtam no dito Concilio. Leia V. P. o Concilio *in fonte*, e nam nas poſtilas, como fez quando copiou as ſuas; e nam nos venha ca vender ſonhos por decizoens do Concilio Florentino.

Diz mais V. P. (2) que fez muito mal o Critico em dizer, *que o Belarmino nam dá cabal ſoluſam aos argumentos; e que devia apontar qual era o argumento, que nam ſolta bem.* O Critico nam eſcrevia uma diſertaſam, mas uma carta; e nam devia apontar os argumentos, quando ſó incidentemente tocava o tal ponto. Que pois o Belarmino nam reſponda bem, e nam explique bem muitos argumentos, iſo ſó nam ſabe quem nunca eſtudou Dogmatica. Vá V. P. a Romã, e fale com o P. Berti, que eſtá actualmente compondo neſtas materias, que ele lho dirá muito bem: ou tambem confronte o Belarmino com os outros Dogmaticos modernos, e entam verá ſe diſe bem o Critico. Mas iſto é para quem o entende. O Belarmino traz bem os argumentos; porque os copiou fielmente dos meſmos Erejes: muitas ſoluſoens nam explicou bem para o noſo tempo; porque ſeguindo o metodo Eſcolaſtico foi demaziadamente breve; e porque os Erejes depois diſo tem eſcarafunchado muitas mais coizas. Iſto é o que diz o Critico, e entendem todos os que ſabem a materia. E iſto nam prejudica nada ao merecimento de Belarmino reſpectivamente ao ſeu tempo; pois ſó neſte ſentido é que o louvam todos.

Aqui mais ſe eſcandaliza V. P. dizendo, *que o Critico mete medo aos Teologos com dizer, que os Judeos tem fortiſimos argumentos.* V. P. tem virtude particular para calumniar, e troncar as propoziſoens. O Critico ſó fala dos Teologos *Eſcolaſticos Peripateticos*, (3) v. g. como V. P. que ſam Teologos de agoa doce. E deſtes diz com razam, que nam ſabem reſponder aos Judeos. E ſenam faſa a experiencia: fale com algum deſtes Judeos de Olanda, ou de Salé, &c. e verá ſe nam lhe ſucede o meſmo, que ſucedeo aos Jezuitas de Gibraltar. E quem poderá duvidar do mao ſuceſo, vendo que pondo V. P. nas ſuas poſtilas (4) um titulo muito formozo de *Exiſten-*

(1) *Seſſ. XVII.*
(2) *Reflex. pag. 51.*
(3) *Tom. 2. pag. 17.*
(4) *Tom. 1. part. 2. pag. 6.*

Exiſtentia Trinitatis, e querendo provala contra os Judeos, os fundamentos que dá ſe reduzem a um paragrafinho de dez regrinhas; e paſa logo às Metafizicas. E pareceſhe ſer eſte o verdadeiro modo de provar o miſterio da Trindade?

Alem diſto, no ſeguinte tratado, em que promete tratar da *Incarnaſam do Verbo*, dizendo mil metafizicas inutiliſimas, teve tanto que fazer com elas, que totalmente ſe eſqueceo de tratar a principal, e fundamental queſtam: *Exiſtit Incarnatio Verbi*. E ſe V. P. neſtes dois tratados, que ſam os que nos ſeparam dos Judeos, nam provou o que devia; com que cara nos diz; ou que os Eſcolaſticos provam mui bem os Dogmas, ou que podem confutar os Erejes, e Judeos com eſta caſta de Teologia? Leiam os que duvidam todas as diſputas de V. P. e achará, que em lhe cheirando a dogma, ſupoem a coiza certa, e definida, e vai-ſe ſafando para a Metafizica, para poder dizer coizas muito engenhozas. Deſorte que ſe ouvermos de julgar pelos ſeus eſcritos, podem dizer que nam ſabe mais Dogmatica, que a que pode enſinar a Cartilha do Meſtre Ignacio. E ſe V. P. ſendo um Meſtre em Teologia tam celebre, caie neſtes erros, e defeitos, que quer que ſuſpeitemos dos outros, que nam chegáram à ſua erudiſam?

E ſe o Critico em outra parte (1) diz, que os Judeos tem omens doutiſimos; e que ſem ter grande erudiſam é perigozo falar com eles neſtas materias, nam diz mais que aquilo, que experimentam todos os dias os Catolicos, que tratam com eles, ou eſcrevéram contra eles. Ora ouſa V. P. o que a mim me ſuccedeo uma vez, quando eu nam lia mais que Eſcolaſtica.

Por acazo encontreime em Italia com um Ebreo moſo de 22. anos, chamado Abraam de Capua. Vendo-o de tam poucos anos, e de boa perceſam, cuidei de o convencer às duas palhetadas. Mas logo que lhe toquei os pontos da dificuldade acerca da vinda do Meſias, achei que o dito moſo nam ſómente lia, e falava as linguas Ebraicas, Caldeia, e Siriaca com maior facilidade, e inteligencia do que eu a Portugueza; mas que tambem ſabia de memoria todo o Teſtamento velho, as interpretaſoens dos ſeus Rabinos, e alem diſo a Teologia particular deles, a que chamam comumente *Kabala*; como ſe le em Pedro Galatino, Arcangelo Burgonovenſe, Joam Reuclino, Joam Pico de Mirandola, e em outros muitos Autores Catolicos, que eſcrevéram ſobre a meſma materia. Confeſolhe a verdade, que me vi bem apertado; porque era incrivel a erudiſam, e agudeza, com que o tal Ebreozinho explicava o ſentido dos paſos, que eu lhe alegava: e muito me cuſtou acabar onradamente a diſputa. Dezejára que V. P. ſe acháſe ali prezente, para ver que ſaîda dava ás ditas dificuldades com as ſuas Metafizicas, e ſutilezas Peripateticas; ou como manejava os textos da Vulgata por meio dos termos Eſcolaſticos. Mas V. P. nunca ſe vio neſtes banquetes.

E

(1) *Tom.* 1. *pag.* 110.

E nam cuide que os Ebreos ſó ſabem de contratos, como ſe poem: tem eſcolas publicas, e Doutores nelas, que ſabem muito mais, do que V. P. nam imagina. Leia o Baſnage na *Iſtoria dos Judeos* nos ultimos ſeculos, e entam ſaberá, ſe tem omens grandes, principalmente em Olanda, Alemanha, Polonia, Ungria, e Turquia: e mais o Baſnage nam era Judeo.

Finalmente fecha V. P. eſta ſua Reflexam com outra calumnia, dizendo, *que o Critico no fim da ſua carta ſe vai deſdizendo pouco a pouco, e ja vai admitindo Eſcola Media, e Tomiſtica*, &c. O Critico em nenhuma parte ſe deſdiz; porque em nenhuma parte diſe o contrario. O Critico fala das paixoens, que cada um toma pela ſua Eſcola: e diz (1) que cada um pode defender a ſua opiniam ſem dar em extremos. Que ele nam condena eſtas Eſcolas veneraveis. Se a Igreja as permite, que as permite ele tambem. Onde ſe acha aqui a retrataſam? Por ventura diſe em alguma parte, que ſe nam explicaſem eſtes pontos fundamentais da Eſcola ſegundo as diferentes Eſcolas? Demais, que defende o decreto prædeterminante, ou concomitante, ou a Ciencia Media, ou a pura doutrina Aguſtiniana, tem neceſidade por ventura de defender, e inventar mil queſtoens ridiculas; que ſe diſputam na Eſcola, e que de nenhum modo dependem deſta? Como á de provar V. P. iſto? Pois em quanto o nam prova, nam prova nada contra o Critico. E eu poſolhe moſtrar o Gotti, o Berti, o Boucat, &c. que defendendo as ſuas Eſcolas nam introduzem eſtas ridicularias. Iſto é na ſupoziſam de que o Critico as aprovaſe: mas ele nam diz tanto; diz *as tolera, e permite*, e ſabe Deus porque motivos. E iſto eſtá muito longe do cazo, que V. P. ſupoem.

Mas paraque é tanto trabalho, ſe o Critico ſe explica aí meſmo? Diz ele: *Eſpecialmente digo iſto, falando do metodo: pois é certo que á de ſer muito preocupado, quem nam conhecer que eſte metodo Eſcolaſtico fundado ſobre a Filozofia Ariſtotelica, nam é proprio para a Teologia.* Aqui tem V. P. que o autor fala dos Eſcolaſticos Peripateticos, e deſtes, que cegamente abraſam o ſeu ſiſtema, e condenam tudo o que nam entendem. Eſte é o argumento daquele paragrafo; e nam o aprovar, ou reprovar as Eſcolas, as quais nam pertencem nem ao fim da carta, nem do dito paragrafo.

E eiſaqui temos a ſuſtancia da critica que fazeis à carta da Teologia. Deixo de parte as outras coizas frivolas, que eſcreveſtes, por nam me demorar tanto, e por nam ſer decoro meu imitarvos em cenſurar palavrinhas. E achais vós que com iſto tendes moſtrado, ou que o metodo de Portugal é bom, ou que o que aponta o Critico é mao, ou finalmente que o Critico nam ſabe Teologia Dogmatica, como dizeis claramente em uma parte? Achais, digo, na voſa conſciencia, que tendes provado algum deſtes

(1) *Tom.* 2. *pag.* 184.

tes tres pontos? Pois ſe nam avieis de provar nada diſto, para que fizeſte eſta critica? para que vos quizeſtes envergonhar a vós, e a noſa Religiam, que tem tantos omens grandes, e que ſabem falar nas materias com profundeza, e penetraſam? Eſta é a critica de um omem Meſtre em Teologia, e autor de tomos *in folio*? Nam era milhor eſtarcs calado, do que fair a publico para moſtrares claramente, que nam ſabieis que coiza é Teologia: e ainda encima inſultar o Critico, dizendo *que nam ſabe nada*? Confeſo-vos que eſtou envergonhado de ver tantas calumnias, e falſidades, quantas eſcreveis neſta carta; e paſmam comigo todos os omens prudentes da confiania, com que apareceſtes neſte teatro literario.

Propoziſoens cenſuraveis.

Mas aqui diram outra vez os voſos Diſcipulos: Devagar com iſo, que ainda temos um ſaco de *propoziſoens ereticas*, ou quazi ereticas, que o Critico introduz em toda a ſua obra. Vejamos ſe o ſam.

Diz o Critico; (1) *O pecado de noſo primeiro Pai nos trouxe por caſtigo ſermos ſugeitos ao engano: e por pena do meſmo pecado ſe nos limitou a eſfera da noſa perſpicacia: nam conhecemos tambem como ele, e ſómos mais ſugeitos a conhecer mal.* E mais abaixo. *Por iſo nós pecamos, e pecando nos deſviamos da verdade da lei Divina, que é tam conforme a boa razam; porque nam damos atenſam à dita verdade.* Aqui diz S. P. que à falſidade, e *aliquid ſapiens hareſim.* Mas toda eſta caraminhola, que aqui fazeis, ultimamente nam prova nada: porque deixando o ſentido obvio, e natural da propoziſam, tirais mil conſequencias galantes, e com elas fazeis toda abulha. Se vós olhaſeis para tudo o que diz o Critico neſte paragrafo, verieis que nam avia motivo para a cenſura.

Primeiramente, que a *ignorancia* ſeja uma das penas do pecado de Adam, iſo ninguem o duvida ſenam vós. S. Agoſtinho a prova expreſamente contra os Pelagianos. *Sunt re vera omni peccanti animæ duo iſta prænalia, ignorantia, & difficultas.* (2) *In illas igitur ignorantiæ denſiſſimas tenebras, ubi anima infantis recentis ab utero, utique anima hominis, utique anima rationalis; non ſolum indocta, verùm etiam indocilis jacet; quare, aut quando, aut unde contruſa eſt?* (3) Que pois a ignorancia ſeja a fonte da maior parte dos noſos erros, tambem nenhum omem de juizo o pode duvidar, ſe refletir nas cauzas, porque comumente erramos. *Approbare falſa pro veris, ut erret invitus, non eſt natura inſtituti hominis, ſed pœna damnati*: (4) diz o meſmo S. Doutor. Pois iſto meſmo é o que diz o Critico no tal lugar. Ali nam ſe diſputa, ſe Adam podia enganarſe antes de pecar: bem claro é, que ſe enganou. Buſca-ſe a raiz dos noſos erros, e enganos,

(1) *Tom.* 1. *pag.* 253.
(2) *Lib.* 3. *de Liber. arb. c.* 18.
(3) *L.* 1. *de peccat. merit. c.* 16.
(4) *L.* 3. *de Liber. arbit. c.* 18.

enganos, e acha-se na pena de Adam: que é o que basta para verificar a propoziſam do Critico.

Vamos a ſegunda: Que a *concupiſcencia* ſeja outra pena do primeiro pecado, tambem nam duvidará ninguem que ſober o que S. Agoſtinho eſcreveo neſta materia contra Juliano, (1) e o que dizem as Eſcrituras, e Concilios. Que pois a concupiſcencia nos arraſte para outros objetos, e nos impida dar atenſam à lei natural; iſo confeſam todos com S. Paulo: *Video aliam legem in membris meis repugnantem legi mentis meæ; & captivantem in lege peccati, quæ eſt in membris meis.*

Pois iſto em ſuſtancia é o que diz o Critico. Nam examina ali o Critico, ſe um omem para pecar, deve ter advertencia: ja ſe ſabe que para pecar ſe requer conhecimento da lei, que o proibe. O que diz é, que arraſtado pela fantazia para objetos ſenſiveis, nam dá à verdade aquela atenſam, que era neceſaria: porque ſe a deſe, ſe examinaſe bem fundamentalmente a conformidade do preceito com a razam, comumente nam pecaria. Pois vemos comumente, que quem conſidera, e examina bem os preceitos da lei Divina, ou Natural, e os tem ſempre diante dos olhos, dificultozamente peca: (ſupomos o auxilio da graſa com todos os mais requizitos) e por iſo a Eſcritura aconſelhava aos Judeos, que trouxeſem ſempre a lei na fronte, &c. o que os Farizeos interpretavam mal, trazendoa eſcrita em fitas de pergaminho.

Digame agora, meu P. do paladar exquizito, *que erezias lhe nam ſubem neſta explicaſam?* Nam ſabe V. P. que para criticar uma propoziſam é neceſario ter ſempre diante dos olhos o contexto do livro, e o fim que teve o autor? Pois ſe V. P. aſim o obſervaſe, logo acharia que nas tais propoziſoens do Critico nam havia nada que cenſurar. Se eu quizeſe inferir conſequencias das ſuas propoziſoens, moſtraria que V. P. nam ſó é Ereje, mas Ereziarca, pois diz coizas bem más, e perigozas, e diametralmente opoſtas à doutrina da Igreja: mas como fala por ignorancia, por iſo lhe perdoo.

A ſegunda propoziſam eretica é eſta: *O acidente da cor conſiſte na diverſa diſpoziſam da ſuperficie de um corpo, que reflete a luz: que é o meſmo que dizer, que nam é uma entidade diſtinta da ſuſtancia.* (2) Eſta propoziſam diz S. P. que ſe nam ajuſta bem com a condenaſam da ſegunda propoziſam de Wickleff. Iſto meſmo repete S. P. na Reflexam X. querendo provar com particular Filozofia, que Wickleff admitio dois erros: *primeiro, em admitir a ſuſtancia do pam no Sacramento: ſegundo, em admitir a ſuſtancia, e mais os acidentes no meſmo Sacramento: de que tudo ſe infere, que nam ſam ideaticas ambas as propoziſoens.* (3)

Diz mais S. P. que a Graſa ſantificante é inerente à alma do juſto, como diz o Tridentino: logo é forma acidental diſtinta: e diz muito mal o Cri-

K

(1) *Veja-ſe o L. IV. c.* 13. *&* 28. *e o L. VI. c.* 14.
(2) *Tom.* 2. pag. 11. (3) *Reflex. Apol.* pag. 33.

o Crítico, que os SS. PP. a explicáram diferentemente: (1) porque nam só a graſa fantificante, mas tambem os abitos ſobrenaturais, a graſa auxiliante, os atos do entendimento, e da vontade ſam coizas diſtintas da alma, e nam ſam ſuſtancia. *Os que vamos direitos com os dogmas da Fe, chamamos-lhes formas acidentais*: Logo, &c. ſam palavras ſuas na Reflexam IX. pag. 38.

Diz mais S. P. (2) *que ſendo a alma racional ſuſtancia, e nam materia, poderemos chamarlhe forma*: como lhe chama o Lateranenſe V. logo temos muitas mil formas ſuſtanciais. Prova o meſmo das almas dos peixes, &c. logo temos almas materiais.

Eſta é toda a critica, que fazeis ao ſiſtema moderno: para reſponder à qual cabalmente, ſeria neceſario mais tempo, e papel; e ſeria tambem precizo, que vós tiveſeis lido materias, que nam ſabeis: e aſim reſponderei por outro eſtilo mais breve.

Conhecemos por Wickleff. Meu Fr. Arſenio, ſe um omem no meio de Lisboa diſeſe, e defendeſe, que a oſtia conſagrada nam era redonda, nem branca, nem goſtoza, nem cheiroza, ou pezada: e que o vinho depois de conſagrado nam tinha cor, nem goſto, nem cheiro, nem pezo, nem fluidade; eſtou certo que o nam mandavam para o Santo Officio, mas para o Oſpital: e o meſmo ſucederia a Wickleff ſe tiveſe dito o meſmo. E aſim querer defender que o Concilio definio o que ſe eſta vendo, é ſer louco.

Nenhum Iſtorico, ou Dogmatico atéqui diſe, que Wickleff, negára os acidentes; mas todos dizem que negára a ſuſtancia. Aſim o entendéram todos os que o condenáram: e aſim ſe explicou o meſmo Wickleff: *Hoſtiam conſecratam eſſe corpus Chriſti tantum in figura, & verum panem in ratu a: ſeu verum panem naturaliter, & corpus Chriſti figuraliter.* (3) As cenſuras dos Teologos, que ſe acham no Concilio, tomam as ditas duas propoziſoens no meſmo ſentido. E note de caminho, que o Cardial Alliaco, que foi um dos Padres do Concilio diz: *Quod accidentia panis maneant ibi, hoc infertur ex eo quod ſupponitur, quod ſubſtantia panis tranſubſtantiatur, & accidentia panis ſint aliud ab ejus ſubſtantia. Iſtud autem ſecundum nec eſt evidens, nec eſt in Scriptura expreſſum, nec ab Eccleſia determinatum: ſed eſt unum probabile, tamen receptum ab iis, qui ſequuntur Philoſophiam communem Peripateticorum. Sed ſi eſſet aliquis, qui diceret oppoſitum hujus, non eſſet propter hoc tanquam hareticus habendus.* (4) Note bem

(1) Ibid. *pag.* 33.
(2) *Reflex. Apol. pag.* 30.
(3) *Sam palavras ſuas na Seſſ. XV. do Concilio Conſtant. Veja-ſe o P. Labbe Jezuita no tom. XVI. dos Concilios, col.* 242.
(4) *In IV. Sentent. q.* 6. *art.* 3. *do Mſſ. que eſtá na Aiblioteca dos PP. Franciſcanes de Veneza.*

bem iſto, meu Padre das erezias. O meſmo achará no P. Fortunato de Breſcia *de Accidentibus.*

Na Bula de Martinho V. contra os erros de Wickleff, Joam Hus, e Jeronimo de Praga, dada no Concilio Conſtancienſe no ano 1414. quando ſe ordena o modo de conhecer os que ſam ſeus ſequazes, ſe poem varios *itens*, neſta forma: *Item, utrum credat, quod poſt conſecrationem ſacerdotis, in Sacramento Altaris, ſub velamento panis, & vini, non ſit panis materialis, & vinum materiale, ſed idem omnino Chriſtus, qui fuit in cruce paſſus, ſedet ad dexteram Patris. Item, utrum credat, & aſſerat, quod facta conſecratione per ſacerdotem ſub ſola ſpecie panis tantum, & præter ſpeciem vini ſit vera caro Chriſti, & ſanguinis, & anima, & Deitas, & totus Chriſtus, ac idem corpus abſolute, & ſub una qualibet illarum ſpecierum ſingulariter.* Que coiza mais clara para moſtrar o que jalgou o Concilio, e o Pontifice do erro de Wickleff? que ocaziam mais oportuna para dizer: *Item, utrum credat, quod accidentia ſunt in Euchariſtia: quod ſubſtantia panis, & vini ſit diſtincta ab accideutibus*, &c.

Mas para nam eſtar perdendo tempo, explicando-vos eſtas materias, que tendes eſtudado: direi brevemente, que eſta opiniam, que defende o Critico, e o ſiſtema moderno, que impugna os accidentes Peripateticos, ſam opinioens Catolicas, nam ſó toleradas pela Igreja, mas defendidas publicamente em Roma. E baſte-vos por prova, que o P. Fortunato de Breſcia Franciſcano, leitor publico de Filozofia moderna na dita Univerſidade, entre varias obras que publicou de Filozofia moderna, imprimio um tomo, em que prova eſte ſiſtema dos acidentes, o qual de dedicou a Monſenhor Fonſeca Biſpo do Porto em 1740. e ninguem atequi lhe chamou nomes, nem foi condenado por eſa cauza. E os ſeus Religiozos defendem o meſmo em Roma. Agora ſe vós ſois; ou quereis ſer mais Catolico que o Papa, iſo deixo eu julgar aos pios leitores. Entretanto o Critico pode dizer, que vos nam quer obedecer, porque nem ſois Papa, nem ſabeis o que dizeis.

Eſta meſma ſoluſam, baſta para todo o ſiſtema da graſa, que ſe explica maravilhozamente ſem formas diſtintas, e ſe defende em Roma publicamente em concluzoens dedicadas ao Papa, e Cardiais, ſem que atequi foſem os defendentes caſtigados por Erejes. E os Eſpanhoes, que vós dizeis, *que tem juizo em ſeu lugar*, já á muito tempo que tem abraſado o meſmo ſiſtema. Baſte por prova o P. Toſca Filipino da Congregaſam de Valenſa, que nas ſuas obras de Filozofia defende o ſiſtema Atomiſtico; (1) e o ſiſtema da graſa, ſegundo as opinioens de Maignan, e Saguens; e contudo foi muito louvado pelos revizores, e aprovado pelo Santo Oficio de Eſpanha.

Nem é dificultozo reſponder ao que vos alegais pela voſa parte; pro-

 que

(1) *Tom. 2. de Phyſ. generaſ.*

que nam moſtrareis nenhuma diſiniam de Concilio, que diga, *que a Alma racional é forma ſuſtancial no ſentido Peripatetico*: ou tambem, *que a graſa ſanſificante, e abitos ſobrenaturais*, &c. *ſam acidentes no meſmo ſentido Peripatetico*. Em quanto nam provais iſto, falais, e nam provais nada; porque todas as expreſoens dos Concilios admitem os modernos: mas como ſabem que os Concilios nam definiram eſtas queſtoens eſpeculativas, mas ſó definiram os dogmas; explicam as palavras ſegundo o ſeu ſiſtema: da meſma ſorte que os modernos abraſam as palavras, *materia*, *forma*, *e uniam*, ſem abraſarem as ideias, que os Peripateticos unem às ditas palavras. Iſto é em quanto V. P. nam manda vir de Roma alguma definiſam, que nos proiba explicar as palavras *materia*, *forma*, *e acidentes* fora do ſentido Peripatetico; porque entam logo nos calaremos.

Sobre o dizer o Critico, *que os SS. PP. explicáram a graſa ſem recorrer á forma acidental diſtinta*, iſo ſó o nega quem como V. P. nam ſabe nada de iſtoria, nem de dogma. Todos ſabem, quam debatida foi a queſtam da graſa contra os Pelagianos, e Semipelagianos, e o quanto S. Agoſtinho trabalhou, e eſcreveo neſta materia. Nam moſtrará V. P. que S. Agoſtinho ſe ſerviſe nuuca das formas acidentais Peripateticas para a explicar, nem aparecerá texto que diga tal loucura. E como ſe havia de ſervir delas S. Agoſtinho, ſe ele era Platonico Alexandrino, e eſtes nam admitem tais *formas diſtintas*? Alem diſo, o S. eſcrevia no IV. e V. ſeculo: e elas introduziram-ſe na Teologia no ſeculo XIII. E todos os que tratáram a meſma materia neſte meio tempo, ſe explicáram ſem formas Peripateticas.

O famozo P. Berti Agoſtiniano, um dos maiores Teologos Romanos, que expoz a doutrina de S. Agoſtinho largamente, e que por ordem de Benedito XIV. no ano 1747. reſpondeo a certos Mediſtas Francezes, eſpecialmente ao Biſpo de Rhodes, que em um eſcrito calumniozo lhe chamou Janſeniſta, e Bayano; eſte P. digo, explicando a doutrina de S. Agoſtinho neſte ponto, nega que a graſa atual ſeja qualidade, e diz que conſiſte ſomente *na iluſtraſam do entendimento, e deleitaſam da vontade*; (1) os quais atos ele explica pelo modo de Maignan. Nam ſe aſuſte V. P. nem cuide que é Janſeniſta; porque a Sé Apoſtolica tem examinado ja muito bem eſe ponto contra os ſeus acuzadores, e o declarou Catoliciſimo. Onde o que diſe o Critico, nam é coiza nova, mas velha entre os Teologos de alto bordo, e nam de agoa doce, como V. P.

Quarta propoziſam eretica; *A natureza umana de Chriſto unida á Peſoa do Verbo nam é peſoa umana, mas Divina.* (2) Aqui S. P. nam obſtante todas as interpretaſoens, que dá a eſta propoziſam, nam acha ſentido, que poſa ſer catolico; e aſim decide Conciliarmente, que é *eretica*, ou

(1) *Tom. 3. de Theolog. Diſcipl. p. m. 140. & ſeq.* (2) *Tom. 2. p. 13.*

ou *blasfemia*. Mas a muita Metafizica lhe cegou os olhos do entendimento pera nam ver o ſentido obvio da propoziſam.

Qualquer que le a tal propoziſam conhece muito bem, que o Critico nam ignora, que a natureza criada nam é peſoa Divina; porque ſam duas coizas realmente diſtintas. Onde vem a dizer ſomente; *que a natureza umana unida ao Verbo, perde a ſua ſubſiſtencia, e ſubſiſte na Peſoa Divina.* E nam diz mais o Critico, que o que diz o Simbolo: *Perfectus Deus, perfectus homo, ex anima rationali, & humana carne ſubſiſtens....Unus autem non converſione Divinitatis in carnem, ſed aſſumptione humanitatis in Deum.* Quem le eſta ultima propoziſam, nam julga, que o Simbolo quiz dizer, que a umanidade era realmente Divindade; mas que ſubſiſtia na ſegunda Peſoa, e que ſe chamava Deus. O meſmo ſe pode dizer das palavras, *perfectus Deus, perfectus homo....ſubſiſtens.* Eſtan os no cazo.

Agora o que eu acho aqui é, que V. P. nam obſtante toda a ſua Teologia, diz neſte lugar coizas intoleraveis. A ſua propoziſam no ſegundo paragrafo, p. 14. é eſta. *Se o Critico confeſſa, que da natureza humana unida á Peſoa do Verbo reſulta perfeito, e verdadeiro omem, mas que eſte ſe nam pode dizer peſoa umana, porque para iſo é neceſſario, que tenha ſubſiſtencia umana; diz uma grande falſidade; porque para uma peſoa ſe chamar umana, ſó ſe atende á natureza, ſeja ou nam ſeja umana a ſubſiſtencia: tanto aſim, que eſtas palavras omem, e peſoa umana ſam ſinonimas.* Confeſo-lhe, que nam ſei como os revedores lhe deixáram paſar eſta propoziſam.

Ora deixeme V. P. inferir deſta ſua doutrina uma concluſam. Logo aſim como é verdade dizer com o Simbolo: *Perfectus Deus, perfectus homo...Deus, & homo unus eſt Chriſtus*: aſim tambem ſerá verdade dizer: *Perſona Divina, & perſona humana unus eſt Chriſtus*: já que ſegundo a doutrina de V. P. tanto vale dizer *omem*, como *peſoa humana*. *Tirelhe la a prova*; ſam palavras ſuas. Mas V. P. tem Teologia para tudo.

Alem diſo, expliquenos V. P. porque razam a natureza umana de Criſto unida ao Verbo Divino nam é peſoa umana. Nós, *os que vamos coerentes com a fé*, entendemos que é, porque lhe falta a ſubſiſtencia umana; e porque o ſer peſoa umana ſe nam deve tomar ſomente da natureza como V. P. diz, mas da ſubſiſtencia ſer tambem umana, como dizem todos os Catolicos. Onde em Criſto nam é o meſmo ſer *omem*, que ſer *peſoa umana*. V. P. pode ſer que tenha outras razoens incognitas aos Teologos Catolicos, e ſó proprias de Neſtorio, ou Eutiches: e que retratáſe aqui, para poder calumniar o Barbadinho, a quela nacima doutrina, que tinha defendido nas ſuas celebres poſtilas, onde diz (1) o contrario.

De mais, expliquenos V. P. que quer dizer: *Perfectus Deus, perfectus homo*: Se quer dizer em ambas as partes *pura natura*; nam ſe pode entender, como duas naturezas ſem ſubſiſtencia faſam um ſó Criſto ſubſiſtentes:

(1) *Tom. 1. pag. 135. n. 267. 268.*

ſiſtente: ſe quer dizer, *duas naturezas ſubſiſtentes*; tambem fica a meſma dificuldade. E bem ſe vê, que muitas deſtas palavras nam ſe devem tomar ſempre no ſentido rigorozo; mas ſegundo o contexto, e mente da Igreja. E iſto meſmo ſucede na propoziſam do Critico. Quando S. Joam diz: *Verbum caro factum eſt*: ninguem o toma neſte ſentido; *O Verbo Divino ſe fez realmente carne*; mas neſte; *O Verbo uniu a ſi a carne*: porque eſte é o ſentido obvio. E o meſmo ſe deve dizer da propoziſam do Critico. Onde conclue maravilhozamente S. Cirilo: *Neque enim illam Verbi carnem dicimus factam eſſe Divinitatem, ſed potius Divinam, ut illius propriam. Si enim hominis caro humana dicitur, quid prohibet Divinam dicere eam, quæ eſt Verbi Divini?* (1) Declaro, que eu nam entendo muito deſtas materias Dogmaticas; creio firmemente o que diz a Santa Igreja Catolica, e o Simbolo; e ſomente proponho a V. P. eſtas dificuldades, para que me diga, quem foi o que cometeo o erro; ſe o Critico, ou V. P. que é o capataz dos Teologos?

A quinta propoziſam eretica no meſmo lugar é eſta: *Quando a natureza criada ſe une a uma peſoa Divina, perde o alto dominio, que tinha nas ſuas aſoens, que ſe ficam atribuindo à Divina.* Aqui V. P. fez a merce ao Critico de lhe troncar as ultimas palavras, *que ſe ficam atribuindo à Divina*; para poder columniar o pobre Barbadinho. Mas a iſto chamam os doutos ſer um calumniador, e impoſtor prejudicial à quietaſam da Republica: porque ſenam troncáſe a propoziſam, veria que pelas palavras *alto dominio*, quiz dizer o Critico, que perdia a ſua ſubſiſtência, e ſubſiſtia na peſoa Divina, à qual ſe ficavam atribuindo as aſoens, e nada mais.

Sexta propoziſam eretica: *Omem que nam deſpe primeiro por meio da Etica os vicios do animo, todas as aſoens deſte omem nam ſam oficios, mas vicios, e maldades. A Politica ſem a Etica é arte de enganar*, &c. (2) Aqui S. P. paſando de um argumento para outro, porvia de perguntas, e ilaſoens conclue, que o Critico, é Bayano, e que caie na propoziſam condenada: *Omnia opera infidelium ſunt peccata*, &c.

Forte teima de reduzir tudo para as propoziſoens condenadas da Janſenio, e Bayo! Toda a ſua doutrina dogmatica ſe reduz a iſto. Meu P. o Critico nam fala ali no ſentido Filozofico, ou Teologico; fala no ſentido vulgar, e Politico, e diz bem, *que a Juriſprudencia ſem a Etica* (que eſte era o ſeu argumento) *nam pode produzir ſenam muitos erros.* Nam diſputa, nem tem por fim examinar ſe o tal omem tinha liberdade, ou nam; mas moſtrar os danos, que rezultam ao Juriſconſulto da falta da Etica. E aſim é verdadeira a propoziſam.

Setima propoziſam eretica: *A Teologia fundada ſobre as formas acidentais,*

(1) *Lib. 3. contra Neſtorium.* (2) *Tom. 2. pag. 68.*

dentais, e ſubſtanciais é prejudicial aos dogmas da Religiam. (1) Ja ſe ſabe, que S. P. ſai fora de ſi todas as vezes, que lhe tocam nas *formas diſtintas*. O ſeu arguniento neſte lugar é eſte: S. Thomaz, e Eſcoto, que ſeguiram na ſua Teologia as formas, foram louvados pelos Papas: logo é temerario, e alguma coiza mais, dizer, que os Papas louváram uma Teologia opoſta aos dogmas.

Aqui tem V. P. outro ſilogiſmo com premiſas verdadeiras, e com a meſma forma. Gregorio IX. mandou queimar publicamente todos os livros de Ariſtoteles no ano 1209. pelas erezias, que produziam, e ſe julgava podiam produzir para o futuro. O meſmo Papa, e ſeus ſuceſores proibiram por alguns ſeculos com excomunham a leitura de Ariſtoteles, e ſo nos fins XV. e XVI. ſeculo, por comprazer ao genio depravado de muitos Profeſores Parizienſes, ſe foram tolerando, e permitindo alguns livros; de que naceo o abuzo da introdnſam ao depois. O Cardial Alliaco, Gerſon Cancelarios de Pariz, Clamengio, e outros Doutores Teologos clamáram ſempre contra o abuzo que os Teologos faziam de meter Ariſtoteles na Teologia. A Faculdade Parizienſe acuzando Fr. Joam de Monteſono Dominicano ao Papa Clemente VII. na ſua obediencia *Pontifici Maximo*, diz que os tais erros naceram de ſe ter introduzido Ariſtoteles na Teologia; e afirma que S. Tomaz peccára contra o decreto de Gregorio IX. como acima fica dito; e o Papa nam os caſtigou. O Concilio Lateranenſe V. condenou as opinioens de Pedro Pompanico, Cezalpino, Fr. Joam Minorita, e outros, que continham o meſmiſimo ſiſtema Ariſtotelico. Logo é temerario, e alguma coiza mais, dizer que tantos Papas, tantos Concilios, tantos Doutores condenáram uma doutrina neceſaria, ou pelo menos util à Igreja; e aprováram a que era prejudicial aos noſos dogmas.

Se nam baſta eſte ſilogiſmo, aqui temos outro com a meſma forma. Os Papas modernos, e principalmente Benedito XIV. reformando os eſtudos da *Sapiencia Romana*, no ano 1747. introduzio diverſos Leitores de Filozofia moderniſima, e tirou os da Peripatetica. O meſmo ſe fez no Colegio Apoſtolico de *Propaganda fide*, onde ſe inſtruem ſugeitos de todas as naſoens para irem pregar a verdadeira Fé de Criſto por todo o mundo. O meſmo fazem em Roma os Padres das Eſcolas Pias, que abriram no prezente ano novo Colegio em Roma debaixo dos auſpicios do meſmo Papa; cuja oraſam de *Sapiencia* fez o P. Olivieri Portuguez, que foi de tenra idade para Italia; e la eſtudou. O meſmo fazem outras Comunidades de Celeſtinos, Beneditinos, Somaſcos, de S. Franciſco de Paola, e muitos outros. Logo é temerario, e alguma coiza mais, condenar aquilo meſmo, que fazem tantas Comunidades de omens doutos, e reformados; e o que louvam, e mandam fazer os meſmos Papas, ainda que ſeja contrario às formas Ariſtotelicas. De-lhe V. P. a ſoluſam.

A

(1) *Tom.* 2. *pag.* 161.

A reſpoſta direita é a que o Critico tinha ja inſinuado no meſmo lugar; (1) que os Papas nunca aprováram S. Tomaz, e Eſcoto, *porque defendiam Ariſtoteles*: antes iſto era contrario às proibiſoens, que tinham feito de ſe explicar Ariſtoteles. Aprováram ſim o metodo deſtes Doutores naquele tempo, em que nam avia outro mais util: Oje porem o mundo tem aberto mais os olhos, e por iſo as coizas ſe tem mudado totalmente.

Que a Teologia Peripatetica com as ſuas formalidades ſeja prejudicial aos dogmas, provaſe, porque tem aberto a porta a mil ſutilezas, e ſofiſmas, e erezias; e porque nem é util para os defender contra os erejes. Ja no Concilio de Trento reconheceram iſto os meſmos Padres. O Cardial Sadoleto eſcrevendo a Paulo III. diz que por meio dos Eſcolaſticos nunca ſe concluiria nada; antes ſe aumentariam as erezias. E o Cardial Palavicini Jezuita, eſcrevendo a iſtoria do tal Concilio, diz repetidas vezes, (2) que os Padres ordenáram aos Teologos, que tiraſem as decizoens da Eſcritura, Tradiſam, Concilios aprovados, Conſtituiſoens Pontificias, e SS. PP. (iſto é dogmatica;) e que ſe abſtiveſem de diſputas, e queſtoens ſuperfluas, (iſto é Eſcolaſtica vulgar.) E ſe a tal Eſcolaſtica foſe util, e boa para defender os dogmas, ſem duvida ſe ſerviriam dela para condenar as erezias.

Neſte meſmo tempo um Eſcolaſtico tam grande, como Melchior Cano, ſe queixava diſto: *Intelligo autem fuiſſe in Schola quoſdam Teologos adſcriptitios, qui univerſas quæſtiones Theologicas frivolis argumentis abſolverint, & vanis, invalidiſque ratiunculis, magnum pondus rebus graviſſimis detrahentes, ediderint in Theologiam commentaria vix digna lucubratione anicularum.* (3) E em outra parte: *Egit autem Diabolus, quod ſine lacrimis non queo dicere, ut quo tempore adversùm ingruentes ex Germania hæreſes oportebat Schola Theologos optimis eſſe armis inſtructos, eo nulla prorſus haberent, niſi arundines longas, arma videlicet levia puerorum. Ita irriſi ſunt à pleriſque, & merito irriſi, quoniam vera Theologiæ ſolidam effigiem nullam tenebant: umbris utebantur, & eas ipſas utinam ſequerentur.* (4) Podia tambem citar alguns Jezuitas, como o Maldonado, Vaſques, (5) &c. mas nam é neceſario tanto para uma coiza tam clara.

Oitava propoziſam eretica: *Deus no eſtado da inocencia enſinou aos omens muitas verdades.* (6) Quem tal diſera, que S. P. podia tirar daqui uma erezia! pois eſprimida na imprenſa de S. P. deita uma erezia bem grande. Mas digame, meu P. das erezias; no eſtado da inocencia nam tinhamos Adam, e Eva? Eſtes dois individuos nam ſam verdadeiramente dois omens, aſim no ſentido da Eſcritura, como no Gramatical, e Filozofi-

(1) *Hiſtor. Concil. Trident. l.2. c.1. & l. 12. c. 10.*
(2) *De locis Theologicis, l. 8.*
(3) *De locis Theologicis, l. 9. c.1.*
(4) *In 1. p. D. Thomæ diſp. 3. c. 3.*
(5) *Tom. 2. pag. 136.*

fico? Pois entam, que tem aqui que centurar? Alem diſo, ainda dado cazo que aſim nam foſe, nam podia V. P. advertir, que podia o impreſor ter acrecentado um S. de mais?

Nona propoziſam erctica: *Da Tradiſam nace a autoridade da Igreja univerſal, dos Concilios gerais, e da Igreja Romana.* (6) Aqui ſoltando S. P. todo o pano a ſua eradiſam Dogmatica conclue evidentemente, que o Critico e Ereziarca. Dezagrada-lhe muito aquela divizam de *Igreja univerſal*, *Igreja Romana*, e *Concilios gerais*: e finalmente por *faz*, e por *nefaz* nos encaixa aqui outra vez Janſenio, e Queſnel: que é a quanto chega toda a ſua eruditam Dogmatica.

Primeiramente V. P. nam entendeo o que diz o Critico. Ele nam diſputa, ſe a autoridade da Igreja ſe funda ſomente na Eſcritura, ou na Tradiſam: que iſto ſeria entrar no dogma: diz que ſaie da Tradiſam; porque com efeito com a Tradiſam é que ſe prova, e mais copiozamente: nam de outra ſorte do que o miſterio da Trindade, e outros dogmas, que confuzamente eſtavam revelados nas Eſcrituras; e os quais ſem a tradiſam nam entenderiamos. E os dogmas, que aſim ſe provam, coſtumamos dizer que pertencem à Tradiſam. Leia V. P. o Duhamel na ſua Teologia, e verá que reduz todos os lugares Teologicos intrinſecos a dois, *Eſcritura*, e *Tradiſam.* E iſto é comum entre os Teologos.

E ſenam faſa-nos V. P. o favor de nos explicar o ſentido das palavras de Criſto a S. Pedro, que la cita, ſem ſer por meio da Tradiſam. Apoſtolico Divina. Faſa-nos tambem a merce de nos dizer, comque fundamentos ſabemos, que a Eſcritura, de que uza a Igreja, é Divina, ſenam por meio da Tradiſam. Onde quando V. P. diz: *Dizer, que a autoridade da Igreja nace da Tradiſam, é erezia; porque nace de Criſto:* moſtra que nam ſabe que coiza é Tradiſam, e que a tal Tradiſam, de que aqui fala o Critico, é a Tradiſam Divina, ou de Criſto; a qual por outro nome ſe chama *Apoſtolico-Divina*, como nos inculca S. Paulo, quando diz: *Præcipio non ego, ſed Dominus*: e nam a pura tradiſam Apoſtolica, ou Ecleziaſtica, que o meſmo Santo nos inſinûa, quando diz: *Cæteris ego dico, non Dominus.* Mas em tudo iſto caie, quem nunca leo Dogmatica.

Tudo o mais, que V. P. aqui acumûla, provém de nam ſaber quais ſam os lugares Teologicos: que ſe o ſoubera, nam ſe eſcandalizaria de que o Critico os dividiſe em dez: Eſcritura; Tradiſam Divina; Igreja Univerſal; Concilios Gerais; Igreja Romana, ou Pontifice, SS. Padres; Teologos da Eſcola, em que entram os Canoniſtas; Razam evidente, Filozofos, em que entram os Juriſperitos; e Iſtoricos.

Eſta divizam abraſam todos os Teologos, que tratam a materia. O primeiro de todos foi o famozo Melchior Cano no ſeu aureo livro de

L Le-

(1) Ibid. *pag.* 180.

Locis Theologicis : e depois dele todos os que tocáram o ponto, como o Cardial Gottino primeiro tomo da Teologia, o Tournelli, o Habert, o Berti, e muitos outros, que nam ſam Janſeniſtas, mas Teologos Romanos, e Eſpanhoes, e muito obedientes à Sé Apoſtolica. E diſto ninguem duvida ſenam V. P. que nunca leo Dogmatica; e nem menos ſabe, que eſtes ſam os fundamentos da verdadeira Eſcolaſtica, que profeſa. E aqui meſmo conhecerá, que os Juriſconſultos Civis devem ſaber Filozofia, e Etica, porque por eſa razam os Teologos os introduzem nos Lugares Teologicos. E aſim, milhor fora nam ter eſcrito neſta materia, do que publicar em cada folha que nam ſabe os meſmos fundamentos da ſua profiſam.

Decima propoziſam eretica: *Deſpois do ſeculo VI. dilatandoſe a juriſdiſam dos Pontifices nam ſo ſobre os Seculares, mas tambem ſobre os Eclezaſticos*; devia dizer às aveſas; *nam ſo ſobre os Eclezaſticos, mas tambem ſobre os Seculares em algumas coizas*, &c. (1) Aqui S. P. com a ſua coſtumada Dogmatica acha um valente *erro contra a juriſdiſam do Vigario de Chriſto*. Nam ſei como lhe eſcapou aqui Janſenio!

Eu podia reſponder a iſto evidentemente; porque a materia nam é de Dogma, é de facto iſtorico: mas como V. P. nam ſabe nada de Iſtoria, como tem moſtrado, perderia eu niſo o tempo. Somente digo, que ſe V. P. confeſa, *que os Pontifices nos primeiros ſeculos nam exercitáram toda a ſua juriſdiſam; nem ainda oje a exercitam muitas vezes contra os Criſtaons, por reconhecerem niſo inconvenientes*; para que chama nomes ao Critico?

Dilatáram os Papas a ſua juriſdiſam em todos os povos, que ſe iam ſugeitando à Igreja; e no XIV. ſeculo ſobre os Gregos reunidos com os Latinos. Quem pode negar, que eſta propoziſam ſeja verdadeira; aſim como o é tambem eſta: Dilatáram os Portuguezes outra vez a ſua juriſdiſam na India depois da aclamaſam. Quem pode negar, que em um, e outro cazo a juriſdiſam ſe dilatou? Saie logo V. P. dizendo: *Diverſa coiza e nam exercitar a juriſdiſam, ou nam a ter.* Com que no vocabulario de V. P. a palavra *dilatar* ſignifica *uzurpar aquilo a que nam tenho jus.* A prova é tam boa, que nam neceſita de mais reſpoſta.

Undecima propoziſam eretica: *A autoridade dos PP. antigos é infalivel.* (2) Eſta é uma erezia tam deſmarcada, que S. P. cheio de zelo verdadeiramente Apoſtolico, exclama aqui: *Grande erro! Eſta prerogativa ſo pertence à ſagrada Eſcritura, e definiſoens da Igreja.* E aqui nos tapa a boca com uma propoziſam condenada por Alexandre VIII. porque S. P. Leo muito os Prologomenos, que ſe acham na Teologia moral do P. Lacroix, e aqui fez todo o ſeo eſtudo Dogmatico: tudo de la ſaie.

Mas

(1) *Tom. 2. pag.* 192.
(2) *Tom. 2. pag.* 181.

Mas neſte cazo exclamam todos os Dogmaticos : *Grande ignorancia a de S. P.* ! por nam ſaber, que um dos lugares Teologicos, que dam arguniento infalivel, é o conſenſo de todos, ou da maior parte dos PP. em materia Dogmatica. Ouſa por todos o Cardial Gotti, que nam é janſeniſta : *Dico quarto: Unanimis SS. Patrum conſenſus in explicatione S. Scripturæ, & in re pertinente ad fidem, eſt ſignum à poſteriori, & infallibile teſtimonium Divinæ revelationis; ideoque certum, & irrefragabile nobis ſuppeditat argumentum. Hanc aſſertionem omnes Theologi Catholici invicte ſuſtinent contra Proteſtantes.* (1)

Dirá V. P. pois porque nam diſe o Critico, que nam falava de um Padre ſomente? porque nam ſabia, que avia de eſcrever para V. P. que por nam entender a materia, e querer criticar o que nam eſtudou, tomou o plural pelo ſingular.

Aqui tambem exclamam outra vez todos os Dogmaticos : *Grande erro de S. P.* em excluir na ſua propoziſam da autoridade infalivel a *Tradiſam Divina*, e a *Igreja univerſal diſperſa, e congregada* : quando eſtas dam tambem argumento infalivel, como dizem todos os Dogmaticos, com os que acima citei. *Veja agora o Senhor Doutor* (ſam palavras ſuas) *quantos erros diſe neſta materia.*

E ſe o Critico reſpondeſe, *que a doutrina de S. Agoſtinho em materia de Graſa deo ſempre regra às definiſoens da Igreja* : e que as palavras, *non reſpiciens ad ullam Pontificis bullam*, ſo ſe aplicam ao Critico calumniozamente, que diria S. P.? Pois eſtude a reſpoſta, e entam conhecerá a diverſa razam.

Duodecima propoziſam eretica : *A Cartilha chamada do Meſtre Inacio é coiza indigna.* (2) Eſta propoziſam é tam fora de toda a razam, que nam achando S. P. condigna cenſura para ela em todas as Bulas dos Papas, inventa uma nova eſpecie de cenſura, a que chama *dezaforo*. E porque? *porque á quaſi dois ſeculos aprendendo Portugal por ela os miſterios da fe, conſervouſe ſem erezias* : eſqueceolhe acreſcentar, *e nam por outra razam, ſenam porque aprendeo por ela.*

Primeiramente pergunto a V. P. ſe os Judeos, e alguns Clerigos, que aqui vi queimar em Liſboa ; e todos os mais Judeos, e Erejes, que o Santo Oficio coſtuma caſtigar quaſi todos os anos ; eſtudáram pela Cartilha do Meſtre Ignacio? Reſponderme-á que ſim. E eu daqui infiro com evidencia : logo a dita Cartilha nam baſta para conſervar o reino ſem erezias.

Outro argumento : A famoza Congregaſam da Doutrina Criſtan inſtituida por Clemente XI. para propagar, e conſervar a Doutrina Criſtan ; mandou, que ſe ſerviſem da Doutrina do Belarmino, e *Catechiſmo Romano*, e nam mandou traduzir a doutrina do Meſtre Inacio. A ſagrada Con-

 gre-

(1) *Teolog. tom.* 1. *q.* 3. *dub.* 7. §. 2. *p. m.* 191. (2) *Tom.* 2. *pag.* 238.

guegaſam de *Propaganda-Fide* em Roma, procurando um *Catechiſmo* para os ſeus alumnos inſtruirem na fé os povos Orientais e nam maudou traduzir o do Meſtre Inacio, mas outro. logo é *dezaforo* dizer, que o do M. Inacio é milhor, que os outros, ou tam bom: e tambem é *dezaforo* dizer, que o M. Inacio ſabia milhor, que eſtas duas Congregaſoens tudo o que convinha para a propagaſam da Religiam Catolica em toda a ſua pureza. A ſoluſam, que V. P. der a eſtes argumentos, dará o Critico à ſua propoziſam.

Mas de caminho advirta V. P. que o Critico ſomente aplicou a palavra *indigna* à Cartilha, pelo que lhe faltava para ſer um bom *Catechiſmo*: como ſe ve claramente deſta ſua propoziſam pag. 293. *Era milhor, que alguns Religiozos em lugar de comporem tantas novenas, e outras coizas eſcuzadas, compuzeſem um breve Catheciſmo Iſtorico util para a mocidade; porque a chamada Cartilha do Meſtre Idacio é coiza indigna.* Mas V. P. com a ſua coſtumada Logica aplicou a palavra *indigna* ao que a Cartilha contem, e nam ao que lhe falta. E aſim ja que mudou de ſupoziſam, nam conclue o argumento. Se V. P. leſe todo o paragrafo, entenderia logo o ſentido, em que falava o Critico: mas eſta ſinceridade de trato nam é para V. P. como bem tem moſtrado neſtas ſuas Reflexoens.

Niſto ſe compreende toda a Critica de V. P. e o ſaco de propoziſoens ereticas, que tinha achado no Critico. E como ſe ſoubeſe o que diſe, ou tiveſe dito alguma coiza, conclue mui ufano, *que ſe o Critico quer compor alguma Cartilha livre deſtes erros, que aqui vam apontados; que a moſtre a quem lha poſa emendar.* E iſto meſmo aplicámos nós oje de todo o coraſam a V. P. *que ſe quer criticar, aprenda primeiro o que aqui lhe inſinuamos*: e que peſa a alguem, que lhe explique, que coiza ſam aquelas materias, de que o Critico fala nas ſuas Cartas; e eſpecialmente que lhe explique bem, que coiza é Teologia; porque é a faculdade, em que V. P. ſe acha muito falto de noticias. E em quanto nam ſouber iſto bem, que ſe abſtenha de falar nas tais materias. E como V. P. nunca eſtudou mais que quatro poſtilas ſurradas de Eſcolaſtica; e nunca vio, nem ouvio o que nas ditas Cartas ſe contem, com mais razam lhe aplicamos o ſeo verſinho: *Nec ſutor ultra crepidam.*

REFLEXAM XV.

Inſtruſam para Confeſores, e Mulheres.

VOſa Paternidade, por nam deixar folha de papel, em que nam meta unha, la foi tambem arranhar a ultima carta; a qual, ſem reparar no que denovo ali diz o Critico, chama *Epilogo das antecedentes.* Nela porem ſo acha duas coizas, que morder. Primeiro ordena, que os Con-

te-

feſores nam eſtudem pela Etica, mas pelos Moraliſtas. A iſto ja eſtá reſpondido.

Alem diſo, eſquecido do ſeu inſtituto, que nada tanto lhe recomenda, como eſtar longe de mulheres, dezembainha, qual outro D. Quixote, a eſpada para as defender; e vaza aqui um ſaco de erudiſam profana, capaz de atemorizar o meſmo Grocio, em que diz coizas bem galantes. Tem medo, de que apareſa alguma Filozofia moderna, que ponha em duvida, ſe as mulheres ſam da meſma eſpecie que os omens, ſem lhe lembrar, que niſo caîram os Antigos, e muitos dos Peripateticos, que lhe chamavam animais imperfeitos, e monſtros da natureza. Finalmente aſenta que o Critico poem obrigaſoens muito pezadas às mulheres: e eſpecialmente lhe dezagrada aquilo de *menuetes*; porque como S.P. ſem ſaber danſar anda tam tezo, e direito, que parece uma trave ambulante, julga, que o meſmo pode ſuceder às mulheres; e aſim determina, que ſe nam fale mais em menuetes, porque nam é amigo diſo.

Quando eu eſtava em Roma, fui um dia ao *Seminario Romano*, e vi que os PP. Jezuitas, que dirigem aquele Colegio, mandavam danſar os rapazes, e aſiſtiam com eles à danſa: e perguntandolhes eu a razam, diſeram-me que a danſa enſinava a endireitar o corpo, e a caminhar com boa graſa, e ſaber entrar em uma converſaſam, &c. Eſte exemplo podia provar alguma coiza. Mas V. P. nam goſta de exemplos de Roma, que logo lhe embrulham o eſtomago.

Concluindo pois ao noſo intento, digo, que todos os noſos Padres aſentáram que atè neſta ultima Reflexam quizeſtes moſtrar a voſa ignorancia, e ouzadia de falar em uma materia que nam entendeis; e ſem tocar nos pontos, que devieis tocar, metervos a dizer graſas, e ridicularias. Deixai falar niſto aos Seculares, e tratai de vos encomendar a Deus, e eſtudar o que deveis.

Com que, meu Fr. Arſenio, de todo eſte diſcurſo conhecereis a voſa inſuficiencia, e total ignorancia de todas as materias, que cenſurais. Conhecereis as infinitas calumnias, que eſcreveſtes contra o Barbadinho, e as muitas injurias, que lhe diſeſtes. Conhecereis a injuria, que fizeſtes ao Reino, e principalmente à noſa Religiam Serafica, publicando eſta ſatira. Se tendes temor de Deus, caridade do proximo, e vergonha do mundo, deveis retratarvos publicamente, confeſando a todo o mundo literario a voſa temeridade, e deſculpando-vos de ter feito iſto por cabeça alheia.

Mas antes que acabe de todo, quero-vos avizar, e nam ſo a vós, mas tambem a todos os mais do voſo jaez, que ſe perſuadem, que a apologia nam é outra coiza mais, que injurias, e invetivas, de que temos o exemplo neſtas voſas Reflexoens; que para reſponder apologeticamente, ſe requer uma grande ciencia naquele genero, em que ſe á

de

de criticar. Requer-ſe um juizo perfeito, e reflexivo, que compreenda, e peze bem todas as circunſtancias, e motivos, que teve o Autor, contra quem ſe faz a Apologia. Requer-ſe ſaber com toda a perfeitam todas as regras da *Arte Critica*; a qual por noſos pecados ainda neſte Reino nam apareceo. Deve alem diſo criticar, e notar o que diz o Autor, ſem entrar a falar na ſua vida, e coſtumes, nem nos ſeos defeitos fizicos, e morais pertencentes à vontade. Eſte é o defeito, em que geralmente caîem todos aqueles, que neſte Reino eſcrevem Apologias, parecendo-lhes, que nam podem criticar, ſem ſatirizar o Autor, deſcobrindo, e cenſurando nele todos os defeitos, que ou às tortas, ou às direitas podem deſcobrir: no que moſtram claramente, que ignoram a verdadeira *Arte de criticar.*

Recebei pois, meu Fr. Arſenio, eſtes avizos, e conſelhos como prova da noſa amizade, e zelo: e reconhecei niſto meſmo a ſinceridade, com que vos tratamos. Porque ſe nam dezejaſemos cooperar para a voſa eſtimaſam, e deſcanſo; nam nos canſariamos em vos advertir o que é neceſario para evitar diſputas perniciozas: e pode ſer que com o noſo bom modo, e ingenuidade de trato tenhamos ja deſviado algum raio, que eſtava para vos caîr em ſima. Nós prevemos todas as circunſtaecias deſta voſa Apologia, ou Satira. Suſcitaſtes contra vós, nam um ſo, mas muitos adverſarios, com grande doutrina, com muitos amigos, e com poder baſtante para vos fazerem arrepender. Deus queira que iſto pare aqui. Se achardes neſta reſpoſta alguma palavra mais picante, deveis atribuilo ao furor da diſputa, e ao zelo, com que vos falei: e tudo me perdoará a voſa benevolencia, e amizade. Deus vos guarde, &c.

FIM.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Escola Normal Superior

MEIODO
DE
ESTUDAR

2

Sa CF
Es C
Ta 4
N 27